O Convento de Sto. Antonio

DO

RIO DE JANEIRO

Sua historia, memorias, tradições

com 43 estampas

POR

Frei Basilio Röwer, O. F. M.

Publicação feita por ordem do Provincialado

2.ª EDIÇÃO

Rio de Janeiro — Convento de Sto. Antonio
1937

Officinas graphicas da Editora "Vozes" — Petropolis — Est. do Rio

PREFACIO

Celebre e celebrizado é o Convento franciscano de Sto. Antonio, do Rio de Janeiro. Celebre, porque as suas grossas muralhas encarnam uma tradição mais do que tri-secular; celebrizado, porque produziu vultos notabilissimos, que, com suas virtudes e seu profundo saber, não pouco lustre deram á Religião e á Patria. O Convento constitue um padrão de gloria do Brasil. E' este o juizo imparcial da historia, e escriptores como Macedo, Moreira de Azevedo e Vieira Fazenda francamente o reconhecem.

Só isto seria sufficiente para justificar o apparecimento deste livro, em que, pela primeira vez, sae a lume uma historia completa do vetusto mosteiro antoniano.

Accresce, porém, que, em nossos dias, a intellectualidade brasileira torna a cultivar com mais amor as tradições gloriosas da Patria. E nisso faz bem. Os grandes feitos dos nossos antepassados, inspirados em sua fé religiosa e civismo patrio, são lição de mestre para a geração presente, á qual incumbe conduzir o Brasil ao encontro de um porvir cada vez mais prospero e progressista.

A publicação de uma historia do Convento de Sto. Antonio é, pois, opportuna, porquanto incentiva a servir a Deus e á Patria, a exemplo dos que nos precederam.

Permittido nos seja dizer aqui algumas palavras explicativas sôbre a genese do nosso trabalho.

Quando, pela vontade dos Superiores, fomos transferido para a Communidade deste Convento, julgamos inadiavel dever dedicar-nos com mais afinco ao estudo da historia da nossa Provincia e de seus antigos Conventos, á vista da facilidade que se nos deparava de pesquisar o archivo que o Convento religiosamente guarda.

E' verdade que já anteriormente tinhamos dado a lume alguns trabalhos concernentes ao mesmo assumpto; mas era uma especie de ensaio, feito sem demorado estudo archival.

Apenas residente no Rio de Janeiro, refundimos e enriquecemos com valiosas notas colhidas no archivo o nosso manuscripto sobre "Os Franciscanos nos Campos dos Goytacazes" e demo-lo á publicidade em 1934. No anno seguinte publicámos a monographia sobre "O Convento de São Boaventura de Macacú", que jaz em ruinas na baixada fluminense, perto de Porto das Caixas.

Surgiu-nos, então, a idéa de nos occupar com o proprio Convento em que residiamos. Os thesouros do archivo, já o sabiamos, eram ricos; mas, abalançarmo-nos a uma historia que abrangesse mais de trezentos annos, parecia-nos tarefa por demais difficil.

Resolvemos, por isso, colleccionar e enfeixar em folheto factos e tradições interessantes, com o fito principal de offerecer um mimo aos muitos devotos de Sto. Antonio que frequentam a igreja do Convento.

Mas, como soe acontecer aos amantes da historia, ao compulsarmos livros e documentos para nos instruir, quanto mais liamos, tanto mais nos enthusiasmavamos e mais e mais nos empolgava o alvitre de escrever uma verdadeira historia do Convento, pondo em contribuição tudo quanto fosse possivel descobrir. Os confrades, por sua vez, animavam-nos neste sentido, e alguns tiveram a gentileza de, com suas luzes, nos ajudar a lançar o plano a que toda a obra devia obedecer.

Mais de dois annos trabalhámos nas horas de lazer, para concluir a obra, e confessamos que ás vezes fomos tentado a desistir e parar a meio caminho, tão vagaroso era o progresso. Além disso, muitas vezes acontecia acharmos nova materia que nos obrigava a refundir o que estava feito ou corrigir opiniões que pareciam certas.

Graças a Deus, foi possivel pôr o ponto final a este trabalho em fins do anno passado e desde então dedicamo-nos

por completo á sua revisão, corrigindo senões e limando a phrase. Confessamo-nos grato aos amigos que neste particular gentilmente quizeram contribuir para a perfeição da obra.

Não julgamos, comtudo, ser a presente historia a ultima palavra. A convicção, porém, de que tão cedo não sahirá outra a lume serviu de estimulo para nos esmerarmos em dar o que estivesse ao nosso alcance. *Faciant meliora potentes.*

O nosso trabalho vem instruido com farta documentação. Neste ponto distingue-se de todas as publicações que tratam de identica materia e de que tivemos noticia. Quizemos dest'arte corroborar nossas asserções e aplainar o caminho aos que depois de nós emprehenderem a historia de toda a nossa Provincia.

Como é facil de verificar, a presente historia baseia-se principalmente em documentos guardados no archivo do Convento e temos muito prazer em communicar ao leitor que é a primeira vez que elle tão largamente se abre ao publico. Além de outros autores, consultamos tambem os documentos, impressos ou não, que nos foram accessiveis. E' possivel que existam ainda outros que tenham importancia com relação ao Convento de Sto. Antonio de que não tivemos conhecimento e muito agradeceriamos aos historiadores de profissão si, tendo delles noticia, nos quizessem communicar o seu paradeiro.

Rio de Janeiro, 28 de Fevereiro de 1937.

345° anniversario da assignatura da escriptura de doação do primeiro terreno concedido aos Franciscanos do Rio de Janeiro.

Frei Basilio Rőwer, O. F. M.

2ª. EDIÇÃO

Não tinham passado dois mezes depois da publicação desta Historia do Convento de Sto. Antonio, quando se tornou necessario preparar a 2ª edição. Muito contribuiu para este successo inesperado o gesto nobre da V. Ordem Terceira da Penitencia, cujo estimado Ministro Francisco Gonçalves Ferreira quiz homenagear o humilde P. Commissario, autor do livro, com a acquisição de um bom numero de exemplares. O nosso reconhecimento.

O curto espaço de tempo não permittiu produzirmos resultados apreciaveis de novas pesquisas. Todavia fizemos alguns accrescimos e demos mais desenvolvimento a diversos assumptos. Augmentamos tambem o numero de estampas.

Rio de Janeiro, 30 de Setembro de 1937.

Frei Basilio Rőwer, O. F. M.

As fontes principaes desta Historia do Convento de Santo Antonio

I

Manuscriptos

Epitome da Provincia — de Frei Apollinario da Conceição.

Frei Apollinario era Irmão leigo, mas muito dedicado amigo da historia franciscana do Brasil. Os Superiores estimavam seus trabalhos e facilitavam-lh'os. Além de muitas obras impressas, escreveu, pelos annos de 1730, o Epitome, que não chegou a imprimir-se. Devia estar no archivo do Convento, mas acha-se na Bibliotheca Nacional. Conta o autor, em linguagem chã, um pouco de historia da nossa Provincia, em geral, e occupa-se, depois, resumidamente, com a fundação de todos os Conventos, dizendo tambem algumas palavras sobre os Religiosos que em cada Convento floresceram por suas virtudes.

Citaremos: Epitome.

Tombo geral da Provincia — quatro tomos in-folio, não estando o ultimo acabado.

Contém transcriptos os documentos officiaes que dizem respeito á Provincia, com algumas falhas. Não é, pois, uma historia, mas fonte importantissima de historia. O Tombo foi começado em 1782 pelo secretario da Provincia, Frei José do Desterro, posteriormente Provincial. São de sua lavra os dois primeiros tomos e, do terceiro, 52 folhas. Foi depois continuado por outros. Admira-se a letra nitida e sempre igual de Frei José e a perfeita conservação da tinta por mais de 150 annos.

As primeiras 30 folhas representam a transcripção dos documentos mais importantes do antigo "Cartorio da Provincia", que se perdeu totalmente. Passa depois Frei José a copiar os documentos que existiam no archivo, anteriores á erecção da Provincia, para em seguida tombar os documentos do triennio de cada Provincial, com as determinações dos Capitulos, no que se continuou até 1848.

Felizmente, afóra os documentos officiaes, encontram-se mais algumas noticias explicativas, que não pouco contribuem para projectar luz sôbre o passado.

Citaremos: Tombo.

Resumo do Tombo — Livro bem interessante e de summa utilidade para o historiador é o que chamamos Resumo do Tombo. Ao que parece, algum Religioso, amante da historia do Convento de Sto. Antonio, escreveu este livro para seu uso particular. No principio, declara-se que o livro pertence a Frei Theotonio de Sta. Humiliana, fallecido em 1868; mas a letra demonstra que não foi elle o autor.

Contém o livro o seguinte: Resumo da fundação do Convento e da Provincia; serie dos Prelados locaes até á erecção da Provincia;

erecção da Custodia e independencia da Bahia; os Capitulos Provinciaes, até 1825; declarando quem o Visitador, Provincial e Guardião de Sto. Antonio; actas capitulares (ás vezes só um resumo); mudança de Guardião nas Congregações Intermedias; obras executadas durante o triennio; indice alphabetico das materias contidas nas actas capitulares; indice alphabetico de materias de direito regular.

Graças ao trabalho paciente do autor deste manuscripto, que para o confeccionar teve á disposição documentos que já não existem, foi-nos possivel dar o nome de todos os Superiores do Convento desde a fundação, como tambem as obras por elles executadas na construcção e reconstrucção do mesmo.

Citaremos: Res. do Tombo.

Livros de pastoraes — Há no archivo do Convento livros de pastoraes de diversos Conventos: um do Rio, de 1781 a 1856; um de Cabo Frio, de 1785 a 1851; e dois de Itú, de 1772 a 1814 e de 1814 a 1860. Os de Itú, portanto, abrangem uma época de 88 annos.

Nestes livros se podem ver as cartas circulares que os Provinciaes dirigiam aos Religiosos depois de sua eleição e em outras occasiões extraordinarias. O seu estudo é indispensavel para se conhecer a observancia da vida regular, usos, abusos e costumes da respectiva época. As pastoraes por occasião das eleições encontram-se lançadas tambem no Tombo; mas, o que o Tombo não tem são as extraordinarias e as taboas capitulares. Todas ellas se acham nos livros de pastoraes, tanto dos Capitulos Provinciaes como das Congregações Intermedias.

Citaremos: Livro de Pastoraes.

Livro das eleições — Estão conservados no archivo sómente dois livros de eleições, um de 1787 a 1859 e outro de 1859 a 1871. Contêm as taboas capitulares e os termos de qualquer eleição feita pelo Definitorio. Neste livro se vêem os autographos de todos os padres de destaque. Frequentemente consultamos os livros das eleições para colher notas e esclarecer duvidas.

Registo dos Religiosos — Em soffrivel estado de conservação, por serem encadernados de novo, guarda o archivo do Convento quatro livros, chamados Registo dos Religiosos. O mais antigo foi rubricado em 1781. Todos contêm um resumo biographico dos Religiosos que viviam naquelle tempo (filiação, entrada na Ordem, profissão, ordenação, cargos, honrarias, fallecimento e, poucas vezes, notas individuaes).

Dois destes livros contêm sómente nomes de Religiosos europeus; um, de brasileiros, e um, de ambas as filiações. Falta um livro com nomes de brasileiros, que presumidamente foi subtrahido ao archivo em tempos passados, ignorando-se o seu paradeiro.

Foram estes Registos uma das fontes principaes com que Frei Diogo de Freitas confeccionou o "Elencho biographico".

Citaremos: Reg. Rel. europ. ou bras.

Alphabeto — E' o titulo de dois livros, com o termo de abertura de 1782, que contêm, em ordem alphabetica, sómente nome, dia, anno e lugar de vestição dos Religiosos, um de brasileiros, outro de europeus. A mais antiga vestição registada é de 1714 e é a de um brasileiro.

Por estes catalogos verifica-se tambem que, como anteriormente, depois de 1714, o numero de Irmãos leigos portuguezes era muito maior do que o de brasileiros.

Citaremos: Alphabeto Rel. bras. ou europ.

Livros de obitos — Há diversos no Archivo do Convento, e todos elles em deploravel estado. De alguns só restam folhas avulsas.

Estão lançados nestes livros os nomes, não sómente dos Religiosos, mas tambem os seculares que foram sepultados nos carneiros da igreja, da sala do Capitulo e do claustro.

Tirámos delles algumas particularidades que inserimos na presente historia.

Citaremos: Livro de obitos.

Chronica — Dois volumes de diverso tamanho.

O primeiro, de 80 folhas, foi escripto por Frei Diogo de Freitas ou por sua ordem. Nas primeiras treze folhas é a continuação do livro do Tombo, transcrevendo o autor os Capitulos e Congregações Intermedias e suas determinações desde 1828 a 1862, que não se acham no quarto volume do Tombo. Depois lança a nomenclatura dos 94 Religiosos que morreram desde 1828. O resto é verdadeira chronica do Convento até 1921.

O segundo volume é a continuação do primeiro, isto é, noticia os factos e acontecimentos que dizem respeito ao Convento, desde 1921 até ao presente.

Citaremos: Chronica I ou II.

Documentos avulsos — Possue o archivo do Convento de Sto. Antonio um certo numero de documentos avulsos, mais ou menos carcomidos, que tambem foram aproveitados. Dizemos um certo numero, porque infelizmente muita coisa desappareceu sem sabermos como. O que existe, em grande numero, são as inquirições feitas a respeito dos candidatos que pediam o hábito religioso.

II

Livros impressos

Novo Orbe Serafico — de Frei Antonio Jaboatão, em duas partes.

Frei Antonio Jaboatão, Religioso da Provincia da Bahia, elaborou o seu manuscripto de 1752 a 1760. A primeira parte foi impressa em Lisboa, em 1761, e reimpressa pelo Instituto Historico do Rio de Janeiro, em 1858. O mesmo Instituto mandou imprimir a segunda parte, de 1859 a 1862.

Para o historiador é do mais subido valor, pois trata dos Franciscanos no Brasil desde os primordios e descreve a fundação dos Conventos.

Quanto aos Conventos do Sul, deixa de referir-se a elles, depois que se constituiram em Custodia, isto é, depois de 1659.

Memorias historicas do Rio de Janeiro — do Conego José Antonio de Araujo Pizarro — Rio de Janeiro, 1820 — 10 vol.

E' uma obra assaz conhecida e consultada pelos historiadores, mas hoje torna-se cada vez mais rara. O autor occupa-se de preferencia com a historia da diocese do Rio de Janeiro e das freguezias pertencentes a ella no seu tempo, mas tambem trata da historia profana. Os documentos posteriormente apparecidos demonstram que Pizarro deve ser aproveitado com certas reservas.

Do Convento de Sto. Antonio acha-se um muito succinto resumo historico no vol. VII, á pag. 238, não sem falhas, apesar de o autor ter consultado o Archivo do Convento, conforme se lê no livro IV do Tombo a fls. 138.

Citaremos: Pizarro.

Memorias para servir á historia do Reino do Brasil — do padre Luiz Gonçalves dos Santos — Rio de Janeiro, 1825 — dois volumes.

Occupa-se o autor com os acontecimentos depois da chegada do Principe Regente, até 1821. Para a historia dessa época representa uma valiosa contribuição. Do Convento de Sto. Antonio só fala na Introducção ao primeiro volume, á pag. XXXI, e, incidentemente, de mistura com outras noticias, em outros lugares.

Citaremos: Memorias.

Annaes do Rio de Janeiro — de Balthazar da Silva Lisboa — Rio de Janeiro, 1835 — sete volumes.

Tratando do Convento de Sto. Antonio em muitas paginas, no VII volume, não diz coisa alguma de novo, porque se limita a transcrever documentos do primeiro livro do Tombo Geral da Provincia, sem nexo, e, muitas vezes, sem indicar a fonte. Semelhante systema adoptou quanto ao Mosteiro de S. Bento, copiando o "Dietario".

Citaremos: Annaes.

Um passeio pelo Rio de Janeiro — de A. Macedo — dois volumes — nova edição — Rio de Janeiro, 1860 (?).

Leitura agradavel, mas demasiadamente romantizada, de modo que o historiographo só com muita discrição pode servir-se deste livro como fonte historica. Sobre o Convento se estende em seis passeios ou capitulos. O autor não é sempre exacto quando seriamente affirma factos historicos e nas suas apreciações falta ás vezes á justiça. Nelle se encontra, comtudo, conservada muita coisa que são legitimas tradições do Convento. Ouviu-as, ao que parece, do ultimo Provincial Frei Antonio do Coração de Maria Almeida, a quem tece elogios pelos trabalhos que este executava no Convento no tempo do autor. Por este motivo, apesar de nada se declarar, julgamos que a nova edição foi publicada pelo anno de 1860.

Citaremos: Um passeio.

O Rio de Janeiro, sua historia, monumentos, homens notaveis, usos e curiosidades — do Dr. Joaquim Moreira de Azevedo — Rio de Janeiro, 1877 — dois volumes.

E' a reproducção melhorada do "Pequeno Panorama", do mesmo autor, publicado em 1861. Dedica ao Convento de Sto. Antonio um capitulo no primeiro volume, mas com algumas incorrecções historicas. Somos grato ao autor por pequenas noticias que não encontramos em outras fontes.

Citaremos: O Rio de Janeiro, etc.

Apontamentos historicos — do Dr. Joaquim Moreira de Azevedo — Rio de Janeiro, 1881 — um volume.

Acha-se neste livro, de paginas 111 a 169, um capitulo com o sobrescripto "Os tumulos de um claustro", em que o autor dá traços biographicos das pessoas de destaque que foram sepultadas na igreja e no Convento de Sto. Antonio. Enganou-se quanto a Gregorio de Castro Moraes, morto na invasão franceza de 1710, cuja sepultura não se acha na igreja do Convento, mas sim na Capella da Conceição lateral, que pertence á Ordem Terceira.

Citaremos: Apontamentos.

Os Claustros e o Clero no Brazil — por José Luiz Alves — Rev. Inst. Hist. 1894, Parte II, pag. 1.

Num estudo de 257 paginas quiz o autor "gravar na memoria da geração, que passa, os nomes caros e sympathicos desses religiosos, que com o esplendor de suas virtudes e talentos adquiriram tão extensa nomeada, legando seu nome aos seculos em que viveram, e que seus contemporaneos recommendaram á posteridade como reliquias preciosas de seu glorioso passado".

Este trabalho, digno de nota, põe em relevo entre outros os nomes de muitos Religiosos franciscanos, particularmente do Convento de Sto. Antonio do Rio de Janeiro.

Citaremos: Os Claustros etc.

Antiqualhas — de Antonio Vieira Fazenda — cinco vol., editados pelo Inst. Hist. do Rio de Janeiro, em 1919, 1920, 1921, 1923, 1924.

Representa esta obra a collecção de artigos que o autor durante longos annos publicou em diversos jornaes do Rio de Janeiro. Quem desejar instruir-se sobre o que foi a Capital em éras passadas, sobre costumes, factos e pessoas de destaque naquelle tempo, leia esta obra.

Não se occupa o autor em artigo especial com a historia do Convento de Sto. Antonio. Frequentes, porém, são as referencias extensas a factos historicos e a Religiosos do Convento, e muitas curiosidades encontrámos, que com prazer inserimos nas paginas deste livro.

O unico senão que achamos em Vieira Fazenda é a falta de documentação, com rarissimas excepções. Na revisão das provas typographicas escaparam bastantes erros de importancia.

Citaremos: Rev. Inst. Hist.

Resumo historico da Ven. Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia — de Antonio Ramos Machado — Rio de Janeiro, 1905 — um volume.

O autor condensou em 202 paginas, formato pequeno, a historia de um longo lapso de tempo. Por este motivo pouco refere dos primeiros seculos de existencia da Ordem Terceira no Rio de Janeiro, consagrando, porém, tres quartas partes ao tempo moderno desde 1850. A' mão dos documentos conservados no Convento de Sto. Antonio, seria possivel esboçar um quadro mais perfeito.

Citaremos: Res. hist. O. T.

Convento de Sto. Antonio — de Frei Diogo de Freitas — Petropolis, 1915 — um folheto de 60 paginas em formato pequeno.

O autor editou este folheto como lembrança do tri-centenario do estabelecimento da communidade franciscana no Convento, em 7 de Fevereiro de 1615. Contém algumas paginas de historia do Convento, antiga e moderna.

Citaremos: Conv. de Sto. Antonio.

A Provincia Franciscana da Immaculada Conceição do Brasil nas festas do Centenario — de frei Basilio Roewer, O. F. M., com a contribuição de varios confrades da Ordem — Petropolis, 1922 — um volume.

Foi editada esta obra por occasião das festas do Centenario da Independencia do Brasil. Contém, além de outros artigos, um resumo historico, tanto da Provincia como dos Conventos e das Ordens Terceiras, baseado nos documentos do archivo da Casa. Em alguns pontos, porém, estudos posteriores exigem se faça uma rectificação.

Citaremos: A Provincia franciscana, etc.

Elencho biographico — de Frei Diogo de Freitas, O. F. M. — Petropolis, 1931 — um volume.

Frei Diogo sujeitou-se ao paciente trabalho de biographar todos os Religiosos da antiga Provincia, de quem conseguisse descobrir dados. Compilou assim um volume de 406 paginas com 812 biographados. De muitos, naturalmente, só pôde dar o nome, o Convento onde residiam e o anno aproximado da morte. De outros, porém, dá-nos interessantes noticias.

Verificámos alguns erros e, o que o historiador mais sente, falta, com rarissimas excepções, a indicação das fontes.

Citaremos: Elencho.

Publicações do Archivo Nacional — volume X.

Contém este volume a transcripção de documentos dos primeiros decennios do seculo XVIII, entre os quaes um certo numero de cartas, avisos, etc., dirigidos pela Metropole aos Governadores do Rio de Janeiro e vice-versa, que se referem aos acontecimentos turbulentos que naquella época se deram entre os Religiosos e entre estes e os Terceiros.

Citaremos: Publ. Arch. Nac. X.

Outros muitos autores, consultados e aproveitados, mencionaremos nas notas.

A' GUISA DE INTRODUCÇÃO

São Francisco, o Santo Seraphico, fundou tres Ordens, a saber: a dos Frades Menores, a das Senhoras Pobres (Clarissas) e a dos Irmãos da Penitencia (Ordem Terceira secular).

A Ordem Primeira divide-se hoje em tres ramos, que são: o dos Frades Menores, vulgarmente chamados Franciscanos; o dos Frades Menores Conventuaes, vulg. Conventuaes ou tambem Minoritas, de que no Brasil não há representantes; e o dos Frades Menores Capuchinhos, vulg. Capuchinhos.

A Ordem dos Frades Menores é, dos tres ramos, o mais espalhado no mundo inteiro e divide-se em circumscripções que se chamam Provincias. O governo dellas está nas mãos de um Provincial. Para melhor governo acontece, ás vezes, constituir-se certo numero de casas religiosas em Custodia, cujo Superior se chama Custodio e que, em suas attribuições, depende geralmente do Provincial a cuja Provincia a Custodia pertence. No caso contrario, chama-se Custodia independente.

Depois que S. Francisco esteve em Portugal, nos annos de 1213 e 1214, e depois do trabalho proficuo dos discipulos que o Santo deixou ali, houve muitas vocações para a Ordem. Formaram-se, então, successivamente uma, duas e tres Custodias, dependentes da Provincia de Sant'Iago de Espanha; mas em 1384 tornaram-se independentes e reuniram-se numa só Provincia, a de Portugal.

Em tempos posteriores chegou a haver tres Provincias. Todas ellas eram Provincias "capuchas". Que quer dizer isto? Quando, em época anterior, a observancia na Ordem deixou muito a desejar, fez-se em Portugal, como aliás em outras partes tambem, uma salutar reforma. E, porque estes

frades reformados, entre outras singularidades, traziam um capuz pyramidal, o povo os alcunhou de "frades capuchos", nome que ficou mesmo depois de 1517, anno em que o Papa uniu os Observantes todos.

De uma das tres Provincias supracitadas, da de Sto. Antonio, chamada dos Curraes, procediam os Franciscanos encarregados de fundar Conventos no Brasil.

Dahi vem o encontrar-se muitas vezes em documentos da época e tambem posteriormente a palavra "capucho", que não significa outra coisa sinão reformado, observante, pobre. Neste ultimo sentido Frei Apollinario da Conceição empregou o termo quando affirmou que o primeiro Convento de Sto. Antonio do Rio de Janeiro era muito capucho.

Por isso, capucho não deve ser confundido com "capuchinho", nome proprio do terceiro ramo da Primeira Ordem, o qual ainda não existia quando em Portugal já havia Capuchos. Infelizmente, até historiadores de fama cahiram neste erro, por isso interpretando mal os documentos.

Os primeiros Franciscanos, como é sabido, vieram para o Brasil em companhia de Cabral. Eram Frei Henrique de Coimbra e companheiros. Apesar de chegarem outros nos decennios subsequentes, eram, comtudo, no dizer de Jaboatão, apenas "estrellas errantes". Em 1577, porém, o Governador da Capitania de Pernambuco, Jorge Albuquerque Coelho, vendo os grandes serviços que prestava na Capitania o Franciscano portuguez Frei Alvaro da Purificação, pediu por intermedio delle mais Religiosos á Provincia dos Curraes. Só o conseguiu em 1585, com a vinda de seis, aos quaes em breve espaço se ajuntaram muitos outros.

Tornou-se, desse modo, possivel fundarem-se successivamente diversos Conventos no Norte do Brasil, e apenas cinco annos depois, isto é, em 1592, foram dados os primeiros passos para o estabelecimento de um Convento no Rio de Janeiro.

CAPITULO I

1592 a 1608

Fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro — Os primeiros Franciscanos no Rio de Janeiro — O primeiro sitio doado para a construcção do Convento — Escolha e doação de outro sitio — Os Religiosos mudam de residencia — Frei Vicente do Salvador — Uma ilha andante na lagoa de Sto. Antonio.

E' hoje universalmente acceito pelos historiadores patrios que a formosa bahia do Rio de Janeiro foi descoberta em 1° de Janeiro de 1502, pela primeira esquadra que D. Manuel mandou a explorar as costas do paiz descoberto por Pedro Alvares Cabral.

Apesar de tambem outras expedições visitarem posteriormente o Rio de Janeiro, nada se fez para povoar a terra ou garantir a sua posse. Nem Martim Affonso de Souza quiz saber de sua donataria, mas abandonou-a (1). Foi preciso que os francezes, alliados aos tamoyos, se estabelecessem, em 1555, nas ilhas e no litoral e se fortificassem no ilhéu de Serigipe (Villegaignon), sonhando com uma França Antarctica, para a Metropole despertar de sua inercia.

Effectivamente, em fins de 1559, chegou ao porto da Bahia uma Armada sob as ordens do capitão-mór Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha, e Mem de Sá, terceiro Governador-geral do Brasil, tratou immediatamente de organizar a expedição ao Rio de Janeiro.

Esta expedição entrou na Guanabara em 21 de Fevereiro de 1560, capturou de surpresa uma nau dos francezes e, a 15 de Março, atacou o forte de Coligny (Villegaignon),

---

1) "A Cidade do Rio de Janeiro e seu termo", de João da Costa Ferreira — Rio de Janeiro, 1934, pag. 163.

que, depois de dois dias e duas noites de bombardeios e assaltos, teve de render-se.

Mem de Sá não tirou o devido partido dessa victoria, nem o pôde fazer por falta de gente. Limitou-se a arrasar as fortificações e retirou-se.

Os francezes e os tamoyos, que se haviam espalhado pelo litoral do reconcavo, tornaram a fortificar-se em Ibiraçú-mirim (outeiro da Gloria) e Paranapuan (ilha do Governador).

Fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro

A' vista disso, o proprio Mem de Sá insistiu junto á Metropole na necessidade de expulsar definitivamente os francezes e fundar uma cidade. Para esse fim a Regencia de D. Catharina d'Austria expediu uma esquadrilha sob o commando de Estacio de Sá, sobrinho do Governador-geral, o qual, acompanhado por gente de S. Vicente, chegou á bahia da Guanabara a 1° de Março de 1565, fundeando junto ao morro Cara de Cão. Naquella mesma varzea, onde hoje se acha a fortaleza de S. João, lançou os alicerces da cidade, que denominou de S. Sebastião.

Dois annos teve de lutar Estacio de Sá, sem conseguir entrar na bahia, contra francezes e tamoyos e a sua situação tornava-se cada vez mais difficil. Anchieta informou disso ao tio de Estacio, Mem de Sá, na Bahia, que então alcançou de Portugal a expedição de tres galeões. A estes incorporou mais dois navios guarda-costas e seis caravellões e partiu com destino ao Rio de Janeiro, onde aportou a 18 de Janeiro de 1567. No dia seguinte, Mem de Sá reuniu em conselho as autoridades civis e religiosas, e ficou resolvido dar immediatamente o ataque geral ao inimigo.

Foi, pois, no dia 20 de Janeiro, dia de S. Sebastião, que os portuguezes investiram sobre a primeira fortificação de Ibiraçú-mirim e a tomaram de assalto. Nesta refrega, Estacio de Sá foi ferido por uma flecha e morreu um mez depois.

Mem de Sá esperou mais uns dias e ordenou o ataque geral a outro reducto, na actual ilha do Governador. Tam-

bem desta vez lhe correu propicia a sorte: francezes e tamoyos foram completamente destroçados.

Celebradas as exequias do sobrinho, Mem de Sá resolveu transferir a cidade para local mais apropriado e estrategico. Escolheu o morro do *Descanso*, chamado posteriormente de S. Januario e do Castello, e determinou que ahi se levantassem o palacio do Governador, a Sé e outros edificios publicos. A primitiva fundação passou então a ser chamada *Villa Velha*.

Em Maio de 1568, Mem de Sá regressou á Bahia (2).

Bem cedo, porém, se verificou que o sitio, para onde Mem de Sá havia transferido a cidade, além do penoso accesso, era insufficiente. Por isso, decorridos alguns annos, a cidade foi-se estendendo pelas fraldas do morro, pelas praias do O' e de Manuel de Brito (rua da Misericordia, praça 15 de Novembro e rua 1° de Março) e em torno do porto de Piassaba, hoje praia de Sta. Luzia. Os moradores tiveram de limitar-se a estas partes porque todo o resto, chamado naquelle tempo vargem ou varzea de N. Sra., por causa da Capella de N. Sra. do O', era brejo e pantano, com excepção da "Ilha secca", para as bandas da rua hoje da Conceição.

Os primeiros Franciscanos no Rio de Janeiro

Era este o estado de desenvolvimento da Sebastianopolis quando lançou ferro na soberba Guanabara a nau que trouxe os primeiros Franciscanos para estas plagas. Seus nomes eram Frei Antonio dos Martyres e Frei Antonio das Chagas. Vieram ambos do Espirito Santo, onde acabavam de tomar posse do morro com a Ermida e casa de N. Sra. da Penha, a qual doação lhes fôra feita por escriptura de 6 de Dezembro de 1591, exarada no I vol. do Tombo, fls. 31 (3).

---

2) V. *Apostillas de Historia do Brasil*, por Max Fleiuss, Rio de Janeiro, 1933, pag. 94 e seg.

3) A materia deste primeiro capitulo é encontrada nas seguintes fontes: *Novo Orbe Serafico*, de Jaboatão, parte II, vol. II, cap. XXI — *Epitome* inedito de Frei Apollinario da Conceição — *Tombo geral da Provincia*, I, nas pag. que precedem o termo de abertura — *Resumo do*

Coincidencia interessante. Dois Antonios vêm dar os primeiros passos para, na incipiente futura Capital do Paiz, estabelecer um Convento cujo orago seria o grande Thaumaturgo portuguez Sto. Antonio de Lisboa. Pois era esse o intuito com que vinham, cinco lustros depois da expulsão definitiva dos invasores e gentios, isto é, em 1592. Não consta o dia da sua chegada, mas foi logo no principio do anno. Para o desempenho de sua incumbencia, trouxeram o mandato do Prelado, que era Frei Melchior de Sta. Catharina, primeiro Custodio dos Franciscanos no Brasil. Este, por sua vez, accedeu com isto ás instancias do Governador e Officiaes da Camara, conforme resulta da escriptura que abaixo transcrevemos.

O primeiro sitio doado para a construção do Convento

Como era de esperar, os dois frades foram bem recebidos pelas autoridades, que não tardaram em conceder-lhes o sitio que achassem conveniente para a construcção do Convento. Os proprios Religiosos, desprezando outras paragens, haviam dado preferencia á Ermida de Sta. Luzia, existente ao pé do morro do Castello e abaixo do baluarte da Sé (forte de S. Januario), isto é, nas immediações, não no mesmo local, da actual igreja de Sta. Luzia, que só foi construida depois de 1752.

A respectiva escriptura de doação, lavrada em 28 de Fevereiro de 1592, é de teor seguinte:

> "Salvador Corrêa de Sá, capitão e governador nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e os officiaes da camara desta cidade, que este anno de 1592 servimos, etc. Fazemos saber aos que esta carta de doação para sempre virem, e o conhecimento della por direito pertencer, que vindo a esta

---

Tombo, pag. 1 a 5 — *Memorias historicas do Rio de Janeiro*, de Pizarro, VII, pag. 238 e seg. — *Annaes do Rio de Janeiro*, de Balthazar da Silva Lisboa, VII, pag. 212 e seg. — *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*, de Joaquim Manuel de Macedo (nova edição), I, pag. 186 e seg. — *Corographia historica*, de A. I. de Mello Moraes, parte II, tomo I, pag. 272 e seg. nas notas — *O Rio de Janeiro*, etc., do Dr. Moreira de Azevedo, I, pag. 84 — *A Provincia da Immaculada Conceição*, etc., de Frei Basilio Röwer, O. F. M., pag. 9 e seg. — *O Convento de Santo Antonio*, de Frei Diogo Freitas, O. F. M., pag. 8 e seg.

terra os muito Reverendos em Christo Fr. Antonio dos Martyres, e Fr. Antonio das Chagas, seu companheiro da ordem dos frades menores do Seraphico Padre S. Francisco, Capuchos da Custodia de S. Antonio do Brasil, por mandado de seu Prelado Fr. Belchior de Santa Catharina Custodio, commissario da dita Custodia pelo Reverendo padre geral para verem o sitio de Santo Antonio, que lhes havia offerecido para edificarem o seu mosteiro, e não sendo conveniente para isso acceitarem outro nesta cidade, que accommodado lhes parecesse, assim para o seu recolhimento, como para se aproveitar o povo da sua doutrina, e Divinos Officios: e mostrando-lhes nós o sitio de Santo Antonio, e outras partes, que nesta cidade há, lhes pareceu sufficiente lugar a ermida de Santa Luzia, sita abaixo do baluarte da Sé desta cidade, para o qual nós de consentimento do mui illustre Sr. Bartholomeu Simões Pereira, administrador della, com autoridade, que nisso outorgou, e assim dos mordomos e confrades da Confraria da dita casa, os quaes juntos em casa do dito Administrador, disserão, que elles erão contentes de largar a dita Confraria com todas as suas casas e bens que nella houvessem, aos ditos religiosos, vivendo elles em a dita casa do nosso motu proprio, todos juntamente, cada um de per si, com todo o direito, jurisdicção, e acção, com que o podemos fazer, de hoje para sempre, damos, e doamos aos sobreditos frades menores da Sagrada Religião do Bemaventurado Padre S. Francisco, Capuchos da Custodia de Santo Antonio do Brasil, para sua morada, a ermida já dita de Santa Luzia, com toda a fabrica de edificio, e mais casas, e bens da dita igreja annexos, obrigados, pertencentes: e assim mais por seu recolhimento, e clausura lhe damos todo o chão, que há, começando de uma cruz, que está antes da dita ermida, vindo pelo caminho de baixo, partindo com os chãos de Gonçalo Gonçalves, e dahi irão correndo ao longo da cerca dos padres da Companhia, até o forte já dito, que está abaixo da Sé, deixando á mão direita o caminho e rua publica, e dito baluarte, irão correndo pelo trato desta cidade, partindo com elle pela banda de baixo, até os chãos de Anna Barrosa, e dahi rumo direito ao mar, ficando sempre o caminho livre, e serventia pela praia ao longo, e irá correndo até dar em o chão do dito Gonçalo Gonçalves, pela parte do mar, e dahi irá correndo directamente á cruz, donde começamos a demarcação: e assim mais lhe damos todas as aguas, assim de poços, como de fontes, que no dito sitio houver, e as pessoas, que dentro deste sitio tiverem chãos, não havendo isto por bem, se satisfará, e de todas estas coisas lhe fazemos doação livremente, sem condição, nem obrigação

alguma, e ainda, e da maneira, que elles podem ter, segundo suas regras, e declarações dellas feitas pelos summos pontifices, especialmente Nicoláo III, e Clemente V. E porquanto os ditos religiosos não são capazes por sua regra de propriedade e dominio de coisa alguma, como por elles nos foi declarado, queremos, que a tal propriedade e dominio das taes coisas logo seja traspassada, e de feito traspassamos em o summo pontifice e igreja romana (4). Está carta mandamos, que se cumpra, e guarde para sempre em todo, e por todo, registrada em o livro dos registros, onde se registrão as semelhantes dadas, para em todo o tempo se saber em como esta doação é feita por nós.

Dada em a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, por nós assignada, e sellada com o sello, que entre nós serve, aos 28 dias do mez de Fevereiro. — Balthazar da Costa, escrivão da camara a fez por nosso mandado: éra de 1592. — Salvador Corrêa de Sá. — O administrador Pedro da Costa. — André de Leão. — João de Bastos. — Estevão de Araujo. — Pedro Guilherme. — Domingos Machado. — Julião Rangel. — Gonçalo de Aguiar. — Alvaro Fernandes Teixeira. — Pedro Gomes. — João Dias. — B. Pires Ferreira. — Manoel de Brito. — Manoel de Torres. — A qual carta de doação estava assignada pelos sobreditos, e sellada com o sello do Sr. capitão e governador Salvador Corrêa de Sá; e outrosim estava sellada com o sello do Sr. administrador, e com o sello desta cidade, a qual carta de doação, que dito é eu Balthazar da Costa, escrivão da Camara desta cidade de S. Sebastião trasladei e registrei nos livros de registros desta camara, bem, e fielmente, e na verdade, sem coisa, que duvida faça, e a escrevi, e corri, e concertei com o vereador abaixo assignado na dita camara, hoje 14 de Março de 1592. Concertada por mim escrivão da camara Balthazar da Costa, e comigo vereador Pedro da Costa".

Uma doação tão ampla e liberal, "exuberante", como Mello Moraes a chama, attestará para sempre a generosi-

4) Como se vê, naquelle bom tempo as Autoridades civis respeitavam a situação especial em que se acham os Franciscanos em virtude de sua Regra. Foi ainda em virtude da mesma Regra que os Franciscanos, nem no Rio de Janeiro, nem em outras partes, jamais pediram ou tiveram sesmarias, como as outras Ordens geralmente, o que os preservou de muitas inquietações, demandas e malquerenças. O autor do livro "A cidade do Rio de Janeiro e seu termo" (Rio de J., Impr. Nac., 1934, pag. 62) fala de "cubiça irrefreavel dos padres e frades das religiões (Ordens religiosas) existentes no Rio de Janeiro". Entretanto, si tivesse dado maior attenção só ao topico da Carta Regia (1716) que transcreveu na mesma pagina, teria feito justiça aos Franciscanos.

dade do Governador e Camara para com os recem-chegados filhos de S. Francisco, que não tinham outro titulo de recommendação, sinão a fama, que os havia precedido, de serem Religiosos mui virtuosos e zelosos cooperadores na vinha do Senhor.

Além disso, a escriptura constitue uma valiosa contribuição para o estudo topographico da nossa *urbs* em embryão. Effectivamente, os autores que escreveram sobre esta materia, como Vieira Fazenda e Felisbello Freire, consultaram-na em suas pesquisas, como é facil de verificar.

Em conformidade com o que escreve o Tombo geral da Provincia e o Resumo do mesmo, diziamos na 1a. edição que os primeiros Franciscanos no Rio de Janeiro se aboletaram na Ermida de Sta Luzia e nella ficaram residindo até 1607, sem, entretanto, proceder á fundação do Convento. Nisso, porém, há equivoco. E' verdade que não se fez o Convento; mas Frei Antonio dos Martyres e Frei Antonio das Chagas, depois de tomar posse da Ermida, retiraram-se novamente para Victoria, onde o primeiro falleceu no mesmo anno na flor da idade e o outro foi investido no cargo de Superior em 1595. E' Jaboatão que no-lo diz ao tratar do Convento de Victoria.

O facto de se não ter effectuado a fundação do Convento em todo esse lapso de tempo attribue-o Jaboatão á doença do Custodio, que não pôde sahir de Pernambuco. Os seus successores immediatos tão pouco deram andamento á construcção, apesar dos reiterados pedidos do povo do Rio de Janeiro.

A situação, porém, modificou-se em 1607. O quinto Custodio, Frei Leonardo de Jesus, eleito pela segunda vez em 1605, tendo chegado ao Brasil a 14 de Julho de 1606, em 28 (ou 22) de Outubro do mesmo anno fez Junta no Convento de Olinda e nella se resolveu levar a effeito a erecção do Convento do Rio.

O Custodio quiz dar pessoalmente as necessarias determinações. Por isso, concluidos os negocios da Custodia nas partes de Pernambuco e Bahia, embarcou para o sul, che-

gando ao Rio de Janeiro a 20 de Fevereiro de 1607 e trazendo em sua companhia quatro Religiosos, entre os quaes Frei Vicente do Salvador, futuro Superior e mais tarde autor da primeira Historia do Brasil. Os outros eram Frei Estevão dos Anjos, Frei Francisco de S. Braz e o Irmão leigo Frei Francisco da Cruz.

Com todas as demonstrações de jubilo e satisfação foram recebidos e hospedados em casa de Pedro Affonso, por detrás do hospital, nas proximidades da Misericordia.

Escolha e doação de outro sitio

Não agradou ao Custodio Frei Leonardo o sitio escolhido pelos motivos vagamente indicados na escriptura abaixo. Dizem Mello Moraes e outros historiographos, copiando-o, que o Custodio se desgostara do local pela vizinhança dos Jesuitas. Vieira Fazenda acha que Frei Leonardo cedeu ás insinuações do Governador Martim de Sá, então Provedor da Misericordia, o qual mostrara a necessidade que tinha a santa Casa dos terrenos para ampliar a area do primitivo hospital e do cemiterio que lhe ficava proximo (5). Mas são conjecturas apenas.

Abrindo mão do sitio de Sta. Luzia, o Custodio volveu os olhos para o monte que os dois primeiros Religiosos haviam recusado, isto é, para o do Carmo. Este monte fôra reservado, já antes de 1592, para os padres Carmelitas, a requerimento de Chrispim da Costa e sua mulher D. Isabel Mariz, mas os ditos padres não se utilizaram delle.

Ao sopé desse morro achava-se a lagoa de Sto. Antonio (que se estendia pela area desde o actual hotel Avenida, até ao Theatro Municipal) e á beira della uma Ermida do mesmo Santo. Dahi veiu chamar-se de Sto. Antonio tambem o morro, antes de ser intitulado do Carmo, para tornar ao primitivo nome depois que os Franciscanos entraram na sua posse.

Para obter a troca do terreno de Sta. Luzia pelo morro do Carmo, o Custodio Frei Leonardo tratou com o Gover-

5) Rev. Inst. Hist., 1921, pag. 205.

nador e Officiaes da Camara. Concluidas as conversações, que não levaram muitas semanas, as autoridades de bom grado annuiram ao pedido, passando a seguinte Carta de doação de 19 de Abril, não de 9, como erradamente affirma Jaboatão e se lê em alguns autores.

"Martim de Sá, Capitão Governador por Sua Magestade, nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e Officiaes da Camara do anno presente, Fazemos saber, aos que esta nossa Carta de Doação para sempre virem, que vindo ora novamente a esta Terra o Reverendo Padre Fr. Leonardo de Jesus, Custodio desta Custodia de S. Antonio do Brasil, dos Capuchos da Provincia de Santo Antonio de Lisboa com cinco religiosos mais para edificarem Casa, assim a nosso requerimento, e do mais Povo desta Capitania, como d'outros Governadores, e Officiaes, já passados: e, achando para o dito effeito tomado o Sitio de Santa Luzia de que haviam tomado posse os Reverendos Padres Fr. Antonio dos Martyres e Fr. Antonio das Chagas, a quem se passou Carta de Doação pera se fazer o dito Convento, com a Ermida de Santa Luzia e cousas pertencentes a ella. E não parecendo ao dito Padre Custodio o Sitio, e Lugar conveniente, assim pera seo modo, e recolhimento, como pera ficar commodo ao serviço deste Povo: nem outrosim, outros mais que lhe forão apontados, e elegendo o Sitio, e Lugar, que se chama — o Oiteiro do Carmo — defronte da Varzea, e Bairro de Nossa Senhora sobre a alagôa de Santo Antonio, por ser mais conveniente para o dito effeito, e ficarem os Religiosos no dito Lugar algum tanto separados, e mais recolhidos, nos pedio lhe quizessemos fazer doação do dito Sitio para n'elle edificar a Casa do Titulo, e Invocação de — *Santo Antonio.* — O que, visto o intento, e zelo, que o dito Padre Custodio, e mais Religiosos tem de se acommodarem em parte e lugar, que o Povo todo se possa aproveitar com mais facilidade de sua religiosa conversação, e doutrina, nos pareceu bem fazer-lhe doação do Sitio, tanto quanto d'elle lhes fôr necessario, assim do Outeiro pera cima, como do pé d'elle correndo pera uma e outra banda, assim pera a de Santo Antonio, como pera a de S. Bento de redor do monte. O qual Sitio, e Outeiro lhe damos com todas as pedreiras, e aguas, assim de poços como de fontes, que n'elle se acharem, sem que a isso lhe possa alguem contradizer. E em caso que no dito Sitio, e Lugar haja pessoa alguma que tenha parte, ou chão algum, que seja necessario pera o edificio da dita Casa, e cerca, e bem d'ella, querendo alguma coisa; ficaremos obrigados a sahir a isso, e defender a dita doação, pera que os

Religiosos não sejam sobre isso molestados em cousa alguma. O qual Sitio, e Lugar lhes damos, e doamos d'hoje pera todo sempre com todo o direito, e jurisdicção, como elles o podem ter, conforme sua Regra e Declarações d'ella. E porquanto o dito Padre Custodio Fr. Leonardo de Jesus nos dice, que não eram capazes por sua Regra da propriedade, e dominio de cousa alguma, queremos que a tal propriedade, e dominio assim do Sitio, como das mais cousas adiante de que n'esta Carta se faz menção, trespasse logo, e de facto o trespassamos em o Summo Pontifice, e Igreja Romana: e o Sitio lhe mandaremos passar carta em forma, tanto que for demarcado; e outro sim lhe mandaremos desabafar o matto, que tem por toda a Varzea, e lhe daremos uma rua direita da largura de trinta palmos, conforme as mais, que vão responder da dita casa com a que mais direito for ao mar; e faremos uma valla em forma, que a agua da alagôa, que fica mais perto do dito Sitio, vá responder ao mar, e não seja prejudicial aos Religiosos, que na dita Casa habitarem. E porquanto a dita Casa ha de ser da Invocação de Santo Antonio, e o Padroeiro dos ditos Religiosos é S. Francisco, cujos Filhos são, dizendo-nos o dito Padre Custodio, que não era justo, que de nenhum dos ditos Santos houvesse Igreja, Ermida, Capella ou Altar na Terra, chamamos para este effeito aos Senhores Provisor Vigario Geral, e Officiaes das ditas Confrarias, como pessôas a quem isto mais particularmente pertence, os quaes, ouvidas as razões do dito Padre Custodio, assim os ditos Senhores Provisor, e Vigario Geral de consentimento dos Officiaes, assim a Confraria do Seraphico Padre S. Francisco, situada na Sé d'esta cidade, como da de S. Antonio situada na sua Ermida ao pé do Monte, todos juntos derão o seu consentimento a isto, e interposerão a sua Autoridade, pela qual havemos todos por bem, que de hoje em diante se tirem, e acabem as ditas Confrarias, e se não possão de novo instituir em nenhuma Igreja da dita Cidade, ainda que seja Convento de Religiosos: e os Santos e Confrarias com as cousas annexas, e pertencentes a ellas se largarão aos ditos Religiosos, e de facto d'hoje em diante lh'as largamos, e queremos que se lhes entreguem, ficando com tudo a Ermida de Santo Antonio, tanto que os Religiosos a deixarem, e tiverem commodo para se recolherem ao dito Sitio, que lhes damos, reservada, pera que o Prelado da Terra, Governador, e Officiaes da Camara ponhão n'ella o Santo, que melhor lhes parecer: no em que todos consentimos, e de commum conformidade demos nisto voto, e parecer com outras pessôas nobres, e principaes da Terra, que todos n'isto vierão e assignarão. E esta Carta man-

damos, que se cumpra, e guarde pera sempre, em todo, e por todo, como por nós é declarado, e mandamos, que seja registrada em os Livros da Camara d'esta Cidade, aonde as semelhantes se lanção, e registrão pera em todo o tempo se saber como esta doação foi por nós todos feita aos ditos Religiosos. Dada na dita Cidade de S. Sebastião sob os nossos Signaes, e Sellada com o Sello d'ella. João Anhaya, Escrivão do Publico, e Judicial diante de mim, o dito Governador, a fez por nosso mandado aos dezenove dias do mez de Abril de mil seiscentos e sete annos. (Assignados) Martim Affonso de Sá — Pedro Lom d'Albernaz — Antonio Pinto de Berredo — Gonsalo Corrêa de Sá, — Melchior Tavares — Pedro Neto de Mello — Pedro d'Azevedo — Sebastião de S. Paio — Diogo Teixeira de Carvalho — Crispim da Cunha — Balthazar da Costa — João d'Anhaya — Francisco de Caldas — João de Souza Ferreira — Fernando Godinho da França — Francisco Paes Ferreira — Ignacio da Luz — Thomé d'Alvarenga e Diogo Alvares".

Não há negar, tambem desta vez os altos representantes do povo se excederam em liberalidade para com os frades. Além da concessão graciosa de quasi todo o morro, comprometteram-se a abater o matto que ainda cobria a varzea, abrir uma rua de 30 palmos de largo em correspondencia com outra que directamente desse no mar (segundo a opinião de Vieira Fazenda era o trecho que, partindo do morro, se encontrava adiante com a do Parto, hoje de S. José) e sanear o local por meio de uma valla que désse escoamento á agua da lagoa para o mar. Realmente, era muito.

Quem sabe si o motivo de tanta attenção e generosidade não foi quererem que esta vez o plano não ficasse só na intenção e no papel? Acertaram, si foi este o seu pensamento.

O Custodio, pelo menos, parece que neste sentido interpretou o acto magnanimo da Camara. Pois lê-se no Resumo do Tombo: "Satisfeito o Custodio do bom acolhimento, que todos os habitantes do Paiz se esmeravão, como á porfia, de fazer aos Religiosos, cuidou muito em que estes fossem igualmente solicitos em manifestar a todos o seo reconhecimento, e cuidarem quanto antes em preencher o fim, a que havião sido chamados".

Mas demoremos ainda um instante no estudo da escriptura. Não sómente fica por ella confirmada a existencia, antes de 1607, de uma Ermida de Sto. Antonio no Rio de Janeiro, mas tambem o funccionamento, nessa Capella, de uma confraria para cuidar de seu culto; e mais ainda ficamos sabendo que nessa época já havia Irmandade de S. Francisco, estabelecida na Sé.

Apraz-nos chamar a attenção para este facto, como sendo um attestado da singular devoção com que eram venerados, desde o principio da Capital do paiz, os dois Santos luminares da Ordem Seraphica, o santo Fundador e o "filho predilecto da casa de seu pae", como Monte Alverne chamava a Sto. Antonio.

Outrosim, e isto estranhariamos si acontecesse nos dias de hoje, diz-nos o mesmo documento que, de pleno accordo com os interessados, se criou uma especie de monopolio em favor dos Franciscanos. Sómente elles celebrariam, no futuro, culto publico em honra de S. Francisco e Sto. Antonio, ficando prohibida qualquer outra igreja, capella, ermida ou mesmo altar com a invocação destes dois Santos, nem se formasse Irmandade que os tivesse por orago. Explica-se esta mutua combinação pela pouca extensão da cidade. Todavia foi um dos factores para o florescimento a que chegou, no Rio de Janeiro, o culto de Sto. Antonio, constituindo o Convento sempre o centro desse culto, apesar do posterior engrandecimento da cidade.

De passagem seja dito que a igreja, chamada *Sto. Antonio dos Pobres,* e situada á rua dos Invalidos da Patria, foi edificada sómente em principios do seculo passado. O povo chamava-a primitivamente *Sto. Antonio pobre* e cabia bem esta denominação não sómente porque a sua construcção foi muito morosa e mal executada, mas tambem porque custou longos annos para orná-la convenientemente, como tudo é de ler nos autores. Distinguir entre Sto. Antonio *dos pobres* e Sto. Antonio *dos ricos* não tem razão de ser.

Os Religiosos mudam de residencia

Feita a sobredita escriptura e depois de tomarem posse do morro (6) com a assistencia das Autoridades, desejavam os Religiosos deixar quanto antes a Ermida de Sta. Luzia e a Casa de Misericordia. A este seu desejo satisfez Fernando Affonso, cedendo-lhes a sua casa junto á mencionada capellinha de Sto. Antonio, que, segundo opina Vieira Fazenda, estava situada no local onde existia, até há pouco, o theatro lyrico, mais ou menos.

A mudança realizou-se na segunda-feira depois da tomada de posse do morro, dia 25 de Abril, festa de N. Sra. dos Prazeres.

Mas não foi a ultima mudança antes de os Religiosos terem a sua moradia definitiva. Edificaram primeiro uma residencia provisoria, como era costume fazer-se em semelhantes casos. Segundo Jaboatão e o Resumo do Tombo, tratava-se de uma casa terrea com modesto claustro e capella. O lugar escolhido para isso era um baixo ao pé do morro, precisamente onde está hoje a Imprensa Nacional. Tinha essa situação a vantagem de poderem os Religiosos dirigir de perto a obra a executar no morro (7). Tal foi a actividade com que se trabalhou que a casa pôde ser inaugurada com a celebração da santa Missa, no dia 4 de Outubro do mesmo anno, isto é, em 1607. Começou a pequena communidade desde logo a vida claustral, tendo por Prelado a Frei Vicente do Salvador, com o titulo de Presidente.

---

6) Apesar de não concordarmos em tudo com a argumentação de Vieira Fazenda nos seus artigos na Rev. Inst. Hist., 1924, pag. 292 e seg., somos com elle de opinião que os Franciscanos não obtiveram a posse de *todo* o morro do Carmo. Certo, porém, é que em virtude da doação lhes pertencia tudo quanto cercaram com muro de clausura e, fóra delle, os terrenos onde fizeram as senzalas, o que, na verdade, era *quasi* todo o morro, com excepção de suas abas para o lado do Desterro e do campo da Sentinella.

7) Diversos autores, tratando da mudança dos frades, intercalam uma estadia na capella de N. Sra. da Ajuda. Foi Pizarro que estabeleceu esta confusão, trocando a capella da Ajuda pela de Sto. Antonio, dizendo que os Religiosos mudaram temporariamente o titulo. Enganou-se, porque a capella de Sto. Antonio, como resulta dos documentos, já existia antes de os Franciscanos chegarem ao Rio de Janeiro.

Estando as coisas neste pé, o Custodio Frei Leonardo partiu para o Norte. A residencia provisoria dos frades existiu, si bem que muito modificada, até 1875, quando se deu inicio á construcção da Imprensa Nacional. Nella esteve morando o poeta Antonio Diniz da Cruz e Silva, juiz de alçada, que veiu de Portugal julgar a Inconfidencia Mineira (8).

Frei Vicente do Salvador

Vem a molde determo-nos aqui para inserir alguns traços biographicos sobre o primeiro e illustre frade brasileiro que apparece na historia do Convento de Sto. Antonio. Tiramo-los resumidamente dos prolegomenos, baseados em Jaboatão, com que Capistrano de Abreu prefacia a *Historia do Brasil* do nosso Frei Vicente (9).

Frei Vicente era filho primogenito de João Rodrigues Palha, emigrante portuguez, escudeiro fidalgo do Alemtejo, morador em Matoim, no reconcavo da Bahia de S. Salvador, e foi baptizado aos 28 de Janeiro de 1567 na igreja da Sé.

As primeiras letras, aprendeu-as Vicente provavelmente na casa paterna; continuou os estudos com os padres da Companhia e depois, indo a Portugal, frequentou a Universidade de Coimbra, onde se formou *in utroque jure*. Em seguida tornou para o Brasil, talvez em 1587, ordenou-se padre secular e serviu de conego, de vigario geral e governador do bispado.

Aos 27 de Janeiro de 1599 tomou o habito de S. Francisco e professou no dia 30 do mesmo mez do anno seguinte.

Os Superiores mandaram-no depois a Pernambuco e, em breve espaço, para a Parahyba, onde esteve missionando os indios.

Resolvendo, em 1606, os Superiores dar, emfim, execução ao plano de erigir um Convento no Rio de Janeiro, destinaram para seu primeiro Superior a Frei Vicente. Só lhe coube, porém, fazer o Recolhimento provisorio, preparar o local no morro e collocar a pedra fundamental. Depois

8) O Rio de Janeiro, Vol. I, pag. 90.

9) Terceira edição, 1931, pag. X e seg. — Jaboatão, parte 2ª. vol. I, pag. 105.

disso tornou para o Norte, com a incumbencia de dirigir os estudos, abertos no Convento de Olinda.

Tambem nesse cargo permaneceu pouco tempo, porquanto o novo Custodio trouxe de Portugal mestres e estudantes.

Em 1612 foi eleito Guardião do Convento da Bahia e, em 1614, Custodio. "Completou seu governo — diz Jaboatão — com aquelle acerto, prudencia e bom exemplo que promettiam suas virtudes e suas boas letras".

Nas horas de lazer, Frei Vicente compuzera na Bahia a *Chronica da Custodia do Brasil*. Levou o manuscripto comsigo quando, em 1618, partiu para o reino. Nada mais consta desse trabalho.

Em Portugal, Frei Vicente travou relações com o erudito chantre da Sé de Evora, Severim de Faria, que o animou a escrever a *Historia do Brasil*, pondo-lhe á disposição a sua grande livraria.

No Capitulo celebrado em Lisboa a 16 de Novembro de 1619, Frei Vicente foi admittido como vogal e eleito novamente Guardião da Bahia. Não tomou posse do cargo.

Em 1621 voltou para a patria e, passando pelo Rio de Janeiro, embarcou num navio pertencente aos Jesuitas, em demanda da Bahia. Nas aguas de S. Salvador foi preso pelos hollandezes e continuou detido até á reconquista da cidade.

No convento da Bahia, Frei Vicente proseguiu na elaboração de sua *Historia do Brasil*, pondo-lhe ponto final em 1627. Com este trabalho o Franciscano bahiano prestou um serviço relevante á historia patria. A sua obra é a primeira desse genero, só um seculo mais tarde Rocha Pitta sahiu com uma *Historia da America portugueza*.

Não é, porém, o trabalho de Frei Vicente uma historia vasada nos moldes das publicações congeneres de hoje. E' uma collecção de documentos reduzidos por elle, são mais historias do Brasil do que historia do Brasil. Entretanto é justamente isso, no dizer de Capistrano de Abreu, que "constituirá sempre para nós o encanto e o pico do velho bahiano".

O manuscripto da *Historia do Brasil* ficou no esquecimento longos annos. Varnhagen descobriu-o na Torre do

Tombo de Lisboa depois de 1872, aproveitou-o posteriormente na segunda edição da Historia geral; mas guardou sigillo sobre o paradeiro do manuscripto. Appareceu, emfim, uma copia em 1881. Foi ella offerecida á Bibliotheca Nacional pelo livreiro João Martins Ribeiro, o qual, por sua vez, a adquirira de mistura com outros papeis e alfarrabios. Depois de diversas tentativas mallogradas, a Bibliotheca publicou todo o manuscripto nos seus annaes de 1889. Edição melhor preparou a "Companhia Melhoramentos" de S. Paulo, com os esplendidos prolegomenos do erudito Capistrano de Abreu.

Frei Vicente, depois de terminar a sua obra, ainda uma vez foi eleito Guardião da Bahia em 1630 e morreu entre 1636 e 1639.

Uma ilha andante na lagoa de Sto. Antonio

Concluimos este capitulo transcrevendo o que se lê em Jaboatão sobre um interessante phenomeno que se notava na lagoa de Sto. Antonio logo nos principios da fundação do Convento.

"No tempo que alli esteve (Fr. Viç. do Salv.) chegarão áquella cidade certos Religiosos Castelhanos da nossa Ordem, que hião para Buenos Ayres, e andando hum delles que era Pregador, passeando e estudando defronte da alagoa, junto á cerca vio huns passarinhos, que levavão de comer aos filhos, que tinhão em hua arvorezinha, que estava na ilha da alagoa, a qual sendo pela manhã ficava defronte da casa, e tornando por tarde o Religioso ao lugar, quiz ver os passarinhos, e olhando para a mesma paragem, os não vio, nem a arvore onde estavão, mas tudo agoa, e advertindo bem vio, que a arvorezinha estava muito adiante para a parte de Nossa Senhora da Ajuda; o que bem considerado achou, que a ilha, que estava no meyo da alagoa se movia de noite para a parte do mar, e de dia com a vibração para a parte da terra servindo-lhe de vellas as arvores que tinha".

A lagoa de Sto. Antonio em frente do morro desappareceu em meados do seculo XVIII; foi Gomes Freire, Conde de Bobadella, que fez o ultimo aterro.

CAPITULO II

1608 a 1677

Serie dos Superiores: suas obras executadas no Convento — Preparo do local — O poço "A Providencia" — Lançamento da pedra fundamental — A "Porta do carro" — Santidade de Frei Antonio da Madre de Deus — Milagre de S. Benedicto — Os Religiosos entram no Convento — A ladeira do Convento — Fundação da Ordem Terceira da Penitencia — Frei Cosme de S. Damião — O primeiro frade franciscano "carioca" — Abertura de estudos no Convento — A vida commum no Convento — Uma graça — A construcção da Capella nova dos Terceiros — A erecção dos Conventos do Sul em Custodia — A "bernarda" de 1660.

Antes de entrarmos na materia, algumas palavras de explicação.

No capitulo precedente occupámo-nos com os preparativos para a fundação do Convento de Sto. Antonio, preparativos que consistiram na acquisição de um local apropriado e no levantamento de uma casa provisoria com pequena capella e claustro.

Com este segundo capitulo iniciamos, como é facil de verificar folheando algumas paginas, a historia propriamente do Convento.

O methodo que adoptámos no esboçar o quadro de sua longa existencia consiste em proceder por triennios ou, antes, por Capitulos, porque o espaço que medeia entre um Capitulo e outro não perfaz sempre um triennio; ás vezes é maior, outras vezes é menor (1). Para cada triennio da-

1) Capitulo Provincial é a assembléa do Provincial com o Definitorio e os Guardiães, que ordinariamente se realiza de tres em tres annos para deliberações e eleições. Congregação Intermedia era a assembléa sómente do Provincial com o Definitorio para deliberações, confirmação ou substituição de Superiores locaes. Hoje não há mais Congregações Intermedias. Capitulo ou Junta do Custodio era a assembléa do Custodio com seus conselheiros para o mesmo fim.

remos o nome do Guardião ou Guardiães, referindo os seus trabalhos na construcção, reconstrucção, conservação e augmento da casa, e relatando os acontecimentos, factos, curiosidades e tradições referentes ao Convento e dignos de serem notados no respectivo triennio, ou, emfim, de que alguma circumstancia offerece o ensejo de falar. Deste modo reunimos o agradavel ao necessario e util, o quadro torna-se colorido e a leitura amena.

Quanto aos Guardiães, o nome de todos, desde a fundação até 1828, consta do livro "Resumo do Tombo", conservado no archivo do Convento. Mas o tempo de governo de cada um este livro assigna sómente para os Guardiães depois de 1677, isto é, desde a erecção da Provincia. Para a época anterior foi preciso soccorrermo-nos em parte em Jaboatão (2). Este autor, entretanto, si bem que mencione os Capitulos ou Juntas celebrados pelos Custodios no tempo em que os Conventos do Sul pertenciam á Custodia do Norte, o que vem a ser até 1659, não lhes marca sempre a data, de modo que o tempo de governo dos Guardiães eleitos nessas assembléas frequentemente só se pode calcular com mais ou menos certeza. Sobre os dezoito annos posteriores (1659 a 1677) cala-se Jaboatão. Para estes tivemos de nos guiar por conjecturas, ficando, todavia, o leitor na intelligencia que, si houver differença no assignar o tempo de governo, só pode ser diminuta.

Com relação aos acontecimentos, factos, etc., advertimos que delles trataremos em conjunto. Quer isto dizer que, si em diversas épocas apparece o mesmo assumpto, só uma vez, com poucas excepções, nos ocuparemos com elle, contentando-nos as outras vezes com ligeira nota. Disso, é verdade, resulta um certo anachronismo; mas tambem a grande vantagem de o leitor adquirir um conhecimento mais perfeito do assumpto, do que si delle tratassemos por partes em diversas épocas (3).

---

2) Jaboatão, Parte primeira, vol. I, pag. 223.

3) A materia deste capitulo encontra-se principalmente nas seguintes fontes: *Tombo Geral da Provincia,* vol. I e II — *Resumo do Tombo.* — *Jaboatão,* parte segunda, cap. XXI. — *Epitome,* de Frei Apollina-

1607 a 1608

Tendo-se retirado para o Norte o Custodio Frei Leonardo de Jesus, em Outubro de 1607, depois de deixar a pequena communidade estabelecida na casa provisoria, coube ao primeiro Superior Frei Vicente do Salvador dar andamento á construção do Convento e de sua igreja.

Preparo do local

"Não perdendo este exemplar Religiozo, unindo a isso o ser bom Literato, já mais de vista o fim principal, a que viéra, e lhe fôra incumbido, fez os ultimos esforços, e adiantou os preparativos..." A primeira coisa a fazer era adaptar, a meio da encosta do morro, o sitio que, além de apertado, era de fundo pedregoso. Frei Vicente não desanimou. Ajudado com as esmolas do povo, pôde collocar sufficientes operarios, que não só trabalharam de picareta, mas tambem empregaram a polvora — *Vi ferri et ignis,* como reza um antigo documento — para remover terras e rebentar rochas.

A essa circumstancia alludia a Antiphona, tirada do Officio de Sto. Antonio e muito bem applicada ao caso, que antigamente se lia pintada no tecto do salão chamado da portaria: *Domus ab Antonio — supra petram posita — firmiter perstabit*: A casa de Antonio — collocada sobre pedra — firmemente persistirá.

A base dos alicerces do Convento, portanto, era solida. Mas resultou ainda outra vantagem. E' que o proprio morro fornecia toda a pedra para a construcção.

O poço "A Providencia"

Lembramos aqui um facto que encontrámos narrado nas "Antiqualhas" de Vieira Fazenda. "Naquelle tempo, escreve elle, o morro de Sto. Antonio era perfeita matta virgem. Um leigo curioso metteu-se a percorrê-la. Ficou perdido num labyrintho. Cansado de muito andar, sentou-se exhausto. A sêde o atormentava. Invocou o milagroso Santo Antonio. Eis que a seus

---

rio. — *A Provincia da Immaculada Conceição,* etc., pag. 65 e seg. — *O Convento de Sto. Antonio,* pag. 10 e seg.

olhos se depara pequeno filete de agua. Bebeu a fartar e cahiu sem sentidos. Nesse estado o foram encontrar seus confrades. Soube-se depois do facto maravilhoso. Os frades mandaram fazer no local um poço, a que deram o nome de "A Providencia" (4).

Lançamento da pedra fundamental

Tão feliz foi Frei Vicente no preparo do local, que depois de oito mezes pôde ser lançada a primeira pedra.

Para esse memoravel dia, era 4 de Junho de 1608, o supracitado Custodio havia vindo de novo do Norte (4a).

A ceremonia realizou-se com a assistencia das altas autoridades e grande concurso de povo. Junto com a imagem de Sto. Antonio, a pedra foi collocada numa charola e levada aos hombros pelo Governador da cidade, que a esse tempo já era Affonso de Albuquerque, seu antecessor Martim de Sá, o Reitor do collegio dos Jesuitas, padre Pedro de Mello, e o Vigario da Sé, padre Martim Fernandes. Em todos os actos officiou e presidiu o Administrador ecclesiastico Matheus da Costa Alboim.

Depois da festa, o Custodio tornou para as partes do Norte, levando em sua companhia o erudito Frei Vicente do Salvador, para occupá-lo na "Casa de Estudo" que ia abrir no Convento de Olinda.

1608 a 1612

Ficou no governo da Communidade, durante quatro annos, Frei Estevão dos Anjos. Era este um Religioso exemplar e entendido em obras de construcção.

---

4) Rev. Inst. Hist., 1924, pag. 164.

4a) Não todos os autores são accordes no assignalar a data do lançamento da primeira pedra. Manuel Insulano, no seu valiosissimo manuscripto de 1621, conservado no archivo do nosso Convento de Madrid, de que uma reproducção photographica se acha em poder de nosso confrade Frei Dagoberto Romag, marca o dia 17 de Maio de 1608. Um antigo documento, verdadeiro alfarrabio, que descobrimos no archivo deste Convento entre os papeis avulsos, assignala o dia 14 de Junho. Conservamos, comtudo, o dia 4 de Junho porque assim o affirma Jaboatão e o Resumo do Tombo, duas testemunhas independentes e contestes.

Continuando o trabalho de seu antecessor, tirou pedra, ajuntou ôstras para cal e outros materiaes, até que chegou o novo Custodio Frei Francisco dos Santos.

Já se vê que desta vez os Custodios se interessaram devéras pela fundação no Rio de Janeiro. Pois bem; deste Custodio diz Jaboatão que era "sujeito de prudencia, zelo e actividade para obras". Foi elle que fez as plantas para os Conventos de Olinda, Parahyba, Bahia e outros. Vindo ao Rio de Janeiro, não admira fizesse a mesma coisa. Effectivamente, "planejou e deu o risco do Convento" e, em seguida, começou-se a construcção.

Do Guardião Frei Estevão consta mais que fez o muro da cerca, desde a lagoa até á porta do carro.

A "Porta do carro"

Trata-se da celebre "Porta do carro", que diversas vezes foi mudada e de que se fala frequentemente em medições, requerimentos e representações feitas no seculo XVIII, cujo sitio foi objecto de litigio com os Mascarenhas, como tudo se póde ler em Vieira Fazenda e consta de um documento avulso conservado no archivo do Convento. Estava a porta situada, a principio, na aba do morro, com a face para a posterior rua da "Guarda Velha", hoje Treze de Maio, nas immediações do novo edificio "Treze de Maio". Ainda em 1840 se achava na mesma rua numa distancia de 60 a 70 braças do aqueducto. Por essa porta entravam as carroças que traziam os generos de vida, recebidos pelos esmoleres do Convento em seus peditorios, e que, vindos de fóra, eram primeiro depositados no armazem que os Franciscanos tinham na praia de D. Manuel, hoje rua da Misericordia, junto á sacristia da igreja de S. José. Este armazem foi vendido depois de mais de dois seculos, em 1836, por 2 contos de reis (5).

5) Item, 1920, pag. 297 e seg. — item, pag. 433. — Pamphleto de Fabregas (1841), conserv. no arch. do Conv., pag. 15 e 102.

1612 a 1614

O terceiro Superior do Recolhimento foi Frei Antonio da Madre de Deus. No seu tempo a construcção fez rapidos progressos. E' porque teve a felicidade de ter por auxiliar um operoso mestre de obras, na pessoa do Irmão leigo Frei Antonio do Rosario, que tambem preparou a maior parte da pedraria.

Santidade de Frei Antonio da Madre de Deus

Frei Antonio da Madre de Deus era homem de grandes virtudes. Foi o primeiro Religioso franciscano que falleceu no Rio de Janeiro e depois de sua morte tirou-se um processo juridico para attestar phenomenos no corpo, que se julgavam sobrenaturaes.

Falam deste santo varão Frei Apollinario no seu "Epitome", como tambem Jaboatão (6). São do ultimo as seguintes palavras:

"Concluida esta ultima Prelatura alli (no Rio), ficou por rezidente, resplandecendo de continuo em religiozos augmentos de seo espirito, assim no de Deos, como no dos proximos, com que se fazia amado de todos. Depois de viver aqui alguns sette annos em continua penitencia, e ardente oração, completou felizmente o curso dos dias a 17 de Junho de 1621; communicando-lhe o Senhor na morte aplausos de Santo; porque além de ficar seo corpo brando, e tractavel, indicios da sua muita pureza, suou quantidade de agua, por espaço de vinte e quatro horas. Movido, por este, e os demais cazos o Administrador da Cidade Matheus da Costa Aburim .... lhe fez dilatar o enterro, mandando vir Medicos experimentados, para fazerem exame no frio cadaver, os quaes julgarão por sobre-natural, o que vião, e se admirava. De tudo mandou tão bem fazer instrumento publico".

6) Jaboatão, Parte 2ª, cap. XXIII.

Milagre de S. Benedicto

Refere ainda Jaboatão, que por sua vez se reporta ao livro "Cartorio da Provincia", outro facto sobre o qual se instaurou tambem um processo de testemunhas em 4 de Janeiro de 1613, acontecido, portanto, logo no principio do superiorato de Frei Madre de Deus.

Uma escrava trouxe, alta noite, á portaria do Recolhimento, seu filhinho com a garganta atravessada por um espinho, vertendo copioso sangue. Veiu pedir a intercessão de S. Francisco e por isso o Superior collocou o seu cordão no pescoço da criança. Chorando, a mãe levou o filho para casa, sem notar melhoras; pelo contrario, parecia morrer porque não dava mais signal de vida. A escrava deitou-o junto de si na cama e fez a promessa de dar o seu filho ao serviço de Deus si sarasse e mandar dizer uma Missa a S. Benedicto e accender uma vela.

Na manhã seguinte, era 16 de Dezembro de 1612, encontrou a criança viva, e cheia de alegria exclamou: Louvado seja N. Senhor, é vivo! Respondeu o menino: Para sempre. Perguntando-lhe a mãe quem o sarára, disse: Um fradinho veiu do céu e me curou. E, inquirindo quem era esse fradinho, a criança respondeu: Um meu parente, querendo com isto significar que tinha sido S. Benedicto (7).

1614 a 1617

Frei Antonio da Madre de Deus teve por substituto a Frei Antonio do Calvario, o primeiro eleito, com titulo de Guardião, no Capitulo celebrado em Olinda a 15 de Outubro de 1614, e chegou ao Rio de Janeiro em 10 de Janeiro do anno seguinte. Em sua companhia veiu o padre Frei Manuel de Sta. Maria, que era irmão carnal do Ex-Custodio Frei Francisco dos Santos. Principiou Frei Manuel a escrever as Memorias do Convento num livro intitulado "Cartorio deste Convento", livro que de todo se perdeu, mas de que os documentos mais importantes foram transcriptos no livro do "Tombo Geral da Provincia".

---

7) Item, Parte 2ª, vol. II, cap. XXII.

Vendo que os Religiosos estavam muito mal accommodados na casa ao pé da ladeira, o novo Superior apressou a obra do Convento e não descansou emquanto não viu acabada a frente com sufficientes cellas para receber a Communidade.

Os Religiosos entram no Convento

Em menos de um mez conseguiu o primeiro Guardião o que desejava, pois a mudança realizou-se no dia 7 de Fevereiro, e no dia seguinte, que era domingo, celebrou-se a primeira Missa na igreja. Esta não estava ainda concluida, mas com as paredes a meia altura apenas. O Guardião mandou cobri-la com telhado sobre esteios de madeira e pôz um altar provisorio no arco-cruzeiro.

Embora mais tarde se tenha considerado officialmente o dia 7 de Fevereiro de 1615 como o dia da fundação do Convento, somos de opinião, de accordo com a praxe geral, que deve figurar como tal o dia 4 de Junho de 1608, dia em que Frei Vicente do Salvador lançou a pedra fundamental.

Depois de assim installada a Communidade na parte já feita do Convento, redobrou o Guardião os seus esforços no proseguimento das obras. Nisso foi efficazmente ajudado pelo Irmão leigo Jorge de S. Pedro, que preparou a maior parte da obra de madeira.

O mesmo Guardião levantou tambem um muro desde o cruzeiro da ladeira até á igreja e deixou a capella-mór de todo acabada, de modo que a 8 de Dezembro de 1616 se pôde nella dizer Missa, e assim por diante.

A ladeira do Convento

Acabamos de nos referir á ladeira do Convento. Tambem ella tem a sua historia e queremos desde já contá-la brevemente.

A principio a subida para o Convento era um caminho que correspondia mais ou menos á escadaria da Penitencia, nos fundos do actual edificio "Carioca". O portão de ferro, posto pela Ordem Terceira, em 1800, era o ponto onde esta subida se encontrava com o cruzeiro.

Durante um seculo foi este o unico accesso ao Convento, tortuoso e ingreme. Sómente no seu triennio, de 1707 a 1710,

Frei Serafino de Sta. Rosa emprehendeu a construcção de uma nova ladeira, conduzindo-a do cruzeiro para baixo, larga e recta, até terminar defronte da rua Sto. Antonio, posteriormente esquina da Imprensa Nacional.

Desde então existiam, portanto, duas ladeiras, o que é preciso ter presente para se comprehender certos documentos.

Quando o Governador Ayres Saldanha (1719 a 1724) conduziu as aguas da Carioca até ao chafariz no largo do mesmo nome, a nova ladeira ficou grandemente prejudicada. Em compensação, os frades receberam gratuitamente um annel d'agua para todo o sempre, como em outro capitulo havemos de vêr.

Hoje existe apenas um resto da majestosa ladeira feita por Frei Serafino. Ella soffreu os primeiros cortes com a collocação da linha dos bondes de Sta. Theresa, em 1896, ficando a ladeira reduzida em sua maior parte a menos do que a metade de sua largura. Em 1926 os Religiosos tiveram de consentir na amputação de duas terças partes de extensão, donde resultou restar sómente o trecho primitivo, isto é, do cruzeiro para cima.

O cruzeiro da ladeira, feito de marmore branco e encarnado, nunca mudou de lugar, como mostram antigas gravuras. Desappareceu, porém, sem deixar de si vestigio, com as obras dos bondes de Sta. Theresa.

1617 a 1620

O segundo Guardião, Frei Bernardino de Sant'Iago, concluiu de todo o edificio da igreja.

Fundação da Ordem Terceira da Penitencia

No seu tempo, a 20 de Março de 1619, teve principio no Convento a terceira Instituição do Seraphico Patriarcha, a V. Ordem da Penitencia para seculares. Nesse dia fizeram a profissão, nas mãos do Custodio Frei Paulo de Sta. Catharina, e na presença de toda a Communidade, os dois noviços Luiz de Figueiredo e sua mulher, D. Anna Carneiro, ambos vindos de Lisboa. Em breve espaço associaram-se

outros, de modo que ainda no mesmo anno iniciaram a construcção de sua Capella particular em terreno doado pelos Religiosos. E' a Capella existente no corpo da igreja do Convento, ao lado da Epistola, com o titulo da Immaculada Conceição. Nella os Terceiros realizaram a primeira festa solenne no dia 17 de Setembro de 1622. Na mesma occasião foi nomeada a primeira Mesa e tiveram por Commissario a Frei Thomaz de S. Boaventura (8).

Os Guardiães que succederam contribuiram cada um com o seu quinhão para a total conclusão e aperfeiçoamento do Convento e de sua igreja.

Deixemos, porém, as obras da igreja, para tratarmos dellas em capitulo especial. Occupar-nos-emos sómente com o que consta a respeito do Convento e de sua cerca e com os factos que se relacionam com a vida da Communidade ou de algum Religioso em particular. Da igreja por ora só daremos ligeira nota.

Lamentamos serem tão escassas as noticias que os documentos, conservados no archivo da Casa, nos fornecem. Pondo, porém, em contribuição o que conseguimos esgaravatar nas fontes indicadas nas notas, tornou-se possivel esboçar, ao menos em largos traços, a historia do tradicional Convento de Sto. Antonio.

---

8) Tombo I, nas pag. que precedem o termo de abertura. — Res. Hist. O. T., pag. 5 e seg. — A Ordem Terceira da Penitencia foi fundada por S. Francisco em 1221, com o fim de nella congregar as pessoas que, vivendo em suas familias, desejam, comtudo, levar uma vida christã mais perfeita. A Regra dada pelo santo Fundador foi definitivamente approvada pelo Papa Nicolau IV. Esta Regra esteve em vigor até 1882, anno em que Leão XIII fez uma nova redacção. De accordo com esta Regra, só podem ser recebidas validamente pessoas com 14 annos de idade completos, de provada fé catholica e de bons costumes. Os Terceiros são obrigados a trazer dia e noite o escapulario e o cordão, a rezar todos os dias o Officio dos 12 Padre-nossos e Ave Marias ou o Officio parvo de N. Senhora, confessar e commungar pelo menos uma vez por mez, assistir á reunião mensal e observar as demais prescripções da Regra.

Quanto ao lado juridico, a Ordem Terceira da Penitencia está em dependencia da Ordem Primeira ou da Terceira Regular, cujos Superiores são os seus directores natos, que dirigem a Ordem Terceira em tudo que diz respeito á Regra e sem cuja approvação as resoluções da Mesa não têm valor legal. Não podendo o Superior em pessoa dirigir a Ordem Terceira, o Provincial nomeia um substituto com o titulo de Commissario.

1620 a 1624 No Capitulo do Custodio Frei Manuel de Christo foi eleito Guardião Frei Luiz de Santo André. Durante os quatro annos que governou só consta que se fizeram os retabulos dos altares da igreja.

1624 a 1627 Seu successor, Frei João Baptista, foi investido no cargo no Capitulo celebrado pelo Custodio Frei Antonio de Braga. Fez a calçada de uma parte da antiga ladeira, isto é, do cruzeiro para cima. Este Guardião, indo posteriormente a Portugal na qualidade de Commissario, foi aprisionado pelos piratas e conduzido a Alger.

1627 a 1630 No triennio de 1627 a 1630, dois Guardiães presidiram ao Convento. O primeiro, Frei João da Assumpção, natural das Ilhas, eleito no Capitulo do Custodio Frei Antonio dos Anjos, não completou dois annos. Nada mais sabemos a seu respeito.

Na Congregação do dito Custodio, caiu a escolha em Frei Cosme de S. Damião. No seu tempo douraram-se os retabulos dos altares da igreja. Acabados os dois annos e pouco de seu superiorato, foi eleito Definidor, e no Capitulo, celebrado em Lisboa, aos 22 de Janeiro de 1633, reuniu os votos para Custodio.

Frei Cosme de S. Damião Não podemos ir adiante sem dedicar algumas linhas a Frei Cosme de S. Damião, que teve uma vida bastante accidentada, mas cheia de merecimentos pela Corporação franciscana e pelo Brasil. Jaboatão historiou a sua vida em 23 capitulos no "Novo Orbe Serafico" e não lhe declina o nome sem lhe dar o titulo de "veneravel" (9).

Nasceu Frei Cosme, de paes de modesta condição, num pequeno povoado perto da cidade do Porto, no dio 18 de

---

Todos os annos as Ordens Terceiras bem organizadas são visitadas canonicamente pelo Visitador, a quem compete zelar pela observancia da Regra, corrigir os abusos e impôr penitencias salutares.

Ao Bispo diocesano compete dar o seu consentimento na erecção de uma Ordem Terceira, visitá-la nas coisas materiaes e exigir prestação de contas.

9) Jaboatão, Parte 2ª, vol. I, livro primeiro, pag. 127 e seg.

Novembro de 1574. Tendo 16 annos de idade, ficou orphão de pae e mãe. Só, neste mundo, resolveu emigrar para o Brasil, o que realizou indo a Pernambuco empregar-se na mesma fazenda em que servira seu pae, que ao depois tornara a Portugal. Com 23 annos pediu e obteve ser admittido na Ordem Seraphica, recebendo o habito no Convento de Olinda, em 19 de Janeiro de 1597. Dois annos apenas depois de professo, Frei Cosme foi ordenado sacerdote na Bahia pela imposição das mãos do Bispo D. Antonio Barreiros.

O que foi a vida deste servo de Deus, por quem o Convento de Sto. Antonio do Rio de Janeiro teve a ventura de ser governado durante dois annos e cujo nome deve brilhar nos fastos da historia patria ao lado dos Anchietas e Nobregas, diz-nos Jaboatão com as seguintes palavras:

"Foi hua das Estrellas de mais vivos resplandores, que se vio no céu do Instituto Serafico para illustrar, e accender os corações, e espiritos dos habitadores do Brasil, discorrendo nestas partes, como Esphera deputada para os seos luzimentos, em hum continuo, e incançavel gyro, toda a sua meridional circumferencia, por mais de quinhentas legoas, desde o Maranhão ao Norte, athe o Sul do Rio de Janeyro, pelos Conventos, pelas Aldeias, e Missões dos Indios, já nos lugares povoados, já pelos dezertos e brenhas dos sertões, já perseguido de Hereges Olandezes, prezo, sentenciado á morte, degredado, navegando mares a impulsos furiozos de Inimigos, e correndo terras a influxos benignos da sua charidade. Mas entre tanta variedade de successos, sempre Astro puro, Estrella brilhante, tão benefica nas influencias, como apurada nas luzes. Sugeito finalmente de tanto bem, e proveito para este Estado, como conhecido nelle por virtuoso" (10).

Frei Cosme de S. Damião falleceu no Convento da Bahia no dia 1° de Novembro de 1659. O seu enterro foi uma apotheose brilhante das elevadas virtudes que todos admiravam neste servo de Deus.

---

10) Item, l. c. pag. 127.

1630 a 1633 Succedeu a Frei Cosme, no guardianato do Convento, Frei Antonio de Sta. Clara, eleito no Capitulo de Frei Simão de Sto. Antonio. Ao depois foi eleito Definidor, e é só o que conseguimos apurar a respeito deste Guardião.

1633 a 1636 No Capitulo que o sobredito veneravel Frei Cosme de S. Damião, já servindo de Custodio, celebrou em meados de 1633, coube o guardianato a Frei João de Braga. Nada consta no archivo do triennio de seu governo.

1636 a 1639 Frei Cosme, cujo periodo de governo durou seis annos, por causa da invasão hollandeza, além do Capitulo, fez mais uma Junta, em fins de 1636, e nella elegeu Guardião do Rio a Frei Pantaleão Baptista. Este Superior chegou mais tarde a ser Custodio e nesta qualidade, logo ao tomar posse no Capitulo de 26 de Agosto de 1657, deu os primeiros passos para a erecção dos Conventos do Sul em Custodia (11).

O primeiro frade franciscano "carioca" Uma noticia interessante. Refere Frei Apollinario, no seu Epitome, e Jaboatão repete (12) que o primeiro candidato que tomou o habito e professou no Convento de Sto. Antonio foi Frei Sebastião dos Martyres, natural do Rio de Janeiro. Dizem esses autores tambem que foi Frei Cosme de S. Damião que lhe lançou o habito. Ora, Frei Cosme, sempre impedido pela invasão hollandeza, sómente em 1638 pôde visitar os Conventos do Sul, na qualidade de Custodio. Por isso assignamos esse mesmo anno de 1638 como anno de entrada na Ordem de Frei Sebastião.

Os *cariocas* podem ufanar-se, com justa razão, deste seu conterraneo, que primeiro resolveu fazer-se franciscano no Convento de Sto. Antonio. Era Frei Sebastião homem in-

11) Tombo I, fls. 1 a 3.
12) Jaboatão, parte 2ª, vol. II, pag. 437.

telligente e illustrado e de agradavel conversação. Os seus sermões eram concorridos e apreciados, não só pela elegancia da phrase, como tambem pela elevação de conceitos e pureza de doutrina. E, sendo o primeiro na vestição, delle se pode dizer que, nesse particular, foi o primeiro de tantos outros que, como S. Carlos, Sampaio e Monte Alverne, tanto lustre deram á Provincia.

"Por suas conhecidas virtudes, diz Frei Apollinario, repetidas vezes foi eleito Prelado, cujo cargo exercia com tal prudencia e religião, que podia servir de modelo aos perfeitos Prelados. Era muito caritativo, brando e affavel para todos; continuo nas assistencias do côro, e mais actos da Communidade, e sobretudo muito observante de nossa santa Regra e especialmente da santa pobreza. Tendo perfeito juizo até á hora da morte, usou nella taes termos, como se esperava de sua religiosa vida, em a qual deixou a todos agradados, ainda que sentidos" (13).

Frei Sebastião morreu no Convento de Sto. Antonio no anno de 1666. Durante a enfermidade, sua irmã carnal, moradora tambem no Rio de Janeiro, mandava-lhe ás vezes frutas. Não as queria, porém, comer todas; julgava faltar á pobreza si não as repartisse com os outros. Assim nos conta Frei Apollinario no seu Epitome.

1639 a 1643 No Capitulo do Custodio Frei Manuel de Sta. Maria foi eleito para presidir os destinos do Convento de Sto. Antonio Frei João da Assumpção, natural de Lisboa. No tempo de sua administração prolongou-se o muro de clausura, iniciado por Frei Estevão dos Anjos (1608 a 1612). Frei João conduziu-o, partindo da "Porta do carro", até ao cume do monte. Ao acabar o seu periodo de Guardião, reuniu os votos para Definidor.

1643 a 1645 Pouco tempo, isto é, sómente cinco mezes e onze dias permaneceu no cargo o undecimo Guardião Frei Francisco da Conceição. Vaga, por sua renuncia, a prelatura, ficou em seu lugar, por nomeação do

13) Elencho, pag. 13.

Custodio Frei Francisco das Neves, o Irmão Prégador Frei Sebastião do Espirito Santo, com o titulo de "Presidente *in capite*".

Logo adiante se verá que este Superior era um dos padres mais cotados, pois chegou a ser Custodio e abriu o primeiro curso de estudos no Convento de Sto. Antonio.

1645 a 1649 O supracitado Custodio fez ainda uma Junta em 5 de Janeiro de 1645 e nella sahiu eleito Guardião do Rio Frei Antonio dos Martyres. Este Superior accrescentou ao muro da cerca mais trezentas e tantas braças. Com este trabalho, a obra, iniciada por Frei Estevão dos Anjos (1608 a 1612) e continuada por Frei João da Assumpção (1639 a 1643), teve acabamento, e a clausura ficou, emfim, toda fechada.

Além disso, Frei Antonio edificou no monte a Capella de Sta. Barbara, cujo adro servia de lugar de recreio para os frades. As ruinas desta Ermida existiam até aos ultimos decennios do seculo passado.

Consta ainda que o mesmo Guardião guarneceu de grades de ferro oito janellas de cellas e de outras dependencias e que dotou a igreja de muitas peças de ornato.

Estas poucas mas interessantes noticias ficaram conservadas graças a um Estatuto, feito na Junta de 1645, que mandava de novo se registassem as obras executadas. Assim o affirma o "Resumo do Tombo" (14). Por ahi se vê que os nossos antepassados não tinham muito cuidado em perpetuar a lembrança de seus trabalhos, e é por isso que hoje ignoramos muitas coisas que desejavamos saber com relação ao antigo Convento. Tambem o mencionado Estatuto pouco resultado produziu, como se verá nos decennios proximos futuros.

No tempo do Guardião de que nos estamos occupando, chegou de Roma o Breve do Papa Innocencio X, de 14 de

14) Res. do Tombo, pag. 6.

Agosto de 1647, em virtude do qual a Custodia do Brasil ficou constituida em Custodia autonoma, independente da Provincia de Portugal.

1649 a 1650

Na qualidade de primeiro Custodio independente tomou posse, no Capitulo celebrado na Bahia aos 24 de Fevereiro de 1649, Frei João Baptista. Nesta occasião o guardianato do Rio foi confiado ao acima mencionado Frei Sebastião do Espirito Santo. Consta que em Agosto do mesmo anno acompanhou o Custodio a Macacú, para examinar o local offerecido para o Convento de S. Boaventura, de que tambem ao depois continuou a interessar-se (15). De sua passagem, porém, pelo Rio de Janeiro, na qualidade de Guardião, não deixou lembrança. Nem tinha tempo para se salientar em grandes obras, porquanto o seu guardianato não chegou a um anno. E' porque, tendo fallecido em Santos o Custodio, aos 13 de Janeiro de 1650, Frei Sebastião veiu a substitui-lo em virtude do Breve acima mencionado (16).

1650 a 1653

O novo Custodio celebrou Capitulo no dia 21 de Novembro de 1650 e nelle foi feito Guardião do Rio Frei Antonio de Jesus.

Abertura de estudos no Convento

O anno de 1650 constituirá para sempre um marco na historia do Convento de Sto. Antonio. Frei Sebastião do Espirito Santo, empossado no governo da Custodia em Janeiro deste anno, tomou muito a peito o incremento da Corporação. Além de diversas casas que acceitou (Angra dos Reis, Penha da Victoria, Cayrú), prevendo o futuro prospero dos Conventos do Sul, abriu o primeiro curso de estudos no Convento de Sto. Antonio do Rio de Janeiro. Tratava-se de um curso de Artes ou Philosophia e de Theologia. Ao primeiro

15) "O Conv. de São Boaventura de Macacú", por Frei Basilio Rőwer, 1935, pag. 7 e 8.

16) Tombo I, fls. 9 v. — Jaboatão, parte primeira, vol. I, pag. 242.

deu por lente a Frei Manuel de Christo e ao outro a Frei Gregorio de S. Julião (17).

Desde então, até ao declinio da Provincia, o Convento de Sto. Antonio foi sempre, com pequena interrupção apenas, um recinto sagrado em que com carinho se cultivavam as sciencias divinas e humanas; foi um viveiro em que se aguçavam intelligencias e se formavam mestres que com vantagem rivalizavam com os seculares que haviam estudado na Universidade de Coimbra.

Seja-nos permittido dar aqui algumas notas curiosas concernentes aos estudos na antiga Provincia, reservando-nos para noutra occasião tornar ao assumpto.

Para um jovem ser admittido á Ordem no estado clerical exigia-se a idade de 16 annos. (Para os leigos valia: não menos de 20, não mais de 30). O candidato devia ter certo preparo, especialmente na lingua latina, de modo que "entendesse grammaticalmente qualquer lição do Breviario, Epistola e Evangelho do Missal". Desde 1723 não se dispensava a certidão dos professores regios, cujas aulas haviam frequentado anteriormente, para desse modo constar da sufficiente cultura intellectual do candidato.

Durante o anno de noviciado, pelo espaço de uma hora cada dia, os noviços deviam "reger grammatica uns aos outros e construir as lições dos Officios divinos". O fim desta disposição dos Estatutos era amestrar o jovem no trato da lingua, não só liturgica, mas tambem scientifica.

Acabado o anno do tirocinio, os neo-professos chamavam-se coristas, e havia entre elles duas classes: simples coristas e coristas collegiaes. Os primeiros tinham o encargo de sustentar o côro e no resto do tempo faziam o serviço da casa. Os coristas collegiaes incumbiam-se do estudo e assistiam ás prelecções dos lentes. O serviço, porém, que tinha relação com o culto divino tambem elles o faziam.

Como se explica esta distincção entre os coristas? Pela necessidade que tinham os Conventos de Religiosos serven-

17) Jaboatão, parte 1ª, vol. I, pag. 341.

tes e por essa concepção da vida religiosa proveniente da reforma alcantarina.

Quanto ao primeiro, é sabido que no Brasil as vocações para o humilde estado de Irmão leigo eram muito raras. Não havia, por isso, remedio sinão aproveitar os jovens coristas para o serviço da casa. E' interessante saber que mesmo os coristas collegiaes, não passando pelos exames ou sendo notoriamente desidiosos no estudo, eram "lançados fóra do estudo", para servirem em outros Conventos como simples coristas. Por estas duas razões encontramos, nas Relações dos Provinciaes, coristas em quasi todos os Conventos, mesmo naquelles em que não havia nem noviciado nem estudos (18).

Dissemos que tambem a concepção da vida religiosa, proveniente da reforma alcantarina, foi uma das razões para se dilatarem os estudos aos coristas. Quer isto dizer que a reforma de S. Pedro de Alcantara, introduzida em algumas partes da Ordem franciscana, e a nossa Provincia era alcantarina, visava, antes de tudo, elevar o Religioso á perfeição christã pelo exercicio da oração, humildade e penitencia e cogitava da vida activa só em segundo lugar. Os nossos antepassados nunca applicaram essas tendencias em seu rigor, como demonstra a historia da Provincia. Comtudo, manifestaram-se ellas e uma das consequencias era o adiamento dos estudos aos coristas, que naturalmente cessou de todo quando iam faltar as vocações.

Conforme a necessidade que a Provincia tinha de sacerdotes, confessores e prégadores, e attendendo tambem ás aptidões pessoaes, o Capitulo Provincial ou a Congregação Intermedia "mettia" os coristas no estudo, eram feitos collegiaes.

Será sempre um titulo de honra para nossa antiga Provincia ter, a par do exercicio da virtude, fomentado com todos os meios a cultura intellectual de seus clerigos. Estudava-se na verdade. E, para tornar isso possivel, "os collegiaes e os respectivos Lentes eram eximidos dos exercicios reli-

18) Rev. Inst. Hist., 1902, pag. 128 e seg.

giosos e liturgicos da manhã como tambem das Vesperas, ás tres horas da tarde, e tres dias na semana (nas terças, quintas e nos sabbados) das Completas e da meditação da tarde. A' Missa cantada, á Benedicta e ás Matinas, assistiam alternadamente divididos em dois grupos, que se revezavam todas as semanas.

Os que iam ás Matinas, á meia noite, deviam estudar até ás nove horas da noite e, depois da meditação que seguia ás Matinas, até ás tres horas da madrugada. Os de segundo grupo, que não assistiam ás Matinas, estudavam até ás dez horas da noite e das tres da madrugada até ás cinco horas da manhã.

Os coristas collegiaes, portanto, tinham de contentar-se com cinco horas de somno durante a noite. O facto, porém, de ser considerado silencio rigoroso o tempo desde o meio dia até ás duas da tarde deixa suppôr que faziam a sua "sesta".

Pela manhã assistiam ou ajudavam á missa e fóra disso não eram obrigados a coisa alguma que pudesse impedir "o exercicio das letras".

Feitos todos os estudos, os collegiaes eram ordenados sacerdotes, mas só mais tarde nomeados confessores de seculares. Continuavam a frequentar as prelecções de Theologia Moral e, depois de approvados em novos exames, recebiam a diploma de prégador. E ainda estes, os "prégadores modernos", deviam comparecer ás aulas de Theologia Moral (19).

Accrescente-se a tudo isto que nos primeiros cinco annos era inhibido aos coristas sahirem do Convento, e depois só para acompanharem os frades velhos e graves, para se formar uma idéa da seriedade com que eram feitos os estudos.

---

19) O que foi dito sobre os estudos tiramos, ás vezes verbalmente, dos artigos publicados por nosso confrade Frei Adalberto Ortmann, na Rev. "Vita Franciscana", 1929, num. de Maio, pag. 70.

A vida commum no Convento

O facto de o Custodio Frei Sebastião do Espirito Santo abrir no Convento de Sto. Antonio um curso de Philosophia e Theologia, em 1650, isto é, 35 annos depois de a pequena Communidade se trasladar para o Convento ainda não acabado, permitte a conclusão de que o noviciado já havia produzido bastantes coristas e mais que a vida commum decorria nos moldes traçados pelo Ceremonial e os "Estatutos Municipaes", impressos em 1717, com a advertencia de que já anteriormente eram observados.

Vejamos, pois, o que era essa vida commum, descripta nos dois livros indicados.

A Communidade, com poucas excepções, levantava-se á meia noite e competia ao Irmão sacristão despertar os frades. Para este fim servia-se de uma matraca com que dava o signal em cada um dos corredores, dizendo ao mesmo tempo em alta voz: "Louvado seja N. S. Jesus Christo. A matinas, Irmãos, a louvar o Senhor". Depois dirigia-se á cella de cada um, batia na porta e dizia: "Louvado seja o SS. Sacramento". Dahi a pouco, o sino bimbalhava festivamente.

Os Religiosos, assim despertados, apressavam-se em ir ao côro, onde recitavam as Matinas, que duravam uma hora mais ou menos. Em seguida, por espaço de tres quartos de hora, faziam meditação.

Ao romper da aurora, o sacristão tangia de novo os sinos e, logo depois, despertava os Religiosos, batendo com um maço nas portas das cellas. Os frades entravam no côro um por um, osculavam o chão e retiravam-se para os assentos, cobrindo a cabeça com o capuz.

Depois de ligeira preparação, o Guardião dava o signal e começava a recitação da Prima. Acabada esta, todos se entregavam pela segunda vez á oração mental.

A hora da Tercia rezava-se ás nove horas, com Missa cantada logo em seguida. O celebrante revestia-se das vestes sagradas antes do Officio, subia ao côro para entoar a Tercia e descia antes de terminá-la, entrando com a Missa conventual. Nesta Missa commungavam todos que não eram sacerdotes, pelo menos uma vez por semana. Os commungan-

tes, antes de descerem do côro, prostravam-se diante do Guardião, pedindo-lhe a santa benção e, antes de entrarem no presbyterio, ajoelhavam-se, pedindo um ao outro perdão de suas faltas. Finda a Missa rezavam-se as duas horas menores restantes, isto é, a Sexta e Noa.

As duas refeições tomavam-se ás dez da manhã (jantar) e ás cinco da tarde (ceia), sendo mudada esta hora para as seis no verão. A communidade reunia-se na sala chamada "*De profundis*", recitava este psalmo e entrava no refeitorio. Acabadas as refeições, durante as quaes os jovens Religiosos se sujeitavam a muitas penitencias, todos iam á igreja em visita ao SS. Sacramento, recitando as estações de braços abertos. Ao sair e entrando no claustro, os Religiosos paravam na quadra das sepulturas, rezando um "*De profundis*".

Do meio dia ás duas da tarde reinava profundo e rigoroso silencio no Convento. Quem o quebrasse tinha de fazer penitencia. Pensamos que era o tempo da "sesta".

A communidade dirigia-se de novo ao côro ás tres horas, para a recitação das Vesperas; as Completas rezavam-se depois do toque das Ave-Marias. No fim desta ultima hora, ao pronunciar o hebdomadario a benção: *Benedicat vos*, etc. aspergia com agua benta a si mesmo, ao Guardião e a todos os presentes.

Seguia-se a terceira meditação do dia, que era, porém, omittida nas grandes solennidades ou occasiões semelhantes, e que nas sextas-feiras era substituida pelo canto do Officio de N. Senhora, chamado *Benedicta*.

Os clerigos sujeitos á direcção do "Presidente da casa", que hoje vem a ser o *Vicarius*, isto é, os que já tinham sete annos de profissão ou já eram sacerdotes, mas ainda estudantes, antes de se recolherem iam ao quarto delle, pediam a benção e despediam-se beijando-lhe a manga. O acolytho, porém, demorava, trazia agua benta e diante da porta das celdas de todos os sacerdotes, a começar pela do Guardião, fazia, junto com estes, a encommendação das almas, recitando

o psalmo *De profundis* e aspergindo agua benta. Nas cellas dos outros Religiosos só fazia a aspersão (20).

Não há negar, a vida de communidade no Convento de Sto. Antonio era florescente. Vivia-se de accordo com a vocação em geral e, particularmente, com a reforma introduzida na Ordem por S. Pedro de Alcantara. Consagravam-se a Deus os melhores esforços, trabalhava-se efficazmente pela propria santificação. Além disso, como anteriormente temos visto, cultivavam-se as sciencias com todo o esmero para habilitar os sacerdotes a produzirem fructos na vinha do Senhor.

1653 a 1657

No Capitulo do Custodio Frei Daniel de S. Francisco, realizado no dia 18 de Setembro de 1653, sahiu eleito Guardião Frei Luiz do Rosario. Dirigiu a casa quatro annos.

Uma graça

Obteve este Guardião a graça de o Convento não pagar os subsidios do vinho que importasse para o uso da casa. Como, porém, estava devendo o subsidio dos dois annos anteriores, pediu á Camara que lh'o relevasse. Não sendo attendido, dirigiu-se ao Governador Geral da Bahia, e nelle encontrou um bom protector, pois o Conde de Attouguia interveiu pessoalmente junto aos Officiaes da Camara por carta de 26 de Novembro de 1655. Depois de ponderar que esta graça só por piedade se podia conceder pelos apertos em que se achava a Fazenda Real, continúa textualmente:

"Mas elles são tão pobres, e considero a V. Ms. tão devotos, que me seguro lhe queiram despachar a petição, por intercessão desta carta, e usem com aquelle convento da liberalidade, que eu me não atrevera obrigar a V. Ms. pela obediencia da provisão, que me pedem. V. Ms. se sirvam fazer-lhes este favor: para que sendo elles os que o logrem seja eu o empenhado na obrigação que o estimarei agra-

20) Subsidios para a historia da Provincia da Imm. Conceição, por Frei Adalberto Ortmann, na Rev. "Vita franciscana", 1929, num. de Janeiro, pag. 3.

decer a V. Ms. em todas as occasiões, que me derem de lhes poder prestar. Guarde Deus a V. Ms". (21).

Além de attestar a pobreza em que viviam os Religiosos, esta carta revela os sentimentos nobres do Conde de Attouguia, e o Convento lhe agradecia a esmola recebida.

1657 a 1659

Segue-se no guardianato Frei Luiz do Nascimento, eleito no Capitulo do Custodio Frei Pantaleão Baptista, celebrado na Bahia aos 26 de Agosto de 1657.

A construcção da Capella nova dos Terceiros

A Ordem Terceira, nesse tempo, já havia feito grandes progressos. Apenas cinco lustros contava de existencia quando o numero de Irmãos era tão avultado que a Capella da Conceição resultava insufficiente, principalmente nos dias de concurso. Desde 1640 fazia-se a celebre procissão de Cinzas e a festa das Chagas de S. Francisco era sempre celebrada com muita solennidade.

A Administração resolveu, por isso, construir outra Capella com dimensões maiores. Os Superiores religiosos estiveram de accordo e para se effectuar a construcção venderam á Ordem por 50$000 os terrenos pedidos, com aguas vertentes para o largo e para a rua do Piolho, hoje da Carioca. Foi feita a venda em 1653; mas em Novembro de 1657 o mencionado Custodio Frei Pantaleão Baptista (Guardião de 1636 a 1639) substituiu a Escriptura de venda por outra de doação. Os Religiosos cederam o terreno gratuitamente e os Terceiros deram os 50$000 de esmola para as obras do Convento. Depois desta distractação, os Terceiros iniciaram logo a construcção que, porém, levou longos annos até chegar á perfeição com que hoje está: um templo sumptuoso, uma joia de inestimavel valor, o encanto dos visitantes (22).

---

21 "Documentos historicos" de 1650 a 1668, publ. p. Bibliotheca Nac. em 1928, pag. 67.

22) Resumo do Tombo, pag. 7 — Res. hist. O. T., pag. 8.

1659 a 1660 Acabado o triennio governamental de Frei Luiz do Nascimento, entrou em seu lugar, no Capitulo de 5 de Novembro de 1659, Frei Gerardo dos Santos, sendo Provincial Frei Antonio dos Martyres e Custodio do Sul Frei Antonio dos Santos. Fôra este Guardião um dos fundadores do Convento de Macacú (1649), Religioso muito conceituado por suas virtudes e observancia regular. Frei Apollinario, no seu Epitome, diz delle que "foi de Prelado um christalino espelho e de subdito um compendio de humildade e obediencia" (23).

De 1663 a 1665 Frei Gerardo dos Santos encontrava-se no Norte, onde no Convento de Olinda foi eleito Vigario-Provincial. Parece que se tratava de uma Junta illegitima e Frei Gerardo foi considerado Prelado intruso e depois excommungado. Tornou para o Sul absolvido, foi eleito mais uma vez Guardião do Rio, mas governou um só dia, como logo adiante se dirá (24).

A erecção dos Conventos do Sul em Custodia O Capitulo de 1659, que elegeu a Frei Gerardo dos Santos, e que foi o primeiro da Provincia de Sto. Antonio da Bahia, tomou uma resolução de alta importancia para os Conventos do Sul, donde resultou essa proeminencia que teve o Convento de Sto. Antonio do Rio de Janeiro todo o tempo da nossa antiga Provincia.

"O ardor, e devoção, lemos no Resumo do Tombo, que os Povos de aquelle tempo manifestavão por toda a parte ter ao Serafico Patriarcha dos Pobres, fazia com que elles não vivessem satisfeitos, não tendo mui perto de si os filhos de tão abalizado Heroe da Religião que professamos: e seos votos para verem realizados seos dezejos por esse lado erão tão urgentes, e aturados na presença das competentes Auctoridades, que só com a concessão da graça podiam huns, e outros descançar; de maneira, que no espaço de meio seculo havião Cazas de Franciscanos estabelecidos por todo o Bra-

23) O Convento de São Boaventura de Macacú, por Frei Basilio Rower, 1935, pag. 9.
24) Jaboatão, parte 1ª., vol. I, pag. 248 e seg.

sil, occupando hua estensão de terreno, que já se tornava impossivel aos Provinciaes visitarem-na no seo tempo em conformidade com a lei" (25).

Só nas partes do Sul existiam em 1658 oito Conventos nas seguintes localidades: Victoria, Rio de Janeiro, Santos, S. Paulo, Macacú, Penha, Angra dos Reis, S. Sebastião. E' só afigurar-se a distancia de um a outro e, depois, a sua união em uma só circumscripção governamental com os Conventos do Norte, para convencer-se da extraordinaria difficuldade de administração por um Superior residente na Bahia.

Já foi dito acima que o Custodio Pantaleão Baptista, que tinha sido Guardião do Rio de Janeiro de 1636 a 1639, conhecedor, portanto, da situação, dera os primeiros passos para a erecção dos Conventos do Sul em Custodia, no Capitulo celebrado por elle aos 26 de Agosto de 1657 (26).

O que não se effectuou nessa occasião chegou a ser auspicioso facto no Capitulo seguinte, celebrado na Bahia aos 5 de Novembro de 1659, sob a presidencia do primeiro Provincial Frei Antonio dos Martyres, e foi este acto o começo para se estabelecer a total autonomia dos Conventos do Sul.

O Convento de Sto. Antonio do Rio de Janeiro, sendo como era a casa principal por muitas circumstancias, tornou-se, em virtude dessa mudança de governo, a residencia dos Custodios e Provinciaes, que nelle celebravam os seus Capitulos. Em Sto. Antonio assistiam sempre Religiosos de destaque por seu saber e influencia, era elle um atheneu celebre de estudo e delle se irradiava a acção franciscana sobre todas as partes do Sul, desde Espirito Santo até ao Rio Grande do Sul, e temporariamente até á Colonia do Sacramento.

1660 a 1662 O successor de Frei Gerardo no guardianato do Rio de Janeiro foi Frei Simão da Natividade, eleito no primeiro Capitulo do Custodio do Sul, Frei Antonio dos Santos.

---

25) Res. do Tombo, pag. 8.
26) Tombo I, fls. 1 a 3 — Jaboatão, parte primeira, vol. I, pag. 246.

A respeito deste Prelado, como tambem dos nove que lhe seguem, a unica fonte é o "Resumo do Tombo", que, entretanto, se limita a referir sómente o nome e a declarar que foram eleitos no Capitulo de tal Custodio, sem dizer a data e anno, com duas excepções apenas. Por isso, conforme observámos no principio deste capitulo, pode haver pequena differença em lhes assignarmos o tempo de governo.

A "bernarda" de 1660

Logo no principio do guardianato de Frei Simão deu-se na cidade um acontecimento que, embora de caracter politico, pôz em alvoroço o Convento de Sto. Antonio.

No correr do anno de 1660, o Governador da Capitania, General Salvador Corrêa de Sá e Benevides, havia-se retirado para o Sul. Em sua ausencia o povo amotinou-se e, chefiado por cabeças residentes em S. Gonçalo, obrigou o substituto de Benevides a desistir do governo da praça. Em lugar delle os amotinados acclamaram o capitão Agostinho Barbalho Bezerra. Este quiz a todo o transe subtrahir-se á vontade do povo revolucionario. Por isso achou melhor deixar a sua casa, situada á rua hoje do Ouvidor, e homiziar-se no Convento de Sto. Antonio. De nada lhe valeu. O povo foi ao seu encalço, subiu a ladeira do Convento e, postado em sua frente, insistiu em altas vozes que acceitasse o cargo. Ouvindo, porém, a negativa de Barbalho, os amotinados invadiram o Convento, fizeram grande algazarra e com muita insolencia tiraram o capitão para fóra, obrigando-o a ir com elles á Camara.

Barbalho acceitou então o governo sob ameaças de morte, mas foi deposto em 8 de Fevereiro do anno seguinte, porque, sendo confirmado no cargo por Benevides, os revolucionarios não se conformaram com o ter á testa um substituto do General (27).

Deu-se essa invasão do Convento no dia 8 de Novembro de 1660.

---

27) Rev. Inst. Hist. 1920, pag. 497.

Voltando Benevides para o Rio, perseguiu os cabeças do motim. Alguns delles refugiaram-se tambem no Convento de Sto. Antonio, onde o General os foi prender, condemnando em seguida á morte o chefe, que era Jeronymo Barbalho (28).

Quanto ao Convento, a "bernarda" não teve outras consequencias sinão o susto nos dois dias de invasão.

1662 a 1663 Na nomenclatura dos Guardiães até á erecção da Provincia segue Frei Thomaz de S. Boaventura, eleito no Capitulo que fez o segundo Custodio do Sul, Frei Aleixo da Madre de Deus.

1663 a 1664 O terceiro Custodio, Frei Sebastião dos Martyres, reuniu o Capitulo provavelmente em meados de 1663 e nelle coube a prelatura do Convento de Sto. Antonio a Frei Christovão da Madre de Deus Luz. A este Guardião, illustre filho do Rio de Janeiro, havemos de nos referir diversas vezes no capitulo seguinte.

Chamamos a attenção do leitor para o curto espaço que estiveram á testa da Custodia os dois precedentes Custodios e para a consequente rapida mudança dos Guardiães. Registamos o facto, sem sabermos dizer o por que.

1664 a 1667 No Capitulo do quarto Custodio Frei José dos Passos sahiu eleito Guardião Frei Miguel da Conceição e, na Congregação Intermedia do mesmo Custodio, Frei João Capistrano.

1667 a 1670 Frei Matheus da Apresentação foi o quinto Custodio. Celebrado o Capitulo, constituiu Prelado do Rio a Frei Gerardo dos Santos, de quem acima nos occupámos. Este, porém, só tomou posse para renunciar no mesmo dia e teve por substituto a Frei Christovão da Madre de Deus Luz, em segunda guardiania.

Reuniu o dito Custodio ainda a Congregação Intermedia em 1669, na qual obteve o cargo de Guardião Frei Miguel das Neves.

---

28) Item, 1921, pag. 21.

1670 a 1672 No dia 10 de Março de 1670 tomou posse da guardiania Frei Melchior de S. Francisco Porto, no Capitulo do sexto Custodio Frei Francisco do Desterro. Exercia o cargo há sómente quatro mezes, quando o dito Custodio reuniu a Congregação Intermedia, que conferiu o guardianato a Frei Martinho da Apresentação, tomando este posse no dia 13 de Julho do referido anno.

1672 a 1677 Frei Martinho foi reeleito no Capitulo do setimo Custodio Frei Eusebio da Expectação, de modo que o seu tempo governamental chegou a tres annos e tanto.

Tambem o seu successor Frei Antonio Baptista presidiu ao Convento durante um triennio, isto é, desde a Congregação Intermedia de Frei Eusebio até á erecção da Provincia.

CAPITULO III

1677 a 1700

Serie de Superiores; suas obras executadas no Convento — A erecção da Provincia — As festas por occasião da erecção da Provincia — Dansas e bailados nas festas — O primeiro Provincial — Fundação do Recolhimento da Ajuda — O trabalho dos Religiosos na cura das almas — O culto divino no Convento — Os escravos do Convento — Os Terceiros requerem mais terreno — As cisternas — Tres Religiosos de grande virtude

No Capitulo, celebrado na Bahia aos 5 de Novembro de 1659, os Conventos do Sul uniram-se em Custodia, continuando, porém, a sua dependencia da Provincia do Norte, que elegia os Custodios. Este acto teve a confirmação do P. Geral em 1670.

Desde então, isto é, desde 1659, um Custodio, com residencia no Convento de Sto. Antonio do Rio de Janeiro, dirigia os negocios nas partes do Sul.

Permaneceu esta situação juridica até 1672, anno em que o setimo Custodio, Frei Eusebio da Expectação, tomou as redeas da Custodia. Era elle filho do Rio de Janeiro, circumstancia que explica o interesse que mostrou pelo progresso da Ordem em sua circumscripção.

Empossando-se no cargo, a primeira coisa a que dedicou seus esforços foi promover a independencia da Custodia. Para isso encontrou a melhor boa vontade nos Superiores da Provincia, que, em reunião celebrada na Bahia, aos 12 de Agosto de 1673, foram de parecer se pedisse ao Revmo. P. Geral a separação ou mesmo a elevação da Custodia a Provincia, "por haver nella sujeitos capazes para governarem" (1).

---

1) Tombo I, fls. 3 e seg.

Frei Eusebio esteve presente á referida reunião, na qualidade de Definidor habitual. Apenas chegou ao Rio, não perdeu mais tempo em perseguir o seu *desideratum*. Para este fim enviou á Europa, em Maio de 1674, os dois padres Frei Christovão da Madre de Deus Luz e Frei João da Natividade. O primeiro ficou detido em Lisboa; Frei Natividade, porém, dirigiu-se incontinenti a Roma e com grande habilidade conseguiu tudo quanto desejava.

A erecção da Provincia

Por Breve do Papa Clemente X, de 15 de Julho de 1675, a Custodia não sómente foi separada da Provincia de Sto. Antonio da Bahia, mas erecta em Provincia autonoma, conservando o titulo da Immaculada Conceição.

O Breve Pontificio chegou ao Rio de Janeiro em Janeiro de 1676, e, a 30 do mesmo mez, foi lido no Convento em plena Communidade, para, segundo a praxe, os Religiosos se pronunciarem. Como era de esperar, todos o acceitaram e com grande satisfação. Foi um dia de jubilo no Convento de Sto. Antonio. Não se deu, porém, execução immediata ao Breve, mas esperou-se a volta dos dois Procuradores. Depois de sua chegada, em Junho de 1677, realizou-se primeiro a visita canonica da Provincia e depois, a 24 de Dezembro do mesmo anno, foram empossados os dignitarios nomeados pelo Breve.

1677 a 1681

Fez-se tambem a eleição dos Superiores dos Conventos e, não tendo acceito o cargo nem Frei Philippe da Madre de Deus nem Frei Christovão da Madre de Deus Luz, coube a Frei Jeronymo de S. Braz ser o primeiro Guardião do Convento de Sto. Antonio depois de constituida em Provincia autonoma a Custodia da Immaculada Conceição. Consta de Frei Jeronymo que desde 1674 esteve em Taubaté dirigindo as obras da construcção do Convento de Sta. Clara, o que effectivou, apesar das muitas difficuldades oriundas da má vontade do povo em

prestar o auxilio que havia promettido quando pediu a fundação do dito Convento (2).

Na qualidade de Guardião do Convento de Sto. Antonio, Frei Jeronymo nada de notavel praticou. O que no seu tempo se fez foi obra do Provincial, como logo adiante se verá.

As festas por occasião da erecção da Provincia

Occupemo-nos primeiro com as festas officiaes que se celebraram no Convento de Sto. Antonio, em regozijo do fausto acontecimento da separação. Só se realizaram em Janeiro de 1678, e não nos queremos furtar ao prazer de transcrever o que sobre ellas lemos no livro do Tombo (3), por onde não sómente consta o motivo do adiamento, mas tambem saem a lume noticias interessantes sobre as usanças e costumes nos Conventos numa época em que a alegria religiosa fazia vibrar o homem todo, corpo e alma.

"Aos 21 do mez de Junho de 1677 chegaram os Procuradores a esta Cidade do Rio de Janeiro, aonde forão recebidos com muito aplauso de todos, assim Religiosos, como seculares, que igualmente estimarão a separação por verem aos Religiosos desta Provincia quietos, e socegados. Tratou-se logo de se fazer a Visita Geral, em que se gastarão seis mezes, e no fim delles a 24 de Dezembro se leo a eleição, e se metteo de posse ao Provincial, e Definidores, e elles elegerão Guardiãens para todos os Conventos da Provincia, e por petição de alguns moradores devotos da Religião se dilatou a festa da Separação para o tempo, em que nesta Cidade costumava o povo vir a festejar o Padroeiro S. Sebastião, no qual tempo se ordenou a festa pelo modo seguinte.

Veio juntamente com a Separação a noticia da Beatificação de S. Francisco Solano, e dos Martires de Gorgomia, tinha-se tambem transferido a festa da Senhora da Conceição, e assim constou a solennidade de tres dias; festejando-se no primeiro a beatificação de S. Francisco Solano, no segundo a Sra. da Conceição como Padroeira da Provincia, e no terceiro aos Martires de Gorgomia, pregou no primeiro dia o padre Lourenço Cardozo da Companhia de Jesus, e vierão todos

2) Elencho, pag. 16.
3) Tombo I, fls. 7.

assistir correndo por sua conta todo o dia, e visto não uzarem de muzica (quer dizer canto) a houve nesse dia do Prelado Administrador Francisco de Sylveira Dias, e mais Clero da Cidade; encomendou-se o segundo dia aos Religiozos do Patriarcha S. Bento que vierão com toda a sua muzica (quer dizer cantores) assistir todo o dia, em que pregou o Mestre Fr. Ruperto, fazendo o D. Abbade Pontifical; o terceiro dia coube aos Religiozos de N. Sra. do Monte do Carmo, que vierão todos em Communidade muito galante (sic), e bem formada do seu Convento, entrando pela Igreja antes da Missa, que cauzou grande alegria; o pregador deste dia foi o Mestre Fr. Ignacio Espinoza.

Todas as manhans d'estes tres dias se occupavão com Missa cantada, e sermão, mas de tarde havião danças, e bailes feitos propriamente para a celebridade, nas vesperas á noite havia muito fogo, e muitas luminarias, que com o bom tempo que houve lustrava tudo muito mais, e por fim no quarto dia á tarde se fez hua procissão solemne por toda a Cidade, em que forão treze charolas, dez com os titulares dos Conventos, duas dos Sanctos beatificados, e a outra da Conceição Padroeira; carregarão as charolas os Irmãos das Irmandades desta Cidade levando diante de seu guião, e todos á competencia quem havia de trazer mais Irmãos; a charola da Senhora da Conceição carregarão os nossos Religiosos, e as charolas dos Sanctos beatificados carregarão os Irmãos 3ºs, que todas ellas tinhão muito que ver, pois forão obradas com toda a perfeição, e lindeza, e da grandeza da armação da Igreja, procissão, e claustros, dos banquetes que se derão nesses dias, em que assistia sempre o Governador Mathias da Cunha, Provedor, Ouvidor Geral, Administrador, e Religiosos que solemnizavão aquelle dia, e de tudo mais foi tal o aplauso, que os mesmos Religiosos da Companhia de Jesus affirmarão lustrara mais esta festa, que a da Canonização do seu Santo Borja, que fosse tudo para maior veneração de Deus Sacramentado, que nos tres dias esteve exposto, e no quarto de tarde foi na procissão por toda a Cidade".

Até aqui o Tombo.

O "Resumo do Tombo", por sua vez, descrevendo a mesma festa, tem o topico seguinte:

"Todos os dias forão completamente cheios; porque de manhã havia Missa Cantada e Sermão na Igreja; d'ali com pequeno intervallo tangia-se chamada ao Refeitorio, aonde todos erão servidos com muita decencia, algua grandeza, e

abastança, honrando os actos com sua assistencia o Governador Pedro da Cunha, Provedor, Ouvidor Geral, o Administrador, e os Religiosos, que solemnizavão aquelle dia; de tarde havião danças, e divertimentos proprios do objecto" (4).

Dansas e bailados nas festas

Mas não se assuste o leitor com o saber que houve na festa dansas e bailes. Não era nada de escandaloso, não. Veiu de Portugal o costume de se celebrarem os grandes dias da Religião e da Patria com espectaculosos festejos externos em que não faltavam dansados, serenatas e representações theatraes.

Em 1584, o recem-chegado visitador dos Jesuitas, junto com o veneravel Anchieta, assistiu "ao auto celebrado á porta da Misericordia, onde se armou um theatro", e foi uma festa em honra do Padroeiro da cidade, S. Sebastião (5). No anno de 1683, por occasião da sagração do grande sino da igreja do nosso Convento, os Religiosos passaram a tarde com o Bispo junto á Capella de Sta. Barbara, no morro, "com merenda e muzica" (6). Quando, em 1750, as Irmãs Fundadoras entraram no Convento da Ajuda, fez-se theatro com serenatas no palanque junto á portaria (7). Leia-se tambem o que escreve Vieira Fazenda, resumindo a descripção feita pelo padre Luiz Gonçalves, sobre as festas no Campo de Sant'Anna, para commemorar a acclamação de D. João VI, em 1818. Não faltaram nem theatro, nem phantasias, nem bailados sem fim (8).

Era o gosto do tempo, era o paladar da alma lusitana. Semelhantes enscenações ainda hoje se realizam ás vezes nas localidades do Interior.

Nas festas religiosas, o theatro consistia na representação de algum oratorio ou auto sobre a vida de um Santo, e os bailados eram allegoricos com fundo religioso, "proprios do objecto". O que estava muito em voga era a representação

4) Res. do Tombo, pag. 11.
5) Rev. Inst. Hist., 1921, pag. 172.
6) Tombo I, fls. 29.
7) Noticia historica da Ordem da Immaculada Conceição, etc., pelo Arcipreste Antonio Alves Ferreira dos Santos, 1913, pag. 203 e seg.
8) Rev. Inst. Hist. 1920, pag. 486.

scenica do triumpho do christianismo sobre os mouros d'Africa.

Nos Conventos da nossa Provincia a predilecção pelas representações attingiu o ponto de frequentemente se levarem á scena peças não religiosas e até comedias, dentro da area do claustro, cooperando seculares e frades.

Não sabemos si coisa semelhante consta da historia das outras Ordens religiosas no Brasil. Mas é provavel, porque era symptoma caracteristico do tempo colonial o profano andar de mistura com o sacro. Haja vista as celebres festas do Divino Espirito Santo nos "imperios" da Lapa, de Mataporcos e Sant'Anna e os mascarados e outras mundanidades nas procissões, que o Bispo D. Frei Antonio Guadalupe prohibiu severamente.

Mas chegou a ser abuso, e contra elle trovejou fortemente o Reformador da Provincia, D. Frei Antonio de Guadalupe, em suas determinações de 3 de Julho de 1739, e desde então cessou de todo (9).

Existia tambem na Provincia o uso de se fazer, na Sexta-feira da Paixão, o descimento da Cruz com figuras ao vivo, isto é, com pessoas. Apesar de muito generalizado no Brasil e em algumas freguezias praticado até aos nossos dias, não deixa de ser theatral e, o que podemos affirmar por propria experiencia, dá margem a graves inconvenientes.

Pois bem. Os nossos Religiosos, uma vez abolida qualquer representação theatral, não quizeram ficar a meio caminho. No Capitulo de 25 de Setembro de 1751, prohibiu-se tambem esta cerimonia, devendo no futuro realizar-se só com a imagem do Crucificado exposta, e sermão (10).

O primeiro Provincial

O primeiro Provincial, nomeado pela Santa Sé na erecção da Provincia e empossado no dia 24 de Dezembro de 1677, era, como já foi noticiado, o carioca Frei Eusebio da Expectação. Governou até 1681. Era um Superior operoso, e sua actividade se estendia a todos os Conventos. No de Sto. Antonio do Rio de

9) Tombo II, fls. 58 — Res. do Tombo, pag. 37.
10) Item, fls. 133 v.

Janeiro construiu o dormitorio, que ficava por detrás da tribuna da igreja até á enfermaria. Collige-se dahi que no primitivo Convento não havia anteriormente cellas no corredor ao lado da igreja, como de facto não havia tão pouco nos outros Conventos.

Além disso, o Provincial fez construir dependencias especiaes para as reuniões do Definitorio e Discriptorio (Discretorio?). Como não consta em que lugar, opinamos que foi nos fundos, talvez no morro.

Desses trabalhos não há mais vestigios; tudo desappareceu com a construcção do actual Convento, em 1750. O que, porém, se conservou é a grande imagem do *Ecce Homo*, que Frei Eusebio mandou vir de Portugal, com a intenção de a collocar no altar no dia das Endoenças (Quinta-feira Santa). Veiu, porém, de maior altura do que se esperava. Por isso, preparou-se para ella um dos capitulos do claustro, transformando-o em Capella, com o nome de "Canna Verde", do "Ecce Homo", ou ainda do "Senhor da Columna" (11).

Tornou-se celebre esta imagem. Não só o Provincial e toda a Communidade lhe tinham especial devoção, mas era visitada, diz Frei Apollinario no Epitome, por "muitos devotos e principaes pessoas" da cidade.

O que, porém, mais contribuia para a devoção eram as muitas curas em doentes, obtidas posteriormente por Frei Fabiano de Christo, com a applicação do oleo da lamparina que dia e noite ardia diante da imagem.

Tanta importancia se dava á boa conservação da dita Capella, que o livro dos obitos do Convento, referindo a morte de Frei Antonio de Sta. Catharina de Sena, accrescentou para seu elogio que durante mais de quarenta annos "cuidou da Capella do Senhor Bom Jesus da Canna Verde" (12).

A imagem do *Ecce Homo* acha-se hoje na segunda sacristia, onde é facil verificar que realmente "é das melhores da barra a dentro", no dizer de Frei Apollinario.

---

11) Item, I, fls. 16 v.
12) Elencho, pag. 145.

A fundação do Recolhimento da Ajuda

Abrindo agora um parenthesis, queremos relatar um facto acontecido durante o governo de Frei Eusebio, que, apesar de se não realizar no Convento, foi, comtudo, ideado por um Franciscano, e, além disso, criou para os Religiosos relações ministeriaes que perduram até hoje. Trata-se da fundação do Recolhimento da Ajuda, principio do posterior Convento do mesmo nome.

A fundação deve o seu inicio a Frei Christovão da Madre de Deus Luz, filho do Rio de Janeiro, que diversas vezes foi Guardião de Sto. Antonio, Visitador e Presidente de Capitulo e duas vezes Provincial.

Em sua viagem á Europa, para tratar da erecção da Custodia em Provincia, Frei Christovão teve occasião de ver em Lisboa muitos Conventos e Recolhimentos para senhoras. Nasceu-lhe a idéa de promover tambem em sua patria uma fundação dessa natureza.

Ao voltar para o Brasil, expôz o alvitre a seu irmão sacerdote, o Dr. Francisco da Silveira Dias, que de 1670 a 1681 occupava o cargo de Administrador ecclesiastico. Tambem este se enthusiasmou pelo projecto.

Ora, havia no Rio de Janeiro, vivendo retirada numa chacara, uma distincta e piedosa viuva com tres filhas, D. Cecilia Barbalho, irmã do capitão Agostinho Barbalho Bezerra, de quem já nos occupámos no capitulo anterior quando tratámos da "bernarda" de 1660. Os dois irmãos procuraram aquella senhora e expuzeram a sua intenção. D. Cecilia concordou com a idéa e declarou-se disposta a entrar com suas filhas, depois que o Recolhimento ficasse pronto.

Puzeram-se, então, mãos á obra. Em dois mezes surgiu o Recolhimento junto á Capella de N. Senhora da Ajuda a expensas sómente do referido Administrador, ficando para Frei Christovão a posterior direcção espiritual. D. Cecilia entrou no modesto Recolhimento com suas filhas e mais duas meninas de distinctas familias, no dia 9 de Julho de 1678.

No mesmo dia foi collocada a primeira pedra para o futuro Convento, benta pelo Administrador e conduzida pelo Governador Mathias da Cunha, pelo Provedor da Fazenda Real, Pedro de Souza Pereira, e pelos representantes do clero, entre os quaes Frei Christovão da Madre de Deus Luz e o Custodio Frei João da Natividade.

O Convento, entretanto, só foi construido em 1747, depois de vencidas as constantes difficuldades feitas, ora pela Metropole, ora pela Camara, ora pelo Cabido, e não foi no mesmo lugar em que se collocara a primeira pedra, mas nas proximidades. A antiga Capella foi demolida depois de 1750, junto com o primitivo Recolhimento (13).

1681 a 1684 Succedeu no superiorato ao primeiro Guardião, depois da erecção da Provincia, Frei João da Natividade, que, por sua vez, foi substituido na Congregação Intermedia por Frei Francisco do Desterro.

Frei João era um dos Procuradores que Frei Eusebio mandara a Roma para obterem da Santa Sé a separação da Custodia da Provincia de Sto. Antonio da Bahia e a sua elevação a Provincia autonoma. Tendo seu companheiro Frei Christovão da Madre de Deus Luz ficado em Portugal, foi elle sózinho tratar do negocio e com tanta habilidade e perseverança desempenhou sua missão que, apesar dos obstaculos por parte da commissaria da Curia, conseguiu o *desideratum* de seus confrades, com o Breve do Papa Clemente X, de 15 de Julho de 1675 (14).

Tambem Frei Francisco do Desterro era um dos sacerdotes de destaque da novel Provincia. Em 1684 sahiu eleito Definidor, foi Guardião em Itanhaem, occupou o cargo de Custodio e morreu no Convento de Santos (15).

---

13) Tombo I, fls. 29 v. — Rev. Inst. Hist. 1919, pag. 322 e seg. — Pizarro VII, pag. 249.
4) Tombo I, fls. 4 — Resumo do Tombo, pag. 8.
15) Elencho, pag. 34.

1684 a 1687 No Capitulo Provincial de 13 de Maio de 1684 foi investido no cargo de Guardião, pela segunda vez, o acima referido Frei João da Natividade e governou todo o triennio.

O trabalho dos Religiosos na cura das almas Não consta que nos ultimos vinte annos do seculo XVII tivessem sido executadas obras na fabrica do Convento. O que consta, porém, é que nessa época o Convento era o fóco donde se irradiava a acção missionaria dos Religiosos pelos arredores e por outras partes. Felizmente, apesar da aversão que tinham os nossos antepassados de deixar a lembrança de seus trabalhos em forma de chronica, o Tombo Geral da Provincia conservou documentos preciosos a este respeito, dos quaes dois foram passados uns mezes antes de acabar o governo do dito Guardião Frei João da Natividade e o terceiro poucos annos depois.

O primeiro documento é uma certidão passada em 12 de Junho de 1687 pelo padre Dr. Francisco da Silveira Dias. Já nos referimos a elle ao noticiar a fundação do Recolhimento da Ajuda. Accrescentamos apenas que, morrendo em 1690, legou ao Convento de Sto. Antonio a metade de sua livraria "assás copiosa e bem surtida" (16), o que mostra a amizade á Ordem na qual seu irmão occupava altos cargos. Eis o teor da certidão:

> "O Doutor Francisco da Sylveira Dias, Protonotario Apostolico, Deam da Sé do Rio de Janeiro etc. — Certifico que sendo Prelado Administrador deste Bispado (1670 a 1681) se aprezentou perante mim na era de mil, e seiscentos, e oitenta, e hum o Padre Fr. Manoel das Chagas Missionario Apostolico, e seo Companheiro, ambos filhos desta Provincia do Rio de Janeiro da Religião de S. Francisco; e por ordem de seo Provincial, e minha licença, correrão todos estes povos circumvizinhos, e mais Villas e Lugares deste Bispado, pregando e doutrinando ao Gentio de hua, e outra nação com muito aproveitamento de suas almas. E nessa missão se occupou sempre o dito Religiozo emquanto assistio nesta Provincia, thé que por cauza da enfermidade foi as Caldas, e vindo outra vez, para

16) Pizarro VI, pag. 98.

continuar a sua missão neste Bispado, faleceo na barra, e veiu seo corpo a enterrar-se no Mosteiro desta Cidade. E assim mais certifico, que em todo o tempo que fui Prelado Administrador neste Bispado, que foi mais de dez annos, andarão, como ordinariamente andão, os Religiosos de S. Francisco em o discurso de todo o anno pelos reconcavos desta Cidade confessando, e desobrigando da obrigação das Quaresmas muita gente pobre, que por não terem com que aparecer licitamente, e por viverem muito distantes das suas Parochias não acodem ao dito tempo a ellas, ao que assistem, e suprem ordinariamente os ditos Religiozos de S. Francisco desta Provincia do Rio de Janeiro em grande serviço de Deos. Tudo passa na verdade, e assim o juro aos Santos Evangelhos. Dada nesta Cidade por mim feita, e assinada, e sellada com o sello de que uzo, aos 12 de Junho de 1687. — Francisco da Sylveira Dias. — Lugar † do sello" (17).

Outra certidão passou a Camara no mesmo sentido, oito dias depois da do Deão da Sé. Como, porém, contém mais algumas particularidades, transcrevemo-la tambem por extenso:

"Os Officiaes da Camara desta Cidade do Rio de Janeiro certificamos como os Religiozos do Serafico Patriarcha S. Francisco desta Provincia, que comessa na Capitania do Espirito Santo, e corre para a parte do Sul thé a Villa de S. Paulo, e seos destrictos; desde o tempo que se dividirão, e separarão da Provincia da Bahia e Pernambuco (1659), que ha muitos annos, vivem com muita quietação, união, e conformidade, e com a mesma tem procedido em todas as suas eleiçoens, pelo que estão hoje muito amados, e venerados de todo este povo, e o merecem assim pela satisfação religiosa, com que procedem, tratando com muito grande zelo do aumento dos seos Conventos, e particularmente do Culto Divino, para o que todo o povo os ajuda, por ver nelles a ancia com que nisso se empregão, e actualmente estão servindo todo este povo nas obrigaçoens de Religiozos, e particularmente pelos reconcavos desta Cidade por onde andão ordinariamente administrando os Sacramentos aos pobres, e doutrinando os ignorantes com licença dos Parochos. Tudo isto passa na verdade, e assim o juramos aos Santos Evangelhos. Dada em Camara nesta dita Cidade do Rio de Janeiro por nós assinada, e sellada com o sello da Camara aos 20 de Junho de 1687. — Francisco da Costa

17) Tombo I, fls. 86.

Barros escrivão da Camara a fis escrever, e sobescrever. — Francisco de S. Payo de Almeida. Antonio Pays Sardinha. José Barreto de Faria. Francisco Viegas de Azevedo. Manoel Toledo de Rozas. — Lugar † do Sello" (18).

Destes dois documentos se collige que não sómente a cidade, mas todo o reconcavo do Rio de Janeiro foi nesse tempo o campo de actividade missionaria dos nossos Religiosos. E' porque a Ordem nunca se esqueceu do lemma de S. Francisco: não viver só para si, mas ser de proveito tambem para os outros.

As primeiras parochias erectas, em 1644, no reconcavo do Rio foram as de Guaxindiba, Macacú, S. João de Meriti e Irajá. Em breve espaço foram criadas outras: Pilar, Inhomerim, Pacobahyba, Suruhy, Magé, Guapy e outras, como é de ler em Pizarro (19).

Toda esta zona foi palmilhada pelos Franciscanos em jornadas fatigantes e cheias de perigos. Eram rios e pantanaes a vadear, matta virgem a embrenhar, cobras e feras a enfrentar. Frei Manuel das Chagas, diz-nos o primeiro documento transcripto, succumbiu aos extenuantes trabalhos e, quem sabe, quantos foram buscar naquelles inhospitos sertões febres e maleitas que lentamente lhes minavam a saude. Tratava-se de soccorrer almas; era o que lhes bastava para sempre retemperar seu animo na sublime, mas ardua missão.

De passagem seja dito que a zona beneficiada pelos nossos antepassados ainda hoje é percorrida pelos Religiosos franciscanos no desempenho de sua missão sacerdotal. Lá vão elles, não temendo as febres de que alguns já foram fortemente accommettidos, nem as fadigas e quiçá privações a que por força das circumstancias têm de se sujeitar; lá vão elles doutrinando, administrando os Sacramentos e soccorrendo a pobreza na medida do possivel; lá vão elles construindo Capellas, reedificando outras e installando cemiterios. E, si nas antigas Capellas encontram a imagem de

18) Item, fls. 86 v.
19) Pizarro II, pag. 183 e seg.

S. Francisco, como de facto em diversas existem, lembram-se dos confrades das éras passadas, cujos vestigios vão seguindo, tendo diante de si o mesmo ideal: salvar almas (20).

Tornemos aos documentos. Pelo primeiro que acima transcrevemos ficamos sabendo que os nossos missionarios "doutrinavam ao Gentio de hua e outra nação". Ora, isto não podiam fazer sem falar a sua lingua. Effectivamente, os nossos padres destinados ás missões sabiam commummente a que chamam "lingua geral", e, si o documento citado acima fala em duas nações, deixa isto suppôr que, além da lingua geral dos indios, não lhes era desconhecido o idioma da respectiva tribu. Deste modo tornavam-se, na phrase do Apostolo, "tudo para todos".

Não passou despercebido ás altas Autoridades o conhecimento que muitos Franciscanos tinham da lingua dos indios, pelo que eram requisitados em commissões do Governo. Em 1683, dois Franciscanos acompanharam o Governador Duarte Teixeira Chaves na expedição á Terra Nova e um delles, Frei Lourenço da Trindade, salvou a si e ao tenente Jorge Soares no meio dos indios, por saber a lingua do gentio.

Por carta de 18 de Outubro de 1697, o Governador Geral pede ao Provincial que envie a Frei Antonio de Jesus, ou em seu impedimento outro que saiba a lingua, para servir de "capellão para a conquista que manda fazer ao Gentio barbaro da Capitania do Rio Grande" (20a).

Mas ouçamos ainda o que diz o terceiro documento, que é de data um pouco posterior á dos dois precedentes.

Trata-se da resposta que deu o nosso P. Provincial Frei Antonio do Vencimento Sá (1691 a 1694) aos quesitos que o Governador Antonio Pays de Sande apresentou por ordem de S. Majestade. A resposta foi dada no Collegio dos Jesuitas numa reunião a que assistiram os Prelados maiores das

20) E' realmente interessante verificar que em diversas Capellas da baixada fluminense, onde não se esperava, há imagens de S. Francisco. Numa dellas achámos até um Missal com appendice franciscano.

20a) Tombo I, fls. 29 v. — Documentos Historicos, vol. XI, pag. 262.

Ordens religiosas, o General Luiz Cesar de Menezes, o Deão e o Vigario Geral. Transcreveremos sómente o que interessa aqui.

"E quanto ao quinto paragrafo, que dis que os Missionarios assim desta Capitania, como das outras partes do Sul por mais zelozos que sejão, se não afastão dos destrictos das povoaçoens donde assistem; — respondo, e digo que assim nesta Capitania, como nas outras do Sul, vêm todos os habitadores desta e daquellas partes, que continuamente andão os Religiozos da minha Provincia confessando, pregando, e administrando com licença dos Parocos os Sacramentos a todos os Senhores, e Servos, que pelas partes mais remotas habitão; e não só fazem estas missoens em hua lingua, mas em todas as que vêm necessitão aquelles povos, e gentes onde se achão, pregandolhes a todos conforme vêm melhor os podem entender, e da sua doutrina, e palavra de Deos a aproveitar; sendo as partes do Sul, onde esta verdade se mais frequentemente vê".

"Sobre o sexto paragrafo que trata da segunda parte que toca as povoaçoens de sima da serra de S. Paulo, e das mais da banda do Sul, de que foi S. Majestade enformado que sendo a dita Villa de S. Paulo da serra para sima mais de 70, ou 80 legoas habitadas com grandes povoaçõens, faltão nellas Obreiros do Evangelho, e principalmente dos que saibão a lingua da terra, a que geralmente chamão lingua geral, e que esta hé mais precisamente necessaria para as confissoens, e doutrina christáa; — digo ser verdade que muitas, e grandes povoaçoens se estendem pela distancia dos sertoens da dita serra de S. Paulo para sima; mas que fallando de minha Religião (Ordem), e dos meos Religiozos digo que como em as mais destas ditas Villas, e remontadas povoaçoens hajão Conventos Capuchos (franciscanos) e destes a maior parte sejão nos que chamão de lingua geral, sam tãobem elles, os que mais geralmente em todos estes ditos lugares, e Villas fação missoens, e preguem a doutrina christáa, assim a brancos, como aos Indios: e isto com tão grande frequentação, e singularidade das mais Religioens, que por aquellas partes tem Conventos, que todas as mais Religioens juntas daquelles lugares não igualão aos Missionarios, e linguas da terra que os Capuchos só tem; e assim si nisto há algua falta não se pode atribuir a Religião Franciscana dos Capuchos, que naquellas partes assistem; pois elles assim em Conventos, como em Religiozos, tem mais como digo de lingua geral, que administrem a doutrina christáa, e

Sacramentos que todos os mais Religiozos das Religioens, que por aquelles lugares assistem que hé do que trata o paragrafo sete, e tenho tãobem a elle respondido" (21).

Para dizê-lo em poucas palavras e cingindo-nos estrictamente ao conteudo do documento: Os Franciscanos não imitavam os Religiosos das outras Ordens, que limitavam a sua acção aos districtos e povoações, mas sahiam paiz a dentro até aos lugares mais remotos desde a Capitania do Espirito Santo para o Sul, e tanto em portuguez como nas linguas dos indios ensinavam a doutrina e prégavam a palavra de Deus.

Quanto ás Capitanias do Rio de Janeiro para o Sul, onde constava a Sua Majestade que faltavam missionarios e principalmente taes que soubessem a lingua dos indios, os Franciscanos tinham mais missionarios para todas as linguas do que as outras Ordens juntas. Quer isto dizer que fóra das villas e povoações os missionarios franciscanos occupavam, pelo fim do seculo XVII ou talvez já antes, o primeiro lugar sobre Benedictinos, Carmelitas e Jesuitas.

Não consta que algum dos representantes das outras Ordens tenha desmentido as affirmações do nosso Provincial quando deu no Collegio da Companhia a resposta sobredita aos quesitos propostos.

Confessamos que, ao estudarmos o nosso archivo, o conteudo do documento transcripto foi uma verdadeira revelação para nós e cremos que será uma surpresa tambem para os historiadores que se occupam com o estudo da situação religiosa nas Capitanias do Sul durante o seculo XVII.

Seria aqui o lugar para dar noticias mais pormenorizadas sobre o labor apostolico dos nossos frades nas Capitanias do Sul, de que ainda hoje existem vestigios. Mas infelizmente, ao contrario do que faziam os Jesuitas, como resulta das cartas do ven. Anchieta, os Franciscanos não mandavam de espaço em espaço relatorios aos seus Superiores, informando sobre o resultado de suas missões. Por isso, a não ser uma interessante relação do missionario Frei Antonio do

21) Tombo I, fls. 89 v.

Extremo em meiados do seculo XVIII, sómente referencias encontramos nos documentos.

Note-se que o Convento de Sto. Antonio do Rio de Janeiro era a séde da direcção de todo esse trabalho missionario, sendo como era a residencia do Provincial com seu Definitorio.

O culto divino no Convento

Antes de passar para outro triennio, queremos ainda chamar a attenção do leitor para um topico da segunda certidão que acima copiámos na integra e que muito agradecemos aos Officiaes da Camara. Dizem elles que os Franciscanos eram muito amados e venerados por todo o povo. Por que razão? Um dos motivos era o zelo com que serviam a todos os habitantes da cidade e de seus reconcavos, no cumprimento das obrigações religiosas. Era o trabalho dos frades na cura das almas, de que acabámos de falar.

O outro motivo da estima do povo era o bom exemplo dos Religiosos e, particularmente, o seu grande fervor na celebração do culto divino. Os fieis auxiliavam por isso o Convento com as suas esmolas.

Isto, aliás, consta não sómente da declaração dos Officiaes da Camara, em 1687. Ainda em principios do seculo XIX o padre Luiz Gonçalves diz a mesma coisa com estas palavras: "A estes Padres nada falta pela caridade dos Fieis para a sua subsistencia, e a quem são muito uteis. O culto divino executa-se perfeitamente na sua Igreja" (22).

E' de suppôr que naquella época o *Opus Dei,* a santa Liturgia, não era negligenciado, nem pelos Benedictinos nem pelos Carmelitas. Si, comtudo, os Officiaes attestam que neste ponto os habitantes do Rio de Janeiro notavam o zelo (ansia, dizem elles) particular dos Franciscanos, constitue isto um bello elogio que não queriamos deixar de registar.

A' vista disto, não é fóra de proposito estendermo-nos um pouco sobre o culto divino, como era celebrado no Convento de Sto. Antonio.

---

22) Memorias, etc., tomo I, pag. XXXI.

Consistia o culto divino essencialmente e todos os dias na celebração da S. Missa e na recitação do Officio, cantado nas grandes solennidades. As Missas eram tantas que os altares da igreja já não bastavam; tornava-se necessario celebrar nas capellas, ao redor do claustro. As horas da manhã traziam deste modo o cunho mystico de piedade e de união com Deus. Quanto ao Officio, os moradores da cidade ouviam desde a meia noite e sempre no inicio das horas canonicas o bimbalhar alegre do sino, dizendo-lhes que o grande côro dos frades ia cantar os louvores do Altissimo.

Particularidades mui edificantes encontramos estabelecidas no antigo Ceremonial da Provincia, pelo qual se guiavam os Religiosos, não sómente na época de que estamos tratando, mas tambem posteriormente, emquanto havia vida de communidade. O trabalho de as collecionar teve o nosso confrade Frei Adalberto Ortmann e passamos a transcrevê-las.

"Todas as sextas-feiras cantava-se com muita solennidade o Officio parvo em honra de Nossa Senhora da Conceição, o qual, começando pela Antiphona: *"Benedicta tu"*, era chamado o Officio da Benedicta.

"Aos sabbados, a seguir da Prima, cantava-se a Missa da Benedicta. O Ceremonial, com muita solicitude, prescreve: "Advirta o sacristão que para esta acção há de pôr o Altar mayor sempre de côr branca, e com todo o aceyo, e no Altar de Nossa Senhora porá tambem cortinas, ramalhetes e duas velas que estarão accesas, assim ao Officio, como á Missa".

"Todos os quinze dias repetia-se uma ceremonia muito significativa, na occasião que era renovada a hostia consagrada. O celebrante, depois do Evangelho, expunha o Santissimo, e incensava-o, continuando a Missa com toda a pompa. Pelo fim da Missa, dada a benção, todos os Religiosos desciam do côro para a sacristia, e de lá, velas accesas na mão, iam á igreja em solenne procissão e rodeavam o altar. O celebrante, tornando a incensar o SS. Sacramento, lavava as mãos e, emquanto se cantava o hymno "O sacrum convivium", erguia em suas mãos a nova hostia consagrada, para mostrá-la ao povo.

"As vesperas durante a novena que precedia a festa de Natal, revestiam-se de impressionantes ceremonias. Momentos antes de ser entoado o cantico Magnificat, o Religioso que fazia as vezes de acolyto, ia buscar no altar mór a imagem do Menino Jesus, acompanhando-se de outros Religiosos, que tocavam flauta, viola e outros instrumentos. Chegados ao côro, o acolyto offerecia a imagem ao Superior, que por sua vez, o Menino Jesus nos braços, postava-se no meio do côro onde entoava a antiphona do O'.

"Na festa da Ascensão do Senhor cantava-se solennemente a Nôa. Começava esta ceremonia ao meio dia e prolongava-se por mais de uma hora. Durante o officio punham no altar um vaso do qual trescalavam nuvens perfumadas da caçoila, e entregues á meditação do mysterio do dia, entoavam o "Rex gloriae" e outros canticos.

"No primeiro dia do anno recebia cada um dos Religiosos o seu padroeiro do anno. Armado um altar no claustro, seguia toda a Communidade para lá, em procissão, com incenso e cirios. Diante do altar continuavam as orações e canticos, e cada qual tirava da urna que o Prelado lhes offerecia, um papel, que continha o nome de um Santo. Encerrava-se a solennidade com o canto do *Te Deum*" (23).

Não são as festas pomposas de igreja por si só o thermometro para aquilatar a compenetração religiosa dos homens. Mas que Deus é digno de ser honrado do melhor modo possivel, com solennissimas homenagens, e que as festas ecclesiasticas, celebradas nessa intenção, são um poderoso meio para cultivar a virtude da Religião, ninguem poderá negar.

Pois bem. Os Franciscanos do Convento de Sto. Antonio, compenetrados do espirito de seu Seraphico Fundador, que, apesar da extrema pobreza de sua Instituição, queria que o Santissimo Sacramento fosse conservado em lugar precioso, celebravam as suas festas com muita pompa.

As festas principaes de que há noticia eram as de Sto. Antonio, de S. Francisco, da Porciuncula e da Conceição. A igreja vestia-se, então, de gala com cortinas e colchas; a la-

23) Vita franciscana, Janeiro 1929, pag. 4.

deira amanhecia festivamente ornada e á noite illuminada com cabeças de alcatrão. Nas janellas da igreja e do Convento pendiam lanternas com velas de carnaúba ou cera. Grande parte dessas lanternas encontram-se conservadas até hoje no deposito de trastes velhos.

Nas Missas solennes dos dias de festa o pulpito era quasi sempre occupado por algum prégador notavel, ou theologo distincto, diz Macedo; e era isso, certamente, que attrahia tambem os representantes da alta sociedade. Entre estes não faltavam os Governadores, os Vice-Reis e, mais tarde, D. João VI e o proprio Imperador D. Pedro I. Os dois ultimos eram recebidos, de accordo com o Ritual, com baldaquino á porta da igreja.

Grandiosas festas foram celebradas por occasião da erecção da Provincia em 1678, de que já nos occupámos.

A primeira festa de Sto. Antonio de que os documentos dão noticia, com prégação em todos os dias da trezena, sempre assistida pelo Bispo D. Alarcão, realizou-se em 1683. Relatando esta festa, refere o Tombo que os Religiosos e o povo fizeram a trezena na intenção de o Santo trazer incolume do Sul o Governador, cuja nau parecia perdida e que esta effectivamente fez entrada no dia da festa, estando o Bispo a almoçar com os frades no refeitorio, com que "Santo Antonio mostrou que eram as orações que o trouxeram" (24).

Com grande solennidade era celebrado tambem S. Francisco de Assis, a 4 de Outubro, com novena de preparação. Neste dia nunca faltava o Principe Regente D. João, durante todo o tempo que esteve no Brasil. Com sumptuoso apparato vinha de S. Christovão, subia a ladeira entre acclamações do povo, almoçava com os frades e mandava distribuir entre os pobres as iguarias que tinham vindo da real ucharia (25).

Que o jubileu da Porciuncula, no dia 2 de Agosto, era commemorado festivamente, lemos em Macedo (26). Para

24) Tombo I, fls. 29.
25) Rev. Inst. Hist. 1924, pag. 87.
26) O Rio de Janeiro, vol. I, pag. 34.

ganhar a Indulgencia, assistiam as pessoas mais gradas do paiz. O Vice-Rei Conde da Cunha costumava neste dia distribuir esmolas aos pobres que encontrava na ladeira.

Seria para admirar si o Convento de Sto. Antonio não celebrasse a festa, com novena, da Immaculada Conceição, Padroeira de toda a Ordem franciscana e da Provincia. Desde os ultimos decennios do seculo XVIII, porém, não era o Convento que arcava com as despesas. Incumbiam-se desta festa os soldados do Regimento de Moura, isto é, um dos batalhões que o Conde da Cunha mandara vir de Portugal em 1767 por causa das guerras do Sul, e que tinha N. Senhora da Conceição por protectora. Estes soldados assistiam á Missa no Convento uma vez por semana e eram tambem sepultados na igreja e no claustro (27).

1687 a 1691 No Capitulo Provincial, celebrado aos 28 de Outubro de 1687, entrou, como Guardião do Convento, Frei Antonio do Vencimento Sá, que, depois de acabar o triennio, reuniu os votos dos capitulares em sua pessoa para quinto Provincial (28).

1691 a 1694 No triennio immediato estiveram á testa do Convento Frei Luiz da Conceição e Frei João da Conceição Sanches.

Do primeiro nada mais conseguimos apurar. Frei João, antes de ser Guardião do Rio, esteve na mesma qualidade

---

27) Rev. Inst. Hist. 1920, pag. 256 — O autor do livro "O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis", 2ª. ed. 1935, pag. 528, citando como fonte o escriptor Walsh, affirma que certo dia arderam em Sto. Antonio 830 tochas dessas grandes, o que naturalmente taxa como desperdicio de dinheiro, que melhor teria sido empregado com os pobres. Francamente, a ingenuidade do historiador nos captiva. Oitocentas e trinta tochas "dessas grandes" na pequena igreja de Sto. Antonio! Onde collocá-las? Nos tres altares cabem no maximo 60 velas. E as 770? Colloquemo-las no chão e, para não se comerem umas ás outras, já que são tochas "dessas grandes", colloquemo-las na distancia de 40 cm. não sem antes pedir castiçaes nas igrejas da redondeza. Que bello aspecto! O santuario todo e mais do que a metade do corpo da igreja occupados com tochas "dessas grandes", um mar de luzes! Mas o historiador esqueceu-se de nos informar si nesse fogo houve ou não Missa solenne e si os fieis, em lugar de occupar o resto da igreja, não preferiram assistir de fóra á festa das tochas. E... viva a mentira historica!

28) Resumo do Tombo, pag. 13 e 15.

no Convento de S. Bernardino de Angra dos Reis. Em 1697 foi eleito Provincial, mas falleceu a 1° de Fevereiro de 1699, antes de se completar o seu governo (29).

Os escravos do Convento

Neste triennio governou a Provincia o supradito Frei Antonio do Vencimento Sá, ex-Guardião immediato. Como já foi noticiado paginas atrás, teve de comparecer numa junta que se realizava no collegio dos Jesuitas, perante o Governador Antonio Pays de Sande e o General Luiz Cesar de Menezes, para responder a umas perguntas de sua Majestade acerca da situação religiosa nas Capitanias do Sul. Tambem estiveram presentes o Deão, Vigario Geral e os outros Superiores maiores das Ordens religiosas (30).

As primeiras tres perguntas referiam-se aos escravos e o nosso Provincial respondeu que não lhes faltava a confissão da quaresma, nem a assistencia na hora da morte e tão pouco a encommendação e Missa depois da morte.

Sendo esta a primeira vez que nestas paginas occorre a palavra "escravo", aproveitamos o ensejo para falar sobre os escravos do Convento de Sto. Antonio.

Está no dominio de todos que os negros d'Africa eram comprados e vendidos como mercadoria e frequentemente tratados indignamente. Só o saber que a escravatura logrou conservar-se até ao declinio do seculo passado é deprimente.

Si o alto clero pagou tributo ao preconceito do tempo, si até as freiras tinham servas, não estranha encontrarmos escravos tambem no Convento de Sto. Antonio.

E' inutil alongarmo-nos aqui em considerações sobre o facto historico da escravatura. De interesse, porém, é saber como os escravos eram tratados pelos Religiosos nossos antepassados. Vejamo-lo, á mão dos documentos.

O numero dos escravos do Convento de Sto. Antonio, como tambem dos outros Conventos, era diminuto. E' porque os Franciscanos não tinham campos nem fazendas.

---

29) Item, pag. 18.
30) Tombo I, fls. 89 v.

Quanto á situação material, gozavam de relativo conforto, melhor do que têm esses pobres que ainda em nossos dias vivem em casebres nos morros desta adiantada cidade.

Durante muitos annos moravam em senzalas no morro, a que em 1707 o Guardião Frei Serafino de Sta. Rosa accrescentou mais sete (31). Posteriormente, isto é, em 1783, o Guardião Frei Francisco da Conceição Valladares construiu-lhes um novo lanço junto á carpintaria, dividindo-o em dez casinhas (32). Depois de alguns lustros, o excellente Provincial Frei Joaquim de Jesus Maria Brados melhorou-lhes a sorte, destinando para sua moradia o sotão do novo refeitorio que fez ao lado da enfermaria dos frades, isto é, dentro da clausura (33).

Trabalhavam os escravos nos serviços de fóra e para isto deviam aprender um officio os que mostravam aptidões (34). Ainda em 1859 foi inculcada de novo essa determinação (35).

Entende-se que aos escravos, quando preciso, tocava tambem o serviço pesado muros a dentro (o serviço commum era feito pelos coristas), principalmente nas frequentes épocas de construcção, reconstrucção e reformas do edificio. Era, porém, rigorosamente prohibido aos Religiosos admittirem em suas cellas, excepto o caso de enfermidade, um "moleque, negro, ou outros servos, assim de fóra, como dos mesmos Conventos" (36). Só em 1770 se permittiu que o Guardião, na falta de coristas e leigos, destinasse alguns escravos para prestarem o serviço costumado aos sacerdotes mais graduados e aos velhos, mas sómente fóra das horas de silencio rigoroso (37).

Um capitulo bem triste na historia da escravatura constitue o castigo infligido com excesso e, ás vezes, com crueldade. Seguiram os Franciscanos o mesmo caminho?

---

31) Res. do Tombo, pag. 23.
32) Item, pag. 55.
33) Item, pag. 61.
34) Tombo II, fls. 62.
35) Chronica I, fls. 2.
36) Tombo I, fls. 134 v.
37) Item II, fls. 233.

Felizmente, não encontramos referencia alguma ao tronco, ao vira-pau ou outro instrumento de castigo, tão communs nas fazendas. A punição consistia em golpes de açoites. Em alguns Conventos houve nisso excesso no fim do seculo XVII, mas o Capitulo de 1707 não sómente condemnou esses abusos, mas estatuiu que no futuro só se désse "quartada" nos açoites, isto é, não mais de trinta golpes. Nós achamos ainda duro semelhante castigo. O Capitulo, porém, declara expressamente que assim o ordenava "por piedade christã e serviço de Deus".

Era a mentalidade, a aspereza de sentimentos daquelles tempos, tanto assim que o mesmo Capitulo estendia a "quartada" tambem aos Religiosos, permittindo doze golpes. Donde se infere que anteriormente os Religiosos, quando se sujeitavam ás penitencias, recebiam até 48 golpes de açoites, quer dizer, mais do que posteriormente se davam aos escravos (38).

Sobre faltas e delictos só apurámos que devia ser castigado conforme merecesse o escravo que fugisse ainda que depois se apresentasse (39).

Não raro, porém, os Superiores eram indulgentes na applicação do castigo. O Provincial com seu Definitorio, por isso, lembrou em 1781 que não se deixasse de castigar o escravo que o merecesse, para que a falta de castigo não os tornasse insolentes, descortezes e pouco obedientes; mas que fosse sem se afastar "daquella moderação que neste particular prescrevem as nossas Leis" (40).

Não era prohibido aos escravos dos nossos Conventos constituirem familia, vinculando-se pelo Sacramento do matrimonio. A consequencia era existirem tambem escravas. Com ellas se occuparam diversos Capitulos.

O Capitulo de 1735 estatuiu penas severas para o Guardião que permittisse a entrada de escravas na clausura por qualquer via de communicação (41). No que diz respeito ao

38) Tombo I, fls. 109 v.
39) Item II, fls. 155 v.
40) Item III, fls. 36.
41) Item II, fls. 24 v.

Convento de Sto. Antonio, lembre-se o leitor do que escrevemos sobre onde corria o muro de clausura, para avaliar a distancia em que ficavam as escravas do Convento.

Importantissima é a determinação do Provincial com seu Definitorio em 1781, e não nos queremos furtar ao prazer de transcrevê-la na integra.

"Que não podendo por ora providenciar-se inteiramente os incomodos, que se originão de terem os Conventos Escravas, ou Administradas, as quaes em alguns só servem de hum pezo extraordinario á Religião, (quer dizer á Ordem) vendo-se esta na preciza necessidade de as vestir, sustentar, e gravar por este principio aos povos com questuaçõens desnecessarias á nossa subsistencia, e só precizas para aquelle fim, se dê logo ao menos hum golpe a esta desordem, para cujo effeito se determina quanto ás Escravas, que os Irmãos Guardiães de todos os Conventos fação com os respectivos Irmãos Syndicos, que vendão, ou dem liberdade, conforme julgarem mais conveniente aos serviços de Deos, e as intençoens do Summo Pontifice, que hé o Senhor de todas as couzas de nosso uzo, á todas as Escravas solteiras dos mesmos Conventos, nem nelles se receba daqui por diante, ou seja por esmola, ou por Legado, pessoa algua deste genero: e no cazo tão bem de faltar o marido de algua actualmente cazada, logo se deve a viuva reputar solteira, para que com ella se pratique o que com as outras se ordena. E se acontecer que algum Irmão Syndico não queira fazer o que se lhe pede, se lhe entregarão as mesmas Escravas solteiras, mandando-as para seo poder, fazendo-o certo de que a Provincia concorre de boa vontade com seo consentimento para todo o favor, que licitamente pode intervir na liberdade, ou venda das mesmas Escravas: e de qualquer oppozição que sobre este respeito se suscitar, avizarão logo sem perda de tempo os Guardiães ao Irmão Ministro Provincial, o qual dê as ulteriores, e mais efficazes providencias, para que com a maior brevidade se consiga o fim desta determinação. Quanto ás Administradas solteiras, os Irmãos Guardiães as despedirão das sanzalas, e só em cazo de summa velhice, e inutilidade tal, que despedidas se constituão em necessidade extrema, ou gravissima, então se praticará com ellas o mesmo que das Administradas, e Escravas cazadas já vamos determinar: a respeito destas os Irmãos Guardiães porão todo o cuidado em apartalas das nossas sanzalas, ou vendendo-as com seus maridos com a necessaria intervenção dos Syndicos, ou sendo impossivel esta venda, ou muito damnoza aos Conventos pela falta dos mari-

dos, que lhes são necessarios, (aos Conventos) fação com os mesmos Syndicos, que lhes procurem habitação distante dos Conventos, em que juntamente morem: e sendo precizo para esse effeito se concedão aos mesmos maridos dous dias na Semana, para que possão trabalhar a beneficio da subsistencia das mesmas fora das sanzalas. Comtudo como em todos os Conventos não se encontrarão iguas dispozições para a prompta execução desta determinação, nos que ouverem difficuldades, para que ella nunca deixe de ser effeituada, os Irmãos Guardiães as proporão ao Irmão Ministro Provincial, indicando os meios mais opportunos, e commodos, com os quaes se podem superar esses obstaculos. Em summa: hé o espirito desta Acta, que apliquem os Prelados todo o empenho em fazer as sanzalas dos Conventos habitação sómente dos Escravos, de sorte que se possão fexar com muro, para que só tenhão sua serventia pelas nossas Portarias, e aonde a situação das sanzalas não permittir esta clausura, se fabriquem com os materiaes daquellas, outras de novo dentro dos muros" (42).

Dissemos acima que tinhamos prazer em transcrever esta acta. Realmente, nota-se nella a sincera vontade de acabar de vez com as escravas e as chamadas administradas. Esperamos que, "para serviço de Deus" e interpretando "as intenções do Summo Pontifice", muitas tenham alcançado a liberdade. Era, pois, a suppressão parcial da escravatura mais de cem annos antes do dia aureo 13 de Maio.

Quanto ao Convento de Sto. Antonio desta cidade, temos forte razão em crêr que a liberdade para as escravas já raiou antes de 1781. O Guardião Cepêda, como logo abaixo havemos de noticiar, construiu, em 1775, uma grande enfermaria para os escravos ao lado da bibliotheca. Logo, concluimos, já não havia mais escravas, porque não é de suppor quizesse elle proporcionar este beneficio sómente aos homens. O lugar não permittia em absoluto a entrada de mulheres.

Uma emancipação parcial e esta vez tambem de escravos houve outrosim em 1859: "Autoriza-se o revmo. P. Provincial a dar gratuitamente carta de liberdade aos escravos dos Conventos da Provincia, que tiverem mais de 60 annos de idade, e ás escravas, que tendo 50, houverem dado aos

42) Item III, fls. 35 v.

Conventos seis filhos ao menos, supposto que tanto estas como aquelles forem dignos pelo seu comportamento de semelhante graça" (43).

Não corresponde, por certo, esta "graça" ao sentir de hoje, desejavamos fosse mais generosa. Convém, no entanto, lembrar que era a época do desmoronamento da Provincia. Naquelle anno ella não contava sinão uns 30 Religiosos, espalhados sobre diversos Conventos. Por isso, si o numero de escravos estava em correspondencia com este numero, como é de suppôr, a graça attingia a poucos e poucos ficavam.

Note-se ainda, na acta transcripta, a caridade que os Superiores demonstram para com as administradas velhas e as casadas. Não as põem fóra deixando-as sem recurso, mas permittem que morem distantes do Convento com seus maridos (que continuavam escravos) e que estes tenham dois dias para trabalhar pela sustentação de suas mulheres.

A separação dos conjuges, aliás, já fora vedada em 1735 com a prohibição do aforramento de escravos casados (44).

O mesmo fim, isto é, garantir a união da familia, era o escopo da determinação de 1859, que prohibia o casamento dos escravos dos nossos Conventos com escravas de seculares, de outras Ordens ou com libertas (45).

Vejamos ainda outro lado do tratamento caridoso dispensado aos escravos.

Quando adoecia um escravo, era convenientemente medicado. "Que lhes não faltem os alimentos e vestidos necessarios para a vida, nem os remedios, principalmente espirituaes, na enfermidade", recommenda uma acta de 1781 (46).

Desde 1775 tiveram até sua enfermaria propria no Convento de Sto. Antonio, um grande salão de 20,20 m. de comprido por 6,70 m. de largo. Ainda existe este salão, transformado em carpintaria, junto á antiga bibliotheca, que tambem foi feita no mesmo anno pelo Guardião Frei Boaventura de S. Salvador Cepêda. Ora, si a construcção de uma enfer-

43) Chronica I, fls. 11 v.
44) Tombo II, fls. 24 v.
45) Chronica I, fls. 11.
46) Tombo III, fls. 36 v.

maria é prova evidente da caridade que os Religiosos tinham para com os pobres escravos, o facto de ella se achar no lugar indicado demonstra que não existia esse feio desprezo pela raça negra.

Dissemos: no lugar indicado. Inspeccionemo-lo. E' um pequeno claustro fechado que temos diante de nós, com cisterna no centro. Desse recinto uma porta dá entrada á bibliotheca, outra á enfermaria dos escravos. Uma terceira communica com a cella que foi de Frei Fabiano de Christo e por ella com a enfermaria dos Religiosos. Estavam, pois, os escravos doentes em boa companhia, não é verdade?

E não era só. Como a enfermaria dos frades, tambem a dos escravos tinha a sua capella, de que existem ainda vestigios. Nessa capella dizia-se a Missa na presença dos doentes. A festa da Padroeira da enfermaria, que era N. Sra. do Rosario, celebrava-se todos os annos, sendo a imagem levada em procissão á igreja do Convento, havendo Missa solenne com sermão ao Evangelho, tudo a expensas dos escravos (47).

Tendo fallecido um escravo, dava-se-lhe um enterro religioso. A principio o cemiterio respectivo ficava ao pé do morro e foi augmentado, em 1709, por uma doação de terreno feita ao Convento pela Camara (48). Esse augmento tornara-se necessario, porque os Religiosos estendiam a sua obra de misericordia aos escravos fallecidos na cidade e que ás vezes jaziam abandonados por falta de cemiterios. Posteriormente, enterravam-se os escravos nas quadras do claustro e no corpo da igreja.

Para suffragar a alma do fallecido era lei desde 1754 que cada sacerdote do respectivo Convento lhe dissesse uma Missa e que os coristas e Irmãos leigos rezassem o Officio (49). Quer isto dizer que no Convento de Sto. Antonio o escravo tinha depois da morte umas 50, 60 ou até 70 Missas, conforme o numero de sacerdotes. Que bella obra de

47) Elencho, pag. 161.
48) Rev. Inst. Hist. 1920, pag. 334.
49) Tombo II, fls. 155 v.

caridade! Quem dos seculares goza hoje de semelhante beneficio?

Mas tambem em vida cogitavam os frades do bem espiritual de seus escravos. Sob graves penas, era o Guardião obrigado a providenciar para que todos os dias, antes do serviço, se lhes ensinasse a doutrina christã e assistissem á Missa e ao terço, que nos domingos e dias santos rezassem e cantassem na igreja, não faltando os actos de fé, esperança e caridade, e que frequentassem os Sacramentos da Penitencia e Eucharistia (50).

Chegamos ao fim do nosso estudo sobre os escravos do Convento. Não, para os frades os escravos não eram "peças" ou "folegos vivos"; eram filhos do mesmo Deus, cuja sorte suavizavam com o lenitivo da caridade e com os confortos da Religião (51).

Segundo Moreira de Azevedo (52) o Convento de Sto. Antonio deixou de ter escravos desde 1877.

1694 a 1697 O Capitulo de 9 de Março de 1694 promoveu a Guardião a Frei João de Sto. Antonio, o qual na Congregação Intermedia cedeu o lugar a Frei Francisco da Cruz. Ambos eram Ex-Definidores quando foram investidos no seu cargo (53).

1697 a 1701 Acabado este triennio, reuniu-se o Capitulo no dia 9 de Setembro de 1697 e, fazendo-se a eleição dos Guardiães, foi escolhido para o Rio de Janeiro o Ex-Definidor Frei Francisco da Porciuncula, que serviu até á Congregação Intermedia. Nesta coube o cargo a Frei Romão do Bomsuccesso. Nenhum dos dois fez obras no Convento; mas ambos tornaram-se merecedores de nossa gra-

50) Item I, fls. 109 v. III, fls. 36 — Chronica I, fls. 11.

51) A' vista do que foi dito sobre os escravos, esperamos que o autor do livro "O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis" faça justiça aos Franciscanos si, no futuro, tiver de referir-se ao tratamento e sepultamento dos pretos no tempo da escravatura.

52) O Rio de Janeiro, vol. I, pag. 94.

53) Res. do Tombo, pag. 16 e 18.

tidão, um porque o preparou, outro porque executou o plano de augmentar a igreja para a frente. Sobre isto, porém, diremos em capitulo especial (54).

Os Terceiros requerem mais terreno

Tendo decorrido apenas cinco dias depois do Capitulo de 1697, os Irmãos Terceiros quizeram aproveitar a nova situação para conseguir mais um pedaço de terreno nos fundos de suas casas. Depois de ouvido tanto o Discretorio como o Definitorio, o despacho foi negativo. Ponderaram os Superiores que já tinham dado á Ordem tanto terreno para Capella, noviciado, consistorio, clausura quadrada, etc., e que não podiam ceder o terreno pedido, "por ser prejudicial ás obras da cisterna do Convento com seus alegretes e passadiços" (55).

As cisternas

Por este documento ficamos sabendo que a cisterna no pequeno jardim ao lado da sacristia, em frente do mausoléu, e que ainda hoje é indispensavel para o abastecimento d'agua ao Convento, já existia em 1697, sem constar quando e por quem foi feita. Representa ella uma obra respeitavel, pois tem 6 m. de diametro e 8 de fundo, está toda feita de cantaria e conserva a agua fresca e limpida. As pessoas que visitarem o mausoléu da primeira Imperatriz não deixem de reparar nessa obra historica.

Os documentos nos dão noticia de tres cisternas. Uma é a de que acabamos de falar. Outra ficava no pequeno adro defronte da bibliotheca no morro. Era de data muito mais recente, pois construiu-a Frei Boaventura de S. Salvador Cepêda quando fez a casa da bibliotheca no seu periodo de Guardião de 1774 a 1777. Foi ella entupida em 1804 por ordem do Provincial Frei João de S. Francisco Mendonça. A terceira cisterna existe entulhada fóra, mas não longe do actual muro de clausura, na altura da horta da cozinha. Não há noticia sobre quem a fez construir.

54) Item, pag. 19.
55) Tombo I, fls. 105 v. e seg.

Tres Religiosos de grande virtude

Ao encerrar este capitulo, que abrange a epoca do desdobramento da acção franciscana no Rio de Janeiro, não queremos privar o leitor do prazer de conhecer os nomes de tres Religiosos, Irmãos leigos, que nos ultimos decennios do seculo XVII encheram o Convento com o odor de suas acrysoladas virtudes.

O primeiro é Frei Antonio de Jesus, homem "de grande caridade para os proximos, mas rigoroso para si na penitencia". Falleceu no dia 13 de Junho (festa de Sto. Antonio) de 1680, durante a S. Missa que se celebrava na enfermaria. Foi encontrado depois da Missa de joelhos diante de sua cama, com as mãos levantadas em adoração (56).

O segundo é Frei Estevão de Jesus, que professou em 1658 no Convento de Sto. Antonio e falleceu no dia 2 de Janeiro de 1687. Este Religioso era como que o precursor de Frei Fabiano de Christo, pois, além de alfaiate, serviu de dedicado enfermeiro durante longos annos. O povo tinha grande confiança nas suas orações e, ás vezes, o Guardião o mandava visitar doentes na cidade. Conta Frei Apollinario que uma vez elle predisse o restabelecimento de um cidadão já desenganado pelos medicos. No seu enterro foi preciso vestir o seu corpo de um segundo habito, porque os assistentes cortaram o primeiro em pedaços. Mesmo assim não pouparam o segundo e Frei Estevão foi á sepultura descoberto até aos joelhos (57).

Chamava-se Frei Christovão da Conceição o terceiro desses heróes de virtude, que professára no Convento da Victoria, em 1654. Muito familiarizado com os indios quando assistia nos Conventos do Sul, os confrades appellidavam-no com o nome de *Hjtira,* nome indio que significa nariz comprido, o que faz suppôr que elle o tivesse. Frei Christo-

56) Pequenos na terra e grandes no céu, I, pag. 562.
57) Item, pag. 559.

vão dormia pouco para rezar quasi toda a noite; alimentava-se uma só vez por dia e para tornar insipida a comida misturava-lhe agua. Todas as noites disciplinava-se com tanto rigor que deixava o chão salpicado de sangue. Morrendo em dias de 1704, os Religiosos disputavam entre si, como preciosas reliquias, os pobres objectos que deixou e que não eram outra coisa sinão as contas por que rezava, a disciplina, o cilicio, o dedal, as agulhas e alguns retalhos de burel para remendos (58).

58) Item, pag. 561.

CAPITULO IV

1700 a 1725

Serie dos Superiores; suas obras executadas no Convento — Os attritos com a Ordem Terceira — Santo Antonio recebe um rico bastão — Um Guardião benemerito — O presepe do Convento — O cemiterio dos escravos — As invasões francezas — Uma rua no meio da lagoa de Sto. Antonio — Novas desintelligencias com a Ordem Terceira — Desordens entre os Religiosos — Um hospede de alta jerarchia — Novas desordens entre os Religiosos — Frei Fabiano de Christo.

Os primeiros decennios do seculo XVIII constituem uma época de grandes agitações na historia do Brasil.

Vinham de longe as rivalidades e ciumes entre os filhos do Brasil e de Portugal. Até certo ponto, a propria Metropole deu origem a essas dissidencias com a sua politica colonial, frequentemente injusta e oppressora. Quando, porém, chegavam a seus ouvidos as queixas, ora de uns, ora de outros, declarava que essas dissidencias não tinham razão de ser, pois que brasileiros e portuguezes eram todos subditos de uma nação e vassalos de um unico rei (1).

A Metropole argumentava com uma these indubitavelmente verdadeira, mas contra factos não valem argumentos. Por isso, os espiritos, longe de se acalmarem, azedavam-se cada vez mais. Que foram, no inicio do seculo, as guerras dos Emboabas em Minas (1708 e 1709) e dos Mascates em Pernambuco (1710 a 1714), sinão a explosão violenta do nativismo? (2).

As rivalidades obedeciam a diversas causas, sendo uma das principaes quererem os portuguezes manter predominio na administração do paiz. Dahi o clamor contra elles por

---

1) Rev. Inst. Hist. 1920, pag. 136.
2) Jonathas Serrano, "Hist. do Brasil", 1931, pag. 223 e seg.

parte dos brasileiros. Estes, por sua vez, oppunham resistencia onde podiam, o que motivava as queixas dos portuguezes. Os do Rio, por exemplo, endereçaram longa representação ao Rei, queixando-se de terem sido excluidos da eleição para Officiaes da Camara no dia 26 de Dezembro de 1706 (3). Dessas eleições feitas com a parcialidade do nativismo até os Franciscanos soffriam as consequencias, como adiante se verá.

Seria para admirar si estas rivalidades, ciumes e mesmo injustiças se manifestassem sómente na vida civil. Quem objectivamente encara aquella época e procura pôr-se a par, sem paixão e parcialidade, da influencia dos ecclesiasticos na vida publica, não estranha ver penetrarem essas dissenções tambem nas corporações religiosas e nos proprios Conventos, onde se manifestavam, ás vezes, de um modo pouco edificante.

O Convento de Sto. Antonio não fez excepção. Nelle o elemento brasileiro já não era pequeno e, cumpre dizê-lo a bem da verdade, contava no seu meio Religiosos de boa envergadura. Basta lembrar que os dois primeiros Provinciaes eram brasileiros, ambos cariocas, a quem foi confiada a difficil tarefa de encaminhar e consolidar a vida da novel Provincia.

Na concatenação dos factos occorridos no espaço da historia do Convento de Sto. Antonio, de que neste capitulo nos occupamos, temos, pois, de relatar coisas desagradaveis. São litigios dos Terceiros da Penitencia com os frades e são desuniões no proprio Convento. Tenhamos presente o que acima dissemos e não nos escandalizarão factos acontecidos há mais de duzentos annos (4).

1701 a 1704 A longa serie de Guardiães do Convento de Sto. Antonio durante o seculo XVIII principia com Frei Boaventura de Jesus, eleito no Capitulo Provincial de 22 de Janeiro de 1701 e confirmado na Congregação

3) Rev. Inst. Hist. 1919, pag. 84 — "Um passeio, etc.", pag. 221.

4) Os documentos contidos nos codices do Archivo Publico Nacional têm muita coisa sobre esses attritos. Citamo-los sómente quando trazem alguma particularidade que não encontramos no Tombo da Provincia.

Intermedia. Tinha elle anteriormente (1694 a 1697) occupado o cargo de Custodio da Mesa e, acabado o seu triennio de Guardião em 1704, succedeu a Frei Miguel de S. Francisco no Provincialado. Tratava-se, pois, de um padre prestimoso e conceituado. Infelizmente, já provecto em annos, apaixonou-se, em 1715, na luta dos partidos nacionalistas, de tal maneira que, collocando-se ao lado do chefe da opposição, Frei Marcos de S. Boaventura, residente no Convento de Macacú, acceitou deste a nomeação para Vigario Provincial. Permaneceu em sua attitude durante tres annos, sujeitou-se no Capitulo de 21 de Outubro de 1719 (5) depois de o P. Geral intervir com ordens severas, mas subtrahiu-se de novo á obediencia, vivendo fugitivo na fazenda do Camorim, onde falleceu em Dezembro de 1727, do que trataremos a seu tempo.

Os primeiros attritos com a Ordem Terceira

Não havia decorrido um anno depois da posse do dito Guardião, quando se manifestaram, pela primeira vez, as consequencias do partidarismo entre os Irmãos da Penitencia e se deram os primeiros attritos entre esta e o Convento.

Não pense o leitor que se tratava de nonadas. E' verdade que decennios depois o Governador Luiz Vahia Monteiro (chamado o Onça) taxava estas coisas de "intrigas de sacristia". Mas o seu alcance resalta si desde logo dizemos que tiveram de intervir, não sómente o Provincial com o seu Definitorio, o P. Geral e o proprio Papa, mas tambem os Procuradores da Corôa, os Governadores e o Rei de Portugal.

Não padece duvida que na Ordem Terceira, fundada em 1619, floresceu durante longos annos o espirito de sincera piedade christã e a observância da Regra. Estavam em vigor os "Estatutos Geraes", que prescreviam muitos exercicios de piedade em commum e Communhões mais frequentes do que ordenava a Regra. Tão numerosas eram as Com-

5) Tombo I, fls. 148 v. e seg.

munhões na Ordem do Rio, que se fazia mistér requisitar outros confessores, pois não bastava o Commissario. Tudo isto se infere dos documentos contidos no Tombo da Provincia.

E que os Superiores zelavam pela observancia da Regra, praxes e costumes provam-no os pontos estabelecidos pelo Definitorio da Provincia em 1686. Estatuem estes pontos, entre outras coisas, que os Terceiros, que moravam na distancia de quatro leguas, eram comtudo obrigados a assistir pelo menos quatro vezes no anno ás reuniões de segundo domingo do mez e que, no caso de impedimento, pedissem licença "para constar o seu cuidado" (6).

Em 1701, o Provincial Frei Miguel de S. Francisco fez pessoalmente a visita canonica na Ordem. Teve o Visitador de censurar a falta de assistencia ás reuniões, insubordinação ao Ministro, a falta de escripturação e muitas outras coisas que procurou remediar com 23 pontos a serem guardados inviolavelmente. De seu modo de proceder deu contas ao P. Geral em longa exposição, na qual fala de "pleitos e novidades com que (os Terceiros) cada dia nos inquietam" (7).

Não tardou tivessem os Superiores necessidade de medidas energicas. Em 1701 e 1703 esteve servindo de Ministro da Penitencia o Dr. Claudio Gurgel do Amaral. Apesar de grande bemfeitor do patrimonio de N. Sra. da Gloria do Outeiro, merecimento que de boa vontade lhe reconhecemos, o seu governo na Ordem Terceira foi desastroso. Pondo-se á frente de um grupo de exaltados, pretendeu nada menos do que subtrahir toda a Ordem á jurisdicção da Provincia. Depois de tres annos de constantes machinações, teve o merecido castigo. Por sentença do Definitorio Provincial de 13 de Fevereiro de 1704, foi condemnado, como "conspirador, calumniador publico e perturbador da paz", á priva-

6) Item, fls. 85.
7) Item, fls. 111 a 122.

ção do Officio e expulsão da Ordem, junto com o Secretario, Mestre de noviços e outros (8).

Necessita, pois, de rectificação o que se diz no "Resumo historico da V. Ordem Terceira", á pag. 14, affirmando-se ali que só em 1715 "irromperam os primeiros e serios abalos entre os Religiosos e a Ordem".

Cumpre notar ainda que da contradicta feita pelos Religiosos nesta questão perante o Vigario Geral se collige que na corporação ia desapparecendo cada vez mais a observancia dos Estatutos. Nas tardes dos dias de preceito para os Terceiros, os Irmãos não compareciam, de modo que o Commissario nem pessoal tinha para fazer as rezas, sendo preciso chamarem-se meninos. Tudo isto não admira, uma vez que os partidos desuniam os Irmãos.

Depois da intervenção do Provincial com seu Definitorio, parece que se passou um decennio em paz.

1704 a 1707

No Capitulo de 1º de Janeiro de 1704 foi eleito Guardião Frei Manuel de Sta. Ignez, sendo confirmado na Congregação Intermedia. Ao findar o triennio, foi distinguido com a nomeação para Vigario Geral da Provincia e nesta qualidade presidiu ao Capitulo de 16 de Abril de 1707.

Santo Antonio recebe um rico bastão

Teve este Guardião o prazer de ver a imagem de Sto. Antonio agraciada com um rico presente, offerecido por Sebastião Xavier da Veiga Cabral, Governador da Colonia do Sacramento. Attribuia este General á intercessão do Thaumaturgo o ter podido resistir durante mais de seis mezes ás forças superiores dos castelhanos. Tendo voltado para o Rio em 1705, quiz mostrar ao Santo a sua gratidão, offertando-lhe o seu precioso bastão de commando. O Con-

8) Item, fls. 130 e seg. Quem quizer saber do Dr. Claudio e da sua familia e de como elle acabou desastradamente ferido por bala, leia as "Antiqualhas" de Vieira Fazenda, na Rev. Inst. Hist., 1919, pag. 357.

vento guarda-o até hoje. Em outro capitulo havemos de nos occupar com elle de novo.

Do dito Guardião consta ainda que fez diversos melhoramentos no côro da igreja.

1707 a 1710

Rendendo a Frei Manuel, dirigiu os destinos do Convento de 1707 a 1710 o activo Guardião Frei Serafino de Sta. Rosa. No seu tempo, isto é, a 4 de Junho de 1708, occorreu o primeiro centenario da fundação do Convento. Terão os religiosos celebrado o fausto acontecimento? Não o sabemos. No archivo não encontramos vestigio.

Um Guardião benemerito

Frei Serafino era um benemerito. Além do muito que fez para a igreja, e que havemos de referir em capitulo especial, executou obras importantes no Convento. Abriu-se no claustro uma capella, chamada da Porciuncula, que tambem em o novo Convento se conservou e que é a mesma em que hoje se acham depositados os ossos de Frei Fabiano de Christo. Forrou-se a quadra do claustro defronte dessa capella e tambem todo o Convento por cima. Isso deixa a entender que até essa época, tanto no Convento como no claustro, só havia telha vã. Para a portaria, que Frei Serafino ornou de talha, mandou fazer dois paineis representando o triumpho dos martyres franciscanos de Gorcomia. Puzeram-se tambem azulejos na Via-sacra, isto é, em volta do claustro, e mais sete paineis grandes em diversos lugares. Que prazer si ainda hoje pudessemos admirar esses trabalhos em azulejos como o Convento da Bahia os possue até hoje. Tudo, porém, desappareceu com a construcção do novo Convento em 1750, sendo conservados apenas restos nos vãos de algumas janellas.

Em trabalhos de fóra, o mesmo Guardião construiu no morro outras sete senzallas para os escravos e começou uma nova ladeira, conduzindo-a em linha recta da parte existente para baixo. (Veja-se no capitulo II sobre a ladeira).

O presepe do Convento

Frei Serafino encommendou tambem em Portugal um presepe pelo preço de trezentos e tantos milréis. Este presepe, que era um dos mais afamados e visitados na cidade, armava-se, conforme diz Moreira de Azevedo (9), no fim da ladeira, diante do paredão encimado por tres frontões, existente até hoje.

Diz tambem o mesmo autor que foram os grandes mestres Valentim, Raymundo e Xavier das Conchas que posteriormente ornaram este presepe com seus trabalhos artisticos.

Infelizmente, o presepe teve a sorte de tantas outras coisas: não há mais vestigio delle. A julgar, porém, por outros do tempo colonial, que tivemos occasião de ver em antigas capellas, e pela descripção que Vieira Fazenda faz (10) do presepe do Barros na rua dos Ciganos (hoje da Constituição), o presepe de Sto. Antonio obedecia ao mesmo estilo: paizagem sobrecarregada de casinhas, ruas, praças, lagoinhas, cascatas, scenas da vida quotidiana, muito anachronismo e muita impropriedade. Era o gosto do tempo, não desapparecido em nossos dias. As figuras, entretanto, eram geralmente expressivas e bem feitas, de barro queimado.

Todas estas obras e as que foram executadas na igreja, o benemerito Guardião Frei Serafino só pôde realizá-las com o auxilio efficaz e generoso do Syndico Apostolico. Por isso, o Resumo do Tombo lembra o seu nome. Chamava-se Manuel Nascentes Pinto, fundador da igreja, hoje parochial, de Sta. Rita, onde se acha a sua sepultura na capella-mór (11).

O cemiterio dos escravos

Relatam as fontes ainda outro facto que se deu no tempo da administração de Frei Serafino. Na cidade havia grande falta de cemiterios para o enterramento dos escravos. Dahi resultavam muitas inconveniencias e verdadeiros escandalos, co-

9) "O Rio de Janeiro", etc., pag. 91.
10) Rev. Inst. Hist. 1923, pag. 252.
11) Resumo do Tombo, pag. 23.

mo se pode ler nas "Antiqualhas" de Vieira Fazenda e na correspondencia de Ayres Saldanha com a Metropole. Os Franciscanos do Convento de Sto. Antonio apiedavam-se dessas "peças" já inuteis aos seus donos, — assim eram considerados os cadaveres dos escravos — e davam-lhes enterro religioso em seu proprio terreno.

Durante decennios existia, por isso, um cemiterio no largo da Carioca, junto á primitiva ladeira do Convento. Com o crescimento da população e, portanto, tambem dos escravos, este cemiterio tornara-se insufficiente. Recorreram, então, os frades á Camara, pedindo licença para augmentar o dito cemiterio. A Camara annuiu, attendendo ao "fim para que os supplicantes pretendem a dita terra e caridade fraternal com que é publico se empregam todos no serviço do proximo". Os Religiosos receberam mais do que pediram, pois, em 14 de Novembro de 1709, a Camara lhes doou, "sem obrigação, fôro ou pensão alguma"; 18 braças de chão de testada contiguas ao cemiterio existente, com os fundos até á capella dos Terceiros (12). Os Franciscanos ficaram desse modo em condições de poder continuar por mais alguns decennios a sua caridade, reconhecida, em instrumento publico, pela Camara da cidade.

Este terreno concedido pela Camara foi doado em 1741 á Penitencia (13), que ahi construiu o seu antigo hospital.

1710 a 1713

Acabado o triennio, Frei Serafino de Sta. Rosa recolheu os votos para Provincial, passando o cargo de Guardião a Frei Antonio da Piedade Monção, o infatigavel e benemerito missionario entre os indios Guarulhos nos Campos dos Goytacazes (14). Serviu tambem no cargo de Definidor (1713 a 1716), foi pela segunda vez Guardião do Convento de Sto. Antonio de 1719 a 1723 e presidiu o Capitulo Provincial de 13 de Abril de 1723, na qualidade de Visitador Geral.

---

12) Rev. Inst. Hist. 1920, pag. 334, com a transcripção do respectivo documento do Archivo Publico.

13) Documento avulso do archivo do Conv.

14) "Os Franciscanos nos Campos dos Goytacazes", pag. 6.

Não consta que Frei Monção fizesse obras no Convento. O tempo turbulento e cheio de apprehensões não convidava a tal. E' porque se deram as duas invasões francezas, de que a historia não pode tratar sem se referir ao Convento de Sto. Antonio.

As invasões dos francezes

A primeira invasão franceza, em 19 de Setembro de 1710, foi victoriosamente rebatida. Na defesa da cidade tomaram parte tambem alguns clerigos, entre os quaes se destacaram por sua bravura dois frades do nosso Convento (15). Em capitulo especial noticiaremos como Sto. Antonio presidiu ao combate na qualidade de General, o que lhe valeu a Patente de Capitão de Infantaria.

A invasão de 1711, como é sabido, foi uma calamidade para a cidade, que contava uns doze mil habitantes, e terminou por um escandaloso saque. Durante o terrivel bombardeio, em noite tempestuosa de 12 para 13 de Setembro, o Convento transformou-se em refugio de muita gente. Homens e mulheres, velhos e crianças misturavam-se com os frades. Imagine-se a situação: o troar dos canhões do lado de S. Bento, a cidade inundada por chuvas torrenciaes e no Convento essa mistura de gente!

Depois da rendição da cidade, o Convento foi invadido pela soldadesca. Vieira Fazenda escreve sobre o facto o seguinte:

"Antes do saque official alguns finorios se encarregaram de trabalhar por sua conta. Attribue (o relatorio de Du Plessis) este facto aos prisioneiros da expedição de Duclerc, que no momento do abandono da cidade arrombaram as prisões e se entregaram aos maiores latrocinios. O Convento de Sancto Antonio foi por elles visitado e, quando chegaram lá os emissarios do almirante, já se havia roubado muito. Ainda assim, os Franciscanos entregaram grandes valores, que haviam enterrado, mas só o fizeram depois de ameaçados, com espingardas e pistolas aos peitos". (Em tempo de perigo, os

15) Rev. Inst. Hist. 1921, pag. 233.

moradores costumavam confiar seus valores á guarda dos Conventos).

Refere ainda o mesmo autor que os soldados, invadindo as cellas, destruiram os papeis encontrados. Por este motivo, Frei Miguel de S. Francisco (diversas vezes Provincial) teve necessidade de elaborar de novo a sua contribuição para o celebre livro "Santuario Mariano", publicado em Portugal por Frei Agostinho de Sta. Maria, em 1713. O trabalho de Frei Miguel occupa grande parte do decimo volume do citado livro, que ainda hoje é muitas vezes citado com relação aos Santuarios de N. Sra. no Brasil (16).

Do primeiro livro do Tombo da Provincia (17), que dá uma relação succinta de ambas as invasões, consta que o General Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, vindo de Minas com o exercito de soccorro e havendo-se retirado já os francezes aos navios, hospedou-se um dia e uma noite em Sto. Antonio, até de novo fluctuar nas fortalezas a bandeira de Portugal.

Uma rua no meio da lagoa de Sto. Antonio

No anno de 1712, o mencionado Guardião Frei Antonio da Piedade Monção executou uma obra que pode ser considerada como o principio da posterior total modificação topographica da parte da cidade que fica ao pé do morro de Sto. Antonio.

Ainda existia, em sua primitiva extensão, a lagoa chamada de Sto. Antonio. No dito anno, o Convento recebeu autorização do Senado da Camara para, por meio de aterro, abrir uma rua que ia dividir a lagoa em duas partes. Hoje não é mais possivel determinar precisamente a direcção que tomava esta rua, mas, salvo melhor juizo, parece-nos que andava atravessando a actual rua 13 de Maio em demanda das abas do morro do Castello (18).

16) Item, pags. 188 e 238.
17) Tombo I, fls. 141 v.
18) Mello Moraes Filho, "Archivo do Districto Federal", 1896, pag. 11.

1713 a 1716 No Capitulo de 25 de Março de 1713, foi investido no cargo de Guardião o Ex-Definidor Frei Boaventura de Sta. Catharina, sendo confirmado na Congregação Intermedia. Era tambem este Religioso um dos mais prestantes da Provincia, pois, acabado o seu triennio, os capitulares elegeram-no Provincial. Não pôde, porém, administrar em paz a Provincia, pelos disturbios que irromperam entre os Religiosos uns mezes antes de iniciar o seu periodo de governo, isto é, no fim de seu guardianato. Teve, comtudo, a satisfação de ver declarado legitimo o Capitulo que o elegera Provincial (19).

Frei Boaventura de Sta. Catharina apresenta-se de novo no scenario da historia em 1742, anno em que presidiu o Capitulo na qualidade de Visitador Geral. Falleceu adiantado em annos (20).

1716 a 1719 Durante o triennio da perturbação da paz interna (25-3-1716 a 21-10-1719), esteve á testa do Convento Frei Lucas de S. Francisco. Que se tratava de um sacerdote distincto, provam-no duas coisas. Em 1738 mereceu a confiança do Reformador D. Frei Antonio Guadalupe, para occupar o lugar do Provincial deposto, Frei José de Jesus Maria. Como Guardião, apesar da situação anormal, realizou grandes obras na igreja, e no Convento emprehendeu a construcção de um corredor novo com quatorze cellas, para alojar o grande numero de frades que, segundo affirma Frei Apollinario da Conceição no seu Epitome, chegava ás vezes a 120 ou 130. Trata-se de um corredor, ou dormitorio, como naquelles tempos se dizia, nos fundos da igreja, deitando para a rua do Piolho (hoje da Carioca). Em 1733 esta dependencia foi offerecida aos esmoleres da Terra Santa, e, porque nesse anno ainda não estava acabada, concedeu-se-lhes licença para fazerem as obras necessarias. Os

19) Tombo I, fls. 148 v. e seg.
20) Elencho, pag. 66.

esmoleres não acceitaram e por isso cremos que a iniciativa de Frei Lucas não foi levada ao fim. Poucos annos depois, resolveu-se a reconstrucção de todo o Convento (21).

Novas desintelligencias com a Ordem Terceira

Durante a gerencia do supradito Guardião tornaram á baila as desintelligencias com a Ordem Terceira, tendo ella por Ministro o rico capitalista Francisco de Seixas da Fonseca, e desta feita levaram a um verdadeiro schisma. Mas, como não estamos escrevendo a historia da Ordem Terceira, limitamo-nos a referir sómente as diversas phases no longo curso que tomou o lamentavel incidente. Seja dito, porém, desde já, que se enganou Vieira Fazenda (22) attribuindo a divisão a "intrigas e exigencias criadas pelos frades". Insultos, demonstrações hostis, calumnias, propaganda contra os Religiosos na cidade, recusa da obediencia, expulsão do Commissario, recepções illegaes e invalidas por sacerdotes de fóra, remoção das alfaias, etc., etc., não eram nem intrigas, nem exigencias dos frades, mas insolencias de filhos discolos e rebeldes.

Não havendo esperança de o Ministro voltar á obediencia dos seus legitimos Superiores, destituiram-no estes de seu officio. Seixas, então, com os seus sequazes, planejou a completa separação dos Irmãos que se collocavam ao lado dos frades.

Em sua petição de 20 de Junho de 1718, requereu ao Rei licença para construir novo templo e um hospital á antiga rua do Rosario, canto dos Ourives, obrigando-se a sustentar ahi dois Religiosos sacerdotes e um leigo. Entre as razões allegadas dizia que o morro de Sto. Antonio era incapaz de alicerces, que ficava situado fóra da cidade, que era muito humido e de subida incommoda. Os peticionarios tiveram o cuidado de calar os verdadeiros motivos. Quanto aos allegados, só tinha fundamento o ultimo, mas convém notar que a esse tempo a subida era muito suavizada pela nova ladeira.

Permitta-nos o leitor uma ligeira digressão, motivada

21) Res. do Tombo, pag. 27.
22) Rev. Inst. Hist. 1924, pag. 63.

pela segunda razão adduzida pelos peticionarios. Diziam a verdade, affirmando que o morro de Sto. Antonio ficava fóra da cidade, mas, si ao seu requerimento tivessem ajuntado uma planta, a Metropole, provavelmente, teria sido de outra opinião. Esclareçamo-nos. Depois da invasão franceza de 1711, o Governador Francisco Xavier de Tavora resolveu defender a cidade pelo lado do "sertão" (casa arrombada, trancas á porta) e de Lisboa veiu o engenheiro francez, brigadeiro João Massé, para o auxiliar. Principiou-se a construcção de um muro, que, partindo do morro da Conceição, passava por detrás da igreja do Rosario em busca do morro de Sto. Antonio. Mas, pouco antes de alcançá-lo, tomava a direcção da igreja do Parto e ia terminar no morro do Castello. Tinha este muro nove angulos avançados, de distancia em distancia contrafortes e, quasi ao meio, a porta principal com um revelim. Em 1718 tinha este muro a altura de oito e em alguns lugares de dez palmos. Disso nunca passou, porque a obra foi abandonada por inutil á defesa da cidade e aos poucos desappareceu pelos aterros e demolições. Foi, comtudo, este muro um trambolho que impediu o desenvolvimento da cidade durante vinte annos (23).

Os Terceiros dissidentes apegaram-se, pois, ao facto de o muro correr a dois passos de distancia, para dizerem que Sto. Antonio ficava fóra da cidade. Outras muitas edificações existiam a muito maior distancia, tanto no campo de S. Domingos como para o lado da Gloria. Até o primeiro chafariz da Carioca ficava mais longe do que Sto. Antonio, pois estava situado no campo da Ajuda, e dali ia todo o mundo retirar a agua potavel.

O requerimento dos Terceiros dissidentes, depois de a Camara dar opinião favoravel, foi deferido pelo Conselho Ultramarino por resolução de 12 de Janeiro de 1720 e alvará de 12 de Março do mesmo anno, e em seguida deu-se começo á construcção (24). Que a Camara apoiasse as pretensões de Seixas não admira, pois era de uma só parcialidade e alguns

23) Item, 1919, pag. 433.
24) Resumo hist. da V. Ordem Terceira, pag. 15 e seg.

annos depois collocaram-se tambem ao lado dos frades insubmissos. Na informação do Procurador da Corôa, outrosim favoravel aos dissidentes, encontramos o seguinte topico: "não lhe parecia bem, quanto aos frades, que assistissem no hospital, porque, si ninguem pode com elles dentro do Convento (logo em seguida diremos sobre este ponto), que seria estando fóra, desfradados, regalando-se sem côro, nem disciplinas; continuando a permanecer no Convento, poderiam ir confessar ao hospital; mas, quando isso se não désse, deviam ser tomados por escolha dos Terceiros, em tal forma que os poderão lançar fóra, quando lhes parecer, sem ser necessario allegar a causa, porque, si assim não fôr, há de haver muita desordem e lhes há o Provincial mandar quaesquer Religiosos contra a vontade dos Terceiros" (25).

Vê-se quão pouca comprehensão tinha esse Procurador da inteira dependencia dos Terceiros da Ordem Primeira. O Governador Ayres Saldanha era de outra opinião, pois escreveu á Metropole, em 30 de Setembro de 1721, que era "menos justo conceder-lhes terem um Commissario que possam excluir com ou sem razão" (26).

Em Setembro de 1720, negando-se Seixas a dar por escripto razão ao Visitador Geral do que tinha sido tratado na Mesa, o mesmo Seixas aggravou para o Procurador da Côroa. O seu aggravo, porém, foi rejeitado (27).

Em Janeiro do anno de 1721, o Geral da Ordem franciscana officiou ao Provincial no sentido de ser nomeada nova Mesa, até se decidir a causa. No mesmo anno (14 de Março), mais bem informado sobre as pretensões de Seixas pelo Procurador da Provincia Frei Fernando de Sto. Antonio (posteriormente Provincial), o Rei D. João V, em Provisão ao Governador, mandou suspender a execução do alvará de 1720 (28). Nesse interim, Ayres Saldanha achava, em sua representação á Metropole, que, para se conseguir a paz, deviam

25) Rev. Inst. Hist. 1920, pag. 137.
26) Publicações do Archivo Publico Nacional, vol. X, pag. 133.
27) Tombo I, fls. 162 v. a 171 v.
28) Item, fls. 172 v.

ser excluidos da Ordem os cabeças e que se devia fazer nova eleição (29).

Passaram-se dois annos, durante os quaes os Terceiros dissidentes, não se sabe em virtude de que autorização, pois a licença já estava retirada, concluiram o hospital que chamavam hospicio (dahi o posterior nome da rua) com a capella, realizando nella os actos costumados dos Terceiros.

Em 1723, o Capitulo Geral, celebrado em Roma no mez de Maio, no qual esteve presente Frei Fernando de Sto. Antonio, occupou-se com o caso, declarando não serem Terceiros os dissidentes e tão pouco os que pela Mesa separada haviam sido recebidos, e que, portanto, não gozavam as vantagens espirituaes da Ordem. A mesma decisão tomou o Papa Innocencio XIII em Breve de 13 de Janeiro de 1724, ordenando, além disso, que deixassem o hospicio (30). Com isto estava a questão decidida em favor dos Religiosos, perante as autoridades ecclesiasticas.

Tambem o Rei interveiu novamente no anno seguinte. Diz o Resumo da V. Ordem Terceira (pag. 18) que os dissidentes já haviam dispendido a quantia de cerca de vinte mil cruzados quando o Governador Ayres Saldanha recebeu a Provisão regia de 25 de Maio de 1725, na qual se lhe ordenava "que chamasse á sua presença Francisco de Seixas da Fonseca e mais Irmãos que serviam na Mesa separada e que estranhasse o seu procedimento, e que desistissem todos dos ajuntamentos que faziam na igreja nova ou em outra qualquer parte que não fosse a capella do convento, onde deveriam assistir prestando obediencia ao legitimo prelado". Ordenava tambem que, separadamente, fossem chamados o Provincial e o Commissario dos Terceiros e se lhes recommendasse muito "não se intrometterem nas temporalidades que pertencessem á Ordem" (31).

Depois dessas declarações e ordens das supremas autoridades religiosas e civis, os dissidentes submetteram-se. A 4 de Setembro de 1725 realizou-se no refeitorio do Convento

29) Publ. Arch. Publ. Nac. vol. X, pag. 133.
30) Tombo I, fls. 179 a 183 v.
31) Item, fls. 121.

o agape de reconciliação, estando presente o Sr. Bispo e o novo Governador Luiz Vahia Monteiro, e no dia 17 do mesmo mez e anno realizou-se a primeira eleição depois de feita a paz.

A 20 de Outubro de 1725, o Governador, dando execução á Provisão regia de 25 de Maio do mesmo anno, mandou entregar os bens do hospicio e se offereceu ao Provincial a dar remedio si encontrasse difficuldades. O Rei tornou a confirmar a ordem de entrega, em 20 de Setembro de 1726 (32).

O ex-Irmão Francisco de Seixas da Fonseca não esteve presente na reconciliação e não foi eleito para cargo algum. Luiz Vahia desterrou-o para Pernambuco, mas a Metropole não approvou este acto e permittiu que voltasse (33).

Seixas, porém, não socegou. Continuou a sua instigação á rebeldia por intermedio de seu filho, Religioso benedictino, residente em Lisboa. A isso deu cabo D. João V, intimando o Geral da Ordem (18 de Set. de 1727) a que fizesse o Religioso embarcar para o Brasil e que, si elle e o pae não cessassem de fomentar discordias, seriam desnaturalizados, isto é, desterrados (34).

Desordens entre os Religiosos

Tendo assim relatado, em resumo, o que foi o abalo soffrido pela harmonia que devia reinar entre o Convento e a Ordem da Penitencia, voltemos ao triennio do Guardião Frei Lucas de S. Francisco (1716 a 1719). E' porque não nos permitte o amor á verdade historica silenciar os disturbios que perturbaram a paz claustral na época que teve começo em 1715. Si bem que essas coisas desagradaveis affectassem a Provincia toda, foi, comtudo, o Convento de Sto. Antonio, na qualidade de cabeça da Provincia e casa capitular, que esteve mais em fóco.

As desordens tiveram a sua origem na profunda exacerbação de espirito que desde algum tempo existia entre os

32) Item, fls. 221 v. e segu.
33) Rev. Inst. Hist. 1924, pag. 64. — Lamego, "A Terra Goytacá", vol. I pag. 214, nota 77.
34) Tombo I, fls. 230.

Religiosos brasileiros e portuguezes, julgando-se os primeiros injustamente preteridos na distribuição dos cargos. A causa proxima foi a duplicidade de Carta-Patente para Visitador, uma pedida pelos legitimos Superiores, outra pela facção contraria, da qual era cabeça Frei Marcos de S. Boaventura e um dos mais influentes Frei Boaventura de Jesus. A este ultimo já nos referimos, quando tratámos de seu guardianato (1701 a 1704).

A Mesa definitorial não reconheceu a Patente expedida em favor de Frei Marcos, que fôra citado, mas que, em lugar de apresentar-se em Sto. Antonio, tinha-se recolhido ao Mosteiro de S. Bento.

O resultado foi celebrarem-se dois capitulos, um no Rio e outro em Macacú. Durante tres annos perdurou essa anormalidade e houve recurso á Corôa, por ambos os partidos. D. João V, porém, não quiz intervir na questão com a ajuda do braço secular, mas ordenou ao Ouvidor Geral do Rio de Janeiro deixasse os frades decidir como de direito e que se fizesse o proximo Capitulo em paz.

Effectivamente, no Capitulo de 1719, presidido pelo Reformador Frei José de Jesus Maria, a paz ficou restabelecida com a submissão dos dissidentes. Mas os padres principaes do partido contrario tinham sido distribuidos, antes do Capitulo, por diversos Conventos (35).

No mesmo Capitulo foi publicado o Breve da "Alternativa", em virtude do qual deviam revezar-se nos cargos brasileiros e portuguezes. Temos por certo que Frei Fernando de Sto. Antonio, Procurador da Provincia em Lisboa e depois Provincial, estava animado da melhor boa vontade ao alcançar esse Breve, que teve a confirmação regia. Mas facto é que foi uma das causas da decadencia da corporação, como havemos de vêr nos capitulos posteriores, e os brasileiros desde o principio reclamaram contra elle (36).

---

35) Item, fls. 148 v. e segu., 158 v. — Resumo do Tombo, pag. 25. — Publicações do Archivo Publico Nacional, vol. X, pag. 74 e 112.

36) Item, ibidem.

Durante todo o triennio de perturbação o Convento de Sto. Antonio permaneceu ao lado dos legitimos Superiores, mas é facil de imaginar o mal estar de animo de seus habitantes.

1719 a 1723

No periodo de governo do Guardião Frei Antonio da Piedade Monção, que pela segunda vez presidiu ao Convento de Sto. Antonio e foi confirmado na Congregação, exercendo o cargo até 1723, conservou-se, pelo menos apparentemente, a paz feita no Capitulo. Estava na lembrança de todos a carta do Rei, que não sómente mostrara o seu desprazer pelas desordens havidas, mas tambem ameaçara com medidas energicas caso não se accommodassem. Tendo depois noticia de que tudo se fez em boa harmonia com a submissão dos dissidentes, D. João não guardou ressentimento. Tanto assim que no anno immediato ao Capitulo, em 16 de Outubro de 1720, mandou passar pelo Ouvidor Geral do Rio uma Provisão concedendo uma graça. Ordenou que, á vista da pobreza dos Religiosos, nenhum barqueiro ou canoeiro, sob pena de cadeia e restituição, cobrasse alguma coisa aos frades e seus companheiros pelas passagens no mar ou rios em suas viagens do Rio ao Espirito Santo e vice-versa (37).

Um hospede de alta jerarchia

Em 1722 o Convento de Sto. Antonio teve a honra de hospedar durante algum tempo um alto personagem. Trata-se de Monsenhor Carlos Ambrosio Mezzobarba, Patriarcha de Alexandria. Sua Excia. chegou no dia 15 de Maio, vindo da China, onde, por commissão do Papa, desempenhou, junto do Imperador do Celeste Imperio, a espinhosa incumbencia de saber em que condições estava disposta a abraçar a religião catholica. O Patriarcha trouxe ricos presentes para o Papa e o Rei de Portugal, que, entretanto, se perderam no incendio que lavrou a bordo no dia 16 de Junho (38).

---

37) Tombo I, fls. 172 v.

38) Rev. Inst. Hist. 1924, pag. 321. — Publicações do Archivo Publico Nacional, vol. X, pag. 162 e segu.

O Patriarcha, preferindo sobre outras a hospedagem no nosso Convento, edificou a todos por seu exemplo de simplicidade e lhaneza. E' Frei Appolinario da Conceição que nôlo diz no seu Epitome manuscripto (39). "Nelle (no Convento) no anno de 1722 fez assistencia Monsenhor Carlos Ambrosio, Patriarcha de Alexandria, que, vindo do Imperio da China, aportou nésta terra, na qual foi cumprimentado de seu Governador e da Camara e mais Religiosos. De nenhum Convento quiz fazer domesticos senão do nosso, onde religiosamente comia com os Religiosos, levando muito mal que o tratassem com mais alguma particularidade".

1723 a 1726

O successor de Frei Monção no guardianato do Rio foi Frei José de S. Boaventura, eleito no Capitulo Provincial de 13 de Abril de 1723 e reeleito na Congregação Intermedia. Terminado o triennio em 1726, entrou para o Conselho do Provincial como Definidor. As chronicas recordam este padre como excellente orador sacro (40).

Novas discordias entre os Religiosos

O governo de Frei José de S. Boaventura foi todo perturbado por novas dissenções entre os Religiosos, que se manifestaram por occasião do Capitulo. Receava-se esta segunda explosão do partidarismo na Metropole. Por isso, já antes da celebração do Capitulo, o Governador Ayres Saldanha recebeu ordens para prestar ao Visitador o auxilio do braço secular. Saldanha, porém, respondia ter pouca esperança, porque "os frades desta religião estão tão relaxados" (quer dizer exaltados) que o unico remedio seria chamar o Rei para o reino 50 ou mesmo 100 frades, substituindo-os por outros. Este alvitre, porém, não teve execução.

Os chefes do partido do Brasil e seus sequazes não quizeram tomar parte no dito Capitulo de 13 de Abril, mas, reunindo-se no Convento do Bom Jesus da Ilha, elegeram um

39) Conservado na Bibl. Nac.
40) Elencho, pag. 49.

Provincial e proveram os Conventos de Superiores. Para estes tomarem posse, vinham da Ilha á cidade, alliciando ao seu partido os seculares e com tanto exito o fizeram, que os proprios Officiaes da Camara se apaixonaram, collocando-se ao seu lado. O Convento de Sto. Antonio (como tambem os outros Conventos) era uma especie de fortaleza, sitiada por seculares e Religiosos, armados a modo de soldados, como si pelejassem contra um inimigo. Lemos no livro do Tombo que nessas investidas se fizeram prisões e houve feridos e mortos. A tanto chegou a não contida paixão partidaria.

Tambem dentro dos muros do Convento de Sto. Antonio, remanso de paz que devia ser, reinava a discordia e insubmissão ao legitimo Superior. Não admira, si o proprio Definitorio estava scindido.

Ayres Saldanha quiz intervir e ordenou a prisão dos frades rebeldes. Mas, por inadvertencia do Official incumbido dessa diligencia, conseguiram fugir para o Convento do Carmo, onde foram recebidos. Dahi o Governador não os quiz tirar, por falta de ordens.

Tendo as noticias de tão lamentaveis acontecimentos chegado a Roma, o Revmo. P. Geral e o Papa decidiram a questão, declarando legitimo o Capitulo celebrado em Sto. Antonio, exigindo de todos inteira submissão.

Interveiu tambem o Rei. Foram reprehendidos os Officiaes da Camara, por fomentarem as discordias em nome do povo, em lugar de manter a paz, e ordenou-se ao Governador prestasse o seu auxilio aos legitimos Superiores reconhecidos pela Sta. Sé.

Mas — diz o Tombo — o que não conseguiu a autoridade, conseguiu-o o tempo. Pouco a pouco os da opposição cahiram em si. Um depois do outro vieram submetter-se, remanescendo na insubmissão apenas dois, Frei Boaventura de Jesus e Frei João da Trindade, que viveram alguns annos refugiados na fazenda do Camorim (perto de Guaratiba), pertencente aos Benedictinos. O primeiro ahi morreu em Dezembro de 1727 e foi enterrado no morro de Sto. Antonio. Mas, como depois constasse que antes de morrer tinha escripto duas cartas pedindo perdão, os ossos foram inhumados em sagrado e fi-

zeram-se as exequias. O outro, Frei João da Trindade, foi preso.

Não nos detemos em outras particularidades, por pertencerem á historia geral da Provincia. O que só queriamos era lembrar uma época triste por que passou o Convento de Sto. Antonio (41).

Accrescentamos apenas que em Dezembro de 1725 chegou um Visitador europeu, Frei Valerio do Sacramento, trazendo ordens e poderes especiaes. Não consta, porém, o que fez para o apaziguamento da Provincia (42). Em 1738, a Sta. Sé mandou um severo Reformador na pessoa do Bispo franciscano D. Frei Antonio de Guadalupe, Diocesano do Rio de Janeiro, que preparou para a Provincia o tempo aureo.

Acima foi dito que durante as lamentaveis occurrencias até os seculares se apaixonaram, tomando os dores do partido do Brasil. E não eram só estes. Para completar as noticias, não podemos deixar de nos referir aos monges de S. Bento, para o leitor vêr como os espiritos andavam exaltados.

Segundo Vieira Fazenda, intervieram os Benedictinos nas questões, tanto entre os frades e os Terceiros da Penitencia, como entre os Religiosos das duas parcialidades, e, ao que parece, collocaram-se ao lado dos dissidentes e desobedientes, augmentando a confusão.

Vejamos o que conseguimos apurar a esse respeito.

Eram Abbades de S. Bento Frei Pascoal de Sto. Estevão e seu successor Frei Matheus Pinna, natural do Rio de Janeiro. Prendiam-nos laços de amizade com Francisco Seixas da Fonseca, ministro separatista da Penitencia, cujo filho era benedictino. Este, como já foi dito, achando-se em Portugal, serviu ao pae de instrumento para fomentar a rebeldia e teve por isso ordens para embarcar para o Brasil.

A' vista disso, tem visos de verdade a accusação que aos Abbades fez o Governador Luiz Vahia Monteiro, incrimi-

41) Tombo I, fls. 177 v. e 193 a 194 v. — Resumo do Tombo, pag. 27. — Publicações do Archivo Publico Nacional, pag. 210 a 212.
42) Resumo do Tombo, pag. 28.

nando-os de se unirem a Seixas e á parte dissidente dos Terceiros chefiados por elle.

Tão pouco parece terem sido indifferentes os Abbades aos litigios dos Religiosos de Sto. Antonio entre si. Já dissemos que dois frades estiveram alguns annos refugiados na fazenda de Camorim, pertencente aos Benedictinos, e diz Vieira Fazenda que foi com consentimento dos Abbades. Sabendo disso o Governador, intimou Frei Matheus Pinna a entregar os fugitivos ao legitimo Superior. Mas o Abbade fingiu ignorar o facto e não acceitou a intimação. Vahia Monteiro então, que não morria de amor pelos Benedictinos por causa de outras questões, desterrou em Fevereiro de 1727 ambos os Abbades para a distancia de 80 legoas do Rio de Janeiro.

De seu exilio Frei Matheus dirigiu uma representação ao Rei, pedindo-lhe fosse relevada tão grave pena, como foi restituido tambem Seixas, "que era uma das partes interessadas na causa dos Terceiros" (nada mais?). Diz ainda que o motivo de seu exterminio e de seu confrade foi o pretexto de patrocinarem uma das partes dos Terceiros e dos Franciscanos que viviam em discordias e que esta insinuação do Governador era uma calumnia contra a qual protestava. Não disse, porém, que em 1716 o Mosteiro acolhera o fomentador das discordias entre os Franciscanos, Frei Marcos de S. Boaventura; nem que elle e seu antecessor deram agazalho em sua fazenda aos dois Religiosos fugitivos, favorecendo a apostasia; nem tão pouco que se recusou a entregá-los. Tudo isto devia ter dito. Calou-se, porque eram coisas passadas, mas que tinham provocado o acto de Vahia. Depois, quando fez a representação, dos dois frades na fazenda um já estava morto e o outro preso.

Os Abbades foram perdoados e restituidos ao Mosteiro (43).

---

43) Rev. Inst. Hist. 1920, pag. 136 e segu. — Lamego, "A Terra Goytacá", vol. I pag. 214, nota 77. Com o Governador Luiz Vahia Monteiro não se brincava e elle não dava confiança a quem quer que fosse. Governou com violencia e violenta era a sua correspondencia com a Metropole. As queixas que delle se faziam attribuia-as aos Benedictinos conluiados com "os capuchos (Franciscanos) rebeldes e seus parciaes, os Terceiros" e a outros. Comtudo, não quiz mal ao Convento de Sto. Antonio. Collocou-se

Cubramos agora com o véu da caridade tantas coisas desagradaveis, ainda mais porque sobre ellas já se passaram mais de 200 annos. Tratemos, encerrando o capitulo, de assumpto mais agradavel.

Frei Fabiano de Christo

"No painel historico de uma Instituição, assim como de uma época qualquer, nem tudo pode ser luz, há de haver sombras, que o escriptor fiel não deixará de esboçar, para que do contraste mais se realcem as phases luminosas, e mais em relevo se destaquem os vultos que gentilmente batalharam em prol da boa causa" (44).

Sombras eram as perturbações a que acabamos de nos referir; luz, porém, a vida desses Religiosos que na mesma época illustraram o Convento com o brilho de seu fervor no serviço de Deus ou de suas excelsas virtudes. Entre os primeiros destacamos a Frei Antonio da Piedade Monção, que durante um decennio trabalhou com abundantes frutos entre os indios nos Campos dos Goytacazes e depois foi diversas vezes Guardião em Sto. Antonio, Definidor e Presidente do Capitulo.

Entre os outros sobresae essa joia que o Convento teve a felicidade de possuir durante todo o tempo das lamentaveis occurrencias, pois só morreu em 17 de Outubro de 1747. E' Frei Fabiano de Christo. Humilde, como era humilde o seu estado de Irmão leigo, passou elle a sua vida como enfermeiro do Convento durante o longo espaço de 38 annos. Si era venerado pelos seus confrades, por suas virtudes singulares, não menos veneração lhe tinham os moradores da cidade. Ricos e pobres vinham ao Convento pedir ao simples leigo intervenção perante Deus nas suas enfermidades, e as orações de Frei Fabiano eram quasi sempre attendidas. Estas curas davam ao Irmão uma grande reputa-

---

francamente ao lado dos legitimos Superiores e favoreceu a catechese dos Franciscanos entre os indios Guarulhos, concedendo-lhes mais uma sesmaria. Morreu louco, de 2 para 3 de Outubro de 1733, e foi enterrado em nosso Convento. (A" Terra Coytacá", vol. I, pag. 208, nota 72).

44) P. Joaquim Silverio de Souza, "Sitios e Personagens", 1930, pag. 351.

ção de santidade. No livro do Tombo (45) acham-se exarados os attestados do Governador Gomes Freire e do Bispo D. Desterro sobre o que de extraordinario se notava no corpo de Frei Fabiano depois da morte e mais 28 depoimentos de moradores da cidade, referindo curas obtidas por sua intercessão.

Frei Fabiano de Christo, cuja morte chamou ao Convento grande multidão de povo que disputava reliquias de seu habito, o que obrigou os Religiosos a vestir seu corpo diversas vezes, foi enterrado com a assistencia do Bispo, Governador e outras pessoas consideradas da cidade, na segunda sepultura a contar da Capella do Crucificado ou do Bom Fim, na quadra dos Religiosos. Ali, na parede, se acha ainda hoje uma pedra com os dizeres seguintes: Sepultura do Servo de Deus Frei Fabiano de Christo, anno 1747.

Trinta annos depois os ossos foram exhumados, collocados numa caixa de chumbo, e em seguida depositados na parede do corredor que de sua cella conduzia á enfermaria. A sepultura ficou perpetuamente impedida. O lugar na parede do corredor foi assignalado por uma pequena chapa de bronze com o seguinte distico em latim:

Ut quondam aegris quaerebas, Fabiane, salutem,
Nunc etiam votis auxiliare tuis.

Tu, Fabiano, que outrora procuravas a saude dos enfermos,
Presta tambem agora auxilio com a tua intercessão.

45) Tombo II, fls. 84 v. e segu.

Frei Apollinario da Conceição dedicou a Frei Fabiano muitas paginas nos seus livros "Ecco sonoro" e "Pequenos na terra e grandes no céu", e desde alguns annos existe uma excellente biographia, baseada nestas fontes, da lavra de Frei João José P. de Castro, O. F. M. Por este motivo limitamo-nos a accrescentar apenas que a veneração deste servo de Deus perdura até hoje e cresce cada vez mais. E' raro o dia em que não chegue ao Convento uma communicação de graças obtidas, como é rara a hora do dia em que não se encontrem devotos diante da urna que encerra os seus ossos. (Vide estampa nº. 20).

Como documento historico passamos a transcrever, em primeira reproducção, a noticia do fallecimento de Frei Fabiano como foi dada pelo jornal "A Gazeta de Lisboa", de terça-feira, 11 de Junho de 1748. Foi um achado precioso e devemo-lo ao activo Director da Bibliotheca Nacional, Dr. Rodolpho Garcia, que teve a gentileza de communicá-lo ao Convento.

Na Cidade de S. Sebastiam do Rio de Janeiro, faleceu a 17 de mez de Outubro do anno passado, no Convento de Santo Antonio dos Capuchos, em idade de 71 annos, e 43 de Religiam, o Irmam Fr. Fabiano de Christo, Religioso Leigo, natural do lugar de Soengas no Arcebispado de Braga, Varam ainda antes de Religioso de vida exemplar, e na Religiam verdadeiro filho de S. Francisco. Entre as mais virtudes, de que foi dotádo, se distinguiam mais a da castidade, a da paciencia, com que padeceu os seus continuos achaques, e a da caridade, com que assistiu 38 annos na enfermaria do Convento. Despediu-se o seu espirito placidamente do corpo, que ficando trinta horas insepulto, esteve sempre flexivel em todos os seus membros; mostrando a vista clara, quando lhe abriam os olhos, lançando sangue vivo pela sizura da sangria, que lhe fizeram muitas horas depois do seu transito, por uma chaga, que tinha em uma perna, e pelas picadas do cilicio, que tirou da cintura dous dias antes do seu falecimento. Foi infinito o numero da gente, que concorreu ao Convento para o vêr. O Excelent., e Reverendis. Bispo daquella Cidade, e o General

Gomes Freire de Andrade, o viram, e cada hum separadamente fizéram examinar por Médicos peritos o seu cadáver, e sempre julgáram por sobrenaturaes essas circunstancias. A devoçam do pôvo foi tanta, que aclamando-o por santo, e querendo conservar reliquias suas, lhe cortáram tres habitos, e varios cordões. Ensopáram lenços no seu sangue, tocaram contas no seu corpo, e se publicáram depois varias mercês de Deos, concedidas pela invocaçam do seu nome. Foi sepultado na noite do dia 19 com as pórtas da Igreja, e do Convento fechadas, para se evitar a confusam, que ocasionava o concurso.

CAPITULO V

1725 a 1750

Serie de Superiores; suas obras executadas no Convento — Mais attritos com a Ordem Terceira — Intimação da Camara — Um incendio no Mosteiro de S. Bento — O hospicio da Terra Santa — D. Frei Antonio Guadalupe, Reformador Apostolico — Um Ex-Provincial encarcerado — Providencias do Visitador — A "Lei escolastica" do Reformador — Frei Antonio do Extremo — O carcere do Convento — A cessão de um grande terreno á Penitencia — Annel de agua da Carioca para o Convento — Descripção do antigo Convento — Milagre de Sto. Antonio

No Capitulo Provincial celebrado aos 11 de Maio de 1726, presidido pelo Visitador Frei Valerio do Sacramento, que com faculdades especiaes havia vindo de Portugal, pôz-se termo ás dissensões entre os frades, noticiadas no precedente capitulo.

Felizmente, não nos temos de occupar com coisas tão desagradaveis neste capitulo. A não ser mais um attrito com os Terceiros da Penitencia, a época de 1725 a 1750 foi de reconstrucção, e, si, durante os dois annos em que o Reformador Frei Antonio de Guadalupe exerceu a sua missão, o Convento teve dias de susto e soffreu humilhações, era isso uma especie de tempestade presagiando bonança. Effectivamente, cessando a acção do Reformador em 1740, o Convento de Sto. Antonio e toda a Provincia entraram em tempo aureo, que só terminou ao rarearem as vocações, nos ultimos decennios do seculo XVIII.

1726 a 1732 As circumstancias por occasião do Capitulo de 1726 exigiam se désse ao Convento de Sto. Antonio, o principal de toda a Provincia, um bom Guardião. A escolha recahiu em Frei Luiz de Sta. Rosa. Era brasileiro, mas portuguez o Provincial, o intelligente Frei Fernando de Sto. Antonio, que havia alcançado da Santa Sé

o Breve da "Alternativa". Ambos se entendiam bem e trabalharam de mutuo accordo para consolidar mais e mais a paz entre os Religiosos. Frei Luiz, entretanto, só governou dois annos e pouco, isto é, até á Congregação Intermedia de 2 de Agosto de 1728. Logo em seguida á Congregação, o Provincial foi á Europa votar no Capitulo Geral e, quando voltou e se celebrou pouco depois o Capitulo na Provincia, Frei Luiz de Sta. Rosa recolheu os votos para Provincial. Nesta qualidade continuou no seu trabalho em favor da paz, estabelecendo em Lisboa um procurador especial para o partido dos brasileiros, medida que o Rei tornou a inculcar quatro annos depois, por não ter sido observada (1).

Todavia, si esta resolução se explica perfeitamente pelas circumstancias e na occasião contribuia para o socego na Provincia, em nossa opinião, considerando o papel importante que os procuradores desempenhavam na Côrte, a medida parece menos acertada, porque distanciava ainda mais os Religiosos das duas filiações.

Na supradita Congregação Intermedia o guardianato foi entregue a Frei Pascoal da Encarnação até ao Capitulo de 23 de Fevereiro de 1732, isto é, durante quasi quatro annos, por causa da ausencia do Provincial.

Graças concedidas ao Convento

Foi no tempo do governo de Frei Pascoal que o Convento obteve do Rei D. João duas graças. A de 25 de Março de 1729 consistia em sua Majestade confirmar para os Conventos da Capitania do Rio de Janeiro o que anteriormente, isto é, antes da separação das Provincias, havia sido concedido para os da Bahia. Em virtude disso, os Religiosos não pagavam direitos na Alfandega pelas coisas importadas para seu proprio provimento e da igreja (2). A outra, de 15 de Dezembro do mesmo anno, concedia isenção de direitos e subsidios a 20 pipas de vinho para o gasto das communidades do Rio e de mais dois Conventos no reconcavo (3).

1) Tombo II fls. 16 e 26.
2) Item I, fls. 236.
3) Item, fls. 242 v.

Mais attritos com a Ordem Terceira

Foi ainda durante a gerencia de Frei Pascoal que surgiram outra vez attritos com a Ordem Terceira. Deu causa a isso uma grave affronta feita ao Commissario, no acto da visita canonica. Houve depoimento de testemunhas e um formal processo contra o Ministro José Pereira da Silva e outros.

Os Terceiros recorreram ao P. Geral, que, por Patente de 4 de Maio de 1731, lhes deu ganho de causa, declarando nullos todos os actos do Provincial com relação aos processados e prohibindo-lhe instaurar no futuro processos contra os Terceiros (4).

Confessamos sinceramente que nos surprehendeu este desfecho, á vista do que ficou provado nos depoimentos. Parece-nos que o Revmo. P. Geral quiz acabar de vez com essa mania que tinham os nossos antepassados de por qualquer coisa instaurarem um processo, mania que da mesma forma se notava entre os seculares.

Dissemos em outro lugar que não estavamos escrevendo a historia da V. O. T. da Penitencia. Por este motivo não nos occuparemos mais com ella, sinão algumas vezes ao tratar-se de questões de terreno. Passaremos, pois, em silencio as pendencias sobre a porta de sua igreja, o côro, os pulpitos, torre, catacumbas. Eram coisas da época. O litigio sobre as catacumbas teve honroso desfecho por uma bella carta, dirigida por Monte Alverne, em nome do Definitorio, á Mesa da Penitencia (5). Quanto aos sinos, houve um accordo, em virtude do qual os sinos do Convento servem tambem para as festividades da Ordem, que por sua vez pagará e metade dos concertos que se tornarem necessarios.

Todas estas coisas foram tratadas *in longum et latum*, e os respectivos documentos acham-se transcriptos no Tombo Geral da Provincia.

---

4) Item, fls. 246 e segu. — II, fls. 1 e segu.
5) Res. Hist. O. T. pag. 44.

Intimação da Camara

O mesmo Guardião de que nos estavamos occupando, Frei Pascoal da Encarnação, construiu, em 1731, um muro e para junto delle removeu o portão do carro, no caminho que dividia a lagoa de Sto. Antonio em duas partes, a que já nos referimos no capitulo anterior. Ora, aconteceu que nesse anno de 1731 houvesse abundantes chuvas e que a lagoa transbordasse por falta de escoamento das aguas represadas.

Foi o motivo por que, em 2 de Maio do mesmo anno, a Camara intimou o Guardião a demolir o muro e portão que "despoticamente" tinha feito e que tirasse o aterro. Respondeu Frei Pascoal que o caminho fôra feito com consentimento e arruamento da Camara em 1712, e era de publica utilidade; que não constava ter havido inundações nos annos anteriores e que, para evitá-las, bastava a Camara desobstruir o cano que dava escoamento ás aguas. Depois desta resposta, ficou tudo na mesma.

O Conde de Bobadella aterrou toda a lagoa de Sto. Antonio. Posteriormente, em 1807, tendo havido novo arruamento para dirimir o litigio com os herdeiros dos Mascarenhas, os Frades ganharam mais 23 palmos de terreno na rua 13 de Maio, antigamente da "Guarda Velha".

Em 1812, porém, uma grande area nas fraldas do morro, limitada em parte pelo supracitado muro, foi vendida, sendo Guardião Frei Joaquim de Sta. Leocadia (6).

1732 a 1735

O Capitulo de 23 de Fevereiro de 1732 elegeu Guardião a Frei Manuel da Assumpção até á proxima Congregação Intermedia, na qual foi nomeado outra vez o diversas vezes citado Frei Pascoal da Encarnação.

Frei Manuel era Ex-Definidor e tinha sido Secretario da Provincia durante a gestão de Frei Fernando de Sto. Antonio. Quando este foi votar no Capitulo Geral, Frei Manuel

6) Mello Moraes Filho, "Archivo do Districto Federal", 1896, pag. 11 e segu. — Vieira Fazenda na Rev. Inst. Hist. 1920, pag. 296 e segu., 1924, pag. 547.

fez as suas vezes na qualidade de Commissario Provincial. Ora, em attenção a estes serviços, o mesmo Capitulo que o elegeu Guardião agraciou-o com o titulo de Ex-Provincial (7).

Um incendio no Mosteiro de São Bento

Um mez, apenas, havia passado depois da posse de Frei Manuel, quando, na noite de 23 de Março, se declarou um pavoroso incendio no lanço da frente do mosteiro de S. Bento, como se pode ler nas "Memorias" de Balthasar Lisboa. Tendo começado em pequenas proporções numa cella, as chammas encontraram forte alimento no forro e madeiramento, de fórma que pelas duas horas da madrugada foi visto pelos moradores.

Extinguir incendios era caso serio naquelle tempo. Pois bem, entre os que acudiram a prestar soccorro achavam-se tambem os Religiosos do Convento de Sto. Antonio. Salvou-se a igreja e todo o lanço que deita para a Ilha das Cobras.

Os Franciscanos não se esqueceram de que a primeira pousada que teve seu Seraphico Patriarcha foi offerta dos Benedictinos. Quem sabe si os frades naquella noite não se lembraram disso, acudindo pressurosos para pagar o bem com o bem? (8).

O hospicio da Terra Santa

Vem a pello, porque as negociações tiveram lugar entre 1730 e 1735, tratar agora da fundação do Hospicio da Terra Santa ou de Jerusalém, como então se dizia.

E' privilegio dos Franciscanos, si bem que oneroso, tirar esmolas em todo o mundo para a sustentação dos Santos Lugares, santificados pela presença de N. Senhor. Desde tempos remotos havia esmoleres da Terra Santa tambem no Brasil. Ora, tendo o Rei conhecimento, pelo Procurador da Provincia, de que na Capitania do Rio de Janeiro os esmoleres de Jerusalém residiam em casas particulares, que chamavam hospicios, sem obediencia aos Provinciaes e Guar-

7) Tombo II, fls. 15 v. — Elencho, pag. 62.
8) Rev. Inst. Hist. 1920, pag. 93.

diães, ordenou, por sua Real Ordem de 20 de Fevereiro de 1730, que se recolhessem aos Conventos (9). Disso foi notificado o Vice-Commissario no Rio, Frei Manuel de Sto. Antonio, o qual se achava hospedado no palacio do sr. Bispo, residindo os seus donatos (leigos) na casa do Syndico da Terra Santa.

O Vice-Commissario requereu, então (1733), fosse admittido no Convento. O Definitorio accedeu, consignando o Provincial "para moradia dos Religiosos da Terra Santa o dormitorio novo, que cae para a rua do Piolho; e como se acha por acabar o supplicante o acabará á custa das esmolas da Casa (Terra?) Santa, e lhe damos licença para que possa accrescentar o que lhe fôr necessario, tanto no vão, que fica entre o dormitorio, e enfermaria, como para diante no mesmo correr do dormitorio". E' hoje muito difficil localizar as dependencias offerecidas aos esmoleres da Terra Santa, em virtude da total reconstrucção do Convento depois de 1750.

O Vice-Commissario, porém, não quiz effectivar a sua mudança sem que o Definitorio se compromettesse antes a acceitar nada menos de sete condições por elle estabelecidas. Os Superiores não as acceitaram, nem o podiam fazer, tão attentatorias eram á vida claustral. A' vista disso, o Vice-Commissario desistiu da hospedagem no Convento e pediu que lhe dessem licença para fazer casa de moradia onde lhe conviesse. Com isso concordaram os nossos Superiores, mas com a condição de que a casa não tivesse as "formalidades e larguezas de Convento".

Os esmoleres construiram em seguida uma casa no caminho d'Ajuda para N. Senhora do Desterro, hoje rua Evaristo da Veiga, e obrigaram-se a não fazer nem capella, nem igreja, e a ter como Vice-Commissario sempre um Irmão leigo, compromisso que o Rei ratificou em 18 de Junho de 1735. Antes, em Fevereiro do mesmo anno, tambem o P. Geral havia dado o seu consentimento para a dita casa, mas com a restricção de ser sómente para moradia e guarda

9) Tombo I, fls. 245 v.

dos generos que os esmoleres recebessem para serem convertidos em dinheiro e com a expressa declaração de não estarem isentos da obediencia ao Provincial e Guardião.

Apesar das restricções estabelecidas, conseguiram os esmoleres construir, depois de breve tempo, a sua capella de Sant'Anna e obter, em 12 de Abril de 1749, a licença do Bispo D. Desterro para nella se celebrar a S. Missa (10).

Os esmoleres da Terra Santa construiram, em 1888, grande capella e residencia em Petropolis e estão morando actualmente em Cascadura. A casa em Petropolis (não a capella) foi vendida e o hospicio na rua Evaristo da Veiga, numeros 69 e 71, transformado em casas de aluguel, vendo-se nellas ainda hoje, na platibanda, as armas da Terra Santa.

1735 a 1738 O Capitulo de 5 de Março de 1735 investiu no cargo de Guardião a Frei Antonio da Conceição Godinho, que na Congregação Intermedia de 1736 foi substituido por Frei Marcos de Jesus. Este, por sua vez, foi privado do officio em 1737 e em seu lugar entrou Frei Gonçalo do Nascimento (11).

Frei Marcos de Jesus foi promovido mais uma vez a Guardião em 1742. Outras particularidades não conseguimos apurar com relação a estes tres Religiosos e tão pouco há noticias, referentes a este triennio, que mereçam ser registadas.

1738 a 1742 Foi no Convento da Ilha do Bom Jesus que, excepcionalmente, se celebrou, aos 31 de Maio, o Capitulo Provincial em que se deviam eleger os Superiores para o periodo governamental a começar em 1738.

Referimos aqui com prazer que os vogaes, logo nas primeiras actas do Capitulo, não sómente protestaram, em nome de toda a Provincia, obediencia ao Summo Pontifice, mas

---

10) Os documentos sobre toda esta questão acham-se no Tombo II, fls. 17 a 20 v. — Sobre o mesmo assumpto escreveu Vieira Fazenda, Rev. Inst. Hist. 1920, pag. 2, e em outros artigos, não sem observações menos justas para os Frades do Convento. Sua fonte é Mello Moraes (Pae).

11) Tombo II, fls. 29.

tambem prometteram perfeita observancia da santa Regra. Não era mau signal (12).

Nesse Capitulo foi incumbido da regencia do Convento de Sto. Antonio Frei Domingos do Rosario. Anteriormente tinha dado provas de seu tino administrativo tanto em Taubaté como em Macacú, pelo que obteve o titulo de Definidor, e posteriormente, em 1748, foi Visitador e Presidente do Capitulo. Nesta qualidade nomeou uma commissão para instaurar um processo canonico sobre os factos extraordinarios que se attribuiam á intercessão do Servo de Deus Frei Fabiano de Christo (13).

Frei Domingos do Rosario não governou até á Congregação Intermedia, foi deposto pelo Reformador D. Frei Antonio Guadalupe, como logo abaixo se verá. Veiu a occupar seu lugar Frei Agostinho da Trindade, de cuja pessoa não encontrámos nenhuma outra noticia.

Na Congregação Intermedia, celebrada aos 15 de Dezembro de 1739, tendo já cessado a acção do Reformador, foi eleito Guardião Frei João da Conceição. Sendo um dos mais abalizados mestres das sagradas letras, occupou a cadeira de lente de Theologia; foi consultor do bispado e Custodio da Mesa em 1748. Em 1751 missionava, na qualidade de Prégador Apostolico, nas regiões do norte da Provincia (14).

De nenhum dos tres Guardiães consta fizesse obras no Convento; o tempo não era para isso.

D. Frei Antonio Guadalupe, Reformador Apostolico

Quando acima noticiavamos as lamentaveis occurrencias que durante alguns annos perturbaram a paz claustral, foi dito que a Provincia teve depois um severo Reformador na pessoa do Bispo Diocesano D. Frei Antonio Guadalupe, Religioso da nossa Ordem.

Um futuro historiador da Provincia dirá o que foi a reforma por elle encaminhada. Nós nos limitamos ao que estrictamente pertence ao Convento de Sto. Antonio, o qual,

12) Item, fls. 42.
13) Elencho, pag. 77.
14) Item, pag. 80.

sendo residencia do Provincial e do Definitorio, naturalmente era attingido em primeiro lugar pela acção do Visitador.

Sua Excia. apresentou-se no Convento no dia 2 de Agosto de 1738. Reunindo toda a Communidade na casa da livraria (hoje gabinete entomologico), fez ler o Breve Apostolico do Papa Clemente XII, datado de 8 de Março do mesmo anno, que o instituia Visitador Apostolico e Reformador da Provincia, junto com a Carta de sua Majestade, de 27 de Abril, dando execução ao Breve. Concluida a leitura, entoou-se o TE DEUM e, cantando-o, a Communidade dirigiu-se á capella-mór da igreja, onde terminou a tomada de posse com as orações costumadas.

Em 6 de Setembro do dito anno, D. Frei Antonio publicou sua primeira Pastoral, na qual estigmatizava, como causa principal das desordens, a ambição de mandar e a falta de observancia da pobreza.

No dia 24 do mesmo mez e anno reuniu de novo a Communidade na livraria. O Provincial, então, Frei José de Jesus Maria, renunciou ao officio com o pretexto de molestia. Acceitando a renuncia, o Visitador conferiu-lhe os privilegios de Padre da Provincia á vista de seu "bom procedimento e zelo do serviço de Deus". O Definitorio, por sua vez, longe de merecer semelhante gesto de deferencia, foi destituido todo e annullada a eleição feita no Capitulo celebrado em 31 de Maio. Na mesma occasião, instituiu um novo Provincial na pessoa de Frei Lucas de S. Francisco e mais tres Definidores, reservando a nomeação do Custodio e do quarto Definidor para mais tarde. Os Guardiães foram conservados. Posteriormente, porém, o do Convento de Sto. Antonio, Frei Domingos do Rosario, soffreu tambem a privação do officio e foi substituido, em 14 de Janeiro de 1739, por Frei Agostinho da Trindade.

O dia 24 de Setembro de 1738 deve ter ficado indelevel na memoria dos Religiosos; semelhante humilhação publica, imposta aos proprios Superiores, diante de toda a Communidade, era facto virgem nos annaes da historia da Provincia e só se repetiu no tempo do Vice-Rei Marquez do Lavradio.

Um Ex-Provincial encarcerado

Houve ainda outro facto que profundamente devia ter abalado os espiritos. Foi a prisão, no carcere do Convento, de Frei José do Nascimento, Provincial no triennio anterior á tomada de posse do Visitador. Sustentara este Provincial um pleito com D. Guadalupe, na qualidade de Diocesano, e teve ganho de causa no tribunal da Legacia de Lisboa, em 9 de Dezembro de 1739. Dahi a animosidade de sua Excia. Que fez o Ex-Provincial? Com o auxilio de pessoas de fóra, conseguiu evadir-se do carcere, foi a Lisboa e obteve de novo sentença favoravel em 6 de Março de 1741, cujos dizeres não são muito lisonjeiros para o Bispo. A esse tempo, porém, D. Guadalupe já não estava entre os vivos.

Providencias do Reformador

Tornemos á visita. Depois do memoravel dia 24 de Setembro de 1738, o Visitador tomou diversas providencias particulares e compôz uma "Lei Escolastica" para os estudos no Convento do Bom Jesus da Ilha, estudos que tres annos depois foram de novo collocados em Sto. Antonio. No dia 3 de Julho de 1739, emfim, publïcou a sua Pastoral de reforma geral. Neste documento, que innegavelmente é um attestado eloquente de zelo pela observancia da Regra e dos Estatutos, trata de todas as coisas imprescindiveis a fazer revigorar o espirito religioso franciscano nos Conventos da Provincia.

Foi o ultimo acto publico que consta do severo Visitador Apostolico, que, no dizer do autor do Resumo do Tombo, "ralhou sem reserva e trovejou sempre" (15).

Quer nos parecer que D. Frei Antonio Guadalupe realmente peccou por excesso de zelo e que por isso foi chamado á Côrte, transferido para o bispado de Viseu. Embarcou no dia 25 de Maio de 1740, chegou a Lisboa em 26 de Agosto, mas falleceu aos 31 do mesmo mez (16).

---

15) Tombo II fls. 44 v. até 58.

16) Sobre o Bispo D. Guadalupe leia-se Pizarro IV, pag. 142 e segu. Vieira Fazenda, na Rev. Inst. Hist. 1924, pag. 270.

A "Lei escolastica" do Reformador

Além das determinações a bem da disciplina e vida religiosa, o Visitador Apostolico publicou uma "Lei Escolastica". Conservamos esta denominação, porque assim a encontramos nos documentos, quando na verdade se trata de um horario apenas, com accrescimos sobre os actos publicos que os estudantes deviam realizar. Passamos a transcrever um resumo pelo interesse que o assumpto ainda hoje offerece. O leitor se convencerá de que os clerigos tinham de estudar devéras.

4 horas da manhã: levantar, estudar. (No inverno ás 5 h.)
5 h.: horas menores do Officio divino. (No inverno ás 6). Missa no altar da Conceição, "para os Collegiaes se affeiçoarem a esta devoção e a tomarem por Patrona de seus estudos".
7 h.: classes. (No inverno ás 8 h.), estudo por uma hora.
11 h. jantar.
2 h. da tarde até ás 4, classes, uma h. de recreio.
5 h.: vesperas e completas, ladainha de N. Sra. (cantada nos Sabbados), estudo.
7 h.: ceia. Em seguida reparações tres dias da semana, nos outros conferencia de Moral pelo Prelado.
9 h.: Matinas, Laudes, oração mental, dormir.

Quanto aos actos publicos, estabelece o seguinte:

Cada mez haja algumas conclusões na classe da tarde, e outra publica em cada sciencia; na Logica, porém, haja sempre duas publicas; e na Theologia algumas no anno de cada um dos leitores.

O Prelado concorrerá a todas as conclusões com moderado e decente fausto, evitando superfluidades, pinturas e artificios.

Os collegiaes coristas só poderão ir á cidade para defender these ou visitar parentes em 1°. grau, gravemente enfermos ou moribundos. As ferias passarão no Convento com banca só de madrugada.

O prelado dará todo o sufficiente para os estudantes não faltarem á pobreza e não os occupará em detrimento dos estudos.

Os lentes ajudem aos que menos intelligencia têm.

O Bispo, por sua vez, promette recompensar os estudantes de accordo com o seu aproveitamento e sendo "bem procedidos" (17).

Frei Antonio do Extremo

O que acabamos de dizer sobre a acção do severo Reformador, destituindo de seu cargo Superiores, encarcerando um Ex-Provincial, reprehendendo acremente a todos os Religiosos e não poupando a ninguem, terá, talvez, produzido nos leitores a impressão de que naquella época só havia Religiosos dignos de censura no Convento de Sto. Antonio. Seria engano suppor coisa semelhante. Como soe acontecer, os documentos officiaes transmittiram-nos as coisas desagradaveis; passaram, porém, em silencio o que era bom e edificante.

Já nos referimos ao santo Irmão leigo Frei Fabiano de Christo, que no tempo dos disturbios internos illustrou a Communidade com o esplendor de uma caridade sem par, e que ainda vivia quando o Visitador exercia o seu mandato.

Queremos aqui occupar-nos com outro varão santo e indefesso missionario que presenciou a acção do Reformador, pois fazia parte da Communidade de Sto. Antonio e dirigiu a Penitencia na qualidade de Commissario de 1732 a 1740.

E' Frei Antonio do Extremo. Entrou na Ordem, sendo padre secular em Minas, pelo anno de 1730. A sua conservação durante oito annos na Commissaria da Penitencia mostra bem o quanto era estimado pelos Superiores e Irmãos Terceiros. Desde 1740 foi destinado ás missões, sendo o seu primeiro campo de trabalho o interior de Goyaz, donde se dirigiu á capitania de Minas. Tornou a Goyaz, indo pelo sertão, povoado de Borôros bravos e ferozes, até chegar a Cuyabá e depois a Matto Grosso, viajando sempre a pé e sempre prégando missão nas localidades. Quando lhe perguntavam como se sustentava, respondia que Deus nunca faltára com o sus-

17) Tombo II, fls. 51 e segu.

tento, e elle levava comsigo apenas um prato de farinha e um pedaço de carne de porco.

Na viagem de volta de Matto Grosso a Cuyabá, soffreu um grande susto, sendo um dia surprehendido na matta por uma vara de porcos selvagens. Elle mesmo confessou que nesta occasião "ficou sem sangue", mas rezando o *Si quaeris* a Sto. Antonio, os porcos foram-se, ficando elle com o prejuizo sómente de um delles lhe metter os dentes na caixa de rapé.

Ao chegar a Cuyabá, Frei Antonio caiu gravemente enfermo. Depois de restabelecido, reiniciou as missões e era tanta a veneração que o povo lhe tinha que, ao subir o pulpito, lhe tiravam retalhos do manto, á guiza de reliquias.

Em Março de 1751 voltou a S. Paulo. Não se deteve ali, mas emprehendeu outra viagem de missões através das regiões do sul, passando por Sorocaba e Curityba até chegar á Colonia do Sacramento. Dali regressou tomando rumo outra vez por terra, no intuito de visitar as povoações missionadas na ida. Chegou a S. Paulo em meio da quaresma de 1742 e em 1º de Junho — assim escreve ao Syndico Manoel Soares — ia abrir uma missão na cidade, para em seguida estender-se pelo bispado. Não consta si pôde realizar todo o seu plano, pois falleceu em Fevereiro de 1753 no Convento de S. Paulo.

Accrescentemos a isso mais algumas particularidades. Nas viagens, sempre feitas a pé, só calçava alpercatas, isto é, sólas de couro de boi, ligadas aos pés por meio de correias. Sobre o corpo trazia, bem amarrado, um sertum de baeta azul, uma tunica leve, um habito cinzento e manto. Este só tirava ao iniciar as suas praticas no pulpito, que duravam, ás vezes, quatro horas. Em lugar de chapéu, para se proteger contra o sol e tambem para beber agua, collocava uma cuia, cobrindo-a com o capuz. O seu breviario, pendurado a tiracollo, com uma caixa de rapé de folha e o bastão de peregrino na mão era tudo que levava comsigo. A sua fiel companheira era uma cachorrinha que instinctivamente lhe avisava a presença de uma fera ou de uma cobra venenosa. Perdeu-a nos campos do Rio Grande, onde ella morreu.

Frei Antonio do Extremo foi um dos mais ousados evangelizadores dos nossos sertões nas capitanias do Sul. E' realmente estupendo o que este frade pôde aturar nas longas viagens sem guia e perdendo-se na vastidão dos campos, como aconteceu duas vezes em sua viagem á Colonia do Sacramento, faltando-lhe ao mesmo tempo o alimento. Mas grande foi o lucro na seára do Senhor. As povoações — diz elle mesmo — que na ida pareciam *quilombos*, na volta as achava como *Religionis reformadas*.

A memoria de Frei Antonio do Extremo não se apagará nos fastos do Convento de Sto. Antonio, como se não deve apagar a sua lembrança na V. Ordem Terceira da Penitencia do Rio de Janeiro, de quem foi Commissario durante oito annos (18).

O carcere do Convento

Si acima tivemos de noticiar a prisão do Ex-Provincial Frei José do Nascimento, não é fóra de proposito dizer algo sobre o carcere do Convento.

Outros tempos, outros costumes. O que hoje consideramos barbaridade, em tempos idos pertencia, sem contradicção, ao processo penal. A picota (pelourinho) de qualquer villa, si ainda existisse, e tivesse bocca, estaria de accordo comnosco em affirmar que na applicação de castigos corporaes a autoridade não tinha escrupulos, como não os tinha no tratamento dos encarcerados (19).

Hoje os tempos são outros, o mundo civilizou-se. Uma execução como a de Tiradentes, em 21 de Abril de 1792, seria inconcebivel em nossos dias.

---

18) O archivo do Convento possue, embora muito estragadas, tres cartas autographas com relação ao grande missionario; uma de Sylvestre de Sá, datada em 1786, em que se diz que ainda depois de 50 annos o povo da freguezia de Passagem de Ouro Branco (Minas) conservava a mais grata memoria de seu zelo e de sua vida exemplar; outra do proprio Frei Antonio de 7 de Maio de 1752, relatando a viagem para a Colonia; a terceira de 1762 escripta pelo Syndico do Convento de Itú, Manoel Soares, nas minas de Goyaz, que longamente descreve as viagens em Goyaz e Matto Grosso. — A Provincia franciscana etc., pag. 248 — Elencho, pag. 81.

19) Rev. Inst. Hist. 1919, pag. 93, 422, 428.

Quem, pois, tem presente a indole de éras passadas e as sancções com que se vingava a violação da lei, não se escandalizará com o saber que tambem o fôro ecclesiastico recorria á cadeia para a punição dos clerigos delinquentes. O Bispo D. Guadalupe, sacerdote profundamente ascetico, construiu, em 1730, esse casarão pesado e sombrio que chamavam Aljube, junto á ladeira do morro da Conceição, para nelle recolher os clerigos que até então expiavam as suas culpas de permeio com os presos communs na cadeia publica (20).

O Convento de Sto. Antonio, parece, teve carcere desde a sua fundação. Não consta, porém, o lugar onde esteve situado no primeiro edificio. E não se pense que o encarceramento suppunha sempre crimes e delictos na accepção de hoje. Ahi está o facto, acima relatado, da plena absolvição de Frei José do Nascimento para desmentir a quem da existencia de um carcere nos Conventos quizesse concluir para frequentes culpas graves entre os Religiosos. Tratava-se de uma instituição penal dos tempos idos, a que os frades voluntariamente se submettiam no espirito de penitencia e mortificação (21).

Na construcção do actual Convento o carcere foi collocado na frente, ao lado direito do edificio, no ponto, portanto, mais saudavel. E' um salão abobadado de 14,70 m. de comprido por 6 m. de largo e está em communicação, por uma porta, com o refeitorio. Os baixos, que antigamente eram

---

20) O Aljube não foi feito para os Religiosos, como affirma Luiz Edmundo no seu livro "O Rio de J. no tempo dos Vice-Reis", 2ª. edição, pag. 494. Depois, este autor faz dizer a Vieira Fazenda o que este nunca affirmou. Esses 400 presos eram do tempo em que o Aljube servia de cadeia publica. Nessa epoca o numero de todos os Religiosos dos tres conventos no Rio de Janeiro nem de longe chegava a 400. Mas era mais picante dizer que 400 frades estiveram presos de uma só vez, com o sacrificio, embora, da verdade historica.

21) Para o leitor verificar que estamos dizendo a verdade, damos aqui alguns "delictos" que eram punidos com carcere: Quem usar de outro panno que não seja o da Provincia será castigado com rigorosa reclusão. O Guardião que sob qualquer pretexto tiver a seu serviço um preto, muleque, ou mulato, escravo, ou forro, será privado do officio dois mezes, aos outros se darão duas disciplinas e dois mezes de reclusão. — Os esmoleres que não voltam no tempo do Guardião que os mandou, terão seis mezes de reclusão.

grossos arcos abertos, formam hoje uma dependencia para as reuniões dos Terceiros do Convento. Por cima do carcere há um terraço para passeio. Em um dos muros de seu parapeito existe um relogio de sol, um dos poucos conservados no Rio. O tempo, porém, apagou quasi de todo as linhas indicadoras das horas.

Isto escreviamos na 1ª. edição. Em Setembro deste anno de 1937 foi collocado outro mostrador, reliquia historica de 1838, que pertenceu a José Carneiro da Silva, Visconde de Araruáma, e foi offerecida ao Convento pela bisneta do mesmo, Dna. Maria Justina Carneiro da Silva.

No tempo da Regencia, em cumprimento do art. 56 da carta de lei de 1º de Outubro de 1828, uma commissão instituida pela Camara foi incumbida de visitar todas as prisões civis, militares e ecclesiasticas, tanto era o clamor contra as más condições em que ellas se achavam. Vieira Fazenda não receia chamá-las "covis de supplicios e de miserias", "inferno de Dante" (22).

Pois bem. A commissão visitou tambem o carcere do Convento de Sto. Antonio e ficou tão bem impressionada, que no seu relatorio se refere a elle como o mais decente e humano. Não era, diz Macedo (23), uma terrivel masmorra, mas uma sala onde o ar e a luz penetram livremente, "um céu aberto em comparação das nossas cadêas, e os presidentes das provincias não valem os provinciaes nem os guardiães dos Capuchos", isto é, dos Franciscanos.

Com isto, porém, não deixava de ser carcere. Cadeia é sempre cadeia. Felizmente não consta que sempre tenha tido inquilinos (24).

O carcere do Convento serve hoje de deposito de trastes velhos.

---

22) Rev. Inst. Hist. 1919, pag. 425.

23) Um passeio etc. tomo I, pag. 210.

24) O archivo do Convento regista um caso extraordinariamente grave, que teve desfecho lamentavel em 1797. Trata-se de um Religioso que por seu mau procedimento esteve diversas vezes encarcerado. Ao nosso vêr, lendo o que diz o Tombo, era um caso pathologico. Falleceu alguns mezes depois de ter dado uma queda desastrada ao evadir-se do carcere; mas, graças a Deus, morreu reconciliado, depois de ter recebido todos os Sacramentos. Os Superiores haviam feito tudo para corrigi-lo, e em nada desme-

A cessão de um grande terreno á Penitencia

Antes de passar para o triennio seguinte, temos de referir ainda a cessão de um grande terreno que o Convento fez á V. O. T. da Penitencia.

Estava ella empenhada na construcção, não sómente das dependencias para consistorio e outros misteres, mas tambem de um hospital. Sómente os Religiosos podiam facultar a execução dessas obras com a cessão dos terrenos necessarios. E fizeram-no por escriptura de 18 de Março de 1741.

Deve estar lembrado o leitor de que em 1709 a Camara doou ao Convento um terreno de 18 braças de testada ao pé do morro, junto ao já existente cemiterio dos escravos. Era nesse lugar que os Terceiros pretendiam levantar o hospital.

Com a dita escriptura o Convento abriu mão de uma faixa de terras que, partindo da rua da Valla (largo da Carioca, rua Uruguayana) com 20 braças de frente, subia o morro, acompanhando a rua do Piolho (rua da Carioca), e tinha de extensão 176 1|2 braças. Em metros seriam 44 metros de largo por 388 m. e 30 cm. de fundo (25).

O Convento fez essa tão avultada doação, "em gratidão das continuas esmolas" que os frades recebiam da Ordem e com a unica clausula de poderem os Religiosos utilizar-se sempre das pedreiras e barreiras existentes no terreno doado.

Dahi se infere que nessa occasião já não existiam as desintelligencias que haviam perturbado a paz dez annos antes. Tanto assim que o Ministro da Penitencia, João Carneiro da Silva, era ao mesmo tempo syndico apostolico do Convento. Coincidencia interessante: este syndico, portuguez abastado e contratador dos diamantes, é o tronco da illustre familia dos Carneiro da Silva, de Quissaman (Estado do Rio), familia que não descansou emquanto não se estabelecesse uma Residencia franciscana no centro de sua parochia de N. Sra. do Desterro, o que alcançou em 1902. A'

---

rece uma corporação em que as faltas são punidas. Infelizmente, porém, intervinha o Vice-Rei, Conde de Rezende, tirando aos Superiores a plena liberdade de agir, de modo que tambem neste caso, como em tantos outros, teve a sua parte a nefasta intromissão da autoridade temporal nas coisas internas do Convento. (Reg. Rel. Europ. fls. 96).

25) Doc. avulso no archivo do Conv.

mesma familia, em linha ascendente, pertence José Barcellos Machado, que, residente na Ilha do Furado, fez-se padroeiro do Convento de Cabo Frio em 1687, obrigando-se a dar annualmente 25 bois (26). Vê-se, pois, que a amizade aos Franciscanos era tradicional nessa grande familia e por isso cremos que á intervenção de João Carneiro da Silva se devem attribuir principalmente não sómente as continuas esmolas que a Penitencia fazia ao Convento, mas tambem, da parte deste, a cessão gratuita de tão extenso terreno. Que a Penitencia guarde com gratidão o nome deste seu Ministro.

Do proposito da Penitencia de construir no terreno cedido resulta outrosim que já não julgavam o terreno "incapaz de alicerces", como haviam allegado os dissidentes em 1718.

A construcção do hospital foi iniciada em 1748, seu acabamento, porém, levou muitos annos. Em 1905 foi transferido para a Tijuca, onde continúa a exercer, com largas proporções, essa caridade assaz conhecida, e onde, desde 1935, reside um Religioso franciscano do Convento de Sto. Antonio como capellão.

O terreno doado pelo Convento em 1741, com as propriedades nelle construidas posteriormente pela Ordem na rua e largo da Carioca, constitue hoje importante e rico patrimonio da Penitencia.

1742 a 1745 No primeiro Capitulo Provincial, depois da reforma, celebrado aos 27 de Janeiro de 1742, foi confiado o governo do Convento de Sto. Antonio a Frei Marcos de Jesus, substituido, na Congregação Intermedia, por Frei Antonio da Conceição.

Não fizeram obras no Convento, cuja total reconstrucção se tornava cada vez mais necessaria.

De Frei Marcos, como já tivemos occasião de dizer, não encontrámos notas individuaes. Frei Antonio da Conceição, depois de ensinar Theologia, esteve como Guardião

26) Tombo I, fls. 84 v.

em Itú, sahiu Provincial no Capitulo de 7 de Agosto de 1745 e, em 1761, occupou de novo o cargo de Guardião, desta vez no Convento de Sta. Clara em Taubaté.

Annel de agua da Carioca para o Convento

E' sobejamente sabido, por quantos conhecem um pouco da historia da outrora leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, que foi o Governador Ayres de Saldanha (1719 a 1724) que ultimou as obras da Carioca. Em menos de quatro annos conseguiu levantar os soberbos arcos entre o morro do Desterro (hoje de Sta. Teresa) e o de Sto. Antonio, e construir os aqueductos abobadados, de que ainda existem vestigios no morro, por onde descia o precioso liquido, que, no dizer de Rocha Pitta, dava "carões bonitos ás damas e voz sonora aos cantores".

Este General, como tambem o seu antecessor Francisco de Tavora (1713 a 1716), era grande amigo dos Religiosos no burel franciscano. Amiudadas vezes, assim affirma Frei Apollinario da Conceição em seu Epitome, subia a ladeira para prestar homenagem a Sto. Antonio e palestrar com os frades.

Não é, porém, da pessoa de Ayres, que mereceu rasgados elogios de Pizarro (27), que pretendemos dizer, nem propriamente de sua obra, mas sim de um privilegio que da obra de Ayres resultou para o Convento e de que goza até ao dia presente.

Ao realizar o Governador o seu arrojado plano, não o pôde fazer sem conduzir os aqueductos, em larga extensão, pelos terrenos do Convento até ao largo ao pé da ladeira. Da parte dos frades não houve duvida. Da execução, porém, da obra resultaram não sómente prejuizos á terra, mas tambem aos muros e á ladeira por baixo da qual corria a agua até ao chafariz. Por isso, nada mais justo do que resarcir o damno. Mas isso não foi feito, como diremos no seguinte capitulo, talvez porque Ayres de Saldanha fosse logo substituido. Além disso, o General quiz testemunhar

27) Pizarro IV, pag. 138.

aos Religiosos a sua gratidão, concedendo, de accordo com a Camara, que na construcção dos aqueductos fosse desviado um annel de agua para o Convento, o que de facto se executou.

Decorridos quasi dois decennios, ou porque o Convento fosse molestado no desfrutamento da graça ou só para garanti-la no futuro, o Guardião Frei Marcos de Jesus requereu, em 1742, á Metropole a sua confirmação. Obteve-a por Provisão Real de 3 de Julho do mesmo anno, com a condição de se conservar um registro para abrir quando fosse necessario (28). A isso observa judiciosamente Pizarro: "Como á toda hora do dia hé necessario esse liquido, tambem á toda hora está aberto o registro" (29).

Em virtude, pois, da graça sobredita, o Convento de Sto. Antonio não paga a taxa d'agua até hoje. E' verdade que em tempos que não vão longe (Janeiro de 1913) houve quem quizesse cobrá-la; mas, á vista do documento apresentado pelo Guardião, desistiu da tentativa. Isto, porém, não quer dizer que os frades tenham agua em abundancia. Como todos os mortaes desta boa Sebastianopolis, têm de pedir e reclamar frequentemente, para não serem privados da "lympha pura das frescas correntes", e ás vezes torna-se necessario recorrer á gentileza da Penitencia para ella supprir a falta (30).

Pelos annos de 1838 ou 1839 o Provedor da santa Casa da Misericordia, José Clemente Pereira, obteve licença para communicar o aqueducto do Convento com o dito hospital, obrigando-se a certas bemfeitorias (31). Não sabemos si o projecto chegou a realizar-se nem tão pouco si os celebres buracos no morro de Sto. Antonio, que em tempos passados tanto deram a falar, tinham ligação a essa obra (32), ou si eram apenas minas para tirar saibro, como ainda hoje existe uma por baixo da carpintaria.

---

28) Tombo II, fls. 63 v.
29) Pizarro VII, pag. 241.
30) Sobre o aqueducto, leia-se: Rev. Inst. Hist., 1924, pag. 278.
31) Pamphleto de Fabregas no arch. do Conv., pag. 47.
32) Rev. Inst. Hist. 1919, pag. 11.

1745 a 1748

Dois Guardiães estiveram á testa do Convento, no triennio de 1745 a 1748 — Frei Agostinho de S. José e Frei José dos Anjos.

O primeiro foi eleito Provincial em 17 de Agosto de 1748 e nesta qualidade mostrou-se á altura de seu cargo. Tomou a defesa dos Indios nos Campos dos Goytacazes, protegeu energicamente seus confrades de Itú, falsamente accusados pelo Juiz de Fóra (que depois teve de fugir) e, o que mais nos interessa nesta historia, determinou a reconstrucção, desde os alicerces, do Convento de Sto. Antonio, obra que foi rigorosamente executada de accordo com o plano por elle concebido. Mas disso falaremos no proximo capitulo (33).

Não menos ilustre era o segundo Guardião deste triennio, Frei José dos Anjos, a quem coube levar á sepultura os despojos mortaes do grande Servo de Deus Frei Fabiano de Christo. Occupou a cadeira da sagrada Theologia no Convento de S. Paulo, foi Commissario Visitador junto a diversas Ordens Terceiras e promovido a Provincial em 1767. A sua actuação, porém, nesta qualidade pertence inteiramente á historia da Provincia (34).

Descripção do antigo Convento

Chegámos á conclusão deste capitulo, com o qual rematamos a historia de todo o tempo que existiu o primeiro Convento de Sto. Antonio, isto é, de 1608 a 1750.

Mas, antes de terminar, tentemos fazer-nos uma idéa do que era o antigo Convento, resumindo o que foi dito sobre a sua construcção e sobre as obras nelle realizadas no correr do tempo.

A pedra fundamental do Convento e de sua igreja foi collocada aos 4 de Junho de 1608 e 10 Guardiães trabalharam para lhe dar acabamento. Além do pavimento terreo, tinha o Convento um só andar, como todos os outros da Provincia. Isso não sómente se deprehende da determinação que o novo Convento tivesse "dois sobrados", mas resulta

33) Tombo II, fls. 121 v. 123 v. — Elencho, pag. 87.
34) Elencho, pag. 107.

tambem do estudo da antiga fachada da igreja, que só em 1922 foi alteada, porque estava em manifesto desaccordo com a altura do actual Convento. (V. estampa nº 2).

Todo o aspecto exterior, portanto, do edificio era humilde, "demonstrativo da nossa profissão", no dizer de Frei Apollinario da Conceição.

As dimensões, porém, eram as mesmas do de hoje. Isto se deduz claramente das seguintes ponderações: A igreja, limitando o claustro pelo lado do Norte, era a mesma. O frontispicio do Convento, lado Oeste, estava no lugar do actual, porquanto o augmento da igreja para a frente, em 1700, foi só de 2,75 metros. Nos fundos, a sepultura de Frei Fabiano de Christo, fallecido em 1747, indica até onde ia a quadra das sepulturas no claustro. Por conseguinte, tambem a face do Sul se achava mais ou menos no mesmo lugar, como hoje se vê.

No claustro, que só decennios depois do acabamento de toda a fabrica teve forro, existiam a principio dois capitulos (capellas). Um foi transformado em capella por Frei Eusebio da Expectação, para nella collocar a imagem do ECCE HOMO. Outras duas capellas menciona Frei Apollinario da Conceição (1730), a da Porciuncula, feita por Frei Serafino (1707 a 1710), e outra cujo titulo não refere. Além disso, viam-se no claustro dois grandes nichos — é tambem Frei Apollinario quem no-lo diz — um com a representação do nascimento, outro com a da morte de S. Francisco. E' pena não dizer elle de que anno são essas imagens, conservadas até hoje; devemo-nos, por isso, contentar com o saber que antes de 1730 já existiam.

Na portaria, ornada de talha com dois grandes paineis pelo citado Frei Serafino, existia tambem um altar (oratorio?) com a imagem da Conceição. E' provavel que seja a mesma que ainda hoje lá se vê, da qual Moreira de Azevedo affirma (35) que foi esculpturada por um preto com o nome de João Vermelho.

Fóra do recinto do Convento, nos fundos do mesmo, estava installada a enfermaria. A principio era ella formada

35) O Rio de Janeiro etc. I, pag. 92.

por diversas casas que só mais tarde (1767) foram reunidas em um todo. Pensamos que foi nessas immediações que, em 1677, Frei Eusebio da Expectação construiu a dependencia para o Definitorio e Discretorio.

No morro, lado do Sul, erguia-se, desde 1643, a capella de Sta. Barbara, lugar de recreio para os frades. Moreira de Azevedo menciona (36) ainda outra, a de Sta. Catharina, sobre cuja existencia, entretanto, não há vestigio nos documentos do archivo do Convento. Affirma, porém, esse autor que no seu tempo, isto é, em 1860, ainda se viam as ruinas de ambas as capellas.

Algum tanto afastadas de Sta. Barbara achavam-se as senzallas para os escravos.

A subida primitiva ao Convento correspondia mais ou menos á escadaria existente da Penitencia. Desde 1707, porém, começa no ponto em que está a esquina da Typographia Nacional e era antigamente perto da lagoa e, desde 1750, em continuação da rua de Sto. Antonio, hoje um pouco deslocada em virtude das construcções modernas. Um grande cruzeiro de marmore branco e vermelho estava collocado no lugar onde a antiga subida desembocava na ladeira, isto é, perto da torre do actual elevador. No paredão com os tres frontões no fim da ladeira, conservado até ao presente, havia diversos nichos com imagens. Diante dellas os Terceiros faziam a Via-Sacra. Mais tarde, era ahi que se armava o lindo presepe, mandado vir de Lisboa, pelo preço de trezentos e tantos milréis, ornado posteriormente pelos grandes mestres Valentim, Raymundo e Xavier das Conchas, com seus trabalhos artisticos.

Junto á ladeira, ao lado esquerdo de quem sóbe, existia uma caixa d'agua em forma de torre. Construiu-a Ayres de Saldanha para regular o volume d'agua que alimentava o chafariz em baixo.

O antigo Convento foi casa de estudo de Philosophia e Theologia até ao tempo de Frei Apollinario da Conceição,

36) Item, pag. 93.
37) Tombo II, fls. 61.

isto é, até 1730. Depois foram os estudos mudados para o Convento da Ilha, mas tornaram a Sto. Antonio em 1742 (37). Foi o Convento tambem diversas vezes casa de noviciado e, emfim, mereceu ser chamado, por Frei Apollinario, "seminario de virtudes". De sete Religiosos que se destacaram pela santidade de vida, dá elle ligeiras noticias. Não se refere a Frei Fabiano de Christo, que ainda vivia e parece ter sido o ultimo Religioso fallecido no primitivo Convento.

Facto interessante: tanto do primeiro frade que finalizou seus dias no Convento em 1621, Frei Antonio da Madre de Deus (Guardião de 1612 a 1614), como tambem do ultimo, Frei Fabiano de Christo, tirou-se um processo juridico para attestar, no cadaver, phenomenos, que se julgavam sobrenaturaes. No primeiro caso foi ordenado pelo Administrador ecclesiastico Matheus da Costa Alboim; no segundo, pelo Bispo D. Antonio do Desterro.

Milagre de Sto. Antonio

Rematamos, narrando um facto que Frei Apollinario, no seu Epitome, julga milagroso e que ao menos demonstra como a Divina Providencia velava sobre os pobres de Christo. Não consta o anno em que se deu, mas, como Frei Apollinario se inclue entre os beneficiados, é provavel que fosse na época que historiamos no presente capitulo.

Certo dia, os Religiosos nada tinham que comer. Comtudo, a Communidade se reuniu, na hora da refeição, na sala de jantar, "para dar graças a Deus pela falta que experimentavam" e para esperar o remedio da Divina Providenci. Não ficaram os Religiosos illudidos na sua confiança. Soando a campainha da portaria, o Guardião mandou ao porteiro ver si talvez fosse uma esmola depositada ahi, como já havia acontecido em outras occasiões. De facto, eram dois negros com um grande caldeirão de comida, sufficiente para todos. Querendo o Guardião transmittir pelos mensageiros o seu agradecimento ao bemfeitor, os dois pretos não mais foram encontrados, apesar de não se lhes abrir a porta para sahirem.

CAPITULO VI

1750 a 1767

Serie dos Superiores; suas obras executadas no Convento — Resolve-se a reconstrucção do Convento — O refeitorio do Convento — Sto. Antonio recebe o soldo vencido — O Rei manda concertar a ladeira — Sala do Capitulo e de estudos; cemiterio — Capella de Sto. Aleixo — Capellanias nas Fortalezas e nos navios de guerra — A assistencia aos leprosos — A assistencia aos padecentes — Uma visita insolita — Os tres primeiros Vice-Reis — Um bello attestado da pobreza franciscana dos Religiosos

Sem podermos nem pretendermos negar annos de vida religiosa florescente em outras épocas, é licito, comtudo, assignalar os quarenta annos de 1740 a 1780, como o tempo aureo da Provincia franciscana da Immaculada Conceição.

O numero de Religiosos que, segundo determinação regia, por occasião da erecção da Provincia, não devia exceder de duzentos, em 1735 era muito maior. Em 1743 o Provincial obteve licença para que o numero fosse de 350, e por Ordem Real de 11 de Julho de 1747 concedeu-se-lhe o de 400. O maior numero de membros teve-o a Provincia em 1764: eram 481 (1).

O Convento de Sto. Antonio, na qualidade de casa capitular e cabeça da Provincia, abrigava sempre o maior contingente de frades, que antes de 1730, segundo affirma Frei Apollinario da Conceição, já chegava ás vezes a 120 e 130. Mas o antigo Convento não supportava tão elevado numero. Era preciso dar remedio, que effectivamente não tardou.

1748 a 1751 No triennio, iniciado com o Capitulo de 17 de Agosto de 1748, coube o guardianato ao Ex-Custodio Frei Manuel de S. Roque.

---

1) Tombo II, fls. 65 v., 79 e 208 v.

Resolve-se a reconstrucção do Convento

No tempo de sua gestão, isto é, em 1750, os Superiores tomaram a iniciativa de construir um novo Convento.

Lemos no Livro do Tombo: "Vendo o Provincial, Frei Agostinho de S. José, o nenhum commodo que este Convento offerecia aos seus habitantes e que os antigos fundamentos eram insufficientes para qualquer accrescentamento, tanto pelo limitado do risco como pela deficiencia das paredes, determinou, depois de ouvido o conselho dos padres graves da Provincia, a edificação de um Convento quadrangular, de dois sobrados, o que com effeito se pôz em execução com a abertura dos alicerces da primeira quadra ao lado da barra" (2).

Foi, pois, Frei Manuel de S. Roque quem principiou a obra colossal do actual Convento. Demoliu todo o lado que olha para o Sul e incontinente começou a reconstrucção. Notamos que, como para o primeiro, tambem para a construcção do segundo Convento a pedra toda foi tirada do morro. Quando, em 1741, os frades cederam grande terreno á Penitencia, reservaram a exploração da pedreira, sita nos fundos desse terreno. (As noticias sobre a reconstrucção encontram-se espalhadas no Resumo do Tombo).

O refeitorio do Convento

Desde então, portanto, existe o grande refeitorio da Communidade no pavimento terreo. E' um salão de 25,15 metros de comprido por 6,26 de largo, com antesala da mesma largura e 11 m. de comprimento. Esta antesala, em que hoje está installada a cozinha, os antigos chamavam "De profundis", por nella se congregar a Communidade para rezar este psalmo antes das refeições.

Na parede do refeitorio, ao lado direito de quem entra, existia o pulpito para se fazer a leitura da mesa, como se pratica em todas as Ordens religiosas. Este pulpito desappareceu, mas vê-se ainda o accesso a elle por uma escadinha dentro da parede. Em tempo não muito posterior ao acabamento do Convento e sem constar o nome do Guardião que

2) Item, fls. 131 v.

executou a obra, toda a barra das paredes foi coberta de azulejos, que, divididos em paineis, representavam scenas de caça. O calçamento era feito de grandes e bem apparelhadas lages. As grossas folhas de mesa, de madeira de boa qualidade, descansavam sobre columnas de granito, collocadas ao longo das paredes.

De tudo isto, nem vestigio ficou. Os soldados, aquartelados no Convento de 1885 a 1901, deram sumiço ás mesas, arrancaram os azulejos, despedaçando-os, e substituiram as lages por ladrilhos de cimento, pretos e brancos, para com os pedaços das lages fazerem os alicerces de suas construcções no terreno do Convento.

Com o destroçamento dos azulejos, principalmente, o Convento soffreu uma perda irreparavel em attenção a seu valor historico-artistico. (V. estampa nº 10).

Mas não era o refeitorio sómente sala de jantar. Realizavam-se nelle tambem, de tres em tres annos, sob a presidencia do Visitador Geral, os Capitulos Provinciaes em que eram eleitos os novos Prelados.

Algumas vezes aconteceu tambem ser chamada toda a Communidade ao refeitorio, para ouvir attenta e devotamente algum "ukase" dos poderosos Vice-Reis. Era ainda no refeitorio que os Religiosos se sujeitavam a penitencias, ou voluntarias, ou impostas (3). Desde 1757, porém, a penitencia

3) Numerosas eram as penitencias e humilhações que se praticavam no refeitorio tanto da parte dos sacerdotes nos primeiros annos como da parte dos coristas e collegiaes. Enumeramos algumas especificadas nos Estatutos e Ceremonial: Dizer as culpas pelas negligencias commettidas; açoitar-se com nove golpes nas costas desnudadas ou receber nove golpes pela mão do mestre; jejuar com pão e agua; comer sentado debaixo da mesa; sentar debaixo da mesa e comendo farinha para depois, com venia do Superior, pedir aos outros um pouco de comida; permanecer no refeitorio com os olhos vendados ou com um pau na bocca, andar pelo refeitorio com pêa nos pés, ou carregando uma pedra, para, em seguida, deitar-se no chão com a cabeça reclinada sobre a pedra. — Não tinham estas e outras penitencias, praticadas com muita frequencia, a natureza de castigo; mas, de accordo com a reforma rigorosa de S. Pedro de Alcantara, tinham por fim destruir nos jovens religiosos os sentimentos egoistas, inspirar-lhes completo desprendimento das coisas desta terra e incutir-lhes o espirito de humildade e abnegação.

da disciplina só se permittia ou na cella ou na portaria fechada. Em 1764 tornou-se ao antigo costume, mas em 1799 a praxe cessou definitivamente (4).

Sto. Antonio recebe o soldo vencido

No meio dos trabalhos de construcção, o Guardião Frei Manuel de S. Roque teve o prazer de vêr, enfim, resolvidas as difficuldades que o Convento encontrava no Provedor da Fazenda para o pagamento do soldo devido a Sto. Antonio, na qualidade de Capitão de Infantaria. Como este soldo não era outra coisa sinão um adjutorio para as despesas do culto, o Provedor constituia-se guardião, sacristão e syndico ao mesmo tempo, ordenando despesas, comprando objectos, sem, entretanto, pagar o soldo, de modo que os frades, longe de ficarem alliviados em sua pobreza, tinham de fazer dividas. O Rei attendeu ás reclamações apresentadas por intermedio do Procurador da Provincia em Lisboa. Em sua Ordem de 13 de Março de 1751, mandou que se pagasse ao Santo, "cujos merecimentos não são inuteis ao Estado", todo o soldo vencido, na importancia de 540 e tantos milreis, e que no futuro o Provedor não se intromettesse mais na applicação do soldo (5).

1751 a 1754

Succedeu no guardianato a Frei Manuel de S. Roque o Ex-Definidor Frei José dos Anjos. Desenvolveu elle na reconstrucção do Convento tal actividade que não sómente pôde concluir a quadra do Sul, mas atacar tambem o lado da frente. Ahi a obra era verdadeiramente formidavel, em attenção á profundidade e grossura dos alicerces de que necessitava. Basta dizer que os muros do porão têm 1,95 m. de grossura. E, uma vez que nos estamos referindo a este particular, digamos desde logo que todas as paredes externas do Convento são de cantaria e medem 1,45 m. no pavimento terreo, 1,20 m. no primeiro andar e 1 m. no segundo. O "feio e forte" vale, portanto, tambem

4) Resumo do Tombo, pag. 44, 46, 48, 61.
5) Tombo II, fls. 118 v. — Veja-se tambem o capitulo sobre as honras militares concedidas a Sto. Antonio.

com relação ao Convento de Sto. Antonio. A sua estructura não apresenta nada de notavel no exterior, mas a sua solidez affronta seculos.

O Rei manda concertar a ladeira

Mas não eram sómente as obras do Convento que Frei José dos Anjos adiantou com toda a diligencia. Ahi estava ainda a ladeira a necessitar de reparos. Como foi dito no capitulo anterior, os frades receberam um annel d'agua para todo o futuro, em compensação de terem permittido passar pelo terreno do Convento o encanamento da Carioca. Quanto ao concerto dos estragos, porém, ficaram no "ora veja". Reclamaram, mas inutilmente. Era sempre o Provedor da Fazenda que se oppunha, o mesmo Provedor, ao que parece, que negava ou dispunha a seu talante do soldo de Sto. Antonio. Os Religiosos, já cansados de tanto reclamar, recorreram, então, ao Rei, por seu Procurador em Lisboa, e foi-lhes feita justiça, como no caso do soldo. D. José, por Ordem de 11 de Fevereiro de 1752, mandou ao Governador se fizesse um exame e se reparasse o prejuizo que houvesse (6).

1754 a 1757

Quem terminou a construcção da quadra da frente do Convento foi o Guardião Frei José de Sta. Maria Silva, eleito no Capitulo de 19 de Outubro de 1754. O mesmo Superior mandou vir de Lisboa, com o auxilio de uma avultada esmola dada para este fim, todo o marmore para cobrir a quadra das sepulturas dos Religiosos, como ainda hoje se vêem. Pena é estar o marmore côr de rosa tão esburacado que não permitta concertos. (V. estampa nº 6).

Sala de Capitulo, de estudos. Cemiterio.

Nós, Religiosos, lembramos o nome deste Guardião com particular prazer, porque nos deixou o magnifico salão junto á portaria, que antigamente se chamava "sala do capitulo". Sem este salão estariamos hoje sem locutorio para attender ás muitas pessoas que procuram o Convento, nas suas multiplas necessidades.

6) Item, II, fls. 134 v.

A sala em questão tem 20,50 metros de comprido por 6,50 de largo. O tecto ostenta ainda a sua feitura do seculo XVIII. Molduras largas, que anteriormente estiveram douradas, dividem-no em paineis symmetricos, que, por sua vez, trazem pinturas a cores, geralmente escudos estilizados. As paredes estão ornadas com quadros a oleo, representando os doutores da Igreja e as Santas Margarida e Cecilia. Na parede da cabeceira existia antigamente um altar dedicado a Sant'Anna. Lembram-no as palavras *Anna Parens* — Mãe Anna — pintadas em sua frente no tecto. Havia tambem assentos e bancos aos lados e no fundo uma cadeira magistral.

Todo esse apparato deixa bem a entender para que fim servia a sala. Apesar do nome, nenhum Capitulo nella se realizou; fazia-se no refeitorio. Era a sala, escreve Moreira de Azevedo (7), "um recinto de meditação, estudo, doutrina e sciencia; era a aula, o athenêo, a academia dos padres. Na cadeira magistral, fronteira ao altar, sentava-se o religioso, o philosopho, o homem de doutrina sã e de sciencia profunda, que recebera da Ordem o titulo de mestre, e fazia prelecção, dirigia a palavra a seus irmãos com a fé, uncção, sciencia e verdade que aprendera no retiro da cella, no estudo continuado e silencioso do claustro; occupavam os bancos, que ladeam aquella cadeira, os religiosos e os noviços, que attentos assistiam a essas palestras litterarias.

Attrahiam essas prelecções grande concurrencia; os homens doutos, os de elevada jerarchia e algumas vezes o vice-rei compareciam no claustro para ouvir as conclusões philosophicas, que tão uteis foram ao convento, fazendo apparecer essa familia de philosophos, de oradores e de mestres, que illustraram a ordem franciscana entre nós".

A estas palavras do fecundo historiador só temos de accrescentar que não eram sómente os Religiosos que nessa sala aguçavam a sua intelligencia. Vinham os seminaristas, vinha a mocidade estudiosa, vinham os Religiosos de outras Ordens, principalmente no tempo do funccionamento da Universidade, como havemos de vêr no capitulo immediato. E

7) Apontamentos historicos, pag. 140.

quando se tratava da defesa de theses philosophicas e theologicas era concedida a palavra a quem a solicitasse. A sala do capitulo é o recinto que lembra uma das tradições mais gloriosas do Convento de Sto. Antonio.

Não era, porém, sómente lugar de estudo, servia tambem de jazigo mortuario. A terça parte, a começar no altar, estava dividida em sepulturas, que foram removidas na restauração do Convento, iniciada em 1911. Nessas sepulturas repousaram os despojos de alguns homens de destaque no seu tempo, como o General Boehm, convertido do protestantismo (1783), D. Fr. José Chichorro, marechal e commandante (1789), o 2º Marquez de Pombal (1812) e sua esposa (1808), Fr. Manuel Souto Maior, commandante da nau "Rainha de Portugal", que trouxe para o Brasil algumas Princezas da familia real (1810), o padre Antonio P. de Souza Caldas, philosopho, orador e poeta (1814), Marcos Antonio Portugal, celebre musico (1830) e outros (8). A pedido do Governo portuguez, os restos mortaes de Marcos A. Portugal foram entregues, em 18 de Junho de 1928, para serem depositados no mosteiro dos Jeronymos de Lisboa.

Numa das paredes acha-se, até ao presente, o tumulo, com grande lapide á frente, do Marechal João Forbes Skellater, que acompanhou a familia real, mas falleceu logo, isto é, em 8 de Abril de 1808. (V. estampa nº. 11).

Capella de Sto. Aleixo

O supradito salão communicava antigamente sómente com o claustro, por meio das duas portas de grade existentes, de modo que pertencia á clausura. Na restauração, porém, do Convento, encetada por Frei Diogo de Freitas, deitou-se abaixo parte da parede ao lado do antigo altar de Sant'Anna, donde resultou uma entrada do saguão da portaria. Ora, no vão que ahi se vê e que fica em baixo da escada interna, existia primitivamente a Capella de Sto. Aleixo.

Como é sabido, este Santo viveu longos annos como mendigo em baixo da escada na casa paterna, sem ser co-

8) Registo de obitos, no archivo do Convento.

nhecido e, quando doente, foi tratado pela propria esposa. Os nossos antepassados consideravam-no como uma especie de precursor de S. Francisco e quizeram honrar-lhe a memoria, collocando a sua imagem no dito vão. Ahi ficou, ao que parece, até aos ultimos decennios do seculo passado. Em 1800, segundo Moreira Azevedo (9), um raio cahiu na capella.

Em annos posteriores o vão serviu de deposito de agua benta.

A imagem de Sto. Aleixo, de barro, o Guardião Frei Justo Scheidgen fê-la concertar e collocou-a na parede do patamar de outra escada. Representa o Santo meio deitado no chão, com as mãos postas em devota prece. (V. estampa nº 19).

1757 a 1761

O Capitulo, celebrado em 22 de Outubro de 1757, elegeu Guardião a Frei Manuel de Sta. Teresa Velloso, e como os seus antecessores immediatos, foi confirmado na Congregação Intermedia. Continuando as obras, acabou o dormitorio da parte da enfermaria, isto é, dos fundos. Deste modo ficou fechado o majestoso claustro como hoje se vê, com as grossas arcarias, sete de cada lado, que circumdam o espaçoso pateo interno. Tão avultadas eram as esmolas recebidas por Frei Sta. Teresa que, terminado o seu triennio, ainda deixou sufficientes recursos com que se completasse o que faltava para a total perfeição da obra.

Capellanias nas fortalezas e nos navios de guerra

Os filhos de S. Francisco sempre prestaram a sua collaboração em qualquer ramo de actividade sacerdotal. Que os nossos antepassados na Provincia não se afastaram desta regra, mostra a noticia que aqui queremos inserir, como tambem a que daremos logo adiante.

Desde o principio do seculo XVIII, o Convento de Sto. Antonio incumbia-se do serviço religioso nas Fortalezas da nossa Guanabara. O primeiro documento que encontramos a este respeito é a Carta Regia de 7 de Outubro de 1758, pedindo ao Governador informações sobre si convinha en-

9) O Rio de Janeiro, etc., pag. 92.

tregar ao Convento a capellania da Fortaleza na Ilha das Cobras. Infere-se desta Carta que já antes prestavam o seu serviço nas duas Fortalezas da barra e que exerciam a missão frequentemente com perigo de vida, por causa do trajecto pelo mar agitado (10).

Além disso, serviam nas Fortalezas de Villegaignon e Praia Vermelha.

Até quando desempenharam este encargo? Respondemos: até mais não poderem. A este ponto chegaram as coisas depois da prohibição, em 1764, de a Provincia receber qualquer noviço. Accresce que na mesma época a morte abriu grandes lacunas (9 por anno) nas fileiras dos Religiosos, de maneira que é a expressão da verdade o que o Vice-Rei Marquez de Lavradio escreveu ao Provincial em sua carta de 13 de Março de 1771, ao exonerar os frades da capellania de duas Fortalezas, dizendo:

"A prohibição que ha para esse Convento não poder aceitar mais Religiosos, e o serem ainda poucos os que tem, para os actos da Communidade, me obrigarão a prover as Capellanias das Fortalezas de S. João, Villagalhon (sic!) para desonerar ao mesmo Convento da pensão, que tinha"... (11).

Do serviço, porém, nas Fortalezas de Santa Cruz e Praia Vermelha só foram dispensados em 23 de Setembro de 1831 (12).

Quanto aos serviços nos navios de guerra, consta que os Religiosos do Convento de Sto. Antonio serviam nelles de capellães já em fins do seculo XVII (13).

Grande tornou-se o seu numero no tempo da Independencia.

"Quasi toda a mocidade que possuiamos em 1822 — assim affirma o Provincial Frei Prilidiano em sua Representação á Camara em 1841 — foi estragada no serviço honroso, mas duro, da Esquadra Nacional. Quasi todos os navios, que fizerão a guerra da Independencia, que forão

10) Tombo II, fls. 182.
11) Item, II, fls. 248.
12) O Rio de Janeiro, etc., pag. 95
13) Tombo I, fls. 29 v.

enviados em diversas commissões á Europa, que servirão na lucta do Rio da Prata, e que forão ultimamente empregados na pacificação do Pará, tinham a seu bordo Capellães tirados deste mesmo Convento, alguns delles morrerão no serviço da Armada, muitos contrahirão enfermidades, que os tornarão invalidos, e anteciparão a sua morte..." (14).

1761 a 1764

Desde o Capitulo Provincial, realizado aos 4 de Janeiro de 1761, presidiu ao Convento durante tres annos Frei Antonio de Jesus Maria Claro.

No seu tempo fez-se no claustro a Capella, com retabulo, do *Ecce Homo,* de cuja imagem e Capella no antigo Convento já nos occupámos.

Nesta Capella estiveram depositados os caixões dos Principes D. Affonso e D. Pedro Affonso, "esperanças do Brasil que tão cedo murcharam", um em 1847, o outro em 1850; mas em 1877, depois de encerrados em monumento de marmore, foram trasladados para a Capella vizinha da S. Familia. Tambem o esquifezinho do filho primogenito de D. Pedro I, D. João Carlos Borromeu, Principe da Beira, fallecido em 1822 com onze mezes de idade, foi depositado nesta Capella.

Infelizmente, a Capella do *Ecce Homo* ficou toda inutilizada no seu interior no tempo da occupação militar (1885 a 1901), de modo que se tornou preciso remover a bella e historica imagem do *Ecce Homo,* que hoje se vê na segunda sacristia. Para o recinto da Capella do *Ecce Homo* mudou-se, em 1931, o altar com seu retabulo de N. Sra. dos Prazeres, afim de aproveitar a sua Capella para quarto do porteiro.

A assistencia aos leprosos

Foi tambem durante o governo de Frei Claro (ou talvez já antes) que o Convento iniciou a obra, eminentemente caritativa, de assistencia aos leprosos.

E' sabido com quanto amor o seraphico S. Francisco se condoia destes pobres doentes, que a sociedade elimina

14) Doc. avulso impresso, no archivo do Conv.

de seu meio. Lá na planicie de Assis ainda se vê o lugar onde estava o leprosario que S. Francisco frequentemente visitava para pensar as feridas dos enfermos e onde, ás vezes, lhes restituia milagrosamente a saude. Igual caridade Francisco recommendava a seus discipulos.

O mal de Lazaro foi bem cedo importado no Rio de Janeiro, não se sabendo si da Europa ou da Africa. Já em 1637 a Camara supplicou ao Rei désse providencias; mas sem resultado. Entretanto, o mal mais e mais se alastrava. Compadeceu-se, emfim, o Conde de Bobadella e a seu custo asylou os morpheticos numas casinhas em S. Christovão.

Não é facil encontrar enfermeiros para servir no tratamento dos leprosos; sómente a caridade christã neste como em outros misteres faz prodigios. O Conde, pois, dirigiu-se ao Convento de Santo Antonio com o successo de obter do Provincial tres Religiosos donatos para esse arduo officio, os quaes, no dizer do Vice-Rei conde da Cunha, com grande amor de Deus assistiam aos doentes.

Depois da morte de Bobadella, em 1º de Janeiro de 1763, o encargo dos leprosos passou, a pedido do Bispo, para a Irmandade do Sacramento da Candelaria.

O Convento de Sto. Antonio, porém, continuou a prover o lazareto de enfermeiros durante longos annos. Em 1788 o Tombo Geral faz referencia a estes heroes, chamando-os "victimas vivas da caridade", o que faz suppor tenham tambem elles contrahido o mal. Entre os Religiosos enfermeiros destacava-se o Irmão Francisco de N. Sra. da Candelaria, que assistiu no hospital de 1781 a 1808 e que mereceu ser chamado "modelo de penitencia, columna de Caridade, pedra da paciencia, amante da virtude, esteio do Hospital, conservador da paz, zelador do culto divino, apaziguador das discordias, conselheiro do recto caminho da eternidade, abrazado amante da Mãi de Deus, incançavel no serviço, tanto corporal, como espiritual".

Referindo-se ao muito que o Hospital dos Lazaros deve ao Convento de Sto. Antonio, escreve F. B. Marques Pinheiro no seu excellente livro sobre a Irmandade da Cande-

laria: "A esta casa religiosa deve o Hospital muitos e relevantissimos serviços, prestados pelos seus padres e donatos, os quaes com verdadeira abnegação e caridade, despidos de interesses materiaes, se prestaram ao tratamento dos doentes e á administração da casa, principalmente, nos primeiros annos da sua fundação e ainda neste seculo" (seculo passado) (15).

Presentemente a nossa Provincia conserva um capellão no leprosario São Roque, em Piraquara, Estado do Paraná.

1764 a 1767

No triennio immediato, o Guardião Frei José de S. Cosme realizou a obra importante de prover a cozinha e o refeitorio de agua encanada. Para esse fim construiu no morro caixas, tanques e aqueductos e no refeitorio abriu na parede o nicho existente, com a barra de azulejos e columna de pedra com torneira.

Num pequeno pateo, que havia no morro junto á enfermaria, pôz a imagem de S. José.

A assistencia aos padecentes

Entre as determinações do Capitulo de 28 de Janeiro de 1764, em que fôra eleito o dito Guardião Frei José de S. Cosme, lê-se o seguinte: "Nomearão-se tres Religiosos para associarem os Padecentes ao patibulo, os quaes são o Irmão Lente Frei Antonio da Annunciação, o Irmão Lente Frei Justo da Natividade, e o Irmão Prégador Frei Bernardo do Rozario, estes estarão izentos dos Sermões das Taboas do Convento para estarem promptos..." (16).

Isto nos offerece occasião para dizer alguma coisa sobre o acto de caridade, praticado pelos Religiosos do Convento de Sto. Antonio aos condemnados á forca.

Até á sua expulsão em 1759, os Jesuitas estiveram encarregados dessa assistencia. Consistia em ficarem junto do sentenciado durante os dias que passava na capella antes

15) O Rio de Janeiro etc. pag. 153 — Tombo III, fls. 103 v. — Irmandade do Santissimo Sacramento etc., por F. B. Marques Pinheiro, 1930, vol. II pag. 360, 413, 414.

16) Tombo II, fls. 206 v.

do supplicio, confessarem-no, si queria, celebrarem a s. Missa e darem a Communhão. No dia fixado para a execução acompanhavam o triste prestito, passando por diversas igrejas até chegarem á forca, armada em praça publica. Diversas vezes o lugar da forca foi mudado no Rio de Janeiro. No seculo passado esteve armada nos largos da Prainha, do Capim e do Moura. Tiradentes esteve pendurado no campo da Lampadosa. "Chegado, emfim, o cortejo ao local da execução, diz Vieira Fazenda, o padecente beijava de novo a imagem de Christo. Os sacerdotes entoavam a oração *Ne recorderis,* aspergindo-o com agua benta. Ajudado pelo carrasco e acompanhado pelo confessor, subia o condemnado os degraus da forca. O algoz amarrava o baraço na trave superior, e o sacerdote descia lentamente, com as costas voltadas para o povo, rezando com voz pausada o *Credo,* e, pousando os pés na terra, voltava-se rapidamente ao pronunciar as palavras: vida eterna. Neste momento terrivel o carrasco precipitava o condemnado, que expirava em horriveis convulsões" (17).

Após o supplicio, um dos Religiosos assistentes fazia uma pratica. Aos 21 de Abril de 1792, na execução de Tiradentes, cujos companheiros todos foram assistidos pelos Franciscanos em numero de 11, Frei Raymundo Pennaforte da Annunciação, Custodio da Provincia (de quem reproduzimos o fac-simile de seu autographo na estampa nº 40), falou sobre o texto biblico: "Não atraiçôes a teu rei nem por pensamento... as mesmas aves levariam as tuas palavras".

Na mesma occasião falou tambem o Guardião Frei José Carlos de Jesus Maria Desterro e dizem os autores que não foi feliz na sua admoestação ao povo (18).

Sensacional foi tambem a execução de dois assassinos, em 7 de Março de 1837. Depois de satisfeita a justiça humana, fazendo a sua pratica de costume, Frei Joaquim de

17) Rev. Inst. Hist. 1919, pag. 107.
18) Jonathas Serrano, "Historia do Brasil", pag. 280.

Sta. Catharina de Sena (19) perorou com estas palavras, que depois de cem annos nada perderam de valor:

> "Brasileiros, homens de todos os paizes e de todas as idades, que vos reunistes para testemunhar uma scena tão horrivel, não são lagrimas estereis que eu hoje venho reclamar de vós. E' inutil offerecer o contraste do crime e da virtude; não é a primeira vez que se têm dado no meio de vós estas lições de severidade; nossos pais viram estas execuções terriveis que nossos olhos hoje testemunham. Muitos vos disseram que uma punição bem que tardia não deixa de seguir o culpado; hoje vos falarei outra linguagem, hoje bradarei nos vossos ouvidos: Brasileiros, respeitae a religião. Se os vossos deveres sagrados não fossem infringidos a sociedade não seria manchada com tantos crimes. Amai a religião; se ella fôra apreciada como convém, as sociedades só offereceriam quadros de paz, de beneficencia e generosidade.
>
> Diante de um patibulo infame, á vista dos cadaveres dos justiçados esta linguagem nos basta, esta grande verdade se manifesta com toda a sua pompa e toda a sua magnitude. Disse" (20).

Os Franciscanos continuaram a exercer a sua caridosa missão até meados do seculo passado, em que a forca foi abolida no Rio de Janeiro. Além disso, dois Religiosos de Sto. Antonio desempenhavam o officio de "capellães da agonia", no hospital da Misericordia; pelo que a Santa Casa dava annualmente a esmola de 1$280 (21).

Uma visita insolita

No historiar os factos que se prendem ao triennio do Guardião Frei José de S. Cosme, damos agora noticia de uma visita insolita que teve o Convento de Sto. Antonio, e esta visita, por sua vez, nos offerecerá ensejo para nos estendermos em algumas considerações sobre a época que teve inicio justamente no tempo do dito Frei S. Cosme.

---

19) Este Religioso fez-se logo depois coadjutor da freguezia de Magé e morreu secularizado.

20) Dr. Moreira de Azevedo, "Curiosidades", 1873, pag. 79.

21) O Rio de Janeiro, I, pag. 95.

Lemos no livro do Tombo Geral:

"Aos nove de Outubro de mil setecentos, e sessenta, e cinco, vierão a este Convento de Santo Antonio o Excellentissimo Senhor D. Frei Antonio do Desterro Bispo desta Dioceze, e o Excellentissimo Senhor Conde de Cunha Vice-Rey deste Estado, e mandando congregar todos os Religiosos no Capitulo em plena Communidade, em presença daquelle Exmo. Prelado, o mesmo Exmo. Vice-Rey pessoalmente intimou a Ordem Regia, que se segue...".

Quem lê este solenne exordio naturalmente pensa que qualquer coisa de extraordinario ia acontecer. E os Religiosos? Não recearíam uma tempestade quando fóra de horas soava a campana do claustro, junto ao refeitorio, mandando que se reunam? Ainda estava na recordação de todos o Decreto de 30 de Janeiro de 1764, com que sua Majestade suspendia o noviciado até nova ordem. Ainda não estava esquecido o acto do mesmo Vice-Rei, de 10 de Julho e 3 de Agosto do mesmo anno de 1765, desterrando alguns padres para outros Conventos. Depois, a presença do Bispo não era muito promettedora. Sua Excia. havia-se mostrado instrumento docil a serviço do famigerado Pombal, na expulsão dos Jesuitas. Teriam os Franciscanos sorte igual?

Mas que havia, emfim? O Vice-Rei veiu communicar que sua Majestade estranhou os "escandalozos procedimentos" com que se "prostituiu" uma Religião (Ordem) de tanta piedade... que no futuro vivessem em paz e caridade,... que não dessem mais execução a nenhum Rescripto ou Patente sem o Beneplacito Regio, sob pena de serem desterrados quem o fizer e seus cooperadores (22).

Os tres primeiros Vice-Reis

Seja-nos permittido fazer aqui algumas reflexões sobre o vice-reinado no Rio de Janeiro, que não sómente elucidarão a dita Ordem Regia, aliás redigida pelo proprio Conde da Cunha, mas trazem a lume mais algumas coisas, cujo conhecimento é de grande utilidade.

22) Tombo II, fls. 224.

O Rio de Janeiro foi elevado a capital do Estado do Brasil por Decreto de 27 de Janeiro de 1763. Em virtude disso, passavam a residir nelle os Vice-Reis, transferidos da Bahia.

O primeiro Vice-Rei na Sebastianopolis devia ser Gomes Freire, Conde de Bobadella. Mas a alta distincção não o alcançou, pois já tinha fallecido de desgosto pela perda da Colonia do Sacramento, a 1° de Janeiro de 1763 (23). Entrou em seu lugar o Conde da Cunha, que, nomeado em 27 de Junho de 1763, chegou ao Rio de Janeiro aos 15 de Outubro do mesmo anno e tomou posse quatro dias depois.

A transferencia dos Vice-Reis constitue um marco na historia da Capital. E' de justiça reconhecer que foi o factor de franco progresso e prosperidade. A população augmentou rapidamente e a cidade começou a estender-se por todos os lados.

Mas não é isso que aqui nos interessa; limitamo-nos ao terreno religioso e particularmente ao que diz respeito aos Franciscanos.

Desde longo tempo a Metropole intromettia-se nas coisas de exclusiva competencia da autoridade ecclesiastica, interpretando a seu talante os suppostos direitos do Padroado. A Provincia franciscana da Immaculada Conceição experimentou essa intromissão indebita desde a sua fundação, com a prescripção do numero dos Religiosos que devia ter.

No governo de D. José I (1750 a 1777), então, o regalismo chegou ao auge pela influencia nefasta de seu primeiro ministro, o marquez de Pombal, e passou como herança para os tempos futuros, causando um mal immenso ás Instituições ecclesiasticas e á Religião em geral.

Só baqueando o Imperio, em 1889, é que a Igreja e as Ordens puderam respirar livremente.

Quando, para reatar o fio, o Conde da Cunha tomou posse de seu cargo em 1763, que é que se podia esperar sinão que no Rio de Janeiro puzesse em pratica a doutrina regalista bebida na Metropole?

---

23) Rev. Inst. Hist. 1923, pag. 522.

Sua Excia. tem sido diversamente julgado. Não se lhe podem negar grandes meritos na administração e defesa da Cidade, mas é certo tambem que se incompatibilizou com quasi todas as classes sociaes.

Si o Conde esbravejava contra todos, os padres e frades não constituiam excepção. Para elle, uns e outros eram ignorantes, que o Bispo ordenava sem escrupulo. Os moços faziam-se frades para fugirem de servir nas milicias e viviam numa escandalosa liberdade. Protestava contra o grande numero de frades nos tres Conventos. O Bispo não gostava delle, ainda que apparentemente mostrasse ser seu amigo, e o clero seguia o exemplo do Bispo (24).

Que dizer destes conceitos do Vice-Rei? Quanto aos Religiosos do Convento de Sto. Antonio, o Conde faltou á verdade. Justamente na época de sua administração floresciam os estudos bem organizados. Si nem todos os Religiosos eram luminares, não faltavam intelligencias que se salientavam nas sciencias e artes, e, si havia frades que andavam pela estrada mediocre da virtude, outros se destacavam por sua piedade e heroismo christão.

A entrada na Ordem de gente moça é e sempre será o elemento de uma sã renovação e só pode escandalizar os que não têm noção do que é a vida religiosa. O Conde da Cunha pensava sómente no pretenso desfalque nas suas milicias pelas vocações religiosas; mas, que tenha sido competente para julgar do estado claustral, não ousaremos affirmá-lo.

Coisa singular. Havemos de ver em outro capitulo que o proprio D. João VI, de cujo espirito religioso não é licito duvidar, difficultava a recepção de noviços por julgar que a gente moça era necessaria para a defesa do Estado e o povoamento da colonia. Era o preconceito da época, de que nem D. João estava isento.

Protestava, emfim, o Vice-Rei contra o grande numero de frades. Quanto ao Convento de Sto. Antonio, residiam nel-

24) Item 1924, pag. 336.

le no anno de 1765: sacerdotes 70, coristas 25, leigos 18, donatos 2 (25).

O numero de sacerdotes era realmente grande. Mas não percamos de vista que o Convento era a cabeça da Provincia, que cerca de vinte substituiam os Jesuitas nos seus aldeamentos e fazendas, que outros eram capellães nas fortalezas e fragatas ou serviam de parochos (26). Além disso, a grande enfermaria do Convento recebia os doentes dos tres Conventos vizinhos: Cabo Frio, Macacú, Bom Jesus. A relação, porém, do Provincial Frei Ignacio da Graça, de que são tirados os dados acima, não faz discriminação alguma, mas dá a todos como pertencentes ao Convento de Sto. Antonio.

Pois bem. O Conde da Cunha protestava contra o grande numero de frades. Parece que o fazia desde que chegou ao Rio, porquanto, apenas tres mezes e meio no governo, uma Ordem Regia de 30 de Janeiro de 1764 suspendia o noviciado até novo aviso (27).

E os "escandalosos procedimentos" a que se referia o Vice-Rei quando, como acima foi dito, um bello dia appareceu no Convento de Sto. Antonio?

Historiemos brevemente o caso. No Capitulo Provincial de 28 de Janeiro de 1764 e já alguns mezes antes houve fortes desintelligencias entre o Visitador Frei Francisco da Purificação e o Provincial Frei Manuel da Encarnação. Si isso acontecesse hoje, o caso ficaria resolvido em dois tempos com o recurso ao P. Geral, ou por telegramma ou mesmo por carta. Mas naquelle tempo!

Ambos os querellandos recorreram á Corôa e ambos cahiram numa ratoeira.

Vivia naquelle tempo em Lisboa, fugido do Rio de Janeiro, o apostata Frei Pedro Nolasco de S. Francisco, homem de um orgulho sem medida. Já em 1761 fizera carga ao Visitador quando este era Provincial, mas não conseguiu o seu intento (28). Sabendo agora do recurso, tornou a machinar

25) Item 1902, parte I, pag. 130.
26) A Provincia franciscana, etc., pag. 37.
27) Tombo II, fls. 208.
28) Item, II, fls. 193.

contra o Ex-Provincial e contra outros. O resultado foi o desterro para outros Conventos distantes de todos os seus desaffectos, em numero de seis, por intimação do Conde da Cunha (29). Tres conseguiram da Rainha D. Maria I restituição quinze (!) annos depois de seu exterminio (30). Dos outros não encontrámos mais noticias.

Eram estes os factos que o atrabiliario Conde da Cunha taxava de "procedimentos escandalosos". Entretanto, para o historiador que sem prevenção forma o seu juizo de accordo com os documentos, censura muito mais grave cabe á Metropole. Onde jámais se ouviu influirem sobre a sentença do juiz as machinações de um apostata contra os seus proprios Superiores? Mas cumpre não esquecer: era a época de Pombal.

Sobre a intimação do Vice-Rei Conde da Cunha de não se dar execução, sub pena de desterro, a um Rescripto ou Breve sem o Beneplacito Regio, diremos no Capitulo X, provando que o Beneplacito foi uma das causas da decadencia.

Abramos aqui um pequeno parenthesis.

E' muito facil dizer: fulano foi desterrado, foi exterminado para outro Convento. Afiguremo-nos o que significava isto. Ser desterrado queria dizer: sacerdotes frequentemente benemeritos pela Provincia ou pelo Convento serem forçados a abandonar o seu campo de trabalho, homens de estudo a largarem os seus livros ou trabalhos scientificos, Religiosos, em cuja consciencia não pesava delicto, a verem-se humilhados perante os confrades e os seculares, e o Convento ou a Provincia a soffrer a privação de bons cooperadores.

Depois, a viagem. Si era por mar, por exemplo para Victoria ou Santos, o desterrado tinha de soffrer longos dias os incommodos do mar em nau fragil, a balouçar sobre as ondas á mercê dos ventos. Si era por terra, para S. Paulo ou Itú, o pobre do desterrado tinha de sujeitar-se a uma serie de privações, vexames e padecimentos. Era preciso alugar animal, levar escravo com matalotagem ou associar-se a uma

29) Item, II, fls. 207 v.
30) Item, II, fls. 266 v.

tropa de gente inculta e rude, pedir agazalho durante a noite ou, talvez, solicitar hospedagem por dias devido ás forças extenuadas ou ás feridas abertas, trocar animal, apanhar sol e chuva, acautelar-se dos perigos e, quem sabe, por cima de tudo isto engulir injurias por ser um desterrado pelo Exmo. Sr. Vice-Rei do Estado do Brasil.

Quanta magua, quanta tristeza devia sentir o infeliz frade a cavalgar durante 15 ou 20 dias em demanda do Convento de seu exterminio!

O Conde da Cunha foi substituido no vice-reinado pelo Conde de Azambuja (1767 a 1769). Não menos do que o seu antecessor, esposava este as idéas machiavelicas do governo metropolitano. Sem cerimonia se intromettia na vida interna da Provincia franciscana. No dia 25 de Julho de 1769, o Provincial recebia delle a seguinte carta:

"Logo que Vossa Reverendissima receber esta, mandará ao Padre Frei Lourenço de Santa Thereza Justiniano para o Convento de Santos, e ao Padre Mestre Frei João Capistrano de S. Bento para o Convento de S. Sebastião o que feito se procederá logo á eleição de Visitador, por ser serviço de Sua Majestade, e conforme as Ordens, que tenho do mesmo Senhor" (31).

Ambos os exterminados eram brasileiros, ex-lentes de Theologia, sacerdotes distinctos, que ao depois vieram a occupar cargos elevados na Provincia (32). E qual o seu crime? Tiveram a ousadia de concordar com o Provincial, sendo com elle de opinião que, não tendo vindo a patente de Visitador (33), podiam esperar com a eleição do mesmo até acabar o triennio do Provincial.

Não importa saber si era ou não procedente a razão por que o Provincial quiz conservar-se mais alguns mezes no governo. Certo é que se tratava de uma questão de direito em que póde haver divergencia de opinião. Os ditos pagaram caro o seu modo de pensar.

---

31) Item, II, fls. 232.
32) Elencho, pag. 179 e 186.
33) Por não o querer a Metropole. Item, II, fls. 232 v.

Ao Conde de Azambuja succedeu o Marquez do Lavradio (1769 a 1779). O primeiro acto que este Vice-Rei praticou, com relação ao Convento de Sto. Antonio, foi reparar a injustiça de seu antecessor. Effectivamente, por carta de 22 de Novembro de 1770, mandou restituir ao Convento a Frei Lourenço Justiniano e a Frei João Capistrano, declarando que houve falta de sinceridade nas informações dadas a seu antecessor. Ao mesmo tempo, tece elogios aos ditos padres, dizendo que foi plenamente informado de sua boa conducta, da falta que faziam ao Convento "em todos os actos de sua religião, como tambem a esta Ciddade pela muita caridade, que exercitavam na mesma" (34).

Ahi tem o leitor nas palavras do proprio Lavradio a prova de como Religiosos conceituados soffriam vexames e humilhações pela falta de tino de um Vice-Rei na averiguação dos factos.

Não se pense, porém, que o Marquez do Lavradio seguia o principio de não intervenção nas coisas internas do Convento. Na mesma carta com que ordenava a volta dos Religiosos desterrados por seu antecessor, estatuiu que no futuro os mesmos não fossem mudados para outro Convento sem primeiro lhe dar parte. Assim se cerceava a liberdade de acção dos Prelados.

Mas o Marquez do Lavradio, terceiro Vice-Rei no Rio de Janeiro, foi mais longe, quiz ser emulo dos antecessores em exterminar frades.

A simples narração do facto com as suas circumstancias há de ser sufficiente para nos mostrar com quanta arbitrariedade e injustiça procedia tambem o sr. Marquez.

O tristemente afamado Frei Nolasco de S. Francisco, depois das machinações já referidas contra os seus confrades na Côrte, resolvera voltar á Provincia. Por uma fatal coincidencia, encontrou-se, na Bahia, com o Marquez do Lavradio, quando este partia para ser no Rio investido no alto cargo. Ambos viajaram juntos. O apostata teve assim occasião de continuar a bordo as suas costumadas intrigas. Chegando ao

34) Item, II, fls. 254 v.

Rio, Frei Nolasco obteve o perdão de sua apostasia e os Superiores envidaram todos os meios para corrigi-lo e inspirar-lhe os sentimentos de um bom Religioso.

Mas não era emenda de vida que Frei Nolasco queria. Pretendia nada menos do que obter no Capitulo de 27 de Janeiro de 1770 o Provincialado, sempre fiado no patrocinio do Vice-Rei. Felizmente, os Superiores souberam cumprir o seu dever, e foi este o motivo por que, despeitado, fomentou intrigas durante todo o triennio, "buscando meios, e ainda inventando-os, para perder os Prelados".

Ora, existiam na Provincia, um no Convento de Sto. Antonio, outro no do Bom Jesus da Ilha, dois padres ex-Jesuitas que vinte annos antes da expulsão da Companhia haviam sido recebidos na Ordem franciscana: Frei Antonio da Annunciação e Frei Antonio da Conceição Lopes. O primeiro era examinador synodal e nessa qualidade examinou a Frei Lopes para ser nomeado confessor pelo Bispo. Naturalmente isto se fez com consentimento do Provincial e do Guardião de Sto. Antonio.

Estes factos, de exclusiva competencia da jurisdicção espiritual, Frei Nolasco aproveitou para torcer a corda que entregou ao Vice-Rei. Este se rebaixou a acceitá-la e lançá-la ao pescoço das victimas.

Com requintes de maldade, esperou Frei Nolasco até á ante-vespera do Capitulo Provincial, a celebrar-se no dia 30 de Janeiro de 1773, Capitulo em que pretendia de novo assentar-se na cadeira de Provincial. Lavradio não teve duvida. No mesmo dia lavrou a sentença de desterro contra o Provincial Frei Ignacio de Sta. Rita Quintanilha e o Guardião Frei Manuel de Loreto Freitas, por connivencia no horrivel crime, e contra os outros dois por terem exercido o ministerio que não deviam. Deu 24 horas para se transportarem aos Conventos mais remotos que não estivessem em porto de mar. Effectivamente, no dia seguinte, 29 de Janeiro, pelas tres horas da tarde, partiram os condemnados, o Provincial e o Guardião, para S. Paulo, Frei Annunciação para Taubaté e Frei Conceição Lopes para Itú.

Como panno de amostra do estilo e tom de que usavam os poderosos Vice-Reis em sua correspondencia com os Religiosos e em prova de como o espirito do Marquez do Lavradio estava todo envenenado pelo pombalismo, mais regalista do que o proprio Rei como o desfecho demonstrará, transcreveremos aqui integralmente a sua carta. Está ella toda eivada de invectivas contra a benemerita Companhia de Jesus; mas é escusado lembrar que insultos não constituem provas (35).

"Constando-me que nessa Provincia se tem consentido que o Padre Fr. Antonio da Conceição Lopes, e o Padre Fr. Antonio da Annunciação, ouvessem de exercitar, hum o Ministerio de Confessor, e o outro de Examinador Sinodal, tendo os sobreditos Padres sido daquelles, que por algum tempo tinhão entrado na abominavel Sociedade denominada de Jesus; e não podendo o sobredito consentimento ser julgado como innocente, assim pelo Provincial, que neste ultimo triennio tem governado essa Provincia, como pelo Guardião actual da mesma Casa, em que hum rezide, e em cujo destricto tem o outro confessado, por se achar tão sabia, e louvavelmente determinado por huã Pastoral do Provincial antecedente o Padre Mestre Fr. José dos Anjos; a fim de que em tempo algum se podesse dar interpretaçõens ás santas, justas, e sabias Leis d'El-Rey meo Senhor promulgadas a respeito daquella abominavel Sociedade; determinando o dito Provincial, que nenhum dos Padres, que estivessem na sua Provincia, e tivessem em algum tempo pertencido áquella Sociedade sempre abominavel, podessem exercitar mais os Ministerios de Confessores, Mestres, e Pregadores, o que tão louvavel e religiosamente se executou em tempo do seo governo: não sendo a dita Pastoral ignorada pelo Provincial actual Fr. Ignacio de Santa Rita Quintanilha, e pelo Guardião do Convento desta Cidade Fr. Manoel de Loreto Freitas; fazendo-se summamente reprehensivel que depois de haver naquella Provincia huã Ordem tão conforme á razão, e tão propria do respeito, com que devemos sempre olhar para as sagradas Leis do Nosso Augustissimo Soberano; tivesse o dito Provincial em materia tão importante permittido se relaxasse, e não tivesse a devida observancia, o que por aquelle louvavel Prelado tinha sido determinado (36), sem haverem esperado resolução

35) Quem quizer ter idéa da clamorosa injustiça com que se fez, em 1760, a devassa contra os Jesuitas, leia "A terra Goytacá" de Alberto Lamego, vol. III, 1925, cap. X e seg.

36) O Provincial, sem o Capitulo, só póde dar preceitos para o tempo de seu governo; expirando este, cessa tambem o preceito. O successor, portanto, de Frei José dos Anjos estava livre.

d'El-Rey meo Senhor áquelle respeito que é só quem podia declarar a sua Real Intenção, não devendo disculpar ao dito Prelado actual, o terem os ditos Fr. Antonio da Conceição Lopes e Fr. Antonio da Annunciação sido daquelles, que tinhão sido expulsos daquella infecta Corporação vinte e tantos annos antes da sua extinsão; não só porque devia suppôr, que depois de terem entrado hua ves hum corpo tão cheio de corrução, elles poderião tão bem ter ficado contaminados com aquelle mesmo veneno, mas porque depois de hum dos Prelados maiores daquella Provincia, ter feito hua prohibição geral a todos aquelles Individuos, elle não devia ter liberdade, para nem mais levemente alterar, e sendo summamente criminoza, ainda a mais pequena benevolencia, que se possa ter com gentes, que pertencerão por qualquer modo áquella Sociedade, que só nos deve lembrar para nos fazer horror os abomináveis monstros, que ella tem produzido: Suppostas todas estas justissimas razõens: Sou a dizer a Vossa Reverendissima que chamando a Capitulo a sua Communidade, e diante della lendo esta Carta mandará exterminados para os Conventos mais remotos da sua Provincia, assim os sobreditos dous Prelados, Provincial actual, e o Guardião dessa Casa, como os dous Padres Fr. Antonio da Conceição Lopes, e Fr. Antonio da Annunciação, que exercitarão o Ministerio que não devião, os quaes ficarão nos sobreditos Conventos, que Vossa Reverendissima lhes determinar, á Ordem de El Rey meo Senhor, athé o mesmo Senhor, a quem dou conta, determinar a este respeito o mais que for servido. Os sobreditos Padres sahirão para os seos destinos o mais tardar vinte e quatro horas depois de lida esta Carta: devo advertir a Vossa Reverendissima, que nenhum deve ficar em Convento, que fique em porto de mar, e que se devem conservar dentro dos Conventos, a que forem destinados, ficando os Prelados dos sobreditos Conventos obrigados a darem conta dos ditos Padres a todo o tempo, que de Ordem de El Rey meo Senhor se procurarem por elles. Deos guarde a Vossa Reverendissima. Rio de Janeiro aos vinte oito de Janeiro de mil sete centos, setenta, e tres. — Marquez do Lavradio, Vice-Rey deste Estado do Brasil. — Senhor Padre Visitador Geral Fr. José dos Anjos Passos" (37).

Agora o epilogo.

No mesmo anno de 1773, por intervenção da Provincia em favor dos confrades desterrados, o Rei ordenou ao Marquez do Lavradio reconduzisse todos os quatro ao Convento de Sto.

37) Tombo II, fls. 251 v. e seg.

Antonio e que no futuro tivessem todas as honras e privilegios de que anteriormente gozavam (38).

Frei Nolasco, o famigerado fomentador de discordias e conselheiro do Vice-Rei, depois de um inutil aggravo á Corôa, apostatou de novo, fugiu para Lisboa, onde um dia foi encontrado morto sem se saber de que morreu nem quando expirou.

"Desta sorte finalizou a sua infeliz tragedia", diz o livro do Tombo, e o Marquez do Lavradio continuou a considerar como sua missão contribuir para o povoamento da cidade.

Um bello attestado da pobreza franciscana dos Religiosos

Não nos queremos despedir do tempo de governo do Guardião Frei José de S. Cosme (1764 a 1767), que nos offereceu o ensejo de projectar alguma luz sobre a época dos tres primeiros Vice-Reis no Rio de Janeiro, sem transcrever um documento official de 1765, mais agradavel do que as cartas do Conde da Cunha e a lenga-lenga indigesta do Marquez do Lavradio. Encontramo-lo na "Correspondencia de varias authoridades", publicada, com mappa annexo, pelo Instituto Historico do Rio de Janeiro, e outrosim copiado no livro do Tombo, mas sem mappa (39). Trata-se da carta com que o Provincial Frei Ignacio da Graça acompanhou o relatorio que teve de remetter á Metropole sobre o estado pessoal e economico da Provincia.

A gloria dos Franciscanos é e sempre será a observancia da pobreza; com ella fica de pé, sem ella cae toda a Ordem. Observavam-na os frades na época de que nos estamos occupando?

Ouçamos o que diz Frei Ignacio da Graça:

> "As rendas de cada um dos Conventos para a manutenção dos Religiosos que nelles residem não são outras senão as esmolas que contribuem os fieis para allivio da pobreza altissima que professamos; e sendo estas em uns tempos mais diminutas, e em outros mais avultadas, e por isso contingentes, não posso fazer calculo certo do seu rendimento. Porém posso certificar

38) Item, II, fls. 254.
39) Rev. Inst. Hist. 1902, parte I, pag. 128. — Tombo II, fls. 208.

a Sua Magestade que nestas terras vivendo, como vivemos verdadeiros Franciscanos, mendigando pelos fieis como pobres de Christo, o que nos dão nas suas portas para reparo das indigencias e necessidades da vida, experimentando muitas faltas e nunca sobras, como é de razão experimente os que professam a pobreza mais austera, sem terem bens em commum, nem em particular, e vivem sómente com dependencia da caridade dos bemfeitores, a qual nem sempre tem exercicio nos seus actos".

E não pense o leitor que o Provincial fez esta profissão de fé franciscana sómente perante sua Majestade. No Capitulo em que o mesmo fôra eleito, ordenou-se que os Prelados maiores, em suas visitas aos Conventos, não fossem recebidos com apparato e que nas suas cellas não se puzesse nada pertencente a seculares (tomado emprestado para enfeitar as cellas) "porque em tudo queremos que triumphe a Santa Pobreza, que professamos" (40).

Fique o leitor sabendo tambem que nesta epoca ainda se considerava falta de pobreza usar de garfo na mesa, de castiçal de metal na cella e de fechadura de ferro na porta da mesma e nem aos sacerdotes era permittido usar de lenço branco. Só muito mais tarde concedeu-se o uso do garfo.

A pobreza, pois, essa dama dos amores de S. Francisco, era cultuada. Os frades achavam justo soffrer faltas na sua manutenção, por serem pobres por amor de Christo. Graças a Deus.

40) Tombo, II, fls. 207.

CAPITULO VII

1767 a 1800

Serie dos Superiores, suas obras executadas no Convento — A enfermaria do Convento — A bibliotheca do Convento — O Vice-Rei D. Luiz de Vasconcellos e Souza — Frei José Mariano da Conceição Velloso — A Universidade de estudos no Convento — Um estudante brasileiro de rara intelligencia — A caridade para com os pobres — O incendio do Recolhimento do Parto — A cozinha do Convento — Obras do Provincial Frei Brados — Um documento importante.

Concluimos o capitulo antecedente com o triennio de 1764 a 1767, durante o qual serviu de Guardião Frei José de S. Cosme.

Mas não foram sómente os factos occorridos nesse triennio que historiámos. Foi preciso irmos mais longe, incluindo na esphera das nossas considerações annos posteriores, para facultarmos ao leitor apreciar, em seu conjunto, os vexames e injustiças soffridas pelos Religiosos do Convento de Sto. Antonio, da parte dos prepotentes tres primeiros Vice-Reis no Rio de Janeiro, justamente na época do florescimento.

Fique, por isso, o leitor na intelligencia de que a acção destes representantes da Metropole se estende tambem sobre os primeiros doze annos do periodo com que nos occupamos neste capitulo, embora não mais a mencionemos.

Uma sorte tragica acompanha os ultimos trinta annos do seculo XVIII. A principio, vida exuberante, no fim a decadencia, a annunciar-se de um modo inequivoco.

Mas não antecipemos os factos; reatemos o fio chronologico.

1767 a 1770

O successor do acima referido Guardião foi Frei José dos Serafins Amorim, eleito no Capitulo de 24 de Janeiro de 1767. Foi confirmado na Congregação Intermedia, de modo que governou tres annos. Não encontramos a seu respeito noticias individuaes, mas sim apontamentos sobre as obras que effectuou.

A enfermaria do Convento

Existia no fundo do Convento a enfermaria dos Religiosos, formada por diversas dependencias, circumstancia que difficultava o serviço. Frei José dos Serafins ampliou-as e uniu-as em um só corpo e de tal maneira que nem vestigio ficou do que tinha sido anteriormente. Além disso, construiu as dependencias necessarias, como sejam, cozinha, refeitorio, pharmacia, etc. Proveu ainda a enfermaria de agua encanada, fazendo tanques, aqueductos e collocando uma bomba. Tudo isto foi feito a despeito da opinião em contrario do Definitorio, que achava a obra demasiadamente difficil de se executar. "Mas o Syndico do Convento, Antonio Gonçalves de Oliveira, — são palavras textuaes do Resumo do Tombo — tomou a coisa a si, e fez a obra, como que á "valentona".

Para dar uma idéa do que era a enfermaria do Convento de Sto. Antonio, totalmente reformada por Frei José dos Serafins e de que o P. Luiz Gonçalves dos Santos affirma em suas "Memorias", dizendo que era "neste genero a melhor coisa nesta cidade" (1), demos a palavra a Frei Diogo de Freitas, o melhor conhecedor dessa dependencia, hoje desapparecida.

"Era um vasto e bello salão de 66 metros de comprido, sobre mais de 5 ditos de largo, no terceiro andar de um edificio dos fundos e parallelo ao actual, demolido em 1910. No centro, encostado na parede, estava o altar de S. Diogo (substituindo o de S. Pascoal Baylão), patrono da enfermaria (2),

1) Memorias, etc. vol. 1, pag. XXI.

2) Segundo reza uma lenda, o motivo da mudança foi o seguinte: Como na Espanha S. Pascoal annunciava acontecimentos importantes com pancadas no seu tumulo, avisava tambem no Convento de Sto. Antonio a morte de um Religioso, geralmente na vespera por volta de meia noite. Ora, aconteceu que um dia deu aviso de morte sem haver doente na casa, com o que a Communidade ficou alarmada. Grande foi a surpresa quando no dia immediato foi trazido um Religioso fallecido fóra do Convento. Para não se repetir semelhante alvoroço na casa, o Provincial Frei Joaquim de Jesus Maria Brados resolveu collocar a imagem de S. Pascoal num nicho defronte do jardim da enfermaria, substituindo-a pela de S. Diogo, o que effectivamente fez, junto com o seu secretario, nos primeiros dias de Maio de 1799. Mas no mesmo dia ambos adoeceram e o Provincial falleceu no dia 6 do mesmo mez e o secretario no dia seguinte (Um passeio, etc., I, pag. 264).

e em frente a este havia uma serie de 12 quartos ou biombos feitos de tijolos e interiormente forrados de lindissimos azulejos, na altura de metro e meio. Os biombos eram feitos em arco e não chegavam ao tecto, para que fossem bem arejados. Na frente eram abertos e tinham nos fundos uma portinha que communicava com um quartinho de despejo. Esses quartinhos tinham por sua vez tambem uma porta que dava para o corredor que se formava entre a parede e os ditos biombos. Em caso de fallecimento, por ahi sahia o cadaver, para poupar aos outros doentes a má impressão, e descia pela escada da enfermaria.

Perto da enfermaria, do lado do morro, havia uma Capella do Senhor dos Passos, outróra cella do piedoso enfermeiro Fr. Fabiano de Christo, agora transformada em capella, após a sua morte e em homenagem ás suas peregrinas virtudes. Nesta capella costumavam os doentes assistir ao santo sacrificio da missa, quando esta não era celebrada no altar da enfermaria. Para entrar nesta capella, bastava atravessar um estreito corredor, de uns metros de comprido. Mais commodo, porém, era entrar pela porta que ficava na extremidade da enfermaria e ir para um corozinho com parapeito, construido por cima da escada, em frente á capella" (3).

Cumpre accrescentar que na parede fronteira á capella foram depositados, em caixão de zinco, trinta annos depois da morte, os ossos de Frei Fabiano, como para assignalar o lugar que tinha sido o theatro de sua incomparavel caridade. No mesmo lugar foram achados em 1º de Maio de 1924.

Na enfermaria do Convento recolhiam-se não sómente os Religiosos da casa, mas tambem os confrades doentes dos Conventos vizinhos de Cabo-Frio, Macacú e Bom Jesus da Ilha. Em 1790 teve nella agazalho o Religioso Carmelita P. Mestre Frei Bernardo de Vasconcellos, a pedido do Bispo, que

---

Os factos apontados nesta lenda pódem ser verdadeiros por mera coincidencia, como é exacto o dia da morte do Provincial. Mas o motivo é lendario. O Provincial mudou a imagem, porque S. Diogo é o padroeiro das enfermarias, não S. Pascoal.

3) A Provincia franciscana, etc., pag. 73.

assim quiz porque lhe "constava quanto é bem soccorrida no espiritual e no temporal a enfermaria do Convento de St. Antonio" (4).

A titulo de curiosidade, transcrevemos para aqui o rol da despesa da enfermaria do mez de Junho de 1798, donde se infere que o movimento era muito grande. Não se assuste o leitor com a barateza dos preços, pois o valor do dinheiro era outro.

270	galinhas	97$200
16	frangos	1$980
12	arroubas de carne de assougue	9$000
3	ditas e 8 libras de toucinho	6$080
1	dita de banha	2$160
	Carne de porco	$380
	Ovos	3$200
	Hervas e cebolas	2$100
50	libras de farinha	2$500
	Pão de ló e biscoutos	1$440
8	libras de chocolate	2$560
1	dita de xá	2$200
	Agua ardente de canna	2$500
3	alqueires de milho	1$900
	Remedios que se pagarão ao Franc°. Boticario	19$280
	Pagamento ao medico de sua assistencia	12$800
		167$280

Quando, no anno de 1899, a Provincia se reconstituiu e nova vida começou a entrar no Convento, a enfermaria estava despida de tudo, e do côrozinho e da capella de Frei Fabiano só restavam as paredes com o tecto. Muita coisa fôra destruida pelos soldados do 7° Regimento de Infantaria.

1770 a 1773 Tendo Frei Manuel de Sta. Maria Aguiar renunciado, no Capitulo de 27 de Janeiro de 1770, o cargo de Guardião, para o qual o mesmo Capitulo o elegera, foi elle substituido por Frei Manuel de Lorêto Freitas, que se conservou no cargo todo o triennio.

4) Tombo III, fls. 125.

Deste Guardião e dos outros de 1770 em diante estamos em condições de dar noticias individuaes, porque existe o seu curriculo de vida no "Registo dos Religiosos".

Frei Manuel de Lorêto era portuguez e tomou o nosso habito no Convento de Cabo-Frio, aos 9 de Julho de 1735. Depois de ordenado sacerdote pelo Bispo D. Frei João da Cruz, esteve de Commissario dos Terceiros em Santos (1748), S. Paulo (1753), S. Francisco do Sul (1759 a 1767) e de Guardião, além do Rio, em Itanhaem (1767) e S. Paulo (1774). — Dois dias antes de acabar a sua guardiania no Rio, foi desterrado, junto com o Provincial, para S. Paulo, pelo Vice-Rei Marquez do Lavradio, e restituido por ordem de sua Majestade no mesmo anno, conforme noticiamos no capitulo antecedente. — Por graça do Nuncio de Lisboa, Frei Lorêto teve o titulo de Definidor. Morreu nonagenario no Convento do Rio, munido com todos os Sacramentos, aos 15 de Março de 1805 (5).

Frei Lorêto executou obra importante no Convento. Acima dissemos que a enfermaria ficava no terceiro andar de um edificio nos fundos da casa. Ora, com as modificações feitas pelo antecessor, o andar por baixo da enfermaria ficara quasi de todo inutilizado. Frei Lorêto emprehendeu a sua restauração, transformando esta dependencia em dormitorio para os frades coristas, pelo que era denominado coristado. O pavimento terreo desse edificio, porém, continuou sempre um grande porão, humido e sem luz. Com a enfermaria, desappareceu todo este edificio na restauração iniciada em 1910.

O mesmo Guardião dotou ainda a sacristia de muitas peças de valor, como diremos especificadamente ao tratar da igreja.

1773 a 1777 O periodo de governo que se segue, depois do Capitulo celebrado em 29 de Janeiro de 1773, durou quasi cinco annos, isto é, até 29 de Outubro de 1777. Durante este espaço de tempo, tres Guardiães brasileiros tiveram a direcção do Convento: Frei Antonio de S. Vicente Fer-

5) Elencho, pag. 218.

rer, até á Congregação Intermedia; Frei Boaventura de S. Salvador Cepêda, que renunciou a 4 de Março de 1776, e Frei Sebastião de Sta. Rosa Caminha, até ás eleições capitulares de 13 de Dezembro de 1777.

Frei Vicente fez-se Franciscano no Convento de Cabo Frio, aos 7 de Dezembro de 1732. Em 15 de Setembro de 1780, obteve os votos do Definitorio para, na qualidade de Vigario-Provincial, completar o tempo do Provincial deposto pelo Bispo, como infractor da lei da "Alternativa". Occupou ainda o cargo de Definidor e de Custodio e como Custodio falleceu aos 31 de Agosto de 1785 (6).

Quando Guardião do Rio, Frei Vicente Ferrer mandou ladrilhar e calçar de pedras toda a ladeira.

Continuava nesse tempo a servir de Syndico do Convento Antonio Gonçalves de Oliveira, o mesmo que ajudou a Frei José dos Serafins na total reforma da enfermaria. Agora prestou seu concurso a Frei Vicente, pois á sua custa fez-se a Capella de Jesus, Maria, José, com retabulo.

Está esta Capella situada na quadra dos fundos do claustro, á cabeceira da sepultura de Frei Francisco do Monte Alverne, o grande orador sacro. Em consequencia dos estragos causados pelos soldados, só resta hoje a metade, sem altar e sem retabulo. O tumulo dos dois principes da familia imperial, que nella esteve collocado, acha-se presentemente no Mausoléu.

O segundo Guardião deste periodo, Frei Boaventura de S. Salvador Cepêda, entrou no noviciado no Convento da Conceição de Itanhaem, aos 13 de Fevereiro de 1737. Na sua vida religiosa distinguiu-se por seu grande saber. Em theologia, philosophia e canones era o *primus inter pares,* pelo que lhe davam o tratamento de Padre Mestre Cepêda, quando era uso chamar tambem os lentes sómente de Irmãos. Frei Cepêda prestou relevantes serviços ás Ordens Terceiras de Minas, junto ás quaes funccionou como Visitador em 1751 e 1752. Em S. João d'El-Rey ainda hoje se conservam os termos de sua visita, testemunhas de seu zelo pela observancia da Regra.

6) Item, pag. 127.

Desempenhou tambem duas vezes o cargo de Visitador nos Conventos do Sul. Teve o titulo de Ex-Leitor e Ex-Custodio, e falleceu no Rio aos 15 de Janeiro de 1793, fulminado por insulto apopletico, podendo receber apenas a santa Uncção (7).

No curto prazo que Frei Cepêda esteve de Guardião no Convento do Rio de Janeiro, fez obras importantes. Construiu a enfermaria dos escravos e sala grande para bibliotheca. Ambas as dependencias ainda existem, graças a Deus.

A enfermaria dos escravos é um salão de 20,20m. de comprido por 6,70m. de largo. Tinha uma capella, de que restam vestigios, com a invocação de Nossa Senhora do Rosario, festejada pelos escravos e á sua custa na igreja do Convento. Esta dependencia está hoje transformada em carpintaria.

A bibliotheca do Convento

Obra de maior vulto é a sala da bibliotheca, que Frei Cepêda construiu e guarneceu de estantes. Mede ella 18,50m. de comprido por 7,15m. de largo.

A bibliotheca do Convento, que em seu tempo rivalizava com as melhores da cidade, funccionou primitivamente em um salão no sobrado, que deita para o pequeno jardim da sacristia. Depois de Frei Cepêda mudá-la, serviu este salão de barbearia, de sala de crespo, isto é, sala em que se crespava a roupa branca da Capella real, e, desde 1933, é transformado em gabinete de estudos entomologicos.

No salão construido por Frei Cepêda esteve a bibliotheca até 1914. Sendo, porém, seu accesso penoso e em parte sem abrigo em dias de chuva, e tambem por lhe faltar a luz e o ar sufficiente, Frei Diogo de Freitas mudou-a, no dito anno, para o interior do Convento, destinando-lhe o salão que fôra outrora a cella do celebre Frei Sampaio. Nem esta transferencia foi definitiva, porque nas restaurações posteriores adaptou-se para bibliotheca o lanço de cellas que deitam para o claustro do lado do Sul. Ahi está ella presentemente bem acondicionada e, apesar do volumoso desfalque que soffreu em tempos anormaes por subtracções indebitas e estragos

7) Item, pag. 161.

pelo cupim e humidade, ainda hoje impressiona o visitante pelo grande numero de volumes que se conservaram, enormes e pesados, impressão e encadernação dos seculos XVI a XVIII. Os livros mais antigos são um volume do poeta grego Pindaro, de 1517, e um novo Testamento em latim, de 1547. Preciosas são as muitas edições da S. Escriptura e commentarios da mesma; as obras dos Ss. Padres gregos e latinos e de escriptores ecclesiasticos; os Bollandistas, o Wadding, e, emfim, o mappa-mundi de Blaeu em nove grandes volumes, editados de 1644 a 1672. (V. estampa nº 14).

Com as construcções e reformas executadas por Frei Cepêda e seu antecessor, ficou completa toda a fabrica do actual Convento de Sto. Antonio, com as necessarias dependencias. Tantas eram as cellas no Convento propriamente dito e no grande edificio dos fundos, demolido em 1910, que commodamente dava agazalho a 110 até 120 habitantes.

Do terceiro Guardião, Frei Sebastião de Sta. Rosa Caminha, que governou um anno e nove mezes, isto é, de 4 de Março de 1776 a 13 de Dezembro de 1777 (8), pouco podemos referir. Vestiu o burel franciscano em Itanhaem, aos 7 de Dezembro de 1733. Em 1748 esteve em Curityba como socio do Commissario dos Terceiros. Foi nomeado Definidor pelo Nuncio de Portugal, ao acabar o seu guardianato no Rio, e entregou a alma ao Criador com mais de oitenta annos de idade, munido com todos os Sacramentos, no Convento do Rio, aos 13 de Abril de 1798 (9).

Não consta que este Guardião tivesse feito obras.

1777 a 1781 Nas eleições capitulares (todo o Definitorio fôra nomeado pelo Nuncio) de 13 de Dezembro de 1777, coube o guardianato a Frei Martinho de Sta. Teresa Guerreiro, a quem succedeu, na Congregação Intermedia de 8 de Maio de 1779, Frei José do Desterro. Ambos eram lusitanos.

Frei Martinho fez-se frade franciscano no Convento de S. oBaventura de Macacú, aos 12 de Junho de 1743. Ordenou-

8) Tombo II, fls. 258 v.
9) Elencho, pag. 184.

se sacerdote em 1750. Foi passante (repetidor) de philosophia e lente de theologia para Religiosos e seculares no Convento do Rio, em 1771. Por Breve do Nuncio de Portugal, de 11 de Novembro de 1778, foi instituido Visitador Geral da Provincia, mas o Capitulo a que devia presidir foi sustado pelo Vice-Rei Luiz de Vasconcellos. Por pouco tempo serviu de Guardião em Santos (1791) e logo em seguida de Commissario dos Terceiros. — De Santos voltou para o Rio, foi atacado de lepra e morreu, com todos os Sacramentos, no isolamento situado no morro, aos 25 de Maio de 1795 (10).

Frei Martinho era um espirito emprehendedor. Infere-se isto das obras que executou, no anno e cinco mezes de seu guardianato no Rio, na igreja, de que nos havemos de occupar em outro capitulo. Os frades antigos, conservadores como são os velhos, não gostavam dessas reformas; appelidavam-no, por isso, de "bota-abaixo". Comtudo, fez bem com o alargar a igreja, e hoje lho agradecemos.

Frei José do Desterro, o segundo Guardião do Periodo que historiamos, recebeu o nosso habito em Macacú, aos 15 de Janeiro de 1751. Depois de ordenado sacerdote em 1757, foi passante de philosophia, dirigiu os Terceiros em Paranaguá (1762), Viamão (1765), Rio de Janeiro (1767); foi Guardião em São Paulo (1770), Itú (1773 a 1777), além dos dois annos no Rio. Acabando o tempo de seu cargo neste ultimo Convento, em 1781, foi nomeado Definidor pelo Nuncio de Lisboa e, em seguida, eleito Secretario da Provincia. Nesta qualidade, prestou á Provincia serviços incalculaveis, como o de reunir e catalogar os papeis e documentos que havia esparsos, transcrevendo-os em dois volumes "in folio", de 257 e 280 folhas, quer dizer, 1074 paginas. Tendo começado o terceiro volume, ainda escreveu do proprio punho 52 folhas, continuando depois outro a paciente escripturação. São esses os livros chamados "Tombo Geral da Provincia", conservados até hoje em optimo estado. Os Franciscanos, pois, foram mais felizes do que os Carmelitas, cujo Tombo se acha na Bibliotheca Nacional.

10) Registo dos Rel. Europ. fls. 121.

Junto com outros manuscriptos, dos quaes grande parte é tambem obra de Frei Desterro, o Tombo constitue a principal fonte para a historia da Provincia e do Convento de Sto. Antonio. Por isso, aproveitamo-lo largamente, como se pode vêr nas notas.

Chamamos ainda a attenção para as estampas nos. 41 e 42, no fim deste livro, onde se vêem reproduzidas em miniatura as bellissimas vinhetas a bico de penna com que o benemerito Secretario ornou os dois volumes do Tombo que escreveu. Encontra-se ahi tambem a sua assignatura.

No Capitulo de 25 de Agosto de 1787, Frei Desterro saiu eleito Ministro Provincial. Ao terminar a sua gestão, estava imprestavel, pelo esgotamento nervoso e profunda neurasthenia. Perdeu o equilibrio mental e, dominado pela sinistra idéa de suicidio, ingeriu veneno. Não falleceu logo, de modo que ainda pôde confessar-se e receber a santa Uncção. Deu-se isto no dia 1° de Setembro de 1791. Tal foi o fim lamentavel de um dos filhos mais prestimosos da Provincia e um dos membros mais illustres da Communidade do Convento de Sto. Antonio (11).

Frei José do Desterro executou, no tempo de Guardião, grandes obras na igreja e na entrada do Convento, sendo elle quem fez o bello portico, encimado pelo nicho com a imagem de Sto. Antonio. Mas isto fica para o capitulo sobre a igreja.

O Vice-Rei D. Luiz de Vasconcellos e Souza

Com a entrada de Frei José do Desterro na posse do guardianato, coincide a chegada do quarto Vice-Rei no Rio de Janeiro, D. Luiz de Vasconcellos e Souza.

E' sobejamente sabido pelos que são versados na historia da nossa Capital o que fez este Vice-Rei em beneficio da cidade (12). Os autores pintam-no de caracter agradavel. Com relação aos frades do Convento de Sto. Antonio, mostrava-se amigo e não desterrou a ninguem. Isso, porém, não

11) Item, fls. 88.
12) O Rio de Janeiro, I, pag. 38 — Pizarro V, pag. 247.

quer dizer que os Religiosos estivessem livres de sua actuação como representante de um Governo regalista.

Ainda não tinha passado um anno depois de sua chegada quando, em carta de 23 de Fevereiro de 1780, incriminou o Provincial de "hum premeditado animo de aumentar o Partido do Brasil e aniquilar o de Portugal" (13).

Procedeu assim dando ouvidos ás reclamações de alguns frades portuguezes contra o numero de noviços brasileiros, em desaccordo com a lei da Alternativa. Effectivamente, depois da concessão feita por D. Maria I, em 1777 (14), dando licença para a recepção de 30 candidatos, o Provincial acceitara 24 brasileiros, dos quaes 20 já eram professos, e 18 noviços portuguezes. Havia, pois, uma differença de seis, quando o numero devia ser igual. Este horrivel crime (!) custou caro ao Provincial Frei José de Jesus Maria Reis. Não sómente teve de demittir os quatro noviços brasileiros, como foi admoestado pela Rainha, reprehendido acremente pelo Vice-Rei, e até, em 29 de Agosto de 1780, deposto e privado para sempre da voz activa e passiva pelo Bispo, a quem competia vigiar sobre a execução da celebre Alternativa. E não era só. Em 11 de Setembro do mesmo anno, o Provincial deposto foi substituido, por eleição do Definitorio, pelo Vigario-Provincial Frei Antonio de S. Vicente Ferrer, para este governar a Provincia os dois mezes que faltavam para completar o triennio. O Visitador Geral nesse tempo já se achava na Provincia, cumprindo o seu dever de visitá-la canonicamente.

> "Concluidas estas couzas (a visita canonica) — lê-se no livro do Tombo (15) — e tudo o mais que pertencia ao seu Officio, convocou o Irmão Visitador Geral a todos os Vogaes, destinando para a celebração do Capitulo o dia onze de Novembro de mil setecentos e oitenta; porém estando já todos congregados neste Convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro, apareceo em o dia dez do mesmo mez, e anno, pelas tres horas da tarde o Desembargador Ouvidor Geral do Civil Manoel de Albuquerque de Mello, e mandando á Ordem do

13) Tombo II, fls. 266.
14) Item, II, fls. 268 v.
15) Item, III, fls. 6.

Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Luiz de Vasconcellos, e Souza, Vice-Rei do Estado, tocar a Capitulo para nelle se ajuntar a Communidade, em presença de toda ella fes ler huã Carta do mesmo Excellentissimo Senhor, em que substava o Capitulo, e hé a seguinte:... "Sendo muito conforme ao serviço de Deos, e de Sua Majestade que se não proceda ao proximo Capitulo, sem nova Determinação da mesma Senhora: No seo Real Nome ordeno a Vossa Paternidade que logo que receber esta, convoque todos os Vogaes, e immediatamente a faça ler, para que fiquem entendendo que fica substado o referido Capitulo, e conservado tudo no estado, em que se acha, athé que a mesma Senhora rezolva a este respeito o que fôr servida...".

Em virtude desta ordem, os capitulares, vindos por mar e por terra em longas e penosas viagens, para elegerem o Prelado da Provincia, sem mais nem menos foram despedidos, sem haverem effectuado coisa alguma, e obrigados a sujeitar-se de novo aos incommodos da viagem para voltar a seus Conventos.

Si isto não era despotismo!

E a situação do governo da Provincia, em face do direito?

"Passados os primeiros dias depois da substação do Capitulo, e livres já os Religiosos do temor, e susto que lhes cauzou semilhante successo (não era para menos), se incitou a questão, sobre quem devia governar a Provincia; se o Irmão Vigario-Provincial por si só, ou junto com o Irmão Visitador Geral, como antes da referida substação...".

Para resolver a duvida, e, quem sabe?, para não provocar uma nova tempestade, recorreu-se ao Vice-Rei. Este decidiu que consultassem as leis. Cinco consultores deram então o seu parecer, e em virtude de suas resoluções foi considerado legitimo Superior da Provincia o Vigario-Provincial Frei Antonio de S. Vicente Ferrer, por termo do Definitorio de 21 de Novembro de 1780.

Mas, eis que surge um novo incidente. Apenas quatro dias depois, a 25 do mesmo mez, chega um Breve do Nuncio de Portugal, munido com o Regio Beneplacito, instituindo Provincial a Frei Manoel de S. Boaventura, actual Custodio, e novo Definitorio.

Era o cumulo. Ahi estava, porém, o Vice-Rei, e os Vice-Reis, quando lhes convinha, eram mais poderosos do que o Rei. Frei Manuel apresentou o Breve ao Bispo e ao Vice-Rei e este não teve duvida: prendeu-o e não lhe deu execução.

Felizmente, Frei Manuel conservou-se quieto e o Vigario Provincial permaneceu no governo pacificamente até 21 de Agosto de 1781, dia em que tomou posse, nomeado pelo Nuncio, Frei José dos Anjos Passos (16).

Vejamos agora as consequencias desastrosas dessa intromissão do Governo temporal nas coisas internas da Ordem.

A Provincia foi obrigada a suspender a recepção de candidatos brasileiros até completar, só com europeus, o numero de 50 concedido por D. Maria I. Como é facil de verificar, tambem isto infringia a Alternativa, porquanto deixava os brasileiros em minoria. Mas que se havia de fazer, no tempo do "manda quem póde"?

De 1780, anno em que interveiu o Vice-Rei, até 1784, foram admittidos 11 portuguezes e depois não houve mais candidato, nem portuguez nem brasileiro, até 1792; o numero de 50, portanto, ficou incompleto.

Por Carta de 6 de Março de 1791, a Rainha facultou o ingresso no noviciado de 10 candidatos e em 22 de Julho de 1797 de trinta (17).

Estas graças, porém, não surtiram o desejado effeito, por falta de vocações. Não nos esqueçamos: era a época em que tambem no Brasil se notavam as consequencias da revolução dos espiritos na Europa.

De 1792 a 1799 a Provincia teve um accrescimo de 66 novos membros, assim discriminados: brasileiros, 21 clerigos e 3 leigos; portuguezes, 30 clerigos e 12 leigos, e todos elles, com poucas excepções, fizeram o noviciado no Convento de Sto. Antonio.

---

16) Item, III, fls. 6 a 18 v.
17) Item, III, fls. 125 e 139 v.

Este augmento, todavia, era apenas apparente, como se infere da seguinte estatistica:

Em 1764, isto é, no tempo do Conde da Cunha havia na Provincia frades..... 481
Em 1777, no governo do Marquez do Lavradio, clerigos 255 e uns 55 leigos 310
Em 1799, apesar dos 66 216
incluindo neste ultimo numero 41 invalidos e 7 apostatas (18).

Dahi resulta que nos 35 annos de 1764 a 1799 a Provincia, não obstante as recepções, perdeu 265 Religiosos por morte, secularização ou apostasia.

O leitor comprehenderá agora com quanta razão dissemos ao principiar este capitulo que nos ultimos decennios do seculo XVIII a decadencia vinha se annunciando de um modo inequivoco, e ainda mais se convencerá disso ao lêr o documento que transcrevemos no fim deste capitulo.

1781 a 1784 Com a tomada de posse do Provincial Frei José dos Anjos Passos, em 21 de Agosto de 1781, como acima foi noticiado, a vida da Provincia tornou a decorrer nos tramites normaes. Em 6 de Outubro, fez-se a eleição dos Superiores e foi investido no cargo de Guardião do Convento de Sto. Antonio Frei Lourenço Justiniano de Sta. Teresa, que por sua vez entregou o governo a Frei Francisco da Conceição Valladares, na Congregação Intermedia de 22 de Fevereiro de 1783.

Frei Lourenço, brasiliense, fez o seu tirocinio no Convento de Itanhaem de 1743 a 1744. Ensinou theologia como lente de prima, visitou, em 1775, os Conventos do Sul da Provincia, foi Commissario dos Terceiros do Rio. Em 1787 sahiu eleito Custodio e, em 1790, Provincial. Nesta qualidade obteve da Rainha licença para receber até cem noviços, o que, entretanto, pouco adiantou, não sómente pelos entraves da Alternativa, mas tambem porque as vocações iam rareando cada vez mais. Falleceu no Rio em 2 de Novembro de 1797.

18) Rev. Inst. Hist. 1902, parte I, pag. 288.

Em 1767 Frei Lourenço teve o desgosto de ser desterrado pelo Conde de Azambuja para Santos, sem um motivo plausivel, mas foi reconduzido por ordem do Marquez do Lavradio. Disso já tratámos no capitulo antecedente.

Durante o anno e meio de governo no Convento do Rio, Frei Lourenço executou algumas obras na igreja (19).

O segundo Guardião deste triennio, Frei Francisco da Conceição Valladares, brasileiro tambem, tomou o nosso habito em Macacú aos 7 de Dezembro de 1761. Foi Commissario da Penitencia do Rio (1782) e Guardião, além do Rio, no Convento da Penha, onde entregou a alma a Deus no dia 18 de Março de 1796 (20).

Quando Superior do Rio, construiu, em frente á caixa d'agua inferior, uma nova dependencia com sete banheiros que, entretanto, teve curta existencia. No morro, por detrás da antiga carpintaria, accrescentou um lanço que dividiu em dez casinhas para moradia dos escravos.

Tambem na igreja mandou fazer diversos trabalhos.

Frei José Mariano da Conceição Velloso

Data do tempo deste Guardião o interesse que o Vice-Rei D. Luiz de Vasconcellos tomava pelos estudos de Frei José Mariano da Conceição Velloso. Vasconcellos era um homem culto, favorecia as sciencias e artes. Frei Velloso, por sua vez, revelava grande saber na botanica e dahi a particular amizade que o Vice-Rei dedicava ao douto Franciscano e a efficaz protecção que lhe dispensou.

Vem por isso a pello darmos alguns apontamentos sobre a vida e as obras deste sabio naturalista no humilde burel franciscano, gloria do Convento de Sto. Antonio. Fazemo-lo, transcrevendo o que resumidamente disse o dr. Moreira de Azevedo (21).

---

19) Elencho, pag. 179.
20) Item, pag. 169.
21) O Rio de Janeiro, I, pag. 97. Veja-se tambem o artigo mais extenso da lavra de Frei Thomaz Borgmeier, no livro "A Provincia Franciscana", etc., pag. 264, e o "Registo dos Religiosos brasilienses", pag. 75, no archivo do Convento de Sto. Antonio.

"Frei Mariano da Conceição Velloso, chamado no seculo José Velloso Xavier, nasceu e baptizou-se na Villa de S. José, comarca do Rio das Mortes, em Minas, no anno de 1742.

Entrando na escola com a idade de 6 annos, frequentou o estudo primario, cursou as aulas, matriculado no latim, familiarizou-se com as difficuldades dos classicos; destinado pelos paes á vida monastica (destinado pelos, não; com o consentimento dos paes dedicou-se, sim) recolheu-se ao Convento desta cidade, vestio o habito no convento de S. Boaventura em Macacú, em 11 de Abril de 1761, e um anno mais tarde professou.

Resolvido a transformar sua cella em gabinete de estudo, consagrou-se ao cultivo da botanica, classificando as flores, os arbustos, que enfeitavão o jardim do convento.

Matriculou-se em 1766 na aula de philosophia do convento do Rio de Janeiro, e nesse mesmo anno conferio-lhe o bispo as ordens sacras; occupou com brilho o pulpito, e em 1768 foi eleito prégador; em 27 de Junho de 1771 foi escolhido para passante de geometria, do convento de S. Paulo, e mereceu o titulo de confessor.

Favorecido pelo vice-rei Vasconcellos, emprehendeu viagens e excursões para estudar melhor o reino vegetal, levando comsigo o frade franciscano frei Solano, que encarregou-se de desenhar as plantas estudadas; (e frei Anastacio de Sta. Ignez para escrever as definições herbarias); oito annos viajarão esses religiosos desprezando as fadigas, não attendendo ás intemperies do tempo; nas ilhas do Parahyba expoz-se Frei Velloso a tão ardente sol, que sobreveio-lhe uma ophtalmia, que durou-lhe oito mezes. Regressarão em 1790, trazendo frei Velloso ao vice-rei um valioso mimo, a obra FLORA FLUMINENSE ou descripção das plantas que nascem espontaneamente no Brazil, ornada com desenhos de Frei Francisco Solano.

Animado pelo vice-rei resolveo frei Velloso levar a sua obra a Lisboa, onde elogiarão-na os melhores naturalistas e botanicos.

Longe da patria não se esqueceu della o douto frade; traduzio e escreveu diversos artigos sobre agricultura appli-

cada no Brazil; mereceu a protecção do conde de Linhares, relacionou-se com os sabios do paiz, tornou-se amigo de Bocage, e do principe regente, recebeu a nomeação de director do estabelecimento typographico do Arco do Cego, onde imprimio-se a sua obra em onze volumes o FAZENDEIRO DO BRAZIL.

Escolhido para um dos lugares de director da imprensa regia, á qual incorporara-se o estabelecimento do Arco do Cego, continuou a estudar e a escrever; compoz as seguintes obras: Instrucções para se transportar pelo mar as arvores, plantas vivas e outras curiosidades naturaes; Annuario brazilico ou galeria ornithologica das aves do Brazil; Relação das moedas dos paizes estrangeiros, o valor de cada uma reduzido ao dinheiro portuguez. Traduzio do hespanhol, italiano, francez e inglez, diversos trabalhos scientificos, e foi nomeado socio da academia das sciencias de Lisboa, e de outras sociedades. Alcançou do principe regente a pensão de 500$000 pelas suas descobertas, e as honras de ex-provincial, e regressando ao Brazil em 1809, apresentou um breve de Pio VII que permittia aos franciscanos a celebração da festa do Coração de Maria com rito da segunda classe; e houve então pela primeira vez essa festividade no Rio de Janeiro, seguida de procissão, na qual appareceu Frei Velloso carregando o andor da Virgem Immaculada.

Affectado de hydropesia falleceu na enfermaria do Convento na noite de 13 para 14 de Junho de 1811, sendo a sua livraria offerecida pelos Religiosos á Bibliotheca Publica, onde existem manuscriptos do douto frade".

Em troca desta offerta o Erario Real pagou as dividas que deixou Frei Velloso, na importancia de 360$000 (22).

A isso só temos de accrescentar que a obra mestra de Frei Velloso, a *Flora Fluminense,* foi impressa em Paris de 1827 a 1831, em 11 volumes "in folio". Parte dos desenhos originaes, em numero de 149, acha-se conservada no archivo do Convento de Sto. Antonio.

---

22) Tombo III, fls. 208.

"Este Religioso, escreve Manuel Ferreira Lagos (23), tendo tido todas as proporções para secularizar-se, e mesmo instado por seus amigos seculares para deixar o habito, nunca pôz em execução semelhante projecto, preferindo a obediencia religiosa a uma liberdade que lhe traria desassocego de espirito".

O trabalho de Frei José Mariano da Conceição Velloso no campo do saber constitue mais uma prova da razão que assistia a Chateaubriand quando, no seu "Génie du Christianisme", escrevia que "a sciencia muitas vezes se aqueceu sob o abrigo das asas da Religião".

1784 a 1787

Acabado o tempo de governo de Frei Francisco da Conceição Valladares, passou a ser Guardião do Convento Frei Thomaz do Rosario, no Capitulo de 21 de Agosto de 1784, e foi confirmado na Congregação Intermedia. Nascido em Portugal, foi recebido na Ordem aos 12 de Junho de 1750, no Convento de Macacú. Ordenou-se sacerdote em S. Paulo, onde, depois de instituido confessor de seculares (1761), dirigiu a aldeia dos indios de S. Miguel. Antes de ser Guardião do Rio, occupou igual cargo em Itú (1764), Macacú (1770), Victoria (1777). Foi Secretario da Provincia (1765), Definidor da Mesa (1781) e diversas vezes incumbido da visita canonica em alguns Conventos. Estava de licença quando enfermou gravemente, recolheu-se á enfermaria do Convento de Sto. Antonio aos 17 de Maio de 1790 e no mesmo dia falleceu, munido com todos os Sacramentos (24).

"Não consta que fizesse obras; si as fez, ficarão em silencio", diz o Resumo do Tombo.

A Universidade de estudos no Convento

Era neste triennio Provincial Frei Fernando de S. José. De sua gerencia em prol da corporação consta não sómente que zelou amorosamente pela disciplina e pureza da profissão seraphica, mas que tambem impulsionou fortemen-

23) Rev. Inst. Hist. tomo 2, pag. 606.
24) Registo dos Rel. Europ., fls. 145.

te os estudos. Este gesto do zeloso Provincial autoriza-nos a voltar ao assumpto já em parte tratado no capitulo II, isto é, a falar dos estudos no Convento de Sto. Antonio.

Já sabemos que em 1650 o Custodio Frei Sebastião do Espirito Santo abriu no Convento um curso de philosophia e theologia.

Desde então as aulas funccionaram, com pequena interrupção, até aos primeiros decennios do seculo XIX. Na época de que nos estamos occupando, época chamada do "esclarecimento", os estudos tomaram um surto deveras extraordinario. Essas aulas para a formação intellectual dos Religiosos transformaram-se em Universidade, que logrou ser approvada por Alvará regio de 11 de Junho de 1776. O Instituto Historico do Rio deve conservar os "Estatutos para os estudos da provincia de N. S. da Conceição do Rio de Janeiro", ordenados segundo as disposições dos estatutos da nova Universidade (25).

Nesse atheneu de estudos superiores havia treze cadeiras e ensinava-se rhetorica, grego, hebraico, philosophia, historia ecclesiastica, theologia dogmatica, moral e exegetica (26), isto é, oito materias ensinadas por treze mestres.

E não eram sómente os frades que cursavam as aulas do Convento. Frequentavam-n'as homens que, ao depois, engrandeceram a patria por sua illustração, frequentavam-n'as os alumnos do seminario de S. José, que se dirigiam ao Convento revestidos de suas batinas. Tanta era a preferencia que a mocidade estudiosa dava ás sabias prelecções dos Franciscanos, que, no dizer de Moreira de Azevedo, eram os mais autorizados e doutos mestres, que as aulas regias ficavam desertas, o que provocou a representação queixosa dos professores das humanidades perante Sua Majestade, com data de 15 de Janeiro de 1787 (27).

Ainda outro facto constitue uma prova do quanto era estimado o saber nas sciencias humanas e divinas dos Re-

25) Rev. Inst. Hist. 1866, parte II, pag. 363.
26) Livro do Centenario, pag. 7 e 8.
27) Rev. Inst. Hist. 1902, parte I, pag. 216.

ligiosos do Convento de Sto. Antonio. E' a requisição de alguns para lentes em diversas Instituições.

Em 1780, o Bispo do Rio expôz ao Vigario Provincial Frei Vicente Ferrer que desejava aproveitar para o bem commum da Igreja, do clero e de todas as ovelhas as letras, virtudes e sã doutrina do P. Mestre Frei João Capistrano de S. Bento, e, por isso, pedia quizesse conceder-lhe para professor publico das sagradas Escripturas e theologia moral no seminario de S. José. O quanto estimava o Bispo o saber deste Religioso prova-o o facto seguinte. Presidindo aos exames no seminario, houve um alumno cujas respostas não satisfaziam. Quiz o Bispo dá-lo por incapaz, mas apresentando o estudante uma opinião de Frei João Capistrano, bateu D. Mascarenhas na mesa e disse: Basta, está approvado (28). Sua Excia. tornou a requisitar um professor em 1787 ao estabelecer cadeira de philosophia. Pediu para occupá-la o P. Mestre Frei Antonio de Sta. Ursula Rodovalho (29). O mesmo seminario recebeu, por determinação do Capitulo de 1801, tres Religiosos franciscanos para lentes de philosophia, theologia dogmatica e moral e eloquencia sagrada (30). Em 1814 o Bispo Capellão-mór, depois de agradecer o bom serviço de Frei Marcellino de Sta. Mathildes na cadeira de dogmatica, pediu que o Provincial o deixasse residir no seminario "para maior aproveitamento dos alumnos com as explicações particulares, e tambem para poder substituir a falta dos Mestres de alguma outra cadeira, porque para tudo lhe acho aptidão" (31). Bello attestado da competencia de Frei Marcellino. Em 1829 Frei Francisco do Monte Alverne foi nomeado para occupar no seminario a cadeira de rhetorica e substituir outros lentes quando faltassem (32). Ainda em 1835, quando no proprio Convento havia penuria de mestres, os Religiosos de Sto. Antonio occupavam com brilho tres cadeiras no dito seminario (33), de modo que o clero

28) O Rio de Janeiro, I, pag. 344.
29) Tombo III, fls. 6 e 115; v. Livro das eleições I, fls. 7.
30) Livro das eleições, I, fls. 51 v.
31) Tombo III, fls. 217 v.
32) Reg. dos Rel. de ambas as filiações, fls. 34.
33) Tombo IV, fls. 21.

fluminense durante mais de meio seculo desfructou o saber dos Franciscanos para sua formação intellectual.

E não era sómente o clero do Rio de Janeiro. A pedido da Camara e do rev. Cabido esteve em S. Paulo, desde 1790, o mavioso Frei Francisco de S. Carlos, leccionando theologia dogmatica no seminario de Sant'Anna durante seis annos (34), e ainda em 1824 os Franciscanos subiam nelle a cadeira magistral (35).

Os Carmelitas de S. Paulo tiveram como lente de philosophia durante alguns annos (desde 1808) a Frei Luiz de Sta. Catharina (36).

Além disso, os Franciscanos dirigiam aulas de philosophia, e geralmente a pedido das Camaras, para o ensino do clero e da mocidade em Victoria, Taubaté e Itú (37).

Note-se que todos estes mestres tinham recebido a sua formação intellectual de todo ou em mór parte no Convento de Sto. Antonio do Rio.

E' certo que os estudos universitarios funccionavam ainda em 1805, pois foi nomeado nesse anno mestre da lingua hebraica o proprio Provincial Frei Joaquim das Santas Virgens Salazar (38). Sobre os annos posteriores, porém, para grande pesar nosso, não encontrámos mais noticias.

A' vista de tudo isto, deve passar em julgado para todo o historiador imparcial que no tempo dos Vice-Reis o Convento de Sto. Antonio era um viveiro de sciencias e que os Franciscanos tinham o monopolio dos estudos superiores, em que pese a certos escriptores, que no Rio de Janeiro daquelle tempo encontram só padres e frades ignorantes, "nem o latim sabendo".

Já tres annos antes de o rabugento primeiro Vice-Rei levantar esta calumnia indistinctamente a todos os padres e frades, os Guardiães do Convento de Sto. Antonio eram obrigados, sob penas gravissimas e por determinação do Capitulo

34) Livro das eleições I, fls. 11.
35) Diario Fluminense, 11 de Julho de 1824, na Bibl. Nac. do Rio de Janeiro.
36) Livro das eleições I, fls. 78.
37) Tombo III, fls. 192 v. Item, IV, fls. 21.
38) Livro das eleições I, fls. 65 v.

de 1761, a collocar, cada um na sua guardiania, seis volumes na bibliotheca de moral, expositores, prédica, philosophia, theologia, classicos (39). E não era para admirarem o tamanho do volume e a sua encadernação, mas para estudar e estudar devéras, tanto mais que aos Franciscanos, em virtude de seu estado pobre, não era permittido irem a Coimbra cursar-lhe as diversas faculdades.

Em 1835 o Provincial Frei Antonio de Sta. Mafalda pôde dizer á Regencia, sem recear contradicção, que era difficil "encontrar hum Ecclesiastico nas Provincias deste Imperio, mormente naquellas em que existem Conventos Franciscanos, que não lhes devesse a instrucção, conveniente ao seu estado" (40).

Um estudante brasileiro de rara intelligencia

Já foi dito em outro lugar que a grande sala da portaria, antigamente chamada Capitulo, era o recinto onde os estudantes assistiam ás prelecções de seus mestres e onde se feriam batalhas scientificas.

O leitor commungará comnosco o mesmo prazer, si lhe contarmos aqui um facto occorrido em um desses certamens, realizados entre 1793 e 1796.

Tratava-se da defesa de uma these philosophica, e quatro Religiosos, jovens estudantes, tomaram o lugar dos defensores. Depois de longo debate, um notavel padre de fóra pediu a palavra e, em renhida controversia, tomou a peito confundir os jovens. Acudiu o lente; mas sendo doente do peito, no fervor da luta começou a deitar sangue pela bocca e foi preciso levá-lo á enfermaria.

A victoria estava, pois, indecisa. Levantou-se então outro jovem Religioso, pediu licença para sustentar a these e travou-se de novo a luta. Ao padre oppositor reuniram-se mais dois e a discussão prolongou-se até ao ultimo momento, sem que o estudante perdesse um palmo de terreno.

O auditorio applaudiu com enthusiasmo o talentoso frade e o Bispo, D. Castello Branco, convidou o Provincial a

39) Tombo II, fls. 197 v.
40) Item, IV, fls. 20 v.

que désse por concluido o curso para aquelle Religioso e lhe passou, elle mesmo, patente de "Reitor de philosophia".

Quem era esse intelligente corista? Chamava-se Frei Antonio do Monte Alverne, nascido em Cuyabá, Provincia do Matto Grosso, em 1771. Fez a sua profissão na Ordem franciscana na idade de 22 annos, em 1793, e falleceu, depois de uma viagem á Europa, em 1798, sem chegar ao sacerdocio (41).

A caridade para com os pobres

Floresciam no Convento de Sto. Antonio os estudos; vicejava nelle tambem a caridade para com os pobres de fóra. Os Franciscanos viveram sempre e vivem ainda hoje de esmolas. São ellas offertas espontaneas dos fieis ou dadas por amor de Deus aos esmoleres nos seus peditorios dentro e fora da cidade. Em éras passadas consistiam geralmente em generos de vida.

Não podendo o Franciscano considerar-se, em virtude de seu voto, dono do que lhe dão para o sustento, formase nelle essa disposição de espirito que favorece extraordinariamente o condoer-se com as necessidades dos outros, inclinando a vontade a repartir o pão com todos os desfavorecidos da fortuna.

O Convento de Sto. Antonio, por isso, sempre foi o refugio dos pobres. Escreve Macedo (42): "Além da refeição quotidiana que muitos pobres recebião na portaria á hora do refeitorio, havia uma mesa particular, onde outros pobres, por assim dizer adoptados pelo convento, vinhão jantar á mesma hora, sem que alguem o soubesse, além do guardião e do leigo empregado nesse serviço.

Muitas familias necessitadas recebião tambem os auxilios do convento, que no principio de cada mez mandava levar-lhes bôa provisão de diversos generos alimenticios. Segundo notas particulares existentes no convento, ainda em 1827, sendo guardião o padre-mestre frei Joaquim de S. Je-

41) Elencho, pag. 181. Um passeio, etc., t. I, pag. 274.
42) Um passeio, etc., t. I, pag. 277.

ronymo Sá, cincoenta familias indigentes recebião esse grande beneficio".

A mesma caridade attesta Moreira de Azevedo (43), dizendo: "Ao lado direito da ladeira (de quem desce) que conserva o calçamento antigo, veem-se... e uma pequena porta chamada portaria dos pobres, porque vinhão alli muitos infelizes receber o sustento quotidiano, e junto dessa porta havia uma sala com uma mesa de doze talheres para igual numero de pobres. E não eram só os mendigos, que aproximavão-se áquella porta, ião alli muitas familias indigentes que dos frades, que professavão pobreza, recebião alimentos e esmolas".

Essa caridade material, sempre exercida largamente pelo Convento, cessou aos poucos, mas só porque com a communidade tambem os recursos iam escasseando cada vez mais.

A "portaria dos pobres" está ainda hoje mais ou menos no mesmo lugar e na sala contingua faz-se a distribuição mensal de mantimentos, de que se encarrega a Pia União de Santo Antonio. Frequentes são tambem as outras occasiões em que os pobres pedem a sua esmolinha de pão. Tudo isto o Convento pode fazer, graças aos devotos de Sto. Antonio.

1787 a 1890. Que não fez obra que mereça consideração, diz o Resumo do Tombo de Frei Ignacio do Nascimento Salles, que teve a direcção do Convento de 1787 a 1790.

Natural do Brasil, vestiu Frei Ignacio o habito aos 24 de Dezembro de 1756, em Macacú. Esteve diversas vezes occupando o cargo de Commissario na Ordem Terceira de S. Paulo, onde era muito estimado. Depois de servir no guardianato do Rio, tornou a S. Paulo, fallecendo aos 16 de Fevereiro de 1796. No registo de sua morte e sepultura, lê-se esta nota: "Foi Religioso exemplar e de muitas virtudes" (44).

43) O Rio de Janeiro, etc. vol. I, pag. 90.
44) Elencho, pag. 70.

O incendio no Recolhimento do Parto.

Não houve obras no Convento durante a gerencia de Frei Ignacio. Há, porém, outra noticia que cumpre darmos neste lugar, porque lembra um facto que a seu tempo pôz em alvoroço toda a cidade. E' o pavoroso incendio que em 1789 devorou parte da Capella e todo o interior do Recolhimento do Parto, reconstruido pelo Vice-Rei D. Luiz de Vasconcellos e Souza.

Deu-se o desastre nas primeiras horas do dia 24 de Agosto. Nos trabalhos de extincção do fogo foi salva a imagem da Padroeira e, em seguida, depositada na igreja do Convento de Sto. Antonio, o que os frades consideraram uma honra muito grande.

O Vice-Rei encetou desde logo a reconstrucção, coadjuvado pelo celebre mestre Valentim, e com tanta actividade se trabalhou que na tarde de 8 de Dezembro do mesmo anno a imagem pôde voltar a seu throno. Nessa occasião a igreja de Sto. Antonio esteve de festa, houve grande ajuntamento de povo no largo da Carioca e na ladeira do Convento, e organizou-se apparatosa procissão, saindo o andor com a imagem de nossa igreja, carregado pelo proprio Vice-Rei e pelos homens mais graduados da cidade. No dia seguinte celebrou-se pomposa festividade na Capella restaurada (45).

1790 a 1793

No Capitulo de 28 de Agosto de 1790, coube o guardianato a Frei Manuel de S. Thomaz, que na Congregação Intermedia (2.3.92) foi substituido por Frei José Carlos de Jesus Maria Desterro.

Frei Manuel de S. Thomaz Ramos, oriundo da freguezia de Santa Maria de Carreco, em Portugal, abraçou a vida religiosa no Convento de Macacú, aos 19 de Maio de 1752. Tendo sido Presidente em Angra dos Reis (1762), Commissario dos Terceiros em Cabo-Frio (1768), Guardião na Penha (1773), Victoria (1774), Cabo-Frio (1778), e Santos (1781 a 1784), saiu eleito Definidor da Mesa em 1784. No anno de

45) Um passeio, etc., t. II, pag. 190. — Rev. Inst. Hist., 1919, pag. 445 — Pizarro VII, pag. 265.

1799 foi distinguido pelo Nuncio com a investidura no cargo de Visitador-Geral e Presidente do Capitulo. Falleceu com todos os Sacramentos aos 29 de Dezembro de 1801 (46).

No exercicio do guardianato do Rio dotou a igreja de alguns paramentos.

Frei José Carlos de Jesus Maria Desterro, segundo Guardião do Triennio de 1790 a 1793, nasceu no Porto, filho de paes incognitos. Fez-se Franciscano no Convento de Macacú aos 21 de Agosto de 1761. Estudou philosophia em S. Paulo, theologia no Rio, e ordenou-se no dia 5 de Agosto de 1769. Nomeado prégador em 1774, seguiu no mesmo anno para S. Paulo, como passante dos estudos. Na mesma qualidade esteve no Rio, desde 1781, e como lente de vesperas, desde 1784. Em seguida foi Commissario dos Terceiros em Paranaguá (1788), Guardião em Santos (1789) e Superior da aldeia de indios de S. Miguel, no anno de 1790. Em 21 de Abril de 1792 assistiu á execução de Tiradentes e falou nesta occasião. Depois de acabar a sua guardiania do Rio, teve a nomeação de Secretario da Provincia (1793 a 1796), foi eleito Guardião e Commissario dos Terceiros na Ilha Grande e na Congregação de 24 de Março de 1798 novamente Guardião de Sto. Antonio do Rio. Ao terminar este mandato, saiu eleito Definidor da Mesa, no Capitulo de 28 de Setembro de 1799.

A folha de officio deste Guardião já é longa, mas não é tudo. Os Superiores collocaram-no em S. Paulo como Guardião (1805 a 1808), elegeram-no Custodio em 1808 e, acabado o triennio, obteve do Nuncio D. Caleppi o privilegio de Padre da Provincia. Tornou a ser Guardião, no Convento do Bom Jesus (1813 a 1818), recolheu, em 1818, os votos para Provincial, e no Capitulo de 1825 investiram-no de novo na guardiania de Santos, onde morreu no mesmo anno, aos 14 de Junho, com mais de oitenta annos de idade e sessenta e quatro de vida religiosa (47).

Confessor, prégador, lente, Commissario dos Terceiros muitas vezes, Guardião, Definidor, Custodio, Provincial, eis

46) Registo dos Rel. Europ. fls. 123.
47) Item, fls. 79.

os cargos que este valente frade portuguez occupou nos longos annos de sua existencia. Era muito impôr aos hombros de um velho com sessenta e tantos annos a responsabilidade pela Provincia; era muito mandá-lo, quando já passava dos oitenta, para Santos. A explicação e ao mesmo tempo a desculpa está na grande falta de padres idoneos que a Provincia já então experimentava.

Obras no Convento, não consta que as tivesse feito, mas proveu a sacristia de paramentos.

1793 a 1796

Frei José Carlos de Jesus Maria Desterro, o benemerito ancião portuguez, teve por successor, no Capitulo de 31 de Agosto de 1793, a Frei José de S. Joaquim Cardoso, brasileiro, que foi confirmado na Congregação Intermedia.

Iniciou o seu tirocinio no Convento de S. Boaventura, aos 25 de Fevereiro de 1760. Consta a seu respeito apenas que depois de acabar o triennio no Rio foi eleito Definidor da Mesa e, em 1802, escolhido pelo Nuncio para Visitador e Presidente do Capitulo. Rendeu a sua alma a Deus aos 21 de Abril de 1803, na enfermaria deste Convento (48).

A cozinha do Convento

Na qualidade de Guardião de Sto. Antonio, Frei Cardoso fez obras consideraveis no Convento. Foi a cozinha que mereceu os seus cuidados especiaes. Ampliou-a, tirando uma parede mestra que a dividia em duas dependencias e em seu lugar pôz um arco muito abatido, contra a opinião de quasi todos os confrades, que achavam o plano irrealizavel. Mas foi bem succedido, o arco conservou-se até ser demolido, em 1910. Além disso, rasgou tres portas na parede de fóra, para augmentar a luz. Construiu tambem um fogão quadrado de cantaria, atracado com grandes barras de ferro, de modo que se podia andar em roda delle. Dotou ainda a cozinha de um forno.

48) Elencho, pag. 210.

Quem conhece o Convento de Sto. Antonio sómente de alguns decennios para cá, difficilmente poderá fazer idéa do que foi a obra deste Guardião, porque aquella parte passou por uma completa reforma com a renovação do Convento começada em 1910. Na dependencia que hoje serve de despensa e que fazia parte da antiga cozinha, ainda se vêem duas das portas abertas por Frei José. O fumeiro ou chaminé acha-se murado na parede de amparo do morro, que naquelle tempo era o fundo da cozinha.

Frei José naturalmente pensou que a sua cozinha representava a ultima palavra e talvez o fosse mesmo em comparação com a de outros Conventos. Cremos, porém, que hoje em dia nem um empregado muito bem pago trabalharia nella com o fogão descoberto, as caldeiras e panellas a penderem duma verga, com paredes denegridas e o chão de barro soccado.

Nosso Guardião interessava-se pela cozinha, e, como existia mais outra na enfermaria, beneficiou tambem esta. Pôz-lhe um fogão pelo mesmo modelo do da cozinha do Convento. Além disso, reconstruiu a casa da botica, com dependencia ao lado.

1796 a 1799 No periodo governamental de 1796 a 1799, estiveram á testa do Convento os Guardiães Frei Manuel Luiz da Madre de Deus Teixeira e, desde a Congregação Intermedia de 24 de Março de 1798, Frei José Carlos de Jesus Maria Desterro.

Do ultimo nos occupámos quando foi Guardião pela primeira vez (1792 a 1793). Quanto a Frei Manuel Luiz, o Registo dos Religiosos diz resumidamente o seguinte: Lusitano, nasceu na freguezia de Mondim de Basto, arcebispado de Braga, e tomou o nosso habito no Convento de Macacú aos 17 de Maio de 1759.

Depois de ordenado sacerdote (1762) e feito confessor (1765), exerceu os seguintes cargos: foi Presidente no Convento do Rio (1773 a 1777), Guardião na Ilha Grande (onze mezes), Commissario dos Terceiros em Desterro, hoje Flo-

rianopolis (1778 a 1781), Guard. em Santos (1784). Com. dos Terceiros na Ilha Gr. (1786), Guard. em Victoria (1787), Guard. em Cabo-Frio (1789), Definidor (1790 a 1793), Com. dos Terc. em Campos (1793 a 1796), Guard. no Rio (1796 a 1798), Com. dos Terc. do Rio (1798 a 1801), Secretario da Provincia (1801), Visitador Geral e Presidente do Capitulo, celebrado em 8 de Outubro de 1805. Falleceu na enfermaria deste Convento, no dia 13 de Maio de 1812, com todos os Sacramentos.

"Foi victima dos trabalhos apostolicos, e na sua enfermidade hum expectaculo de nossa edificação", são as palavras com que o Registo conclue o curriculo de sua vida (49).

Obras do Provincial Frei Brados

No triennio dos dois sobreditos Guardiães fizeram-se grandes obras no Convento, mas quem as executou foi o Provincial Frei Joaquim de Jesus Maria Brados.

Desmanchando as cellas cantoneiras, abriu os dois salões que ficam na esquina do lado da frente e da barra. Ambos os salões guarneceu-os de finos azulejos, os quaes ainda existem no segundo andar. Datam, pois, daquelle tempo as duas janellas grandes na frente e, ao lado do Sul, as portas de sacada em cima e as para sair ao passadiço do antigo carcere, no andar de baixo. As cellas contiguas, chamadas dos Provinciaes (2° andar) e dos Guardiães (1° andar) mandou o mesmo Provincial ampliar, fazendo de duas uma só.

Dos sobreditos salões o de baixo foi mais tarde ornado com os retratos a oleo, pintados pelo artista Tironi em 1860, dos quatro Religiosos que illustraram o seculo XIX, Frei Rodovalho, Frei S. Carlos, Frei Sampaio e Frei Monte Alverne. Depois foram accrescentados os retratos de Frei Galvão, fallecido em S. Paulo em 1822, e do Provincial Frei Coração de Maria, fallecido em 1870. Todos estes retratos ainda existem no mesmo lugar. (V. estampa n° 12).

Nas paredes do salão superior (dos Provinciaes) estiveram os grandes retratos, hoje no Museu da Casa, de D. João

49) Reg. dos Rel. europ., fls. 111.

VI, obra de José Leandro; de D. Pedro I, pintado, em 1824, por Simplicio Rodrigues de Sá, discipulo do celebre pintor francez Debret, e de D. Pedro II, que tem por autor a Cincinato Mavignier (1853).

Conserva-se neste salão um quadro a oleo de Santa Ismeria, obra de Frei Solano.

O poder Frei Brados fazer taes modificações na fabrica do Convento, com que se perderam pelo menos seis cellas, é prova de que a Communidade estava desfalcada em numero, pois as cellas sacrificadas eram das melhores.

Posteriormente, e quem sabe, si já no tempo de Frei Brados, os Guardiães seguiram o seu exemplo. Quando, em 1899, nova vida entrou no Convento, havia muitas dessas cellas unidas, ou de todo, ou por meio de porta. Em todo o caso, a idéa de se fazer os sobreditos salões foi esplendida, porque dão aos corredores luz e agradavel aragem nos dias de verão.

Outra obra que agradecemos ao Provincial Frei Brados é a reconstrucção, desde os fundamentos, da antiga barbearia com a frente de janellas grandes e arqueadas, deitando para o jardim da sacristia. Anteriormente estivera funccionando nesse salão a bibliotheca; hoje está nelle o gabinete de estudos entomologicos e por baixo deste o Mausoléu.

O Provincial concluiu esta obra, apesar da opposição dos Irmãos Terceiros, que a embargaram, mas tiveram de accommodar-se com a intervenção do Vice-Rei, Conde de Rezende. Frei Brados salvou aquella dependencia para o Convento.

Além disso, o operoso Provincial executou diversas obras na enfermaria: muralhas e portões que fechavam o seu pateo, um novo refeitorio com sotão para morarem os pretos e, emfim, uma casa no morro, que depois da morte do Provincial se concluiu, para dois morpheticos e que posteriormente serviu de casa de reconvalescença para velhos invalidos (50).

---

50) Res. do Tombo, pag. 61.

Não pertence, sinão indirectamente, á historia do Convento a da V. Ordem Terceira da Penitencia. Mas, como tinhamos de referir o que o zeloso Provincial Frei Brados fez em beneficio do Convento, não queremos deixar de dizer tambem que se interessou vivamente pelo restabelecimento e conservação do bom espirito nas Fraternidades da Penitencia. Para este fim dirigiu a todas uma pastoral em que engrandece a excellencia da profissão dos Terceiros e aponta as salutares vantagens espirituaes da Ordem. Ao mesmo tempo lamenta sentidamente os abusos introduzidos na pratica e conducta da vida seraphica. Como documento cultural transcrevemos o seguinte trecho bem significativo do estado da Ordem Terceira no fim do seculo XVIII.

> "Fallamos daquelles e daquellas q. no mesmo arrayal da humildade têm a ousadia de levantar o estandarte da suberba; daquelles e daquellas q.' profanam o habito da penitencia, q.' vestem com adorno de vaidades, q.' lhe ajuntam, querendo sacrilegamente collocar no mesmo throno a Arca santa e o Idolo abominavel. E não é isto que fazem os Irmãos Terceiros q.' com o habito humilde de sua Ordem, apparecem em publico com anneis ricos, com punhos e babados, com cordas enfeitadas, com trages de seda, com cabellos riçados e aporvilhados? Fallamos com aquelles e aquellas q.' não frequentão as razouras (absolvições e communhões em dias fixos), q.' não acompanhão as Vias Sacras, q.' não assistem aos actos da Ordem, sem outro impedimento mais q.' sua indolencia e frouxidão..." (51).

Um documento importante

Acabamos de esboçar, no presente capitulo da historia do Convento de Sto. Antonio, a época de 1767 a 1800. Rematando, trasladamos, como promettemos, um importante documento, que, melhor do que nós o poderiamos fazer, descreve o estado da Provincia e, com particular destaque, o do Convento de Sto. Antonio ao findar o seculo XVIII.

Trata-se de uma Representação que em 1799 a Provincia por seu Procurador em Lisboa, Frei Antonio da Victoria, dirigiu ao Principe Regente, posteriormente D. João VI.

---

51) Livro dos Termos da V. O. T. de S. Paulo, n. 17, pag. 20.

Qualquer organismo tem de desfazer-se si lhe faltam novas energias. Foi o que aconteceu com a corporação franciscana no Brasil, em virtude das nefastas consequencias da ingerencia do poder temporal, da lei da Alternativa e da falta de vocações em geral.

Eis o documento:

"Senhor — Diz o Procurador Geral dos Capuchos da Provincia da Conceição do Rio de Janeiro, que o Augusto Rei e Senhor D. João V, attendendo á grande necessidade de Religiosos, que tinha a dita Provincia para servirem a treze conventos, tres missões de indios, e a muitas Ordens Terceiras, de que ella se compõe, e para cumprirem outros ministerios que por Ordens Regias lhe são incumbidos; ouvindo primeiramente o Procurador da Corôa e o seu Conselho Ultramarino, foi servido regular a dita Provincia pelo numero de 400 frades mandando expedir suas Reaes Ordens por Provisão do mesmo Conselho de 16 de Julho de 1747. São passados 52 annos, nos quaes tem crescido a população a um ponto consideravel, e tem crescido tambem outros muitos deveres que então não haviam; e por consequencia se n'aquelle tempo pareceu justo o numero de 400 Frades, agora é muito mais necessario para regular-se a Provincia.

No anno de 1796 era o numero total de seus Religiosos de 216, dos quaes, tirados os velhos e doentes incuraveis, ficavam 120 capazes de servir, como se mostra no mappa junto.

Neste triennio *tem morrido muitos*, e presentemente para se cumprirem as primeiras obrigações do serviço de Vossa Alteza Real, acham-se os Conventos desertos, sem disciplina regular, as Ordens Terceiras sem Commissarios, como succede em Paranaguá, Rio de São Francisco, Coritiba, Santa Catharina e Rio Grande, e as aldeias com um unico Religioso, devendo estar dois em cada uma. Vão-se acabando os seus estudos, em que tanto floresceram as letras a ponto de se crear nelles um naturalista, que no tempo do Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Souza mandou muitos caixões de plantas e raridades da natureza para o Real Jardim Botanico, compoz a Flora Fluminense, e ainda hoje se occupa nesta Corte no Real Serviço de Vossa Alteza Real.

Esta Provincia é a unica que serve a Vossa Alteza Real nas Capitanias do Rio de Janeiro, de São Paulo, do Espirito Santo, e do Rio Grande, onde é fundada. Parece impossivel que ella possa desempenhar as obrigações do Claustro, e do Estado

com 120 Frades, quando estes são necessarios para a *Casa Capitular do Rio de Janeiro, onde carrega o maior pezo de trabalho.* Ella dá Capellães para as Fortalezas da barra, para todos os Presidios militares, para as Náus, como succedeu na ultima guerra do Sul, para os Navios mercantes quando há falta. Há dois Frades para cada um dos Hospicios, digo, dos Hospitaes da Misericordia, Lazareto, e dos Soldados, onde actualmente residem. Provê de Parochos a muitas Freguezias remotas, como succede em São Paulo, e tambem é obrigada a dar o mesmo provimento a tres aldeias de gentios mansos, que estão debaixo da sua direcção, onde succedendo uns a outros aprendem a lingua dos mesmos gentios para os instruir na nossa Religião, e cathequizar os bravios. Ella carrega com o pezo das cadeias, e assistencia dos reus de morte. Ella finalmente trabalha de dia e de noute no serviço da Igreja e do Estado, quando é chamada para um e outro ministerio, já pelos Bispos, já pelos Vice-Reis e Governadores, de sorte que *toda a Provincia está absorvida pelo Convento da Cidade do Rio de Janeiro,* e os mais tem apenas Guardião e Presidente. (O grypho é nosso).

Este é, Senhor, um pequeno quadro da dita Provincia, dos seus serviços e do seu estado actual. ....."

Deste documento se infere que a Provincia, no fim do seculo XVIII, tinha perfeito conhecimento de que estava "em termos de vêr o ultimo fim", como lastima o Procurador Geral ao concluir a Representação que em parte transcrevemos, ou de que estava "coberta com as vestes lugubres de sua solidade", como lamenta o Provincial Frei Joaquim de Jesus e Maria Brados já em 1796 (52).

O Convento de Sto. Antonio resistia melhor do que os outros Conventos. E' porque os Superiores conservavam ou concentravam no Rio de Janeiro os melhores elementos, de modo que neste Convento "estava absorvida toda a Provincia". Conforme se lê no mappa remettido á Metropole pelo Vice-rei Conde de Rezende em 1797, havia em Sto. Antonio, neste anno, 75 sacerdotes e clerigos e 13 Irmãos leigos, isto é, 88 Religiosos (53).

---

52) Rev. Inst. Hist. 1902, I parte, pag. 275.
53) Rev. Inst. Hist. 1883, parte I, pag. 188.

Tratava-se de sustentar a honra da Casa Capitular com o prestar os serviços de que os Religiosos se incumbiam desde longo tempo.

Com muita satisfação ficamos sabendo pela Representação que os Frades realmente assim o fizeram: trabalharam "dia e noite" pelo bem da Igreja e do Estado.

Lutadores que, prevendo a derrota, todavia não depuzeram as armas.

Honra lhes seja feita.

Mas a despedida do seculo XVIII é triste, muito triste.

CAPITULO VIII

1800 a 1825

Serie dos Superiores; suas obras executadas no Convento — A bilocação de Frei Galvão — A chegada da Familia Real, festas, nomeações — D. João VI e S. Francisco de Assis — O Marechal Forbes Skellater — A mudança da côr de habito — Festa do Coração de Maria; Promoção da imagem de Sto. Antonio — As exequias de D. Pedro Carlos — Morte do 2° Marquez de Pombal — A primeira venda de terrenos — Real Convento de Sto. Antonio — Venda de mais terreno — Enterro e sepultura do Nuncio D. Lourenço Caleppi — Frei Antonio de Sta. Ursula Rodovalho — As rotulas — Um frade Protonotario Apostolico — O Convento de Sto. Antonio e a Independencia Nacional.

O nosso coração estremece, repassado de tristeza e saudade, ao iniciarmos este oitavo capitulo da historia do Convento de Sto. Antonio. Já não é uma vida religiosa florescente que temos de historiar. O que se nos depara no começo do seculo XIX são abalos, tremores fortes, defecções, que não tardam em produzir destroços e ruinas.

A nimia e indebita intromissão do poder temporal nas coisas internas da Ordem começara a produzir effeitos deleterios já no fim do seculo anterior, como consta da Representação que em parte transcrevemos, e neste continuou a actuar desastradamente, até chegar ao auge com a prohibição do noviciado em 1855.

Os claros abertos nas fileiras franciscanas pela morte não se preenchiam mais por falta de sufficientes vocações. Dos poucos candidatos que se apresentavam, muitos debandavam depois de chegar ao sacerdocio. Secularizavam-se.

A autoridade, tanto religiosa como civil, distribuia, com prodigalidade, privilegios e isenções.

A consequencia de tudo foi o depauperamento rapido do organismo monastico em todas as suas manifestações: na vida regular, nos estudos e no trabalho sacerdotal.

E' verdade que nos primeiros decennios ainda existia um bom numero de Religiosos no Convento de Sto. Antonio e entre elles homens de destaque por seu saber, e figuras venerandas por sua vida exemplar de virtude. Mas, si uns eram Religiosos da velha tempera, como geralmente os Guardiães, que, como fachos ardendo, se consumiam e, consumindo-se, ardiam, outros, filhos de uma pronunciada decadencia, não tiveram a formação para se tornarem esteios do edificio que ameaçava ruir.

1799 a 1802 Frei Ignacio da Annunciação é o primeiro Guardião que o Convento de Sto. Antonio teve no seculo XIX, porque, sendo eleito em 28 de Setembro de 1799, governou até á Congregação Intermedia de 28 de Março de 1801.

Era Carioca, nascido na freguezia da Candelaria. Tendo feito o seu noviciado no Convento de Macacú (1751 a 1752), fez os estudos no de S. Paulo, onde se ordenou em 1757. Desde 1762, anno em que serviu de Presidente e mestre de noviços em S. Boaventura, occupou diversos cargos. Em 1784, sendo Guardião no dito Convento, iniciou e adiantou a reconstrucção do edificio (1) e antes de entrar na guardiania do Rio foi cinco mezes Vigario Provincial. Teve os privilegios de Definidor e de Padre da Provincia e morreu aos 6 de Outubro de 1804, munido com todos os Sacramentos (2).

Na Congregação Intermedia (28-3-1801) foi investido no cargo de Guardião Frei José Mariano do Amor Divino. Como seu antecessor, fez o seu noviciado em Macacú no tempo aureo, isto é, em 1761. Esteve como Guardião em S. Paulo (1787), foi Definidor (1796) e gozou dos privilegios de Ex-leitor de grego sem tê-lo ensinado e sem sabê-lo (3).

1) O Convento de S. Boaventura de Macacú, pag. 23.
2) Reg. Rel. bras., fls. 69.
3) Res. do Tombo, pag. 62.

Falleceu aos 28 de Dezembro de 1802, fortalecido com todos os sacramentos (4).

Da gerencia de ambos estes Guardiães no Convento do Rio nada consta, que mereça ser registado, diz o Resumo do Tombo.

1802 a 1805 Durante todo o triennio seguinte (2-10-1802 a 5-10-805), exerceu o cargo de Guardião Frei Fernando Antonio de Sta. Rita. Nascido em aguas brasileiras, na viagem que faziam seus paes vindos de Portugal, foi baptizado na freguezia de Parahyba do Sul e entrou na Ordem em 1762, no Convento da Ilha, professando, porém, no de Cabo Frio. Ordenado sacerdote no Rio por D. Frei Antonio do Desterro, continuou os estudos e, posteriormente, occupou diversas guardianias antes da do Rio. Em 1799, foi eleito Definidor. Sendo Guardião em Santos (1790), Frei Fernando teve vontade de se secularizar e obteve para isso o Breve do Papa, mas, reflectindo melhor, renunciou á licença.

Na qualidade de Guardião da Casa capitular, mandou rebocar de novo a face do Convento que olha para a barra, face essa que estava toda negra e, por fim, deixou o Convento grandemente individado. Morreu aos 7 de Novembro de 1811, com todos os Sacramentos (5).

As referencias que o Resumo do Tombo (6) faz a este Guardião não são muito lisonjeiras. Diz que, depois de reeleito na Congregação Intermedia, tornou-se descuidado. Por este motivo, o Provincial Frei João de S. Francisco Mendonça vestiu os Religiosos, guarneceu a enfermaria de roupa, entupiu a cisterna em frente á bibliotheca, na qual collocou uma escrevaninha de vinhatico (ainda existe) e diversas poltronas, dispendendo em beneficio do Convento perto de 1:400$000.

---

4) Elencho, pag. 204.
5) Reg. Relig. Europ., fls. 65.
6) Res. do Tombo, pag. 62.

A bilocação de Frei Galvão

Si, com referencia ao supradito Guardião, só podiamos dar a noticia pouco agradavel de ter deixado o Convento excessivamente individado, a tradição nos fornece outra interessantissima e muito edificante, para inserir aqui. Veiu até nós por intermedio de Frei João do Amor Divino Costa, que a contava frequentemente, affirmando tê-la ouvido de Frei Monte Alverne, contemporaneo do facto.

E' a bi-locação do servo de Deus Frei Antonio de Sant'Anna Galvão. Este Religioso, filho da então villa de Guaratinguetá, passou o maior tempo de sua vida em S. Paulo, onde até aos nossos dias é venerado como um Santo. Duas vezes occupou no Convento daquella cidade o cargo de Guardião, de 1798 a 1799 e de 1801 a 1802, e nesta qualidade tomou parte nos Capitulos Provinciaes, vindo ao Rio de Janeiro *per pedes Apostolorum*, como diz o Registo dos Religiosos, quer dizer, a pé. Numa dessas vezes deu-se o facto extraordinario que vamos relatando, e em nossa opinião foi no Capitulo de 1802, sendo que Monte-Alverne só neste podia presenciar o facto, pois no anterior de 1799 ainda não era Religioso.

Chama-se bilocação o estar em dois lugares ao mesmo tempo. A historia affirma este milagre de Sto. Antonio e de Sto. Affonso. O que aconteceu com Frei Galvão foi o seguinte:

Achava-se gravemente enferma, nas aperturas de melindroso parto, uma senhora moradora numa fazenda, a algumas leguas de S. Paulo. Pediu ella ao marido que fosse chamar a Frei Galvão, o unico que lhe podia dispensar efficaz valimento. Vendo a convicção da esposa, sem demora partiu o homem a cavallo, em demanda do Servo de Deus. No Convento de S. Francisco, de S. Paulo, porém, disseram-lhe que Frei Galvão havia partido para o Rio de Janeiro, para tomar parte no Capitulo.

Desanimado, regressou a casa, chegando no dia seguinte. Qual não foi sua surpresa, ao encontrar sua esposa livre de todo o perigo e a proclamar as virtudes de seu grande bemfeitor Frei Galvão!

Contou então a boa mulher como o Servo de Deus lhe havia apparecido durante a noite muito chuvosa, estando completamente enxuto; ouviu-lhe a confissão, e, mandando vir um copo com agua, abençoou-o e deu-lhe a beber, sendo isto o bastante para que ella experimentasse logo melhoras. Impressionado o marido com tal acontecimento, partiu immediatamente para o Rio de Janeiro, afim de agradecer ao santo Religioso o seu grande rasgo de caridade.

Chegando ao Convento de Sto. Antonio, expôz minuciosamente ao Guardião tudo quanto occorrera com a esposa e qual o fim de sua visita. O Guardião, que sabia perfeitamente que Frei Galvão tomara parte todos os dias nas sessões capitulares, disse-lhe admiradissimo: "Como é possivel ter-se dado esse facto, si durante todo este tempo Frei Galvão não arredou pé d'aqui?"

Mas o homem asseverou que era facto tudo quanto dissera.

"Pois bem, disse então o Guardião, ninguem pode saber melhor do que o proprio padre. Vou mandar chamá-lo".

Veiu Frei Galvão.

"P. Mestre, inquiriu o Guardião, este homem aqui vem de S. Paulo para lhe agradecer o ter estado estes dias em sua fazenda, confessando sua mulher e dando-lhe a benção, com o que ella ficou fóra do perigo. Como se explica isto, si V. Paternidade não saiu deste Convento?"

Frei Galvão respondeu então com muita humildade: "Como se deu, não sei; mas verdade é que lá estive".

Assim quiz Deus honrar o Convento de Sto. Antonio com um facto tão extraordinario quão milagroso e fazer brilhar a virtude do seu Servo na Capital do paiz.

Frei Galvão morreu santamente no dia 23 de Dezembro de 1822, em S. Paulo, onde presentemente se trabalha activamente para a sua beatificação (7).

---

7) V. as notas biographicas no Reg. dos Rel. bras., fls. 61 — "Vida do veneravel servo de Deus Frei Antonio de Sant'Anna Galvão", S. Paulo, 1936 — Elencho, pag. 286 — "Brasileiros Heróes da Fé", por Manoel Altenfelder Silva, 1928, pag. 241 — "A Provincia franciscana etc. 1922, pag. 255.

1805 a 1808

O successor do Guardião descuidado foi Frei Antonio Agostinho de Sant'Anna, que tambem conservou o cargo por tres annos (5-10-1805 a 8-10-1808).

Foi devéras brilhante a carreira deste illustre carioca, nascido na freguezia da Candelaria e entrado na Ordem, aos 12 de Junho de 1761, no Convento de S. Boaventura de Macacú. Depois de ordenado sacerdote pelo Bispo D. Frei Antonio do Desterro e nomeado prégador em 1768, occupou mais ou menos todos os cargos da Provincia. Foi lente, Commissario dos Terceiros, Guardião em diversos Conventos, Definidor, Custodio, Vigario Provincial. Em 1806 recebeu a nomeação de Examinador do bispado e, pouco antes de deixar o guardianato do Rio, o Principe Regente houve por bem conferir-lhe o cargo de Examinador da Mesa da Consciencia e Ordens.

Falleceu inesperadamente no dia 10 de Abril de 1814, tendo recebido a santa Uncção e tres dias antes a S. Communhão. "Sua morte, escreve Frei Sampaio, foi geralmente sentida por todos aquelles que apreciavão suas luzes, regularidade de costumes, e zelo de Religião" (8).

Durante a sua gerencia no Convento do Rio, Frei Agostinho mandou executar as seguintes obras, além do que fez para a igreja: fez de novo os aqueductos, o tanque e casa da bomba, que mudou para cima; no terreiro construiu a casa da lenha e no campo (do morro) o matadouro novo com curral ao lado.

A chegada da Familia Real, festas, nomeações

Está no dominio de todos que a familia real, fugindo ás hostes francezas, procurou asylo no Brasil em 1808. O Principe Regente desembarcou no Rio de Janeiro na tarde de 8 de Março, dirigindo-se, logo, á igreja do Rosario, Cathedral provisoria, para fazer oração.

As pomposas festas celebradas nessa occasião descreve-as o Padre Luiz Gonçalves dos Santos, nas suas "Memorias do Reino do Brasil".

---

8) Reg. dos Rei. bras., fls. 42.

Qual a participação dos Franciscanos? Naturalmente, associando-se ao alto clero, o Provincial com o Guardião foram a bordo no dia 7 tomar parte no beija-mão. Seria falta imperdoavel si não o fizessem.

No dia 12 houve Missa solenne na igreja do Carmo, elevada logo depois a Capella Real. Coube ao Franciscano Frei Joaquim de S. José prégar o sermão de circumstancia. Não era elle frade do Convento de Sto. Antonio, mas tinha vindo em companhia da Familia Real, junto com outros sacerdotes, na qualidade de confessor e capellão, e pertencia á Provincia da Arrabida (Portugal). Teria a Côrte pensado que no Brasil não havia orador que dignamente pudesse saudar do pulpito as altas personagens? E' sabido que em breve o Principe Regente se convenceu, com admiração, do contrario.

Depois desta solennidade official, todos os Religiosos da cidade e muitas Irmandades quizeram festejar tambem o fausto acontecimento. Do Convento de Sto. Antonio diz o padre Luiz Gonçalves que celebraram "com a pompa que lhes foi possivel, Missas solennes e Hymnos de Graças" (9).

Referimo-nos acima á nomeação do Guardião para Examinador da Mesa da Consciencia e Ordens. Mas não foi só elle que mereceu esta distincção; coube mais aos seguintes padres: Frei Joaquim das Santas Virgens Salazar, Provincial; Frei José de Santa Maria Mascarenhas; Frei Antonio de Sta. Ursula Rodovalho e Frei Joaquim de Sta. Leocadia. Em Novembro do mesmo anno foi promovido ao mesmo cargo Frei Francisco de Sta. Teresa Sampaio.

O Principe Regente, porém, não se limitou a conferir sómente esta honraria aos nossos padres. Por Carta Regia de 25 de Agosto do mesmo anno, promoveu a Prégadores da Capella Real, mandando que tivessem todas as isenções e privilegios de Ex-Provinciaes immediatos, os Religiosos Frei Antonio de Sta. Ursula Rodovalho, Frei Joaquim de Sta. Leocadia, Frei Francisco de S. Carlos e Frei Francisco de Sta. Teresa Sampaio (10).

9) Memorias, t. I, pag. 38.
10) Tombo III, fls. 180 v.

Que os ditos frades eram oradores de nomeada, em nada inferiores aos portuguezes, ninguem o contesta, e D. João, em reconhecê-lo, deu prova de seu espirito benevolo e justiceiro para com os brasileiros. Mas, conceder isenções e privilegios dentro da Ordem, não lhe competia. Imagine o leitor a Frei Sampaio enfeitando-se com o titulo de Ex-Provincial immediato, no meio de Religiosos encanecidos na Ordem, tendo elle apenas trinta annos de idade! Em outro lugar havemos de mostrar como essas isenções e privilegios, concedidos a granel, constituiram um dos factores da ruina da Provincia.

Ainda uma observação. Quem communicou aos Religiosos a sua nomeação para Examinadores foi Mons. Almeida, Chanceller mór das Ordens Militares. Diz o Tombo que assim que chegou de Lisboa veiu hospedar-se no Convento. Teria sido attingido tambem Sto. Antonio pela celebre lei das "Aposentadorias"? (11).

D. João VI e S. Francisco de Assis

A chegada da Familia Real ao Brasil fornece-nos ainda o ensejo de dizermos sobre a devoção do Principe Regente a S. Francisco de Assis e a sua consequente amizade aos Franciscanos.

Uma veneração especial ao Patriarcha dos pobres era tradição da Casa de Bragança. Conta-se que D. João IV, que subiu ao throno em 1640, fez o voto de se alistar entre os Irmãos Terceiros e assistir todos os annos á festa de S. Francisco, voto que tambem os seus descendentes cumpriram religiosamente.

O Principe Regente, posteriormente D. João VI, manteve no Brasil a tradição da familia. Visitava frequentemente o Convento do Bom Jesus na ilha do mesmo nome e ao Convento de Sto. Antonio ia todos os annos durante o tempo de sua permanencia no Brasil (1808 a 1820), para no dia 4 de Outubro assistir á festa do santo Fundador e dar aos frades a esmola de 600$000.

11) Sobre esta lei vexatoria leia-se Rev. Inst. Hist., 1920, pag. 41.

Nesse dia vinha de S. Christovão em carro de gala, acompanhado pela côrte de fidalgos e seguido por um esquadrão de cavallaria. Ao subir a ladeira do Convento, bimbalhavam os sinos entre as acclamações do povo, e, ao chegar á portaria da igreja, era recebido pela Communidade, que o conduzia para dentro debaixo do pallio.

O Principe Regente passava o dia todo com os Religiosos e participava com elles do almoço frugal no refeitorio, sendo servido pelo prégador do dia. Usava os pobres garfos, facas e colheres dos frades, deixando de lado baixellas e talheres de prata que haviam vindo do Palacio. Os pobres de fóra passavam bem nesse dia, pois o lauto almoço com suas escolhidas iguarias, preparado na cozinha da chacara de S. Christovão, o Principe mandava distribuir entre elles (12).

Que bello exemplo de um Monarcha no dia do Pae dos pobres!

De D. Pedro I consta que nos dois primeiros annos de Imperador faltou; mas que depois continuou as tradições da familia, assistindo á festa de S. Francisco.

O Marechal Forbes Skellater

Em companhia da Familia Real veiu para o Brasil o Marechal Forbes Skellater, que prestara relevantes serviços a Portugal, em cujo exercito entrara com a idade de onze annos apenas. No Brasil esteve poucas semanas, pois falleceu aos 8 de Abril de 1808 e foi sepultado no dia 10, com todas as honras militares, no Convento de Sto. Antonio. A sua sepultura, na grande sala da portaria, está assignalada por uma pedra de marmore com extensa inscripção, em cujo centro se vê o competente brazão. Foi collocada a campa pelos esforços do Coronel Athanasio Henerty e a sua conservação muito recommendada por D. João VI ao Guardião e seus successores, como tudo consta do archivo do Ministerio da Guerra (13).

12) Rev. Inst. Hist., 1924, pag. 87. — Um passeio, etc., I, pag. 271.
13) V. Rev. Inst. Hist., 1921, pag. 371.

1808 a 1811 Frei Theotonio de N. Senhora da Guia veiu substituir o seu antecessor na guardiania e, como foi confirmado na Congregação Intermedia, presidiu ao Convento pelo espaço de tres annos.

Nascera em Portugal, onde tambem tomou o habito de S. Francisco. Mas, vindo logo para o Brasil, iniciou o noviciado (1779) e professou no Convento de Macacú, aos 12 de Setembro de 1780. Foi ordenado sacerdote em 1784. Depois de eleito Prégador e Confessor, serviu como lente de philosophia e theologia em S. Paulo e Rio de 1793 a 1799. Neste ultimo anno foi investido no cargo de Guardião no Convento da Ilha e na mesma qualidade foi transferido para Victoria em 1802. Antes de acabar o seu triennio no Rio, obteve do Nuncio o titulo de Padre da Provincia. No Capitulo Provincial de 12 de Outubro de 1811 sahiu eleito Definidor. Falleceu com a santa Uncção, tendo já antes recebido todos os Sacramentos, aos 25 de Setembro de 1823 (14).

Frei Theotonio, em obras no Convento, fez as nove primeiras sepulturas no Capitulo (salão grande da portaria), demolidas depois de 1910. Existia até então uma só sepultura neste recinto, guarnecida e coberta de marmore, em que foram enterrados o Tenente General Boehm, convertido do protestantismo (1782); o Marechal de Campo José Raymundo Chichorro da Gama (1789); a segunda Marqueza de Pombal (1808) e outras pessoas de destaque. E' porque o Capitulo era, junto com a parte da igreja das grades para cima, preferido para o sepultamento de gente graúda.

Ora, não bastando uma só sepultura (o Marechal Forbes já fôra enterrado na parede) o Guardião Frei Theotonio augmentou o seu numero com outras nove. Além destas havia mais quatro de pedra, sem constar quando foram feitas.

Em 1823 foram accrescentadas mais dez (15). A parte aproveitavel da sala não comportava maior numero e em todas ellas se sepultava, frequentemente, cada anno outro

14) Reg. dos Rel. Europ., fls. 126.
15) Livro dos obitos, claustro e Capitulo, fls. 1 e seg. 109.

corpo, o que dá bem a entender de quanta necessidade era a prohibição que veiu, afinal, em 1850.

O leitor perguntará pelo que se fazia com os corpos apenas meio desfeitos depois de um anno na sepultura. Limpavam-se os ossos, que em seguida eram collocados em urnas de madeira, para serem guardados num deposito. Ainda há certo numero dessas urnas no Convento, mas infelizmente sem inscripção.

À mudança da côr do habito

O Capitulo Provincial de 8 de Outubro de 1808, em que foi eleito o Guardião do presente triennio, votou uma resolução de grande alcance, não sómente para o Convento de Sto. Antonio, mas para toda a Provincia.

Não é a forma do habito nem a sua côr que faz o monje. Indiscutivel, porém, é que o modo de vestir permitte tirar conclusões. Os Franciscanos no Brasil vestiam, como em toda a Ordem, habitos de côr cinzenta escura para parda. Em 1808 adoptou-se a côr preta, que nunca foi usada na Ordem. O Provincial communicou a resolução á Provincia com estas palavras:

> "Faz-se necessario manifestar a toda a Provincia q por unanime consenso, e deliberação do Definitorio, e Discretorio foi determinado q. todos os Frades, deixando o habito de ozória pela impossibilidade, em q. estamos, da fabrica de semelhante lanificio, se vistão de panno de algodão tinto de preto, e tecido de hum modo especial para o dito effeito, de q. se apresentou a amostra, e foi geralmente approvada. Continua-se aprehender com presteza o numero de varas, que se requerem para toda a Provincia para a primeira vestiaria deste anno e meio; e os Religiosos, q. tiverem habitos novos de ozória, os mandem tingir de preto de sorte q. appareção uniformes todos em cada hum de seus Conventos" (16).

Diz Frei Diogo de Freitas (17) que o Provincial foi autorizado a fazer a mudança de côr pela Santa Sé. Disso, porém, não encontrámos vestigios, e os dizeres acima parecem até excluir semelhante autorização.

16) Livro das Pastoraes, fls. 63 v.
17) Elencho, pag. 264.

De 1808, pois, em diante os nossos Religiosos não se apresentavam mais vestidos de habitos de côr humilde franciscana, andavam de preto, como os Agostinianos, cingidos de cingulos finos de algodão (não de lã) com grossas borlas.

Os Terceiros da Penitencia do Rio imitaram os Religiosos e conservam a côr preta até hoje.

Na Provincia franciscana do Norte do Brasil não houve mudança da côr de habito, ou, si a houve, mais tarde voltou-se á côr primitiva. Por que os frades do Sul não fizeram a mesma coisa depois que se reataram as relações commerciaes com Portugal? Teria sido uma bella prova de espirito franciscano.

Ao Guardião de cujo triennio nos estamos occupando coube o encargo de fazer os suffragios e dar sepultura ao irmão confrade e grande bemfeitor do Convento Manuel José Mendes Brandão. Havemos de nos referir de novo a este senhor, ao tratarmos dos sinos da igreja. No Convento, elle fez a Capella com altar de talha dourada e imagem da Consolação e, em recompensa, recebeu em 1809 por doação um jazigo na mesma capella. Ahi, na entrada, foi inhumado no mesmo anno aos 15 de Novembro (18). A Capella da Consolação acha-se transformada desde 1931 em quarto de porteiro, sendo o altar do Brandão removido para a antiga Capella do *Ecce Homo,* cujo altar estava de todo estragado.

Em 3 de Abril de 1812 o Nuncio D. Caleppi concedeu 100 dias de indulgencia para cada dia, 200 dias nos Sabbados e 300 dias nas festas principaes de N. Sra. e na festividade de N. Sra. dos Prazeres a todos que diante da imagem rezassem sete Ave-Marias nas intenções da Igreja e pela Familia Real (19).

---

18) Pagina avulsa do Livro dos obitos — Elencho, pag. 304.
19) Doc. avulso no archivo do Convento.

Festa do Coração de Maria. Promoção da imagem de Sto. Antonio

Do tempo da gerencia de Frei Theotonio temos ainda duas noticias agradaveis a referir.

Em 1809 tornou á sua patria o erudito frade botanico Frei Velloso. Tinha elle especial devoção a N. Senhora e, antes de deixar a Europa, mereceu da Santa Sé um Breve, concedendo á nossa Provincia poder celebrar a festa do Sagrado Coração de Maria, com o rito de segunda classe. Frei Velloso trouxe o dito Breve e no anno seguinte, tendo precedido o beneplacito regio (!), o Guardião ordenou a celebração da festa com grande procissão. Assistiu Frei Velloso e carregou com outros o andor da Senhora, "banhado em lagrimas de ternura e devoção para com a Santa Virgem" (20). No Capitulo de 12 de Outubro de 1811 a festa foi prescripta para ser celebrada em toda Provincia como "Festa da Casa", com a obrigação de solennizá-la do modo possivel (21). "Do modo possivel", o que deixa a entender que a falta de Religiosos já não permittia ordenar determinadas solennidades para todos os Conventos.

A outra noticia refere-se a Sto. Antonio. Por Patente de 25 de Outubro de 1810, o Principe Regente elevou a imagem do Santo ao posto de Sargento-Mór da Infantaria, com o soldo de 36$000 mensaes (22).

1811 a 1814

O Guardião Frei Theotonio foi substituido, no Capitulo de 12 de Outubro de 1811, por Frei Joaquim de Sta. Leocadia, o qual, na Congregação Intermedia de 24 de Abril de 1813, teve por successor a Frei Francisco de S. Carlos.

Frei Joaquim de Sta. Leocadia era filho de paes incognitos, nascido no Rio de Janeiro, na freguezia de S. José. Tomou o habito no Convento de Macacú, em 22 de Agosto de 1778, e depois da profissão continuou os estudos sob a

20) Tombo III, fls. 104 — Rev. Inst. Hist. t. 3, pag. 604.
21) Res. do Tombo, pag. 64.
22) Tombo III, fls. 202 v. — V. o capitulo especial sobre as promoções da imagem.

direcção de Frei Rodovalho. Ordenou-se em 1785. Em seguida occupou a cadeira de philosophia e theologia no Rio e S. Paulo, e por isso obteve, em 1805, a jubilação. Por pouco tempo esteve como Guardião na Ilha do Bom Jesus.

Frei Sta. Leocadia era antes de tudo homem de letras, canonista, theologo e orador sacro. A' sua eminente capacidade se deve attribuir a nomeação para Examinador do bispado, prégador da Capella Real, Examinador da Mesa da Consciencia e Ordens (1808), theologo da Nunciatura (1810), secretario da Provincia (1808).

A eleição de Frei Sta. Leocadia para Guardião do Convento de Santo Antonio foi obra do Principe Regente, que a insinuou por intermedio do Nuncio D. Caleppi. Mas o Guardião, homem intelligente, culto, brilhante orador, não era talhado para esse cargo. "As suas obras, diz o Resumo do Tombo, são mais dignas de esquecimento do que de lembrança". Quando, na Congregação, foi substituido, deixou a casa excessivamente empenhada e não consta que o Principe Regente tivesse vindo em soccorro de seu protegido. Frei Sta. Leocadia falleceu santamente no dia 8 de Maio de 1818. Em sua memoria o Registo dos Religiosos lhe faz o seguinte bello necrologio:

> "Este Religioso depois de ter illustrado a Provincia pr. suas luzes e talentos bem conhecidos, depois de ter deixado tantos discipulos q' bem se pódem gloriar de o terem pr. Me., e q' elle ainda teve a gloria de vêr elevados huns a Dignidade Episcopal, outros aos primeiros Lugares, e os mais honrozos da Religião, cahiu finalme. em uma gravissima enfermidade ...aqui não se póde explicar bem a paciencia, a resignação e a conformidade com q' supportou pr. mui dilatado tempo as dores violentas com q'era continuame. atacado; só se póde dizer q' neste estado serviu na Enfermaria deste Convto. de modelo e exemplar a todos os Religiosos q' muitas vezes admirarão com lagrimas a sua inalteravel constancia, louvando sempre a Mão Omnipotente q' o ferira, e julgando-se merecedor ainda de maiores tormentos. A sua morte pareceo aos olhos do mundo a morte de hu justo; elle morreo tranquillo e com hu semblante alegre, o q' ainda se observou depois mmo. de sua morte: e era bem de esperar q' assim acabasse aquelle q' tinha mostrado hu extraordinario zelo pelo culto da mãy de Ds., a

qal. he impossivel esquecer-se de seos servos naquella hora, q' he a mais terrivel, e q' ella deve mostrar q' he verdadeirame. Mãy dos peccadores. Morreo no dia 8 de Mayo de 1818 e sepultou-se no dia 9, deixando hua grande saudade, principalme. a seos discipulos" (23).

As exequias de D. Pedro Carlos

Pouco menos de seis mezes fazia que Frei Sta. Leocadia havia tomado posse, quando o Convento de Sto. Antonio foi theatro de solennidades funebres pomposas, verdadeiramente reaes, no dia 27 de Maio de 1812. Tratava-se da trasladação dos despojos mortaes do Principe D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança, Infante da Hespanha, sobrinho e genro de D. João VI, fallecido na vespera no Palacio da Boa Vista, com 25 annos de idade.

Exequias tão grandiosas jámais a cidade presenciara. Os corpos militares da guarnição formavam alas em todo o percurso. No prestito sobresahiam os nobres e pessoas gradas com longas capas pretas e chapeus desabados, de que pendiam longos fumos, montados em cavallos cobertos de amplas mantas negras e seguidos de seus lacaios de libré, que ostentavam no braço esquerdo os telizes com os respectivos brazões das familias e alumiavam a estrada com brandões accesos. Tambem os capellães e conegos acompanhavam o cortejo a cavallo, carregando tochas.

O coche funebre era puxado por oito machos ajaezados de pesado luto.

Já era alta noite quando o prestito chegou á ladeira do Convento. Depois de collocado o caixão na igreja, houve encommendações e assignatura de termos de entrega. Em seguida foi collocado na Capella do ECCE HOMO no claustro, onde os Religiosos terminaram as exequias com mais uma encommendação. Era quasi meia noite.

No dia 27 de Junho celebrou-se Missa solenne de 30° dia na Capella real, hoje Cathedral, e quem fez o elogio funebre foi o nosso Frei Sampaio.

---

23) Reg. dos Rel. Bras., fls. 88 v.

A trasladação do caixão para a Capella do ECCE HOMO foi apenas provisoria. D. João VI mandou fazer em Portugal um artistico tumulo de marmore, que devia encerrar os restos mortaes do seu mui querido genro. Foi elle collocado na Capella da Conceição, pertencente aos Terceiros, ao lado da Epistola da igreja do Convento, e inaugurado, com toda a solennidade, aos 25 de Março de 1817. No dia seguinte D. João com toda a familia real e os grandes do Reino tornaram ao Convento, para assistir á Missa pontifical celebrada pelo Bispo, com assistencia do Cabido e muitos sacerdotes. Houve sermão, formatura de tropas, salvas das fortalezas e entrega das chaves do tumulo (24).

O monumento conserva-se na dita Capella da Penitencia, onde pode ser visitado aos domingos.

Morte do 2º. Marquez de Pombal

No mesmo dia e anno que o Principe D. Pedro Carlos, falleceu e foi em seguida enterrado na sala do Capitulo do Convento de Sto. Antonio o 2º Marquez de Pombal, Henrique José de Carvalho e Mello, filho do tristemente celebre Pombal, o "insaciavel inimigo das Ordens religiosas".

Os ossos do finado, depois de exhumados e collocados em urna de madeira, perderam-se, como tantos outros de que desejavamos conhecer o paradeiro.

A primeira venda de terrenos

Uma das provas de que o Convento de Sto. Antonio no principio do seculo XIX não sómente se resentia da incipiente decadencia da vida religiosa dentro de seus muros, mas tambem materialmente se achava em condições precarias, é o facto que vamos notificar agora. E' que em 1813 começou o esphacelamento de seu patrimonio immovel com a venda de uma parte do terreno nas abas do morro. Triste prognostico!

Segundo Vieira Fazenda (25), o Guardião Frei Sta. Leocadia requereu, em 1812, licença ao Principe Regente para

24) Memorias, tomo I, pag. 257 e seg., tomo II, pag. 113 e seg. — Rev. Inst. Hist. 1923, pag. 106; 1924, pag. 600.

25) Rev. Inst. Hist., 1920, pag. 296.

vender terras nas abas do morro. Já foi dito que estas terras estavam em parte limitadas pelo muro na rua 13 de Maio. Mas não era só. Estendiam-se mais para o lado de Sta. Teresa. Isso consta, com toda a certeza, do Tombo, em que se lê o motivo da venda nestes termos: "Estando este Convento presentemente em grande necessidade de fazer hum muro, que sirva de cerca para impedir a devassidão, em q. está posto pelos moradores da Rua-do primeiro-Arco da Carioca, os quaes, destruindo a antiga, se tem utilizado, e como apropriado, o terreno q. gozavamos pacificamente p. Graça de seo legitimo Senhor".

A communidade, consultada em tres Capitulos, consentiu na alienação do terreno invadido. Foram consultados tambem os canonistas da casa sobre si era mais conforme á santa Regra ceder as terras aos invasores, fazendo estes o muro, ou si podiam vendê-lo pelo Syndico para com o dinheiro fazer a cerca. No dia 25 de Janeiro de 1813 um dos consultores declarou-se contra qualquer alienação, os outros tres responderam que era indifferente desfazer-se do terreno de uma ou outra maneira (26).

Não encontrámos a Escriptura, mas sem duvida a alienação se realizou. Não foi, porém, em beneficio do Convento, e o juizo que o Resumo do Tombo faz das obras de Frei Sta. Leocadia e que acima transcrevemos não permitte outra interpretação.

Os frades, depois de ceder as terras, ficaram por esperar a construcção do muro. Só se fez uma parte e para levantar o resto foi preciso tornarem a vender terreno, como havemos de ver no proximo triennio.

Real Convento de Sto. Antonio

Ao folhearmos o livro do Tombo na pesquisa de noticias, tivemos uma surpresa. Achamos diversas vezes escripto em letra de fôrma: REAL CONVENTO DE STO. ANTONIO. Teve o Convento este titulo nobiliarchico concedido pelo Principe Regente? Não encontrámos nem vestigio de documento que prove se-

26) Tombo III, fls. 212 v.

melhante concessão. Mas é certo que os Religiosos, tanto o Provincial como outros, usaram este titulo, ao datarem seus escriptos, durante os annos de 1813 e 1814. E no livro das eleições encontrámo-lo não sómente em 1813 mas tambem em 1819. Depois desapparece com a mesma espontaneidade com que se apresentou. Ou teria sido invenção dos proprios frades para manifestar o seu devotamento á pessoa do Principe Real? Não estranhariamos, pois naquelle tempo timbravam em confessar-se vassallos fieis e agradecidos do "Melhor dos Principes", do "Amabilissimo Principe", do "Poderoso Principe" (27).

Acima foi dito que na Congregação Intermedia de 24 de Abril de 1813 Frei Sta. Leocadia teve de ceder o lugar de Guardião a Frei Francisco de S. Carlos. Não nos detemos em trazer para aqui notas individuaes a seu respeito, porque havemos de dedicar-lhe um artigo especial, apreciando-o como orador e poeta.

Como Guardião não correspondeu á espectativa do Capitulo. "O Pe. Me. S. Carlos, diz o Resumo do Tombo, com a Casa empenhada, e sem geito para essas coizas, o mais a q pôde chegar foi com o auxilio do Cyrenêo Sales, e como Deos o ajudou, levar a Cruz athe o Calvario".

Não conseguimos descobrir quem era esse Sales que serviu de Cyreneu a Frei S. Carlos.

1814 a 1818 Tambem no triennio immediato dois padres foram investidos no cargo de Guardião.

O primeiro é Frei Antonio do Bom Despacho Macedo, eleito aos 15 de Outubro de 1814. Portuguez de nascimento, foi admittido ao noviciado no Convento da Ilha do Bom Jesus no dia 24 de Fevereiro de 1794. Dois annos apenas depois da profissão ordenou-se sacerdote e decorridos outros dois entrou na carreira de lente nos Conventos do Rio e de S. Paulo e foi Commissario em algumas Ordens Terceiras. Testemunho de sua capacidade é a sua nomeação, a pedido do senhor Nuncio D. Lourenço Caleppi, para ensinar theologia

27) Item, III, fls. 212 v. e seg., 220 — Livro das eleições I, fls. 116 e seg.

dogmatica aos Carmelitas em S. Paulo em Outubro de 1811, substituindo a Frei Luiz de Sta. Catharina Sá, tambem franciscano, que acabava de leccionar philosophia. Em sua carta (28) declara o Senhor Nuncio que fazia o seu pedido fundado nas melhores informações que teve das luzes, religiosidade e mais qualidades de Frei Bom Despacho. Acabado este curso, obteve a jubilação (29) e foi eleito Guardião do Rio.

Venda de mais terreno

Nesta qualidade, "por não poder levantar os muros cahidos da cerca na Rua dos Arcos e para remediar não pequenas uzurpações dos confinantes, vendeo a estes mesmos com as competentes licenças algumas braças de fundo" (30). A ser verdade o que affirma o ex-syndico Fabregas em seu pamphleto, tratava-se de perto de cem braças com muito fundo na rua do Lavradio (31).

Era o segundo attentado contra o patrimonio immovel do Convento.

Emprehendeu tambem arborizar as partes desoccupadas do morro. A este fim mandou vir de Suruhy, Magé e Macacú mais de quatrocentas arvores; mas para grande desgosto seu, de toda a plantação nenhum pé vingou.

Com Breve de 6 de Julho de 1815, Frei Bom Despacho foi declarado Padre da Provincia pelo Nuncio Apostolico (32); serviu ainda diversas vezes como Commissario da Penitencia do Rio e falleceu aos 17 de Outubro de 1822, com todos os Sacramentos (33).

O segundo Guardião neste triennio foi Frei João de Parma Pinheiro, promovido na Congregação Intermedia de 20 de Abril de 1816. Era portuguez, como seu antecessor. Iniciou o noviciado no Convento do Rio, aos 23 de Junho de 1796, e ordenou-se sacerdote em S. Paulo, no anno de 1803. No mesmo Convento de S. Paulo foi desde logo aproveitado

28) Item, III, fls. 209.
29) Item, III, fls. 218 v.
30) Res. do Tombo, pag. 65.
31) Pamphleto (1841) conserv. no archivo do Conv., pag. 102.
32) Tombo III, fls. 224.
33) Reg. dos Rel. Europ., fls. 49.

para lente durante seis annos, indo em 1811 leccionar philosophia no Convento de Taubaté. Ao ser investido no cargo de Guardião do Rio, foi premiado pelo Nuncio Apostolico com uma guardiania *de jure*, "em attenção aos seus grandes merecimentos em serviços e bom nome que ganhara em todo o tempo de sua leitoria e illustrando a si e á nossa Provincia". Foi ainda condecorado com os privilegios de Padre da Provincia (1817), sahiu eleito Custodio (1821) e Provincial (1825), foi nomeado prégador imperial "em attenção aos seus brilhantes talentos e bem estabelecida reputação" (1827), lente de Theologia no seminario de S. José (1828) e, por fim, mais uma vez eleito Custodio (1831) (34).

No tempo de sua gerencia não se fez obra no Convento que mereça ser registada.

Enterro e sepultura do Nuncio D. Lourenço Caleppi

Guarda o Convento os restos mortaes do primeiro Nuncio Apostolico no Brasil, D. Lourenço Caleppi. Sua Excia. veiu para o Brasil logo depois da chegada da Familia Real, e no dia 23 de Junho do mesmo anno de 1808 recebeu das mãos do Principe Regente o barrete cardinalicio.

Não nos compete apreciar aqui a gestão deste Nuncio, que era considerado como um dos mais abalizados politicos do seu tempo. Escolhendo este Prelado a igreja do nosso Convento para sua ultima morada, diremos só o que consta sobre o seu enterro e sepultura.

D. Caleppi morreu no dia 10 de Janeiro de 1817, na avançada idade de mais de 75 annos. Legou ao Convento uma reliquia do Santo Lenho em um nicho de primorosa execução. Seu corpo, embalsamado, foi inhumado na Capella-mór, no unico carneiro que ahi existia, com campa sem inscripção. Segundo Moreira de Azevedo (35), estiveram nelle depositados, antes do Nuncio, os corpos de dois conegos, irmãos carnaes, Antonio de Sá Pereira e Gaspar Ribeiro Pereira, fallecidos em 18 de Fevereiro de 1700 e 8 de Janeiro de 1734.

34) Item, fls. 94 v. — Elencho, pag. 346.
35) Apontamentos hist., pag. 114.

Na trasladação do corpo do Nuncio houve "pomposas exequias, a que assistiram o Rei D. João VI e sua familia, Ministros de Estado, Grandes do Reino, Corpo diplomatico e Consular, etc. Além do Bispo D. José Caetano, tomaram parte na solennidade outros Bispos que então se achavam no Rio de Janeiro. Regeu a orchestra o maestro Marcos Portugal, e occupou a tribuna sagrada o emerito prégador franciscano Frei Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio" (36).

Durante tres annos esteve a sepultura assignalada por uma simples pedra de marmore, de 71 cm. de largo e comprido, de cujos dizeres consta que era provisoria. No dia 22 de Abril de 1820 acabou-se de assentar outra maior, tambem de marmore branco, guarnecida de faixa preta, com dez palmos de comprido e cinco e meio de largo, tendo num semicirculo as armas do finado. A pedra veiu da Italia, remettida pelo Secretario da Nunciatura, Camillo Luiz de Rossi, ao Capitão Manuel Dias de Lima. Estando este ausente em Sta. Catharina, os seus cunhados trataram do assentamento da pedra, incumbindo da execução um certo clerigo. Ora, estando este a mover a pedra á força de seus braços, aconteceu ella cahir e quebrar-se em tres pedaços. Mesmo assim foi collocada e ahi esteve á vista durante decennios, até o Vigario Provincial Frei Antonio do Coração de Maria Almeida mandar rebaixar o chão da Capella mór para assentar os actuaes ladrilhos pretos e brancos de marmore. Com esta modificação a campa do Senhor Nuncio ficou escondida (37).

A pedra provisoria, encontrada num canto qualquer do Convento, em 1931, foi collocada na parede junto á porta de entrada para a Capella-mór, lado do Evangelho.

Como documento historico transcrevemos aqui o epitaphio na grande campa:

---

36) Rev. Inst. Hist., 1921, pag. 304. — Os claustros etc., pag. 95, com trechos do sermão de Frei Sampaio.

37) Livro dos Obitos, claustro e capitulo, fls. 108.

Hic situs est
Laurentius Caleppius Domo-Cervia in Aemilia,
S. R. E. Praesbyter Cardinalis,
Qui in difficilimis temporibus
Quamplura, eaque gravissima Apostolicae Sedis negotia
Penes ferme omnes Catholicas Nationes
Singulari prudentia pertractavit.
A Pio VII P. M. Archiepiscopus Nisibenus,
Atque apud Joannem VI
Tunc Principem Lusitanum Imperium Regentem
Nunc Portugalliae, Brasiliae, et Algarbiorum
Regem Potentissimum
Legatus Renuntiatus,
Irruente in Portugalliae Regnum Gallorum Tyranno
Principem Augustissimum ab Europa discedentem
Longa navigatione sequutus,
Primus ad Fluvium Januarium Apostolica Legatione perfunctus,
Primusque ibidem Sacra Purpura decoratus,
A SS. D. N. Pio VII amplissimarum laudum praeconio cumulatus,
et in ejus obitu
A Joanne VI Fidelissimo novo Benignitatis exemplo
Amici amissi titulo cohonestatus,
Sanctissimae Religionis impiger, ac strenuus adsertor,
Pius, humilis, magnanimus, divitiarum contemptor
obdormivit in pace
IV Idus Januarii An. MDCCCXVII aetatis suae LXXV
Sacra Congregatio Christiani nomini Propaganda
Haeres ex asse instituta.
Grati animi monumentum
P. C.

Frei Antonio de Sta. Ursula Rodovalho

No dia 2 de Dezembro de 1817 a morte veiu ceifar a vida de um dos mais insignes filhos da Provincia franciscana do Sul do Brasil, homem de letras, afamado orador, o maior mestre de philosophia e theologia que ella tem produzido segundo affirmava Monte Alverne. E' Frei Antonio de Sta. Ursula Rodovalho. Não foi Guardião do Convento de Sto. Antonio, mas nelle passou a maior parte de sua vida. Deixariamos, por isso, uma lacuna sensivel na historia que estamos escrevendo, si lhe não dedicassemos uma pagina.

O illustre Franciscano, natural da cidade de S. Francisco de Assis de Taubaté, chamava-se no seculo Antonio de Mello Freitas. Das familias catholicas a sua occupava o primeiro lugar na localidade, pois não só produziu tres sacerdotes, o nosso Frei e mais dois padres seculares, mas o proprio pae, enviuvando, abraçou o estado clerical. Na sua primeira Missa, foi assistido pelos filhos, cabendo a Frei Sta. Ursula prégar ao Evangelho.

Mostrando o jovem Antonio vocação para o estado religioso, pediu o habito da nossa Ordem na cidade natal, mas iniciou o tirocinio no Convento de São Paulo, no dia 16 de Outubro de 1761.

Tendo feito o estudo sufficiente, ordenou-se sacerdote no Rio de Janeiro, no tempo do Provincial Frei José dos Anjos Passos, isto é, entre 1767 e 1770. Os melhores annos de sua vida passou-os Frei Rodovalho na cadeira de lente. Em S. Paulo esteve como passante de philosophia de 1774 a 1780; no Rio, como lente de vesperas e prima de theologia, de 1781 a 1787, e depois, durante 12 annos, isto é, de Fevereiro de 1789 a Fevereiro de 1801, como lente de philosophia no seminario de S. José. Em 1804 esteve mais uma vez em S. Paulo, investido no cargo de Guardião e regente dos estudos.

No Capitulo de 5 de Outubro de 1805, foi eleito Custodio da Provincia, nomeado prégador regio e examinador da Mesa da Consciencia, em 25 de Agosto de 1808 e, emfim, eleito Provincial com geral applauso aos 8 de Outubro do mesmo anno.

Uma prova do quanto o Principe Regente estimava a Frei Rodovalho, cuja eleição para Provincial fôra muito de seu agrado, é a nomeação com que o distinguiu para Bispo de Angola no dia 25 de Abril de 1810, dia dos annos da Princeza D. Carlota Joaquina (38). Mas o eleito não chegou a sagrar-se, renunciou em 1814 por motivo de molestia. Pelo mesmo motivo deixára tambem o Provincialado aos 21 de Janeiro de 1811. Em 1814 foi nomeado censor regio.

Passamos agora a transcrever o necrologio que lhe traçou de proprio punho Frei Sampaio, no Registo dos Religiosos:

> "Depois de uma carreira tão brilhante e distincta com as maiores demonstrações de honra, quando elle trabalhava em offerecer á Religião christan um grande escudo contra a philosophia na traducção de uma volumosa obra italiana, cahiu em uma total inanição, talvez em consequencia de seu excessivo trabalho, em annos já avançados, e foi levado á enfermaria deste convento, onde apezar de todos os empenhos acabou os seus dias, deixando em lagrimas a Provincia, que nelle perdia uma luz, que ainda reflecte com muito brilho naquelles que honraram as cadeiras do magisterio e que apparecem com grande applauso no pulpito: egual sentimento mostrou o clero desta Côrte, que havia recebido suas instrucções nos diversos ramos das sciencias e das artes no longo espaço em que ensinou no seminario episcopal. — Sua morte foi a ultima lição de suas virtudes, que elle nos deixou. Recebeu todos os Sacramentos e jaz enterrado na quadra em que se sepultam os religiosos. Não receio lançar estas flores sobre o seu tumolo; a posteridade conhecerá que entre nós floresceram grandes homens, sabendo que o Mestre Rodovalho pertenceu á nossa familia" (39).

Já são 120 annos que o douto P. Mestre Frei Antonio de Sta. Ursula Rodovalho desappareceu do scenario da vida, mas a sua memoria se conserva em todos que com prazer recordam as glorias do Brasil. O seu retrato a oleo, pintado em 1860 pelo artista italiano Tironi, acha-se na sala dos Guardiães. No fim deste livro damos o facsimile de seu autographo, estampa nº. 40.

---

38) Tombo III, fls. 199.
39) Reg. dos Rel. Bras., fls. 43 — Elencho, pag. 262.

1818 a 1821 Frei Joaquim de Sta. Catharina Loyola e Frei João Nepomuceno Valladares, eis os nomes dos dois Guardiães que presidiram os destinos do Convento desde o Capitulo Provincial, de 18 de Abril de 1818 a 20 de Outubro de 1821.

Frei Joaquim, nascido na cidade de Victoria, tomou o nosso habito neste Convento de Sto. Antonio, aos 7 de Setembro de 1798, e foi ordenado sacerdote em 1803. Esteve de passante em S. Paulo (1804), tomou posse da cadeira de vesperas no Rio (1807) e exerceu o cargo de Guardião, além do do Rio, em Victoria (1811), Cabo Frio (1814), S. Paulo (1820). O Senhor Nuncio, attendendo á sua grande cultura theologica, nomeou-o theologo da Nunciatura em 1818 e concedeu-lhe os privilegios de Ex-Provincial. No Capitulo de 1821 sahiu eleito Definidor da Mesa.

Durante o anno e meio que Frei Joaquim esteve como Guardião no Rio, restaurou o grande salão que fica por cima da sacristia, forrando-o em ponto elevado. Neste salão installou-se, em 1871, o insigne pintor catharinense Victor Meirelles de Lima para, por commissão do Governo Imperial, executar os conhecidos quadros historicos. Existe no archivo do Convento o documento, sellado e assignado em 7 de Janeiro do dito anno, com que Meirelles se obriga a repor o tecto, em que foi preciso abrir uma claraboia, no estado em que lhe fôra entregue.

Quando, em 1933, se procedeu á nova restauração desse salão, embora já não tivesse mais fôrro algum, quiz-se, comtudo, fazer o tecto como se fizera em 1818, para desse modo conservar a lembrança do passado.

O mesmo Guardião Frei Joaquim renovou mais as installações hygienicas, tanto no 1° como no 2° andar, e tirou todas as rotulas das janellas na frente do Convento, substituindo-as por vidraças.

As rotulas Era a rotula (tambem em lingua indigena "urupema") uma grade de madeira em todo o vão da janella, dando ás casas o aspecto de grande xadrez de policia.

No tempo colonial, as rotulas pertenciam á architectura em voga e viam-se em todas as casas. Ao que parece, os nossos antepassados receiavam a luz e o ar. Quem acabou com as rotulas foi o energico intendente de policia Paulo Fernandes Vianna, por edital de 11 de Junho de 1808 (40). E' para admirar que os Franciscanos só dez annos depois resolvessem andar com o progresso. Não consta quando as rotulas das outras janellas do Convento foram removidas, pois quasi todas as tiveram por fóra e por dentro, como demonstram os signaes que até hoje se vêem na cantaria que guarnece as janellas.

O nosso Frei Joaquim de Sta. Catharina Loyola, depois de quasi 26 annos na Ordem, em que sempre passou bem, no dizer do Registo dos Religiosos, depois de ter occupado altos cargos e prestado serviços á corporação, renunciou ao cargo de Definidor para se fazer coadjutor da matriz de Magé (1824) e no anno seguinte secularizou-se. E' a primeira vez que temos de noticiar coisa semelhante de um Guardião do Convento de Sto. Antonio (41). Não nos esqueçamos: Frei Joaquim entrou na Ordem em 1798, isto é, no declinio da Provincia.

Um frade protonotario Apostolico

Neste tempo de barateamento de titulos, privilegios e isenções, ora pedidos, ora offerecidos, o Convento de Sto. Antonio teve um dia a surpresa de ver entrar no seu recinto um titulo nunca dantes concedido a um de seus frades e conferido posteriormente sómente a Frei João do Amor Divino Costa, ultimo Religioso da antiga Provincia.

Foi no dia 5 de Setembro de 1818 que o Principe Regente lançou o seu Beneplacito Regio no Breve de 26 de Agosto do mesmo anno, com que o Senhor Nuncio Apostolico conferia a Frei Marcellino de Sta. Mathilde Bueno o titulo de *Protonotario Apostolico,* com todos os privilegios, prerogativas, indultos, favores, proeminencias, graças e isen-

40) Rev. Inst. Hist., 1924, pag. 238.
41) Reg. Rel. bras., fls. 99.

ções, menos o direito de trazer as vestes prelaticias e promover ás Ordens menores.

Consta pelos documentos que Frei Marcellino, santista de nascimento, que já antes gozava de diversas honrarias, era homem illustrado e não negamos que merecia as recommendações do Bispo a que o Senhor Nuncio faz referencia. Mas ser por causa disso "premiado" com uma dignidade incompativel com a Regra franciscana é coisa que não se comprehende e que, além disso, demonstra a que ponto já tinha chegado a decadencia na Corporação.

E as consequencias não se fizeram esperar. Frei Marcellino, certamente porque não encontrou no Convento quem o tratasse de accordo com a sua dignidade de Protonotario Apostolico, preferiu voltar ao mundo onde, como padre secular, podia gozar, com o titulo, tambem das vestes prelaticias. Secularizou-se em 1823, isto é, no segundo anno da Independencia do Brasil (42).

O successor de Frei Joaquim na Congregação Intermedia de 23 de Outubro de 1819, Frei João Nepomuceno, nasceu, como seu antecessor, em Victoria, tomou o habito aos 23 de Junho de 1795, neste Convento do Rio, e ordenou-se sacerdote em 1800. A sua "folha de officio" foi devéras brilhante. Depois de servir em S. Paulo como lente durante seis annos, occupou os seguintes cargos: foi Secretario da Provincia (1811), Guardião de Macacú no mesmo anno, Secretario do Visitador (1814), Guardião em S. Paulo no mesmo anno, Guardião em Macacú (1819), Guardião no Rio (1819), capellão na Quinta da Boa-Vista (por pouco tempo), Guardião em Taubaté (1821), Custodio da Mesa (1834) e ao mesmo tempo Mestre de Moral, Secretario do Visitador ainda no mesmo anno. Antes de occupar o ultimo cargo, exerceu durante onze annos e quatro mezes o emprego de capellão curado do Paço e Quinta da Boa Vista, isto é, de 1823 a 1834.

Foram conferidas a Frei Nepomuceno as seguintes honrarias: uma guardiania *de direito,* Definidor *de jure,* Exa-

42) Item fls. 116 — Tombo III, fls. 236 v.

minador da Mesa da Consciencia e Ordens, Deputado da Junta da Bulla da Cruzada, Ex-Provincial *de jure*.

Servindo de Secretario da Provincia, falleceu aos 17 de Dezembro de 1838, munido com todos os Sacramentos.

Estando como Guardião no Convento de Sto. Antonio, Frei Nepomuceno rebocou de novo toda a frente do Convento e da igreja, e, na quadra do claustro em frente ao "De profundis", restaurou todas as sepulturas, fazendo-as de pedra e cal e guarnecendo-as de cantaria com coberta de madeira.

1821 a 1825 O triennio que nos compete historiar agora incide na época do grande movimento politico, que transformou o Brasil de reino unido a Portugal em Imperio independente.

Vejamos primeiro quaes os Guardiães que nesse periodo dirigiram os destinos do Convento já não mais simplesmente do Rio de Janeiro, mas de 1822 em diante *Convento de Sto. Antonio da Côrte do Rio de Janeiro.*

No Capitulo de 20 de Outubro de 1821 colheu os votos para a sua investidura Frei Carlos das Mercês e na Congregação de 26 de Abril de 1823, Frei José de S. João Chrysostomo.

Sobre Frei Carlos pouco temos de dizer. Era portuguez, nascido em Lisboa. Tomou o habito neste Convento aos 31 de Julho de 1796. Depois de concluir os estudos em S. Paulo, ahi mesmo se ordenou sacerdote. Esteve em seguida como presidente em Macacú, serviu em diversas Ordens Terceiras como commissario ou vice-commissario, e, além da do Rio, occupou as guardianias de Victoria e Cabo-Frio. Durante algum tempo foi capellão, residindo fóra do Convento, na capella de *Mata-porcos* e da Misericordia. Em 1828 sahiu eleito Definidor. Obteve o titulo de padre da Provincia.

A pessoa de Frei Carlos está cercada de um certo mysterio e não conseguimos desvendá-lo. Gozava elle da protecção da Familia Real e não sómente a Princeza D. Carlota Joaquina (depois Rainha), mas tambem D. Pedro I, intervinham junto aos Superiores em favor delle, para ser col-

locado aqui ou acolá. O proprio Nuncio, que naquelle tempo era D. Marefuschio, parece referir-se a influencias estranhas no Breve com que lhe concedeu o titulo de padre da Provincia, pois enumerando diversos motivos para a promoção accrescenta *et aliae causae* (e outros motivos).

Ao nosso parecer, a alta protecção fez mal a Frei Carlos e, por isso, deu serios desgostos á Provincia, embora não conste tenha sido sentenciado. Só assim se comprehendem as referencias pouco lisonjeiras á sua pessoa no Resumo do Tombo e a observação, no Registo dos Religiosos, que falleceu (19-7-38) "com provas de hum verdadeiro arrependimento" (43).

Homem de outra envergadura era o segundo Guardião no periodo de 1821 a 1825. Frei José de S. João Chrysostomo era tambem portuguez, nascido na Ilha Terceira, admittido ao nosso habito no Rio aos 22 de Outubro de 1803 e promovido a sacerdote em 1807. Foi diversas vezes lente de philosophia, no Convento de S. Paulo de 1813 a 1818, no do Rio de 1826 a 1828. Neste ultimo anno conferiram-lhe o cargo de mestre de noviços no Rio "por serem bem conhecidas as suas boas qualidades que fazem honra á Religião e edificão os povos". Esteve como Guardião em Victoria (1821) e foi eleito Guardião de S. Paulo em 1828, cabendo-lhe no mesmo anno, por ordem do Definitorio, entregar o Convento para servir *interinamente* de Faculdade de Direito. Elle mesmo ahi ficou como director espiritual do Convento da Luz, fallecendo a 9 de Julho de 1855.

Nos dois annos que Frei Chrysostomo esteve á testa do Convento do Rio, executou algumas obras: ligeiros retoques na igreja e concerto do orgão. Mas o nosso Guardião, instruido e piedoso, não era bom administrador; deixou a casa empenhada em 2:000$000 (44).

---

43) Reg. Rel. Europ., fls. 60 — Tombo III, fls. 234, 246 v., 251, 254 v. — Elencho, pag. 340.

44) Item, fls. 136 — Elencho, pag. 371.

O Convento de Sto. Antonio e a Independencia Nacional

Faltaria uma pagina na historia do Convento de Sto. Antonio si, ao tratar da época de 1821 a 1825, quizessemos silenciar a parte activa que tomaram os nossos Religiosos nos successos da emancipação nacional e na sua consolidação. Resumiremos o que pudemos descobrir a este respeito.

A Independencia do Brasil tinha de vir mais cedo ou mais tarde. Não podia nem devia suppor-se que um paiz pequeno como Portugal dominasse indefinidamente uma colonia de tão vasta extensão, fadada, além disso, pelo Criador com todos os recursos garantidores de uma vida propria e independente.

Na historia patria distingue-se nitidamente uma época em que o sentimento nativista brasileiro irrompeu com toda a força. Era nos primeiros decennios do seculo XVIII. A animosidade contra os portuguezes, os reinóes, manifestava-se até nos Conventos. Ahi estão as desordens havidas no de Sto. Antonio, a que já nos referimos, e que não eram outra coisa sinão a explosão do descontentamento dos nacionaes por se vêrem preteridos na distribuição equitativa dos cargos.

A primeira tentativa de separação da metropole falhou e teve o seu epilogo na execução de Tiradentes, aos 21 de Abril de 1792. Onze Religiosos do Convento de Sto. Antonio assistiram, no espiritual, aos inconfidentes na prisão, e tambem Tiradentes foi por elles conduzido ao patibulo.

A Provincia franciscana (como tambem as outras Ordens religiosas) já estava agonizando, quando soou o grito do Ypiranga, a 7 de Setembro de 1822. Os Religiosos franciscanos adheriram com enthusiasmo á nova ordem de coisas. Si o fizeram como bons brasileiros, é de suppôr que o fizessem tambem na esperança de com a Independencia politica cahir o cerceamento das entradas na Ordem. Enganaram-se. Mas isso fica para depois.

Qual foi a participação do Convento de Sto. Antonio no movimento da Independencia?

Desde Outubro de 1821 era Provincial Frei Angelo de S. José Mariano, carioca legitimo, nascido na freguezia da Candelaria. Occupava o cargo de Guardião Frei Carlos das Mercês, protegido de D. Pedro. Fazia parte da communidade, desempenhando elevados cargos dentro e fóra da Ordem, Frei Francisco de Sta. Teresa de Jesus Sampaio, filho do Rio de Janeiro, patriota ardoroso, amigo do Principe e de D. Leopoldina, como tambem da comitiva alemã.

Cumpre ter presente esta constellação no que vamos dizer, porque sem ella nem Frei Sampaio teria tido essa liberdade de intervir nos negocios politicos.

A agitação começou em Outubro de 1820, quando chegaram ao Brasil as primeiras noticias da revolução do Porto. D. João VI resolveu regressar para Portugal e embarcou aos 26 de Abril do anno seguinte com tres mil pessoas. Os proceres da Independencia desenvolveram desde então a sua acção junto do Principe Regente D. Pedro, com o fim de attrai-lo á sua facção. Frei Sampaio, que ainda estava como Guardião na Ilha do Bom Jesus, salientou-se nesse movimento, já com a palavra, já escrevendo artigos no semanario "O Reverbero".

Depois do dia 20 de Setembro, porém, estando Frei Sampaio a residir no Convento de Sto. Antonio, a sua influencia tornava-se preponderante.

Existe nos fundos da capella-mór da igreja do Convento um grande salão e contiguo a elle outro. Era a moradia de Frei Sampaio. Nella "reunia os propagadores da Independencia: os Rochas, os Ledos, os Ramos, os Cordeiros, os Nobregas. Ahi conspiravam, escreviam, planejavam os passos necessarios a executar, as normas a seguir, propondo-as depois nas sessões da loja "Commercio e Artes", onde a Fr. Sampaio, como orador official, competia predispor os espiritos, apresentar e justificar as resoluções já anteriormente combinadas. Coube a elle tambem, devido á sua posição de capellão da Capella real e amigo da familia do Principe Regente, entender-se com D. Pedro, avisá-lo e persuadi-lo a effectivar as medidas já assentadas entre os seus companheiros.

Este trabalho junto do Principe tornou-se febril quando, aos 9 de Dezembro de 1821, chegaram ao Rio de Janeiro os decretos das Côrtes, annullando quasi todas as leis que haviam garantido ao Brasil a igualdade politica com o reino. Além disso, ordenaram as Côrtes ao Principe que regressasse á Europa, "para viajar e aprimorar a sua educação".

D. Pedro hesitava si devia obedecer e abandonar o Brasil. Era preciso convencê-lo do contrario. Disso se incumbiu a Princeza D. Leopoldina, não sem a influencia, pelo menos indirecta, isto é, por intermedio da comitiva alemã, de Frei Sampaio.

Este, por sua vez, e os seus companheiros politicos, tomaram a si convencer o povo da necessidade de o Principe permanecer no Brasil.

Conseguiram-no. Em 29 de Dezembro do mesmo anno Frei Sampaio redigiu na sua cella o celebre manifesto que exprimia a vontade do povo no sentido de o Principe não se retirar e que em poucos dias obteve mais de oito mil assignaturas.

No dia 9 de Janeiro de 1822, um majestoso prestito civico, composto do Senado da Camara, presidido por José Clemente Pereira, com o estandarte na frente e seguido por immenso concurso de povo, dirigia-se da igreja do Rosario ao Paço, para entregar ao Principe a representação elaborada por Frei Sampaio.

D. Pedro acquiesceu ao desejo dos manifestantes e José Clemente pôde, de uma das janellas do palacio, communicar as suas palavras de resposta: "Como é para bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico".

Estava vencida a primeira etapa na luta pela Independencia.

O dia 9 de Janeiro passou para a historia com o nome de "Dia do Fico" (45).

Depois de alcançado este triumpho, os proceres da Independencia desuniram-se nas discussões sobre qual deveria ser a forma de governo. Frei Sampaio collocou-se francamen-

45) Rev. Inst. Hist., 1923, pag. 48.

te ao lado de D. Pedro, em favor de uma monarchia constitucional. Para propagar esta idéa o mais possivel, tomou a direcção do jornal "O Regulador Brasilico-Luso" (46). O Principe não sómente prestigiava-o, mas frequentemente subia a ladeira de Sto. Antonio para conferenciar com Frei Sampaio até alta noite, lêr e discutir os artigos a publicar e inspirar outros.

Com o pretexto de a sua presença ser necessaria para apaziguar a capital paulista, José Bonifacio conseguiu que o Principe para lá partisse. Chegou aos 25 de Agosto, foi a Santos no dia 5 de Setembro e voltou no dia 7 pela manhã. Em caminho, perto da cidade, foi-lhe entregue o Correio do Rio. Eram os decretos das Côrtes de Lisboa junto com cartas de José Bonifacio e D. Leopoldina, que ambos patrocinavam a immediata realização da Independencia.

D. Pedro reflectiu um instante, montou a cavallo em direcção ao riacho do Ypiranga, onde se encontrava o resto da comitiva, e ahi mesmo proclamou a Independencia: "Independencia ou morte seja a nossa divisa; o verde e amarello as nossas côres nacionaes" (47).

Como foi dito, os Franciscanos adheriram com enthusiasmo á Independencia.

Para que os partidarios da causa do Brasil se distinguissem dos dissidentes, o Principe decretou que trouxessem no braço esquerdo a Rosa verde no angulo de ouro com a legenda: Independencia ou morte.

Como era de esperar, os nossos frades se conformaram e, por isso, no dia 30 de Setembro appareceram todos com este distinctivo politico. No mesmo dia o P. Provincial remetteu uma circular aos Conventos, ordenando a execução do decreto "para que — dizia — a nossa Provincia appareça aos olhos de todos cheia de verdadeiro sentimento de gratidão e de respeito que he devido a tão grande Principe, e que em

46) No archivo do Convento existe um livro com o nome de "Copiador", em que Frei Sampaio lançou os mais importantes artigos que publicou.
47) Jonathas Serrano, *Historia do Brasil*, 1931, pag. 322 e seg.

tudo nos conformemos com a Sua Vontade, dando as ultimas provas de adhesão a hua causa tão justa, e tão sagrada" (48).

No dia 12 de Outubro realizou-se a acclamação de D. Pedro I. Por esse motivo o nosso Provincial mais uma vez se dirigiu a todos os Religiosos em eloquente Pastoral "congratulando-se pelo feliz successo" e ordenando publicas acções de graças, que deviam repetir-se por occasião da sagração de sua Majestade (49). Nesta ultima solennidade compareceu com outros dignatarios para prestar o juramento de fidelidade, cabendo a Frei Sampaio prégar o sermão.

Não se limitou a isso a comparticipação dos frades do Convento de Sto. Antonio na fundação do Imperio brasileiro.

No seu grande surto politico-patriotico, D. Pedro encontrou resistencia nas Provincias do Norte, onde dominavam os portuguezes fieis á metropole. Para quebrar essa resistencia, mandou uma pequena esquadra que, sob o commando de Lord Cockrane, galhardamente cumpriu a sua missão. E era servida essa esquadra por capellães franciscanos. Um delles tomou parte nas façanhas da fragata Nictheroy (50) que capturou alguns navios inimigos e perseguiu os outros até á barra de Lisboa, na foz do Tejo.

Quando, em 1835, o Provincial Frei Antonio de Sta. Mafalda requereu á Regencia licença para acceitar noviços, lembrou estes feitos para dar força a seu pedido. Eis o interessante topico:

> "Na epoca da Independencia, quando o grito da liberdade reunia todos os brasileiros, dignos deste nome, em torno da Bandeira da Patria, os franciscanos do Rio de Janeiro naõ ficarão ociosos e indeferentes no fundo de seus claustros: os primeiros navios de guerra, destinados a sustentar os generosos empenhos do Brasil, forão servidos por Capellães tirados do Convento desta cidade, que naõ temerão afrontar a morte e todos os perigos da guerra nesta epoca da nossa gloria. — Senhor, he hum bem justo motivo de orgulho ao Provincial, poder hoje dizer que o primeiro navio de guerra bra-

48) Livro das Pastoraes, fls. 88.
49) Item, ibid.
50) Tombo III, fls. 251.

sileiro que passando o Equinocial foi mostrar ao Tejo espantado a nova Bandeira bicolor tinha por capellão hum franciscano desta cidade" (51).

E Frei Sampaio? Depois de declarada a Independencia, no meio das discussões politicas, sustentava sempre a defesa de um Imperio constitucional, reagindo fortemente contra os conceitos exaggerados de liberdade, democracia e soberania do povo. Além disso, patrocinava a união entre brasileiros e portuguezes, lembrando o que a estes deve o Brasil. Expendia Sampaio as suas idéas no jornal "Diario do Governo", fundado pelo proprio Imperador e de que Sampaio era director e redactor.

Não consta ao certo si Frei Sampaio pertencia á commissão encarregada de elaborar a Constituição que esteve em vigor até 1889. Certo, porém, é que D. Pedro passava horas a fio na cella do frade, discutindo e redigindo artigos para o primeiro codigo fundamental brasileiro.

Os Franciscanos do Convento de Sto. Antonio do Rio de Janeiro, é licito dizê-lo em resumo, contribuiram com não pequeno quinhão para a Independencia Nacional e a consolidação do Imperio (52).

O que fez Frei Sampaio em prol da Independencia Nacional, o Prefeito da cidade, Dr. Carlos Cesar de Oliveira Sampaio, quiz lembrar ás gerações futuras com a inauguração, em 1922, de uma grande placa de bronze, collocada no frontão da ladeira do Convento.

Quanto a D. Leopoldina, essa mulher forte, esposa martyr, fautora e paladina da Independencia e primeira Imperatriz do Brasil, o Convento de Sto. Antonio julga-se feliz em possuir, desde há mais de 25 annos, os seus restos mortaes. O tumulo acha-se hoje collocado no decoroso mausoléu, que o Convento construiu numa de suas dependencias de 1936 a 1937.

---

51) Item, IV. fls. 21.

52) "Os Religiosos da Provincia da Immaculada Conceição e a Independencia", por Frei Diogo de Freitas, O. F. M. — "Frei Francisco de Sta. Teresa de Jesus Sampaio", por Frei Adalberto Ortmann, O. F. M. Ambos os artigos foram publicados no livro: A Provincia franciscana etc. 1922, pag. 177 e 273. Do artigo de Frei Adalberto é o topico em aspas.

CAPITULO IX

1825 a 1899

Serie dos Superiores; suas obras executadas no Convento — A abolição da lei da Alternativa — Frei Francisco de Sta. Teresa de Jesus Sampaio — O syndico Fabregas Surigué — Prohibição dos enterros nas igrejas e Conventos — Morte do Bispo titular de Anemuria — Um pedaço de terreno cedido aos Terceiros — Venda do morro de Sto. Antonio — Começam as requisições — Prohibição do noviciado e profissões — Outras requisições — Um Visitador e Delegado Geral — Frei Francisco do Monte Alverne — Frei João do Amor Divino Costa — O Convento transformado em "hospedaria"

O periodo que historiámos no capitulo precedente, findo o qual o Convento de Sto. Antonio abrigava uns 50 e poucos Religiosos, era a época de fortes abalos que impiedosamente sacudiram o organismo monastico e que deviam arruiná-lo, a menos que não se lhe desse pronto e efficaz remedio.

O remedio, infelizmente, faltou.

Por isso, o que se nos antolha durante os 74 annos de 1825 a 1899 é, a principio, a decadencia progredindo a passos de gigante. Desde 1855, porém, vemos o organismo debater-se nos estertores da morte para, em 1870, entrar em estado de coma.

Diga o leitor si não quadra esta comparação, sabendo que em 1825 havia um só lente para os estudantes (1); que em 1839 o Provincial foi autorizado a "agenciar" um lente dentro ou mesmo fóra (!) da Corporação (2); que de 1825 a 1849, anno em que entrou o ultimo noviço, foram recebidos sómente 33 candidatos, dos quaes 19 debandaram; que de 1830 a 1850 morreram no Convento de Sto. Antonio 34 Religiosos; que o Aviso de 19 de Maio de 1855, prohibindo o

1) Res. do Tombo, pag. 67.
2) Livro das eleições I, fls. 174.

noviciado, encontrou a Provincia com 20 e o Convento do Rio com 10 frades apenas, e que no fim de 1870 a Provincia só teve 6 membros, dos quaes 3 em Sto. Antonio.

A' vista disso, facil é imaginar qual seria o estado moral da Communidade.

Tudo ia desapparecendo aos poucos: estudos, disciplina e vida commum. Já em 1825 uma determinação capitular deixa ver que cada um dos frades tinha o seu peculio particular, em manifesto desaccordo com a Regra e só desculpavel pelas circumstancias (3).

Comtudo, e isto vae com vistas a certos autores avidos de escandalos, em materia de honestidade os Superiores zelaram sempre pela honra da casa, e injustas são as insinuações que a este respeito se lêem em escriptores menos conscienciosos. Ainda em 1852, no tempo, portanto, em que havia o maximo interesse em não se perder um só Religioso, os Superiores promoveram a expulsão e conseguiram do Delegado Apostolico a secularização de um corista de vida irregular (4).

Tornaremos a occupar-nos com a situação interna do Convento, no proximo capitulo, ao estudarmos as causas da decadencia.

Quanto aos Guardiães que regeram o Convento desde 1825, todos elles entraram na Ordem na época da decadencia, o que é preciso ter presente para formar um juizo.

1825 a 1828 No Capitulo de 5 de Fevereiro de 1825, tendo sido eleito Guardião do Convento de Macacú Frei Joaquim de S. Jeronymo, mas renunciando logo, aos 21 do mesmo mez foi investido na Guardiania do Rio e teve confirmação na Congregação Intermedia, de modo que presidiu ao Convento tres annos.

Natural da freguezia de S. João de Carai (Icarahy — Nictheroy), tomou o habito no Convento do Bom Jesus em 1808 e ordenou-se sacerdote em 18 de Dezembro de 1813. Depois de nomeado confessor e prégador em 1814, occupou

3) Res. do Tombo, pag. 67.
4) Tombo IV, fls. 78 v. e seg.

o cargo de porteiro do Convento do Rio, "cujo emprego — accrescenta o Registo dos Religiosos — exerceu com toda a fidelidade". Em 1818 escolheram-no para passante de philosophia no Rio e, em 1821, para lente de theologia no mesmo estudo. No anno em que foi eleito Guardião, o Capitulo declarou-o no gozo dos privilegios de lente de theologia e lhe concedeu o privilegio de mais uma guardiania. Por um Rescripto Apostolico de 6 de Dezembro de 1827, foi declarado Ex-Provincial *ex gratia*. Occupou mais os seguintes cargos: Definidor da Mesa em 1828; Visitador Geral em 1831; Secretario da Provincia em 1831 a 1834; Provincial de 1838 a 1841. Apenas terminou o ultimo cargo, falleceu, munido com todos os Sacramentos, na enfermaria do Convento, aos 26 de Outubro de 1841 (5).

Nada consta de importante no triennio de Frei Joaquim de S. Jeronymo Sá, a não ser o seguinte.

A abolição da lei da alternativa

A 5 de Agosto de 1828, isto é, quatro dias antes de se celebrar o Capitulo, o Provincial recebeu uma Portaria do Governo, extinguindo a Alternativa. No documento, diz sua Majestade que a referida lei deve cessar "d'hua vez para sempre, como já devera ter cessado depois da declaração da Independencia deste Imperio, q. não admitte, nem póde tollerar hua tão odioza differença, devendo ser elegiveis para o sobredito Lugar todos os Religiosos, q se acharem em circumstancias para isso, sem nenhuma outra differença q. as das qualidades Religiosas, e virtudes" (6).

Com este acto do Governo "estava quebrada a balança a cujo fiel a Provincia se sujeitou durante o longo periodo de mais de cem annos". Mas veiu tarde essa medida, tarde demais para beneficiar a corporação.

Além disso, o Governo exorbitou com tal acto de suas competencias. A lei da Alternativa resultou em damno para a Provincia e havemos de demonstrá-lo. Mas era Decreto da

5) Reg. dos Rel. bras., fls. 144.
6) Tombo III, fls. 278.

S. Sé, embora placitado pelo Governo. Não competia ao Governo derrogar o que não estabelecera.

Depois, não era a Independencia que exigia a abolição. Pensamos o contrario. Com a emancipação nacional, os portuguezes tornaram-se estrangeiros. Pôr-lhes limites na occupação de cargos teria sido tão comprehensivel para um Governo inimigo de Portugal quanto era incomprehensivel a Alternativa em tempos anteriores, quando todos eram portuguezes. De facto consta que o Governo excluia posteriormente os portuguezes dos cargos (7). O que sob a apparencia de igualdade se queria era preparar o terreno para mais facilmente desfechar o golpe de morte nos proprios subditos, isto é, nos brasileiros.

No que estamos de accordo com o Governo, embora duvidemos da sinceridade deste, é que deviam occupar os cargos os que por suas qualidades o merecessem. Si este principio tivesse prevalecido no seculo anterior, não houvera necessidade de Alternativa e a evolução natural das coisas teria produzido por si só uma sã independencia da Provincia do predominio portuguez.

1828 a 1831 No meio das agitações politicas que precederam a abdicação de D. Pedro I, foi eleito Guardião, no Capitulo de 9 de Agosto de 1828, Frei José da Visitação Paranhos. Era portuguez, nascido na freguezia de Sta. Verissima de Paranhos, e fez-se frade de côro no Convento do Rio em 1795. Depois da profissão, cursou os estudos de philosophia e theologia em S. Paulo, onde se ordenou em 1801, e ficou servindo em diversos Conventos como Presidente ou Commissario de Terceiros até 1814. Em seguida esteve como Guardião em Macacú (1814), S. Sebastião (1817), Itanhaem (1818), Cabo-Frio (1820) e no da Côrte foi reeleito na Congregação de 13 de Fevereiro de 1830.

Em 1822 Frei Paranhos foi condecorado com os privilegios de Ex-Provincial. De cargos occupou ainda os seguintes: Definidor (1821 e 1841), Visitador Geral (1827 e 1850) e Cus-

7) Decreto da Regencia de 23 de Dezembro de 1833, Tombo IV, fls. 18.

todio (1852). No exercicio do ultimo cargo falleceu em 2 de Outubro de 1855, no hospital da Penitencia, ao pé do morro, porque a outrora celebre enfermaria do Convento, "a melhor do seu genero no Rio de Janeiro", não funccionava mais (8).

Coube ao Guardião Frei Paranhos fazer as exequias e levar á sepultura dois distinctos membros da communidade, o orador e poeta Frei Francisco de S. Carlos, fallecido aos 6 de Maio de 1829, e Frei Francisco de Sta. Teresa de Jesus Sampaio, orador e politico.

De Frei S. Carlos já nos occupámos ligeiramente, quando foi Guardião de 1813 a 1814, e havemos de lhe dedicar um artigo especial.

Frei Francisco de Sta. Teresa de Jesus Sampaio

No dia 13 de Setembro de 1830, o Criador chamou á sua presença esse Religioso que em vida foi Frei Francisco de Sta. Teresa de Jesus Sampaio (antigamente S. Paio), cuja memoria brilha nos fastos da historia patria.

Já descrevemos succintamente, no capitulo anterior, o papel que Frei Sampaio desempenhou nos successos da Independencia. Não tornaremos ao assumpto. E' escusado tambem dizer que só com muitas restricções podemos apoiar a sua actividade politica, que necessariamente devia afastá-lo do cumprimento das obrigações de Religioso e sacerdote. A attenuante ahi está nas circumstancias extraordinarias do tempo que empolgaram a Frei Sampaio como a muitos outros sacerdotes.

Frei Sampaio nasceu no Rio de Janeiro, na freguezia da Candelaria, em 8 de Agosto de 1778. De 1785 a 1790 frequentou a escola regia, dirigida por Silva Alvarenga, poeta de idéas bem avançadas. Depois disso, matriculou-se no então celebre curso universitario do Convento de Sto. Antonio. Em 1793 decidiu fazer-se Franciscano, o que effectuou no Convento da Ilha do Bom Jesus, em que professou aos 15 de Outubro de 1794. Logo em seguida foi transferido para S. Pau-

8) Reg. dos Rel. de ambas as filiações, fls. 30.

lo, onde estudou philosophia por dois annos, sob a direcção do notavel mestre Frei Joaquim de Sta. Leocadia. Voltando ao Rio de Janeiro, cursou os estudos theologicos de 1797 a 1799 e, em 1° de Fevereiro de 1800, foi nomeado Prégador, isto é, antes de se ordenar sacerdote, o que constitue uma distincção só raras vezes concedida. Recebeu a ordem de presbytero em 1801 e, em 1802, foi feito confessor de seculares. Em Abril deste anno seguiu para S. Paulo como lente de theologia, mas demorou pouco, porque no fim do mesmo anno transferiram-no para o Rio, na qualidade de lente de theologia e mestre de eloquencia sacra. Nesses annos Frei Sampaio completou a sua formação intellectual, com o estudo das linguas classicas e sciencias politicas.

Os annos de 1808 a 1813 foram para Frei Sampaio de distincções e honrarias. Foi nomeado Prégador da Capella real e Examinador da Mesa da Consciencia e Ordens (1808), Theologo da Nunciatura (1812), Capellão-mór de S. A. R. e Censor Episcopal (1813). Ainda em 1824 obteve a distincção de Deputado da Junta da Bulla da Cruzada.

Além disso, foi socio da Academia de Bellas Letras de München e socio correspondente da Academia de philosophia de Frankfort.

Na Ordem, foi Frei Sampaio secretario do Visitador (1808), Secretario da Provincia (1814 a 1818), Guardião do Convento da Ilha (1818 a 1821), Definidor da Mesa (1821 a 1825), Secretario da Provincia (1830).

Era igualmente afamado e laureado orador sacro. Os Superiores, reconhecendo seus bellos dotes, fizeram-no prégador antes de ser padre e apenas um anno depois de se ordenar o incumbiram do ensino da eloquencia sagrada aos jovens clerigos.

Fóra do Convento era um dos mais festejados oradores que realçavam o pulpito nos grandes dias de festa. Disputava a primazia com S. Carlos e Monte Alverne. E' interessante a comparação que entre Monte Alverne e Sampaio faz Gonçalves Magalhães: "A voz de Monte Alverne trovejava; a de Sampaio trinava como um doce gorgeio. Em um tudo era força, no outro tudo graça. O primeiro era mais douto, o se-

gundo mais erudito. Ao ouvi-los ambos, porém, difficil era dar a preferencia, porque, si um arrebatava, o outro encantava".

E' sabido quanto D. João VI estimava os oradores franciscanos. No mesmo anno de sua chegada nomeou Prégadores Regios quatro dos nossos Religiosos, entre os quaes Frei Sampaio, que tinha apenas 30 annos de idade.

Pois bem. Numa dessas occasiões em que Frei Sampaio acabava de prégar, D. João VI mandou chamá-lo á sua tribuna e, depois de felicitá-lo com enthusiasmo, ajuntou: "Nada tenho aqui, tome isto como lembrança", e metteu-lhe nas mãos a caixa de rapé de ouro de seu uso. Em seguida mandou um emissario ao Convento, a dizer ao Provincial que com toda a communidade, de cruz alçada, fosse receber a Frei Sampaio, postando-se á entrada do Convento, porque elle havia honrado a Ordem. E' o que contava Frei João do Amor Divino Costa.

Dos sermões de Frei Sampaio uma duzia mais ou menos foram impressos, mas não há noticia sobre o seu paradeiro. No archivo do Convento conservamos dois sermões delle em manuscripto.

Depois de 1826 Frei Sampaio levou uma vida afastada da politica. Contribuiu para isso a decepção que teve nesse anno, quando D. Pedro, cedendo ás machinações da celebre Marqueza de Santos, apresentou para Bispo de S. Paulo o arcediago Manuel Joaquim Gonçalves de Andrade, tendo anteriormente feito a Sampaio a promessa de ser delle o primeiro bispado que vagasse.

Continuavam, comtudo, as visitas que D. Pedro lhe fazia em sua cella, e as confabulações sobre questões politicas, não querendo o Imperador prescindir da opinião do intelligente Religioso franciscano.

Frei Sampaio morreu em sua cella prostrado por um ataque apopletico tendo apenas 52 annos de idade. Cinco mezes antes, D. Pedro I abdicara o throno, embarcando para a Europa (9).

9) Reg. Rel. Bras., fls. 64 — Elencho, pag. 327, com copiosa indicação de literatura no fim — A Provincia franciscana, etc., pag. 273.

O Centro Carioca commemorou o primeiro centenario da morte de Frei Sampaio com a inauguração de uma placa de bronze no frontispicio da igreja do Convento, e na sala dos Guardiães acha-se um bom retrato, pintado pelo artista Tironi em 1860. No fim do livro damos o facsimile de seu autographo em portuguez e latim, estampa nº 40.

1831 a 1834 Frei Joaquim de Sta. Margarida, eis o Guardião que teve em suas mãos as redeas de governo no Convento de Sto. Antonio no triennio de 2 de Agosto de 1831 a 23 de Agosto de 1834. Paulista, teve o seu berço na freguezia da Penha e tomou o habito no Convento do Rio, em 1820. Apenas um anno depois da profissão ordenou-se presbytero. Logo em seguida á nomeação para confessor de seculares, em 1823, serviu como capellão na Armada e em 1830 os Superiores collocaram-no na direcção dos Terceiros do Rio. Deste cargo passou ao guardianato e acabando o triennio foi reeleito "por ter desempenhado com brilho o seu bem merecido emprego", diz Monte Alverne no Registo dos Religiosos. Tambem na Congregação Intermedia foi conservado no posto, mas, antes de se preencher o tempo, falleceu, com todos os Sacramentos, aos 27 de Janeiro de 1837, tendo sómente 17 annos de vida religiosa (10).

Frei Joaquim desempenhou "com brilho" o seu cargo, acabamos de ouvir de Monte Alverne. Não foram, entretanto, obras de vulto as que realizou. O que fez foi governar com prudencia numa época de decadencia e por isso mesmo de commoções intestinas. Com Frei Joaquim deu-se o caso extraordinario de ser investido no guardianato mais importante da Provinica, contando apenas dez annos de profissão, o que em tempos normaes nunca teria acontecido. Além disso, a sua reeleição para um segundo triennio constitue um caso virgem nos annaes da historia da antiga Provincia, pois é a primeira vez que no longo defluir dos tempos coisa semelhante acontece, quando por via de

10) Reg. dos Rel. Bras., fls. 167.

regra os Guardiães eram substituidos não sómente nos Capitulos, mas tambem na Congregação Intermedia, como se pode vêr nestas paginas.

1834 a 1838 O seguinte triennio, que devia acabar em Agosto de 1837, prolongou-se até 7 de Abril de 1838. Como acabamos de dizer, foi reeleito Guardião no Capitulo Frei Joaquim de Sta. Margarida e confirmado na Congregação. Fallecendo aos 27 de Janeiro de 1837, teve por substituto, aos 13 de Fevereiro, a Frei Mauricio da Encarnação, que, porém, só sete dias aguentou com o peso, sendo rendido por Frei Prilidiano do Patrocinio (11).

Frei Mauricio, natural da diocese de Coimbra, o Guardião de sete dias, tinha devéras motivo para renunciar, pois estava mais acostumado ao mundo do que ao Convento. Tendo recebido o nosso habito em 1794, ordenou-se em 1797 e foi nomeado confessor em 1799. Desde 1800 estudou a lingua geral brasiliana, porque os Superiores desejavam empregá-lo na catechese dos indios. Não consta tenha sido de facto missionario. Em 1806 obteve do Nuncio licença para morar fóra do claustro, e fóra delle permaneceu durante 19 annos. Voltando em 1825, os Superiores tiveram pressa em o fazer Guardião de Santos, onde esteve até 1828, sendo nesse anno eleito Definidor. Foi ainda declarado Ex-Provincial h. c. em 1827. Tendo renunciado ao guardianato, depois de sete dias de governo, foi de novo morar fora do Convento e falleceu, na casa do Visconde de Praia Grande, aos 12 de Agosto de 1837, sendo, porém, enterrado no Convento (12).

Frei Prilidiano do Patrocinio, que completou o triennio isto é, até 7 de Abril 1838, era natural da freguezia de Sta. Rita do Rio de Janeiro, tomou o habito em 1806 e ordenou-se sacerdote em 1811. Durante alguns annos foi mestre de noviços, mas o maior tempo de sua vida religiosa, de 1829 a 1856, dirigiu os Terceiros da Côrte, ora como Commissario, ora como Vice-Commissario. Obteve até um Breve do

11) Livro das eleições I, fls. 166 e 166 v.
12) Reg. dos Rel. Europ. fls. 119. — Elencho, pag. 347.

Nuncio, de perpetuidade neste emprego. Ao mesmo tempo foi Provincial (1841 a 1847) e Custodio (1850). Falleceu aos 27 de Dezembro de 1857, na casa de uma sua sobrinha, onde esteve com licença para se tratar, tendo recebido todos os Sacramentos. Transportado para o Convento, teve as exequias de costume.

Acima foi dito que o Guardião Frei Mauricio da Encarnação demittiu-se depois de sete dias de governo. Isso nos offerece ensejo para uma observação. Renuncias ao cargo eram frequentes na época da decadencia. Renunciavam Guardiães, Definidores, Secretarios, Custodios e, por fim, até os Superiores maiores. Os substitutos, por sua vez, renunciavam tambem frequentemente depois de curto tempo, de modo que faltava por completo a estabilidade de governo na Provincia. Os Superiores não tinham vontade de mourejar entre mil difficuldades. Não cessava, porém, o peditorio e a obtenção de titulos e privilegios, com que os subditos se isentavam da obediencia aos Superiores. Era cancer inveterado na antiga Provincia.

1838 a 1841 O Capitulo, celebrado a 7 de Abril de 1838, conferiu o cargo de Guardião do Convento de Sto. Antonio a Frei Theotonio de Sta. Humiliana, que renunciou a 16 de Agosto do mesmo anno e foi substituido por Frei Manuel de Sta. Viridiana até á Congregação de 7 de Outubro de 1839, na qual a vara passou para Frei Miguel de Sta. Rita (13).

De todos os tres, pois, vae aqui um resumido curriculo de vida.

Frei Theotonio, filho da legendaria cidade de Ouro Preto (Minas), nasceu em 1784, foi recebido na Ordem em 1807 e ordenou-se sacerdote em 1811. Depois occupou os cargos de Presidente em Angra dos Reis (1819), de Guardião em Victoria (1830), Macacú (1836 e 1841) e Rio de Janeiro (1838), de Definidor (1831). Por suas qualidades de Religioso observante e illustrado, mereceu ser eleito Provincial no

13) Livro das eleições I, fls. 170 e seg.

Capitulo de 1847, a que presidiu o Visitador e Reformador Apostolico Frei João de S. José Calmon, da Provincia da Bahia, e mais uma vez teve os votos para Vigario Provincial em 1854, renunciando, porém, oito mezes depois. Frei Theotonio, além de Ex-Provincial, teve desde 1831 os privilegios de Padre da Provincia. Tendo residido algum tempo no Convento da Penha, aonde fôra mandado pelo Provincial Frei Antonio do Coração de Maria, seu desaffecto, recolheu-se ao de Sto. Antonio, fallecendo repentinamente com a idade de 84 annos e 60 de Religião (14).

Frei Manuel de Sta. Viridiana, substituto de Frei Theotonio, filho da Freguezia de S. João de Itaborahy, tomou o habito franciscano em 1801 e ordenou-se sacerdote em 1806. Desde 1810, anno em que foi instituido prégador, occupou o cargo de Presidente em diversas casas e depois passou a ser Guardião em S. Sebastião (1823 e 1830), Ilha do Bom Jesus (1828 e 1831). Depois de preencher o tempo em substituição a Frei Theotonio, foi outra vez Guardião no Rio, de 1848 a 1850, anno em que renunciou para tomar assento na Mesa definitorial até 1856, sendo então eleito Secretario da Provincia (1856 a 1859). Foi tambem mestre de noviços, mas teve poucos educandos. Em 1863 foi novamente eleito Definidor. Teve os privilegios de quadragenario em 1834. Falleceu com oitenta annos de idade em Sto. Antonio do Rio, aos 27 de Outubro de 1861 (15).

Na Congregação de 1839, como acima dissemos, entrou como Guardião Frei Miguel de Sta. Rita. Natural de Portugal, foi admittido ao nosso habito em 1829, no Convento do Rio, e ordenado aos 23 de Abril de 1837. Tinha, pois, dois annos e cinco mezes de sacerdote quando foi investido no cargo de Guardião no Convento capitular. Signal dos tempos. E o que mais admira é que diversas vezes foi reeleito, como adiante se verá. No Capitulo de 17 de Agosto de 1850 (onze annos de sacerdote) recolheu os votos para Provincial, servindo nesta qualidade até 1853. Foi ainda Guardião

14) Registo dos Rel. Bras., fls. 146 — Elencho, pag. 384.
15) Reg. dos Relig. de ambas as fil., fls. 36.

em S. Sebastião (1857) e quando, em 1859, foi eleito Guardião de Santos, renunciou o cargo para ser vigario encommendado no bairro de S. Sebastião, tendo licença do Provincial para um anno. Desde então faltam as noticias a seu respeito (16).

O syndico Fabregas Surigué

Os tres Guardiães de que acabamos de dar noticias e principalmente os ultimos dois tiveram um governo cheio de espinhos. Além das difficuldades na communidade, tiveram de lutar contra os desmandos do syndico apostolico Sebastião Fabregas Surigué.

O syndico representa para os Franciscanos o Summo Pontifice, com a incumbencia sómente de representar o Convento em quaesquer negocios materiaes e de expender as esmolas pecuniarias em beneficio da casa e dos frades, conforme lhe fôr pedido pelo Guardião. Fabregas, porém, ultrapassava os limites de suas attribuições; pois julgando-se como dono de tudo, ordenava gastos e executava obras desnecessarias, superfluas e futeis. Botava grades de ferro, fazia plantações sem proveito, comprava objectos, modificava a serventia das dependencias, fazia representações ao Governo, transformava a sacristia em sala de tabellião com mesas, tinteiros, etc., e collocando estatuetas representando moças, faltando sómente, como diz Frei Theotonio, pomada e pentes para ellas; na convicção de ser representante da Sta. Sé, chegou a ponto de ordenar mais um prato para a mesa dos frades quando assim o entendia. Tudo isto fazia á revelia do Guardião e o Convento não tinha para pagar, mas endividava-se cada vez mais.

Depois de quasi dois annos de desmandos (9.3.1839 a 2.10.1840) os Superiores livraram-se do inopportuno syndico, cassando-lhe a Patente.

Existe no archivo do Convento um livrinho publicado em 1841 em que Fabregas enfaixou, depois de longa introducção cheia de invectivas contra os Superiores, a ex-

16) Item, fls. 55.

posição de suas obras no Convento, a resposta de Frei Theotonio de Sta. Humiliana e a replica de Fabregas. Deve ser um livrinho muito raro hoje. Por elle, além do que foi dito, ficamos sabendo tambem que já nesse tempo o Convento era o asylo de muita gente de fóra, sacerdotes e leigos, adultos e mocinhos. O proprio Fabregas, antes de ser syndico, foi admittido, trazendo oito (!) escravos seus.

1841 a 1847 Não é de um triennio, a começar com o Capitulo de 24 de Abril de 1841, que agora vamos tratar, mas de um sexennio. E foram seis annos de dissenções no Convento de Sto. Antonio. Os poucos Religiosos que ainda nelle havia não se entendiam. Tendo chegado o tempo em que se devia cogitar de eleger um Visitador para preparar e presidir o Capitulo a ser celebrado em 1844, não houve accordo, mas sim intrigas. O Sr. Nuncio então mandou se procedesse a nova eleição, e como tres Definidores não quizessem votar, o Sr. Nuncio cortou o nó gordio, ordenando aos 30 de Abril de 1844 a conservação do Provincial, até que se resolvesse a questão. Tudo, porém, ficou na mesma até 1847. Em Abril desse anno appareceu um Visitador Apostolico, que pôz termo á situação anormal e celebrou o Capitulo, aos 30 de Outubro do mesmo anno. Era Frei João de S. José Calmon, Ex-Provincial da Provincia de Sto. Antonio da Bahia (17).

Durante todo o sexennio exerceu o cargo de Guardião no Convento de Sto. Antonio o supracitado Frei Miguel de Sta. Rita, e é digno de notar-se que na taboa capitular de 1841 figura sómente o seu nome, o que quer dizer que no Convento já não havia pessoal idoneo para os outros cargos cujo preenchimento costumava constar da taboa (18). Não há, porém, noticia de que Frei Miguel tenha feito alguma coisa em beneficio do Convento ou para levantar o moral da desorganizada Communidade.

De Frei Prilidiano, porém, Provincial nesse sexennio, consta que se interessou pela conservação do Convento.

17) Livro das eleições I, fls. 182 v. e seg.
18) Livro das eleições I, fls. 178 v.

Precisava este muito de restauração e concerto. Mas faltavam os recursos para executar as obras. O Provincial teve, então, a habilidade de conseguir do Governo concedesse tres loterias em beneficio do Convento, por decreto de 22 de Set. de 1841. Não se sabe, entretanto, em que consistia a restauração nem qual o producto liquido das loterias (19).

1847 a 1850 Estando para acabar o sexennio (1841 a 1847) de confusão e desconcertos, tomou posse, em Abril de 1847, o Visitador Apostolico acima referido. Fez o que estava ao seu alcance para injectar nova vida no organismo combalido: Criou uma caixa de administração para toda a Provincia e outra para cada Convento, com o fim de evitar os abusos contra a pobreza; estabeleceu um grande numero de disposições geraes e reorganizou o governo da Provincia, reduzindo o numero de Definidores a dois, para evitar "que no decurso de hu pequeno numero de annos quasi todos os membros se achem prematuramente graduados". Esta nova organização devia durar até a Provincia contar outra vez 80 frades. O Visitador enganou-se na sua esperança, pois, decorridos dois annos, entrou o ultimo noviço (24-8-1849) que, porém, se secularizou em 1856, dois mezes depois de se ordenar sacerdote. Era Frei Henrique de Sta. Graciana Souza Borges, natural de Cabo-Frio (20).

O Nuncio, por sua vez, nutria a mesma esperança. No Breve de 4 de Novembro de 1847, com que approvou todos os actos do Visitador, fez-lhe rasgados elogios, a ponto de chamá-lo uma especie de redemptor (*ut vos in tanto discrimine positos ob regularis disciplinae observantiam, penitus collapsam, quodammodo redimeret*). O futuro veiu provar que a redempção, si houve, foi pouco duradoura.

Pois bem. No dia 30 de Outubro de 1847, Frei Calmon reuniu o Capitulo e nomeou todos os officiaes, isto é, o

19) Tombo IV, fls. 56 v.
20) Reg. dos Rel. de ambas as fil., fls. 84.

Provincial, o Definitorio e os Guardiães para o Rio de Janeiro, Santos, Villa de S. Sebastião, Cabo-Frio, Itú e Penha. Nos outros Conventos já estava extincta a vida religiosa.

No Convento de Sto. Antonio do Rio de Janeiro o guardianato coube a Frei Antonio do Coração de Maria Almeida.

Carioca, Frei Antonio nasceu na freguezia do SS. Sacramento em 1820 e fez-se Franciscano em 1838, numa época, portanto, em que a decadencia da vida regular no Convento já era um facto. Ordenou-se no anno de 1844 e desde logo revelou os seus talentos de eximio orador. Em Abril de 1846 recitou na Capella imperial a oração gratulatoria pelo feliz regresso de suas Majestades do Sul e em 1847 orou perante o Imperador quando este esteve de passagem em Porto das Caixas. Um anno depois, por Portaria de 13 de Maio, foi nomeado prégador imperial. Tinha então apenas 28 annos de idade, de modo que sobrepujou a Frei Sampaio, que contava 30 annos quando obteve essa distincção.

Já sabemos que na época de que nos estamos occupando o pessoal do Convento era muito escasso. Por isso não admira lançassem os confrades e o proprio Nuncio os seus olhos sobre o jovem mas talentoso Religioso para investí-lo nos mais elevados cargos. Depois de acabar o seu triennio de Guardião, foi eleito Secretario da Provincia (1852), Definidor (1853), Vigario Provincial (1854), pela renuncia de Frei Theotonio de Sta. Humiliana, e eleito Provincial no Capitulo de 1° de Março de 1856 (21). Desde então não largou mais a vara de Prelado maior, pois foi successivamente reeleito, na falta de outro idoneo, até morrer na idade prematura de cincoenta annos apenas.

Voltando agora á guardiania de Frei Antonio do Coração de Maria, nada temos de relatar que fizesse digno de registo. Continuou, porém, a brilhar como orador.

Facto digno de nota. Ainda nesse tempo, mau grado o reduzido numero de Religiosos, o Governo Imperial recorria

21) Livro das eleições I, fls. 221 v. e seg.

ao Convento para obter capellães. Em Abril de 1849 Frei Felismino de Santa Amalia teve ordens para servir de capellão na fabrica de polvora da Estrella (Raiz da Serra) e em Junho do mesmo anno Frei Ignacio de Santa Luzia foi nomeado capellão do 7º Batalhão de Fuzileiros com o aviso de seguir para o Sul na primeira barca de vapor (22).

Donde se infere que os Religiosos do Convento de Sto. Antonio, como em todas as epocas de sua historia, serviram ao Estado até ao ultimo grau de possibilidade.

Não sabemos o porquê; mas é facto que em 1835 o Provincial, lembrando ao Governo esses serviços, declarou que "os outros Religiosos eram incapazes digual serviço" (23). Seria em virtude da popularidade e singeleza que sempre foram o apanagio da Ordem Franciscana?

Na Congregação Intermedia, celebrada no dia 22 de Maio de 1849, foi investido no cargo de Guardião Frei Manuel de Sta. Viridiana. Notas individuaes a seu respeito já demos acima, quando pela primeira vez foi Guardião do Rio de 1838 a 1839.

Prohibição dos enterros nas igrejas e Conventos

Pouco antes de expirar o tempo de governo deste Guardião, o Governo baixou um Aviso, prohibindo os enterros nas igrejas e Conventos. Data este Aviso de 16 de Março de 1850 (24). Desde há muito tempo semelhante prohibição devia ter sido expedida, porque era uma calamidade esse enterramento dentro dos edificios do culto ou de moradia. E' inexplicavel mesmo o descuido da Autoridade a este respeito. Leia-se o que escreve Vieira Fazenda (25) para saber do assumpto. Quanto ao Convento de Sto. Antonio, a energica resposta que ao Conde de Linhares deu o Provincial Frei Antonio de Sta. Ursula Rodovalho em 1810 (25ª) descreve com toda a franqueza os inconvenientes

22) Tombo IV, fls. 52 v. 53 v.
23) Item IV, fls. 21.
24) Item IV, fls. 57.
25) Rev. Inst. Hist., 1919, pag. 409 e seg.
25ª) Tombo, III, fls. 193.

que resultavam dessas sepulturas na igreja, abarrotadas de cadaveres. (Veja-se o capitulo sobre a igreja).

A medida sanitaria, pois, do Governo em 1850 foi uma medida acertadissima. Os Religiosos, porém, continuavam a sepultar-se no claustro, até 1889, como era de costume, mas necessitavam para cada vez de licença (26).

Não queremos, entretanto, calar que o Aviso do Governo trouxe para o Convento grandes prejuizos financeiros. As rendas, em si, já eram diminutas, e poucas as pequenas esportulas de Missas e outras remunerações, de modo que os doze Religiosos, quasi todos velhos, si bem que sem muita disciplina e sem vida de communidade, viviam, comtudo, na pobreza. Esta situação tornou-se agora mais premente, porque vinha esgotar-se a fonte de renda que eram as sepulturas, principalmente as do capitulo e do claustro ao lado da igreja. E foi um dos motivos por que os frades resolveram vender o morro.

Morte do Bispo titular de Anemuria

No capitulo antecedente ficou dito que em companhia da familia real veiu tambem o frade franciscano frei Joaquim de S. José, que prégou o sermão na primeira solennidade depois da chegada. Mas não era o unico Franciscano que veiu. Fazia parte da comitiva tambem Frei Antonio de Arrabida, que fôra encarregado da educação do Principe D. Pedro de Alcantara, filho de D. João VI e posteriormente 1º imperador do Brasil.

Declarada a Independencia, não quiz separar-se de seu antigo discipulo. Adoptou, por isso, a nacionalidade brasileira. D. Pedro, de sua parte, mostrou o seu reconhecimento, propondo-o para a dignidade episcopal, Coadjutor do Diocesano D. José Caetano da Silva Coutinho e nesta qualidade Vice-Capellão-Mór. Na sagração Frei Antonio foi preconizado com o titulo de Bispo de Anemuria.

---

26) Item, IV, fls. 57 v.

Fallecendo D. José Caetano em 1833, D. Antonio, que devia succeder-lhe no bispado do Rio, renunciou, mas conservou-se na Capital.

Exerceu depois o cargo de Reitor do Collegio D. Pedro II. Já tinha sido antes Director da Bibliotheca Publica. Neste emprego descobriu em 1825 os desenhos e o valiosissimo manuscripto explicativo da obra de Frei Velloso, "Flora Fluminense", e este ultimo em parte foi impresso debaixo de sua direcção na Typographia Nacional do Rio de Janeiro. Prestou ainda outros bons serviços á Bibliotheca (27).

Por Decreto de 5 de Fevereiro de 1842, D. Antonio foi nomeado Conselheiro de Estado Extraordinario. Além disso foi agraciado com a Gran Cruz da Ordem da Rosa e Commendador da de Christo.

Sua Excia. falleceu no Convento de Sto. Antonio aos 11 de Abril de 1850, confortado com todos os Sacramentos, e foi sepultado na quadra onde se enterravam os Religiosos, no carneiro 7 (28).

1850 a 1853 O Capitulo Provincial, celebrado aos 19 de Agosto de 1850, elegeu Guardião a Frei João do Espirito Santo. Era filho de paes incognitos, nascido na freguezia da Sé do Rio de Janeiro. Recebeu o habito em Abril de 1835 e a ordem de presbytero em Março de 1842. Tanta era a falta de Religiosos que no mesmo anno de sua ordenação principiou a exercer cargos, pois foi eleito Presidente deste Convento e ao mesmo tempo nomeado prégador e confessor. Em 1845 tomou conta do Convento de Angra dos Reis, por ordem do Provincial; foi, em 1847, eleito Guardião do Convento da Ilha do Bom Jesus e em 1849 do da Villa de S. Sebastião. Depois de servir um anno e meio neste Convento do Rio, passou a ser Guardião da Penha. Acabando ali o seu guardianato, em 1854, secularizou-se. Já em 1844 tinha obtido do Governo Imperial (!) licen-

27) O Rio de Janeiro, etc. II, pag. 121.
28) "Solio Seraphico", por F. D. F., 1926, pag. 35 — A Provincia franc. etc., pag. 267.

ça para estar fóra do Convento, autorização a que, porém, renunciara depois de um anno, de modo que já experimentara as "panellas de carne do Egypto" (29).

Um pedaço de terreno cedido aos Terceiros

No tempo deste Guardião os Irmãos da Penitencia requereram mais um pedaço do nosso terreno, e tendo o seu requerimento sido favoravelmente despachado pelo Guardião com o consentimento da Communidade, aos 18 de Janeiro de 1851, tambem o Definitorio annuiu no dia 7 de Fevereiro do mesmo anno. Trata-se de tres braças situadas no jardim da nossa sacristia e nos fundos da Capella-mór da igreja da Penitencia. Em tempos passados os Superiores se haviam tenazmente opposto a qualquer cessão nessas partes, mas agora parece que o faziam obrigados pela necessidade de obter algum recurso. Foi estipulado que a Penitencia désse a esmola que quizesse (30).

Sendo esta a ultima cessão de terreno á V. O. T. da Penitencia, queremos, antes de proseguir, lembrar em seu conjunto as diversas cessões com que ella foi contemplada pelos frades.

Em 1619 receberam gratuitamente a area necessaria para levantar a existente Capella da Conceição ao lado da Epistola da nossa igreja.

Decorridos 38 annos, isto é, em 1657, querendo a Ordem construir igreja maior, o Convento cedeu toda a terra que fosse preciso, em troca da esmola de 50$000.

Desejando, porém, dar á obra maiores dimensões, a Ordem pediu nova concessão, que de facto lhe foi concedida, gratuitamente, pelo Provincial Frei Christovão da Madre de Deus Luz, em Dezembro de 1682. Assim lemos no Resumo historico da V. O. T. á pag. 12, embora no archivo do Convento não encontrássemos documento a respeito.

Toda gratuita foi tambem a doação em 1741 de 20 braças de testada com 176 1|2 de fundo, a principiar no largo

29) Reg. dos Rel. de ambas as fil., fls. 58.
30) Livro de eleições I, fls. 203 v.

da Carioca. Os Religiosos quizeram com isto mostrar o seu animo grato pelas esmolas que nessa época recebiam da Penitencia.

Em 1851, emfim, o Convento cedeu a pequena area de tres braças em quadro de que acima demos noticia.

Não nos foi possivel liquidar quando e em que condições a Penitencia adquiriu o terreno em que ella fez as casas de banho e duchas e em que desde 1932 se ergue o edificio "Carioca". Foi depois de 1735, porque a medição a que se procedeu nesse anno dá todo o terreno, desde o chafariz, como pertencente ao Convento (31).

As repetidas cessões de terrenos á V. O. T. da Penitencia, principalmente a de 1741, foram uma das causas coefficientes do espantoso progresso material que assignala os ultimos dois seculos de sua existencia. Ella é hoje a primeira sociedade beneficente no Rio de Janeiro e, houve quem o dissesse, de toda a America do Sul.

Na Congregação Intermedia de 17 de Fevereiro de 1852 reuniu os votos para Guardião o Ex-Provincial Frei Prilidiano do Patrocinio. De sua pessoa falámos quando pela primeira vez occupou o cargo de Guardião, de 1837 a 1838. Tambem esta vez só governou até ao proximo Capitulo. O que aconteceu no curto espaço de sua governança foi a venda da maior parte do morro de Sto. Antonio.

Venda do morro de Sto. Antonio

Como historiador, só nos compete noticiar os acontecimentos e apreciá-los de accordo com as circumstancias do tempo. Procedemos assim até agora e desta regra não nos afastaremos ao tratar da alienação do morro de Sto. Antonio, fi-

31) Rev. Inst. Hist. 1920, pag. 334. Existe nos livros da Penitencia um termo assignado em 6 de Setembro de 1760 com que ella permitte ao Senhor Gonçalves Chaves tirar pedra de sua pedreira do monte. Opina o autor do Resumo historico que se trata do sitio entre o portão do antigo hospital e a ladeira do Convento, quer dizer precisamente no lugar onde está hoje o edificio "Carioca". Esta conjectura não tem fundamento, porque é sabido que no preparo do terreno para a construcção do edificio não appareceu nem siquer vestigio de pedreira. Resumo historico, pag. 11. A pedreira é a nos fundos do terreno da Penitencia, no morro, onde os Religiosos se reservaram o direito de tirar pedra.

cendo o Convento com uma area que, si no presente é sufficiente, não o seria em absoluto, si os Superiores se resolvessem a suscitar as tradições antigas, collocando no Convento aulas de estudo.

Afiguremo-nos a situação. Os Franciscanos vivem de esmolas e, faltando estas, falta-lhes a subsistencia. As esmolas podem ser de todo gratuitas, dadas por amor de Deus para o doador ter o merecimento da boa obra e parte nas orações e exercicios de piedade dos Religiosos, ou podem ser consideradas como remuneração pelos serviços na cura das almas. Ora, na época da decadencia, as esmolas gratuitas eram quasi nullas, porque os Religiosos não davam mais esse exemplo de fervor no serviço de Deus, que costuma estimular os fieis a soccorrer os que voluntariamente professam a pobreza. Desde muito tempo não havia esmoleres para os peditorios e, si tivesse havido, não podiam esmolar, porquanto os frades, reduzidos em numero, já não andavam pelos recancavos da cidade dando o exemplo de zelo pela salvação das almas.

Os prégadores, por sua vez, que a convite oravam em algum dia de festa, tinham de entregar só uma parte do pouco que ganhavam ao Superior. Com o resto socorriam-se a si mesmos. Depois, nem todos os dias são dias de festa (32).

Era essa a situação triste e anormal, mas era facto.

Em taes circumstancias, era impossivel manter a casa e sustentar a communidade. Accresce que ainda existiam alguns frades em outros Conventos, que a casa capitular devia sustentar.

Os Superiores conceberam então a idéa de vender o morro, para com o producto formarem um peculio, cuja renda lhes garantisse a existencia.

A este effeito deram os primeiros passos em 1851. Começaram com o pedir licença ao Governo, que foi dada por Portaria de 6 de Agosto. Nella foi estipulado que antes da venda a Camara demarcasse as ruas a serem aber-

32) Leia-se: Um passeio, etc., vol I, pag. 236.

tas no morro. Era na verdade intenção lotar o terreno para moradias, tanto assim que os frades, no recurso á Santa Sé, valeram-se disso para abonar o seu pedido.

Nos dias 19, 20 e 21 do mesmo mez procedeu-se á consulta costumada da Communidade. Todos concordaram, "recebendo a grande esmola, com que a Clemencia Imperial (!) nos veiu consolidar nossa estabilidade bastante ameaçada". Na terceira votação, porém, houve um voto discordante e era o de Frei Theotonio de Sta. Humiliana, que se oppôz tenazmente e, sendo vencido, se esforçou para o Convento ficar com a maior area possivel (33). Na mesma occasião o Provincial suggeriu a nomeação de uma commissão que tratasse da venda, cujo presidente devia ser o Syndico geral Leonardo Carlos Palhares, e, além disso, lembrou a necessidade do recurso á Santa Sé.

O pedido dirigido a Roma passou pela Congregação dos Bispos e Regulares.

Nelle expõe o Definitorio que a Provincia não tinha mais recursos para sustentar os Religiosos, vesti-los e medicar em suas enfermidades, nem para prover o decoro do culto divino; que cessaram as esmolas auferidas pelos enterros e mortalhas, porque, grassando a peste, os cemiterios foram installados fóra da cidade; que a caridade dos fieis dentro da cidade decresceu sensivelmente e que por fóra não podiam pedir, por falta de Religiosos idoneos; e, finalmente, que os dirigentes da cidade pretendiam abrir ruas no morro e construir casas. Reconhece o Definitorio que o pedido feria "de algum modo" (só?) o preceito principal da Regra, comtudo esperavam favoravel despacho em attenção ás circumstancias.

Com data de 16 de Julho de 1852 a Santa Sé concedeu a licença pedida, com as seguintes clausulas: que o Bispo do Rio de Janeiro fizesse a alienação pelo Syndico, por não menor preço que o taxado pelos peritos; que ficasse reservada uma clausura bastante ampla, com horto, e que não se fizessem construcções que perturbassem o socego dos

33) Elencho, pag. 386.

Religiosos. Além disso, que o Bispo determinasse onde collocar o producto da venda e o expendesse segundo as instrucções da Santa Sé em beneficio dos Religiosos, com a menor possivel quebra de pobreza.

Sua Majestade D. Pedro II dignou-se accordar o seu Imperial Beneplacito no dia 27 de Novembro de 1852.

O Bispo, Conde de Irajá, por sua vez, commettendo ao Syndico a venda, no dia 15 de Dezembro do mesmo anno, estabeleceu que o producto fosse convertido em Apolices da Divida Publica, deduzindo-se primeiro a parte necessaria para pagar as dividas e que o Syndico prestasse contas e informasse sobre qualquer difficuldade a surgir.

Estavam assim satisfeitas todas as formalidades e, tendo havido antes annuncios pela imprensa, procedeu-se á venda aos 22 de Dezembro, lavrando-se a seguinte Escriptura:

"Saibão quantos esta virem que no anno do Nascimento de N. S. Jesus Christo de mil e oitocentos e cincoenta e dous aos vinte e dous de Dezembro nesta Cidade do Rio de Janeiro em o escriptorio do Tabellião Francisco José Fialho, em cujo impedimento sirvo, perante mim comparecerão como outorgante o Syndico Apostolico Geral dos Religiosos Franciscanos desta Côrte e Provincia, o Com. Leonardo Carlos Palhares, authorizado pelo Ministro Provincial o Rev. Frei Miguel de S. Rita, como consta de sua authorização datada de vinte e um do presente mez, e esta pelo Aviso da Secretaria d'Estado dos Negocios da Justiça e Ecclesiasticos de seis de Agosto de mil oitocentos e cincoenta e um, e licença do Exmo. e Revmo. Bispo desta Diocese de quinze do presente mez com authorização da Sancta Sé em virtude do Rescripto com Beneplacito Imperial de desaseis de Julho do presente anno, cujos documentos apresentou e nesta data ficão lançados no competente Livro de registro deste escriptorio e fazem parte desta escriptura, e como outorgados compradores o Exmo. Cons. José Maria Velho da Silva e Joaquim Ribeiro de Avellar, conhecidos pelos proprios de mim Tabellião e das testemunhas abaixo mencionadas e assignadas, em presença dos quaes pelo outorgante foi dito que em nome dos Religiosos do Convento de Santo Antonio em virtude da authorização do Reverendo Ministro Provincial acima declarada, fazia venda pura d'agora para sempre aos outorgados, da propriedade das terras que

pertencem ao Convento dos mesmos Religiosos nesta Côrte no morro de Santo Antonio, com todas as suas servidões, e logradores que lhe pertencem, e de que estão de posse, arvoredos, cercas, muros e quaesquer bemfeitorias, que se achão nas mesmas terras as quaes confrontão com a rua da Carioca, Largo do Rocio, ou Praça da Constituição, rua do Espirito Santo e travessa, rua do Lavradio, rua dos Arcos, dos Barbonos, da Guarda Velha, Ladeira de S. Antonio, dividindo pelo Convento pelas demarcações feitas para os muros do mesmo Convento, exceptuando desta venda somente a parte reservada para cerca do Convento, cuja parte, que está demarcada, fica pertencendo ao mesmo Convento, pela quantia de cento e oitenta contos de reis (180:000$000) sendo noventa contos de reis á vista em dinheiro corrente, que neste acto recebeu perante mim e as testemunhas, contou e conferio, do que dou fé, da qual como metade do preço desta venda deu plena e geral quitação, para não ser mais repetida, e a outra metade restante de noventa contos de reis serão os outorgados obrigados a pagar no prazo de um anno contado da presente data ao que ficam sujeitos todos os seos bens presentes e futuros, e delles os mais bem parados; e assim cede e transfere nas pessoas dos mesmos outorgados, cuja proposta foi a de maior vantagem offerecida em consequencia de repetidos annuncios que se fizerão pelos jornaes desta Côrte, todo o direito, acção, dominio, e posse, que até o presente tinhão os sobreditos Religiosos nas mencionadas terras aqui vendidas, as quaes estão livres de penhora, hypotheca, embargo, ou outro algum onus ou embaraço judicial, extrajudicial, fóro ou pensão, e a mesma posse desde já lhe ha por transferida por esta escriptura e pela clausula constitente, podendo se quizerem tomal-a com aothoridade de justiça, ou sem ella, ficando portanto esta venda assim feita, firme e valiosa para todo o sempre. Pelos outorgados foi respondido que acceitavão esta escriptura como está feita em todas as clausulas promettidas e estipuladas, que para si estipulão, e que por suas pessoas, e bens presentes e futuros, e delles os mais bem parados se obrigão pagar no prazo de um anno contado desta data os noventa contos de reis, metade do preço desta venda q' ficão devendo e me entregarão o conhecimento de siza do theor seguinte. (transcreve o documento do pagamento de siza).

E pedirão a mim Tabellião que lançasse nesta Nota a presente Escriptura, o que fiz, por me ter sido distribuida hoje do que dou fé. E sendo-lhes por mim lida assignão com as testemunhas Pedro José de Oliveira Brum, e Raphael Fortunato Ribeiro perante mim Francisco de Paulo Fernandes de Sam

Thiago que a escrevi — Leonardo Carlos Palhares. José Maria Velho da Silva. Joaquim Ribeiro d'Avellar. Pedro José de Oliveira Brum. Raphael Fortunato Ribeiro. — Trasladado do proprio Livro a que me reporto em o mesmo dia mez e anno de sua data. Eu Francisco de Paulo Fernandes de S. Thiago Tabellião interino subscrevi e assigno em publico e razo. — Estava o signal do Reconhecimento. — Em testº. da verdade. — Francisco de Paulo Fernandes de S. Thiago" (34).

Foi, pois, no dia 22 de Dezembro de 1852 que o Convento de Sto. Antonio soffreu, com o protesto de uma só voz, a amputação da maior parte de seu terreno, possuido durante 244 annos. Que a venda não foi vantajosa, os Religiosos bem cedo o comprehenderam. No pedido que o Vigario Provincial Frei Theotonio de Santa Humiliana fez ao Governo em 9 de Agosto de 1854 para que este pagasse aluguel pelas salas occupadas com o archivo Publico, fundamentando o seu pedido, diz entre outras coisas textualmente: "não chegando o producto de cento e cincoenta apolices, que hoje possue esta Provincia Franciscana, proveniente da *triste venda* do terreno do Convento, em a qual a Communidade ficou assaz *prejudicada,* como he notorio..." (35).

Sempre foi assim. As desappropriações de bens ecclesiasticos raras vezes têm sido feitas com justiça. Até quanto ao prazo do pagamento da segunda quota os frades tiveram de transigir, porque o comprador não a pôde pagar no prazo estipulado (36).

Accrescentemos agora mais algumas notas relativas ao mesmo assumpto.

Por portaria de 12 de Janeiro de 1853, o Governo permittiu pagar uma divida de dez contos de reis com o dinheiro arrecadado da venda, e, outrosim, satisfazer as despesas com os trabalhos para a abertura das ruas no morro (37). Não conseguimos saber que ruas eram estas, de que já acima fizemos menção, nem si effectivamente fo-

34) Tombo IV, 80 a 87.
35) Item, IV, fls. 96 v.
36) Doc. avulso.
37) Tombo IV, fls. 8.

ram construidas. Certo é que decennios depois não existiam vestigios de ruas.

Em 1853 corria com insistencia a noticia de um projecto de arrasamento de todo o morro e consequente desapropriação do Convento. O Provincial Frei Francisco de S. Diogo dirigiu então um energico e longo appello á Camara dos Deputados para que não fosse consummado esse attentado á sua Corporação, "onde se formarão tantas virtudes, e talentos tão brilhantes" (38).

Tambem em tempos posteriores até aos nossos dias tem surgido o alvitre de arrasamento do morro, principalmente depois que desappareceu o morro do Castello. Presentemente, o novo Prefeito do Districto Federal, sr. Henrique Dodsworth, cogita iniciar de facto o desmonte no tempo de sua gestão. Emprehendimento gigantesco á vista da posição do morro, que não fica á beira mar como o outrora seu companheiro.

Felizmente, e aqui o registamos com prazer, os proprios partidarios do arrasamento são de opinião que deve ser conservado o Convento de Sto. Antonio como inestimavel monumento historico que é, o que, aliás, affirmou aos Religiosos tambem o ex-Presidente da Republica, Dr. Washington Luiz, quando annos atrás visitou o Convento.

"Quando em 1889 o nosso Governo celebrou com dois engenheiros o contrato de arrasamento do morro, escreve Vieira Fazenda (39), apresentou-se o Internuncio Apostolico, protestando contra tal concessão, autorizada legalmente por decretos de 11 de Junho e 17 de Outubro de 1890. Provou o Governo que o Pontifice havia dado de mão a tal direito por um escripto, o qual obteve o beneplacito imperial".

Esse escripto era naturalmente a licença de venda de 1852, acima mencionada. Si, porém, o protesto se referia ao Convento e o terreno que conservou, e si Frei João do Amor Divino Costa, que então era o unico sobrevivente,

38) Elencho, pag. 392.
39) Rev. Inst. Hist., 1924, pag. 295.

não cumpria o seu dever, o Internuncio estava no seu direito.

Depois desse contrato mallogrado, a propriedade do morro passou de mão em mão. Mas isso já não nos interessa.

O terreno com que ficou o Convento em 1852 não existe mais integralmente. Em Outubro de 1919 Frei Diogo de Freitas vendeu ao Dr. Cyro Torres uma faixa triangular de 310 metros quadrados, inutil para o Convento, situada entre a Imprensa Nacional, antigo theatro lyrico e a linha dos bonds da Ferro Carril Carioca (40).

Maior foi o córte que o terreno soffreu no tempo do Guardião Frei Ignacio Hinte, venda que a Companhia Santa Fé extorquiu com a ameaça de desapropriação forçada. Desde então o muro de clausura corre em pequena distancia do antigo carcere em linha recta até quasi ao cimo do morro, onde faz ligeira curva para fóra.

Tem o morro de Santo Antonio sua historia accidentada.

1853 a 1856 O primeiro Capitulo Provincial, celebrado depois da desvantajosa venda do morro de Sto. Antonio, realizou-se aos 28 de Maio de 1853. Posteriormente surgiram duvidas bem fundadas acerca da validade das eleições feitas e por isso, a pedido do Vigario Provincial Frei Theotonio de Sta. Humiliana, o Nuncio Apostolico sanou qualquer irregularidade pelo Rescripto de 23 de Fevereiro de 1854 (41).

Tinha sido eleito Guardião deste Convento Frei Pridiano do Patrocinio, de quem demos notas individuaes na seu primeira guardiania de 1837 a 1838. Esta vez teve confirmação na Congregação Intermedia, mas renunciou em 29 de Novembro de 1855, em virtude de uma decisão do Delegado Apostolico (42), e em seu lugar entrou Frei João do Amor Divino Costa. Deste Religioso, que foi o ultimo

40) Chronica I, fls. 76.
41) Tombo IV, fls. 90.
42) Livro das eleições I, fls. 220 v.

abencerrage da antiga geração e que teve a triste missão de levar á sepultura os destroços da communidade de Sto. Antonio, falaremos no fim deste capitulo, ao apreciarmos a sua gestão como Vigario-Provincial durante o longo prazo de 39 annos.

Começam as requisições

O Convento de Sto. Antonio, nessa época, era grande demais para os poucos Religiosos que ainda restavam e isso não escapou aos olhos do Governo. Por que não começar desde já a occupá-lo com Repartições publicas, o que infallivelmente se faria mais tarde?

Por Portaria do Ministerio dos Negocios do Imperio, de 18 de Março de 1854, assignada pelo Secretario Luiz Pedreira do Couto Ferraz, sua Majestade pedia a cessão de algumas salas para nellas collocar o Archivo Publico.

Todos os Religiosos nisso "convieram de bom grado", o que lhes mereceu o agradecimento do Imperador, em 19 de Maio do mesmo anno. O Governo, de sua parte, accedeu ao pedido do Vigario-Provincial no sentido de se dar ao Convento por esmola a quantia ou parte do que estava consignado no orçamento para aluguel de uma casa para o dito Archivo (43).

As salas cedidas foram a cella de Frei Sampaio e a antiga barbearia, e nellas funccionou o Archivo que, em 1872, foi transferido para o edifico do Recolhimento do Parto. Nas mesmas dependencias esteve installada algum tempo a Pagadoria das tropas (44).

Prohibição do noviciado e profissões

Medida de importancia capital não sómente para os Franciscanos, mas para todas as Ordens religiosas no Brasil, tomou o Governo Imperial em 1855. Não era nada mais nada menos do que o golpe certeiro com que se quiz ferir de morte as corporações monasticas. O dia 19 de Maio, era

43) Tombo IV, fls. 95 e seg.
44) O Rio de Janeiro, etc. I, pag. 91.

esta a data da Portaria, constituirá para sempre uma das paginas negras nos annaes da politica religiosa do segundo Imperio.

> "S. M. o Imperador Ha por bem cassar as licenças concedidas para a entrada de Noviços nessa Ordem, ficando conseguintemente suspensas as profissões até que a Santa Sé resolva a Concordata, que o Governo Imperial vai propor-lhe" (45).

Era esta Portaria uma verdadeira demonstração da força sobre o direito. Si um Governo protestante, atheu, se atrevesse a coisa semelhante, profligariamos o attentado como perseguição religiosa. Mas um Governo catholico prohibir o que o proprio Deus recommendou e a Igreja solennemente approva e favorece, é inexplicavel. Achamos só uma attenuante. São as idéas liberaes daquelle tempo em que o Imperador foi educado.

Conta-se que certo dia, por occasião do beija-mão, o benemerito Capuchinho Frei Fidelis d'Avola pediu a Sua Majestade que franqueasse de novo o noviciado. Ao que o Imperador respondeu: "Qual o que; a época dos frades já passou". E o Capuchinho retorquiu: "Majestade, não diga assim, porque por ahi tambem andam a dizer que já passou o tempo das testas coroadas". D. Pedro não gostou. Mas o frade foi propheta; o Imperador, não.

Ainda uma palavra sobre a Portaria. A má fé resalta aos olhos. Affirma-se que o Governo ia propôr uma Concordata com a Santa Sé. Pois fique o leitor sabendo que o Governo Imperial nunca entrou em accordo com o Papa, nem siquer tentou semelhante pacto.

E' bem de imaginar o sentimento com que as Ordens religiosas receberam o "ukase" despotico do Governo. Os Franciscanos, por sua vez, deviam sentir-se maguados no seu nunca desmentido amor á Patria. Desde que se estabeleceram no Sul (é só de nossa Provincia que falamos), jamais negaram concurso em beneficio do povo e do bem publico. Com mil fadigas percorreram a costa e o interior

45) Tombo IV, fls. 101.

para levar o consolo da Religião á pobre gente do matto ou para catechizar indios. Em tão grande numero eram os seus missionarios que já no fim do seculo XVII o Provincial pôde affirmar que os seus missionarios eram em maior numero do que os de todas as outras Ordens religiosas juntas. Para a disseminação do ensino primario estabeleceram aulas nos seus Conventos mais afastados e do que fizeram em prol do ensino superior o leitor deve estar lembrado pelo que dissemos no capitulo VII. Precisava o Governo de Capellães para as fortalezas ou para os navios de guerra? recorria aos Franciscanos, "que depois de darem aos povos os cuidados de seu Sto. Ministerio, hião ainda contentes votar á Patria seu sangue e sua vida" (46). E em quantos outros misteres serviam ao Governo: nos leprosarios, nos hospitaes militares, na assistencia aos condemnados á forca, na administração de aldeias e até de fazendas depois da expulsão dos Jesuitas. O proprio D. João VI teve por longos annos um capellão franciscano na Fazenda de Sta. Cruz. Quando soou a hora da Independencia, o Governo encontrou nos Franciscanos os mais ardorosos adeptos. Só o que fez Frei Sampaio devia ter sido sufficiente para o Imperador conservar eterna gratidão á Corporação franciscana.

Tudo isto, porém, já tinha entrado no rol do esquecimento quando o Governo baixou a Portaria de 19 de Maio de 1855. Agora, sim, estavam apagadas todas as esperanças de a nossa Provincia se reconstituir, de o Convento de Sto. Antonio se povoar de novo.

Diversas tentativas fizeram os nossos Religiosos para que o Governo reconsiderasse o seu acto. Frei Francisco do Monte Alverne, já ás portas da morte, dirigiu neste sentido um pedido a Sua Majestade num dia de Sto. Antonio, em que D. Pedro II veiu assistir á festa no Convento. Nada conseguiu. Em 1871, acabando de ser investido no cargo de Vigario Provincial, Frei João do Amor Divino Costa valeu-se, com o mesmo fim, do deputado geral Mons. Pinto

46) Tombo IV, fls. 21.

de Campos. Este apresentou á Camara um projecto de lei que permittisse a Frei João reabrir o noviciado debaixo de certas clausulas. Este projecto foi elaborado de accordo com Frei João, que nelle foi até aos limites de concessões, só para conseguir o resurgimento da Provincia com elementos novos, que seriam educados por mestres de fóra no genuino espirito religioso e franciscano. A Commissão da Camara deu parecer favoravel, mas o projecto cahiu. Mais uma tentativa fez Frei João em 1888, dirigindo-se por carta ao Conselheiro João Alfredo, chefe do ministerio que sanccionou a lei de 13 de Maio desse anno. Alludindo aos triumphos do Conselheiro pela assignatura dessa lei, pedia-lhe Frei João que decretasse tambem a "liberdade espiritual escravizada por um aviso machiavelico, traço profundo de perfidia ignobil, suppositor de immediato accordo com a Sé Apostolica, que nunca foi intentado, para preparar o mais vil dos calculos: arrebatar o espolio das corporações religiosas, pelo desapparecimento do ultimo frade" (47). Tudo foi em vão. Só restava a Providencia Divina e esta, como havemos de ver, encarregou-se de confundir os planos humanos.

Outras requisições

O que o governo intentava com a prohibição do noviciado era chegar aos poucos á posse dos Conventos e apoderar-se delles definitivamente depois da morte do ultimo frade. Em 1854 começou o poder civil a requisitar dependencias do Convento de Sto. Antonio.

Outra requisição data de 24 de Setembro de 1855. O Ministerio da Justiça mandava recolher no Convento os trastes e objectos existentes na Camara Municipal, para o funccionamento do Jury, afim de installar uma enfermaria. O Jury passaria a funccionar no Convento, emquanto fosse necessario. "Amanhã ahi me apresentarei para de accordo com V. Revma. escolher o lugar que seja mais proprio para este fim".

47) A Provincia franciscana etc. pag. 53.

Mais ousadas eram as pretensões do Governo em Outubro do mesmo anno, que, porém, felizmente não foram executadas. Queria o Ministerio da Guerra nada menos do que todo o pavimento terreo do Convento para aquartelar praças do exercito. "V. Revma. dê as precisas ordens para que seja hoje mesmo desoccupado...". Eram ordens, na verdade. O plano não se realizou, porque, á ultima hora, acharam em melhores condições o Mosteiro de S. Bento (48).

Não queremos antecipar os acontecimentos; mas desde já seja dito que outro aquartelamento chegou a ser facto em 1885.

Um Visitador e Delegado do Geral

As tristes condições em que vegetava a nossa Provincia não podiam deixar de chegar aos ouvidos do Revmo. P. Geral da Ordem. A consequencia foi apresentar-se em dias de Novembro de 1855 um Visitador e Delegado do mesmo, exhibindo a sua Patente de nomeação com o Beneplacito Imperial. Nella diz sua Paternidade que soube desde há muito da decadencia da observancia regular nos Conventos do Brasil e que por isso resolveu enviar o seu Commissario para extirpar os males e conservar a disciplina e a paz.

Aos 12 de Novembro foi lida a Patente perante o Definitorio reunido e todos concordaram em reconhecer a commissão e acceitá-la. E depois, nada mais. Em nenhum livro consta de qualquer passo que o Visitador tenha dado. Nem siquer vestigio delle se encontra. Comtudo, queremos dar o seu nome, chamava-se Frei José de Marano, da Provincia de Napoles (49).

1856 a 1859

Reunidos os padres vogaes, celebraram Capitulo a 1º de Março de 1856 e, procedendo-se á eleição dos poucos Superiores, foi confirmado para Guardião deste Convento Frei João do Amor Divino Costa e foi reeleito na Congregação de 12 de Setembro de 1857. Mas quatro mezes antes de acabar o triennio renunciou

48) Tombo IV, fls. 102 e 102 v.
49) Livro das eleições I, fls. 219 v.

e foi substituido por Frei Antonio do Lado de Christo. Frei João, por sua vez, foi na mesma occasião (30 de Outubro de 1858) eleito Secretario da Provincia (50).

Frei Antonio do Lado de Christo, natural de Paraty, bispado do Rio, tomou nosso habito aos 8 de Fevereiro de 1845 e ordenou-se padre em Novembro de 1849. No mesmo anno foi instituido prégador e confessor. Rapida foi a sua carreira nos cargos, pois, nem um anno sacerdote, elegeram-no Guardião e Commissario dos Terceiros no Convento de N. Sra. do Amparo na villa de S. Sebastião. Tendo servido tres annos, renunciou a identico cargo em Angra dos Reis e 17 dias depois collocaram-no de novo em S. Sebastião. Na Congregação celebrada aos 28 de Novembro de 1854 foi eleito Secretario da Provincia, Mestre de Noviços e Commissario dos Terceiros da Conceição, á rua do Sabão. No Capitulo de 1° de Março, elegeram-no Guardião de Santos e, renunciando em Outubro de 1858, foi no mesmo mez preencher o lugar de Frei João neste Convento, como acima foi dito. Conservou-se na guardiania do Rio até 8 de Março de 1862, sendo ao mesmo tempo Commissario dos Terceiros. Neste ultimo triennio serviu tambem como Definidor. Não consta quando morreu, mas deve ter sido por volta de 1862 ou 1863 (51).

O que encontramos nos livros do archivo concernente ao triennio de 1856 a 1859 são Portarias e Officios do Governo com relação a outros Conventos. Quanto ao de Sto. Antonio, os poucos Religiosos continuavam como dantes a pedir privilegios e licenças e renunciavam a um cargo para tomar outro.

Frei Francisco do Monte Alverne

No dia 2 de Dezembro de 1858, sendo Guardião o sobredito Frei Antonio do Lado de Christo, deu-se a morte do *primus inter pares* dos oradores sacros brasileiros, Frei Francisco do Monte Alverne.

---

50) Item, fls. 222 e seg.
51) Reg. Rel. de ambas as fil., fls. 67.

Seria faltar á justiça para com o Convento de Sto. Antonio si deixassemos de biographar, embora rapidamente, esse seu filho que tanto brilho lhe deu.

Foi no dia 9 de Agosto de 1784 que nasceu, com o nome de Francisco José de Carvalho, na freguezia da Sé, cidade do Rio de Janeiro. Seu pae era natural da ilha portugueza do Pico e sua mãe, Anna Francisca da Conceição, da freguezia de N. Sra. da Guia de Pacobahyba, na baixada fluminense.

Com 17 annos incompletos, isto é, aos 28 de Junho de 1801, o jovem vestiu o burel franciscano, neste Convento. Donde se infere que Monte Alverne, tendo alcançado sómente os ultimos lampejos da pujante vida religiosa de outrora, presenciou a progressiva decadencia da corporação e, morrendo em 1858, foi um de seus ultimos destroços.

Durante os tres annos de 1804 a 1807 estudou philosophia no Convento de S. Paulo, onde tambem se ordenou sacerdote em 1808. Permaneceu no mesmo Convento até 1816, na qualidade de passante e depois lente de prima.

Voltando em seguida para o Rio, não tardou em ser distinguido com os mais honrosos cargos e nomeações. D. João VI fê-lo Prégador régio em 1816 e o Nuncio, theologo da Nunciatura, em 1818, sendo ainda neste ultimo anno nomeado examinador da Mesa da Consciencia e Ordens. Na Congregação de 23 de Outubro de 1819 reuniu os votos para Guardião do Convento da Penha e foi a unica vez que occupou semelhante cargo. O Corpo capitular, reunido aos 27 de Outubro de 1821, "querendo recompensar os serviços prestados na sua brilhante carreira", concedeu-lhe os privilegios de lente de Prima e ainda o de uma guardiania. Serviu depois como Secretario da Provincia (1824) e Custodio da Mesa (1825). Por Provisão do Sr. Bispo foi escolhido, em 1829, para lente de rhetorica no seminario de S. José e autorizado a substituir nas faltas os lentes de philosophia e theologia dogmatica. Por outra Provisão obteve as cadeiras de philosophia racional, moral e theologia dogmatica no mesmo seminario e foi investido no cargo

de Examinador synodal. Um dia de gloria foi para Monte Alverne o dia 10 de Dezembro de 1848. Celebrando-se nesse dia a inauguração da sociedade "Ensaio philosophico", foi solennemente proclamado "Genuino representante da philosophia do espirito humano no Brasil" e coroado com uma corôa de louro pelo Presidente da sessão, o Sr. Bispo Capellão-mór. Posteriormente, foi ainda eleito Definidor e duas vezes Custodio da Mesa e, por fim, condecorado com o titulo e privilegios de Ex-Definidor Geral.

Fóra da Ordem, Monte Alverne foi admittido como membro honorario ou correspondente das seguintes sociedades: Instituto Historico e Geographico do Brasil — Sociedade Amante da Instrucção — Ensaio Philosophico do Rio de Janeiro — Instituto Historico de França.

Os caminhos de Deus são incomprehensiveis. Monte Alverne estava no auge da gloria quando, em 1837, cegou completamente, e durante longos vinte e um annos carregou a sua cruz, dizendo: seja feita a vontade de Deus. Realmente, não é difficil imaginar a depressão de espirito que devia causar a cegueira num homem como elle: no vigor da idade, dedicado em extremo ao estudo, que era a sua paixão dominante. "Não é dado a homem algum avaliar as agonias do meu coração — dizia elle mesmo — nessa horrivel peripecia da minha vida... Deus chegou aos meus labios a taça da tribulação, suas fezes talvez não estejam ainda esgotadas. A vontade do Senhor seja feita".

Com a saude bastante combalida, Monte Alverne buscou melhoras em S. Domingos, na vizinha cidade de Nictheroy, e ahi veiu a fallecer no dia 2 de Dezembro de 1858. Seu cadaver foi embalsamado e transportado para este Convento. Os seus ossos estão guardados numa urna no mausoléu do Convento (52).

O que para sempre consolidou a fama de Monte Alverne não foram os seus profundos conhecimentos de theologia e philosophia, mas sim os seus incomparaveis dotes oratorios. Era, na verdade, um gigante da palavra, era o

52) Item, fls. 34.

Bossuet brasileiro, "que na cathedra sagrada igualou, se não excedeu, aos primeiros prégadores em lingua portugueza, e que pela pratica maior da phrase e sustentada pompa do estylo com justiça figuraria entre os grandes oradores de qualquer paiz" (53).

"Era Francisco do Monte Alverne de alta estatura; de uma organização forte, musculosa e secca, curvava-se um pouco para diante, quando caminhava, porque, bastante miope desde a juventude, procurava ver onde punha os pés; fóra disso, mantinha-se direito, com a cabeça levantada. Tinha o rosto longo, descarnado, pallido e severo; o que tão bem se moldura no negro capuz do cenobita; muito alta a fronte, que para cima se ia alargando, mal coberta de cabellos, tanto pelo começo da calvicie, como pelo circilio, e que negros tinham sido na mocidade. Grandes, rasgados e bem desenhados os olhos, em que se exprimia o enthusiasmo pela força do olhar, e dilatação das palpebras. Os supercilios sempre contrahidos pelo habito de meditação, e não menos por esse esforço, que fazem os miopes para ver, formavam um profundo rego de alto a baixo sobre a raiz do nariz, que longo e direito se elevava, descrevendo com a linha da base um angulo ligeiramente obtuso. A bocca, ou antes os labios mui contorneados e moveis deviam ter sido de uma forma grega, e exprimiam, quando parados, desdém e desgosto, talvez pelo trabalho e monotonia da vida...

A voz de Francisco do Monte Alverne era forte, flexivel, cavernosa, e um tanto aspera, o que nelle, porém, não era defeito, antes augmentava-lhe a energia, e dava-lhe uma vibração metallica que retinia no mais vasto templo, e perfeitamente se ouvia nos corredores lateraes. Declamava com muita emphase, como quem tão fartamente sentia o que dizia, accentuando todas as syllabas, que ecoavam de modo tal que uma só se não perdia.

Seus movimentos, cuidadosamente estudados, eram sempre precisos, largos e magestosos; e tão sublime dominava

53) Dr. Carlos de Laet, "Anthologia Nacional".

o pulpito, que seu olhar inspirado impunha silencio, e não se pode imaginar mais perfeito modelo de orador sacro".

E' o retrato como no-lo esboça um dos discipulos do grande mestre (54).

Inesquecivel, como é sabido, é o sermão que Monte Alverne prégou na festa de S. Pedro de Alcantara, em 1854. Era o proprio D. Pedro II que desejava ouvi-lo, porque quando o orador cegou o Imperador contava apenas dez para onze annos.

Foi, pois, depois de um silencio de 18 annos que, "aureolado pela velhice e transfigurado pela cegueira", subiu ao pulpito para prégar esse sermão que só seria sufficiente para lhe granjear a fama que justamente possue.

Depois desse triumpho, Monte Alverne orou mais uma vez na igreja de N. Sra. da Gloria do Outeiro, no dia da festa de 15 de Agosto de 1855. Esta vez as forças o abandonaram e só com muito custo pôde descer do pulpito apoiado em braço amigo (55).

De Monte Alverne existem impressos: "Compendio de Philosophia" — Rio de Janeiro, 1859 — "Trabalhos oratorios e literarios", colligidos por Camara Bittencourt, Rio de Janeiro, 1863 — diversas edições de seus "Sermões".

Tem-se dito que Monte Alverne era vaidoso. Não se pode negar que ás vezes usou de expressões que denotam muita convicção do proprio saber. Mas é igualmente verdade que deu o exemplo de humilde resignação na sua longa enfermidade (56).

Na sala chamada dos Guardiães no Convento de Sto. Antonio conserva-se um bem acabado retrato a oleo de Monte Alverne, pintado pelo artista italiano Tironi, em 1860, e no fim deste livro, damos o facsimile de seu autographo, que lançou num documento pouco antes de morrer (Estampa nº 40).

---

54) Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, na Rev. Inst. Hist. vol. 45º, pag. 393.

55) O Rio de Janeiro etc. I, pag. 308.

56) "A Provincia franciscana etc.", pag. 299 e seg. — Elencho, pag. 374 — Livro das eleições II, fls. 7 — e outros muitos autores.

1859 a 1862 Foi reeleito para Guardião, no Capitulo de 5 de Março de 1859, Frei Antonio do Lado de Christo, que já exercia o cargo desde a Congregação anterior, como acima foi noticiado. Na Congregação de 22 de Setembro de 1860 foi confirmado. Posteriormente, porém, esteve suspenso do Officio e em 6 de Junho de 1861 foi substituido pelo Definidor João Baptista de Sta. Rosa (57).

Nada de extraordinario aconteceu neste triennio. Umas pequenas noticias apenas, e não são desagradaveis.

O referido Capitulo, "em testemunho de respeito e veneração", concedeu sepultura perpetua a Frei Francisco do Monte Alverne, para nella ser depositado o corpo embalsamado. Foi uma distincção extraordinaria, só concedida a Frei Fabiano de Christo e a outro cujo nome não conseguimos apurar. Além disso, Frei Monte Alverne é o unico cuja lousa tem inscripção. Ficamos ainda sabendo pela resolução do Capitulo que o corpo embalsamado de Monte Alverne não foi dado logo á sepultura depois do fallecimento.

Ainda o mesmo Capitulo demonstrou que, apesar da situação precarissima, não tinha cessado o espirito de fazer bem aos outros na medida do possivel. Ficou o Provincial autorizado a abrir no Convento uma aula gratuita de ensino primario para os pobres e fornecer, por conta da Provincia, os utensilios e até vestuario decente si por falta deste não pudessem frequentar a escola. Os mestres seriam os proprios Religiosos ou, faltando estes, seculares (58).

Não consta si a resolução foi executada ou até quando funccionou a escola.

1862 a 1878 Acabando o tempo prescripto, reuniu-se o Capitulo, com nove votantes, no dia 8 de Março de 1862. Coube o Guardianato do Rio de Janeiro a Frei João Baptista de Sta. Rosa, e foi confirmado na Con-

57) Livro das eleições II, fls. 8 v. a 10.
58) Item, fls. 3 v. — Chronica I, fls. 11 v.

gregação de 12 de Setembro de 1863 (59). Exerceu as funcções, ao que parece, até morrer, em 1878.

Nasceu este Religioso na freguezia de Sant'Anna, desta cidade, fez-se franciscano em 1846 e ordenou-se padre em 1849. Em 1850 foi eleito Guardião do Convento do Bom Jesus e permaneceu neste cargo até Junho de 1852, isto é, até as Irmãs do S. Coração de Maria occuparem o Convento. Durante algum tempo foi capellão da Correcção e, em 1853, Visitador Geral da Provincia. Na Congregação de 1854 foi investido na guardiania e commissaria dos Terceiros do Convento da villa de S. Sebastião. Acabando este emprego em 1857, foi transferido na mesma qualidade para o Convento da Penha e, em 1859, sahiu eleito Definidor. Morreu neste Convento de Sto. Antonio, aos 20 de Setembro de 1878, com 52 annos de idade (60).

E' só isso que temos de relatar a seu respeito e nada consta de todo o triennio em que esteve como Guardião no Convento de Sto. Antonio.

Depois da laconica noticia da celebração da Congregação Intermedia de 12 de Setembro de 1863, os livros e documentos do archivo do Convento guardam o mais rigoroso silencio sobre qualquer outro Capitulo ou Congregação.

No governo da destroçada Provincia manteve-se Frei Antonio do Coração de Maria até 1870, vindo a fallecer aos 19 de Junho desse anno. Desde 1863 tinha quatro companheiros; mais outros cinco viviam esperando a morte em outros Conventos.

Consta desse Prelado que ladrilhou a capella-mór com ladrilhos de marmore e que fez retoques no Convento. Na esperança de amparar a Provincia, incorporou, em 1858, seis Religiosos da Provincia da Bahia. Mas foi infeliz. De tres teve necessidade de se desfazer no anno seguinte; os outros secularizaram-se (61). Junto ao Governo, porém, não deu passo algum para a admissão de noviços.

---

59) Item, fls. 17 v.
60) Reg. dos Rel. de ambas as fil., fls. 74.
61) Chronica I, fls. 13.

Fallecendo em 1870, deixou a Provincia com seis Religiosos, dos quaes quatro estiveram presentes na eleição do Vigario Provincial, aos 2 de Julho do mesmo anno. O unico que estava em condições de poder administrar os destroços da Provincia era Frei João do Amor Divino Costa, que então contava 41 annos de idade. Nelle, pois, cahiu a eleição, confirmada pelo Nuncio Apostolico e beneplacito imperial. Conservou o cargo até á sua morte, em 1909.

Frei João do Amor Divino Costa

Frei João do Amor Divino Costa, ultimo representante da antiga geração, nasceu em 1829, na freguezia de Sant'Anna do Rio de Janeiro. Tendo apenas 14 annos de idade, foi recebido no Convento como pupillo. Só dois annos depois lhe deram o habito e elle professou no dia 20 de Setembro de 1846. Em 1852 o Bispo diocesano conferiu-lhe o presbyterato. Occupou depois os cargos seguintes: Guardião do Rio (1856 a 1858), Secretario da Provincia (1858 e 1862), Custodio da Mesa (1859), Vigario Provincial (1870) (62).

Quando Frei João tomou as redeas do governo da agonizante Provincia, ficou com dois companheiros apenas: Frei Francisco de S. Diogo, septuagenario, e Frei João Baptista de Sta. Rosa, cardiaco. Este ultimo falleceu em 1878 e o primeiro em 1886 (63). Coube, pois, a Frei João o doloroso encargo de levar á sepultura os seus dois companheiros e remanescer só, num Convento deserto, dolorosamente deserto. Era o caso de elle chorar, com o propheta, sobre os destroços em seu redor: *Quomodo sedet sòla civitas plena populo* — Como ficou solitaria a cidade, outrora cheia de povo.

Em 1871 Frei João tentou fazer passar uma lei que lhe permittisse reabrir o noviciado e em 1889 deu passos no mesmo sentido junto ao Conselheiro João Alfredo. Nada conseguiu. No mesmo anno de 1871 emprehendeu

62) Reg. dos Relig. de ambas as fil., fls. 70.

63) Nos outros Conventos existiam Frei Victorino de Sta. Felicidade, f. em Cabo-Frio, 1872; Frei Miguel de Sta. Rita, f. em Taubaté, 1874; Frei Manuel de Sta. Isabel Brandão, f. em S. Sebastião, 1885.

uma viagem pelos Conventos do Sul, tratou de salvar o que podia e instituiu syndicos. Mas o facto é que um Convento depois do outro ia passar para outras mãos ou cahir em completo abandono.

Mais uma venda de terreno

Resolvera o Ministerio da Fazenda construir ao pé do morro de Sto. Antonio e junto á ladeira, á esquerda de quem sobe, um grande edificio para a installação da Imprensa Nacional. Era o sitio em que os primeiros Franciscanos levantaram o recolhimento provisorio, em o qual estiveram morando até entrarem no Convento, em 1615.

Não havendo terreno sufficiente de que o Governo pudesse dispôr para a construcção, o Convento de Sto. Antonio teve de supprir o que faltava.

Não consta quantos metros ou braças foram cedidos. Do archivo só sabemos que em 24 de Abril de 1876 o Ministro mandou entregar, em troca, cinco apolices de um conto de réis, inalienaveis; que o Convento, porém, nada recebeu e teve de esperar oito annos para, em Julho de 1884, ser attendida a reclamação de Frei João do Amor Divino Costa, pedindo as apolices e os juros vencidos desde 1876 (64).

O Convento transformado em "hospedaria"

Quanto ao Convento de Sto. Antonio, tornou-se casa de hospedagem para muita gente. Pelo que foi dito em outro lugar, esse recebimento de pessoas estranhas fazia-se desde longos annos; mas no tempo de Frei João foi muito mais frequente. Do Norte principalmente, mas tambem de outras partes, vinham clerigos e seculares a pedir um quarto para morar. Houve alguns que com a sua pessoa dignificaram o Convento, como Mons. Brito, Bispo de Olinda, Mons. Amador Bueno, Cons. Vianna, Cons. João Alfredo e outros. Mas acontecia tambem não se mostrarem os hospedes dignos do acolhimento que ti-

64) Doc. avulso.

veram, promovendo desordens e damnificando ainda mais o já arruinado edificio. Frei João tomou, por isso, a resolução de não mais acceitar hospedes, mas cedia sempre a um cartão de um amigo influente.

A maior invasão e ao mesmo tempo a mais prejudicial deu-se em 27 de Junho de 1885 com o aquartelamento do setimo batalhão de Infantaria do Exercito. Na vespera, o proprio Imperador havia vindo para inspeccionar as dependencias a serem occupadas, e não eram poucas: refeitorio, *De profundis*, cozinha, enfermaria com a cella de Frei Fabiano de Christo, enfermaria dos escravos, diversas dependencias no morro. O resultado foi desolador, como mais de uma vez tivemos occasião de referir, quando tratavamos das respectivas dependencias.

Dizem que casa não habitada é casa condemnada. No Convento de Sto. Antonio foram o tempo, os hospedes e o setimo batalhão de Infantaria que produziram o estado ruinoso em que se achava quando, em 1899, a Provincia se restaurou.

Os soldados retiraram-se do Convento em 1901, graças aos esforços de Frei João junto ao Ministerio da Guerra.

Cumpre lembrar ainda o nome de dois servidores do Convento durante longos annos. Um é o preto Jacintho. Serviu ao Convento de 1843 a 1887, anno em que morreu. Era o homem de confiança de Frei João, a quem, dizem, conhecia por dentro e por fóra. Zelava pela limpeza do Convento, mas tambem gostava de ouvir o canto do Officio. Conta-se que, á força de ouvir cantar os frades, sabia de cór as vesperas inteiras, com antiphonas, psalmos, hymno e até oração. Um dia, querendo o Conselheiro Vianna mostrar no côro a um visitante seu conhecimento do canto-chão, mas errando uma nota, Jacintho, que estava perto, collocou a vassoura de lado e interrompeu-o, dizendo: "Perdão, sr. Conselheiro, a nota é falsa", e deu a verdadeira. O Conselheiro não esperava por esta, mas, fechando o livro, disse um gracejo. Jacintho era a chronica viva do Convento.

O outro servidor, tambem de inteira confiança de Frei João, era o sr. João Ignacio de Bittencourt Praxedes. Veiu para o Convento pelo anno de 1880 e serviu de sacristão, de porteiro e de mestre de ceremonias dentro e fóra do Convento. A elle o Convento deve inestimaveis serviços na defesa de seus direitos, e na conservação de suas antiguidades, cubiçadas pelos "devotos" de Sto. Antonio. O Praxedes, assim era conhecido por todos, morreu em 5 de Abril de 1915, numa dependencia da Penitencia, que habitava depois que a nova communidade se estabeleceu no Convento (65).

65) Convento de Sto. Antonio, pag. 25 e seg.

CAPITULO X

As causas da decadencia

A interferencia do Governo nas coisas internas — A lei da Alternativa — Os titulos e isenções — Outras causas

Nos capitulos precedentes o leitor acompanhou a historia do Convento de Sto. Antonio através de quasi tres seculos, isto é, desde a sua fundação em 1608 até 1899. Viu a pujança de vida monastica, o florescimento dos estudos e a actividade no ministerio sacerdotal. Mas viu tambem, com pesar, desmoronar-se o bello edificio architectado por grandes homens, portuguezes e brasileiros, até restar um só esteio, unica esperança do futuro.

Antes de continuar a tecer o fio da historia até aos nossos dias, queremos, neste capitulo, occupar-nos com as causas da triste decadencia, conhecer os factores da lamentavel catastrophe.

Seria, porém, prolixo demais si quizessemos entrar em pormenores. Pelo que nos limitamos a examinar rapidamente as tres causas principaes.

A interferencia do Governo nas coisas internas

Collocamos em primeiro lugar a interferencia do Governo temporal nas coisas das Ordens religiosas e, portanto, tambem do Convento de Sto. Antonio. Essa interferencia foi o entrave malfadado que acompanhou a nossa Provincia desde o principio.

O Governo fundamentava o seu procedimento com o direito do Padroado secular e do da Ordem de Christo, que consistia essencialmente na apresentação dos candidatos a beneficios ecclesiasticos e em certas honrarias. Ao padroeiro competia o dever de edificar e conservar as igrejas cathe-

draes e matrizes, obrigação que o Governo frequentemente não cumpria.

Pois bem, na interpretação do direito de padroado, o poder temporal agia unilateralmente, estendendo-o até chegar ás raias do absurdo.

Ao fundar-se a nossa Provincia, o Governo restringiu o numero de seus membros a duzentos. Com isto usurpou um direito individual que permitte a cada um escolher o estado que quizer. Mas tambem commetteu um attentado á Igreja, cerceando-lhe a liberdade de acção através das Instituições monasticas, como viveiros que são de virtude e trabalho evangelico. Posteriormente, o Governo arrogou-se essa ingerencia e avocou a si um direito que não lhe competia, todas as vezes que, como arbitro supremo, prohibia ou autorizava a recepção de noviços, como frequentemente teve lugar na segunda metade do seculo XVIII e mais escandalosamente no tempo do Imperio.

Na propria applicação da Alternativa, de que logo adiante trataremos, accordo firmado pela Sta. Sé, o poder temporal ultrapassou a sua competencia, porque, apesar de ter dado o seu Beneplacito, não respeitava nos seus actos a autoridade do legislador. E, quando D. Pedro I, em 1828, revogou de todo essa lei, não foi menos arbitrario. Como podia, sem commetter uma intromissão indebita, desfazer uma lei que não emanara do Governo?

Chegou ao auge essa prepotencia machiavelica em 1855, com o Aviso de 19 de Maio, que prohibia de todo a recepção de noviços com o fim de condemnar á morte lenta ás corporações religiosas.

Quaes as consequencias desse cerceamento constante das recepções? Os Religiosos tornavam-se escravos do Governo, a quem a Provincia tinha de mendigar humildemente licença para satisfazer o desejo do candidato de seguir o caminho da perfeição. Com o tempo devia isto deprimir o moral dos Religiosos e gerar, pelo menos praticamente, a opinião de que o Governo era a suprema Autoridade. Que isto tornou-se um facto provam-no, á saciedade, os frequentes recursos á Corôa para obter a licença e tambem

essa mais que humilde subserviencia ás ordens do Governo, quando este cerrava despoticamente as portas do noviciado.

Não é para admirar produzisse esse estado de coisas em espiritos fracos o desejo de agradar á Autoridade temporal, em detrimento da disciplina e muitas vezes da obediencia religiosa.

Deslocada assim a base, como impedir que a ruina insensivelmente invadisse o organismo?

Tambem em outros paizes Governos intolerantes têm sanccionado leis que difficultavam ou prohibiam a recepção de noviços. Mas eram épocas apenas, geralmente curtas, que passavam pela influencia de uma sã reacção. Haja vista a celebre Kulturkampf, na Alemanha. No Brasil, porém, um conjunto de muitas circumstancias não permittia qualquer reacção e por isso as Ordens religiosas tiveram de supportar o jugo com as suas consequencias, até ao advento da Republica.

Accresce que o nosso Governo era catholico e fazia timbre de sua catholicidade. Fosse um Governo protestante, menos mal teria causado no assumpto em questão, porque é sabido que a luta robustece as convicções religiosas.

Resumindo, dizemos: o facto da intervenção na recepção dos candidatos, o longo tempo que durou e o partir essa ingerencia de um Governo catholico, enfraquecia o espirito genuinamente religioso dos frades e por isso foi um dos coefficientes da decadencia.

Mas a intromissão do Governo secular nas coisas internas dos Conventos foi muito mais longe. Ninguem contestará que a autoridade a mandar nos Religiosos, na qualidade de Religiosos, é e deve ser o Superior hierarchico. Todo o organismo social dirigido por estranhos perde, com o tempo, o espirito que lhe é proprio.

Que dizer então da pretenção do Governo de se constituir até juiz dos actos emanados dos Superiores ecclesiasticos com relação ás Ordens religiosas?

Referimo-nos ao Beneplacito regio.

Consistia em o Governo exigir fosse submettido á sua approvação, antes de se poder dar execução, qualquer documento das Autoridades ecclesiasticas, mesmo do Papa. Era o cumulo do regalismo, e quem hoje reflecte desapaixonadamente sobre tamanha enormidade, pergunta-se como era possivel um Governo catholico chegar a esse excesso.

E' verdade que foi a pedido dos Religiosos que pela primeira vez a Metropole estabeleceu, em 1709, o Real Beneplacito com relação á nossa Provincia. E' porque não se afigurava aos Superiores outro recurso para pôr um paradeiro aos constantes pedidos dos frades, dirigidos ao Papa, ao Geral, ao Nuncio, etc., para conseguirem privilegios e isenções. Que, porém, nem de longe desejavam que o Beneplacito se perpetuasse e muito menos que tivesse tão larga extensão resulta, a toda a evidencia, do facto de posteriormente os frades não respeitarem mais a Ordem regia. O Governo, entretanto, depois de exercer uma vez esse direito que ninguem lhe conferira (nem os frades o podiam), não quiz largá-lo mais. Dahi os repetidos Avisos da Metropole aos Superiores da Provincia, prohibindo sempre de novo a execução de qualquer Breve, etc., sem o previo Beneplacito.

Deseja o leitor conhecer um desses Avisos ou Ordens Regias? Pois aqui vae o de 18 de Janeiro de 1741, que nos seus proprios termos revela o alcance da pretenção do Governo (1).

> "Sua Magestade me ordena avise a Vossa Paternidade Reverendissima, que indo a essa Provincia alguãs Ordens, ou Patentes do Ministro Geral, ou Commissario Geral não se executem; e na mesma conformidade não se executem Breves, Bullas, e Decretos da Curia Romana, ou de alguns Delegados, e de juizes Apostolicos, nem as suas Sentenças; posto que contenhão materias de Graça, ou de Justiça, e respeitem ao commum da Provincia, ou ao particular de qualquer Religioso, antes de se fazerem presentes ao mesmo Senhor por esta Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, para depois tomar a re-

1) Tombo II, fls. 59.

zolução, que fôr mais conveniente, e util ao bem commum da mesma Provincia, e á disciplina, e observancia regular. E que Vossa Paternidade Reverendissima faça registrar esta Carta nos Livros da Secretaria dessa Provincia, guardando o Original para que a todo o tempo conste aos seus Successores, o que ella contem, e naõ possão alegar ignorancia desta rezolução de Sua Magestade; e fará Vossa Paternidade Reverendissima certo o havelo assim executado, para ser tão bem prezente ao mesmo Senhor".

Seria incrivel, si não estivesse ahi em letra de forma. O Governo reconsiderar os actos da Sta. Sé e dos outros Superiores ecclesiasticos, para *depois* tomar as resoluções que, na sua incapacidade de julgar as coisas espirituaes, achar convenientes? O Governo proferir sentença sobre o bem commum da Provincia, da disciplina e da observancia regular? O Governo reclamar a ultima palavra com relação até a cada Religioso? Na verdade, era o caso de alguem lembrar aos potentados de Lisboa o distico latino: *Sutor ne ultra crepidam.*

Mas esse alguem não apparecia, nem o podia, sob pena de cahir nas iras dos despotas, pagando a ousadia com carcere ou degredo.

Casos tristes, consequencias inevitaveis desse descabido regalismo e que demonstram ao mesmo tempo a perturbação da sã razão que produzia nos Religiosos, deram-se no Convento de Sto. Antonio, no tempo dos Vice-Reis. Em 1776, o Provincial Frei Cosme de Sto. Antonio conseguiu ludibriar todo o Capitulo e obteve do Governo, depois de quasi dois annos, o successor que queria (2).

Mais deprimentes são os factos que relatámos no capitulo VI, nos quaes se salientou o desnorteado Frei Nolasco.

Nada disso fôra possivel, si o Governo não se tivesse constituido como que a ultima instancia nas questões dos Religiosos. Felizmente, apesar dessa ingerencia e da consequente confusão de idéas, os factos escandalosos publicos não se deram com mais frequencia, e isto constitue a

2) Item, fls. 256 e seg.

prova de que o bom senso não havia abandonado a todos. Merecimento do Governo não foi. Mas não é difficil de imaginar quaes as consequencias dentro da communidade, scindida, além do mais, em dois partidos em virtude da lei da Alternativa.

Queremos ainda trazer para estas paginas um caso que, si de um lado revela a insupportavel situação criada pelo Beneplacito Real, do outro mostra certa resistencia, embora inutil, da parte do Definitorio.

Foi em 1827, no tempo, portanto, de D. Pedro I, que Frei Joaquim de S. Daniel havia obtido do Nuncio de Lisboa um Rescripto de privilegios e o Governo Imperial déra o seu Beneplacito. O Definitorio, porém, não lhe quiz dar execução, por julgar o Rescripto illegal e obtido sobrepticiamente, e, ao nosso ver, tinha toda a razão. Frei Joaquim, então, queixou-se ao Governo, e este, pelo Conde de Valença, mandou estranhar a recusa do Definitorio, dizendo textualmente: "Ordena S. M. o Imperador que V. P. Reverendissima fazendo dar immediato cumprimento ao referido Breve, estranhe em Seo Imperial Nome a Mesa Definitorial pela opposição que fizera ás deliberações (sic) do Governo do mesmo Augusto Senhor, as quaes ella muito deve respeitar *até pelo espirito de obediencia que professa* (o grypho é nosso), e de cujas regras jamais se deve apartar".

Está-se vendo: para o Governo Imperial, o Beneplacito era a norma suprema da perfeição religiosa.

Dando, em seguida, o Definitorio as suas razões, o Governo as declarou insubsistentes e affirmou que não se trata de materia espiritual (?) mas sim temporal e que conceder regalias é de privativa competencia do Augusto Senhor, independente de algum outro recurso.

O Definitorio teve de accommodar-se, apesar de naquelle tempo o Nuncio de Lisboa não ter mais autoridade no Brasil e apesar de o mesmo Definitorio não julgar o pretendente digno do privilegio.

Frei Joaquim de S. Daniel, desde então, andava pelos vastos corredores do Convento de Sto. Antonio pavonean-

dá-se com o tituto de Ex-Ministro Provincial, com suas isenções e privilegios (3).

Como era possivel, perguntamos, diante de tal ordem de coisas, evitar o declinio e a completa ruina dos Institutos religiosos?

Dizem que quem muito tem, mais deseja ter. O Governo temporal não se limitou a constituir-se arbitro supremo e juiz de ultima instancia dos actos dos Superiores ecclesiasticos; não, o Governo ou os seus representantes no nosso paiz mettiam-se em tudo; sustavam Capitulos, nomeavam e depunham Superiores, desterravam Religiosos para outros Conventos, protegiam culpados, mandavam receber fugitivos, faziam despesas do culto divino por conta dos frades, davam ouvido ás intrigas de elementos desordeiros, conferiam cargos fóra da Ordem, concediam privilegios e isenções, tiravam os Religiosos do Convento, uns para serem capellães em capellas privadas, outros para instruirem os filhos de algum fazendeiro protegido, e ainda outros com o pretexto de precisarem tratar de sua saude, quando na verdade era só para se libertarem do jugo da obediencia. Aconteceu até "mandar" o Capellão-mór (Bispo) por ordem de D. João VI que dois frades deixassem a Ordem para poderem mais livremente fazer ouvir a sua bella vóz no côro da Capella real (4).

E essa indebita ingerencia a Autoridade civil a praticava não sómente no tempo da colonia e quando o Brasil já era reino. O Imperio herdou a nefasta politica religiosa portugueza e, em segui-la, não menos escrupulo teve do que o poder que veiu substituir. Si D. Pedro I legislava sobre a divisão dos bispados e parochias e sobre beneficios ecclesiasticos e dignidades, si as Assembléas Provinciaes tinham o direito de legislar sobre Conventos e quaesquer associações religiosas, si aos Bispos se negava o direito de

3) Item III, fls. 266 v. e seg.
4) Eram Frei Antonio do Bomsuccesso (1813) e Frei Diogo de Jesus Maria, (1816) ambos sacerdotes. Elencho, pag. 257.

approvar Irmandades, que de bem se podia esperar dessa usurpação para a observancia da disciplina monastica?

As coisas não melhoraram durante o governo de D. Pedro II, que, educado nos principios liberaes e regalistas, estava, no dizer de Joaquim Nabuco, "fortemente inspirado do preconceito anti-sacerdotal".

Por isso, durante os 67 annos do Imperio, notamos a mesma intervenção na disciplina interna dos Conventos, com mais frequencia até do que no tempo anterior. Provoca sorriso ler as 160 folhas do quarto Livro do Tombo da Provincia, que abrangem a época de 1828 a 1855. Todas ellas estão cheias de Portarias, Avisos, Cartas deste ou daquelle Ministro do Governo Imperial.

"As consequencias foram fataes na degradação do espirito religioso das Ordens, na disciplina interna das Communidades, na relaxação da austeridade claustral...". Si o leitor nos perguntar pela reacção da parte dos frades, respondemos-lhe que se portavam como "cordeiros conduzidos ao matadouro". Eram os "vassalos obedientes", os "subditos leaes" do "mais Augusto dos Imperadores", do "mais Magnanimo dos Reis".

Todavia, um Provincial teve a hombridade de enfrentar o Governo e rebater suas idéas singulares com relação á vida religiosa. Trata-se de Frei Henrique de Sant'Anna, que em 1831, logo ao assumir o seu governo, recebeu da Regencia, em nome do Imperador, duas Portarias, ordenando-se-lhe concedesse licença a dois Religiosos do Convento de Sto. Antonio para se tratarem fóra do claustro. Dizia a Regencia que estava persuadida que "nenhum regular coacto pode desempenhar deveres de consciencia e que a Religião só perde e nada ganha quando há constrangimento". Reconhece o Provincial a verdade dessa maxima em abstracto e theoria; mas em longa argumentação faz ver ao Governo que tal doutrina não tinha applicação ao caso de que se tratava, e fê-lo com tanta eloquencia e com tanto desassombro tirou as consequencias de semelhante

principio, que a Regencia se viu obrigada a concordar e a declarar que não era sua intenção ingerir-se no governo interno da Communidade (5).

A lei da Alternativa

Como segunda causa da decadencia da antiga Provincia franciscana da Immaculada Conceição apontamos a lei da Alternativa, segundo a qual ella se regeu durante mais de um seculo.

Em virtude dessa lei, em seu teor primitivo, deviam revezar-se brasileiros e portuguezes na occupação dos officios maiores e menores. Si, por exemplo, durante um triennio o Provincial com dois Definidores eram brasileiros, o Custodio com outros dois Definidores deviam ser portuguezes, e vice-versa; si num Capitulo Provincial o Guardião eleito de um Convento era brasileiro, no Capitulo immediato a eleição devia cair num portuguez.

Deram origem a essa lei as profundas dissenções e perturbações, que abalaram a paz na Provincia, de 1716 a 1719, com a explosão violenta do nativismo. Tratámos disso no capitulo IV.

Para tirar, no futuro, o fundamento a semelhantes desavenças, o Procurador da Provincia em Lisboa, Frei Fernando de Sto. Antonio, naturalmente de accordo com as instrucções recebidas do Rio de Janeiro, suggeriu ao P. Geral a idéa da dita Alternativa. Isto não constituia uma novidade na Ordem, porque tal praxe observava-se tambem em outras Provincias. O Geral, pois, annuiu, e quando se aproximava a celebração do Capitulo Provincial, em que se deviam compôr as dissenções, remetteu neste sentido ordens ao Visitador e Reformador Frei José de Jesus Maria, com data de 25 de Novembro de 1718. Tambem o Nuncio de Portugal sanccionou, com Autoridade Apostolica, a referida lei, a 10 de Dezembro do mesmo anno, e nomeou as dignidades do Rio de Janeiro que deviam vigiar sobre a sua execução. E,

5) Tombo IV, fls. 13 e seg. — Veja-se tambem a Memoria do P. Julio Maria: "A Religião, Ordens religiosas, Instituições pias e beneficentes no Brasil", publicada no "Livro do Centenario" (1900) e tambem em separado. — No mesmo livro o artigo "A Igreja na historia do Brasil", pelo P. Oliveira Pinto, S. J.

para não faltar tão pouco a approvação do Rei, o Visitador foi notificado, a tres de Janeiro de 1719, que Sua Majestade mandava observar as ordens do Geral.

Chegou o Capitulo de 20 de Outubro de 1719, em que o Visitador e Reformador fez a publicação. Como haviam sido afastados para outros Conventos os cabeças do partido contrario, não houve duvida da parte dos capitulares em se conformarem com as ordens do Geral; todos declararam que as acceitavam (6).

Desejando o Definitorio, eleito nesse Capitulo de 1719, dar mais firmeza ao que foi determinado e acceito, resolveu, em junta de 5 de Agosto de 1720, pedir ao Santo Padre Innocencio XIII se dignasse apprová-lo com sua suprema Autoridade. O Papa fê-lo por Breve de 19 de Setembro de 1721 e disso o Definitorio tomou conhecimento em sessão de 2 de Agosto de 1722 (7).

O motivo desse passo do Definitorio foi a forte opposição que mais e mais se manifestava da parte dos frades brasileiros.

Foi ainda pelo mesmo motivo que o Procurador Frei Fernando de Sto. Antonio se dirigiu outra vez á Corôa, expondo a situação. O resultado foram tres Avisos, um ao Provincial, outro ao Governador Ayres Saldanha, ambos com data de 17 de Outubro de 1721, e o terceiro a todos, de 22 de Dezembro do mesmo anno, dizendo D. João V que não permittia qualquer Breve de Roma ou do Nuncio em detrimento da Alternativa (8).

No Capitulo de 1723, os capitulares declararam de novo que se conformavam com a lei da Alternativa. Nessa occasião, porém, ella soffreu uma importante interpretação da parte do P. Geral. Dora avante devia ser observada tambem na acceitação dos noviços, no sentido de o Provincial não poder receber um, dois ou mais brasileiros sem ao mesmo tempo receber igual numero de portuguezes (9).

---

6) Item I, fls. 156, 158, 160.
7) Item I, fls. 171 v. e 172.
8) Item I, fls. 193.
9) Item I, fls. 178.

Esta determinação foi de alcance incisivo e si na época em que foi feita parecia uma idéa feliz para contentar a todos, posteriormente, quando rareavam as vocações do reino, tornou-se um dos factores mais efficientes da ruina da Provincia.

No supradito anno de 1723, a 7 de Setembro, o Papa Innocencio XIII imprimiu á Alternativa pela segunda vez o sello de sua suprema Autoridade (10).

A' vista do exposto, não é licito duvidar que a Alternativa era uma lei emanada da suprema Autoridade ecclesiastica e sanccionada pelo poder civil e que, portanto, devia ser obedecida, si bem que contrariasse os que com ella se viam prejudicados. *Si dura, tamen lex.*

Vejamos agora o procedimento dos frades brasileiros em face da Alternativa.

Como acima dissemos, quando no Capitulo de 1719 foi acceita, os chefes da opposição haviam sido afastados para outros Conventos. Por isso, o Visitador não encontrou difficuldade, todos os capitulares, brasileiros e portuguezes, declararam-se de accordo.

Os cabeças do partido contrario, porém, não socegaram. Destacava-se entre elles Frei Miguel de S. Francisco, sacerdote illustrado, que não sómente foi diversas vezes Provincial, mas tambem autor de grande parte do celebre livro "Santuario Mariano".

Fizeram, pois, propaganda contra a Alternativa não sómente entre os de seu partido, mas ainda entre os seculares, e conseguiram interessar em seu favor os proprios Officiaes da Camara da cidade.

Era o seu intuito obter a revogação da lei por um Breve em contrario. Não foram, porém, bem succedidos, pois, tendo o Rei conhecimento, pelo Procurador Frei Fernando de Sto. Antonio, de suas intenções, baixou os tres acima mencionados Avisos.

Nova tentativa fizeram em 1723 ou 1724. Trata-se de uma longa Representação em latim, dirigida pelos quei-

10) Item I, fls. 184 v.

xosos á S. Congregação. Pelo conteúdo se vê que eram os dissidentes que, em 1723, elegeram no Convento do Bom Jesus da Ilha a Frei Lucas de S. Francisco para seu Provincial. No dito documento tentam provar que a Alternativa não foi acceita livremente; que só tem por fim garantir aos portuguezes, em numero muito inferiores aos brasileiros, os cargos da Provincia; que é prejudicial ao bem da Provincia e á paz, etc. A par de considerações justas, estendem-se os autores em outras muito humanas e desmentem tambem as graves perturbações que de facto houve e foram a causa da Alternativa (11).

Nada conseguiram, pelo menos nada consta dos documentos. E não era mesmo para esperar fossem attendidos, porquanto não é admissivel um recurso de um Breve Pontificio para uma instancia inferior, e, depois, não é licito chamar "enorme, nullo por toda a parte, não subsistente", uma lei que tem a approvação do Summo Pontifice.

Continuou, pois, a Alternativa em seu vigor durante todo o tempo que em outro lugar chamamos o tempo aureo da Provincia.

Sómente no fim desta época, quando a existencia da Provincia já estava fortemente abalada pela falta de vocações tanto do reino como do Brasil e pelos entraves da propria Alternativa, cogitou-se mais uma vez de sacudir o jugo.

Foi em 1796. Nesse anno os dois partidos, brasileiro e portuguez, estavam representados com igual numero de Religiosos. O Definitorio, então, junto com o Discretorio, resolveram unanimemente concordar com a proposta do Provincial Frei Joaquim de Jesus e Maria Brados, no sentido de se receberem os candidatos que se apresentassem, fossem brasileiros ou portuguezes, procurando, porém, equilibrar o numero de uns e outros. Era isso contra a letra da Alternativa, mas os Superiores justificaram a sua resolução dizendo que não era contra o espirito della.

11) Item I, fls. 185.

Não consta que este passo, que é um attestado da vontade firme de salvar a Provincia, tenha produzido consequencias desagradaveis (12).

No mesmo anno deu a Provincia tambem passos junto á Corôa, pedindo a abrogação parcial da Alternativa. São duas Representações, dirigidas, pelo Procurador de Lisboa, uma ao Principe Regente D. João e outra ao Ministro de Estado (13).

Na primeira, depois de descrever o estado lamentavel da Provincia, pede

> 1º — "Que Vossa Alteza Real mande completar o numero de quatrocentos frades concedidos pelo Senhor Rei Dom João Quinto, e que, depois de completo, morto um, se acceite outro.
>
> 2º — Que se suspenda inteiramente a observancia do Breve da Alternativa a respeito da acceitação de noviços, sendo esta livre para todos os vassalos de Vossa Alteza Real, que tiverem vocação para o estado, e tambem a respeito dos estudos, nos quaes deverão entrar os melhores estudantes.
>
> 3º — Quanto ás Prelazias pelo bem da paz se observe por ora a dita Alternativa, e emquanto houverem Religiosos europeus dignos para ellas".

Na segunda Representação ao Ministro de Estado, o mesmo Procurador Frei Antonio da Victoria expõe as lamentaveis consequencias da Alternativa, de que logo abaixo daremos.

Nenhum resultado tiveram estas Representações, nem siquer resposta encontrámos no archivo.

E' verdade que tres annos depois, em 1º de Setembro de 1799, o Principe Regente autorizou a recepção de 30 noviços, independentemente da Alternativa. Declara que o fazia "attendendo aos muitos e bons serviços que a Provincia da Conceição do Rio de Janeiro tem prestado a Deos e ao Estado", apesar de o Estado poder difficilmente dispensar, no momento presente, braços para sua defesa e augmento.

---

(12) Item III, fls. 134.
(13) Rev. Inst. Hist., 1902, I parte, pag. 289.

Todavia, não nos parece tão desinteressado o acto de D. João, posteriormente VI. E' que quinze dias antes havia agradecido ao Provincial a remessa de plantas para o Museu Real, dizendo que esperava outras. Cremos, por isso, que a esperança de obter mais plantas do Brasil foi o que determinou o acto do Principe; não o pedido dos frades (14).

Mas já é tempo de nos occuparmos com as consequencias da Alternativa.

Antes de tudo, ella estabeleceu uma linha divisoria entre os Religiosos brasileiros e portuguezes. Essa accentuada rivalidade, existente entre elles desde o principio do seculo XVIII ou talvez já antes, longe de se extinguir, era alimentada e, por assim dizer, officializada pela dita lei. Com isto, a caridade fraterna soffria um golpe sensivel. E' preciso considerar o coração humano como de facto é e não como deve ser, para aquilatar as perturbações da paz que por qualquer motivo e em frequentes occasiões podiam surgir.

Accresce que os Religiosos brasileiros gozavam da sympathia do povo e de seus representantes; os portuguezes, por sua vez, encontravam apoio nas autoridades que encarnavam o supremo poder. Só o saber isto era sufficiente para provocar attritos, ciumes, malquerenças. Que de facto essa protecção produziu episodios escandalosos no periodo de 1716 a 1726 relatámos no capitulo IV. O caso, porém, mais patente de como era prejudicial a predilecção por um ou outro partido deu-se no tempo do Vice-Rei D. Luiz de Vasconcellos. Por infracção da Alternativa, o Provincial não sómente foi censurado de "um premeditado animo de aniquilar o partido portuguez", mas foi deposto e declarado inhabil de voz activa e passiva. Ao mesmo tempo o Vice-Rei não teve escrupulo de ordenar o que tambem infringia a Alternativa.

---

14) Tombo III, fls. 147 e 147 v.

Semelhante procedimento despotico e injusto para com os brasileiros não era proprio para cimentar a união e confraternizar os irmãos que viviam debaixo do mesmo tecto.

Comtudo, e apraz-nos dizê-lo, depois de 1726 nunca mais houve, de parte a parte, explosões violentas de nativismo. Não as houve no tempo do severo Reformador D. Frei Antonio de Guadalupe, nem no tempo do maior florescimento, nem, emfim, no declinio da Provincia. Não cessaram, como temos visto, as tentativas de se conseguir a abolição da Alternativa; mas, frustrados os esforços, os Religiosos se accommodaram, esperando tempos melhores, que, infelizmente, nunca despontaram.

Outra consequencia da Alternativa era a acceitação de elementos menos dignos.

No tempo em que não faltavam as vocações, tanto no Brasil como no reino, a Alternativa pôde ser observada sem prejuizo de um e de outro partido. A Provincia florescia, chegando o seu numero de membros a 481 em 1764.

As coisas, porém, mudaram radicalmente em 1780, com a intervenção do Vice-Rei D. Luiz de Vasconcellos. O Provincial foi deposto por ter acceitado 24 brasileiros, dos quaes 20 já eram professos, e 18 portuguezes, isto é, seis menos do que a Alternativa mandava. Em virtude de um ukase do Governo, a Provincia teve de demittir os quatro noviços brasileiros e completar o numero de 50, concedido pela Rainha, com portuguezes. Estes ficaram, portanto, com 30, os brasileiros com 20. Mas com esta infracção da Alternativa o Vice-Rei não se importava.

Pois bem. Desde então rarearam as vocações, primeiro do reino e em seguida tambem do Brasil. Para encher os claros que a morte abria e para um partido não ficar inferior ao outro, faziam-se recepções sem o necessario escrupulo com relação ás qualidades do candidato, o que, em lugar de beneficiar a Provincia, apressava a sua decadencia.

Passamos a transcrever uma parte da segunda Representação, a que já nos referimos, feita ao Ministro de Estado pelo Procurador em Lisboa, que, melhor do que nós

o poderiamos fazer, descreve a situação com referencia aos portuguezes.

"Vossa Excellencia sabe muito bem, que nenhum europeu que tem um pedaço de pão para comer, quer ir ser frade no Brasil, e por este motivo procuram-se os miseraveis, sem educação e sem latinidade para se mandarem, de sorte que todos quantos apparecem, q querem ser Frades, aproveitam-se, fazendo a Provincia a despesa de os vestir, ainda com roupas seculares, para embarcarem, pagando a passagem, dando-lhes todo o necessario para o estado religioso.

Daqui nasce aproveitarem-se uns desta indulgencia para passarem ao Brasil, para mudarem depois de parecer, e procurando outro modo de vida, perdendo a Provincia toda a despesa. Outros, que recebem o habito, como são quasi comprados, e por se evitar os mesmos prejuizos, tem o noviciado á vontade, soffrendo-se-lhes tudo por necessidade.

Como a maior parte destes individuos apenas tem uns leves principios da lingua latina, não podem fazer progressos nos estudos, porém assim mesmo entram para alternar o numero dos Collegiaes, ficando preteridos muitos brasileiros bellos estudantes, que podiam aproveitar, e este mesmo regulamento se observa na repartição das cadeiras".

Não são necessarias longas reflexões para deduzir desta exposição que a Provincia preparava a sua propria ruina com semelhantes vocações, a que se via obrigada a recorrer em virtude da Alternativa.

Em que condições se achavam as vocações brasileiras? Diz o Procurador na mesma Representação o seguinte:

"Hoje não ha verdadeiras vocações para o estado religioso, quasi todos o procuram por modo de vida, e principalmente no Brasil, onde faltam os empregos em que os paes arrumem seus filhos. Debaixo deste principio parece que se faz uma injustiça aos brasileiros, privando-os deste beneficio, quando seus paes são os que sustentam e vestem todos os Religiosos daquelle continente, e reparam seus Conventos".

Confessamos piamente que mais do que o Procurador diz com relação ás vocações de portuguezes entristece-nos este topico. Patrocinar a revogação da Alternativa para que os paes brasileiros tenham onde "arrumar" seus filhos? Ser injustiça privar estes filhos deste "beneficio"?

Motivar a pretensa injustiça com as esmolas com que os Religiosos se sustentam?

Que triste situação a da Provincia, no fim do seculo XVIII, si um Procurador, a quem competia zelar pelo bem da corporação junto á Corôa, ousa expôr taes idéas perante um Ministro de Estado!

E não pense o leitor que neste caso a Alternativa era um beneficio porque difficultava essas "arrumações". Concedemos que este beneficio pudesse resultar num caso particular, mas não em geral. Era o proprio systema alternativo que por sua natureza devia produzir como consequencia a recepção de elementos menos dignos, para equilibrar o numero de candidatos do outro partido, talvez optimas vocações.

Tenha-se presente tambem o que acima ouvimos dizer o Procurador, com relação aos noviços portuguezes (o que naturalmente acontecia tambem quanto aos brasileiros), isto é, a nimia indulgencia e liberdade durante o tirocinio, para não debandarem, e o leitor não mais duvidará de que a Alternativa contribuiu com um bom quinhão para a decadencia da Provincia.

Concluindo as nossas considerações sobre a Alternativa, resta assignalarmos brevemente mais uma consequencia. Foi o depauperamento do organismo monastico, pela falta de novos elementos.

Tambem esta consequencia se manifestou em toda a sua extensão nos ultimos decennios do seculo XVIII. Não queremos voltar ao que foi dito no capitulo VII. Basta lembrar que o numero de Religiosos da Provincia do anno de 1777 a 1796 baixou de 310 a 216, incluindo os sete apostatas. E' verdade que nisto influiu poderosamente a prohibição do noviciado no tempo do prepotente Marquez de Pombal. Mas, quando a Rainha autorizava nova recepção, esta ficava prejudicada em grande parte pela lei da Alternativa.

Resumindo, dizemos: A Alternativa fomentou a discordia, facilitou a entrada de elementos menos dignos e contribuiu para a diminuição do pessoal em geral.

Ella foi de todo abolida por Decreto de 5 de Agosto de 1828, como a seu tempo dissemos. Mas era tarde para nessa época trazer beneficios á Provincia.

Os titulos e isenções

Passemos agora a examinar a terceira causa principal da decadencia. Não se admire o leitor si assim chamamos ás honrarias, que, para recompensar benemerencias, concediam os Estatutos e as autoridades ecclesiasticas e civis. Eram os titulos, privilegios e isenções. Que no Convento de Sto. Antonio, como em toda a Provincia, houve Religiosos merecedores de gratidão, está fóra de duvida, e que a manifestação externa de reconhecimento pode ser um estimulo para o beneficiado e outros, não negamos. E' porque tambem os Religiosos são homens sujeitos a influencias externas. Mas não é menos verdade que as honrarias lisonjeiam o amor proprio e que as isenções favorecem as tendencias do homem a uma mal entendida liberdade. Nisso é que está o perigo.

O haver titulos e isenções foi sempre de uso na Provincia. Os proprios Estatutos concediam-nos em certos casos. No principio do seculo XVIII, porém, ou talvez já antes, veiu a introduzir-se o abuso de Religiosos, para arranjar um premio por serviços que julgavam ter prestado, procurarem honrarias junto ás Autoridades de Roma, sem saberem os Superiores immediatos. O Provincial viu-se, então, constrangido a pedir a intervenção da Corôa. Alcançou o que desejava, mas foi mal succedido em outro sentido. Desde então a Metropole julgou-se com o direito ao Beneplacito.

Talvez fosse em consequencia desse passo do Provincial que o Capitulo de 1710 estabeleceu que ficariam excluidos dos cargos e prelazias os que tivessem obtido o titulo de Padre da Provincia ou o privilegio de conventualidade ou de habito retento (15). O Capitulo de 1719, por sua vez, publicou a Bulla de Clemente XI, de 20 de Agosto de 1718, com que o Papa derrogava as graças e privilegios

15) Tombo I, fls. 141.

concedidos aos Religiosos das Provincias do Brasil (16). Provavelmente foi a instancias dos Superiores que o Papa publicou esta Bulla.

Até aos primeiros decennios, pois, do seculo XVIII notamos a reacção da Provincia contra os titulos e privilegios.

Este estado de coisas, porém, não durou muito tempo. Em seguida eram os proprios Superiores que fraqueavam. Haja vista o Capitulo de 1732, que distribuiu graças a granel, de modo que pode ser chamado o Capitulo das graças. Contamos nas suas actas nada menos de uns quarenta titulos, graças e privilegios concedidos, enchendo o seu registo tres folhas e meia do livro do Tombo (17).

Em tempos posteriores procedia-se da mesma maneira; a mania dos titulos com as inherentes isenções tornou-se um cancro na Provincia. Nos Capitulos nota-se uma certa reserva na concessão de privilegios, mas tanto mais os frades arranjavam o titulo de Ex-Provincial, de Ex-Definidor, de Padre da Provincia ou outro por fóra, e a não ser um ou outro caso, nenhum esforço se fez para restringir o mal. Si até houve um Religioso com o titulo de Ex-lente do grego, lingua que nunca ensinou nem sabia...

Depois da transferencia da Côrte para o Brasil, então, começou a derramar-se uma verdadeira chuva de honrarias sobre os frades. Eram a Nunciatura e o Governo que as distribuiam liberal e generosamente.

Que o Nuncio podia fazê-lo por Autoridade Apostolica é certo, e que o fazia, ás mais das vezes, por recommendação de outros, tão pouco duvidamos. Ahi está o celebre caso, já noticiado em outro capitulo, da nomeação de um dos frades para Monsenhor, que ao depois soube tão mal corresponder á honraria recebida.

Devemos, porém, desconhecer em absoluto este direito ao poder temporal. Era abuso imperdoavel fazer o Governo nomeações sem ter respeito a qualidades moraes e, sem a minima ceremonia, declarar aos Superiores que o

16) Item I, fls. 151 v. — Resumo do Tombo, pag. 26.
17) Item II, fls. 14.

promovido gozaria de taes e taes privilegios. Em 1800 Sua Alteza Real "ordenou" que Frei José Mariano da Conceição Velloso fosse "contemplado como Padre da Provincia em razão do grande zelo e desinteresse com que serviu ao Estado" (18). Serviços ao Estado recompensados com titulo e isenções no Convento! Em 1827, um Ministro, o Conde de Valença, teve o topete de ensinar ao Definitorio que o negocio de privilegios não era materia espiritual e que era de "privativa competencia do Augusto Senhor conceder regalias".

A consequencia desse barateamento de titulos e privilegios com suas isenções foi povoar-se o Convento de Sto. Antonio de frades engraudados. Leia-se o Elencho dos Religiosos, elaborado por Frei Diogo de Freitas, para ver que eram poucos os Religiosos sacerdotes que não gozassem de alguma regalia.

Dizem os theologos que a dispensa é uma chaga aberta na lei: *Dispensatio vulnus legis.* Que dizer, então, si estas chagas se abrem numa communidade religiosa com relação a todos ou quasi todos os Religiosos? Que esperar, si a maior ou grande parte dos frades de um Convento, em virtude de seus privilegios, fica isenta da jurisdicção do Prelado? A lei, no nosso caso as Constituições, os Estatutos, a ordem do dia, serão constantemente violados e a violação sanccionada pelo privilegio.

Ubi non est sepes diripietur possessio — onde falta a cerca a propriedade será arruinada (19). E' o que aconteceu no Convento de Sto. Antonio. A disciplina, a obediencia são uma cerca de defesa contra a mal entendida liberdade; são uma coacção, sim; mas uma coacção semelhante á que a planta soffre quando o jardineiro a amarra a uma estaca, para ella não perecer, coacção para o bem.

Já que os Superiores não podiam mandar mais, porque os subditos não tinham obrigação de obedecer, a disciplina afrouxava-se e, por fim, ia perder-se totalmente.

---

18) Livro das eleições I, fls. 49 v.
19) Eccl. 36, 27.

Uma vez rota a disciplina, ia desapparecendo tambem o espirito religioso, e á medida que este fugia entrava o espirito mundano, o que era a decadencia.

Não se notava isto em Sto. Antonio sempre do mesmo modo, embora sempre tivesse havido o systema das isenções e privilegios. Até 1790 mais ou menos a Communidade era grande e os privilegiados em menor numero. Mas na época em que as graças se tornaram communs e ao mesmo tempo encontravam o organismo combalido pelos outros factores da decadencia, isto é, no principio do seculo XIX, a completa ruina só era questão de tempo. Como podiam os Religiosos, recebidos na Ordem nessa época, sem formação conveniente e sem encontrar uma Communidade observante, tornar-se um elemento regenerador? Não estranhamos nada que em 1796 o Procurador da Provincia em Lisboa, Frei Antonio da Victoria, considerasse os Conventos no Brasil como uma especie de asylos para os paes "arrumarem os seus filhos".

Outras causas

Tendo assim examinado as causas principaes da decadencia, juntemos mais algumas que, em seu conjuntó, não eram menos perniciosas. Era a confusão no recurso ás Autoridades superiores. Recorria-se ao Commissario Geral de Portugal ou de Espanha, ou, desde 1703, ao Procurador Geral dos Descalços, em Roma, ou ao Ministro Geral, que quasi sempre residia em Madrid, ou aos Procuradores Geraes da Provincia em Lisboa. Isto dentro da Ordem. Desde o começo do seculo XVIII, negligenciavam-se as vias de instancia e os Religiosos malcontentes recorriam directamente ao Nuncio de Lisboa, que exercia as funcções de *Legatus a latere*, e, portanto, tinha poder supremo sobre os Religiosos e o exercia pelo tribunal da Legacia, ou recorria-se ao Conselho Ultramarino, ou á Corôa, ou, emfim, á Curia Romana. Não raras vezes os reclamantes eram acolhidos benevolamente, pondo em sobresalto os Superiores no Brasil, que então dirigiam as suas reclamações ás mesmas ou a diversas Autoridades, e

estas se viam obrigadas a dar ordens contrarias ou ao menos a suspender as anteriores.

Nem a constituição de Procuradores em Lisboa atalhou esses males. Que adiantava, si os Religiosos do Brasil não se dirigiam a elles, mas directamente ao Ministro Geral, á Curia Romana, ao Legado Pontificio ou mesmo á Corôa?

Accrescente-se a isso o andamento moroso dos negocios, que tornava impossivel uma solução rapida e satisfactoria. Quando vinha a resposta, o mal já tinha lavrado durante annos, como aconteceu nas perturbações no principio do seculo XVIII; ou, talvez, a causa do recurso já não existia.

A situação da Provincia não era menos precaria, em virtude da praxe que se observava com relação aos Visitadores. Logo no principio, a Provincia era visitada por Visitadores de Portugal, depois por Religiosos da Provincia da Bahia. O Papa Clemente XI, porém, por Breve de 7 de Setembro de 1717, concedeu que os Visitadores fossem escolhidos na propria Provincia (20). O Definitorio apresentava uma lista de tres nomes, dos quaes o Nuncio de Lisboa destinava geralmente o primeiro indicado para desempenhar o officio.

Desta praxe resultavam grandes inconvenientes. O Definitorio naturalmente escolhia a quem era do seu agrado. Os Visitadores não percorriam a Provincia pessoalmente; limitavam-se a visitar os Conventos mais proximos do Rio, mandando para os outros um delegado. Além disso, mostravam-se ás vezes parciaes e acontecia tambem quererem manter-se no governo da Provincia, trabalhando para serem eleitos Provinciaes no Capitulo a que presidiam.

Tudo isto devia criar animosidades, difficultar reformas necessarias, impedir a correcção quando fosse precisa e, por isso mesmo, solapar a disciplina e a vida regular (21).

---

20) Tombo I, fls. 152. — Res. do Tombo, pag. 26.
21) Vita franciscana, 1929, pag. 107; tiramos alguns topicos.

Em resumo: a decadencia e o aniquilamento completo da vida monastica no Convento de Sto. Antonio, no seculo passado (e pensamos que nos Conventos das outras Ordens religiosas foi tambem assim), foi o producto de forças estranhas á Ordem. Estas precederam temporalmente o decaimento da disciplina monastica e do espirito religioso, produziram-no e acompanharam-no com a sua acção destruidora. Foi uma decadencia produzida por um dynamismo de forças de fóra para dentro e não de dentro para fóra. E' a conclusão que forçosamente se impõe a quem considera e aprecia os factos historicamente.

CAPITULO XI

1899 a 1937

Serie dos Superiores; suas obras executadas no Convento — Ultimos annos de Frei João — Restauração do Convento — Sequestro do Convento — Incendio da Imprensa Nacional — Trasladação dos tumulos imperiaes — A fundação da Ordem Terceira no Convento — Continúa a restauração — Tres seculos de existencia do Convento — Festas jubilares do Emmo. Sr. Cardeal — Incendio no morro de Sto. Antonio — O Convento e a guerra européa — A grippe espanhola — Obras no Convento — Visitas honrosas — O dia do "Fico" — Continúa a restauração — Os ossos de Frei Fabiano de Christo — Sagração episcopal — Reformas no interior do Convento — Proseguem as obras de restauração no interior do Convento — O desapparecimento da ladeira — O VII Centenario da morte de S. Francisco — Restauram-se mais dois corredores, installa-se o quarto do porteiro — Duas visitas honrosas — O orgão e outras obras — Dois Centenarios — O almoço dos pobres — A installação do gabinete entomologico e outras restaurações — Frei Rogerio — O dia sete de Setembro — Um hospede illustre — O dia do soldado — O orgão e o mausoléu — Retrospecto

"Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos; nem os meus caminhos são os vossos caminhos, diz o Senhor" (Isaias 55, 8).

Com o simples Aviso de 19 de Maio de 1855 pretendia o Governo Imperial ferir de morte as Ordens religiosas no Brasil, para se apossar de seus bens com o desapparecimento do ultimo frade. Este attentado, porém, não vingou. Aos 15 de Novembro de 1889 baqueou a monarchia, deixando em vida os representantes das Ordens benedictina, carmelitana e franciscana.

A Republica consagrou o principio da liberdade de crença e associação, e com isto criou a possibilidade de as Ordens se reerguerem com novos elementos.

A Ordem que primeiro se valeu da liberdade outorgada pela Constituição foi a franciscana.

Não foi, porém, a nossa Provincia da Immaculada Conceição que tomou a dianteira, mas sim a de Sto. Antonio da Bahia. O seu piedoso Provincial, Frei Camillo de Lellis, de accordo com os outros frades restantes, que eram em numero de quatro, deu os passos necessarios junto á Sta. Sé e teve o prazer de ver nova vida em diversos Conventos.

Da parte de Frei João do Amor Divino Costa, ultimo remanescente da nossa antiga Provincia, não houve iniciativa alguma, desde que se proclamou a Republica, no sentido de restaurar a Ordem em sua circumscripção. E não só isso. Mostrou-se contrario a semelhante idéa quando se fizeram tentativas para entrar em combinações com elle. Receava ser posto de lado ou, talvez, obrigado á observancia da vida commum?

Já haviam decorrido dez annos depois do advento do novo regime politico, quando a habilidade de Mons. Sibilia, encarregado dos negocios da S. Sé, conseguiu firmar um accordo com Frei João.

Desde 1896 os Franciscanos de origem alemã, já tendo algumas vocações brasileiras e com a casa principal na Bahia, estabeleceram-se em Petropolis. O representante da S. Sé propôz a Frei João a incorporação de alguns destes Religiosos na antiga Provincia e, sendo bem succedido, vieram de Roma ordens para dois frades se transferirem para o Convento de Sto. Antonio do Rio. Pelos Superiores foram então designados Frei Diogo de Freitas e Frei Chrysologo Kampmann.

Querendo a S. Sé recompensar os serviços prestados por Frei João á Ordem, agraciou-o com o titulo de Monsenhor de baculo e mitra e Custodio da Terra Santa. O velho Provincial sorria, pois via realizado o desejo desde muito tempo acariciado (1).

1899 a 1920

O anno de 1899 foi, pois, para o Convento de Sto. Antonio e toda a Provincia o "anno de salvação" e o dia, o de 26 Abril. Neste dia Frei Diogo e Frei

1) A fonte do que resumimos neste XI capitulo são os dois livros manuscriptos de chronica moderna do Convento.

Chrysologo desceram de Petropolis, dirigiram-se ao palacio do Sr. Arcebispo D. Joaquim Arcoverde e foram conduzidos pelo Vigario Geral Mons. João Pires de Amorim, ao Convento de Sto. Antonio, onde os esperava Frei João. Em 5 de Junho lavrou-se o contrato de sociedade, que em seguida sahiu publicado no Diario Official.

De accordo com este contrato, associou-se por meio de profissão solenne emittida nas mãos de Frei João, no dia 19 de Março de 1901, o Religioso leigo Frei Patricio Tuschen. Deste modo, visto Frei João costumar residir fóra, ficou formada tambem a communidade: *Tres faciunt collegium.*

Frei Diogo nasceu na Feira de Sant'Anna (Bahia) a 1º de Janeiro de 1870, vestiu o nosso habito no dia 1º de Novembro de 1894 no Convento da Bahia e ordenou-se sacerdote aos 29 de Novembro de 1896. Depois de nomeado Guardião, dirigiu os destinos do Convento de Sto. Antonio do Rio até 1920, em attenção ás circumstancias.

Não faz muito tempo, disse um bispo, ao presenciar o movimento religioso em nossa igreja, que o Convento era um "oasis". Em 1899 os Religiosos podiam dizer que era uma "ilha perdida no vasto mar". Por esta razão, as manifestações externas de vida da pequena communidade limitavam-se a muito pouco. Os sacerdotes celebravam a S. Missa, ouviam em confissão as poucas pessoas que se apresentavam, e prestavam o seu auxilio, como confessores, em diversos collegios. Não deixaram de festejar a Sto. Antonio e a S. Francisco. O resto eram os actos de communidade e estudo. Convém, comtudo, não esquecer o serviço que, a pedido do sr. Arcebispo, o Guardião prestou, em 1900, aos atacados de peste bubonica, no hospital "Paula Candido". no lugar chamado Jurujuba, no Sacco de S. Francisco, e a assistencia espiritual aos variolosos, em 1904.

Em 11 de Agosto abriu-se uma escola gratuita no salão que os antigos chamavam *De profundis* e funccionou até ao sequestro. Depois foi reaberta e de novo supprimida em 1914 pela irregularidade da frequencia. Era frequen-

tada por uns 40 a 50 meninos do morro, sem educação, crescidos ao léu, muito mal comportados.

Apesar do estado ruinoso em que se achava o Convento, Frei Diogo não pôde iniciar a sua restauração. Faltavam os recursos, e depois, ahi estava Frei João, cujos melindres era preciso poupar.

Ultimos annos de Frei João

Frei João era homem de natureza robusta. Assistimos-lhe quando, em 1900, todo garboso, vestido de Monsenhor, com a insignia de Custodio no peito, se dirigia á praia do Flamengo para celebrar a S. Missa na presença do Corpo Diplomatico, por occasião da inauguração do monumento no Largo da Gloria. Desde então, porém, a velhice se fez sentir com frequentes achaques e depois de 1907 Frei João começou a declinar a olhos vistos. Morava em residencia particular á rua da Carioca. Mas em principios de 1907, julgando encontrar melhoras, alugou em Copacabana modesta casa. Ahi o visitámos em 1909. Frei João recebeu com agrado a noticia da reoccupação de nossa igreja em S. Paulo e obsequiou-nos com seu retrato. Tornando-se o seu estado alarmante, foi de novo transportado para a rua da Carioca, onde falleceu no dia 7 de Dezembro do mesmo anno.

Os Irmãos Terceiros, de quem tinha sido Commissario durante quasi quatro decennios, celebraram solennes exequias no dia 9 e deram sepultura a seu corpo embalsamado no cemiterio da Ordem, de modo que Frei João é o unico da antiga geração que não está sepultado no Convento.

Restauração do Convento

Morto Frei João, Frei Diogo procedeu á restauração do edificio. A S. Sé exigia, com razão, a venda de todas as Apolices, visto não permittir a Regra franciscana rendimentos fixos. Com o resultado, pois, desta venda, que se effectuou em parcellas, o Guardião obteve os recursos materiaes para iniciar a grande obra da restauração. O trabalho começou nos ultimos dias de 1909. Por fóra tratava-se de levantar a ma-

ralha da clausura, depois de desoccuparem o terreno as 17 familias intrusas que tinham os seus casebres nas immediações do Convento. Para a construcção do muro, Frei Diogo aproveitou o material do edificio da antiga enfermaria e de seus baixos, assim como das casas que no morro se achavam em frente da bibliotheca, que tudo mandou demolir. Da mesma forma, deitou abaixo a casa em frente do Convento, no fim da ladeira, onde se aboletara o commandante do batalhão aquartelado no Convento. No interior do Convento executaram-se no correr de 1910 as seguintes obras: Foram retelhados o Convento, igreja e sacristia e outras dependencias, o lado do Sul do Convento, e a igreja com telhas francezas. Abriram-se janellas em cima das portas das cellas, para lhes dar ventilação, e duas no corredor dos fundos. Installaram-se privadas e banheiros em ambos os andares.

Depois de acabadas estas obras, houve uma pequena interrupção.

Foi ainda no anno de 1910 que se procedeu á fundação da "Pia União de Sto. Antonio". Com data de 1° de Julho, o Revmo. P. Geral transferira para este Convento o Centro Nacional dessa Associação, que anteriormente funccionava na igreja de Sto. Antonio de S. Paulo, e aos 4 de Outubro estabeleceu-se esse centro em nossa igreja pelos esforços de Frei Egydio de Assis.

Desde então a Pia União tem tomado um incremento constante e dedica-se á caridade para com os pobres, distribuindo mensalmente mantimentos a trezentos protegidos.

Em Abril de 1911 começou-se a installação da luz electrica, sendo inaugurada no dia de Sto. Antonio ao cantar-se o *Te Deum* no encerramento da festa. De par com a installação da luz andou a restauração da sala do Capitulo. Foi ella posta em communicação com o saguão da portaria, servindo de passagem a antiga capella de Sto. Aleixo. Dentro do salão foram removidas as sepulturas e os trastes velhos, assoalhado o chão e limpas as paredes en-

negrecidas. De immundo que era tornou-se um salão agradavel, proprio para reuniões. Foi inaugurado tambem no dia 13 de Junho, com larga distribuição de mantimentos aos pobres.

Aos 30 de Abril do mesmo anno abriu-se na igreja uma aula de catecismo.

Nesse tempo a communidade constava de quatro sacerdotes e tres Irmãos leigos, sendo um destes, Frei Feliciano Schlag, architecto de profissão, quem dirigia as obras da restauração.

Sequestro do Convento

Passemos agora a occupar-nos com o mais importante acontecimento, não só no correr do anno de 1911, mas em todo o perpassar da historia do Convento e que a Chronica da casa taxa de "revoltante ousadia e inqualificavel injustiça". E' o sequestro do Convento por ordem do Governo Federal. Diz o poeta alemão: "O que herdaste dos teus antepassados, adquire-o para possui-lo". Não tem, por certo, esta sentença applicação literal aos Religiosos e muito menos aos Franciscanos. Todavia, estes tiveram de readquirir a posse mansa e pacifica do patrimonio material por meio de longo pleito judicial com todo o sequito de aborrecimentos e inquietações.

Seria encher muitas paginas, si quizessemos transcrever tudo quanto se lê na Chronica do Convento sobre o sequestro. Limitamo-nos a dar um resumo.

No dia 4 de Setembro de 1911, pelas duas horas e meia da tarde, a communidade foi surprehendida por uma ordem do Governo mandando proceder ao sequestro do Convento. Apresentaram-se o sr. 2º Procurador da Republica, dr. Albuquerque Mello, e o Director do Patrimonio Nacional, dr. Alfredo Rocha. Vinham acompanhados de numerosos individuos destinados a arrombar portas e a prender Religiosos no caso de resistencia.

O arrolamento do pouco que havia no Convento foi feito sem incidentes, apesar da insolencia, falta de educação e das offensas aos sentimentos religiosos dos frades, da

parte do Director do Patrimonio. Sua senhoria não pouco contrariado ficou por não encontrar no archivo os documentos que tanto desejava subtrahir, para privar os Religiosos dos meios de legitima defesa.

Concluindo o seu trabalho, exigia o dr. Rocha em altas vozes que a Communidade deixasse o Convento na mesma tarde, o que, porém, não se effectuou, graças á intervenção do 2º Procurador da Republica. Ficou o Convento sob a guarda do sr. Mario de Azevedo Coutinho, com duas praças de policia ás suas ordens. Dispensou-as, porém, no dia seguinte, convencido de que os frades não eram tão maus como pretendia o turbulento Director.

Nesse mesmo dia o dr. Alfredo Rocha voltou ao Convento e como visse os Religiosos com pouca vontade de sahir, intimou-os de novo a que se retirassem no dia seguinte ás 4 horas da tarde.

Entretanto, a noticia do attentado se espalhara pela cidade, principalmente por um convite que fez a "União Catholica Brasileira" pelos jornaes, convidando os catholicos a comparecerem ao acto da expulsão dos Religiosos. Resultou uma verdadeira romaria desde as 7 horas da manhã, bella manifestação de solidariedade. No mesmo dia começavam tambem a affluir de fóra telegrammas e cartas de Bispos e outras pessoas de destaque e de Associações, protestando contra o esbulho.

O Exmo. Sr. Presidente da Republica, por sua vez, informado do que se praticou por determinação do Ministro da Justiça, deu ordens terminantes para que ficasse sem effeito o mandado de expulsão, e o proprio dr. Alfredo Rocha foi incumbido de levar isso ao conhecimento dos frades. Na hora, pois, que determinara para a sahida da communidade, veiu elle em companhia do nosso Syndico Dr. Hosannah de Oliveira, não para bradar, mas para com palavras cortezes dizer que os frades podiam ficar, que a questão seria resolvida judicialmente.

A questão, pois, seguiu os tramites legaes. A nossa defesa foi confiada ao eximio jurisconsulto Dr. João M. de

Carvalho Mourão. Muito contribuiram para um bom desfecho os discursos no Senado e na Camara, os luminosos pareceres de jurisconsultos e outros muitos artigos em jornaes, todos unanimes na defesa dos direitos do Convento.

Em que, afinal, se estribava o Governo em suas pretensões? Primeiro, dizer Governo não é exacto. O proprio Presidente da Republica não sabia bem de que se tratava, quando foi procurado pelo nosso Syndico. Affirmou que lhe haviam dito que o Convento de Sto. Antonio era do Governo. O Ministro do Exterior, Barão do Rio Branco, por sua vez, foi pessoalmente exprimir ao Exmo. e Revmo. Sr. Nuncio o seu pesar.

Não foi o Governo, não. Foi a conspiração de tres ou quatro pessoas, a cuja frente se achava um certo advogado muito chegado á pessoa de Frei João. Julgavam obter tambem uma migalha ao arranjar para o Governo tão avultada propriedade.

Os argumentos, então, de que se serviram eram as doutrinas velhas da "mão morta" do tempo da monarchia e para applicá-las impugnaram a validade da reconstituição da Provincia.

No dia 16 de Setembro, o nosso advogado Dr. Carvalho Mourão oppôz embargos ao sequestro, cuja leitura mereceu de notaveis jurisconsultos as mais elogiosas referencias.

Tendo o 2º procurador da Republica contestado os embargos, o nosso advogado conseguiu nas razões finaes esclarecer de tal modo o recto espirito do meritissimo Juiz Federal Dr. Raul Martins, que este, de posse dos autos, depois de tres mezes de acurados estudos, reconheceu a procedencia dos embargos e condemnou a União nas custas. Isto foi no dia 1º de abril de 1912.

Estava ganha a primeira etapa da victoria.

O Juiz Federal, como era o seu dever, appellou de sua propria sentença para o Supremo Tribunal. Este não tinha pressa em liquidar a questão. Passaram-se longos seis annos e ninguem mais falava desse assumpto, quando, aos 7

de Julho de 1918, sahiu publicado o Accordão em que os supremos magistrados do paiz unanimemente negaram provimento á appellação, confirmando a sentença appellada. Tinha o Governo ainda o recurso de aggravo, mas, sem esperança de o Supremo reconsiderar o seu *veredictum*, desistiu e mandou levantar o sequestro no dia 16 de Abril de 1919.

Triumphou, afinal, a justiça, e os Religiosos continuaram e continuam na posse mansa e pacifica do que por via de successão herdaram dos seus antepassados.

O incendio da Imprensa Nacional

Tornemos agora ao anno de 1911. Apenas onze dias depois do Sequestro, pelas 11 horas da noite de 15 de Setembro, irrompeu violento incendio no edificio da Imprensa Nacional, reduzindo a cinzas todo o interior dentro de uma hora, com prejuizos enormes para a União. Providencial foi a preservação do Convento, que pela pequena distancia certamente teria sido envolvido, tal a impetuosidade das chammas, si um vento frio e protector não as houvera desviado para o lado opposto.

Espectaculo tão grandioso difficilmente se terá presenciado em toda a crueza de sua triste realidade. A luz que se projectava no Convento e em toda a parte fronteira do morro era tão intensa, que, apesar de chuvosa e escura a noite, distinguia-se o menor objecto ao alcance da vista. Incalculavel multidão de curiosos se agglomerava pelos caminhos do morro, emprestando-lhe o aspecto de um amphitheatro.

O Guardião Frei Diogo, com licença do depositario, permittiu que no dia seguinte os poucos objectos salvos do incendio fossem collocados no antigo refeitorio do Convento, para poder ser impresso o "Diario Official". Mas comparecendo, no dia 18, o Dr. Hosannah de Oliveira, nosso Syndico, mais sabedor talvez do que são installações provisorias, não esteve pelos autos e conseguiu fosse o refei-

torio de novo evacuado. Permaneceu, porém, uma secção numa casa que não fôra demolida e que ficava á entrada do portão que dava para o morro.

Trasladação dos tumulos imperiaes

Acontecimento bem significativo para este Convento — lê-se na Chronica da casa — foi de certo a trasladação dos restos mortaes da ex-familia imperial do Brasil, do Convento de N. S. da Conceição da Ajuda para o de Sto. Antonio. Motivou esta mudança a venda daquelle velho Convento a um syndicato americano e a consequente retirada das Religiosas para outro local. Não havendo deposito apropriado para estes preciosos restos, a pedido de Mons. João Pires de Amorim e do sr. procurador dos Srs. Condes d'Eu, General Guilherme Lassance, os Religiosos não tiveram duvida em franquear-lhes seu tecto, tanto mais que os Franciscanos guardam os tumulos de D. João Carlos Borromeu, filho de D. Pedro I, e o dos principes D. Affonso e D. Pedro Affonso, filhos de D. Pedro II.

Tratava-se da trasladação dos despojos de D. Maria Leopoldina, nossa primeira Imperatriz, de D. Paula Marianna, sua filha, e de uma filhinha (feto) de D. Isabel, a Redemptora.

Esta trasladação se effectuou no dia 9 de Novembro de 1911, com grande apparato e solennidade, promovida pelo sr. Coronel Dr. Agostinho Raymundo Gomes de Castro, que por essa occasião pronunciou longo e eloquente discurso allusivo ao acto.

No dia seguinte, ás oito e meia da manhã, veiu Mons. Amorim, então Governador do Arcebispado, celebrar o santo Sacrificio da Missa em suffragio ás almas dos imperiaes fallecidos. Estiveram presentes algumas poucas familias de velhos monarchistas, entre os quaes o Dr. João Alfredo Correia de Oliveira e o Marquez de Paranaguá.

Desde alguns annos o tumulo de D. Leopoldina tem sido visitado officialmente todos os annos no dia 7 de Setembro ou no dia anterior. Vinha a Exma. Sra. esposa do Presidente da Republica, em companhia de pessoas de des-

taque no mundo politico ou social e de numerosa comitiva, prestar homenagem á grande amiga do Brasil, uma das pessoas que mais efficazmente influiram sobre o espirito de D. Pedro I para proclamar a independencia.

Os Religiosos, por sua vez, quizeram preparar á nossa primeira Imperatriz um digno lugar de descanso. A este fim construiram de 1936 a 1937 um mausoléu nos fundos do Convento, imitando uma crypta. (Veja o capitulo: Outras preciosidades historicas).

A fundação da Ordem Terceira no Convento

A terceira Instituição do Seraphico Pae S. Francisco, a Ordem secular da Penitencia, tem sido sempre a menina dos olhos da Igreja e de nossa Ordem. E' porque seu escopo é formar christãos catholicos que o são de verdade. Os longos annos de sua existencia (são mais de 700) revelaram, á saciedade, a sua efficacia neste sentido. Grande é a phalange de seus Santos e innumeros são os catholicos que, abraçando a Regra dessa Ordem, elevaram-se acima do nivel commum dos que vivem no mundo. Leão XIII chamava a Ordem Terceira franciscana a sua reforma social.

Existe, desde 1619, a Ordem Terceira da Penitencia ao lado do Convento, possuidora de avultados bens e inexcedivel na caridade aos doentes e desamparados no modelar hospital na Tijuca e no ambulatorio no largo da Carioca, e na administração de ensino na escola Padre Motta, na Prainha.

Quizeram os Religiosos estabelecer no Convento uma Fraternidade da Ordem que, não acumulando bens materiaes, se dedicasse sobretudo ao cultivo da vida christã, na observancia da Regra.

A essa fundação deu-se começo em Janeiro de 1912, com a recepção de 15 noviços e 26 noviças. Ficou estabelecido o quarto domingo do mez para a Communhão geral e a reunião mensal, prescripta pela Regra, de modo que aos 28 de Janeiro desse anno houve a primeira reunião. A erecção canonica se fez aos 15 de Dezembro do mesmo anno

com recemprofessos que privadamente haviam sido recebidos. A alma de tudo era Frei Ignacio Hinte, que com dedicação dirigiu a sua obra até 1926.

No correr dos annos a Fraternidade dos Terceiros tem augmentado extraordinariamente, rivalizando os Irmãos com as Irmãs em numero e frequencia nos actos e exercicios da Ordem.

Emquanto os Irmãos da antiga Penitencia conservam até hoje para seus habitos a côr preta, os Terceiros do Convento adoptaram a côr marron, que é a universal em toda a Ordem franciscana. E nesses habitos tomam parte, incorporados, na grande procissão de *Corpus Christi* e os Irmãos tambem em outras occasiões, dando á cidade do Rio de Janeiro publico testemunho de sua profissão na humilde Ordem da Penitencia.

Continúa a restauração

Tendo o Convento ganho, em primeira instancia, a questão do sequestro e estando tudo em paz, reencetaram-se, aos 9 de Julho de 1912, os trabalhos de restauração. Foram levantados altos andaimes e todas as paredes, depois de raspadas, pintadas e renovado o estuque.

Tambem as paredes interiores das quadras do claustro soffreram concertos. Em tres dellas existem originaes confessionarios, baixos nichos, cavados na parede. Por ahi se espalhavam, em tempos de fervor religioso, os homens para fazerem a sua confissão, *vis-a-vis* aos pés do sacerdote sentado no nicho. Esses confessionarios originaes foram tapados, o que os amantes das tradições lamentavam, principalmente porque constituiam uma singularidade não encontrada em outra parte. Por este motivo resolveu-se repristiná-los em Janeiro de 1937, e ahi estão com a sua bella concha de estuque na abobada a provocar a curiosidade dos visitantes. (V. estampa nº 8).

No chão das quadras do claustro foram fechadas as sepulturas. Na quadra dos Religiosos era facil. Nas outras o Guardião mandou tirar as campas de madeira, collocar

em seu lugar os fios de pedra das sepulturas da igreja e tomar as juntas com cimento.

No fim do anno procedeu-se á collocação de vidraças nas janellas.

Além disso, foram executados trabalhos importantes na igreja, que havemos de referir em outro lugar.

Houve em 1912 na igreja do Convento 5.194 confissões; communhões 9.886; primeiras communhões 73 e fizeram-se 240 visitas a enfermos. Bom e constante progresso.

Em dias de Janeiro de 1913 o Convento foi ameaçado de ficar sem agua, querendo-se-lhe tirar o annel concedido pelo Governador Ayres de Saldanha e confirmado por Provisão Regia de 3 de Julho de 1742. Felizmente, á vista dos documentos, tudo ficou na mesma, como já noticiámos no capitulo V.

No principio do mesmo anno pôz-se remate ás obras executadas no claustro, com o ajardinamento do pateo. Desappareceram as lages que cobriam o chão, desappareceu o aspecto imponente e grandioso; mas lucrou o pateo em amenidade; a vista deleita-se nesse verde exuberante das plantas e palmeiras.

Tambem o jardim ao lado da sacristia passou por bons melhoramentos e foi construida ahi uma espaçosa estufa para resguardo das plantas mais delicadas. Houve ainda concertos no salão que outrora era a cella de Frei Sampaio, com o fim de nelle se installar a bibliotheca, o que effectivamente se fez e já noticiámos em outro lugar.

O anno de 1914, diz a Chronica, correu suavemente para o Convento. Os sacerdotes continuavam desenvolvendo a sua actividade em todos os ramos de seu sagrado ministerio. As confissões chegaram a 14.624 no Convento. Que mudança em cinco annos!

Tres seculos de existencia do Convento

O dia 7 de Fevereiro de 1915 assignalava o terceiro seculo de existencia do Convento de Sto. Antonio, ou, mais precisamente, da installação da primeira communidade. Era justo que fosse celebrado condignamente. Os preparos para o grande festival foram feitos com muita previdencia.

No dia sete, domingo, todos os diarios da Capital trouxeram artigos e vistas do Convento, celebrando as suas gloriosas tradições e o seu reerguimento depois dos longos annos de decadencia.

O Convento e a igreja achavam-se por fóra ornados com apurado gosto de bellas flores naturaes, festões, bandeiras, galhardetes e grinaldas de folhagens, formando um conjunto das cores nacionaes verde e amarella. Tambem o interior da igreja estava ornado, principalmente os altares, de accordo com a grandeza do dia.

Houve Missa pontifical celebrada por sua Emcia. o Cardeal D. Joaquim Arcoverde, que á porta da igreja foi recebido e conduzido debaixo do pallio pelo Illmo. Cabido e os Religiosos. A' estação do Evangelho fez-se ouvir o notavel orador sacro e conferencista padre Dr. Julio Maria, da Congregação dos Redemptoristas, que durante tres quartos de hora prendeu a attenção do auditorio, discorrendo com rara felicidade sobre o acontecimento do dia.

O côro esteve a cargo dos jovens Religiosos theologos de Petropolis.

Para offerecer aos bemfeitores uma lembrança do faustoso dia, Frei Diogo publicou um folheto de 60 paginas em formato pequeno, contendo um resumo historico do Convento e illustrado de dez gravuras.

Festas jubilares do Emmo. Sr. Cardeal

Em Outubro do mesmo anno de 1915 occorreram as festas jubilares episcopaes de sua Emcia. o Sr. Cardeal D. Arcoverde. Tambem o Convento de Sto. Antonio teve a honra de contribuir para o brilhantismo dessas festas. A Commissão promotora resolvera dar um grande jantar aos pobres e escolheu para isso, com licença da Sta. Sé e dos Su-

periores nossos, o claustro do Convento. Realizou-se o jantar no dia 27 de Outubro, ás 5 horas da tarde, sob a presidencia do Emmo. Purpurado, e tomaram parte 400 pobres.

A Commissão fizera tudo para tornar brilhante esta parte do vasto programma, ornamentando o claustro e illuminando-o com tal arte e profusão de luzes que o aspecto do velho Convento era realmente feerico. Tambem toda a sua fachada esteve illuminada com focos electricos.

Incendio no morro de Sto. Antonio

No Capitulo IX, quando tratavamos da venda do morro de Sto. Antonio, dissemos, finalizando, que o morro tem sua historia accidentada. E agora vamos contar mais uma peripecia por que passou no anno da graça de 1916.

Naquelle tempo o morro estava habitado por uma povoação de cerca de 4.000 habitantes de toda a catadura, gente boa e gente ruim, e ahi viviam em seus casebres de taboas de caixotes e folhas de lata: sem agua, sem esgotos, sem policiamento. Imagine-se um incendio a lavrar por esses pardieiros. E foi o que se deu ás 9 horas da noite no dia 25 de Maio do dito anno, reduzindo o fogo a cinzas um quarteirão inteiro com uns duzentos casebres. Graças a Deus não se registou desastre de importancia, além de pequenas queimaduras e contusões na lufa-lufa do salvamento.

Desde havia muito a opinião publica condemnava as habitações no morro, que começaram a fazer-se depois que o batalhão sahiu do Convento, em 1901, e depois que o Governo mandara limpar o morro do Pinto. Toda a imprensa clamava tambem, mas o certo é que nenhuma autoridade se incommodava com o morro, onde alguns espertalhões exploravam a pobreza, exigindo aluguel do que não lhes pertencia.

Grande foi a lastima da pobre gente, que de um momento para outro se via sem tecto e sem haveres. Mas felizmente entrou em acção a caridade christã. Muitos donativos foram distribuidos. Só a Irmã Paula recebeu para esse

fim 6 contos de réis do capitalista portuguez Conde de Agrolongo e na portaria do Convento foram distribuidos em dinheiro 2:300$000, sendo 1:500$000 offerecido pelo sr. Portella, proprietario da "Casa Colombo", e o resto entregue pelo Emmo. Sr. Cardeal como producto da collecta nas parochias.

O Convento e a guerra européa

Quem lê o titulo em negrito ao lado, naturalmente perguntará que é que tinha o Convento de Sto. Antonio com a guerra que durante mais de quatro annos infelicitou a Europa. Respondemos desde já: não tinha nada, absolutamente nada. Comtudo, deram-se uns pequenos episodios que agora, depois de vinte annos, não deixam de interessar.

Como é sabido, aos 26 de Outubro de 1917, o Congresso decretou unanimemente, com um só voto discordante, o do deputado pelo Piauhy, sr. Pires Ferreira, o estado de guerra entre o Brasil e o Imperio alemão e no dia 3 de Novembro o populacho atacou, a pretexto do afundamento do vapor ex-alemão "Macau", diversas propriedades de alemães. Tambem o Mosteiro de São Bento foi *visitado,* mas defendido por um pelotão de marinheiros nacionaes. No dia seguinte corria o boato de que igual sorte teria o Convento de Sto. Antonio. O Guardião, Frei Diogo, então, achou prudente requisitar garantias á policia, e prontamente foram dadas. Aliás não teriam sido necessarias, pois a cidade conservou-se calma com o policiamento redobrado. As duas praças, porém, permaneceram guardando o Convento até ao dia 13, quando Frei Diogo as dispensou, agradecendo ao Commandante e elogiando a correcção das ditas praças.

Coisa mais engraçada aconteceu ao proprio Frei Diogo nesses dias em que o nervosismo patriota via espiões e traidores por toda a parte.

Desde cinco annos, autorizado pelo Commandante, ia Frei Julio visitar os soldados doentes no hospital da Brigada Policial. Frei Julio nasceu na Alemanha, mas fez-se na sua juventude frade franciscano no Brasil. Por causa das duvidas, Frei Diogo substituiu-o nas costumadas visitas.

No dia 12 de Novembro, ao desempenhar Frei Diogo a sua missão de caridade, foi convidado a comparecer perante o medico chefe do dito hospital. O que fez este não foi nada mais nada menos do que ameaçar o seu pacato compatriota com prisão, si mais uma vez se atrevesse a comparecer. Os seus olhos esbugalhados e os gestos violentos mostravam que não brincava. Mas o Guardião soube entabolar uma interessante conversa, longa demais para transcrevê-la, em que aos poucos se deu a conhecer e provou que conhecia a Feira de Sant'Anna tão bem como o sr. medico, que se dizia bahiano. Amansou o severo defensor da patria e acabou por manter a licença de Frei Diogo visitar o hospital.

No dia seguinte o medico procurou o nosso Guardião, pedindo desculpas e que se esquecesse do succedido.

O estado de guerra com a Alemanha durou um anno, mas os Religiosos de Sto. Antonio nada soffreram.

A grippe espanhola

Não queremos dizer aqui o que foi essa pandemia que chamavam grippe espanhola ou simplesmente espanhola, que assolou o mundo inteiro e não poupou o nosso paiz; mas tão pouco nos podemos calar de todo sobre um acontecimento tão desolador que victimou na Capital calculadamente 27.000 pessoas. Declarou-se a epidemia nos primeiros dias de Outubro de 1918 e chegou ao auge de 17 a 22 do mesmo mez. A cidade ficou como morta; bancos, commercio, pharmacias, açougues, tudo em sua maior parte fechado e as ruas desertas, silenciosas, só animadas ás vezes por um caminhão da Assistencia ou do Corpo de bombeiros, conduzindo cadaveres. Estes jaziam por vezes durante dias em suas casas e nos cemiterios faltava pessoal para lhes dar sepultura. Para este mister foram depois requisitados os presos e no cemiterio de S. João tornou-se preciso incinerar uma pilha de corpos pelo mau cheiro que empestava o ar. Accrescente-se a isso a falta ou carestia de viveres para se fazer uma idéa dessa immensa calamidade.

No Convento houve sómente dois Religiosos e dois empregados doentes de grippe, mas mui benignamente. Puderam assim os sacerdotes dedicar-se aos outros e fizeram-no. Prestaram os seus serviços espirituaes no hospital da Brigada Policial, no Hospital Central do Exercito, onde a mortandade era grande, e attenderam ás chamadas para casas particulares.

Para o anno de 1919 nada de extraordinario temos a registar. Como foi o ultimo do tempo que Frei Diogo de Freitas exerceu as funcções de Guardião, damos agora a estatistica do movimento religioso do mesmo anno, para se poder aquilatar a feliz mudança que se operou durante os vinte annos de sua gerencia.

Residiam, no fim de 1919, no Convento quatro sacerdotes e quatro Irmãos leigos. Houve confissões no Convento: 12.233; ditas fóra do Convento: 10.520; communhões no Conv.: 19.669; ditas fóra do Conv.: 30.550; visitas a enfermos: 87; primeiras communhões: 320: catecheses: 213; membros da Ordem Terceira: 187; ditos da Pia União de Sto. Antonio: 805.

1920 a 1926

No Capitulo, celebrado aos 10 de Janeiro de 1920, sahiu eleito Guardião Frei Ignacio Hinte. Sua Revma., nascido na Alemanha, tomou o habito franciscano no dia 11 de Fevereiro de 1896, no historico Convento de S. Francisco, da Bahia, e ordenou-se sacerdote no ultimo de Novembro de 1903, em Petropolis.

Obras no Convento

O novo Guardião, assim que assumiu a direcção do Convento, propoz-se a continuar a grande obra da restauração, iniciada e em parte realizada por seu antecessor. Além de alguns melhoramentos de somenos importancia no refeitorio e na cozinha, levantou a muralha nos fundos da casa, sobre os alicerces do edificio que Frei Diogo mandara demolir. Ainda em Dezembro do mesmo anno de 1920, com o voto do Discretorio, deu começo á reforma de toda a igreja, de que no capitulo seguinte nos occuparemos.

Visitas honrosas

Para o anno de 1921 a chronica assignala diversas visitas honrosas para o Convento. No dia 14 de Janeiro veiu, acompanhado por seu filho D. Pedro d'Orleans e Bragança e outros senhores, sua Alteza o sr. Conde d'Eu, que trouxera para o Brasil os despojos do nosso segundo Imperador e de sua esposa D. Teresa.

Sua Alteza visitou os tumulos que encerram os restos mortaes de alguns membros da familia imperial, depositados no Convento.

No correr do anno estiveram no Convento o Ministro da Fazenda, Dr. Homero Baptista, e o Prefeito da Cidade, Dr. Carlos Sampaio. Percorreram tudo e tambem visitaram a Penitencia. Tanto apreciou o Prefeito as nossas antiguidades, que convenceu o Sr. Presidente da Republica a visitar tambem o Convento, o que se deu dias depois, comparecendo outrosim o sr. Prefeito.

A primeira visita deste ultimo foi motivada pelas obras no morro, tendo a "Companhia Industrial Santa Fé" assumido o compromisso de aplaná-lo, cortando-lhe dez metros de altura. De passagem seja dito que a dita Companhia não se portou com correcção para com o Convento. Invadiu o seu terreno e obrigou os Religiosos a recorrer a embargo judicial.

O dia do "Fico"

Occorria aos 9 de Janeiro de 1922 o primeiro centenario do "Fico", dia memoravel não sómente para a patria, mas tambem para o Convento de Sto. Antonio, pois foi na cella de Frei Sampaio que se redigiu o manifesto a ser apresentado ao então Principe Regente D. Pedro.

Por iniciativa do Dr. Prefeito da Cidade, o centenario foi solennemente festejado.

Fazia parte do programma a inauguração de uma placa commemorativa no paredão em frente do Convento. A este acto estiveram presentes o sr. Presidente da Republica, Dr. Epitacio Pessoa, o Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Coadjutor D. Sebastião Leme, e grande numero de pessoas gradas.

Fez o discurso official o eximio orador sacro Conego Manfredo da Silva Leite.

A placa inaugurada, que é de bronze, representa um escravo despedaçando os grilhões que o ligavam, sendo coroado por um anjo.

Terminada a cerimonia, o Guardião franqueou ao publico o Convento, cujo frontispicio esteve illuminado á noite por conta da Prefeitura.

Continúa a restauração

Sendo Frei Ignacio reeleito Guardião no Capitulo, celebrado em Março de 1923, dedicou-se de novo á obra da restauração. O trabalho mais importante, executado no Convento nesse anno de 1923, consistiu na canalização da agua pluvial e transformação do porão, no lanço da frente, em grande sala.

A galeria geral das aguas tinha sido obstruida havia trinta annos ao collocar a Companhia de Gaz um cano para illuminar a frente da igreja da Penitencia. Dahi resultavam pequenas enchentes no claustro, sem ninguem saber o porquê. Uma vez descoberta a causa, não foi pequeno o trabalho para dar remedio e reorganizar a antiga canalização, de modo a evitar no futuro a estagnação da agua.

De grande utilidade pratica foi a transformação do porão em sala. Nella passou a funccionar a Fraternidade da Ordem Terceira, desde Julho de 1923, si bem que em breve se tornasse insufficiente. Nasceu dahi a idéa de se aproveitar tambem os baixos do antigo carcere. Frei Ignacio metteu mãos á obra, fechou os arcos, pôz janellas, cimentou o chão e deu uma limpeza geral. Resultou uma espaçosa e arejada dependencia, com melhor luz do que a outra tem.

E não era só. Para facilitar a permanencia dos Terceiros para as reuniões depois das Communhões geraes era forçoso offerecer-lhes café e nos dias de retiro modesta refeição. Ficou o problema resolvido com a installação de uma cozinha entre os dois salões. Corresponde a cozinha

em sua largura ao lanço do Convento do lado da barra, de modo que a area comprehendida pelos fundamentos era como feita adrede para o fim que se pretendia.

A Ordem Terceira do Convento de Sto. Antonio está, quanto ás suas dependencias, em melhores condições do que as Fraternidades nos outros Conventos.

Os ossos de Frei Fabiano de Christo

Descobrir os ossos do Servo de Deus Frei Fabiano de Christo era desde longo tempo o anhelo da communidade. Como foi dito em outro lugar, trinta annos depois da morte os ossos foram collocados na parede defronte da cella de Frei Fabiano; mas o proprio Provincial Frei João julgava-os irremediavelmente perdidos. Attribuia-se geralmente o extravio aos soldados que estiveram aquartelados no Convento. Mas os factos provaram que o vandalismo dos soldados não chegou até lá, limitaram-se a roubar a chapa de bronze que cobria o lugar, o qual, com o desapparecimento da chapa, tornou-se bem visivel. Houve quem insistisse com os Religiosos no sentido de tentar uma busca no mesmo sitio. Não se fez, tanta era a convicção de que os ossos tinham sido roubados.

Nesse tempo, o Guardião precisava levantar a muralha nos fundos, que tinha cahido. Com o fim de obter material, mandou derrubar uma das paredes do corredor na frente da cella de Frei Fabiano. Quando os operarios estavam no meio do trabalho, appareceu dentro do muro um caixote de chumbo e disso avisaram incontinenti o Superior. Era um pouco depois do meia dia, 1° de Maio de 1924.

Qual não foi a surpresa da communidade quando, ao abrirem o caixote, depararam-se-lhes os ossos de Frei Fabiano com documento que os authenticava. Graças a Deus, o Convento viu-se de novo na posse dos despojos mortaes desse veneravel Servo de Deus.

No anno de 1927, o então Guardião Frei Julio Jansen mandou fazer, com a ajuda de devotos, uma urna de marmore e nella foram depositados os veneraveis despojos e

expostos á veneração dos fieis na sala da portaria, no dia 17 de Outubro, dia da morte do Servo de Deus. Nesse mesmo dia o Revmo. P. Provincial Frei Celso Dreiling cantou Missa solenne e houve sermão sobre a vida e virtudes do Veneravel. Depois da Missa, a communidade dirigiu-se para junto da urna a fazer oração. Tambem o Nuncio Apostolico compareceu com seu Secretario no correr do dia, visitando as reliquias. No domingo seguinte, dia 23 de Outubro, a urna foi solennemente levada em procissão para a Capella da Porciuncula, onde se conserva até hoje e é diariamente visitada por numerosos fieis que imploram a intercessão do Servo de Deus e frequentemente são ouvidos, como attestam os numerosos ex-votos, espontaneamente collocados pelos agraciados.

Que Deus se digne conceder em breve a Frei Fabiano a honra dos Santos pelo solenne oraculo da Igreja.

Sagração episcopal

Para a nova Diocese de Juiz de Fóra foi eleito primeiro Bispo D. Justino José de Sant'Anna. Sua Excia. esteve hospedado em Sto. Antonio durante dois mezes e, tendo chegado as respectivas bullas, escolheu a nossa igreja para a sua sagração. A solennidade realizou-se no dia 20 de Janeiro de 1925, sendo sagrante o Exmo. Sr. Nuncio Apostolico e consagrantes D. Manuel, Bispo de Ilhéus, de cuja diocese D. Justino é oriundo, e D. Frei Innocencio Engelke, hoje Bispo de Campanha.

Reformas no interior do Convento

O anno de 1925 está ainda assignalado por importantes obras no interior do Convento. Obrigava a isso o estado ruinoso de todo o madeiramento, barrotes, assoalho, portas. Tudo estava invadido pelo cupim, não offerecendo segurança alguma. Reformou-se nesse anno a ala da frente, no 1º e 2º andar, ficando intactas apenas as paredes mestras. Fez-se nova distribuição das cellas, alargaram-se os vãos das janellas para abrir mais o angulo de luz, modificou-se a sala que os antigos chamavam da portaria, removendo-se

o cubiculo em baixo da torre, donde resultou um espaçoso antecôro.

Si o leitor perguntar como é que os Franciscanos puderam executar obras de tamanho porte, respondemos-lhe: foram os bemfeitores que as custearam, bemfeitores da Capital, bemfeitores de todo o Brasil. Frei Ignacio fez correr uma tombola de vastas proporções e, graças a Deus, de todo o paiz acudiram ao appello dos Religiosos para a conservação do historico Convento do grande Thaumaturgo Sto. Antonio. Os frades jamais se esquecerão em suas orações dos generosos bemfeitores.

Com isto encerramos o sexennio do governo de Frei Ignacio Hinte. Mas não nos queremos despedir delle, sem transcrever a estatistica do movimento religioso do ultimo anno, para o leitor observar a linha sempre ascendente desse bello e consolador movimento. Confissões no Convento: 36.500; Communhões no Conv.: 46.930; visitas a enfermos: 350; predicas no Convento: 430; catecheses; 160; membros da Ordem Terceira: 405; associados da Pia União de Sto. Antonio: 1.274.

1926 a 1929

Celebrou-se o Capitulo Provincial aos 27 de Janeiro de 1926 e nelle coube o guardianato em Sto. Antonio a Frei Julio Janssen. Sua Revma. veiu em sua juventude para o Brasil, vestiu o burel franciscano aos 9 de Maio de 1897 e foi ordenado sacerdote no dia 21 de Setembro de 1902.

Proseguem as obras de restauração no interior do Convento

Continuando Frei Julio as obras de restauração no interior do Convento, iniciadas por seu antecessor no lanço da frente, atacou o lado do Sul. Ahi o estado ruinoso era identico e a restauração obedeceu ao plano adoptado para a frente. Alvitrou-se, porém, fazer outra divisão das dependencias no 1° andar. Supprimiram-se duas escadas nas esquinas que conduziam ao andar superior, collocando-se uma só, no meio do corredor, do lado de fóra. Do lado de dentro desappareceu a sacristia da

bella Capella dos "Tres Corações" e supprimiram-se todas as cellas, para transformar toda essa parte em bibliotheca. Além disso, fez-se, no lado opposto, uma espaçosa enfermaria com capella e installações hygienicas. No segundo andar, a não ser a transformação do antigo archivo em saleta de recreio para os Irmãos leigos e a installação da alfaiataria no fim do corredor, foi respeitada a antiga disposição das cellas.

O desapparecimento da ladeira

Quem não conheceu o antigo largo da Carioca e o accesso ao Convento pela ladeira que começava quasi na esquina da Imprensa Nacional, hoje nem idéa mais pode fazer do que era aquillo, tão radicaes as transformações.

Já diversas vezes nos referimos á "Companhia Santa Fé", que tomou o encargo de embellezar o morro de Sto. Antonio, a começar pela ladeira, que devia desapparecer. Já se vê que o plano era vasto, mas complexo tambem quanto á execução e quanto ao respeito que se devia aos direitos dos proprietarios confinantes.

Para encurtar razões, deixemos de lado a Imprensa Nacional e a Penitencia, para só dizermos sobre os interesses do Convento.

Quando a "Ferro Carril Carioca" collocou os seus trilhos da linha de Sta. Teresa apoderou-se do terreno do Convento. Na acção proposta contra ella por Frei João, foi ella condemnada a uma indemnização. Antes da execução, porém, da sentença, os autos foram roubados. Só muitos annos depois appareceram, no tempo de Frei Diogo, que então requereu a execução da sentença e a Companhia teve de pagar.

Sobre esta parte da ladeira, pois, não existia mais duvida. Sobre a outra, só restava a Comp. Santa Fé entrar em accordo com os Franciscanos. Isto ella o conseguiu por meio de um contrato. Em virtude deste convenio, o Convento renunciou á propriedade do terreno necessario ás obras e a Companhia obrigou-se a levantar uma muralha em toda

a extensão da frente do Convento, até um pouco além do antigo carcere, e construir uma escada e um elevador.

A Companhia solveu o seu compromisso, mas não foi sem muito desassocego para os Religiosos. Ora receava-se pela segurança dos alicerces do Convento, principalmente do carcere, ora tornava-se preciso reclamar o fiel cumprimento das clausulas do contrato. O elevador foi inaugurado no dia 23 de Dezembro de 1926.

Durante todo o tempo da construcção da muralha o accesso ao Convento foi feito pela escadaria da Penitencia, gentilmente cedida pela Administração, porque a escada provisoria de madeira, feita pela Companhia, era imprestavel.

ANO SANTO

O VII Centenario da morte de São Francisco

Na relação dos acontecimentos já estamos no fim do anno de 1926. E' preciso, porém, retroceder alguns mezes para referir como foi celebrado o VII Centenario da morte do Seraphico Patriarcha São Francisco.

E' licito dizer que o Convento de Sto. Antonio e toda a cidade se associaram dignamente aos festejos realizados em todo o mundo. Sinão, vejamos.

O Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Coadjutor, D. Sebastião Leme, secundando os desejos do Santo Padre, dirigiu-se, por meio de uma Circular, aos diocesanos, incitando os Vigarios a celebrarem o Centenario nas suas parochias e ficando de remetter-lhes o programma das festas a celebrar pelas Ordens franciscanas.

De accordo com o programma elaborado pela Commissão, celebraram-se os seguintes actos: Organizou-se uma peregrinação aos Santuarios franciscanos na Italia, que partiu no dia 2 de Julho, sob a direcção espiritual de quem escreve estas paginas. No dia 1º de Agosto, o Vigario Geral celebrou Missa campal no adro da nossa igreja e no dia seguinte, dia official da abertura do "Anno franciscano", houve sessão solennissima na Cathedral. Todos os mezes, no dia quatro, havia na nossa igreja Communhão geral e ás sete e meia da noite Benção do Santissimo, precedida de pratica.

No Instituto Nacional de Musica, cedido gentilmente pelo Sr. Ministro da Justiça, realizaram-se mensalmente, até Dezembro, conferencias feitas por oradores de nome. A festa das Chagas de S. Francisco foi celebrada na Penitencia com Missa Pontifical de D. Frei Innocencio Engelke, O. F. M.

As commemorações jubilares chegaram ao auge no dia 4 de Outubro. Em nossa igreja iniciou-se a novena no dia 25 de Setembro com prégação todos os dias. Para a vespera da festa os Revmos. PP. Capuchinhos organizaram uma pomposa procissão que, partindo da matriz de S. Francisco Xavier, percorreu as ruas dessa parochia e terminou com a Benção do Santissimo, dada por Sua Excia., o Sr. Arcebispo-Coadjutor, na frente da igreja dos ditos nossos confrades.

No dia quatro celebrou pontificalmente na Cathedral o Exmo. Sr. Arcebispo-Coadjutor e prégou eloquentemente o revmo sr. Conego Benedicto Marinho, estando o côro sob a direcção do benedictino D. Placido de Oliveira. No Convento houve Missa solenne ás 8 horas. Fez-se a ceremonia do transito ás 6 horas da tarde, occupando o pulpito o Revmo. D. Placido.

O dia quatro foi, outrosim, festejado pelo Governo Federal. No Senado, o Dr. Paulo de Frontin propôz um voto de homenagem, que unanimemente foi approvado, e as Repartições publicas fecharam ao meio dia.

Nas homenagens ao Cantor do "Cantico do Sol" não quiz faltar tão pouco a Academia de Letras. Effectuou uma sessão solenne no dia 7 de Outubro, em que oraram o Presidente Dr. Coelho Netto, e, admiravelmente, o sr. Conde Dr. Carlos de Laet.

Até os positivistas quizeram associar-se. A sua contribuição consistiu na inauguração, na praia do Flamengo, de um monumento que representa a S. Francisco com Sta. Clara. O acto realizou-se no dia 27 de Dezembro e foi assistido pelo Guardião e o vigario do Convento. Foi uma homenagem ao homem Francisco, não ao Santo. Entretanto, Francisco foi o que foi pela santidade de vida e por seu caracter eminentemente catholico.

Durante o anno de 1927 continuaram os actos religiosos em honra de S. Francisco na igreja do Convento e tiveram remate no dia 4 de Outubro, precedido de novena. Celebrou nesse dia Missa Pontifical Sua Excia. o Sr. Bispo de Barra de Pirahy, D. Guilherme Müller, prégando ao Evangelho D. Benedicto de Souza, Bispo do Espirito Santo, e, no transito. o Revmo. Conego Rezende.

Restauram-se mais dois corredores, installa-se o quarto do porteiro

No anno de 1927, tendo-se ausentado, de fins de Junho até fins de Novembro, o Revmo. P. Guardião Frei Julio, o seu substituto Frei Ignacio dirigiu as obras de restauração do corredor ao lado da igreja. Ficou esta dependencia toda reservada para os senhores hospedes. E' de notar que o chão não foi assoalhado, mas feito de massa que chamam konit, que não offerece pasto ao cupim e é mais hygienico. O segundo andar foi todo assoalhado, mas não dividido em cellas, nem forrado. Os recursos não o permittiram até hoje.

Acabado o dito corredor, passou-se á restauração do 1° andar dos fundos, tambem destinado aos hospedes, com seis cellas e pequeno refeitorio. O segundo andar foi só assoalhado, tendo, porém, todo o madeiramento do telhado renovado, como o resto do Convento.

Obra importante foi executada na portaria do Convento. Faltava ali um quarto para o Irmão porteiro, o que difficultava muito o seu trabalho. Para conseguir semelhante dependencia, que por meio de janella com guichet estivesse em communicação com o saguão, tornou-se necessario abrir mão da Capella da Consolação, ornada a espensas de Manuel José Mendes Brandão, que na Capella teve sepultura, como foi referido em outro lugar. O successor de Frei Julio fez armar o altar com retabulo e todo o ornato das paredes na antiga Capella do *Ecce Homo*.

Duas honrosas visitas

No anno seguinte, isto é, de 1928, o chronista registou duas visitas de altas personagens.

No dia tres de Março, apresentou-se, com pequena comitiva, Sua Majestade D. Fernando de Coburgo-Gotha, Ex-Czar da Bulgaria. Sua Majestade veiu homenagear sua tia avó, D. Maria Leopoldina da Austria, nossa primeira Imperatriz. Depois os altos visitantes percorreram o Convento.

A outra visita foi a do proprio Presidente da Republica, Dr. Washington Luis Pereira de Souza, em companhia de um General e de um Major. Era o dia 4 de Outubro, dia da festa do nosso glorioso Patriarcha. Sua Excia. foi recebido pelo P. Guardião á porta do elevador e conduzido para cima. Percorreu o Convento todo e subiu até ao alto do morro, para apreciar o empolgante panorama da Guanabara.

Visitou tambem a Igreja e não pouco admirado ficou com o vêr tantos frades e freiras que estavam em adoração do Santissimo e entoando bellos canticos. A' pergunta de Sua Excia., lhe foi dito que eram os membros da Ordem Terceira, revestidos de seus habitos, reunidos por causa da festa de S. Francisco.

A impressão que teve o Sr. Presidente de sua visita ao Convento de Sto. Antonio formulou-a nestas palavras que posteriormente nos foram transmittidas pelo Ministro da Viação, Dr. Victor Konder: "Gostei muito; mas achei tudo muito pobre". Antes assim.

Frei Julio concluiu o seu triennio com esta estatistica do ultimo anno: Confissões no Convento, 37.858; ditas fóra do Conv., 9.705; Communhões no Conv., 40.200; visitas a enfermos, 285; primeiras Communhões, 215; catecheses, 128; da Communidade faziam parte seis sacerdotes e seis Irmãos leigos.

1929 a 1932

No Capitulo Provincial celebrado aos 16 de Janeiro de 1929 foi investido no cargo de Guardião Frei Justo Scheidgen. Recebeu o habito franciscano em 1893 na Alemanha, onde tambem se ordenou presbytero em 1901 e no mesmo anno veiu para o Brasil.

Ao tomar posse de seu cargo, corria com insistencia o boato, e não foi a primeira vez, que a Prefeitura tencionava arrasar o morro de Sto. Antonio. Em virtude disso, os Superiores acharam prudente dar ordens ao Guardião no sentido de não proseguir nas obras de restauração do Convento.

Por este motivo, nada de importante temos a noticiar sobre o anno de 1929. No anno seguinte, porém, como já não se falava de arrasamento do morro, Frei Justo procedeu á execução de algumas obras, na igreja e na sacristia.

Em Novembro deste anno foi reformada a installação da luz electrica na igreja.

No terceiro anno de seu Governo, Frei Justo resolveu aproveitar de novo a antiga cisterna no jardim da sacristia, pondo-a em communicação com o encanamento. Foi obrigado a isso pela falta de agua sufficiente para o gasto da casa.

As antigas e pesadas lapides sepulcraes, que cobriam a sepultura de alguns fidalgos e haviam sido removidas da igreja por Frei Ignacio, mandou o Guardião collocá-las nas paredes do claustro, prestando com isso um grande serviço ás tradições. Repristinou tambem a Capella do Crucificado, á cabeceira da quadra onde se sepultavam os Religiosos e armou o altar da Consolação, removido pelo antecessor da Capella junto á portaria, na antiga Capella do *Ecce Homo*.

Duas visitas

Em Janeiro do mesmo anno de 1931 visitaram o Convento Sua Em. o Sr. Cardeal D. Sebastião Leme, trazendo aos Religiosos as primeiras bençãos depois de sua elevação ao cardinalato no anno anterior.

Aos 31 do mesmo mez deu ao Convento a honra de sua visita o Chefe do Governo provisorio, Dr. Getulio Vargas. Em companhia de sua Excia. tinham vindo tambem algumas senhoras, que, como donas de casa, tinham, naturalmente, interesse em vêr a cozinha. Entrando nessa dependencia, ao reparar na parede o grande quadro com pa-

lavras de saudação, feito por um confrade, sua Excia. sorriu satisfeito e ao Irmão cozinheiro valeu esta attenção um apertado abraço do Chefe do paiz.

O orgão e outras obras

Com data de 17 de Fevereiro foi assignado o contrato da construcção de um grande orgão para a igreja, de que no capitulo seguinte nos occuparemos.

Nos proximos mezes procedeu-se á pintura a oleo das faces do Convento, aos lados oeste e sul e das faces interiores do claustro e em ambos os andares fizeram-se, contiguas ás existentes, outras intallações hygienicas para os senhores hospedes. No interior, todo o Convento foi caiado a duas côres e nessa occasião foi installada a Capella da enfermaria.

Dois Centenarios

No anno de 1931, a Ordem franciscana festejou o VII Centenario da morte de seu grande filho Sto. Antonio de Padua. O Convento da Capital do paiz, que tem o Thaumaturgo por orago, e que debaixo de sua protecção viceja desde há mais de trezentos annos, comprehendeu perfeitamente o imperioso mas agradavel dever de dar a estas festas desusado brilho e magnificencia.

A 1º de Junho iniciou-se solenne trezena com prégação todos os dias. No dia da festa, prevendo-se, como de facto aconteceu, que a igreja não comportaria a multidão de devotos, foi adrede preparado um altar em frente da porta principal da igreja, celebrando pontificalmente Sua Em. o Sr. Cardeal D. Sebastião Leme. O canto esteve a cargo de Frei Pedro Sinzig, que com côro mixto, acompanhado de grande orchestra, executou uma missa de sua lavra. O Radio se encarregou de transmittir as harmonias a quantos quizessem ouví-las através dos espaços.

Ao TE DEUM, á noite, dignou-se presidir o Exmo. e Revmo. Sr. Nuncio Apostolico.

Quizeram tambem os militares festejar o Centenario de seu santo camarada com Patente de Tenente Coronel.

Para este fim foi escolhida a esplanada do Castello, onde se armou um bello altar e celebrou a santa Missa o Guardião do Convento. A' estação do Evangelho proferiu brilhante sermão o Bispo titular D. Mamede Leite.

O numero do programma que talvez mais fez sobresahir as festas centenarias foi a exposição antoniana, inaugurada em 6 de Outubro do mesmo anno, numa sala em que funcciona a Ordem Terceira. Foi uma idéa nova, mas teve pleno exito. Estiveram expostos 255 objectos, relativos a Sto. Antonio ou a seus Conventos, todos elles artisticamente collocados sob a direcção da "Pro Arte". O que mais attrahia a attenção eram as Insignias militares da imagem do Santo que se venera no Convento de S. Francisco e na igreja de Arguim, na Bahia, como tambem os objectos offerecidos á imagem do Thaumaturgo (Ordem de Christo, bastão do Governador Veiga Cabral e de D. João VI) deste Convento.

Na occasião da exposição, o Convento offereceu aos visitantes bella lembrança em forma de folheto, elaborado por Frei Pedro Sinzig e contendo o resumo historico do Convento, de Frei Diogo de Freitas, um catalogo de escriptores, antigos e modernos, do Convento e o catalogo de todos os objectos expostos.

O outro Centenario, sete vezes secular, occorrido no anno de 1931, foi o da morte de Sta. Isabel, padroeira das Irmãs Terceiras. Em preparação para o dia 19 de Novembro, houve novena. O dia proprio foi festejado com Missa solenne e no correr do dia com grande distribuição de mantimentos a 1.800 pobres, dignando-se a Exma. Sra. esposa do Chefe da Nação, que contribuira com 800 kg. de café, presidir á distribuição.

1932 a 1937 Tendo o Visitador Geral terminado a sua incumbencia de percorrer todas as casas da Provincia, e celebrando Capitulo em Janeiro de 1932, reuniu os votos para Guardião do Convento de Sto. Antonio Frei Liborio Grewe. Sua Revma. tomou o nosso habito em

1894 na Alemanha, veiu no mesmo anno para o Brasil e ordenou-se sacerdote em 1901.

Frei Liborio empossou-se no cargo em muito precarias condições de saude, e não tardou a vêr-se obrigado a procurar melhoras em diversas localidades. Não as encontrando em parte alguma, os medicos ordenaram a sua transferencia para a Casa de Saude S. José. Nella deu entrada no dia 4 de Julho e falleceu aos 31 do mesmo mez, tendo edificado a todos com sua paciencia e resignação.

O corpo foi transportado para o Convento e no dia seguinte, depois da Missa exequial, levado á sepultura no cemiterio de S. João Baptista. Os seus ossos repousam hoje no Mausoléu.

Para substituir a Frei Liborio, o Definitorio Provincial, em reunião de 17 de Setembro, elegeu a Frei Basilio Rőwer, que, sendo reeleito no Capitulo de 1934, occupa o cargo até ao presente. Frei Basilio veiu para o Brasil em Dezembro de 1894, fez-se franciscano, em 2 de Fevereiro de 1896, no Convento de S. Francisco, da Bahia, e ordenou-se sacerdote em Petropolis no dia 12 de Maio de 1901. Vejamos o que houve no tempo de seu guardianato e que merece ser registado.

O almoço dos pobres

Desde sempre o Convento de Sto. Antonio repartiu o pão que come de esmola com os pobres de fóra. Nos ultimos annos vinha um certo numero de homens pobres receber e comer o seu almoço na portaria do Convento. Para atalhar os inconvenientes que é facil de imaginar, repristinou-se o costume antiquissimo de offerecer o almoço, em mesa posta, na dependencia em que se fazem as outras distribuições aos pobres e que é precisamente o mesmo lugar onde tambem nos tempos idos se achava a "portaria dos pobres", conforme se lê em Macedo. Vinham ahi pelo meio dia 25 a 30 homens e sentavam-se á mesa, servidos por um Irmão Terceiro, que caridosamente se encarregou dessa tarefa. Não faltava nem o cafézinho depois das refeições.

O primeiro almoço deu-se em 16 de Janeiro de 1933 e assim por diante até principios de 1936, quando foi preciso suspendê-lo não sómente por causa do abuso da parte dos que não necessitavam, mas tambem em virtude das scenas desagradaveis, mesmo desordens, provocadas pelos que se sentavam á mesa de Sto. Antonio.

A installação do gabinete entomologico e outras restaurações.

No mesmo anno de 1933, transcorrendo o mez de Março, deu-se inicio ao proseguimento da restauração de uma parte do Convento. Trata-se das dependencias e corredores situados nos fundos da capella-mór, e aos amantes das tradições advertimos desde já que estas dependencias evocam interessantes recordações.

A primeira restauração se fez bem nos fundos da parte que já foi bibliotheca, barbearia, sala de crespo e, por fim, officina para a construcção do actual orgão da igreja. Dividindo o espaço disponivel, deixou-se um largo corredor, cuja sahida é para o morro, e o resto foi transformado em gabinete de estudos entomologicos. Nelle trabalha o nosso confrade Frei Thomaz Borgmeier, nas suas pesquisas scientificas, quando não está no Instituto biologico, onde occupa o cargo de chefe-assistente. Frei Thomaz, pois, continúa as tradições de estudo no mesmo lugar onde, antes de 1774, os frades aguçavam a sua intelligencia na bibliotheca do Convento.

Acabado este serviço e depois de ligeira interrupção, passou-se á renovação de duas salas e do largo corredor. No tempo em que D. Pedro I transitava por estes cantos para confabular com Frei Sampaio sobre politica, este corredor não tinha luz. Hoje é claro e bem arejado. Em sua parede do fundo vê-se repristinado o Calvario, de que restavam apenas as duas imagens de N. Sra. das Dores e de S. João, que foram concertadas e encarnadas. (V. estampa nº. 15).

Uma das salas restauradas é a que fica por cima da sacristia. O seu tecto foi feito em ponto elevado para conservar o seu antigo feitio e do lado do corredor foi fecha-

do, tendo, porém, porta e dois grandes oculos. Esta sala serviu algum tempo de atelier ao afamado pintor catharinense Victor Meirelles. Nella pintou, por commissão do Governo, os seus celebres quadros historicos, entre os quaes o da Primeira Missa no Brasil. O Convento guarda o documento assignado pelo pintor, com que se comprometteu a repôr tudo em seu anterior estado, depois de terminar o trabalho. Quem escreve estas linhas ainda viu o tecto concertado no ponto onde o pintor fizera uma abertura para projectar luz sobre a tela, e os signaes no chão, onde levantou a parede provisoria para fechar o atelier. Mais historica é a sala contigua, que tambem foi toda restaurada. E' o aposento habitado até 1830 por Frei Francisco de Sta. Teresa de Jesus Sampaio. Neste recinto demorava-se o primeiro Imperador para discutir com o frade questões politicas; nelle se elaborou o manifesto, assignado em poucos dias por mais de 8.000 cidadãos e que teve por consequencia o celebre "Fico"; nelle, emfim, Frei Sampaio esteve passando os dias cercado de bem estar material e de criados, até a morte ceifar a sua vida de improviso, no dia 13 de Setembro de 1830.

Na dita sala, pintada nas cores nacionaes, foi installado o incipiente museu do Convento.

Sómente em 1934 a restauração das referidas dependencias ficou completa, com a pavimentação com cimento vermelho e pintura das paredes, portas e janellas a oleo ou cal.

No mesmo anno foram feitos outros concertos e melhoramentos de somenos importancia.

Frei Rogerio

Dois dias do anno serão sempre commemorados no Convento de Sto. Antonio com especial gratidão para com Deus. São os dias 17 de Outubro e 23 de Março, dias do passamento de Frei Fabiano de Christo e de Frei Rogerio Neuhaus, varões de alta virtude, com que Deus mimoseou o Convento, e cuja memoria é assignalada com graças e bençãos. De Frei Fabiano já nos occupámos. Daremos em seguida ligeiros traços biographicos de Frei

Rogerio, aconselhando para mais a leitura de sua vida escripta pelo confrade Frei Pedro Sinzig.

Frei Rogerio nasceu na Alemanha no dia 29 de Novembro de 1863, entrou na Ordem franciscana aos 5 de Maio de 1881, e ordenou-se sacerdote em 7 de Agosto de 1890. No anno seguinte associou-se a mais outros tres Religiosos para exercer o seu ministerio sacerdotal no Brasil, sendo esta turma a primeira que a Provincia alemã de Sta. Cruz mandou á Terra da Sta. Cruz.

Durante trinta annos percorreu o nosso missionario os Estados de Sta. Catharina e do Paraná, com inexcedivel zelo e abundante fructo. O povo venerava-o como um Santo e mais de um facto, reputado milagroso, attribuia-se á sua intervenção.

Frei Rogerio foi, pelos Superiores, transferido em 1922 para o Rio de Janeiro, afim de se tratar dos olhos, visto estar quasi cego. Melhorou bastante e no Rio ficou até á sua morte.

E' difficil dizer em poucas palavras o que foi a vida de Frei Rogerio na Capital. Fez-se tudo para todos, na phrase do Apostolo. Não conhecia fadiga quando se reclamava o seu ministerio. Frei Rogerio desdobrava a sua pessoa para ouvir confissões horas a fio, para visitar enfermos nos mais remotos e difficilmente accessiveis recantos da cidade, para na sala da portaria receber almas afflictas que lhe pediam soccorro, conselho ou conforto nas miserias da vida, tão abundantes nas grandes cidades.

Pessoas que o experimentaram, affirmam que os conselhos do santo frade eram tão acertados, que parecia conhecer o futuro.

Durante 12 annos Frei Rogerio desempenhou a sua missão bemfazeja no Rio de Janeiro e de dia para dia ia crescendo a veneração que todos lhe tinham. Observava-se nelle o que consta do Santo Cura d'Ars. Era o exemplo da santidade que empolgava. Frei Rogerio não tinha o dom da lingua, falava até com muitos senões; não era uma figura imponente, andava um pouco curvado para o lado.

Mas era de vêr esses olhos, grandes, vivos, num rosto macilento, a traduzir um mundo de ternura e amor. A isso se unia uma linguagem repassada de uncção, como é a das almas de todo repletas de Deus.

Faltaria uma nota caracteristica, si deixassemos em silencio a devoção que tinha Frei Rogerio para com Frei Fabiano de Christo e a confiança na intercessão desse Servo de Deus. Em todas as circumstancias que se lhe offereciam procurava inspirar essa confiança tambem nos outros e assim procedia para accelerar a beatificação de Frei Fabiano. Que o trabalho de Frei Rogerio não foi em vão, attestam-no as graças por vezes extraordinarias que os fieis em todo o Brasil têm alcançado recorrendo á intercessão do humilde enfermeiro do Convento que foi Frei Fabiano de Christo.

Frei Rogerio, depois de distribuir em larga escala bens espirituaes e materiaes a todas as classes sociaes, durante doze annos, na Capital do paiz, amadurecera para o céu. A molestia, que desde meados de 1933 vinha minando o seu organismo, prostrou-o de vez em principios de Março do anno seguinte. Foi preciso recolher-se á Casa de Saude S. José e nella falleceu santamente ás cinco e meia da manhã do dia 23 de Março de 1934.

Com muito apparato foram celebradas as suas exequias pela "Penitencia", de quem tinha sido estimado e querido Commissario durante dez annos, e em seguida foi sepultado no cemiterio da mesma Ordem, em jazigo perpetuo.

Tal era a convicção que o povo carioca tinha da santidade de Frei Rogerio, que desde logo se transformou em devoção e esta, por sua vez, tão rapidamente se espalhou que hoje o nome do humilde frade é invocado em todo o Brasil, como protector em todas as necessidades (V. estampa nº. 21).

O dia 7 de Setembro

O robustecimento do sentimento nacional nos ultimos annos é um facto que não pode escapar ao observador attento. E, para intensificar cada vez mais esse nobre sentimento, não pouco contribue a celebração das datas gloriosas de nossa historia. Olhar para o passado é estimular energias, para servir lealmente á Patria no presente.

Grandiosas festas o Governo Federal tem organizado para o dia 7 de Setembro, dia de nossa Independencia. Não grandiosa, mas extremamente sympathica tem sido a festa celebrada desde 1934 no Convento de Sto. Antonio em identico dia. Tratava-se de prestar homenagem a D. Maria Leopoldina, nossa primeira Imperatriz, que junto com José Bonifacio deu o ultimo impulso á proclamação da nossa liberdade nacional. E quem vinha prestar-lhe essa homenagem era a Exma. Sra. D. Darcy Vargas, dignissima esposa do Presidente da Republica. Bella lembrança de um coração feminino bem formado.

No anno de 1934 veiu sua Excia., acompanhada por diversos membros do Instituto Historico, a quem se deve a iniciativa desta homenagem, e outras pessoas, depositar um ramo de flores sobre o tumulo da finada Imperatriz, e em seguida o Secretario do Instituto leu um discurso allusivo.

Em 1935 a visita realizou-se no dia 6 de Setembro. O tumulo, transportado para o salão da portaria, achava-se bellamente ornado e cercado de cirios ardentes. Além de muitas outras pessoas, compareceram o Presidente da Camara Dr. Antonio Carlos, e a Deputada por S. Paulo, D. Carlota Pereira de Queiroz, e foi esta que fez o discurso enaltecendo as virtudes civicas e moraes da homenageada.

No anno proximo passado a Exma. esposa do Presidente da Republica não pôde comparecer, por se encontrar ausente. Compareceram, porém, altas patentes do exercito e pessoas gradas, competindo á Exma. Sra. D. Eugenia de Affonso Celso pronunciar o discurso official.

No presente anno de 1937, a solennidade coincidiu com a inauguração do mausoléu, construido pelo Convento para os tumulos de D. Leopoldina e dos outros principes. Daremos disso noticia no fim do Capitulo XIV.

Um hospede illustre

No dia 27 de Dezembro de 1934 veiu hospedar-se no Convento D. Ephtimio, Arcebispo oriental de Sahle, Republica libaneza. Sua Excia. fez entrada solenne na igreja ao repique festivo dos sinos e, depois de orar diante do Santissimo, dirigiu palavras de saudação aos representantes da colonia.

O Arcebispo, que tinha assistido ao Congresso Eucharistico de Buenos Aires, quiz no seu regresso visitar os seus patricios e observar a sua situação religiosa. Com este fim permanecera algumas semanas em S. Paulo, antes de vir ao Rio.

No dia 6 de Janeiro celebrou pontificalmente, assistido por seu piedoso irmão e secretario e por outros sacerdotes do mesmo rito, estando a igreja cheia de gente libaneza, de que algumas pessoas tomaram a S. Communhão sob ambas as especies, em conformidade com a praxe oriental.

O Sr. Arcebispo demorou-se entre nós tres semanas, embarcando para a Bahia e pretendendo visitar ainda diversas colonias do Norte do Brasil.

O dia do soldado

Uma festa extraordinaria regista a Chronica do Convento para o dia 25 de Agosto de 1935, o "dia do soldado", celebrado neste dia por ser o natalicio do grande cabo de guerra, Duque de Caxias. Além das festas militares, realizou-se, por iniciativa da União Catholica dos Militares, um acto em nossa igreja, por estar ligada á historia patria por muitos titulos. Houve Missa rezada pelas 10 horas, com a igreja repleta de officiaes e soldados. Foi celebrante D. Octaviano, Arcebispo de Maranhão, hoje de Campos, e a missa se disse sobre o altar restaurado que o Duque levava comsigo nas campanhas. Conservamos esta reliquia historica no nosso Museu e foi-nos

offerecida pelos descendentes do Duque e residentes em Quissaman.

Durante a Missa, fez um vibrante sermão o conego Henrique Magalhães, enaltecendo o Duque como extremoso pae de familia e valente cabo de guerra. Uma banda de musica de 52 figuras, postada no claustro, executou peças classicas de estilo adequado.

Acabada a Missa, quizeram os militares recordar os tempos passados, entregando ao Guardião uma carteira com o soldo de Sto. Antonio correspondente ao mez de Agosto, na importancia de 80$000. O Guardião agradeceu, fazendo votos que o santo Tenente Coronel do exercito brasileiro sempre protegesse os seus camaradas. — Nos mesmos moldes foi o dia celebrado em 1936, sendo a Missa celebrada pelo Bispo D. Benedicto de Souza, que tambem fez o sermão. — Em 1937 notavam-se entre os assistentes os Generaes Góes Monteiro, Silva Junior, Christovão Barcellos e outros, havendo o Sr. Ministro da Guerra determinado o comparecimento de representantes de todas as repartições militares e corpos da tropa.

O orgão e o mausoléu

Os annos de 1935, 1936 e principio de 1937 estão assignalados por concertos no Convento e na igreja, reforma do orgão e pela construcção do Mausoléu para os tumulos da primeira Imperatriz D. Maria Leopoldina e os principes da familia imperial. Destas obras diremos em outro lugar.

Retrospecto

Tendo com isto chegado ao fim do rapido esboço que retrata a época de restauração da vida claustral no Convento de Sto. Antonio e os annos de seu constante progresso até aos nossos dias, seja-nos permittido dar agora um retrospecto sob outro ponto de vista.

O leitor terá observado que neste capitulo não citámos nomes, sinão quando razões historicas o exigiam. Proce-

demos assim porque se trata de Religiosos ainda vivos, cujos meritos pessoaes pertence ao futuro julgar.

Isto, porém, não impede dizermos aqui em bom som que durante os trinta e oito annos que decorreram depois de iniciada a restauração, os Religiosos do Convento têm envidado os seus melhores esforços no desempenho do ministerio sacerdotal e têm procurado ser uteis á Religião e á Patria.

Quanto á cura das almas dentro do Convento, ahi estão as estatisticas que eloquentemente dizem o quanto tem crescido de anno para anno o movimento religioso. Quanto trabalho paciente não suppõem as 69 mil Communhões havidas na igreja em 1936. Das associações estabelecidas no Convento só lembramos a Ordem Terceira. Ella se reune mensalmente não apenas uma vez, conforme manda a sua Regra; mas tanto a secção masculina como a feminina assistem a reuniões com conferencia, em separado, e todos os annos ambas as secções fazem retiro espiritual.

O trabalho espiritual fóra do Convento estende-se a tudo quanto fôr pedido. Desde a restauração da Communidade, os sacerdotes serviram de confessores em diversas communidades religiosas e incumbiram-se da direcção de associações. Presentemente, dois são directores de Filhas de Maria e um dirige a Ordem Terceira de Nictheroy. Mais outro pastoreia, com todos os encargos de vigario, o vizinho suburbio de Caxias, e desde Dezembro de 1935 a Communidade fornece o capellão residente no grande hospital da Penitencia, na Tijuca. Além disso, o Convento sempre teve a seu cargo capellanias em casas de freiras, que actualmente são a Casa de Saude S. José e o Orphanato de Sto. Antonio. Nos domingos accrescem as Missas com prégação na capella da Penitencia, junto ao Convento e na Prainha.

Não esqueçamos tão pouco as chamadas a doentes, dia e noite, em casas particulares ou hospitaes, ás vezes a grandes distancias. A media destas visitas tem ultimamente passado de duzentas cada anno.

Com especial amor e dedicação os Religiosos do Convento de Sto. Antonio incumbem-se da prégação de retiros a associações e communidades religiosas, como tambem de missões. Em 1936 cinco sacerdotes prégaram ao todo 17 retiros. Todos os mezes, por commissão especial de Sua Emcia., um padre préga um dia de recolhimento ás Irmãs Servas de Maria, em Jacarepaguá.

A prégação de missões tem sido ininterrupta nos ultimos annos. São as missões um excellente meio para reconduzir ao aprisco de Deus muitas almas transviadas e, em geral, para levantar ou afervorar o espirito religioso e christão numa parochia. Mas são tambem dias de intenso e extenuante trabalho. Desde a madrugada até alta noite os missionarios prégam, confessam, doutrinam, legalizam diante de Deus uniões illicitas. Em 1935, numa missão, prégada nos suburbios da Leopoldina, houve 89 casamentos, e em 1936, em outra missão e outra parochia, chegaram a 100. Afigure-se o leitor o trabalho de preparar os nubentes para dignamente receberem o Sacramento.

A' vista disso, comprehende-se a satisfação do Summo Pastor do Arcebispado, Sua Emcia. o Sr. Cardeal, ao ter conhecimento dos fructos das missões.

Mas não é só no Arcebispado do Rio de Janeiro que os missionarios do Convento de Sto. Antonio labutam na seara do Senhor. Estendem a sua acção benefica tambem aos bispados de Nictheroy, Valença e Barra do Pirahy.

Que o grande franciscano e indefesso missionario S. Leonardo de Porto-Mauricio, constituido pela Igreja padroeiro das missões indigenas, continue a proteger os nossos missionarios, alcançando-lhes farta messe nos seus labores apostolicos.

Os Religiosos do Convento procuraram e procuram ser uteis tambem em outros ramos de actividade. Desde os primeiros annos da restauração diversos socerdotes têm se dedicado á causa da Boa Imprensa, collaborando efficazmente para o estabelecimento do "Centro da Boa Impren-

sa", lançando artigos em jornaes e revistas, traduzindo livros ou dando á publicidade o fructo de seus proprios trabalhos. Outros Religiosos têm cultivado a sciencia ou a arte, tanto musical como plastica.

Pondo, com isto, ponto final á historia propriamente dita do Convento de Sto. Antonio, agradecemos a Deus a protecção que tem dispensado ao Convento. Produziu nelle essa vida religiosa opulenta que foi o seu apanagio em éras passadas e restaurou a Communidade depois de cessarem as causas da decadencia.

CAPITULO XII

A igreja e a sacristia do Convento de Sto. Antonio

I

A igreja

Ao esboçar a historia do Convento de Sto. Antonio, diversas vezes nos referimos á sua igreja. Mas foi só incidentemente e com a declaração de que o leitor encontraria num capitulo separado o que no decorrer dos seculos se fez em beneficio do templo. O assumpto merece interesse especial, porque a igreja nunca foi reconstruida, e é sempre agradavel ao amante da tradição acompanhar as modificações e melhoramentos de um edificio que representa a historia de mais de tres seculos.

Accresce que presentemente a igreja do Convento de Sto. Antonio é a mais antiga do Rio de Janeiro, novo motivo para lhe dedicarmos a nossa attenção (1).

A pedra fundamental da igreja foi collocada no dia 4 de Junho de 1608, no fim do superiorado de Frei Vicente do Salvador. Conduzida em uma charola em que ia tambem a imagem de Sto. Antonio, levaram-na aos hombros o Governador da cidade, Affonso de Albuquerque, o seu antecessor Martim de Sá, o Reitor do Collegio dos Jesuitas, padre Pedro de Mello, e o vigario da Sé, padre Martim Fernandes, sendo numeroso o concurso do povo. A solennidade foi presidida pelo Administrador do bispado, Matheus da Costa Alboim (2).

---

1) A igreja do Mosteiro de S. Bento foi construida de 1633 a 1642; a do Carmo, hoje Cathedral, em 1619; a da Misericordia foi toda reconstruida em 1705.

2) A não ser excepcionalmente, não daremos neste capitulo notas com a indicação das fontes. Quasi toda a materia foi extrahida de Jaboatão, do Resumo do Tombo, das Chronicas do Convento e do livro "A Provincia franciscana", etc.

As obras encetadas, tanto da igreja como do Convento, progrediram lenta mas constantemente. Muito mereceu neste trabalho o Irmão leigo Frei Francisco da Cruz, que tinha vindo em companhia de Frei Vicente. Este Irmão foi incansavel em conseguir de esmola, por amor de Deus, as madeiras necessarias. Com este objectivo percorreu todo o districto de Macacú. Refere Jaboatão, e seja dito de passagem, que Frei Francisco da Cruz não sómente deu o primeiro impulso para os moradores de Macacú levantarem uma capella de Sto. Antonio, que posteriormente foi igreja matriz dessa localidade, mas que tambem predisse que futuramente teriam um Convento de Franciscanos, o que effectivamente se realizou em 1649.

Tendo chegado ao Rio em 10 de Janeiro de 1615, Frei Antonio do Calvario, o primeiro Superior com o titulo de Guardião, julgou dever apressar a obra das cellas, para poderem os Religiosos quanto antes deixar o Recolhimento provisorio, no qual estavam mal accommodados. Tanto fez que um mez depois, isto é, em 7 de Fevereiro, pôde fazer a mudança.

A igreja estava nessa occasião com as paredes a meio e para nella se poder dizer Missa no dia immediato á mudança tornou-se preciso fazer um tecto provisorio sobre esteios. O altar, tambem provisorio, foi collocado sob o arco-cruzeiro.

Em seguida, continuaram as obras da igreja sem interrupção. Foi ainda Frei Calvario que viu concluida a construcção da capella-mór.

Seu successor (desde 1617), Frei Bernardino de Sant'Iago, rematou de todo a igreja. Sob seu governo iniciou-se tambem a construcção da Capella da Conceição, ao lado da Epistola, no corpo da igreja, pertencente á Ordem Terceira.

Outros Guardiães cuidaram do ornato interior. Os retabulos dos altares fê-los o terceiro Guardião (desde 1620), Frei Luiz de Sto. André.

A igreja nunca teve mais de tres altares, obedecendo com isto á tradição franciscana. O nicho do retabulo do altar-mór ficou reservado ao Padroeiro, cuja imagem defi-

nitiva se collocou ainda no tempo de Frei Sto. André, isto é, em 1621. Num capitulo especial, trataremos do apparecimento mysterioso da cabeça desta imagem.

Os outros altares tinham e têm por orago a N. Senhora da Conceição, Padroeira da Ordem Seraphica e da Provincia, ao lado do Evangelho, e a S. Francisco, ao lado da Epistola. No primeiro venerava-se tambem a imagem de Sta. Barbara, e no outro, a de S. Benedicto (3). Destas imagens ainda existem, mas não nos altares, a da Conceição (no corredor interno, ao lado da igreja, no nicho onde foi antigamente a entrada para o pulpito), a de S. Benedicto (no arco-cruzeiro da igreja) e a de Sta. Barbara (no Museu). A imagem de S. Francisco, existente no refeitorio, deve ser a que foi posta no altar por Frei Serafino de Sta. Rosa (1707 a 1710) e que só em 1923 foi substituida pela que hoje se vê. (V. estampas nos. 24, 25).

O sexto Guardião do Convento (desde 1628), Frei Cosme de S. Damião, posteriormente Definidor e Custodio, fez dourar os retabulos. Dahi se infere que tambem a nossa igreja, como a da Penitencia, teve toda a talha dourada desde o principio, e lemos nas "Memorias" do P. Luiz Gonçalves (4) que no seu tempo (1825) os altares lateraes ainda ostentavam a douração. Do corpo da igreja só o arco-cruzeiro estava revestido de talha dourada. Grandioso, pois, era o aspecto da parte da igreja que forma o seu santuario e de accordo com esta sumptuosidade estava a sacristia.

Emquanto esta conservou a sua riqueza até hoje, com as largas molduras douradas nos paineis do tecto, da igreja quasi todo o ouro desappareceu. Foi depois de 1825 que os nossos antepassados, não podendo renovar o ouro, resolveram pintar toda a talha de branco e assim foi encontrada, com excepção do altar-mór, quando, em 1899, se restaurou a vida religiosa. A pintura actual, côr de azeitona com frisos de ouro alemão não brunido, mandou fazê-la o Guardião Frei Ignacio Hinte, em 1922.

---

3) "O Rio de Janeiro", etc. I. pag. 93.
4) "Memorias", etc. I, pag. XXXI.

A igreja, acabada de todo em 1628, fazia frente com o Convento e tinha de comprimento 26,80 metros, desde a entrada até ao arco-cruzeiro, e 6,30 metros do arco até aos fundos da capella-mór. De largura mede 8,90 metros.

Da igreja faz parte a torre dos sinos. Ao contrario do que se fez em outros Conventos, no do Rio de Janeiro, que todavia era o principal, não se levantou- torre. Fez-se apenas uma construcção de granito, com duas sineiras grandes e uma pequena, em cima da muralha do Convento, ao lado da igreja. Para os outros sinos existia sómente um telhado por detrás dessa construcção, que foi melhorado na reforma de 1926. Si bem que essa especie de torre houvesse sido feita ao construir-se o segundo Convento, em 1750, é de suppor existisse semelhante arranjo tambem no primitivo.

Interessante é saber que da primeira "torre" se conserva uma importante reliquia. E' o gallo que encima as sineiras. Segundo Vieira Fazenda (5) foi elle fundido em Lisboa e chegou ao Rio em 1610. Pode, pois, gloriar-se de ser o gallo mais velho da cidade, e lá do alto de seu poleiro não é apenas um symbolo, lembrando a vigilancia no serviço de Deus, mas tambem o barometro que indica as mudanças de tempo, embora aconteça a elle o que é proprio das coisas deste mundo: falhar não raro nas suas previsões.

Infelizmente, nada podemos adiantar sobre o paradeiro do relogio da torre, que antigamente com regularidade e precisão annunciava aos cariocas as horas do dia. Funccionou, segundo Vieira Fazenda, até fins do seculo passado.

Depois de 1628, os Guardiães terão continuado a dedicar á igreja os seus cuidados. Não consta, porém, quaes foram os trabalhos que effectuaram.

Só do anno de 1683 o primeiro livro do Tombo (6) regista um facto que pelas circumstancias merece ser lem-

5) Rev. Inst. Hist., 1923, pag. 558.
6) Tombo I, fls. 29.

brado. Pela frota havia vindo um sino novo para a igreja e o Provincial, Frei Christovão da Madre de Deus Luz, convidara o primeiro bispo do Rio de Janeiro, chegado em Junho de 1682, D. José de Barros Alarcam, para sagrá-lo. Acceitando o convite, o Prelado veiu realizar a ceremonia no dia 30 de Maio "no côro deste Convento — são as palavras do Tombo — em que se pendurou o sino na linha de ferro da Igreja, e com toda a ostentação de assistentes, assim Religiosos, como Clerigos, se fez a sagração sendo assistentes o Administrador passado, o Dr. Francisco da Sylveira Dias, e o Vigario geral Clemente Martins Mattos; e os Religiosos, que lhe assistiam com o Bago; foi o do Bago o Irmão Definidor habitual Fr. Martinho da Aprezentação, e o da Mitra foi o Irmão Confessor Fr. Ignacio da Conceição, estando ambos com Capas de Asperges. Depois que se sagrou o Sino foi o Sr. Bispo a Sta. Barbara, capella que está no nosso monte, passar o restante da tarde com merenda e muzica".

Com o anno de 1699 teve inicio um novo periodo de obras executadas na igreja. O Guardião daquelle tempo não se limitou a renovar todo o forro, quiz ainda augmentar a igreja para a frente, accrescentando um alpendre. Para realizar o seu plano, ajuntou toda a pedra necessaria de cantaria e alvenaria. Não lhe foi dado, porém, realizar o seu intento, porque Frei Francisco da Porciuncula — era este o seu nome — foi substituido na Congregação Intermedia por Frei Romão do Bom Successo.

Este, sim, fez o alpendre. Em consequencia dessa modificação, o corpo da igreja lucrou mais 2.75 m. de comprimento, mas o adro superior em frente da igreja ficou sensivelmente diminuido.

No novo frontispicio Frei Romão abriu tres arcos, que davam para o vestibulo, donde se entrava na igreja por uma só porta, feita de marmore. Outra porta communicava o vestibulo com o saguão da portaria.

Quem quizer ter uma idéa do que era, suba ao Mosteiro de S. Bento, cuja igreja conservou o alpendre até hoje.

No triennio de 1701 a 1704, durante o qual presidiu o Convento Frei Boaventura de Jesus, a obra do antecessor ficou completa, com o forro que este Guardião mandou fazer tanto no alpendre como no côro. Deixou, porém, a pintura desses forros para seu successor immediato Frei Manuel de Sta. Ignez (1704 a 1707).

Como, em virtude do augmento da igreja para a frente, tambem o côro dos Religiosos tinha ficado maior e por isso as cadeiras não eram mais sufficientes, Frei Sta. Ignez completou o numero. Estas cadeiras estiveram no côro até ás reformas executadas de 1920 em diante. Eram feitas de jacarandá e sem nenhuma arte. Sendo já imprestaveis, foram substituidas pelas actuaes.

Frei Sta. Ignez mandou fazer mais a estante de jacarandá do côro, simples, mas não sem gosto. Ainda existe no mesmo lugar. Conserva-se tambem no Museu do Convento a lanterna de cobre que, pendurada numa vara de ferro, e aberta de um lado, projectava luz sobre os livros coraes.

Succedeu no guardianato Frei Serafino de Sta. Rosa (1707 a 1710). Era homem de grandes emprehendimentos. Além do muito que fez no Convento, volveu seus olhos para a igreja. No seu tempo collocaram-se azulejos na barra das paredes, com nove paineis.

Quando, em 1936, se procedeu á renovação de grande parte da parede, lado do Evangelho, cujo revestimento e barra se desprenderam e ameaçavam cair, tornou-se necessario cortar o grosso emboço até descobrir as pedras. Nessa occasião, os Religiosos tiveram a surpresa de ver apparecer quatro nichos arqueados de 1,80 m. de altura por 80 cm. de largo. Estavam murados com tijolos, mas um exame mostrou que por dentro estavam cheios de pedras soltas e com o revestimento branco conservado. Que era isto? Tinham sido desses confessionarios originaes que antigamente existiam tambem no claustro e onde se confessavam os homens *vis-a-vis* do sacerdote, sentado no nicho. Era uma particularidade que até hoje não encontrámos em nenhuma outra igreja. Si Frei Serafino acabou com a

tradição de cem annos, foi certamente por causa dos inconvenientes que dahi resultavam.

Na gestão do dito Guardião assentaram-se tambem as grades perto dos altares lateraes (hoje mesa de Communhão), com columnatas de pedra, vindas de Portugal pelo preço de quasi 400$000. Essas grades eram altas, de modo que impediam a vista para os altares. Talvez fosse por causa disso — tratemos desse assumpto já agora, para de uma vez contar a historia accidentada das grades — que muito mais tarde o Guardião Frei Martinho de Sta. Teresa (1777) mandou cerceá-las para ficarem baixas como nas outras igrejas da cidade. Nisso, porém, não foi bem succedido; o seu successor immediato fez restitui-las a seu primitivo estado com autorização do Provincial. Diz o "Resumo do Tombo" (7) que era essa (grades altas) a nossa usança.

Decorreram alguns decennios e as grades tornaram a ser baixas. Cortaram-se ao meio, noticia Moreira de Azevedo (8) quando na igreja foram celebradas as exequias pelo irmão, fallecido em Portugal, do Vice-Rei D. Fernando, Conde dos Arcos.

Assim ficaram até o Provincial Frei Antonio do Coração de Maria Almeida, eleito em 1856, collocar as actuaes, baixas e sem columnas de pedra.

Posteriormente houve quem as quizesse tirar de todo e estiveram de facto removidas; mas no triennio de 1929 a 1932 tornaram a seu lugar, com a differença que não comprehendem mais as duas portas lateraes, de modo que o espaço entre os dois altares ficou menor.

Além do que foi dito, o supracitado Guardião Frei Serafino pôz a imagem de N. S. P. Francisco (nova?) no seu altar, mandou fazer resplandores de ouro para Sto. Antonio e o Menino Jesus, e coroas com flores de ouro e prata para os mesmos, das quaes a de Sto. Antonio ainda existe e, por fim, fez novas todas as portas das grades para cima. Estas portas, porém, só seis annos estiveram em seu lugar. Frei Lucas de S. Francisco (1716 a 1719) substituiu-as pe-

7) Resumo do Tombo, pag. 53.
8) "O Rio de Janeiro", etc., I, pag. 93.

las existentes, de jacarandá. E' curioso saber que estas portas já estiveram pintadas de vermelho (que gosto do tempo!) como facilmente verificará quem attentamente as examinar. Quem teve a feliz idéa de acabar com esta monstruosidade, restituindo á madeira preciosa sua natural belleza, foi o citado Provincial Frei Antonio do Coração de Maria (9).

O segundo periodo de obras na igreja, porém, ainda não terminou. Acabámos de dizer que Frei Lucas de S. Francisco collocou as portas de jacarandá. Fez muito mais e a sua actividade é digna de admiração, porque cahiu numa época de graves perturbações da vida monastica, como a seu tempo referimos.

Foi a capella-mór que mereceu seus cuidados especiaes. Primeiro, alargou-a, recuando a parede dos fundos em 3,45 metros (ainda se vêem na parede lateral atrás do retabulo os dentes, indicando onde estava a antiga parede dos fundos), depois assentou o existente arco cruzeiro de marmore amarellado e forrou de novo toda a capella-mór. Exceptuando uma ligeira modificação no throno do altar, não houve posteriormente reforma da capella-môr, de modo que o ornato actual, com essa artistica talha e os paineis que representam motivos da vida e lenda de Sto. Antonio, é obra de Frei Lucas de S. Francisco. Afigure-se o leitor tudo isso dourado. Como deve ter sido lindo, sumptuoso! (V. estampa nº. 23).

O mesmo Guardião construiu tambem ao lado da Epistola a dependencia para a guarda dos paramentos, cujas tribunas deitam para a capella-mór; no lado opposto, no corredor interno junto á capella-mór, tirou uma parede donde resultou uma ante-tribuna, cujas janellas deitam tambem para a capella-mór.

Depois destas reformas passaram-se alguns decennios, durante os quaes nada se fez para a igreja que mereça ser lembrado.

---

9) "Um passeio", etc. I, pag. 192.

No seu triennio, porém, (1754 a 1757) consta que Frei José de Sta. Maria Silva, que aliás estava todo occupado com a construcção do segundo Convento, mandou vir de Portugal um rico ornamento de seda d'ouro para o altar-mór, dotou a igreja com preciosa ambula de ouro e com uma custodia de prata dourada, que tem 82 cm. e meio de altura e pesa 7 kilos e meio. Ambos os objectos ainda existem, mas a custodia não é usada devido a seu peso. Provavelmente, servia antigamente sómente para exposições no throno.

Frei José pôz tambem o primeiro sino grande e o fez sagrar.

Isto nos offerece ensejo de dizer aqui o que apuramos sobre os sinos da nossa igreja em geral.

O primeiro sino de que há noticia é o de que falamos acima e que foi sagrado por D. Alarcam em 1683. Parece que se tratava de um sino menor.

Ao collocado por Frei José Silva refere-se o que diz Frei Diogo de Freitas: "Nas festas da Igreja e da Patria era de vê-lo todo enfeitado, quasi coroado, a encher o espaço e os arredores com notas alegres de sua voz potente e sonora" (10).

Quem sabe si não foi o excesso de ornamentação que o fez rachar, porque sino não admitte interromperem-se violentamente sua vibrações. Teve por isso a vida ephemera de uns sete para oito annos apenas. O Guardião Frei José de S. Cosme (1764 a 1767) mandou vir outro de Portugal, do mesmo calibre, e o fez sagrar. Tambem este sino rachou depois de prestar seu piedoso serviço durante trinta annos, mais ou menos.

Esta vez foi um bemfeitor que quiz remediar a falta. Chamava-se Manuel José Mendes Brandão, confrade de Sto. Antonio e boticario apatacado, estabelecido á rua Direita, hoje Primeiro de Março. Resolveu o bom do boticario fazer uma surpresa aos frades, encommendando o sino sem estes o saberem. Qual não deve ter sido a sua alegria, quan-

10) A Provincia franciscana, etc., pag. 68.

do chegou a "Victoria" — era o nome que escolhera para o sino — medindo de bocca um metro e 32 cm. e pesando 1.280 kilos e tendo por dentro esta inscripção: *Charitas urget nos* — José Domingos da Costa o fez em Lisboa, no anno de 1794". Mas o nosso boticario esquecera-se de tomar antes as necessarias medidas. Resultado: a campana não cabia na sineira, o offertante não contara com o cabeçalho. Tanto elle como os frades tiveram de resignar-se. Este sino foi doado depois á igreja de S. Francisco de Paula, onde se acha pendurado na torre ao lado do Evangelho (11).

Os Religiosos ficaram sem sino maior durante alguns lustros. Em 1812, porém, no guardianato de Frei Joaquim de Sta. Leocadia, mandaram fundir o existente sino meião, o qual na volta grande tem a seguinte inscripção: "João Baptista Jardineiro — fez no Rio de Janeiro — Anno de 1812". O actual sino grande tem a data de 1827. Na volta de cima notam-se as palavras "*Jesus — Maria — José*". e na de baixo: "*In cimbalis bene sonantibus laudate eum*". No centro acha-se gravada a imagem de Sto. Antonio com o Menino Jesus nos braços, e, no lado opposto, uma bella cruz.

Voltemos agora ao anno de 1757. Nesse anno foi eleito Guardião Frei Manuel de Sta. Teresa Velloso. Coube a elle realizar uma obra de maior vulto. Em virtude de uma determinação do Revmo. P. Geral, o Definitorio da Provincia ordenou, com data de 2 de Dezembro de 1758, a introducção do canto-chão com orgão em todos os Conventos. O dito Guardião, pois, dando execução á ordem, incumbiu-se de pôr o orgão, que, segundo affirma Macedo, foi um dos melhores do Rio (12).

Estava assentado o orgão no parapeito do côro dos Religiosos, a sua caixa era uma bella peça de estilo barroco. Na face da frente viam-se os tubos de metal. O outro lado, olhando para o fundo do côro, apresentava um espaldar

11) Rev. Inst. Hist., 1923, pag. 338 — "O Rio de Janeiro", etc. I, pag. 233.

12) Um passeio, etc. I, pag. 192.

com um crucifixo que tinha aos lados as imagens de N. Senhora e de S. João, pintadas por Domiciano Pereira Barreto sobre a face interior de duas portas que, fechadas, cobriam tambem o crucifixo (13).

Este orgão foi reformado interiormente quasi de todo pelo Guardião Frei Antonio Agostinho de Sant'Anna (1805 a 1808). Levantou-se de meio ponto a corda coral, augmentaram-se-lhe dois registos em vozes e dois para flautar com os pés, fez-se nova follaria e novo encanamento, e em tudo isto o Guardião dispendeu mais de 600$000.

Em 1823 ou 1824 houve tambem concertos no orgão. Mandou-os fazer o Guardião Frei José de S. João Chrysostomo. Gastou com isto 300$000, mas — accrescenta o Resumo do Tombo — quem os pagou foi seu successor.

Foi dito que Frei Antonio Agostinho mandou pôr no orgão dois registos para "flautar com os pés". Que negocio era este? Conhecemos perfeitamente o orgão velho e examinamo-lo por fóra e por dentro. Não tinha pedaleira, nem vestigio siquer de que ella tivesse sido removida. O que descobrimos em lugar de pedaleira foram duas peças a serem batidas com os pés. E para que fim? Para — *horribili dictu* — tocar um grande bombo dentro da caixa e mais um triangulo e pratos. Experimentámos o effeito, um barulho infernal. Que decadencia da musica de igreja no principio do seculo passado. E isto chamava-se "flautar com os pés"?

O orgão foi removido nas reformas da igreja nos ultimos decennios. Sómente existe, como lembrança, na parede do fundo da grande sala da portaria, o crucifixo com seu docel e as duas portas com as imagens de N. Senhora e de S. João. Além disto, foram aproveitados meia duzia de anjos, tocando instrumentos, na construcção do novo orgão em 1931.

No triennio de 1770 a 1773, o Guardião Frei Manuel de Lorêto dotou a igreja de diversas peças de valor: uma custodia pequena de prata dourada, ainda hoje em uso,

13) O Rio de Janeiro, etc. I, pag. 94.

o sacrario de Quinta-feira Santa, tambem conservado, um pallio rico com suas varas (só estas existem) e diversos ornamentos para as tribunas. para as procissões

O Guardião Frei Boaventura de S. Salvador Cepêda, em 1775, ladrilhou, com tijolos, o alpendre da igreja.

O terceiro periodo na execução de obras na igreja começou em 1777. Nesse anno foi investido no cargo de Guardião Frei Martinho de Sta. Teresa.

A este Superior já fizemos referencia, quando tratavamos das grades que mandou cercear. Arrancou tambem as quatro campas lavradas que existiam acima das grades e que cobriam a sepultura de gente fidalga. Os herdeiros, porém, instauraram um processo e Frei Martinho foi obrigado por sentença a repô-las. Essas campas, já cobertas de assoalho desde 1856, Frei Ignacio Hinte pôde removê-las de todo sem protesto de quem quer que fosse. Não ficaram, porém, em abandono. Frei Justo collocou-as na parede do claustro e Frei Basilio mandou tornar legiveis, na medida do possivel, as inscripções. (V. estampa nº. 8).

Como é sabido, nos jazigos, perpetuos ou não, sepultavam-se successivamente outros corpos. Deu-se isto tambem nas quatro sepulturas, de cujas campas estamos falando. Damos por isto em seguida os nomes de todos que nellas foram sepultados.

1ª. Sepultura do Capitão Francisco Monteiro Mendes. Cavalleiro Fidalgo da Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Anna de Araujo, e de Feliciana Mendes de Araujo, e de seus herdeiros e descendentes.

Nella sepultaram-se:

O Visconde de Mirandella, General das armas da Côrte, em 1º de Junho de 1810.

O primeiro Marquez de Villa-Real da Praia-Grande (Nictheroy), aos 13 de Janeiro de 1827.

2ª. Sepultura de Sebastião Gomes Pereira e de sua mulher D. Maria Coutinho, e herdeiros, e de seu irmão João Gomes Pereira.

Nella sepultaram-se:

O Conde de Linhares, D. Rodrigo de Souza Coutinho, aos 27 de Janeiro de 1812.

João Paulo Bezerra, Presidente do Real Erario, aos 30 de Novembro de 1817.

A Condessa de Linhares, aos 25 de Janeiro de 1821.

O 2º Conde de Linhares, João Carlos de Souza Coutinho, aos 30 de Janeiro de 1824.

3ª. Sepultura de Logo Gago da Camara, e de seus Irmãos, moços fidalgos da Casa de Sua Majestade (14).

Nella sepultaram-se:

D. Francisco da Silveira e Camara, aos 19 de Novembro de 1784. O Visconde de Cezimbra, Manuel da Cunha Souto Maior, aos 28 de Maio de 1810.

4ª. Sepultura de Diogo de Sá da Rocha, e de sua mulher Beatriz Rangel e herdeiros.

Nella sepultou-se:

O Conde de Anadia, João Rodrigues de Sá e Menezes, aos 30 de Dezembro de 1809.

Existiam ainda debaixo do arco-cruzeiro dois jazigos com campa de marmore, mas sem inscripção. Nellas sepultaram-se muitas pessoas da alta sociedade, que seria prolixo enumerar. Em 1856 foram tiradas estas campas, deixando-se, porém, os corpos (15).

Tornemos a Frei Martinho. Além dos trabalhos referidos, que lhe mereceram a alcunha de "bota-abaixo", modificou o corpo da igreja e por causa disso não lhe queremos mal. Si não o tivesse feito, hoje seria preciso fazê-lo.

Consistiu a modificação em incluir no corpo da igreja o alpendre, augmentando com isto a nave em 2,75 metros. A esse effeito substituiu os tres arcos da frente pelas por-

---

14) A familia dos Queirós Mattoso, em Quissaman e outros lugares, pode ufanar-se de contar entre os seus antepassados os Gago da Camara.

15) Livro dos obitos, de todo estragado, pags. 4 e 6 — Advertimos que, ao contrario do que affirma Moreira de Azevedo, o Mestre de Campo Gregorio de Moraes foi sepultado na capella da Conceição dos Terceiros.

tas actuaes, das quaes a do meio é a antiga do alpendre, mas encimada por novo frontão. As outras duas mandou fazê-las de cantaria de serra. Mais duas portas, com portadas de cantaria, collocou nas paredes de dentro, uma que dá entrada na portaria e outra que communica com a Ordem Terceira.

Com este augmento a igreja chegou a ter as dimensões actuaes, que são as seguintes: o corpo desde a entrada até ao arco-cruzeiro mede 29,55 m. de comprido por 8,90 m. de largo; a capella-mór, desde o arco até á parede dos fundos, 9,75 m. de comprido por 5,45 m. de largo.

Não pôde Frei Martinho concluir tudo quanto ideou. Na Congregação Intermedia foi substituido por Frei José do Desterro, que permaneceu no guardianato até 1781.

Como pela obra do antecessor tinha ficado obstruida a entrada da portaria, que era pelo alpendre, Frei Desterro fez o bello vestibulo da frente, que hoje se vê, todo de granito, com um nicho em que pôz a imagem de Sto. Antonio, que anteriormente estava no frontispicio da igreja. (V. estampa nº 3).

Maior obra, porém, Frei Desterro executou dentro do templo. Dividiu todo o corpo, das grades para baixo, em 80 sepulturas, separadas entre si por paredes de pedra e cal, guarnecidas de cantaria, cobertas com tampas de madeira de lei.

Nessas sepulturas enterravam-se os soldados do Regimento de Moura, escravos, criados e, em geral, gente de condição humilde, cujos nomes estão guardados nos registos do Convento.

Era, por certo, uma excellente e mui grande obra de caridade e neste ponto os Franciscanos do Rio de Janeiro nunca desmentiram sua qualidade de filhos do Seraphico Pae. Durante muitos annos mantiveram um cemiterio para escravos nas fraldas do morro, ahi onde estão os edificios da Penitencia e antigamente o hospital. Em 1709, reconhecendo a Camara esse beneficio, concedeu aos frades mais terreno para o augmento do dito cemiterio. Comtudo — para voltarmos ao que fez Frei Desterro — o sepultamento

dentro da igreja devia com o tempo trazer graves inconvenientes. E os trouxe. Não queremos transcrever aqui, por ser muito longa, a resposta que o Provincial Frei Antonio de Sta. Ursula Rodovalho deu, em 1808, ao Conde de Linhares, querendo este saber por que o Convento se negava a dar sepultura aos soldados (16). Basta resumir: Oitenta covas occupadas com novo cadaver cada anno, sem se tirar os corpos meio decompostos, que ás vezes era preciso cortar para dar lugar a outro; cheiro fetido que empestava o ar e tornava a recitação do divino Officio um martyrio e que afugentava o povo; perigo de molestias, etc. Eram estas as razões com que se desculpava o Provincial.

Ainda assim, decorreram quarenta annos, até se resolver o Governo a prohibir o enterramento nas igrejas.

Depois de Frei Desterro, o que consta de obras feitas na igreja, antes de a Provincia chegar a seu declinio, é o seguinte.

O Guardião Frei Lourenço Justiniano de Sta. Teresa (1781 a 1783) mandou fazer de talha dourada um novo nicho ou camarim de Sto. Antonio e o collocou na raiz do throno; restituiu tambem as grades á sua primitiva altura, como já referimos acima.

Frei Francisco da Conceição Valladares (1783 a 1784) pôz novos azulejos na barra da igreja, que foram substituidos pelo que hoje se vê na reforma do Guardião Frei Ignacio Hinte. Além disso, mandou vir de Lisboa ladrilhos de marmore para o pavimento da portaria.

Os concertos do orgão em 1805 e 1823 já foram lembrados em outro lugar, como tambem a collocação de novos sinos, em 1812 e 1827.

As ultimas obras na igreja foram executadas em 1856 pelo Provincial Frei Antonio do Coração de Maria Almeida. Substituiu as grades antigas pelas que hoje se vêem; assoalhou o espaço das grades até ao arco cruzeiro e ladrilhou, de marmore preto e branco, com grega em volta e estrella no meio, de diversas cores, o presbyterio. Desde

16) Tombo III, fls. 193.

então desappareceram á vista a lapide da sepultura do Nuncio D. Caleppi e as quatro campas de que acima nos occupámos; as duas do arco-cruzeiro, sem inscripção, foram removidas (17).

Passemos agora á época moderna.

Cremos que os nossos antepassados, si surgissem de suas sepulturas, não ficariam mal satisfeitos com o aspecto que a igreja hoje tem, e reconheceriam que os confrades, restauradores do Convento e da Provincia, não pouparam fadigas e trabalhos para ornar dignamente o templo dedicado ao grande Padroeiro do Convento, o glorioso Thaumaturgo Sto. Antonio.

Quando, em 1899, Frei Diogo de Freitas foi investido no cargo de Guardião, nada pôde fazer em beneficio do Convento e de sua igreja. Faltavam-lhe os recursos e a presença de Frei João do Amor Divino Costa lhe impunha reservas.

Fallecendo Frei João em 1909, não quiz esperar com os reparos mais urgentes. Cobriu o edificio com telha franceza em 1910; installou a luz electrica em 1911, que foi inaugurada no dia de Sto. Antonio; adquiriu no mesmo anno um harmonium para substituir o velho orgão de todo imprestavel; collocou bancos para ajoelhar e sentar e poz uma pequena mesa de Communhão no arco cruzeiro.

No anno de 1912 foram postos um tabernaculo novo e banquetas novas.

Obra de maior folego, porém, o Guardião iniciou em Outubro desse anno com a collocação de soalho em todo o corpo da igreja.

Como já sabemos, desde 1781 o corpo da igreja estava dividido em 80 sepulturas, para o enterramento dos Irmãos de S. Benedicto, soldados e outra gente pobre. E' verdade que a lei de 1850 fez cessar o enterramento nas igrejas, mas essas sepulturas, com os tampos de taboas mal

---

17) O Rio de Janeiro, I, pag. 93.

arranjadas e com altos e baixos, emprestavam á igreja um aspecto tetrico e pouco decente.

Emquanto o culto divino passou a ser celebrado na capella da Penitencia, gentilmente cedida, atacou-se a obra no dia 15 de Outubro.

Foram retirados os fios de pedra e demolidas as sepulturas. Em algumas foram encontradas ossadas, botões de farda, galões de caixões, etc.

Depois de removido o entulho e assentados os barrotes, paus de madeira de lei, aproveitados do edificio demolido nos fundos do Convento, procedeu-se ao assentamento dos frisos de pinho de Riga.

Era para ver quanto o novo assoalho melhorou o aspecto da igreja.

Em 1913 a igreja ficou enriquecida com dois confessionarios, no valor de 700$000 cada um, e na festa do Natal foi exposto o novo presepe, cujas figuras medem 70 cm. de altura. Do antigo presepe, que se armava no fim da ladeira em frente do existente paredão, nem vestigio siquer tem apparecido. E' pena, porque estão os autores accordes em affirmar que era um dos mais visitados da cidade.

Tendo, em Janeiro de 1920, assumido o governo da casa Frei Ignacio Hinte, considerou a restauração total da igreja como primeiro e principal numero do programma que se propôz executar. Com as devidas licenças dos Superiores, iniciou o seu vasto plano, com o levantamento dos andaimes na capella-mór, a 1º de Dezembro do mesmo anno de 1920.

Tres longos annos foram precisos para o acabamento da obra, e digamo-lo desde já, não houve lugar que não tivesse sido attingido pela restauração.

Mas vamos por partes e, desprezando a ordem chronologica, tratemos primeiro do edificio e em seguida do ornato interior.

Foi renovado todo o madeiramento do telhado e este elevado em cerca de dois metros, com o que tambem o interior lucrou em altura. Ao tecto deu-se outra forma; o

antigo era em linhas rectas; o novo, arqueado. Uma claraboia projecta luz no corpo da igreja e, para evitar a monotonia, todo o forro foi dividido em paineis.

Todo modificado foi o frontispicio da igreja. Frei Feliciano Schlag, o Irmão architecto, deu a ella uma nova feição mais ornada, alteou as tres janellas, pôz tres oculos e outros enfeites e installou luz electrica para a illuminação nos grandes dias de festa. (V. estampa nº 3).

Para as janellas mandaram-se vir da Alemanha bellos vitraes, sendo o do meio, que representa a Sto. Antonio em attitude de receber de N. Senhora o Menino Jesus, offertada pela Ordem Terceira do Convento.

No interior da igreja, Frei Ignacio abriu na parede lateral um grande arco, communicando a igreja com o que foi a sacristia da Capella da Consolação, hoje quarto do porteiro, e nella pôz o altar do S. Coração de Jesus. A nova Capella communicou, por meio de porta, com a da Porciuncula, em que desde 1927 repousam os ossos de Frei Fabiano de Christo. Deste modo, a igreja ganhou não sómente mais um altar, mas tambem um recinto para confissões em dias de affluencia.

Em Fevereiro de 1923 deu-se começo á restauração do côro dos Religiosos. Tal era o estado ruinoso dos barrotes, que se tornou necessario desmontá-lo de todo. Na reconstrucção, o comprimento foi diminuido em 3.20 m. e em virtude disso deslocada tambem a porta de ingresso. Os novos assentos do côro são obra dos Irmãos leigos Frei Leonardo Preis e Frei Antonio Boos, como tambem o peitoril, em cujos nichos, com face para os altares, estão collocados os bustos dos martyres do Japão. Infelizmente não descobrimos até hoje quem dos nossos antepassados mandou collocar esses 18 bustos, que são dignos de serem vistos pela interessante posição que se deu a cada um com o fim de evitar a uniformidade.

Por occasião das obras do côro foi removida a caixa do velho orgão. Em seu lugar está hoje sobre o peitoril um oratorio com a imagem de N. Senhora.

Occorre-nos neste momento um dito de Manuel de Macedo (18) affirmando que os frades são homens commodistas por excelencia e, referindo-se ás cadeiras do nosso côro, acha que "offerecem todos os commodos possiveis e imaginaveis". Pois fique o leitor sabendo que as antigas cadeiras não offereciam commodo nenhum e muito menos as actuaes. Têm assento para descer e levantar, e é só. Macedo quiz dizer uma coisa engraçada e nada mais.

Resta ainda referir a renovação do chão da igreja. O assoalho, posto por Frei Diogo em 1912, infelizmente não resistiu á humidade. Pouco mais de dez annos foram sufficientes para as madeiras apodrecerem. Depois, não havia possibilidade de trazer a igreja limpa. O pó preto, tão conhecido na nossa adiantada Capital, fazia com que o assoalho parecia ser de asphalto, não de madeira.

A' vista de tudo isto, Frei Ignacio resolveu ladrilhar o corpo da igreja, o que effectivamente se fez, e para tornar mais agradavel o aspecto, escolheram-se ladrilhos de diversos padrões, uns para os grandes pannos, outros para os corredores.

Tirou Frei Ignacio tambem as grades e collocou o degrau um metro mais para perto dos altares lateraes, excluindo, portanto, as portas. O espaço entre as grades e o arco-cruzeiro tinha ainda o assoalho posto em 1856 e ahi achavam-se as já descriptas quatro campas. Foram ellas removidas e todo o espaço não ladrilhado, mas coberto com massa que chamam "konit", e foi posta no meio uma grande estrella de diversas cores.

Vultosas, na verdade, as obras executadas no edificio da igreja. Vejamos agora o que se fez para seu ornato.

Tratava-se, antes de tudo, de restaurar a talha. Emprehendimento difficil e dispendioso. Além de muitas partes completamente estragadas pelo cupim, que força era tirar das paredes e substituir por outras, existia grande numero de pequenas falhas. Aqui faltava uma folha, acolá uma voltura, mais adiante a perna, a mão ou a metade da

18) "Um passeio", etc., vol. I, pag. 193.

face de um anjinho, e assim a seguir. Mezes e mezes a fio durou o trabalho do habil entalhador e quem, interessando-se pelo progresso da restauração, de quando em vez visitava a igreja, sahia quasi desanimado, tão lento lhe parecia.

Tres importantes modificações se fizeram por occasião da restauração da talha. O altar-mór foi unido ao throno, de forma que nem vestigio ficou da passagem que havia por detrás: o camarim de Sto. Antonio subiu da bocca do throno ao ultimo degrau.

Si esta modificação merece sincero applauso, não menos agrada a que se executou na face do arco-cruzeiro. Ahi, por causa do levantamento do tecto, a talha devia obedecer a novo desenho, ainda mais porque se quiz collocar dois paineis com motivos da vida do santo Padroeiro. Por isso foi preciso renovar toda a talha, com o aproveitamento apenas do escudo do meio, de dois grandes anjos e de mais algumas peças.

Menos feliz, em nossa opinião, foi a modificação que soffreram os altares lateraes, não só com a substituição das imagens tradicionaes da Conceição pela de N. Senhora das Graças e da bellissima imagem de S. Francisco, de madeira, por outra de terracotta, ambas em estilo moderno; mas tambem pela remoção dos arcos da corôa que encimava os dois altares. Sobrepôr-lhes uma corôa imperial foi idéa original que tiveram os nossos antepassados. Como coisa propria da nossa igreja, deviam ter ficado. O que hoje se vê é o forro das corôas e nem mais idéa dá do que foi anteriormente.

A par com a renovação da talha andou a reforma da barra no corpo da igreja. Frei Ignacio julgou vantajoso ceder os azulejos, postos por Frei Francisco da Conceição Valladares em 1783, á Casa Martinelli, obrigando-se esta a fazer toda a barra de imitação de marmore, de 1,55 m. de altura. Acima da barra collocou a mesma Casa as estações da Via-Sacra, cujas pequenas imagens são de terra-

cotta em relevo, emolduradas por ornamentações de estilo, embutidas na parede, formando pequenos nichos.

Na parede da igreja, do lado do Evangelho, existe o pulpito para as prégações. Nelle se celebrizaram os grandes oradores franciscanos durante os tres seculos de existencia do Convento, principalmente os da primeira metade do seculo passado, os S. Carlos, os Monte Alvernes e os Sampaios. (V. estampa nº 26).

Tambem esta peça de legitimo estilo barroco, encimada por um docel, ameaçava ruir, além de estragada nas suas esculpturas. Na reforma que soffreu, respeitou-se escrupulosamente a feição antiga; resolveu-se, porém, collocá-la em outro lugar, menos alto e mais para o lado do altar. Resultou dahi a vantagem de o prégador ter diante de si o auditorio e facultar a este poder sem esforço olhar para o prégador. Em consequencia dessa deslocação, desde que se não podia conservar o accesso pelo corredor interno, foi preciso fazer uma escada. Esta, pois, é nova, como tambem o espaldar em lugar da porta; o resto é o pulpito historico.

Ao ornato da igreja, na opinião dos antigos, pertenciam tambem as tribunas e tão essenciaes as julgavam, que, não sendo possivel abrir janellas nas paredes, collocavam tribunas ficticias. E' o que aconteceu na igreja de Sto. Antonio. Taes tribunas existiam em ambos os lados. Foram ellas removidas e só conservadas as duas que têm janellas, ao lado dos altares lateraes. O aspecto não perdeu nada com isto, mas lucrou com a posterior pintura.

Uma vez que vamos falando das tribunas e janellas da nossa igreja, permitta-nos o leitor lembrar uma severa determinação do tempo passado. Refere-se ella á janella do côro do lado da Penitencia, aberta por occasião da construcção do alpendre, e á "fresta do altar de N. Senhora" (deve ser a janella ao lado da Capella da Conceição). Era a época em que os Terceiros estavam empenhados em augmentar cada vez mais as suas construcções. Os nossos Superiores receiavam, por isso, viessem elles um dia tirar

com novos edificios a luz projectada por essa fresta e a ventilação do côro. Dahi a grave ordem a qualquer Superior de não permittir em tempo algum taes edificios, sob pena de perda de voz e lugar, impondo, ao mesmo tempo, a obrigação de recorrer á Santa Sé si a Penitencia conseguisse licença do Nuncio ou mesmo do P. Geral. "Não queremos, disse o Definitorio, que o côro seja um forno de Babylonia".

A primeira vez que se lançou esta prohibição foi no Capitulo de 22 de Janeiro de 1701 e foi renovada no Capitulo de 7 de Abril de 1710, donde se infere que os receios não eram infundados (19).

Vejamos agora a pintura da igreja, executada no tempo do Guardião Frei Ignacio. Foram conservados todos os quadros da capella-mór, emmoldurados pela talha. São ao todo 16, dos quaes oito no tecto e oito nas paredes. Representam motivos da vida de Sto. Antonio, tirados da historia e da lenda. O seu valor é medio, muito inferiores são os grandes na parte baixa das paredes. Vê-se representada nesses quadros a bilocação do Santo, um estando elle fóra de si no pulpito, interrompendo o sermão, e o outro, achando-se ao mesmo tempo junto á sepultura do assassinado, que se levanta vivo para testemunhar a innocencia do pae do Santo, falsamente accusado. (V. estampas ns. 29, 30).

O autor de todas estas pinturas não é conhecido. A grande differença, porém, na execução entre os grandes de baixo e as outras persuade de que não são a obra de um só.

Os paineis novos no frontispicio do arco-cruzeiro têm por autor o jovem artista brasileiro Pedro Cechet. Representam a nomeação de Sto. Antonio para lente de theologia e a sua morte.

São do mesmo autor as pinturas no côro, na face interna do frontispicio. Ahi se vê no centro o missionario franciscano S. Francisco Solano, tocando violino no meio de um grupo de indios peruanos; o propheta-rei com a harpa; e Sta. Cecilia junto a um orgão. São allusões ao canto do

19) Tombo I, fls. 111 e 141.

Officio no côro. A elle se referem tambem as duas inscripções, tiradas de diversos psalmos. Um simples relancear de olhos convence de que não foram Leonardo da Vinci, nem Ticiano que nessa pintura deram largas a seu genio.

Mui feliz é licito chamar a decoração do tecto e das paredes da igreja. Não há nada de berrante. A mescla de cores, sobresahindo o tom de azeitona e beije, impressiona agradavelmente.

Ficou assim resolvido o problema do que se devia fazer com a talha. Desde que se não podia pensar em dourá-la toda, repristinando o antigo esplendor, só restava pintá-la a oleo. Todavia, não se dispensou de todo o ouro, que, applicado com discrição, dá realce ás esculpturas.

As cimalhas e molduras no corpo e tecto da igreja levaram uma decoração de accordo com o estilo, os grandes pannos das paredes foram chapeados, notando-se de distancia em distancia o monogramma dourado de Sto. Antonio.

Era intenção de, com o tempo, mandar pintar grandes quadros na parede e neste intuito o decorador deixou pannos lisos com moldura fingida. Com a posterior construcção do orgão, porém, esses pannos ficaram inutilizados, e assim continuam até hoje.

Lembramos ainda a substituição da maior parte dos bancos simples por outros mais fortes e artisticos, para rematar a descripção das obras executadas no sexennio do guardianato de Frei Ignacio, cuja realização só foi possivel com a ajuda generosa dos fieis que quizeram concorrer para a restauração do templo de Sto. Antonio. (V. estampa nº 22).

No triennio em que presidiu ao Convento Frei Julio Janssen, no qual se fez a restauração do interior do Convento, não houve trabalhos na igreja, a não ser a adaptação do altar da capella da Porciuncula para receber os ossos de Frei Fabiano de Christo, trasladados no dia 23 de Outubro de 1927.

No tempo de Frei Justo Scheidgen, porém, foi iniciada a construcção do majestoso orgão electrico, cujos sons

harmoniosos hoje tanto contribuem para solennizar o culto divino.

O respectivo contrato foi assignado no dia 17 de Fevereiro de 1931 e o orgão inaugurado aos 6 de Março de 1932, de modo que a construcção levou um anno.

Exteriormente consta o orgão de duas caixas nas paredes lateraes. Foi preciso recorrer a este systema, aliás frequente, porque assim o exigia a escassez de lugar. As caixas foram desenhadas e fabricadas pelo Irmão marceneiro Frei Roque Vieira ou sob a sua direcção. Obedecendo ellas ao puro estilo barroco, por si só constituem um bello ornato da igreja. (V. estampa nº 27).

Quanto á construcção interna, dispõe o orgão de 15 registos, além dos muitos outros recursos, como são o tremulo, os pedaes de crescendo e decrescendo e as combinações livres.

O orgão pode ser tocado tanto no côro como em baixo na igreja. Há por isso duas consolas, artisticamente fabricadas de madeira de lei, com duas ordens de teclado e pedaleira.

O folle, collocado na torre, é movido por motor electrico.

Dizem com razão que o orgão, principalmente o electrico, é como uma criança porque exige constantes cuidados. De facto, nos primeiros tres annos o nosso orgão necessitou de frequentes reparos e afinações. Tornou-se, por isso, preciso reformá-lo depois de tão curto tempo de serviço e aproveitou-se a occasião para introduzir alguns melhoramentos. Desde então o funccionamento é melhor.

O Guardião Frei Justo proveu a igreja tambem de ricos paramentos e recollocou as grades, que desde então servem de mesa de Communhão, quando até esse tempo uma pequena mesa estava collocada sob o arco cruzeiro.

Numa igreja, assim completamente restaurada e bellamente ornada, pouca coisa teve que fazer o Guardião Frei Basilio. Além do concerto que se fez no orgão, com que se dispenderam 12:500$000, puzeram-se os cinco bancos que faltavam; renovou-se uma parte da barra que se desprendera

da parede; cercou-se o estrado dos cantores de balaustres e adquiriu-se uma larga passadeira para o altar mór.

Tendo-nos assim largamente occupado com a igreja, passemos á sacristia.

II

A sacristia

Quem pela primeira vez visitar o Convento de Sto. Antonio e as suas dependencias, ficará surprehendido com a sumptuosidade da sacristia.

Si Manuel de Macedo, que escreveu em 1860, pôde affirmar que a sacristia do Convento de Sto. Antonio era a mais bella da cidade (20), sem exaggero podemos dizê-lo ainda hoje. Está ella em manifesto contraste com a simplicidade da igreja, como si os Religiosos mais importancia déssem ao accessorio do que ao principal.

Mas o facto explica-se perfeitamente.

Já sabemos, pelo que foi dito ao tratarmos da igreja, que o seu santuario, isto é, a capella-mór com o arco cruzeiro e os altares lateraes antepostos, tinha toda a talha dourada, o que emprestava á igreja esplendor e magnificencia. De accordo com isso, os nossos antepassados fizeram a sacristia. Ella conservou-se nesse estado e o ouro foi renovado pelo Guardião Frei Justo Scheidgen. Na igreja, porém, o ouro foi sobrepintado, de modo que o aspecto mudou completamente.

Querendo em seguida dedicar algumas paginas á sacristia, declaramos desde já que não poderemos offerecer dados historicos, com excepção de pequenas noticias, porque o archivo nada revela a este respeito. Temos, pois, de nos limitar a descrever o que existe.

A sacristia foi installada, provavelmente, no lugar onde hoje está e com as dimensões actuaes por occasião do augmento da capella-mór, em 1717, presumindo que anterior-

20) Um passeio, etc., I, pag. 197.

mente estivesse situada mais ou menos na passagem que corre por detrás da capella-mór.

Duas portas dão accesso á sacristia, correspondendo aos dois corredores ao lado de fóra da dita capella-mór. Com isto tornava-se possivel observar a rubrica que manda entrar o sacerdote para o altar pelo lado do Evangelho e sair pelo da Epistola. Essas portas têm portadas de marmore, artisticamente lavradas com bella ornamentação. As portas são feitas de jacarandá com almofadas emmolduradas em linhas curvas. (V. estampa nº. 31). Do mesmo estilo são as duas portas que abrem para a dependencia onde está o "lavabo", mas as portas de jacarandá e as portadas de marmore (pintadas!) são de execução mais simples. E' de notar tambem que as portas da sacristia differem vantajosamente das da igreja, que são feitas no estilo pesado do seculo XVIII.

O interior da sacristia mede 14x8 m. e tem tres janellas guarnecidas de marmore e defendidas por grossos varões de ferro batido, ao lado do pequeno jardim. Defronte dellas acham-se, embutidos na parede, tres armarios.

O pavimento da sacristia é uma belleza. Está todo coberto de marmore, cujas diversas côres formam desenhos symmetricos. Com o tempo tinha-se estragado o marmore côr de rosa que assignala as divisões principaes. Foi, porém, concertado com massa, no tempo do Guardião Frei Justo, pela Casa Martinelli, que tambem poliu todo o pavimento. De vez em quando é encerrado, conservando, por isso, o brilho que lhe dá belleza e realce.

As partes inferiores das paredes não occupadas estão revestidas de azulejos. Estes, no espaço entre as janellas e armarios lateraes, são decorativos apenas. Não assim os na parede defronte do arcaz. Ahi o espaço permittiu collocar dois grandes paineis, que estão em bom estado de conservação e representam motivos mui interessantes.

Num se vê a Sto. Antonio acabando de illuminar os olhos de um jovem cercado de espectadores e ao lado outro cego se aproxima conduzido pela mão, a pedir identico milagre.

O outro painel é o pendant do primeiro. Representa como o Santo confundiu a quem ousou desprestigiar o seu poder milagroso. Um homem vendou os seus olhos e, fingindo cegueira, pediu a Antonio lhe restituisse a vista. Sto. Antonio tirou-lhe a venda e, ó milagre! os olhos ficaram presos na venda. Os circumstantes mostram-se pasmados. Sto. Antonio não esconde um riso malicioso. (V. estampas nos. 33, 34).

Vejamos agora o tecto. Quem se incumbiu de sua ornamentação soube com muita habilidade dividir a grande superficie de 14x8 metros, evitando a monotonia e o excesso. Esses paineis, de differentes tamanhos e formas, estão emmoldurados por largas molduras douradas a ouro brunido e fosco, renovado em 1931.

Todos levam pinturas que merecem ser chamadas artisticas. O assumpto dos doze menores são paizagens e escudos com emblemas do Santo, os cinco maiores illustram factos de sua vida. Pena é que as tintas escureceram com o tempo.

O quadro do meio, que é o maior, representa a Sto. Antonio em attitude de receber o Menino Jesus, que, desprendendo-se do collo de N. Senhora, desce voando nos seus braços. E' uma scena já muitas vezes reproduzida na tela por grandes e pequenos artistas, mas o quadro em questão merece ser notado, por causa do modo não commum de execução. Parece que o autor se inspirou no celebre quadro de Vicente Carducci, conservado no Eremiterio Imperial de Petersburgo.

Nos outros quatro paineis o autor pintou o que se segue: A SS. Virgem apparece ao Santo, ainda conego de Sto. Agostinho; Sto. Antonio, tentado pelo demonio, que é vencido pelos anjos, recebe de N. Senhora o lirio symbolico da pureza; Maria SS. apparece ao Santo nas vesperas de sua Assumpção; Morte de Sto. Antonio. (V. estampas nos. 37, 38).

O ornato da sacristia mais bello e mais artistico é o grande arcaz em dois lanços, com magnifico espaldar. Uma e outra coisa são feitas de jacarandá. Ahi o habil entalha-

dor esmerou-se em fazer brilhar a sua pericia, que difficilmente se encontrará igual.

Os oito gavetões abombados e emmoldurados do arcaz ainda hoje fecham com tanta justeza, como si fosse obra recente. Muito contribuem para o aspecto grandioso os pegadores e outros ornatos nas pilastras de metal prateado. Além dos gavetões, há pequenas gavetas e depositos com portinholas, tudo em linhas curvas.

O espaldar tem no centro bellissimo nicho com crucifixo e é dividido em cada lado em tres almofadas, separadas por pilastras estilizadas. Por cima de tudo corre larga moldura saliente, encimada por remates e florões. Nas almofadas do meio está collocado um espelho com moldura dourada; nas outras um bom pintor executou episodios da vida do Santo, e são os seguintes: Sto. Antonio serve-se de um anjo para levar e entregar uma carta; Morte de Sto. Antonio; S. Francisco dá ao Santo a patente de prégador (no fundo vêem-se os demonios destruirem o pulpito em que estava prégando); Sto. Antonio converte o tyranno Ezzelino. (V. estampas nos. 32, 35, 36).

Em 1930, depois de soffrer pequenos concertos em algumas molduras, florões e gavetas, todo o arcaz foi limpado e lustrado e sempre enleia os olhos de admiração de quantos vêm visitar a sacristia.

Grato nos é poder communicar aos leitores quem o grande artista que executou esta obra. Quando, em 1930, houve ligeiros concertos, foi achado dentro do arcaz um pedaço de taboa de cedro com estes dizeres, escriptos a mão: "Este arcas fes Manoel Alveres Setubal. Acabou no ano de 1745 em 16 de setembro pede hum Padre Nosso e hua ave Maria pello amor de Ds. pella sua alma".

Foi guiado por esta inscripção que acima dissemos que a actual sacristia muito provavelmente foi installada antes da construcção do segundo Convento, porque o arcaz tão perfeitamente se ajusta entre as duas portas que não há duvida de que foi feito para esse espaço. As obras do Con-

vento, porém, só foram iniciadas cinco annos depois do acabamento do arcaz.

Defronte do arcaz, no meio dos dois paineis de azulejos acima descriptos, acha-se, embutido na parede, um armario para guardar objectos, livros, etc. E' tambem de jacarandá e de fino lavor artistico. Não consta, mas é possivel seja outrosim trabalho de Manuel A. Setubal.

Com relação ao dito Manuel A. Setubal podemos adiantar que foi o mestre de construcção da igreja dos Terceiros do Carmo, por cuja Mesa foi agraciado com o habito de Terceiro (21). Não era, pois, como diversos autores opinam, frade leigo do nosso Convento.

Com isto acaba o nosso gyro pela sacristia. E' agora a dependencia contigua que pede algumas palavras. Chamamo-la segunda sacristia e só tem quatro metros de largura. Num grande armario, moderno e simples, guardam-se parte dos paramentos e nella os sacerdotes preparam-se para a celebração da S. Missa. Os azulejos da barra, de 70 cm. de altura, são apenas decorativos. De um lado há uma mesa oitavada sobre columna de marmore, que antigamente servia de credencia para o preparo das galhetas e hoje de pedestal para a celebre imagem do ECCE HOMO, a que diversas vezes fizemos referencia nos capitulos anteriores. A peça principal, porém, é o *lavabo* ou esguicho de marmore, do lado da janella. Em Minas existem semelhantes peças nas sacristias de Ouro Preto e S. João d'El-Rey, obras do conhecido "Aleijadinho"; no Rio de Janeiro, porém, ainda não encontrámos *lavabo* tão artistico.

Sobre um pé bem trabalhado assenta a grande bacia côr de rosa, em forma de concha. No centro della ergue-se uma columna, flanqueada de quatro golfinhos com torneira na bocca e encimada por uma imagem que representa a pureza. (V. estampa nº. 39).

Concluimos este capitulo com pequena noticia historica. Existe na sacristia uma caldeirinha de agua benta, de prata bem trabalhada e de uso constante. Quem a doou

21) O Rio de Janeiro, etc., I, pag. 218.

foi o sargento-mór Alexandre Dias Rezende, irmão confrade do Convento, enterrado na sepultura nº 16 do claustro, em 9 de Agosto de 1812 (22).

Era homem de merecimento, mas mulato, e por ser mulato não conseguiu ser admittido como membro secular na Irmandade de S. Pedro. No seu testamento, porém, deixou a esta Irmandade dois predios com cuja renda se beneficiassem os sacerdotes doentes e pobres. Ao saber disto, a Irmandade celebrou Officio de corpo presente em sua igreja e os proprios sacerdotes levaram o caixão para o Convento, onde o fallecido havia escolhido á sua sepultura. Chegando até ao cruzeiro, quizeram os nossos Terceiros tomá-lo, por ser tambem Irmão da Penitencia. A isto se oppuzeram os de S. Pedro, dizendo que só o entregariam a sacerdotes como elles. Os frades então tomaram sobre os seus hombros o caixão, levaram-no á sepultura e quem sabe si não o aspergiram com agua benta da caldeirinha que em vida lhes havia offertado o sargento-mór, mulato, mas homem de bem. Mais tarde, a Irmandade de S. Pedro exhumou os seus ossos, encerrando-os na parede que sustenta o arco do côro de sua propria igreja (23).

22) Livro dos obitos, claustro e capitulo, pag. 53.
23) Apontamentos historicos, pag. 152 — Rev. Inst. Hist., 1923, pag. 506.

CAPITULO XIII

DUAS IMAGENS DE Sto. ANTONIO E SUAS DISTINCÇÕES

I

Duas imagens historicas

Não consta de documento algum que os Franciscanos do Rio de Janeiro, ao inaugurarem, no dia 8 de Dezembro de 1616, a capella-mór de sua igreja, tenham collocado uma imagem de Sto. Antonio no altar, ou, si a collocaram, qual tenha sido.

Entretanto, é de suppôr que não deixaram o altar, embora não tivesse retabulo, sem imagem do Padroeiro, uma vez que tinham á disposição aquella que serviu na solennidade do lançamento da pedra fundamental, e que, presumidamente, era a que esteve na capella do Santo ao pé do morro, capella que, segundo reza a escriptura de doação do terreno, devia deixar de tê-lo por orago depois da erecção do Convento.

Haviam decorrido cinco annos, quando o altar-mór foi ornado com a imagem definitiva, a qual só muito mais tarde foi substituida pela actual.

No presente capitulo tratamos destas duas imagens, ambas conservadas; uma, a primeira, no nicho da portaria, a outra, no throno do altar-mór.

I — Transmitte-nos a tradição que, tendo o Guardião Frei Luiz de Sto. André (desde 1620) terminado a obra dos retabulos dos altares da igreja, então de todo acabada, quiz collocar no altar-mór uma imagem do Padroeiro, adrede feita. Incumbiu de sua fabricação um Religioso leigo da casa, perito nesses trabalhos.

Dando cabo á sua tarefa, o Irmão fez o corpo do Santo, mas não acertava com a cabeça. Esta foi feita por outro, de quem nunca se soube quem fosse.

Que diz a este respeito o archivo do Convento? No primeiro livro do Tombo, numa das paginas que precedem o termo da abertura e que são o primitivo indice, lê-se o seguinte:

"Em 1621 se collocou a imagem de Sto. Antonio, o corpo feito por hum Religioso leigo porteiro, e a cabeça por hum, que pediu hua esmola para jantar, como se vê no Cartorio do Convento".

E' em substancia o que dizem todos os autores que se occupam do assumpto (1).

Não queremos, comtudo, privar os leitores do prazer de saber como Joaquim Manuel de Macedo conta este facto. De nossa parte não estranhamos as minucias, não sómente porque o Tombo, nas palavras citadas, se reporta ao Cartorio, muito anterior ao actual Tombo, deixando entrever que nelle se referia o facto mais circumstanciadamente, mas tambem porque entre os Religiosos, que Macedo consultou, se conservavam fielmente as tradições.

Escreve, pois, Macedo:

"Aquella imagem de Santo Antonio é obra de um dos frades da Ordem. Trabalhava nella esse religioso com fervor e devoção, e tinha-se sahido bem na disposição e execução de todo o corpo da imagem, chegando, porém, á cabeça não pôde ajustar ao corpo uma só das muitas que teve *de ir fazendo; porque apezar de todo* o seu cuidado e empenho umas cabeças excediam e as outras não chegavam á medida.

Se a imagem continuava sem cabeça, o frade perdia a propria (isso é que é historia do Macedo); porque não podia explicar o motivo da sua subita e desastrada impericia.

Os frades estavam em movimento: não havia cella em que não se descorresse sobre a inexplicavel infelicidade do artista religioso.

---

1) Pizarro VII, pag. 242 — Frei Diogo de Freitas nas "Vozes de Petropolis", 1924, pag. 601.

Mas uma noite, e já bem tarde, sôa inesperadamente a campainha da portaria; todos os frades achavam-se no mosteiro; podia, porém, aquelle signal ser um chamado de soccorro para algum triste moribundo.

Corre-se á portaria, abre-se a porta, e ninguem se apresenta... olha-se em torno e não se vê pessoa alguma... mas, quem o pensaria?... encontra-se depositada no chão uma cabeça de Santo Antonio... (2).

Indaga-se, procura-se pelas circumvizinhanças o portador do singular e precioso presente, e não se acha vestigio de alguem que tivesse vindo ao convento.

A noticia do extraordinario caso espalha-se logo pelo mosteiro: acodem todos os frades á portaria: a cabeça do Santo é levada ao corpo da imagem, que já estava prompto, serve perfeitamente, e como se de proposito tivesse sido feita para elle.

Mas de quem e donde viera a cabeça do Santo?... Nunca se pôde resolver o problema, e as antigas tradições fazem suppôr que os Franciscanos a considerarão como obra executada por mãos sobrenaturaes. Tal é a tradição que existe a respeito da cabeça da imagem de Santo Antonio que se venera no altar-mór da igreja do convento dos capuchos (Franciscanos) do Rio de Janeiro" (3).

A isso só temos de observar que no tempo de Macedo a imagem já não se achava no altar-mór, como depois se verá.

Tem a imagem em questão 1,10 m. de altura e é feita de barro queimado. A execução do corpo é muito primitiva. A cabeça está embutida no tronco, de modo que sem a menor difficuldade pode ser retirada. Nota-se tambem que o feitio da cabeça é superior ao do menino Jesus. Estas circumstancias vêm corroborar fortemente a tradição sobre o apparecimento mysterioso da cabeça. A quem estranha a sua pouca altura para ser imagem do Padroeiro numa igreja como é a do Convento, observamos que tam-

2) Segundo outra versão e mais de accordo com o Tombo deu-se isto depois que o porteiro voltou da cozinha com um prato de comida.

3) Um passeio, etc., I, pag. 193.

bem a imagem da Conceição e a do Patriarcha, que se achavam nos altares lateraes, eram mais ou menos do mesmo tamanho, e, depois, que o corpo da igreja e a capella-mór eram menores naquelle tempo.

Quanto tempo occupou esta imagem o lugar do Padroeiro no altar-mór? Parece que foi até fins do seculo XVII. Talvez fosse retirada por occasião da reforma de 1699, quando a igreja foi augmentada para a frente. Certo é que já estava substituida pela actual no primeiro decennio do secùlo seguinte. Concluimos isso do tamanho da coroa de ouro e prata que o Guardião Frei Serafino de Sta. Rosa (1707 a 1710) mandou fazer para a imagem do Padroeiro, coroa que ainda existe e que só cabe na cabeça da actual imagem. Portanto, esta já estava collocada ou ia collocar-se brevemente no altar-mór.

A primeira imagem, entretanto, sendo substituida, não perdeu a veneração. Pelo contrario, adquiriu novo brilho e fóros de imagem miraculosa no tempo da invasão franceza, em 1710.

Nesse anno, sahindo a esquadra franceza, sob o commando de João Francisco Duclerc, do porto de la Rochelle, em 10 de Maio, chegou á vista da barra do Rio de Janeiro, que naquella época possuia 12 mil almas, em começo de Setembro. Sendo condignamente recebida pelos fogos da Fortaleza de Sta. Cruz, foi-se rumo ao sul e os homens da expedição desembarcaram em Guaratiba. A' noite de 18 de Setembro acamparam no Engenho Velho.

O Governador da cidade, Francisco de Castro Moraes, preparara-se como pôde com os limitados recursos de que dispunha. Não querendo prescindir, na defesa da cidade, do auxilio de Deus, quiz obtê-lo pela intercessão de S. Sebastião e de Sto. Antonio. Ao primeiro recommendou as praias, a Sto. Antonio constituiu General dos exercitos do campo.

No mesmo dia 18 de Setembro mandou pedir ao Convento de Sto. Antonio fossem no dia seguinte celebradas todas as Missas pelo feliz exito da batalha. Além disso, enviou á imagem do Santo a Patente de Capitão de Infante-

ria. O Provincial, por sua vez, fez entregar a Castro Moraes o bastão de Sto. Antonio, offerecido por Sebastião Xavier da Veiga Cabral, dizendo-lhe que pelejasse com esse bastão na mão. O Governador, porém, depois de collocá-lo sobre a sua cabeça e beijá-lo, mandou-o restituir ao Provincial. Solicitou ao mesmo tempo que os frades collocassem a imagem do Thaumaturgo, com o bastão na mão, na muralha do Convento, afim de, como General, presidir a peleja (4).

O que succedeu no memoravel dia 19 de Setembro de 1710 está no dominio de todos que conhecem os feitos gloriosos da historia patria. Os francezes foram completamente desbaratados e Sto. Antonio mais uma vez mostrou que era o defensor e protector das armas portuguezas.

Era uma hora da tarde mais ou menos, dia de S. Januario, quando os sinos de todas as igrejas annunciaram festivamente a victoria.

Para conservar a memoria de tão gloriosa data e da protecção visivel do grande Thaumaturgo, a imagem foi collocada no frontispicio da igreja. Graças a essa circumstancia, isto é, por estar exposta ao tempo, o povo, sempre propenso em alcunhar as coisas, chamou-a "Sto. Antonio do relento". (V. estampa nº 5).

Além de se dar á primitiva imagem esse lugar de destaque, resolveu-se ainda, como piedoso voto de gratidão, manter diante della accesa uma lamparina durante a noite.

Em 1779 foi a imagem do Santo mais uma vez mudada de lugar. Nesse anno o Guardião, Frei José do Desterro, fez construir de granito a actual entrada para a portaria. Encimou-a por um bello nicho e para este mudou a imagem, lugar em que se conservou até aos nossos dias. Continúa tambem a arder a lamparina todas as noites. "E quem quer que seja que se queira convencer da verdade — diz Frei Diogo de Freitas — ao atravessar á noite o Largo da Carioca, volva o olhar em direcção ao Convento e lobrigará á frente deste uma luzinha tenue, quasi apagada ao lado

4) Tombo I, fls. 141 v.

da luxuriante illuminação da cidade, porém de uma significação encantadora, evocação peregrina das bellas tradições de outrora. E, emquanto de pé estiver o velho edificio e ali habitarem aquelles monjes, lá estará a lamparina de Santo Antonio, qual mysterioso pyrilampo, alimentada pelo azeite dos seus devotos, a recordar um passado longinquo e glorioso (5).

II — A outra imagem de Sto. Antonio que, como já foi dito, desde fins do seculo XVII está exposta á veneração dos fieis no altar-mór, tem 1,66 m. de altura e é feita, como a primeira, de barro queimado e muito mais perfeita do que aquella. Forma uma peça só, conforme verificámos num rigoroso exame. Por este motivo, fica de todo excluida a hypothese de se referir a ella a tradição sobre o apparecimento mysterioso da cabeça. (V. estampa nº 4).

Com relação a esta imagem, refere Frei Diogo de Freitas: "Por occasião da festa do Santo, aos 13 de Junho, o Guardião do Convento reservava a si a honra de revesti-la de suas insignias, pôr-lhe na mão o bastão de D. João VI e vestir ao Menino Jesus a sua tunica de festa" (6).

O dia do glorioso Thaumaturgo Sto. Antonio é celebrado todos os annos com grande pompa, com trezena preparatoria, como consta a todos os habitantes do Rio de Janeiro. Tambem nisso se guarda a tradição, pois consta do archivo do Convento que a trezena se fazia já em 1683. Naquelle anno, como nos nossos dias, houve praticas todos os dias, assistidas pelo proprio Bispo D. Alarcam. O Tombo refere mais que durante os treze dias todo o povo e os Religiosos rezaram ao Santo para trazer incolume do Sul o Governador Duarte Teixeira Chaves, cuja nau parecia perdida e que a nau effectivamente appareceu fóra da barra e fez entrada no dia da festa, "mostrando Sto. Antonio que foram as orações que o trouxeram" (7).

---

5) O Convento de Sto. Antonio do Rio e suas tradições, nas "Vozes de Petropolis", 1924, pag. 602.
6) Item, pag. 603.
7) Tombo I, fls. 29.

Hoje, no dia da festa, não mais tomam parte Cabeças coroadas, como em épocas passadas; não assomam mais ao pulpito Sampaios ou Monte-Alvernes, mas a concorrencia é enorme e o fructo espiritual abundantissimo. Basta dizer que em 1937 foram distribuidas mais ou menos 1.500 Communhões.

II

As promoções da imagem de Sto. Antonio

Santo Antonio, filho da illustre terra lusitana, pois nasceu a 15 de Agosto de 1195 em Lisboa e foi baptizado na mesma pia em que mais tarde se baptizou o grande padre Vieira, assentou praça no Regimento de Lagos, do exercito portuguez, no reinado de D. Affonso VI. Era depois habitualmente invocado pelos capitães, para com seu auxilio ferir as batalhas contra os inimigos do reino.

"Desde então, escreve Vieira Fazenda, e com elle todos os escriptores que se occupam desse assumpto, o discipulo de S. Francisco de Assis teve praça de soldado em quasi todos os batalhões portuguezes".

E assim foi no Brasil. Mas não sómente praça de soldado raso teve aqui Sto. Antonio. Como em Portugal, foi promovido successivamente a diversos postos. Deu-se isto com referencia á imagem do Thaumaturgo em Ouro Preto, em Goyás, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro.

E' sobre as promoções da imagem venerada no Convento de Sto. Antonio desta Capital que pretendemos dizer neste capitulo. Outros escriptores já o fizeram, mas não sem falhas e senões, facilmente explicaveis pelo facto de se tratar de autores alheios á Ordem franciscana (8).

Que Sto. Antonio assentou praça em um dos Corpos desta cidade consta dos documentos que abaixo vamos

8) Laurenio Lago, Director da Secretaria da Guerra, "Santo Antonio, sua praça e postos no Exercito do Brasil, soldo, pão e fardamento, 1931 — Vieira Fazenda, na Rev. Inst. Hist., 1920, pag. 376; 1924, pag. 448.

transcrevendo, mas não se sabe em que anno. De suas promoções, porém, conseguimos poder apresentar os respectivos documentos.

A primeira promoção foi para Capitão de Infanteria, com direito ao soldo de quarenta cruzados, isto é, de 16$000 mensaes. Concedeu-lhe a Patente Francisco de Castro Moraes, no dia 18 de Setembro de 1710, vespera da victoria sobre os invasores francezes, sob o commando de João Francisco Duclerc. A imagem do Santo, a pedido do mesmo Governador, fôra collocada sobre o muro do Convento com o rosto virado para o sitio do combate, como que presidindo á peleja e ao triumpho das armas portuguezas (9).

A Patente de Castro Moraes teve confirmação a 21 de Março de 1711, por Carta Regia de D. João V, dirigida ao Provedor da Fazenda. E' de teor seguinte:

> "Eu El-Rey vos envio muito saudar. Havendo visto que me escreveu em carta de 13 de Novembro do anno passado, em como na vespera do assalto que deram os Francezes nessa, achando-se o povo della em grande confusão, vendo tão visinho o inimigo intrepido, se recorrera tambem aos Sanctos, e se mandara nesta occasião sentar praça de capitão, tendo já de soldado o glorioso Sancto Antonio, mostrando-se neste conflicto desempenhar bem as obrigações de seu posto. Me pareceu dizer-vos fui servido de approvar esta Praça que se deu a Sancto Antonio de capitão de infantaria, com declaração que a importancia de seus soldos se appliquem para sua festa e ornato de sua capella, cujos soldos hãm de ser os mesmos que se pagam a dinheiro aos mais capitães, e por vossa via se fará esta despeza, porque não haja nisto nenhum extravio e esta minha ordem fará registrar nos livros da Fazenda e nas mais partes a que tocar, etc". (10).

Apesar da providencia que o Rei julgava acertada para evitar o extravio do soldo de Sto. Antonio, os vencimentos não foram pagos durantes alguns annos. "Acontecia — escreve Frei Diogo de Freitas (11) — que o provedor da Fa-

9) Tombo I, fls. 141 v.
10) Rev. Inst. Hist., 1920, pag. 379.
11) Nas "Vozes de Petropolis", 1924, pag. 649. Dos artigos sobre as honras militares de Sto. Antonio é este o melhor; falta apenas o documento acima transcripto e a indicação das fontes.

zenda Real começasse a invadir a autoridade do Guardião do Convento por occasião das solennidades de 13 de Junho. Mandava e desmandava na Capella como bem entendia e, emquanto autorizava ornamentos custosos, contrarios ao voto de pobreza dos Religiosos, supprimia outros necessarios e indispensaveis ás prescripções liturgicas, a pretexto de economia em beneficio da Fazenda Real, como allegava. Por outro lado, onerava a minguada caixa do Convento, obrigando o Syndico a pagar todas as despesas, e a este não entregava o Soldo de Santo Antonio.

Foi em circumstancias taes que os frades, cansados já de aturar a descabida intromissão do Provedor, e vendo que o Soldo de Santo Antonio, longe de alliviá-los em sua pobreza, lhes criava novos embaraços financeiros, resolveram representar, por meio de seu procurador em Lisboa, a El-Rey de Portugal, contra este estado de coisas, pedindo que lhes fosse feita justiça.

Depois de muito esperar, finalmente, em 1751, conseguiram os franciscanos o desejado despacho de Sua Majestade Fidelissima, concebido aliás em termos favoraveis, como se póde ver dos seguintes dizeres:

> "Dom José por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves da quem, e da lem Mar em Africa, Senhor de Guiné etc. Faço saber a vós Governador e Capitão General da Capitania do Rio de Janeiro, que por parte do Procurador geral da Provincia da Immaculada Conceição dessa Cidade, se me representou por sua petição, em a qual dizia, que Eu fora servido mandar assentar Praça de Capitão de Infantaria em um dos Terços da Guarnição dessa Praça ao Senhor Santo Antonio, com soldo de quarenta cruzados cada mez, para a festa e ornato de sua Capella, e que esta despeza correria por conta do Provedor de minha Fazenda dessa Capitania; e porque esta clauzula faz desordenadamente pensionado o pagamento do dito Soldo, quando ordinariamente se não conformão os Prelados, a quem compete pelo seu Estatuto regular, assim a festa, como o Ornato da Capella, com o arbitrio dos Provedores; cujo zelo, ou pelo Culto do Santo, ou pela recadação de minha Real Fazenda, póde fazer degenerar a dita applicação, o que tem demonstrado a experiencia, não só por ter sido precizo repudiar algumas peças, que se não compadescião com a estrei-

ta pobreza da Provincia; mas por se achar Santo Antonio credor pelos ditos Soldos á quantia de quinhentos, quarenta e tantos mil réis que parão na mão do dito Provedor, como tudo se mostrava dos documentos juntos, que offerecia; e porque todos estes inconvenientes se podia evitar mandando que o Syndico do Convento faça a dita cobrança, assim como o fás a tudo o mais, que pertence ao dito Santo, como Procurador da Sé Apostolica, para que este applique na festa, e ornato na forma que lhe determinar o Prelado do dito Convento, que athe agora tem suprido com outras esmolas a grande falta, que lhe tem feito o dito pagamento, o que he cauza de alguns empenhos a que o mesmo Syndico se achava obrigado, e que de Justiça, parece, se não deve retardar, não só por ser credor um Santo, cujos merecimentos não são inuteis ao Estado, como se podia justificar por muitos exemplos; mas por ser de minha Real Intenção, que o pagamento dos Soldos do Senhor Santo Antonio prefira a outra qualquer obrigação, assim como se pratica neste Reyno; me pedia fosse servido mandar se pague o que se estiver devendo do dito Soldo ao Syndico do Convento, para que este o applicasse na forma sobredita, em que se não poderá intrometter daqui em diante o Provedor de minha Fazenda, mas só o mesmo Syndico; e sendo visto o seu requerimento, e o que sobre elle responde o Procurador da minha Fazenda, Me pareceo ordenar-vos que façáis satisfazer o que estiver devendo destes Soldos; applicando-o ao Ornato da Capella de Santo Antonio, no que vos parecer necessario, ouvindo ao Guardião do Convento. El Rey nosso Senhor o mandou pelos Conselheiros do seo Conselho Ultramarino abaixo assignados, e se passou por duas vias.

Antonio Ferreira de Azevedo a fes em Lisboa, 13 de Março de mil setecentos sincoenta, e um. — O Secretario Joaquim Miguel Lopes de Lavre a fes escrever. — Antonio Freire de Andrada Henriques. Rafael Pires Pardinho. — 2ª Via — Por despacho do Conselho Ultramarino de 12 de Fevereiro de 1751" (12).

Terminou assim honrosamente, para o santo Capitão de Infantaria Antonio de Lisboa, o incidente entre os frades e o Provedor da Fazenda Real, com relação ao pagamento do soldo e a sua applicação.

Um seculo havia decorrido depois que Castro Moraes conferira a Sto. Antonio a Patente de Capitão de Infanta-

12) Tombo II, fls. 118 v.

ria, quando o Thaumaturgo foi promovido a Sargento-Mór da Infantaria com o soldo de 36$000 mensaes, por Decreto do Principe Regente, de 14 de Julho de 1810. A seguinte Carta Patente, passada em 25 de Outubro do mesmo anno, explica os motivos da promoção e é, outrosim, um attestado do espirito profundamente religioso do Principe, depois D. João VI.

"Dom João por Graça de Deos Principe Regente de Portugal, e dos Algarves da quem e da lem Mar, em Africa de Guiné e da Conquista, Navegação, Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Faço saber aos que esta Minha Carta Patente virem: Que sendo-me presente a viva devoção do Povo do Rio de Janeiro para o Glorioso Santo Antonio, que moveo hum dos Meus Augustos Predecessores a dar ao mesmo Santo em mil sete centos, e onze o Posto de Capitão, tendo antes a Praça de Soldado, depois do feliz assalto, em que os Habitantes da Cidade resistirão ao ataque dos Francezes, e tendo o Céu abençoado os Meus esforços para salvar a monarchia da grande e difficil crize, a que se tem achado exposta, Esperando ainda maior auxilio para a sua final, e inteira Restauração, para o que muito há de concorrer, como devo piamente esperar, a intercessão do mesmo Glorioso Santo, a quem tenho particular devoção: Hei por bem que se eleve ao posto de Sargento Mór da Infantaria nesta Capitania, e com elle haverá mensalmente o soldo de trinta e seis mil réis, que será pago na forma das Minhas Reaes Ordens. Pelo Que Mando ao meu muito Amado e Prezado Sobrinho o Marquez da Angeja, do meu Conselho de Estado, e de Guerra, marechal dos Meus Reaes Exercitos, e Governador das Armas da Côrte, e Capitania do Rio de Janeiro, que assim o cumpra; e o soldo referido se lhe assentará nos livros, a que pertencer, para lhe ser pago aos seus tempos devidos. Em firmeza do que lhe Mandei passar a prezente por Mim assignada, e sellada com o sello grande de Minhas Armas. Dada nesta cidade do Rio de Janeiro aos vinte e sinco do mez de Outubro do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos, e dez. O Principe. (Deixamos de transcrever o resto, porque são apenas assignaturas).

Não se satisfez ainda a devoção do Principe Regente com esse tributo de gratidão para com o santo Protector,

13) Tombo III, fls. 202 v.

porquanto, dois annos mais tarde, por occasião da paz que o Céu se dignou conceder á monarchia portugueza, devido á sua intercessão, o Principe baixou o Decreto de 26 de Julho de 1814 e passou Carta Patente de 31 de Agosto do mesmo anno, elevando Sto. Antonio ao posto de Tenente-Coronel da mesma arma de Infantaria, com o soldo de 80$000 mensaes. As despesas com esta Patente tinham sido dispensadas nove dias antes, isto é, por Aviso de 22 de Agosto.

Não transcrevemos a Carta-Patente de 31 de Agosto, porque é redigida nos mesmos dizeres da de acima, variando apenas no tocante á graça concedida.

São estas as promoções da imagem de Sto. Antonio venerada no Convento do mesmo no Rio de Janeiro.

E o soldo?

Depois de resolvido o incidente entre os Religiosos e o Provedor da fazenda, no seculo XVIII, o pagamento foi sempre effectuado no periodo monarchico. Os frades recebiam-no, por intermedio do Syndico Apostolico, em tres parcellas annualmente.

Com o advento do regime republicano e a consequente separação da Igreja do Estado, surgiram duvidas relativamente ao pagamento do mesmo soldo. Entendia o Ministerio da Guerra que não devia pagá-lo. Mas, a instancias de Frei João do Amor Divino Costa, o caso foi resolvido satisfactoriamente pelo Marechal Floriano Peixoto, Ministro da Guerra, que em Aviso de 15 de Outubro de 1890, dirigido á Contabilidade da Guerra, mandou "continuar o abono do soldo a Santo Antonio, emquanto não fôr por acto especial annullado o Decreto de 26 de Julho de 1814" (14).

Até hoje não consta de nenhum acto especial do Governo que annullasse o referido Decreto e, comtudo, desde Abril de 1911 o Convento não recebe o soldo a que tem jus o seu grande Padroeiro. Nesse anno, o Governo, pelo Ministro da Justiça, procedeu ao sequestro do Convento com todos os seus haveres e nesta ocasião o Ministro da Guer-

14) Laurenio Lago, no opusculo citado, pag. 5.

ra, General Emygdio Dantas Barreto, ordenou o não pagamento do soldo, como deve constar do livro 486, fls. 31, existente na Directoria de Contabilidade da Guerra.

Depois de reintegrado o Convento na posse de seus bens pela suprema Justiça do paiz, o Guardião deu os passos necessarios para que de novo fosse pago o soldo. Mas o seu pedido foi indeferido e, por isso, o soldo continúa suspenso até hoje.

O que, porém, permanece em vigor são os Decretos e Cartas-Patentes que conferem á imagem do glorioso Thaumaturgo Sto. Antonio do Convento do Rio de Janeiro os postos de Capitão, Sargento-Mór e Tenente-Coronel de Infantaria.

E, emquanto subsistem em seu vigor, Sto. Antonio reclama o pagamento de seu soldo de Tenente-Coronel de Infantaria pela tabella antiga, isto é, 80$000 mensaes.

Será licito esperar que a segunda Republica um dia lhe faça justiça?

O bastão offerecido á imagem de Sto. Antonio por Veiga Cabral

O Convento de Sto. Antonio do Rio de Janeiro guarda como preciosa reliquia um bastão, que foi offerecido á imagem do santo Padroeiro pelo Governador da Colonia do Sacramento, Sebastião Xavier da Veiga Cabral.

Tem este bastão 118 1|2 cm. de altura, é feito de madeira de lei amarellada (15), tem castão com passadeira de ouro cinzelado e ponteira do mesmo metal. No castão acham-se gravadas as armas de guerra.

Veiga Cabral era Governador da Colonia do Sacramento quando, em 1703, os espanhóes invadiram pela segunda vez a dita Colonia. Capitaneados por Affonso Valdez, seu Governador, sitiaram a fortaleza por terra com 6.000 soldados de cavallaria e por mar com avultado numero de naus. O heroico Veiga Cabral, com 600 portugue-

15) Não de marfim, como affirma Vieira Fazenda nas suas "Antiqualhas".

zes apenas, sustentou o cerco além de seis mezes, durante os quaes não sómente a tropa mas tambem os habitantes soffreram extremas privações.

Não vencido, mas obedecendo ás ordens positivas do Governador Geral, Rodrigo da Costa, que não dispunha de forças para o soccorrer, Veiga Cabral abandonou a praça. Depois de incendiá-la, embarcou, em Março de 1705, para o Rio de Janeiro (16).

Em sua piedade, o Governador attribuia á protecção de Sto. Antonio o ter podido sustentar a defesa da Colonia sem se render e, para testemunhar a sua gratidão, subiu um dia a ladeira do Convento de Sto. Antonio, offertando á imagem do Santo o seu bastão. Era Guardião do Convento Frei Manuel de Sta. Ignez.

Durante cinco annos o bastão de Veiga Cabral esteve guardado com carinho pelos Religiosos do Convento, quando se deram os successos de 1710, que puzeram em alvoroço a população carioca. Na defesa contra os Francezes, o Governador Francisco de Castro Moraes invocou tambem a Sto. Antonio, a quem constituiu General dos exercitos nos campos e a quem mandou a Patente de Capitão de Infantaria. O Provincial dos Franciscanos, por sua vez, enviou a Castro Moraes o bastão de Veiga Cabral, dizendo-lhe que pelejasse trazendo o bastão na mão. O Governador beijou-o devotamente, pô-lo na cabeça e reenviou-o ao Prelado, pedindo que o collocasse na mão da imagem do Santo, transportada para o muro em frente do Convento. Assim se fez e o Santo assistiu, como General, á celebre derrota infligida aos Francezes em 19 de Setembro, dia de S. Januario, de 1710.

O bastão, pois, offerecido á imagem de Sto. Antonio por Sebastião Xavier da Veiga Cabral, guardado em nosso Convento, desde há 232 annos, evoca um importante episodio da historia patria. Todos os annos é collocado na imagem, no dia do soldado (17).

---

16) Pizarro IX, pag. 384.

17) O primeiro livro do Tombo, fls. 141 v., não declina o nome do offertante ao falar deste bastão. Não há, porém, duvida, porque Frei

Grã Cruz de Christo

Acima foi noticiado que, por occasião da restauração da paz em Portugal, a imagem de Sto. Antonio do Convento do Rio de Janeiro foi promovida ao posto de tenente-coronel, por Decreto de 26 de Julho e Carta-Patente de 31 de Agosto de 1814. Não se limitou a isso a piedade do Principe Regente, que attribuia o feliz successo á protecção de Sto. Antonio. A pedido ou por suggestão de Frei Manuel da Conceição, Religioso franciscano, que era amigo pessoal de D. João e servia de sacristão-mór na Capella Real da Fazenda Santa Cruz, a imagem do Thaumaturgo portuguez foi condecorada com a Grã Cruz da Ordem de Christo a 13 de Agosto do mesmo anno de 1814 (18).

A dita insignia, religiosamente guardada na sacristia do Convento, mede de altura 8 1|2 cm., de largura 5 1|2 cm. E' feita de ouro e cravejada de 26 diamantes. No centro vê-se outra pequena cruz formada por muitas pedrinhas preciosas. Pende a Grã Cruz de uma fita larga de seda encarnada, bordada a ouro.

O bastão offerecido á imagem de Sto. Antonio por D. João VI

Não consta o anno nem o dia em que a imagem de Sto. Antonio no seu Convento do Rio de Janeiro foi distinguida com mais um mimo offertado por D. João VI. Quiz o Rei obsequiar o Santo com o bastão de seu proprio uso.

Tem este bastão 121 1|2 cm. de altura e é revestido de tartaruga, côr de vinagre. O castão, passadeira e ponteira são de ouro e, além disso, o castão e a passadeira cravejados de pedras preciosas. Contam-se no castão 84 rubis e 72 chrysolitos, de modo que este bastão excede em preciosidade o de Veiga Cabral. Infelizmente desappareceram

---

Apollinario da Conceição, no seu Epitome, elaborado em 1730 e conservado na Bibl. Nac., affirma explicitamente que o doador foi Veiga Cabral. Veja tambem: Rev. Inst. Hist., 1920, pag. 379.

18) O Rio de Janeiro, I, pag. 93.

em tempos passados as pedras na margem inferior do castão.

Com a Grã Cruz da Ordem de Christo e com o bastão de D. João VI a imagem de Sto. Antonio é ornada todos os annos no dia de sua festa e na trezena precedente.

Aos Religiosos lembram estes ricos presentes a amizade que o Principe Regente e Rei teve sempre para os filhos do Seraphico Patriarcha.

CAPITULO XIV

OUTRAS PRECIOSIDADES HISTORICAS

A Capella dos tres Corações

E' costume terem os Religiosos uma Capella domestica no recinto do Convento. As duas Casas Religiosas antigas que ainda existem no Rio de Janeiro, o Mosteiro de S. Bento e o Convento de Sto. Antonio, ambas as possuem. A de S. Bento, digna de ser visitada, foi ricamente ornada e dotada com reliquias e patrimonio pelo Bispo benedictino do Rio de Janeiro D. Frei Antonio do Desterro.

A Capella domestica de Sto. Antonio não é assim tão rica, mas merece um lugar entre as preciosidades historicas do Convento.

Fica situado este oratorio no primeiro andar, defronte da cella que sempre foi conhecida por cella dos Guardiães, em que de facto residem até hoje. Mede elle 6,30 m. de comprido por 3.35 m. de largo. No fundo acha-se o altar com retabulo de talha dourada, obra de genuino estilo barroco, que toma todo o espaço da parede. No centro, onde é costume collocar-se a imagem do orago, há uma especie de grande custodia, bem esculpturada em madeira, com os tres corações de Jesus, Maria e José. Dahi o nome que deram á Capella. Em quatro nichos vêem-se imagens de Santos.

Como a Capella em S. Bento, tambem a nossa era antigamente rica em reliquias. No retabulo contam-se 25 relicarios, mais dois avulsos entre os castiçaes e um grande na base do altar. Muitas reliquias desappareceram nos tempos calamitosos de completa decadencia, e algumas estão guardadas em outro lugar. (V. estampa nº 13).

O que attrae principalmente a attenção na Capella é a pintura do tecto. Num grande painel emmoldurado vêem-se as cinco partes do mundo sobre as quaes caem os raios de tres sóes, que representam a Jesus, Maria e José. Até hoje não houve quem soubesse interpretar o que significam as regiões pintadas de escuro nas diversas partes do mundo, tambem no Norte do Brasil.

A barra da Capella está coberta em tres faces com paineis de azulejo, mas nenhum está em perfeito estado, porque em épocas de concerto os azulejos foram recollocados sem se respeitar o desenho.

Curiosas são as duas pias na parede. Ahi um frade executou com muita paciencia grandes escudos, com o receptaculo d'agua no centro, e tudo isto feito de objectos de louça pintada: chicaras, pires, pratos, tampas, pedaços de azulejos e pequenas figuras. O remate em volta são ornatos de estuque. Infelizmente, uma dessas pias está bastante damnificada, a outra conservou-se em mais ou menos bom estado.

Falta ainda lembrarmos os bustos de santos Bispos e Pontifices que ornam a parte superior das paredes, collocados sobre peanhas. São em numero de sete e todos têm relicario ao peito.

Ao lado da Epistola, junto ao altar, existia antigamente a entrada para a pequena sacristia, que era ornada de talha simples. Desappareceu, com a reconstrucção do Convento.

As capellas do claustro

Na reconstrucção do Convento, em 1750, puzeram-se tambem, como no primeiro, capellas em redor do claustro. A da sagrada Familia, feita pelo syndico Antonio Gonçalves de Oliveira, pelo anno de 1774, pereceu de todo; destruiram-na os soldados aquartelados no Convento de 1889 a 1901. Resta apenas o vão, á espera de quem restaure o altar.

O altar da Capella da Consolação ou dos Prazeres foi mudado para a antiga Capella do *Ecce Homo*, afim de obter-se um quarto para o porteiro.

As seguintes Capellas existem em boa conservação e são dignas de ser visitadas por quem ama as tradições historicas:

A *Capella da Porciuncula.* No nicho do retabulo vêem-se Jesus e N. Sra., diante dos quaes Francisco, de joelhos, pede e alcança a Indulgencia. Já existia uma Capella com a mesma invocação no primitivo Convento, provavelmente no mesmo lugar, installada por Frei Serafino de Sta. Rosa (1707 a 1710). Da actual não se sabe quem a mandou fazer. Desde 1927 repousam nella os ossos de Frei Fabiano de Christo.

A *Capella das Dores.* E' a mais bem conservada, com linda imagem de N. Sra., cercada, no retabulo, de boas pinturas em forma de medalhão, representando as Dores de Maria. Não consta o nome de quem a mandou fazer. (V. estampa nº 7).

A *Capella da Consolação,* antiga do *Ecce Homo,* que por sua vez conservou a invocação da Capella, feita por Frei Eusebio da Expectação, Provincial de 1677 a 1681. A imagem, de estilo antigo, representa a N. Sra. com um coração sobre o peito, encimado pelo symbolo do Espirito Santo. A talha, em algumas partes do retabulo e das paredes, foi concertada. Sobre o bemfeitor que mandou fazer este altar, veja pags. 214, 357.

A *Capella de S. Joaquim.* E' a mais modesta; sómente o altar tem talha dourada, as paredes são lisas. Não há noticias sobre quando e por quem foi feita.

Todas estas Capellas têm ao lado pequena sacristia, tão grossas são as paredes.

Há ainda no claustro um nicho com grande imagem do Crucificado, á cabeceira da quadra onde se sepultavam os Religiosos, que antigamente era Capella em que se fazia a encommendação do cadaver.

O altar do Duque de Caxias

O celebre cabo de guerra Luiz de Lima e Silva, Duque de Caxias, fazia-se acompanhar nas campanhas por um capellão. Antes de se iniciar a batalha, celebrava este a santa Missa sobre o altar que o Convento recebeu dos descendentes do proprio Duque, residentes em Quissamã, Estado do Rio.

Tem esta reliquia historica exteriormente a forma de um bahú de 88 cm. de comprido por 55 cm. de largo e 43 de alto. Está todo coberto de couro pregado por pregos de metal amarello, dispostos em formas symmetricas. As dobradiças, asas e fechaduras são de ferro.

Interiormente, vê-se pintada na tampa a ceia do Senhor. Há um compartimento para guardar os paramentos.

Estando a caixa toda estragada pelo cupim, foi reformada em annos passados, respeitando-se escrupulosamente o feitio antigo.

Sobre este altar é celebrada a santa Missa no dia 25 de Agosto, dia do soldado e natalicio do Duque de Caxias.

A imagem do Ecce Homo

A bella e expressiva imagem do *Ecce Homo,* do Bom Jesus ou da Canna verde, uma das mais antigas reliquias historicas que o Convento de Sto. Antonio possue, mandou-a vir de Portugal o Provincial Frei Eusebio da Expectação, pelo anno de 1678. E' esculpturada de madeira e tem 1,75 m. de altura. Está actualmente collocada na segunda sacristia. Sobre o mais veja pag. 66.

Reliquias insignes

Acima foi dito que a Capella dos tres Corações era antigamente rica em Reliquias de Santos. Além dessas, porém, havia outras, conforme attestam os muitos relicarios vazios que se encontram no Convento. E' porque os nossos antepassados consideravam thesouro precioso o possuirem muitas Reliquias, esperando dos respectivos Santos espe-

cial protecção pelo culto que recebiam. Na sacristia da igreja do Convento guardam-se quatro relicarios com Reliquias insignes e tambem os Religiosos de hoje sentem-se felizes em as possuirem.

Têm estes relicarios a forma de um braço, dois maiores, de 68 cm. de altura, e dois menores, de 42 cm. O receptaculo da Reliquia está coberto com vidro, de modo que a Reliquia se torna bem visivel. Um dos maiores contém uma tibia do martyr S. Justino e outro uma tibia da martyr Sta. Crescencia.

Dos dois menores, uma encerra um osso de 15 cm. do Bispo e martyr S. Braz; e o outro um osso bastante grande dos dois martyres S. Victor e S. Deodato. São na verdade Reliquias que a igreja considera insignes e maravilhadas ficam as pessoas que sabem dar o justo apreço a semelhantes coisas ao serem surprehendidas nas suas visitas com estas preciosidades.

Não consta quando vieram para o Convento. Tê-las-á trazido Frei Fernando de Sto. Antonio quando, em 1732, voltou de Roma, aonde fôra votar no Capitulo Geral?

Outro relicario possue ainda o Convento, de que infelizmente falta a authentica, estando, comtudo, o relicario devidamente fechado e lacrado com sello. Encerra este relicario, em forma oval de 6 por 5 cms., nada menos do que Reliquias de todos os dozes Apostolos. Possuirá no Rio de Janeiro outra igreja thesouro igual?

Existe no archivo certo numero de authenticas. As mais antigas são duas de 1667, das quaes uma attesta a authenticidade das Reliquias dos santos martyres Julião, Crescencio, Theodato e Olympio, destinadas ao Collegio dos Jesuitas no Rio de Janeiro. Como vieram parar ao Convento de Sto. Antonio? Talvez fosse por occasião da injusta expulsão desses padres em 1760.

A representação do nascimento e morte de S. Francisco

Já em 1730 Frei Apollinario da Conceição, no seu muitas vezes citado Epitome, se refere a dois grandes nichos no claustro, com a representação do nascimento e morte de S. Francisco. São figuras de barro queimado e polychromadas, formando interessante conjunto.

Segundo a lenda, Francisco nasceu num estabulo, para ser semelhante a Jesus desde o seu nascimento.

A mãe de Francisco soffria grandes dôres de parto quando appareceu um pobre que, depois de receber uma esmola e sabendo as afflicções da mãe, recommendou que se recolhesse a um estabulo, onde daria á luz com facilidade. Assim se fez e a mãe foi feliz.

Na representação vêem-se os paes, o irmão mais velho, a criada e a parteira. Não faltam tão pouco o boi e o jumento.

Na parede acha-se um quadro com a seguinte inscripção de Frei Francisco de S. Carlos:

Em Assis Belém se renova
Com espantozos signaes;
Qual Jesus, Francisco nasce
Entre brutos animaes.

A morte de S. Francisco é representada de accordo com a historia. Francisco, despido, jaz no chão com os braços cruzados. Em seu redor agrupam-se os seus discipulos em diversas attitudes, uns rezando, outros contemplando o moribundo, mais outros trazendo-lhe um habito. Está presente tambem a veneravel Jacoba. E' muito interessante observar a expressão que o autor desconhecido soube dar ao rosto de cada um. (V. estampa nº 9).

Tambem esta Capella tem, na parede, um quadro com estes versos de Frei Francisco de S. Carlos:

Adverte, não é Jesus,
E' Francisco que aqui jaz,
A quem semelhante faz
Nascimento, vida e cruz.

As imagens da Conceição e de S. Francisco

Merecem ser vistas as imagens da Conceição e de S. Francisco. Antes das reformas recentes estiveram nos altares lateraes da igreja. A primeira acha-se hoje num nicho da parede do corredor interno da igreja; a outra vê-se no refeitorio. O entendedor admira a perfeição com que são trabalhadas em madeira.

Tres quadros de S. Francisco

Na igreja e na sacristia do Convento de Sto. Antonio todos os quadros pintados representam motivos relativos ao santo Padroeiro. No Convento, porém, há alguns de S. Francisco e entre estes destacam-se tres nas paredes de um recinto que os antigos chamavam impropriamente sala da portaria, que fica no primeiro andar.

O maior desses paineis, todos pintados a oleo sobre tela, tem a altura de 1,80 m. e a largura de 2,66 m. Representa a morte de S. Francisco, que está estendido no chão com os braços cruzados sobre o peito, cercado de Religiosos e da ven. Jacoba. Segundo Moreira de Azevedo, o autor deste painel é o pintor brasileiro Miguel Vidal (1).

Não é um primor este painel, pois notam-se muitas falhas na anatomia, e é justamente com S. Francisco que o pintor foi menos feliz. Em seu conjunto, porém, o painel impressiona, as physionomias dos frades são expressivas.

Por baixo desta pintura encontram-se doze *oitavas* descriptivas, compostas por Frei Francisco de S. Carlos. Affirma Macedo (2) que o frade poeta compoz estes versos na juventude, donde se conclue que o painel foi pintado há mais de 150 annos.

Ambos os paineis menores têm o tamanho de 1,90 m. por 1,10 m. Um simples olhar convence de que não são do mesmo autor.

Um representa a S. Francisco em attitude humilde diante de um Bispo. No fundo avistam-se dois motivos do in-

1) O Rio de Janeiro, etc., 1, pag. 91.
2) Um passeio, etc., I, pag. 225.

terior de uma igreja: num, o Bispo prega assistindo Francisco; no outro, Francisco está no pulpito, assistindo o Bispo em uma tribuna. Os versos de Frei Francisco de S. Carlos, quatro *oitavas*, exaltam a humildade do santo Patriarcha.

O terceiro painel representa como S. Francisco faz o milagre de resuscitar um Bispo. E', segundo Macedo (3), de data muito mais recente e não tem versos.

Liga-se a este quadro uma interessante tradição. Refere o dito Macedo que este painel veiu a substituir outro que representava a Francisco empunhando uma espada, em attitude de degollar um Bispo que elle sustinha pelos cabellos. Vindo um dia visitar o Convento D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello-Branco, Bispo do Rio de Janeiro, achou o painel indecente para uma Casa religiosa e offensivo da dignidade dos Bispos, e exigiu fosse inutilizado. Foi o que se fez e em seu lugar collocou-se o actual, que plenamente satisfez o desejo do Bispo.

Traz este quadro a seguinte legenda: D. Pedro Dias Bispo — da cidade Rodrigo resuscitado por S. Francisco (V. estampas nos. 16, 17, 18).

Os bustos dos santos martyres do Japão

O frontispicio do parapeito do côro da igreja está ornado com 18 bustos, de cuja procedencia nada se sabe, e que representam os martyres do Japão. Não affirmamos que a esculptura seja a ultima palavra em perfeição; mas não há negar que o autor soube engenhosamente dar a cada um tal posição, que evitou a uniformidade tão facil de darse em semelhantes representações (V. estampa nº. 28).

A estante do côro

Para a recitação do Officio Divino em commum, os Religiosos costumam ter grandes estantes no côro, para nellas serem collocados os grossos livros do psalterio e antiphonario. Nos nossos Conventos no Brasil era praxe haver

3) Item, I, pag. 232.

um só, no meio do côro. O Convento de Sto. Antonio conserva um que tem 230 annos, pois foi feito por Frei Manuel de Sta. Ignez, Guardião de 1704 a 1707.

Sobre a base sextavada, com arcos que convergem numa base menor, eleva-se uma columna contornada em espiraes, que, por sua vez, sustenta a estante propriamente dita. Tem ella quatro faces em forma triangular com o angulo agudo cortado e é giravel em torno do espigão. O remate é formado por uma esculptura de quatro faces, encimada por um grande pinhão. Toda a estante é de jacarandá.

Guarda-se tambem no incipiente Museu do Convento a lanterna de cobre, aberta de um lado, que, pendurada numa verga, projectava luz sobre os livros.

Livros de canto-chão manuscriptos

Emquanto os livros que contêm o psalterio, conservados na bibliotheca do Convento, são todos impressos, como tambem alguns de canto-chão, guardam-se,2 comtudo, cinco manuscriptos com melodias gregorianas, ou compostas ou copiadas pelo frade musico Frei João de Sta. Clara Pinto, filho do Rio de Janeiro, que tomou o habito franciscano em 1754. Todos estes livros, menos um, estão em bom estado de conservação.

Quanta paciencia para escrever cinco volumes com notas grandes de canto-chão! Veja no capitulo seguinte noticias mais pormenorizadas sobre Frei Sta. Clara.

Um mappa-mundi

Merece lugar na lista das preciosidades historicas o mappa-mundi, que orna a bibliotheca do Convento de Sto. Antonio. E' uma obra em nove grossos volumes *in-folio*, editados pela casa João Blaeu em Antuerpia, de 1644 a 1672. O texto é em espanhol. Os editores dão nestes volumes, em taboas coloridas, todas as partes do mundo, como naquelle tempo eram conhecidas, com os reinos, principados, ducados e condados. A execução é perfeita. O estudioso leitor

aprende não sómente o que os *atlas* geralmente exhibem, mas tambem o armorial dos principados, ducados etc., os costumes no vestuario, as producções agricolas.

Pena é faltar justamente o que mais nos interessa, o Brasil. Terá a parte respectiva desapparecido, como alguns pensam?

O moringue de Frei Fabiano de Christo

Não tem valor intrinseco esta reliquia de Frei Fabiano de Christo, que o Convento guarda desde perto de 200 annos. E' um desses moringues communs de barro com asa, e nada mais. Grande, porém, é o seu valor historico. Basta o facto de haver elle chegado até nós, pelo carinho com que os nossos antepassados trataram de sua conservação, revestindo-o de estanho para não se quebrar.

Mas que coisa especial tem este moringue? Era elle do uso do grande servo de Deus, venerado como santo no seu tempo e invocado com efficacia no nosso, como attestam os numerosos ex-votos que os beneficiados espontaneamente collocam na Capella que encerra os seus ossos e as cartas, quasi quotidianas, de todas as partes do Brasil.

Refere a tradição constante que Frei Fabiano tirava desse moringue a agua que benzia e dava a beber aos doentes e os ungia na testa com o oleo da lampada que ardia diante da imagem do *Ecce Homo,* de que era muito devoto. Os factos muitas vezes provavam a efficacia da intercessão do humilde enfermeiro.

Para garantir mais a conservação desse moringue historico, o Guardião Frei Ignacio Hinte fez revesti-lo de massa de cimento.

A cadeira do veneravel P. Anchieta

D. Pedro II offereceu ao celebre orador Frei Francisco do Monte Alverne a cadeira de que se affirmava que tinha sido do uso do ven. P. Anchieta. Não é a unica cadeira a cujo respeito há semelhante tradição e fallecem-nos os meios para proferir sentença sobre o assumpto. Dizem que

o proprio Imperador duvidava da sua authenticidade (4).

A dita cadeira é de jacarandá, tem espaldar e encosto para os braços. Este e o assento têm estofados, cobertos de pelle de cobra.

As jarras de Frei Solano

O Convento guarda em seu pequeno Museu as celebres quatro jarras pintadas por Frei Solano. Celebres, porque, além de mostrarem a habilidade do autor, prende-se a ellas uma interessante historia.

Para enfeitar o altar de Sto. Antonio no dia de sua festa, os frades costumavam pedir lindissimas jarras de porcellana da India a um amigo do Convento.

Em certo anno, no dia depois da festa, Frei Solano pediu ao Irmão sacristão que não devolvesse logo as jarras, mas que as deixasse com elle alguns dias, sem entretanto dizer para que fim.

Frei Solano levou as jarras para a sua cella, tirou-lhes o molde e copiou a pintura que as ornava.

No anno seguinte o amigo estranhou que não se lhe pedissem as jarras, como nos annos anteriores. E qual não foi a sua surpresa quando, no dia da festa, viu as suas jarras no altar. Confundido, correu á casa, foi direito a um armario onde guardava as suas jarras, e encontrou-as com espanto no seu lugar.

Acabada a festa, o amigo dirigiu-se ao sacristão, pedindo-lhe que explicasse o mysterio.

O Irmão sacristão, sorrindo, tirou as jarras do altar, afiançando o amigo sempre que eram as suas. Depois, porém, tomando-as na mão, disse: "Não são as minhas, não; mas a unica differença é que as minhas são de porcellana, e estas são de páu.

Ao que o sacristão observou: "E há mais outra differença; as suas vieram da India e estas foram feitas aqui no Convento, por Frei Francisco Solano".

Além destas quatro jarras, existem mais duas, que, a julgar pela pintura, são do mesmo autor. São bojudas, com

4) Rev. Inst. Hist., 1924, pag. 100.

receptaculo para flores naturaes; as outras são delgadas e têm apenas um orificio para a haste de palmas artificiaes (5).

O busto de D. Pedro I

Consta que em 1911, além dos tumulos imperiaes, veiu para o Convento de Sto. Antonio um magnifico busto de D. Pedro I. Trata-se de uma verdadeira obra de arte, pela perfeição com que é feito. Além disso, é objecto precioso, porque ostenta excellente douração a fogo. Segundo os dizeres nas costas, foi esculpturado no Rio de Janeiro em 1826, por Marc Ferrez, de quem ainda ha parentes nesta cidade, e executado em bronze em Paris por Fontaine. Tem de altura 75 cm.

Os tumulos da familia imperial

Já diversas vezes, no correr desta historia do Convento de Sto. Antonio, nos referimos aos tumulos de pessoas de alta posição social, existentes na igreja, no claustro e na sala chamada do Capitulo.

Depois que a familia real portugueza procurou asylo no Brasil, o nosso Convento foi diversas vezes escolhido para nelle se depositarem os tumulos de Principes. Outros tumulos vieram para o Convento em 1911, quando desappareceu o antigo Convento da Ajuda (6). Todos elles se acham hoje collocados no mausoleu construido de 1936 a 1937. (V. estampa nº. 43).

Era necessario proceder-se a semelhante construcção, não só pelo alto gráu de apreço que merece a memoria de nossa primeira Imperatriz e de seus descendentes, mas tambem porque os Religiosos ficavam acanhados quando, em vez de monumentos de arte, só podiam mostrar aos visitantes modestos caixões collocados sobre miseros mochos, numa dependencia obscura do claustro.

Para a construcção do mausoléu aproveitou-se uma dependencia nos fundos do jardim, que fica ao lado da sa-

5) Elencho, pag. 272 — Um passeio, etc., I, pag. 198.
6) V. Pag. 316.

cristia e em baixo do actual gabinete entomologico. Estava o lugar como que talhado para este fim.

A obra executada obedeceu ao projecto elaborado pelo engenheiro Gustavo A. Aigner. Todo o recinto foi dividido em tres corpos, separados por arcos de estilo romano. O corpo do meio, imitando uma crypta, tem abobada, os outros tecto plano. O revestimento das paredes é de pó de pedra; o piso e os degráus sobre cujo plano estão collocados os tumulos, foram cobertos com marmorito.

No corpo do fundo, encostado á parede, ergue-se o altar, flanqueado, nas paredes lateraes, de pequenos nichos (columbarios) para recolher os ossos dos Religiosos fallecidos.

O corpo central destaca-se sobre os outros, porque, além de abobadado, ostenta mais rico ornato.

Acha-se ahi, á direita de quem entra, o tumulo de D. Maria Leopoldina Josepha Carolina, primeira Imperatriz do Brasil, fallecida com 29 annos completos, em 11 de Dezembro de 1826, e levada para o Convento da Ajuda a 14 do mesmo mez (7).

O seu sarcophago, coberto de novo com velludo preto e debruado com galões dourados, está collocado sobre um plano com tres degraus. Por detrás, na parede, avista-se o bello escudo, todo concertado e dourado, com inscripção, que ornava o antigo mausoléu na Ajuda. Quatro lanternas de ferro batido, em estilo colonial, duas na parede e duas sobre columnas nos cantos do primeiro degrau e unidas entre si por cordões de ferro, projectam luz sobre o tumulo imperial, diante do qual uma *corbeille* de flores naturaes attesta o carinho com que o Convento de Sto. Antonio guarda a memoria da virtuosa primeira Imperatriz do Brasil.

Para o estrado que fica defronte do tumulo de D. Maria Leopoldina foi transportado o grande monumento de marmore que hoje encerra os restos mortaes de tres Principes herdeiros.

---

7) Sobre as solennes exequias veja Rev. Inst. Hist., 1924, pag. 358 — O Rio de Janeiro, etc., I, pag. 111.

No vão de cima, que foi encontrado vazio na remoção do monumento para o mausoléu, está o esquifezinho do filho primogenito de D. Maria Leopoldina e de D. Pedro I, D. João Carlos Borromeu. Nasceu em 6 de Março de 1821 e foi immediatamente baptizado, pelo receio que se tinha de elle logo morrer. Tres dias depois houve pomposa festa na Capella real, com oração gratulatoria recitada pelo nosso Frei Francisco de Sta. Teresa Sampaio.

O Principe viveu pouco tempo. Tendo-se aggravado o seu estado melindroso de saude com a viagem de ida e volta á fazenda de Sta. Cruz, que a familia foi forçada a fazer por causa dos acontecimentos politicos em Janeiro de 1822, veiu a fallecer a 4 de Fevereiro do mesmo anno. O corpinho foi embalsamado, vestido com calção e collete de seda branca, casaca de seda carmezim, luvas e meias de seda e sapatos de setim, e conduzido para o paço da cidade, donde, depois das ceremonias de estilo, foi levado para o Convento de Sto. Antonio e depositado na Capella do *Ecce Homo*, em que foram enterradas tambem as suas visceras (8). Ahi, porém, não permaneceu, pois o caixote de zinco foi encontrado, em 1911, na parede que existia onde se abriu nesse anno a communicação da antiga Capella de Sto. Aleixo com o grande salão da portaria.

Junto do esquifezinho foi collocada a inscripção em latim que o acompanhava.

Nada podemos adiantar sobre o monumento de marmore em que, segundo Moreira de Azevedo (9), o esquifezinho foi encerrado em 22 de Novembro de 1843.

No vão de baixo acham-se collocados os dois esquifes de filhos de D. Pedro II e de D. Teresa Christina. Na remoção do monumento para o mausoléu foram encontrados em tão misero estado que sómente as placas de chumbo com inscripção puderam ser conservadas.

---

8) Apontamentos historicos, pag. 164.
9) Item, pag. 166.

Ao lado direito de quem olha está o Principe D. Affonso, nascido no dia 23 de Fevereiro de 1845, fallecido aos 11 de Junho de 1847, e conduzido, depois das honras que lhe eram devidas, para a Capella do *Ecce Homo* do Convento de Sto. Antonio, no dia 14 do mesmo mez.

O outro Principe, á esquerda, é D. Pedro Affonso, nascido em 19 de Julho de 1848, fallecido no dia 10 de Janeiro de 1850 e depositado na mesma Capella.

O dito grande monumento de marmore foi feito em Paris e collocado em 17 de Outubro de 1877 na Capella da S. Familia. No archivo da Casa existe o termo de entrega, devidamente assignado (10).

No recinto da entrada no mausoléu, que é uma especie de vestibulo da crypta de D. Leopoldina, vêem-se dois tumulos.

A' direita de quem entra, está collocado, sobre um plano com dois degraus, o sarcophago em que descansa o corpo da Princeza D. Paula Marianna.

Nasceu ella no paço de S. Christovão em 17 de Fevereiro de 1823 e falleceu no dia 16 de Janeiro de 1833. Tendo recebido as homenagens de pragmatica no paço da cidade no dia 18, foi o caixão depositado no Convento da Ajuda no dia seguinte.

Era a Princeza uma menina prendada, de muita virtude, chamada por sua meiguice a Santinha do paço. Sua morte foi chorada pelos poetas do tempo.

O tumulo de D. Paula Marianna, agora coberto de novo com velludo carmezim e galões dourados, foi trasladado para o nosso Convento junto com o de sua mãe D. Maria Leopoldina, no dia 9 de Novembro de 1911 (11).

Resta dizermos sobre o monumento de marmore que se vê á esquerda da entrada no mausoléu e que tambem veiu da Ajuda.

Sobre a base de um só bloco de marmore, modestamente ornada, eleva-se um anjo de alvissimo marmore,

---

10) Doc. avulso.
11) Rev. Inst. Hist., 1924, pag. 344.

de 1,57 m. de altura, artisticamente esculpido, em attitude de levar uma criancinha ao céu.

Na base deste monumento acha-se encerrado o esquifezinho de uma filha de D. Isabel, a Redemptora. A Princezinha nasceu morta em 28 de Julho de 1874, mas foi baptizada dias antes no ventre materno.

Consta que foi a propria D. Isabel que deu o desenho para este monumento e mandou executá-lo em Paris.

A inauguração do mausoléu realizou-se solennemente em 1937. O dia escolhido foi o de 7 de Setembro, por ser a mais bella data nos fastos da historia patria. Coincidia o acto com as homenagens que neste dia são prestadas á nossa primeira Imperatriz, desde alguns annos, por iniciativa do Instituto Historico, que assim quer lembrar ás gerações presentes o muito que ella fez pela Independencia brasileira.

Pelas 11 horas compareceu, como nos annos anteriores, a Exma. Sra. D. Darcy Vargas, dignissima esposa do Presidente da Republica. Associaram-se o Principe D. Pedro de Orleans e Bragança, bisneto de D. Leopoldina, com dois filhos, uma commissão do Instituto Historico, outra da V. Ordem Terceira da Penitencia com seu Ministro Francisco Gonçalves Ferreira, e muitas outras pessoas.

Antes de a Exma. Sra. D. Darcy abrir a porta do mausoléu, o Sr. Max Fleiuss, secretario perpetuo do Instituto Historico, discorreu eloquentemente sobre a homenageada, a paladina da nossa Independencia, e pôz em relevo a inauguração do mausoléu, em que dora avante a inesquecivel Imperatriz e os outros Principes terão condigno lugar de repouso.

Depois de todos entrarem e depois de a Exma. Sra. D. Darcy se ajoelhar diante do tumulo em devota oração, o Guardião Frei Basilio dirigiu-se aos presentes, historiando como o convento chegou á posse de todos os tumulos que hoje guarda e exprimindo a sua satisfação por ter podido concluir a construcção do mausoléu, ora inaugurado.

CAPITULO XV

Vultos notaveis

"Constitue um periodo de gloria o passado desta casa conventual; sob as suas abobadas... existiram prégadores notaveis, philosophos, sabios e santos varões; nesse edificio... viveram homens, que se avantajarão nas sciencias, nas artes, nas virtudes, e relevantes serviços prestados á religião, á humanidade e á patria; foi um monumento de gloria esse claustro...".

Assim escreve Moreira de Azevedo em 1877, ao tratar do Convento de Sto. Antonio, no seu conhecido livro "O Rio de Janeiro, etc." (1).

Pretendemos, no capitulo presente, demonstrar a veracidade do que este escriptor affirma, trazendo para estas paginas a nomenclatura dos Religiosos que mais se destacaram por sua sciencia e virtude. A materia exige algumas repetições que o leitor benignamente desculpará.

Frei Vicente de S. Salvador, nascido no reconcavo da Bahia em 1567, fallecido entre 1636 e 1639. Foi o primeiro Superior da Communidade franciscana do Rio de Janeiro, autor da ainda hoje apreciada Historia do Brasil (V. pag. 30, 35).

Frei Antonio da Madre de Deus, portuguez, fallecido em 1621. Foi o terceiro Superior e morreu com fama de santidade, de modo que se tirou um instrumento authentico sobre factos extraordinarios que se notavam no seu corpo (V. pag. 38).

Frei Cosme de S. Damião, portuguez, nascido em 1574, fallecido em 1659 na Bahia. Foi Guardião de 1628 a 1630, depois eleito Definidor e Custodio. Brilhou por seus trabalhos apostolicos e virtudes, pelo que lhe deram o titulo de veneravel (V. pag. 43).

---

1) Pag. 95.

Frei Sebastião dos Martyres, o primeiro frade franciscano carioca, fallecido em 1666. Era homem intelligente e illustrado, eximio prégador, modelo de Superior. (V. pag. 45).

Frei Eusebio da Expectação, carioca. Na qualidade de Custodio promoveu a separação e elevação da Custodia em Provincia. Foi o primeiro Provincial e reeleito mais uma vez. Era um dos mais conspicuos filhos da Provincia. (V. pags. 61 e 66; Elencho, pag. 24).

Frei Christovão da Madre de Deus Luz, carioca, fallecido em 1720. "Gozou de solida reputação, não só por sua intelligencia e por sua sabedoria, como por outros dotes de espirito". Junto com Frei Eusebio da Expectação, foi uma das cabeças pensantes da novel Provincia, que dirigiu duas vezes como Prelado maior. Favoreceu as missões e trabalhou activamente com seu irmão na fundação do Convento da Ajuda. (V. pag. 68; Elencho, pag. 41).

Frei Serafino de Sta. Rosa, portuguez, Guardião de 1707 a 1710, e em seguida Provincial. Dirigiu com muito acerto o Convento e na qualidade de Provincial coube-lhe tomar uma attitude criteriosa nas duas invasões francezas. (V. pag. 98; Elencho, pag. 39).

Frei Antonio de Jesus, Irmão leigo, fallecido em 1680, homem "de grande caridade para os proximos, mas rigoroso para si na penitencia". (V. pag. 90; Elencho, pag. 15).

Frei Estevão de Jesus, portuguez, Irmão leigo, fallecido em 1687, um santo enfermeiro, uma especie de precursor de Frei Fabiano de Christo. (V. pag. 90; Elencho, pag. 22).

Frei Christovão da Conceição, Irmão leigo, fallecido em 1704, Religioso de extraordinaria penitencia. (V. pag. 90; Elencho, pag. 31).

Frei Manuel das Chagas, indefesso Missionario na capitania de S. Paulo e no reconcavo do Rio de Janeiro, morrendo em consequencia das enfermidades contrahidas no desempenho de seu ministerio. (V. pag. 70; Elencho, pag. 19).

Frei Miguel de S. Francisco, carioca, fallecido em 1734. Foi diversas vezes Provincial. Anteriormente foi missionario zeloso na Capitania de S. Paulo e no reconcavo do Rio de Janeiro, junto com Frei Manuel das Chagas. Frei Miguel é o autor da maior parte do 10º volume do "Santuario Mariano" frequentemente consultado. (V. pag. 102; Elencho, pag. 59).

Frei Antonio da Piedade Monção, portuguez, missionario operoso entre os indios nos campos dos Goytacazes, de 1702 a 1710, depois duas vezes guardião em Sto. Antonio (V. pag. 102; Elencho, pag. 46).

Frei Antonio de S. Gregorio, portuguez, Irmão leigo, fallecido em 1732. Andou a passos de gigante no caminho aspero da penitencia. A sua virtude era estimada pelos seculares, que se recommendavam ás suas orações, e para os doentes alcançava ás vezes melhoras com o oleo da lamparina que ardia diante da imagem do *Ecce Homo,* de quem era muito devoto. (Elencho, pag. 52).

Frei Fernando de Sto. Antonio, portuguez. Um dos vultos mais notaveis que têm illustrado a nossa Provincia. Foi Procurador da Provincia em Lisboa e nesta qualidade alcançou o Breve da Alternativa; foi Definidor Geral e Provincial. A sua gerencia foi de paz e progresso, conseguindo elle attrair sobre a sua pessoa a sympathia geral. O prolongamento por mais tres annos de seu mandato, imposto pelo Nuncio de Lisboa e acceito sem protesto por parte do Corpo capitular, demonstra a confiança que todos tinham nelle. (V. pags. 109, 119; Elencho, pag. 56).

Frei Antonio do Extremo, (brasileiro?), Missionario Apostolico, fallecido em 1753 no Convento de S. Paulo. Era Padre secular quando tomou o nosso habito. Durante oito annos foi Commissario da Penitencia do Rio de Janeiro. Depois os Superiores o empregaram nas missões. Percorreu as capitanias de Minas, Goyaz, Matto Grosso, esteve em Curytiba, foi para o Rio Grande e chegou até á Colonia do Sacramento. Andava a pé, associando-se a uma tropa de cargueiros; passou

fome e sêde e enfrentou perigos de toda a sorte nas suas viagens apostolicas. O archivo do Convento de Sto. Antonio guarda a carta escripta por elle, em 7 de Maio de 1752, de S. Paulo, ao Syndico do Convento de Itú, Manuel Soares de Carvalho, residente nas minas de Goyaz, relatando a sua viagem de S. Paulo para o sul. (V. pag. 130; Elencho, pag. 81. — A Provincia franciscana etc. pag. 248).

Frei Apollinario da Conceição, portuguez, Irmão leigo, fallecido por volta de 1760. Era um homem extraordinario este frade leigo. A sua predilecção era manusear documentos e consultar livros sobre a historia da Ordem franciscana, para dar á publicidade o resultado de suas pesquisas. Por este trabalho mereceu ser officialmente distinguido pelo Geral com o titulo de Chronista de sua Provincia. Foi deveras estupenda a productividade deste Irmão, pois é o autor de 18 livros ou manuscriptos. Entre os livros destaca-se o "Pequenos na terra, grandes no Céu", em cinco volumes, publicados de 1732 a 1754. Descreve nesta obra a vida de 2.412 Irmãos leigos da Ordem que se notabilizaram por suas virtudes ou soffreram o martyrio.

O Epitome, manuscripto que se encontra na Bibl. Nac. do Rio de Janeiro, composto em 1730, occupa-se com a nossa Provincia e suas casas, dando uma breve summula das coisas mais essenciaes. Consultámo-lo frequentemente ao elaborarmos a presente historia. (Elencho, pag. 92).

Frei Fabiano de Christo, portuguez, Irmão leigo, fallecido em 1747. A memoria deste santo frade, que durante 38 annos foi enfermeiro do Convento de Sto. Antonio, vive ainda hoje através dos muitos favores e graças que os fieis alcançam por sua intercessão. (V. pags. 115 e 327. — Vida de Frei Fabiano de Christo, Petropolis, 1935 — Elencho, pag. 71 — A Provincia franciscana etc., pag. 242).

Frei Manuel da Encarnação, brasileiro, Provincial de 1761 a 1764, fallecido pelo anno de 1780. Além de mestre de theologia, era eximio canonista e apreciado poeta. Escreveu sonetos, decimas, canções, elegias, em latim e portuguez, dedicando as suas poesias ás pessoas de destaque do tempo.

Tão productivo foi que suas obras formariam dois grandes volumes. (Elencho, pag. 115).

Frei José do Desterro, portuguez, Provincial de 1787 a 1791, fallecido em 1791. Na qualidade de Secretario da Provincia prestou inestimaveis serviços, tombando papeis e documentos que constituem a fonte principal desta Historia do Convento de Sto. Antonio. (V. pag. 176).

Frei Boaventura de S: Salvador Cepêda, Ex-leitor e Ex-Custodio, Guardião em 1776, fallecido em 1793. Em theologia, philosophia e canones era, no seu tempo, o *primus inter pares,* pelo que, excepcionalmente, lhe davam o tratamento de Padre Mestre. (V. pag. 174 — Elencho, pag. 161).

Frei João Capistrano de S. Bento, brasileiro, fallecido em 1799. Um dos Padres mais respeitaveis e illustrados do Convento e da Provincia em sua época, possuindo um vasto cabedal de conhecimentos juridicos, theologicos e exegeticos. Foi lente no Seminario de S. José e examinador synodal. (V. pag. 188 — Elencho, pag. 186).

Frei Joaquim de Jesus Maria Brados, brasileiro, fallecido em 1799. Na qualidade de Provincial illustrou a Provincia com seu zelo pelo incremento da Corporação, pela pureza e santidade da vida monastica. O Convento de Sto. Antonio lhe deve grandes serviços materiaes. (V. pag. 197 — Elencho, pag. 187).

Frei José Mariano da Conceição Velloso, brasileiro, fallecido em 1811. Celebre frade naturalista, que, gozando da protecção do Vice-Rei D. Luiz de Vasconcellos, colleccionou e catalogou o material para a grande obra "Flora Fluminense", em onze volumes. São ao todo 30 as suas publicações scientificas, ou escriptas ou traduzidas por elle. (V. pag. 183 — Elencho, pag. 237).

Frei Francisco Solano Benjamin, brasileiro, desenhista e pintor, fallecido em 1818. Foi seu berço a então Villa de Macacú, onde tambem entrou na Ordem e professou em 1779. Não queremos falar dos cargos que occupou na Provincia, chegando a ser seu Prelado maior, mas dizer sómente sobre o artista.

Foi logo depois de sua ordenação que teve ensejo de dar provas de seu talento de artista. Nesse tempo outro franciscano, Frei José Mariano da Conceição Velloso, o grande botanico, foi incumbido pelo Vice-Rei Vasconcellos de estudar a rica e variada flora da capitania do Rio de Janeiro. Mas Velloso não sabia desenhar e para o seu trabalho não podia dispensar um habil desenhista. Lembrou-se de seu confrade Frei Solano e conseguiu fosse nomeado pelo Vice-Rei para desempenhar este mister.

Frei Solano tornou-se então companheiro inseparavel de Frei Velloso durante os annos de excursões pelas serras de Paranapiacaba e Paraty, nas ilhas do Parahyba e, emfim, em todo o territorio da capitania. Com mão de mestre desenhou grande parte das plantas que Frei Velloso classificou. Por isso, quem conhece a obra monumental em onze volumes *in folio,* a "Flora Fluminense", publicada de 1827 a 1831, há de reconhecer tambem o merecimento de Frei Solano.

O Convento de Sto. Antonio guarda com carinho 149 originaes das 1.000 estampas desenhadas pelo habil artista.

Além de desenhador, Frei Solano deixou nome tambem por suas pinturas. Existem ainda no Convento, pintados por elle, um grande painel de N. Senhora e um do "Senhor da Paciencia", e mais dois menores, Sta. Ismeria e um quadro allegorico: a fé abraçada á caridade.

Apreciando os paineis de Frei Solano, diz judiciosamente Moraes em seu livro Um passeio, etc.: "Não era nem podia ser Frei Solano um grande mestre, nunca sahiu do Brasil, não teve a educação artistica das academias, nem a frequencia de pintores abalizados. Nos seus quadros adivinha-se e sauda-se o genio: notam-se, porém, ao mesmo tempo os senões devidos á falta de escola, aprecia-se a belleza do colorido, ás vezes, porém, repara-se em alguma desproporção das formas das suas figuras. Entretanto, é impossivel deixar de reconhecer talento, e inspiração nas obras de sua palheta".

Nas jarras descriptas no capitulo antecedente, porém, Frei Solano manejou o pincel com maestria. Tratava-se de

pintar flores, o que era a sua especialidade. No fim deste livro, estampa 40, damos o fac-simile de seu autographo (2).

Frei Antonio do Monte Alverne, brasileiro, fallecido antes de se ordenar sacerdote, em 1798. Jovem de rara intelligencia, que fez brilhar a sua erudição numa defesa de these na sala grande da portaria. (V. pag. 190).

Frei Antonio de Sta. Ursula Rodovalho, brasileiro, fallecido em 1817. E' considerado o Religioso mais sabio que teve a Provincia. Foi nomeado Bispo de Angola, mas renunciou em 1810. (V. pag. 225).

Frei Manuel de Sta. Teresa Velloso, portuguez, fallecido em 1790. Foi Guardião do Convento de 1757 a 1761, lente e eximio canonista. Teve a honra de ser desterrado pelo Vice-Rei Conde da Cunha. (V. pag. 150; Elencho, pag. 148).

Frei Bernardo de Quintaval, portuguez, Irmão leigo, fallecido em 1822. Já estava formado em medicina quando deixou a patria. Depois de distribuir os seus haveres com os pobres, tomou o nosso habito no Convento de Sto. Antonio, onde ficou depois de professar, servindo como enfermeiro. Frei Bernardo era muito considerado pelos medicos do Rio de Janeiro e frequentemente consultado.

Macedo (3) conta, com relação a Frei Bernardo, o seguinte facto, affirmando ter estado presente Frei Francisco de Monte Alverne: "Achando-se um dia almoçando no refeitorio da enfermaria com os convalescentes, aproximou-se-lhe um jovem religioso de capa e chapéu na mão que vinha despedir-se, pois tinha obtido licença para passar alguns dias fóra do Convento; Frei Bernardo encara-o, levanta-se apressado pedindo que o espere e corre á botica; mas, voltando logo depois, apenas entra na sala, vê cahir o jovem religioso, que succumbe instantaneamente a um ataque de apoplexia fulminante. "Cheguei tarde" — disse Frei Bernardo, mostrando a lanceta que havia trazido da botica".

2) Reg. Rel. bras., fls. 62 — Elencho, pag. 272 — Um passeio, etc., pag. 198 — O Rio de Janeiro, etc., I, pag. 98.
3) Um passeio, etc., I, pag. 273.

Frei Joaquim de Sta. Leocadia, carioca, fallecido em 1818. Foi Guardião, de 1811 a 1813; brilhante orador, canonista, excellente lente de philosophia e theologia, distinguido pelo Nuncio Apostolico e Principe Regente. (V. pag. 215; Elencho, pag. 275).

Frei Fernando Antonio de S. José Menezes, brasileiro, fallecido em 1801. Foi Provincial de 1784 a 1787, homem de muitas letras, notavel educador. (Elencho, pag. 195).

Frei Antonio do Lado de Christo, carioca, fallecido em 1821. "Um Religioso que soube honrar o habito que vestia, pois, além de brilhar pelo talento, todo elle consagrado ao magisterio e á doutrina do Evangelho, edificou pelo exemplo de suas virtudes". (Elencho, pag. 283).

Frei Henrique de Sant'Anna, carioca, fallecido em 1834. Philosopho e eximio orador e, na qualidade de Provincial, energico defensor da doutrina e direitos da Igreja. O archivo do Convento guarda delle diversos sermões em manuscripto. (Elencho, pag. 334).

Frei João de Parma Pinheiro, portuguez, fallecido em 1837. Illustrou a Provincia como lente de philosophia e theologia e foi nomeado prégador imperial, "em attenção aos seus brilhantes talentos e bem estabelecida reputação". (Elencho, pag. 346).

Frei Joaquim de S. Daniel, campista, fallecido em 1852. Orador sacro de nomeada, cheio de serviços prestados á Ordem e á Patria. (Elencho, pag. 367).

Frei Francisco de Sta. Teresa de Jesus Sampaio, carioca, fallecido em 1830. Religioso de muitas letras, eximio prégador regio, ardoroso politico, collaborador na Independencia Nacional. (V. pags. 233, 243).

Frei Francisco do Monte Alverne, carioca, fallecido em 1858. O grande Bossuet brasileiro, philosopho e mestre de eloquencia. (V. pag. 271).

Frei Theotonio de Sta. Humiliana Benevides, brasileiro, fallecido em 1868. Além de outros predicados que exornavam o seu caracter de homem honesto e severo em seus costu-

mes de religioso, que eram puros e modelares, possuia uma grande bagagem de letras e sciencias como theologo, canonista e mestre que era da lingua latina, que elle falava, escrevia e nella versificava". (Elencho, pag. 384).

Frei Antonio do Coração de Maria Almeida, carioca, fallecido em 1870. Foi Guardião de 1847 a 1849 e depois dirigiu os destroços da Provincia até á sua morte. "O brilho de seus talentos e a eloquencia no pulpito lhe grangearam bem cedo os applausos dos seus ouvintes, e do Imperador o titulo bem merecido de prégador imperial". (V. pags. 253 e 277; Elencho, pag. 386).

Frades musicos

No Convento de Sto. Antonio cultivava-se com esmero e dedicação a arte musical. Attestam-no o antigo orgão, desmontado nas ultimas reformas, como tambem os livros manuscriptos de côro, ainda conservados.

A historia regista a memoria de tres frades, que como musicos eram festejados no seu tempo.

O veterano entre elles é *Frei João de Sta. Clara Pinto*, carioca da gemma, pois nasceu na freguezia da Candelaria, em 1735. Tomou o habito religioso em 1754, no Convento de S. Boaventura de Macacú, e ordenou-se sacerdote em 1760. Era, portanto, contemporaneo dessa phalange de homens extraordinarios que a Provincia produziu no tempo de seu maior florescimento. Morreu Frei Sta. Clara em 1825, de modo que tambem presenciou a decadencia que invadiu o organismo das Ordens religiosas no Brasil desde o fim do seculo XVIII.

Ainda não era sacerdote o nosso Frei Sta. Clara quando, em 1758, o Definitorio da Provincia introduziu em todos os Conventos o canto-chão acompanhado de orgão. Teria sido esta a causa de elle cultivar com esmero a musica difficil da Igreja? Do resumo biographico contido no Registo dos Religiosos, consta que foi duas vezes mestre de canto-chão, isto é, quatro annos e meio em Macacú e outros tantos em Angra dos Reis. O que lhe favorecia o desempenho do

officio era a sua voz possante e melodiosa que ecoava nas abobadas do santuario e com que, no dizer de José Luiz Alves, no seu livro "Os claustros e o clero no Brasil", suspendia e arrebatava os que o ouviam. Foi elle tambem vigario do côro em diversos Conventos, donde se vê que a Provincia aproveitou o seu saber na musica por toda a parte.

E não foi só. Frei Sta. Clara dedicou-se tambem á arte de composição. Segundo se diz no mencionado resumo biographico, compoz e escreveu os livros de canto-chão para o Convento do Rio de Janeiro. Desses livros ainda existem cinco, e todos elles em mais ou menos bom estado. Alguns, porém, são apenas a copia de livros impressos, portanto não são composições de Frei Sta. Clara. Examinámos tambem os hymnos para a festa de Sto. Antonio, de que Macedo no seu livro "Um passeio pelo Rio de Janeiro", affirma que "passão entre os mestres por admiraveis". Ao nosso ver já não representam o puro canto-chão, mas denotam concessões ao gosto do tempo. Isso, porém, em nada diminue o merecimento de Frei Sta. Clara em realçar as festas liturgicas com as inspirações de seu genio musical.

O segundo frade que com seu talento musical illustrou o Convento de Sto. Antonio foi *Frei Francisco de Sta. Eulalia.* Tambem este teve o seu berço no Rio de Janeiro, pois nasceu e baptizou-se na freguezia de Sta. Rita. Fez-se Religioso franciscano em 1778, no Convento de Macacú, e foi ordenado sacerdote por D. Justiniano Mascarenhas Castello Branco.

Não é muito o que consta de seus trabalhos musicaes. Mas o pouco é sufficiente para mostrar o seu talento.

Conta Macedo, no livro acima citado, que uma vez Frei Antonio de Santo Elias, de quem nos occuparemos em seguida, foi encarregado pelo Guardião de compôr as MATINAS para a festa da Resurreição. Quando, no Sabbado de Alleluia, pelas cinco horas da tarde, se fez o ensaio, ou fosse erro do compositor ou dos executores, notou-se tal desaccordo em uma fuga, que alguns Religiosos começaram a sorrir. Frei Elias, então, offendido, fechou o orgão, arrebatou as musicas e fugiu com ellas, rasgando-as.

Na madrugada da Pascoa cantaram-se MATINAS novas. Quem tinha sido o seu compositor? O nosso Frei Sta. Eulalia, comprovando com isto um talento espantoso de invenção musical. E teve ainda o prazer de ver a sua composição acompanhada no orgão pelo proprio Frei Elias.

Diz Macedo que a partitura das MATINAS de Frei Sta. Eulalia, a qual parece foi composta não em canto-chão, mas em musica figurada, ainda existia no seu tempo, conservada no Convento. Mas não a descobrimos até hoje.

Frei Francisco de Sta. Eulalia morreu em 1814, no Convento de Sto. Antonio.

Do terceiro frade musico já declinámos o nome acima. Era *Frei Antonio de Sto. Elias,* natural da cidade de Faro, em Portugal. Fez-se Franciscano em 1802, iniciando o seu noviciado aos 20 de Novembro, no Convento de Sto. Antonio, do Rio. Recebeu todas as Ordens sacras em Fevereiro de 1804, conferidas pelo Bispo de S. Paulo, D. Matheus de Abreu Pereira.

Dos tres Frades musicos era Frei Sto. Elias aquelle cujo nome foi mais celebrado dentro e fóra do Convento. Valeu-lhe isso sua rara habilidade e maestria no manejo do orgão. Era um encanto ouvi-lo tocar: por toda a parte se falava com enthusiasmo do artista no burel franciscano. Não admira que Frei Sto. Elias fizesse amizade com o não menos festejado musico padre José Mauricio. Não regateou este elogios a seu amigo e não hesitou em chamá-lo "rei dos organistas".

Em 1808 veiu para o Brasil a familia real. O Principe Regente, posteriormente D. João VI, homem profundamente religioso, tratou logo de transformar a igreja conventual dos Carmelitas em Capella real, onde com todo o esplendor se celebrasse o culto divino, como se fazia em Lisboa. E' sabido que o Principe dormia quando assistia ao theatro, mas as ceremonias liturgicas acompanhava-as attentamente e com todo o recolhimento, e era amante do canto-chão.

Pois bem. Entre os artistas que brilharam nesse tempo nas festas sumptuosas celebradas na Capella real figurava tambem muitas vezes o nosso Frei Sto. Elias. Não se queria

dispensar o concurso do celebre organista franciscano, para maior realce do côro.

Os Superiores religiosos, por sua vez, attendendo ao muito que esse frade contribuiu para a honra do Instituto, distinguiram-no, no Capitulo de 1821, com diversos privilegios, com a declaração de que foi "em remuneração de seus serviços que pela arte tem feito á Provincia".

Infelizmente, os louros colhidos não fizeram bem a Frei Elias. Secularizou-se em annos posteriores, passando para o clero secular. Nos Registos da Provincia não consta por isto quando morreu (4).

O Poeta da Virgem

A cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, outrora denominada leal e heroica, tem sido o berço de não poucos Religiosos franciscanos cujos nomes a historia patria regista com justo orgulho. Entre elles destaca-se essa trindade conspicua que illustrou o pulpito brasileiro com seus dotes oratorios e vasta erudição. São Frei Francisco de S. Carlos, Frei Sampaio e Frei Monte Alverne.

Dos dois ultimos existe grande copia de literatura, biographias, artigos, excerptos de suas obras. Não é assim tão conhecido Frei S. Carlos, si bem que alguns escriptores se tenham occupado com elle. Entretanto, em nossa opinião, si Frei S. Carlos na oratoria sacra rivaliza vantajosamente com seus dois companheiros de habito, sobrepuja-os em espirito religioso e sentimento de piedade. Eis por que lhe damos um lugar especial entre os vultos notaveis da nossa Provincia.

Nasceu Frei S. Carlos aos 13 de Agosto de 1763 e recebeu na pia baptismal o nome de Francisco Carlos. Seus paes eram José Carlos da Silva e D. Anna Maria de Jesus, ambos naturaes do Rio de Janeiro.

Bem cedo revelou-se em Francisco Carlos a vocação religiosa, pois contava apenas 15 annos e dois mezes e meio quando, em 31 de Outubro de 1778, pediu e obteve o habito

4) Um passeio, etc., I, pag. 273 e seg. — Elencho, pags. 309, 253, 226. — Rev. Inst. Hist. 1894, Parte II, pag. 13.

de S. Francisco. Fez o noviciado no historico convento de S. Boaventura de Macacú, pertencendo a essa turma de 23 candidatos que foram recebidos em virtude da licença regia de 31 de Julho de 1777.

Cremos que essa circumstancia influiu poderosamente sobre a formação religiosa e intellectual dos jovens frades. Deviam elles sentir-se cheios de ardor com o continuarem as tradições da Ordem, depois de quinze annos de interrupção do noviciado, durante os quaes a Provincia ficara sensivelmente desfalcada em seu pessoal. Accresce que tiveram um excellente mestre de noviços na pessoa de Frei Antonio da Natividade Carneiro, "um dos mais prestimosos entre os que mais o foram desta Provincia". Além disso, teve S. Carlos a felicidade de contar entre os seus companheiros de tirocinio jovens prendados de talentos não vulgares, um Frei Sta. Leocadia, orador, canonista; um Frei Sta. Eudadia, bom musico; um Frei Solano, desenhista e pintor.

Tudo, pois, concorria para a formação intellectual e espiritual de Frei S. Carlos: enthusiasmo, meio favoravel, boa direcção.

Decorrido o anno de noviciado, Frei S. Carlos fez votos solennes e perpetuos de Religião no dia primeiro de Novembro de 1779. Continuando os estudos, cursou philosophia e theologia no Convento do Rio de Janeiro e foi ordenado sacerdote aos 5 de Julho de 1784 pelas mãos de D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello-Branco. Ficou ainda no Rio como passante (repetidor, substituto), sendo neste intervallo instituido successivamente prégador e confessor de seculares. Já então a fama de seu saber se havia espalhado por fóra. Prova isto eloquentemente o pedido que fizeram aos Superiores o Cabido e a Camara de S. Paulo, para Frei S. Carlos ensinar theologia dogmatica no seminario diocesano. Para lá se dirigiu em 1790 e manteve-se no cargo de lente durante seis annos. Em seguida foi chamado para occupar a commissaria da V. O. T. da Penitencia do Rio. Neste posto, porém, permaneceu pouco tempo, pois foi enviado a Minas Geraes na qualidade de

Visitador das diversas Ordens Terceiras e Confrarias franciscanas. Fez a longa e penosa viagem em companhia do Capitão General daquella Capitania, Bernardo José de Lorena. Em 1801 achava-se de volta ao Rio de Janeiro.

Nos annos posteriores occupou diversos cargos na Provincia. Foi Guardião dos Conventos da Ilha do Bom Jesus, do Santuario da Penha, na Capitania do Espirito Santo, e do Convento de Sto. Antonio do Rio de Janeiro. No Capitulo de 1814 a confiança dos eleitores distinguiu-o com seus votos para Definidor, e, em 1821, por nomeação do Sr. Nuncio Apostolico, exerceu o cargo de Visitador Geral e Presidente do Capitulo.

Depois desse succinto curriculo de vida de Frei S. Carlos, occupemo-nos com o orador e poeta.

Os dotes oratorios de Frei S. Carlos começaram a revelar-se desde que, no verdor dos annos, foi instituido prégador pelos Superiores. As successivas mudanças locaes, porém, e outrosim as diversas occupações não permittiam firmar a sua reputação. Isto aconteceu em 1801. Nesse anno, apenas de volta ao Rio de Janeiro, recebeu do Bispo D. Mascarenhas a honrosa incumbencia de professor de eloquencia sacra no Seminario de S. José, onde encantava os seus discipulos com as suas magistraes lições theorico-praticas. Não se limitava, entretanto, ao recinto da aula, subia ao pulpito das nossas igrejas, colhendo ahi os mais bellos triumphos.

Apreciando a eloquencia de Frei Carlos, diz Fernandes Pinheiro que "equilibrado nas asas da inspiração, voava pelas regiões da eloquencia, seguindo o luminoso sulco deixado pelos Chrysostomos, Basilios e Gregorios. Poeta, improvisava suas imagens, coloria seus tropos, dava vida e movimento a suas figuras; philosopho, arraigava a fé pelo raciocinio e dissipava a duvida com a impetuosa torrente de sua aristotelica dialectica; theologo, distillava de seus labios o nectar das Escripturas".

Outro autor, J. M. Pereira da Silva, exprime-se de modo seguinte:

"Corria natural e abundante a sua pratica, e o som agradavel e limpido, que lhe escapava dos labios, electrisava a multidão; unia e ligava perfeitamente a espontaneidade do genio com as exigencias da arte; ora levava detida e enfreada sua inspiração, e moderado, pacifico e elegante, agradava e extasiava; ora deixava-lhe os vôos, dava-lhe liberdade; o brilhantismo da expressão combinava com o pathetico elevado do pensamento, e o auditorio commovido, impressionado e arrebatado, curvava-se ao prégador".

"A sua pronunciação, diz ainda outro biographo, era clara e elegante, seus gestos expressivos e apaixonados, a sua figura majestosa e bella, o que fez que o chamassem SEREIA DO PULPITO".

Todos quantos escreveram sobre Frei S. Carlos são unanimes em accentuar a felicidade estupenda com que improvisava no pulpito.

"Todo o espectaculo que apresenta um templo para celebrar a gloria de Deus bastava para inspirar-lhe os mais bellos pensamentos, as mais vivas imagens, e a mais vibrante e pathetica eloquencia. A palavra se lhe não negava, não lhe faltavam expressões, e sua tão rica e poderosa imaginação não o abandonou uma só vez". Em virtude ainda desse dom, privilegio de poucos oradores, aproveitava-se dos menores incidentes de momento para fazer realçar o colorido de suas orações.

Conta-se que um dia, estando a prégar, levantou-se um forte temporal. O ambiente mais e mais escurecia, relampagos e trovões se succediam em accelerado compasso. Frei S. Carlos, então, interrompeu o sermão, pausou um momento e em seguida, levantando solennemente a voz, dirigiu impressionante apostrophe ao Deus Todo-poderoso, Criador e Dominador dos elementos. E' facil de imaginar que o effeito foi decisivo.

Um outro caso, que prova a imperturbavel presença de espirito do nosso orador, deu-se por occasião de um sermão que prégou na Capella imperial. Era a festa das Dores de Nossa Senhora. Frei S. Carlos discorria sen-

tidamente sobre a espada de dôr de sete gumes que traspassou o maternal coração de Maria, quando inesperadamente appareceu na tribuna a Rainha. Mandou ella que o orador recomeçasse o sermão. Antes de o fazer, Frei S. Carlos voltou-se para a tribuna de D. Maria I, repetindo, como si tivessem sido escriptas para essa occasião, as palavras do poeta Virgilio, em sua Eneida: "INFANDUM REGINA JUBES RENOVARE DOLOREM (Mandas, Rainha, renovar a indizivel dôr).

Acabámos de dizer que Frei S. Carlos prégou na Capella imperial. Para prégador dessa igreja (hoje Cathedral), foi nomeado por acto do Principe Regente, D. João VI, em 1808. A familia real acabara de se refugiar ao Brasil diante do exercito invasor de Napoleão em Portugal. Para celebrar tão fausto acontecimento na historia da colonia, o que até então era o Brasil, celebrou-se solenne officio religioso e Frei S. Carlos foi escolhido para prégador. O Principe ficou encantado pela eloquencia do Religioso, admirou-se com encontrar tanto saber e declarou não ter jamais ouvido prégação melhor. A sua admiração, porém, subiu de ponto ao ouvir que o prégador era filho do Brasil e que nunca houvera sahido de sua terra natal. Além de prégador da Capella Imperial, D. João distinguiu ainda a Frei S. Carlos com a nomeação para Examinador da Mesa da Consciencia e Ordens.

Entre os sermões de Frei S. Carlos, de que infelizmente só excerptos chegaram até nós, são destacados como notaveis os seguintes, além dos já referidos: o do Espirito Santo, prégado em 1799 na freguezia de S. Gonçalo; o do Archanjo S. Gabriel em 1807, em Cabo Frio; o da Natividade de N. Senhora; o de Sta. Anna; a oração gratulatoria pelo nascimento da Princeza da Beira e a oração funebre por occasião das exequias da Rainha D. Maria I, na igreja da Cruz, perante toda a Côrte.

Occupemo-nos agora com Frei S. Carlos na qualidade de poeta, poeta da Virgem.

Já foi dito que em Frei S. Carlos, mais do que nos seus dois illustres companheiros de pulpito, resalta o espirito re-

ligioso, a piedade de sua alma. Ora, o objecto predileto de sua devoção e de seus mais ternos affectos, desde a mais tenra idade, era N. Senhora na sua gloriosa Assumpção. A santissima Virgem, por sua vez, protegia o seu devoto, como resulta do seguinte facto, narrado por Macedo em seu "Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro".

Em uma tarde escura e tempestuosa achava-se Frei S. Carlos conversando em sua cella com outros Religiosos. A tormenta ia cada vez mais redobrando de intensidade, e ao ribombar de um terrivel trovão levantaram-se os frades assustados. O medo fez com que se retirassem um depois do outro. Frei S. Carlos não quiz ficar sózinho e por isso acompanhou a Frei São Daniel, que permanecera junto delle. Apenas tinham dado alguns passos fóra da cella, quando um novo e mais terrivel trovão rebentou, e a cella pareceu abysmada em um diluvio de fogo. Era o fogo do raio. Ficou estragado o altar da Assumpção, que se achava no andar superior justamente encima da cella de Frei S. Carlos; rachou, de alto abaixo, uma das paredes da mesma cella e cahiu uma grande pedra no mesmo lugar onde momentos antes se achava sentado o padre-mestre.

Frei S. Carlos attribuia o seu salvamento, como o dos confrades, á protecção de sua Padroeira e fez voto de prégar todos os annos na festa que no Convento se realizava no dia da Assumpção, voto que cumpriu até morrer.

De seu amor á SSma. Virgem Frei S. Carlos deu solenne testemunho no poema epico de sua lavra "Assumpção".

Si as producções literarias não sómente revelam dotes intellectuaes, mas são tambem as reverberações do espirito e dos sentimentos do autor, a obra do frade franciscano nos diz em todas as suas paginas quão intenso era em seu coração esse affecto á gloriosa Mãe de Deus.

Mas ouçamos o proprio autor. Quando em sua ultima enfermidade foi visitado por Frei Monte Alverne e versando a palestra sobre a "Assumpção". disse-lhe S. Carlos: "Eis aqui uma obra, cuja historia é simples mas curiosa, porque nasceu debaixo de inspirações alheias ao apparecimento destas criações: aqui nada houve de profano, nada

do que pertença ao seculo. Na minha primeira guardiania, que pouco, quasi nada me dava que fazer, comecei por devoção e desenfado a compôr alguns hymnos a Nossa Senhora: era uma pura devoção. Depois de haver borrado algum papel, senti o innocente desejo de unir todos aquelles cantos em um todo, e dar-lhe uma forma mais ampla e mais digna de minha devoção: dest'arte empregava o meu tempo nobremente, encurtava-o com o trabalho, e tinha mais um vehiculo por onde fizesse sair as emoções de minh'alma, e mesmo o amor da patria; não havia idéa de poema, e muito menos de publicação... Levei nesta publicação mais o desejo de testemunhar a minha devoção á Virgem Nossa Senhora, do que o amor da gloria mundana; e vós bem o sabeis, pois a minha vida foi o fiel retrato de minha alma... Aqui está um filho que me fez passar dias mui felizes e tormentosos durante a sua formação; aqui está a sentença terrivel do que eu fui na terra, e o documento da minha incapacidade. Não me arrependo inteiramente de o ter escripto, porque nelle está o nome da minha Santa Virgem, porque nelle há o meu amor pela minha patria... O que agora sinto, já o disse nos meus versos, e o disse inspirado pela Virgem, que foi sempre a minha musa".

Que bellas palavras do cantor no burel franciscano, palavras repassadas de humildade e de terno affecto á Mãe de Deus. Era, pois, a expressão da verdade, quando S. Carlos, dirigindo-se á sua festejada "Musa", dizia:

Eu só procuro com meus versos rudes
Teus triumphos cantar, tuas virtudes.

Entremos agora na apreciação do poema de que Nabuco de Araujo affirma ser sem a menor contestação um dos melhores poemas brasileiros e sobre o qual Fernandes Pinheiro escreve, dizendo: "E' um poema religioso e patriotico, concebido na humildade, e escripto em grande parte na silenciosa ilha do Bom Jesus, durante a primeira guardiania do seu preclaro autor, e sem vir disputar na praça publica as louvaminhas da multidão, tomou o seu lugar na

nossa literatura, escudado unicamente pelo seu merito... Para nós é a "Assumpção" um poema do mesmo genero dos de Klopstock e de Milton: tem ares de familia com a Missidia e o Paraiso Perdido; e si menos vasto é seu plano, e menos originaes suas imagens, iguala-os muitas vezes na delicadeza das pinturas, e excede-os na castidade do metro, e quiçá na frescura da imaginação".

Compõe-se a "Assumpção" de oito cantos em versos endecassylabos, ou heroicos, rimados dois e dois. Depois de uma invocação á Virgem, descreve o mavioso autor a partida de N. Senhora para o céu, sendo conduzida pelos Apostolos. Lucifer tenta armar-lhe terrivel conjuração, mas é vencido por S. Miguel. Em seguida esboça o quadro do Paraiso. No quarto e no quinto canto N. Senhora narra a dilatação do Evangelho pela prégação dos Apostolos e a investida das heresias contra a Igreja nos primeiros seculos. Vem depois uma magnifica descripção da cidade do Rio de Janeiro, uma nova sublevação dos espiritos infernaes e victoria sobre elles. No ultimo canto, N. Senhora entra na gloria do céu, sendo recebida por Jesus e homenageada pela côrte celestial e por todas as criaturas; tudo se curva diante da soberana Senhora.

Imagine o leitor, tudo isto descripto e cantado com o enlevo de uma alma cheia de enthusiasmo, de amor e de veneração para com a Santissima Virgem e com brilhante imaginação que esboça quadros que não podem ser excedidos em concepção!

Ouvimos acima dizer que o poema de S. Carlos tem ares de familia. Quer isto dizer que o autor busca as suas comparações na nossa natureza, canta as nossas flores e fructos, é o céu brasileiro que o inspira. Além de na magnifica descripção que dá do Rio de Janeiro, nota-se isto no cantico sobre o Paraiso, em que graciosamente fala da manga, do cajú, do ananaz e de outros fructos. E' porque debaixo do burel franciscano palpitava um coração brasileiro. A' vista disso se entende por que S. Carlos, referindo-se á sua obra, dizia que foi o amor á SS. Virgem e o amor á Patria que o inspiraram.

Frei S. Carlos morreu no dia 6 de Maio de 1829, confortado com os Sacramentos da Igreja. Os seus ultimos annos tinham sido de dolorosos soffrimentos. Expirou na enfermaria do Convento, diante da imagem de N. Senhora da Assumpção, que foi a sua padroeira na vida e na morte (5).

Não queremos concluir esta monographia sem ao menos dar um trecho do poema de S. Carlos. E' a invocação no principio da obra que transcrevemos.

Oh! tu, grande signal, raro portento
Dos seclos e do ethereo firmamento,
Nova idéa brilhante, a mais perfeita,
Do archetypo exemplar; e tão aceita,
Que chegaste a ser delle, — ó maravilha! —
Boa mãi, linda esposa e cara filha:
Aspira os votos meus, e que meu canto
Cause á terra prazer, e ao Orco espanto.
Aspira, ó Virgem, porque cante e diga
Quanto a verdade e a devoção me obriga!
Pulchros celicultores, que os assentos
Occupaes dos sidereos aposentos;
Rubins donde retrata a formosura,
Desde o berço da luz, da luz mais pura:
Vós, que mil vezes, nesta santa empreza,
Medistes-vos c'o a barbara fereza
Do cháos; de seus monstros e tyrannos
Frustrastes as traições e negros planos:
Si por mim celebrada se sublima
Vossa Augusta Princeza, em doce rima;
Dae tambem novo ardor ao canto nosso
Que sendo por quem é, tambem é vosso!
E tu, Egregia, tu, nunca invocada,
Musa do Céu d'estrellas coroada;
N'esta via escabrosa e tão confusa,
Ah! — digna-te de seres minha Musa! (6).

5) V. o fac-simile de seu autographo, estampa nº 40.

6) Registro dos Religiosos Brasileiros, no archivo do Convento de Sto. Antonio do Rio, pag. 63. — Rev. Inst. Hist., 1848, pag. 524 — 1873, pag. 517. — Revista Popular, 1859, pag. 295. — Um passeio pela Cidade do Rio de Janeiro, de J. M. de Macedo, tom. I, (nova edição), pag. 244. — Elencho biographico, de Frei Diogo de Freitas, pag. 322. — Annaes da Bibl. Nac., 1882, pag. 1342. — Os Claustros e o Clero no Brasil, de José Luiz Alves, 1895.

INDICE

Prefacio 5
As fontes principaes desta historia do Convento de Sto. Antonio 9
A' guisa de introducção 15

Capitulo I. 1592 a 1608 — Fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Os primeiros Franciscanos no Rio de Janeiro. O primeiro sitio doado para a construcção do Convento. Escolha e doação de outro sitio. Os Religiosos mudam de residencia. Frei Vicente do Salvador. Uma ilha andante na lagoa de Sto. Antonio 17

Capitulo II. 1608 a 1677 — Serie dos Superiores; suas obras executadas no Convento. Preparo do local. O poço "A Providencia". Lançamento da pedra fundamental. A "Porta do carro". Santidade de Frei Antonio da Madre de Deus. Milagre de S. Benedicto. Os religiosos entram no convento. A ladeira do Convento. Fundação da Ordem Terceira da Penitencia. Frei Cosme de S. Damião. O primeiro frade franciscano "carioca". Abertura de estudos no Convento. A vida commum no Convento. Uma graça. A construcção da Capella nova dos Terceiros. A erecção dos Conventos do Sul em Custodia. A "bernarda de 1660 33

Capitulo III. 1677 a 1700 — Serie dos Superiores; suas obras executadas no Convento. A erecção da Provincia. As festas por occasião da erecção da Provincia. Dansas e bailados nas festas. O primeiro Provincial. Fundação do Recolhimento da Ajuda. O trabalho dos Religiosos na cura das almas. O culto divino no Convento. Os escravos do Convento. Os Terceiros requerem mais terreno. As cisternas. Tres Religiosos de grande virtude 61

Capitulo IV. 1700 a 1725 — Serie dos Superiores; suas obras executadas no Convento. Os attritos com a Ordem Terceira. Santo Antonio recebe um rico bastão. Um Guardião benemerito. O presepe do Convento. O cemiterio dos escravos. As invasões francezas. Uma rua no meio da lagoa de Sto. Antonio. Novas desintelligencias com a Ordem Terceira. Desordens entre os Religiosos. Um hospede de alta jerarchia . Novas desordens entre os Religiosos. Frei Fabiano de Christo 93

Capitulo V. 1725 a 1750 — Serie dos Superiores; suas obras executadas no Convento. Mais attritos com a Ordem terceira. Intimação da Camara. Um incendio no Mosteiro de S. Bento. O hospicio da Terra Santa. D. Frei Antonio Guadalupe, Reformador Apostolico. Um Ex-Provincial encarcerado. Providencias do Visitador. A "Lei escolastica" do reformador. Frei Antonio do Extremo. O carcere do Convento. A cessão de um grande terreno á Penitencia. Annel de agua da Carioca para o Convento. Descripção do antigo Convento. Milagre de Sto. Antonio. 119

Capitulo VI. 1750 a 1767 — Serie dos Superiores; suas obras executadas no Convento. Resolve-se a reconstrução do Convento. O refeitorio do Convento. Sto. Antonio recebe o soldo vencido. O Rei manda concertar a ladeira. Sala do Capitulo e de estudos; cemiterio. Capella de Sto. Aleixo. Capellanias nas Fortalezas e nos navios de guerra. A assistencia aos leprosos. A assistencia aos padecentes. Uma visita insolita. Os tres primeiros Vice-Reis. Um bello attestado da pobreza franciscana dos Religiosos 143

Capitulo VII. 1767 a 1800 — Serie dos Superiores; suas obras executadas no Convento. A enfermaria do Convento. A bibliotheca do Convento. O Vice-Rel D. Luiz de Vasconcellos e Souza. Frei Mariano da Conceição Velloso. A Universidade de estudos no Convento. Um estudante brasileiro de rara intelligencia. A caridade para com so pobres. O incendio do Recolhimento do Parto. A cozinha do Convento. Obras do Provincial Frei Brados. Um documento importante 169

Capitulo VIII. 1800 a 1825 — Serie dos Superiores; suas obras executadas no Convento. A bilocação de Frei Galvão. A chegada da Familia Real, festas, nomeações. D. João VI e S. Francisco de Assis. O Marechal Forbes Skellater. A mudança da côr do habito. Festa do Coração de Maria. Promoção da imagem de Sto. Antonio. As exequias de D. Pedro Carlos. Morte do 2º Marquez de Pombal. A primeira venda de terrenos. Real Convento de Sto. Antonio. Venda de mais terreno. Enterro e sepultura do Nuncio D. Lourenço Caleppi. Frei Antonio de Sta. Ursula Rodovalho. As rotulas. Um frade Protonotario Apostolico. O Convento de Sto. Antonio e a Independencia Nacional.... 203

Capitulo IX. 1825 a 1899 — Serie dos Superiores; suas obras executadas no Convento. A abolição da lei da Alternativa. Frei Francisco de Sta. Teresa de Jesus Sampaio. O syndico Fabregas Surigué. Prohibição dos enterros nas igrejas e Conventos. Morte do bispo titular de Anemuria. Um pedaço de terreno cedido aos Terceiros. Venda do morro de Sto. Antonio. Começam as requisições. Prohibição do noviciado e profissões. Outras requisições. Um Visitador e Delegado Geral. Frei Francisco do Monte Alverne. Frei João do Amor Divino Costa. O Convento transformado em "hospedaria" 239

Capitulo X. As causas da decadencia — A interferencia do Governo nas coisas internas. A lei da alternativa. Os titulos e isenções. Outras causas 283

Capitulo XI. 1899 a 1937 — Serie dos Superiores; suas obras executadas no Convento. Ultimos annos de Frei João. Restauração do Convento. Sequestro do Convento. Incendio na Imprensa Nacional. Trasladação dos tumulos imperiaes. A fundação da Ordem Terceira no Convento. Continúa a restauração. Tres seculos de existencia do Convento. Festas jubilares do Emmo. Sr. Cardeal. Incendio no morro de Sto. Antonio. O Convento e a guerra européa. A grippe espanhola. Obras no Convento. Visitas honrosas. O dia do "Fico". Continúa a restauração. Os ossos de Frei Fabiano de Christo. Sagração episcopal. Reformas no interior do Convento. Proseguem as obras de restauração no interior do Convento. O desapparecimento da ladeira. O VII Centenario da morte de S. Francisco. Restauram-se mais dois corredores, installa-se o quarto do porteiro. Duas visitas honrosas. O orgão e outras obras. Dois Centenarios. O almoço dos pobres. A installação do gabinete entomologico e outras restaurações. Frei Rogerio. O dia sete de Setembro. Um hospede illustre. O dia do soldado. O orgão e o mausoléu. Retrospecto 307

Capitulo XII. A igreja e a sacristia do Convento de Sto. Antonio 349

Capitulo XIII. Duas imagens de Sto. Antonio e suas distincções. Duas imagens historicas. As promoções da imagem de Sto. Antonio. O bastão offerecido á imagem de Sto. Antonio por Veiga Cabral. Grã Cruz de Christo. O bastão offerecido á imagem de Sto. Antonio por D. João VI 379

Capitulo XIV. Outras preciosidades historicas — A Capella dos tres Corações. As Capellas do claustro. O altar do Duque de Caxias. A Imagem do **Ecce Homo.** Reliquias insignes. A representação do nascimento e morte de S. Francisco. As imagens da Conceição e de S. Francisco. Tres quadros de S. Francisco. Os bustos dos santos martyres do Japão. A estante do côro. Livros de canto-chão manuscriptos. Um mappa-mundi. O moringue de Frei Fabiano de Christo. A cadeira do Veneravel P. Anchieta. As jarras de Frei Solano. O busto de D. Pedro I. Os tumulos da familia imperial 395

Capitulo XV. Vultos notaveis 411

Nihil obstat. — Rio de Janeiro, I-III-1937. — Fr. Thomaz Borgmeier, O. F. M. — Frei Damião Berge-Silbernagel. O. F. M. — Censores ad hoc.

Reimprimatur — Curitybae, 10 Septembris 1937. — Fr. Marcellus Baumeister. O. F. M — Min. Prov.

Reimprimatur — Por commissão especial do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo de Nictheroy, D. José Pereira Alves. — Petropolis, 12 de Setembro de 1937. — Fr. Oswaldo Schlenger, O. F. M.

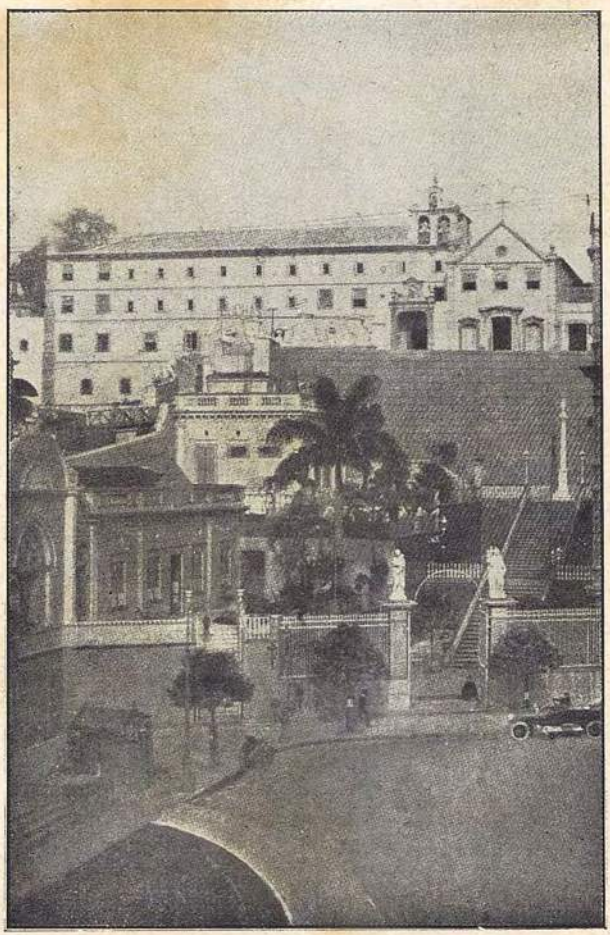
O Convento de Santo Antonio

DO

Rio de Janeiro

ESTAMPAS

Vista geral do Convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro



O frontispicio do Convento e de sua igreja em 1910

Photo Vieira

O frontispicio actual da igreja (pag. 366), torre (p. 352) e vestibulo (p. 362)

A imagem de Santo Antonio no altar-mór (pag 383)

"Santo Antonio do relento" com a cabeça separada (pag. 380)

"Santo Antonio do relento" com a cabeça no tronco (pag. 380)

Photo Frei Cesario, O. F. M.

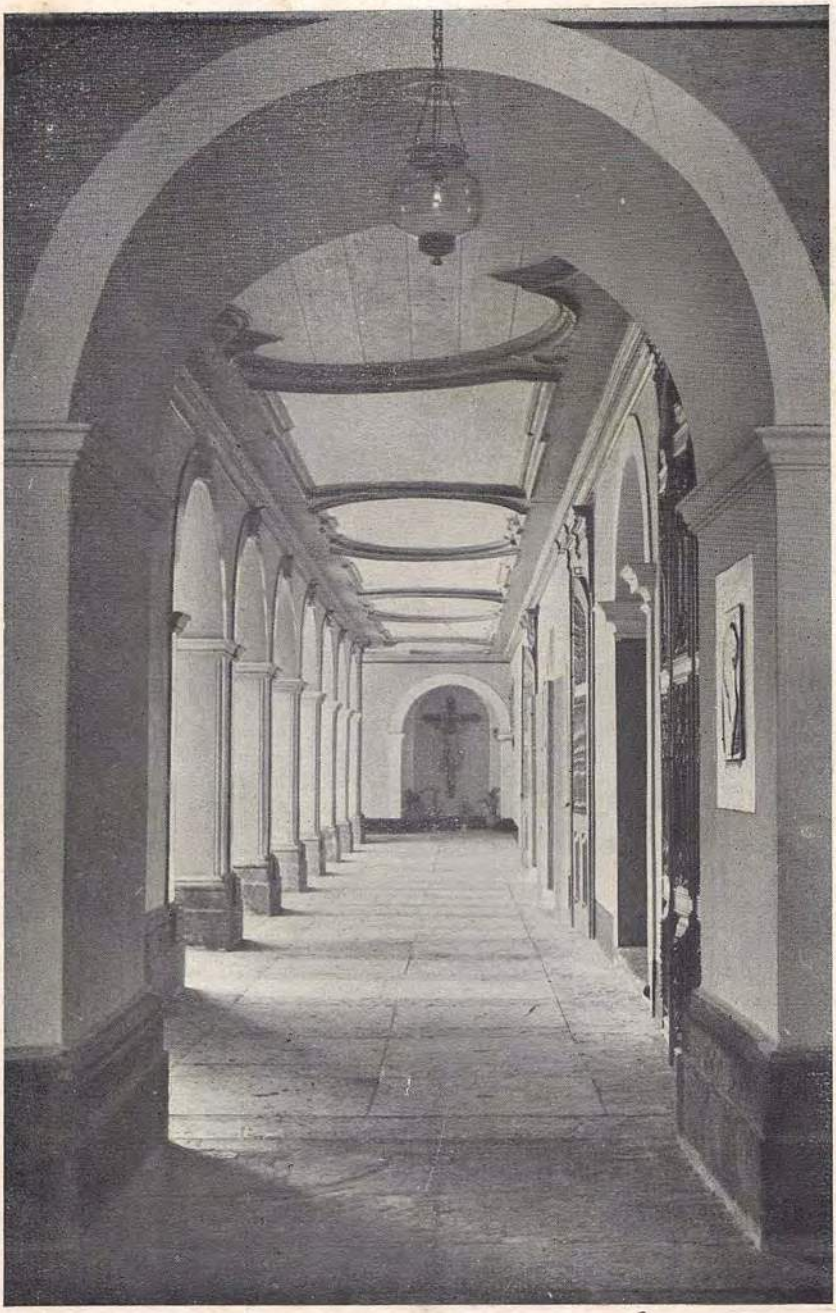
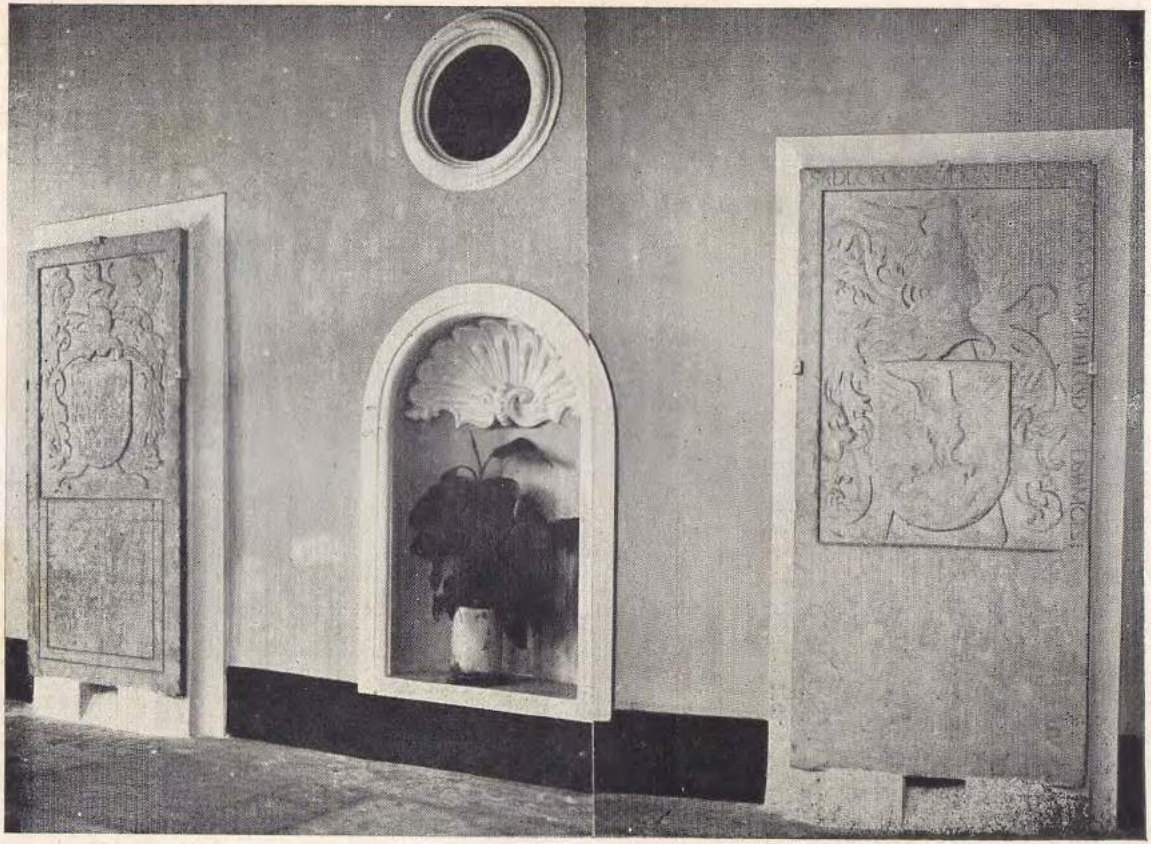


Photo Vieira
Quadro do Claustro onde se sepultavam os Religiosos (pag. 147)

Photo Vieira

Capella de N Sra. das Dores, no claustro (pag. 397)

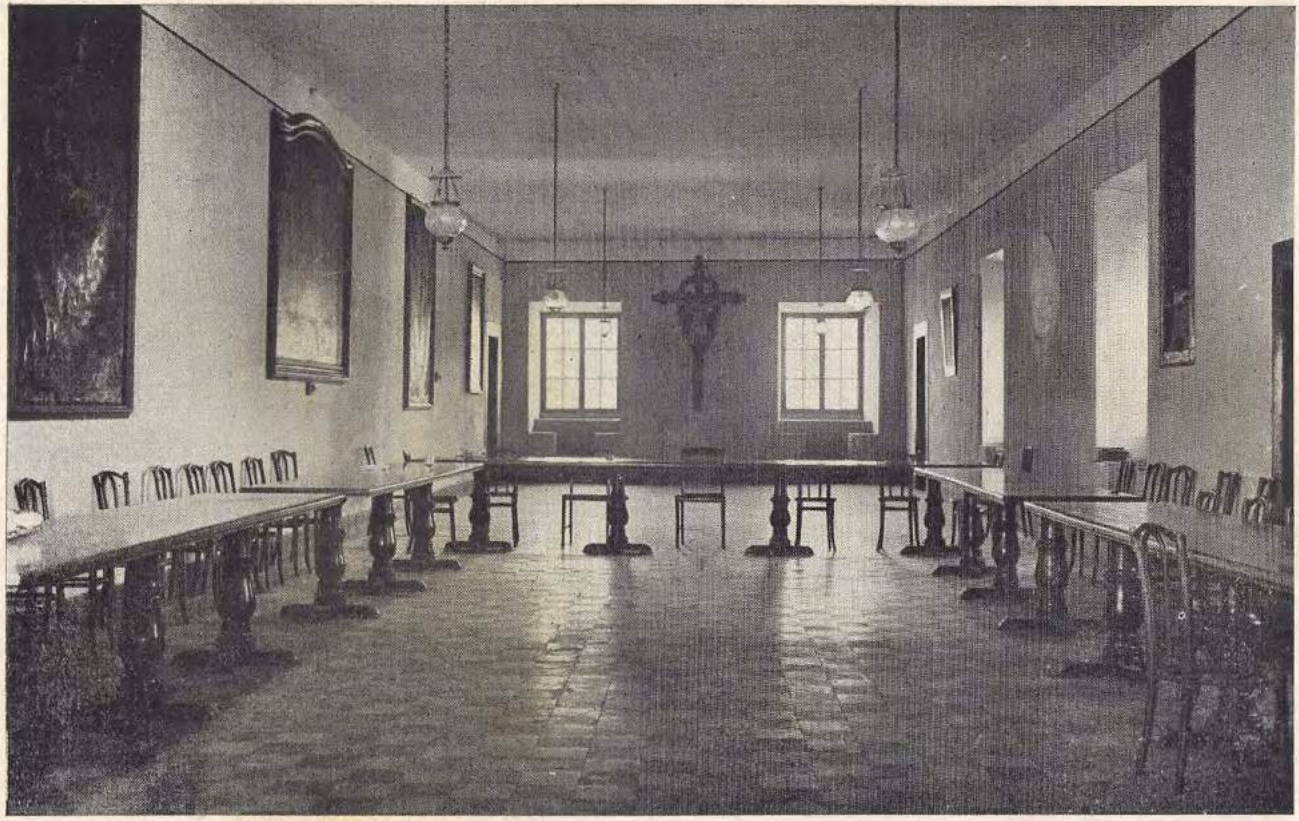


Um confessionario na parede do claustro (pag. 318), ladeado de duas pedras sepulcraes (pag. 360)

Photo Vieira

Nascimento de São Francisco (pag. 400) Photo Huberti

Morte de São Francisco (pag. 400) Photo Huberti

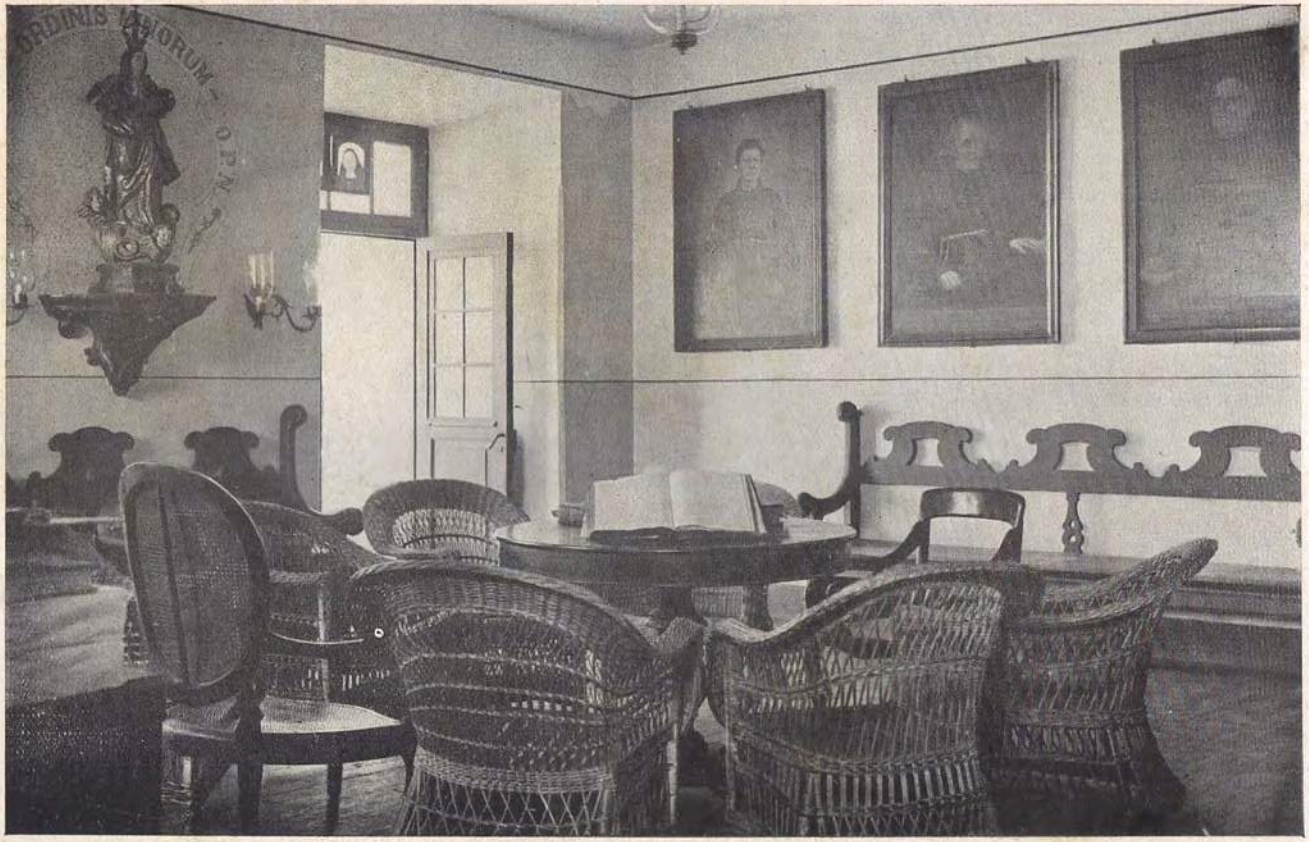


O refeitorio da communidade (pag. 144)

Photo Vieira

Salão da portaria (pag. 147)

Photo Vieira



Sala dos Guardiães (pag. 197)

Photo Vieira

Altar da Capella dos Tres Corações (pag. 395) Photo Vieira

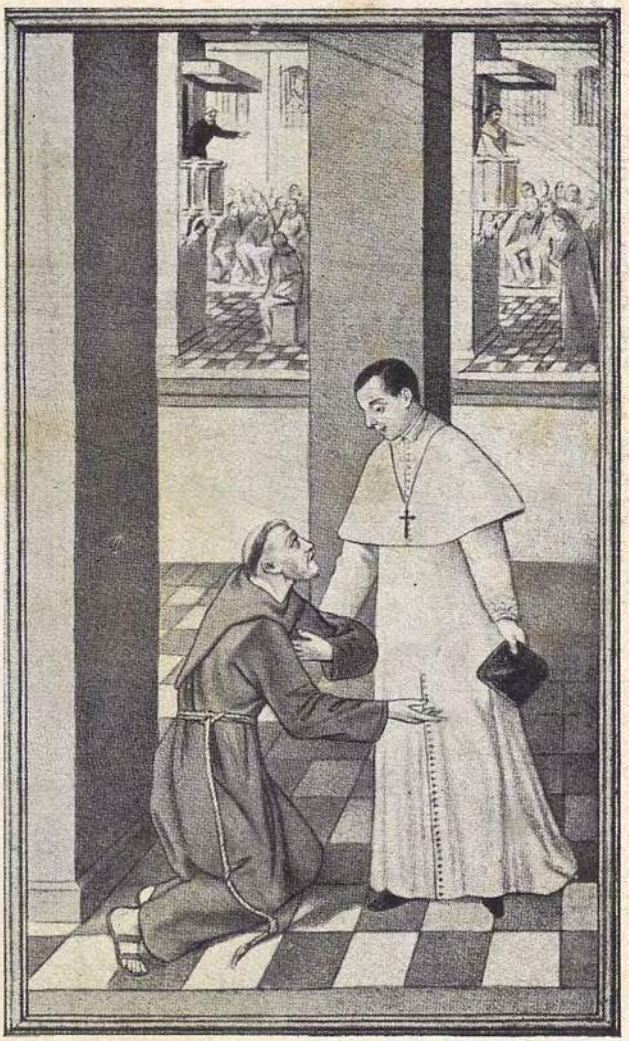
A bibliotheca do Convento (pag. 175)

Photo Vieira

O corredor do Calvario (pag. 339)

Photo Vieira

A morte de São Francisco (Quadro) (pag. 401) Aquarella de H. Graff



Aquarella de H. Graff

São Francisco diante do Bispo (Quadro) (pag. 401)

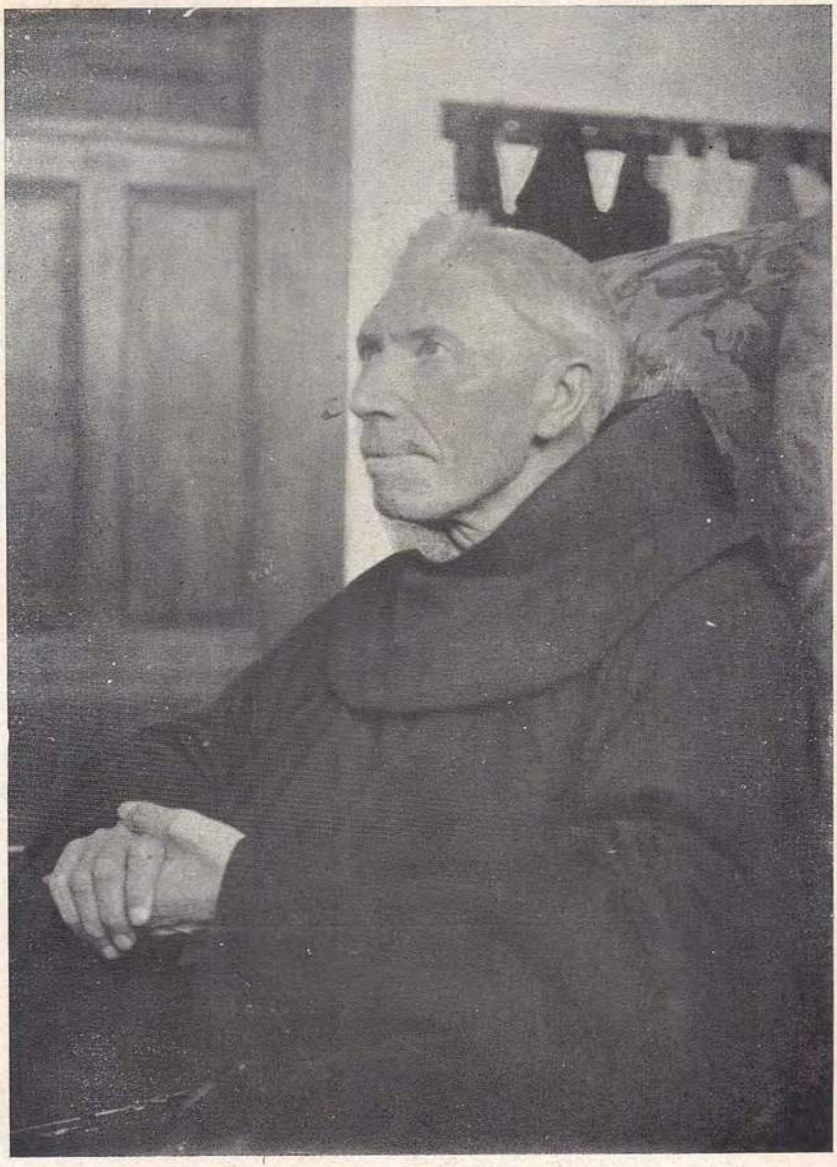
Aquarella de H. Graff

São Francisco resuscita um Bispo (Quadro) (pag. 402)

A imagem de Santo Aleixo (pag. 149) —Photo Vieira

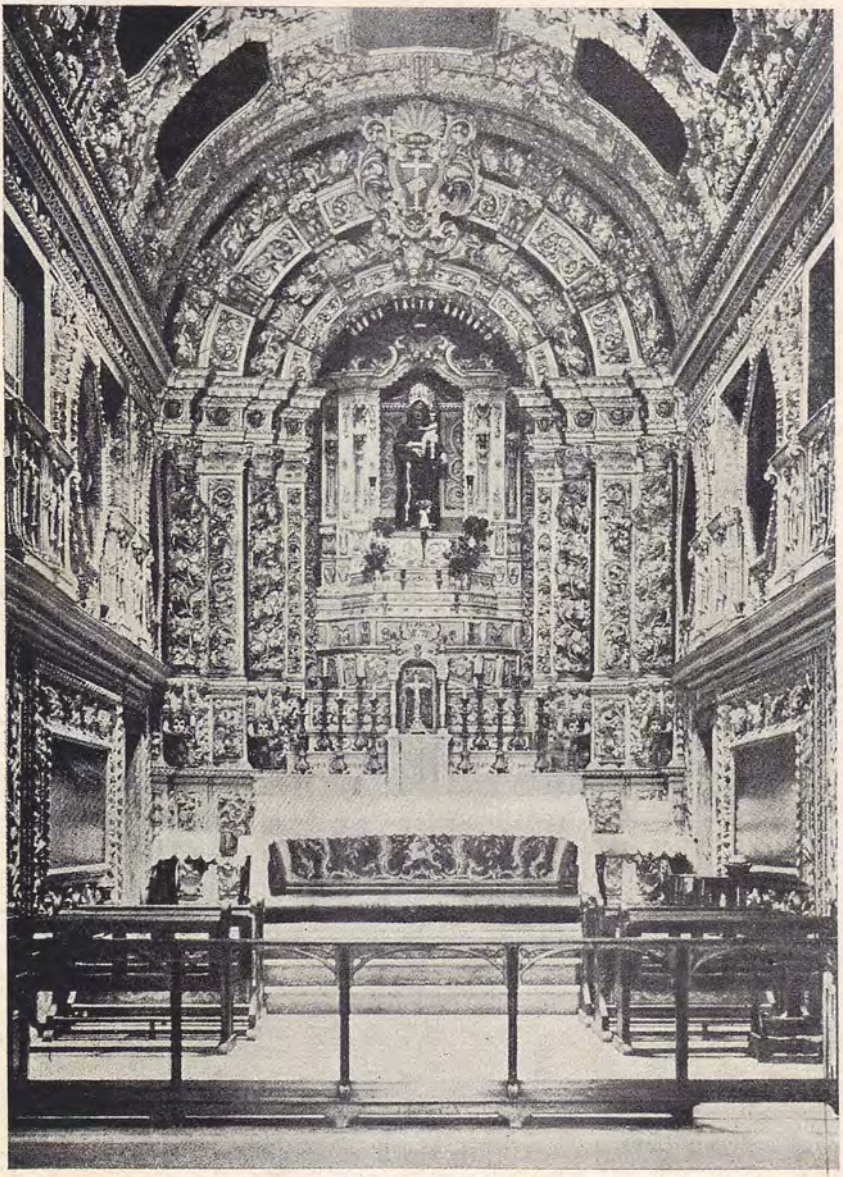
Estampa 20
O Convento de Sto. Antonio
Frei Basilio Rőwer, O. F. M.

Retrato de Frei Fabiano de Christo
(pags. 115, 404)
(Bibliotheca Nacional)



Retrato de Frei Rogerio Neuhaus (pag. 340)

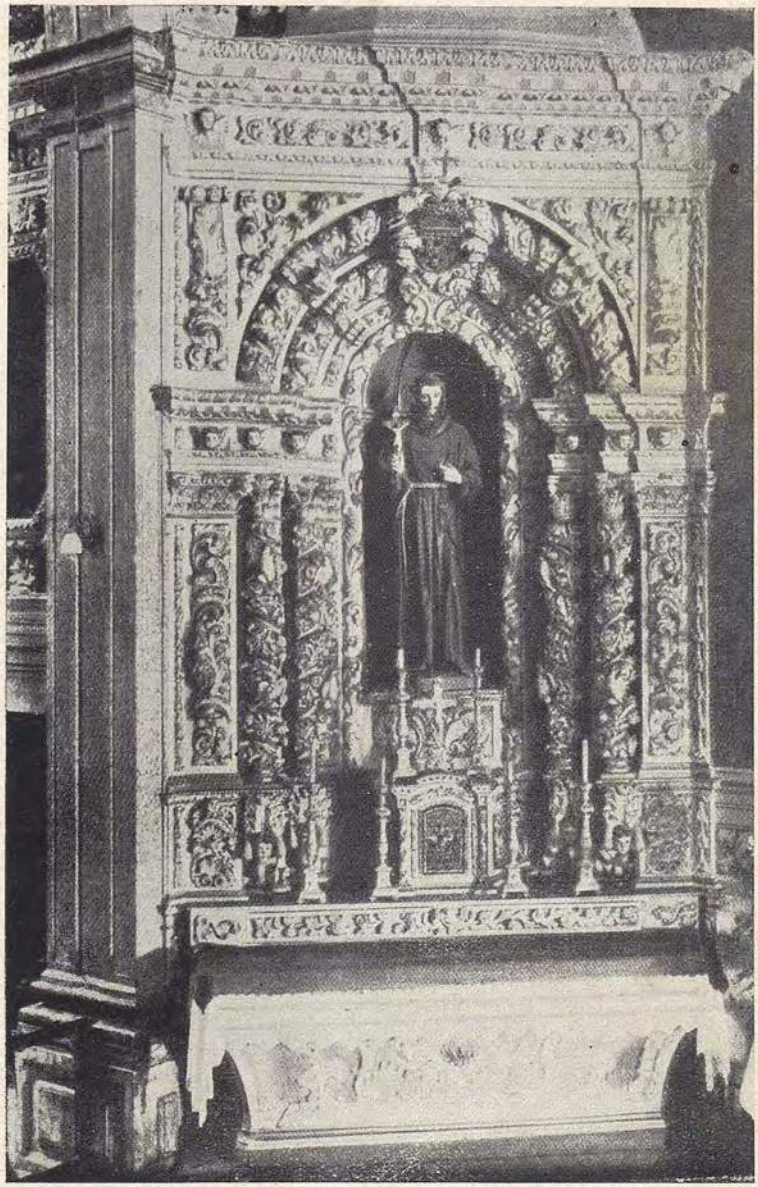
A igreja do Convento de Santo Antonio



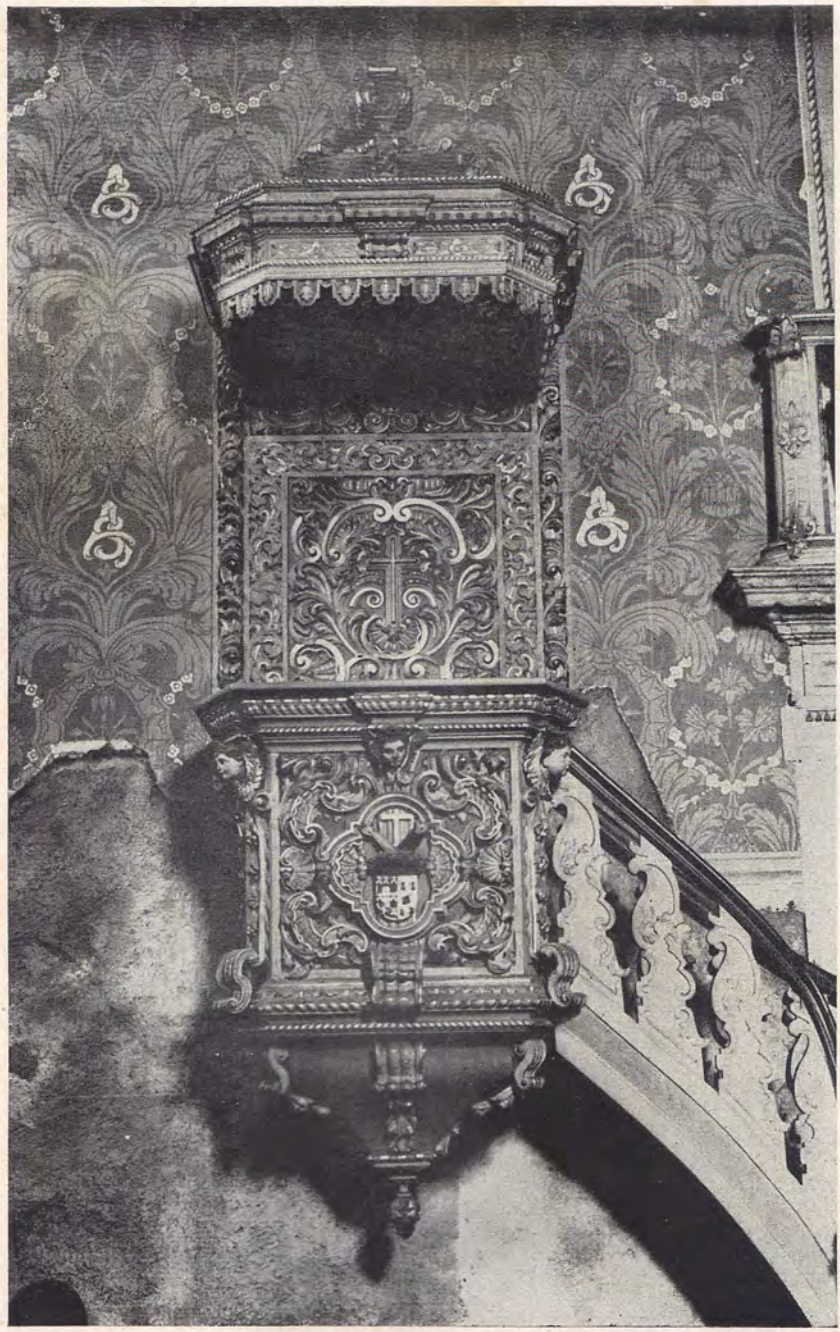
A Capella-mór da igreja (pag. 356)

O altar da Conceição (pag. 350)
(Recorte)

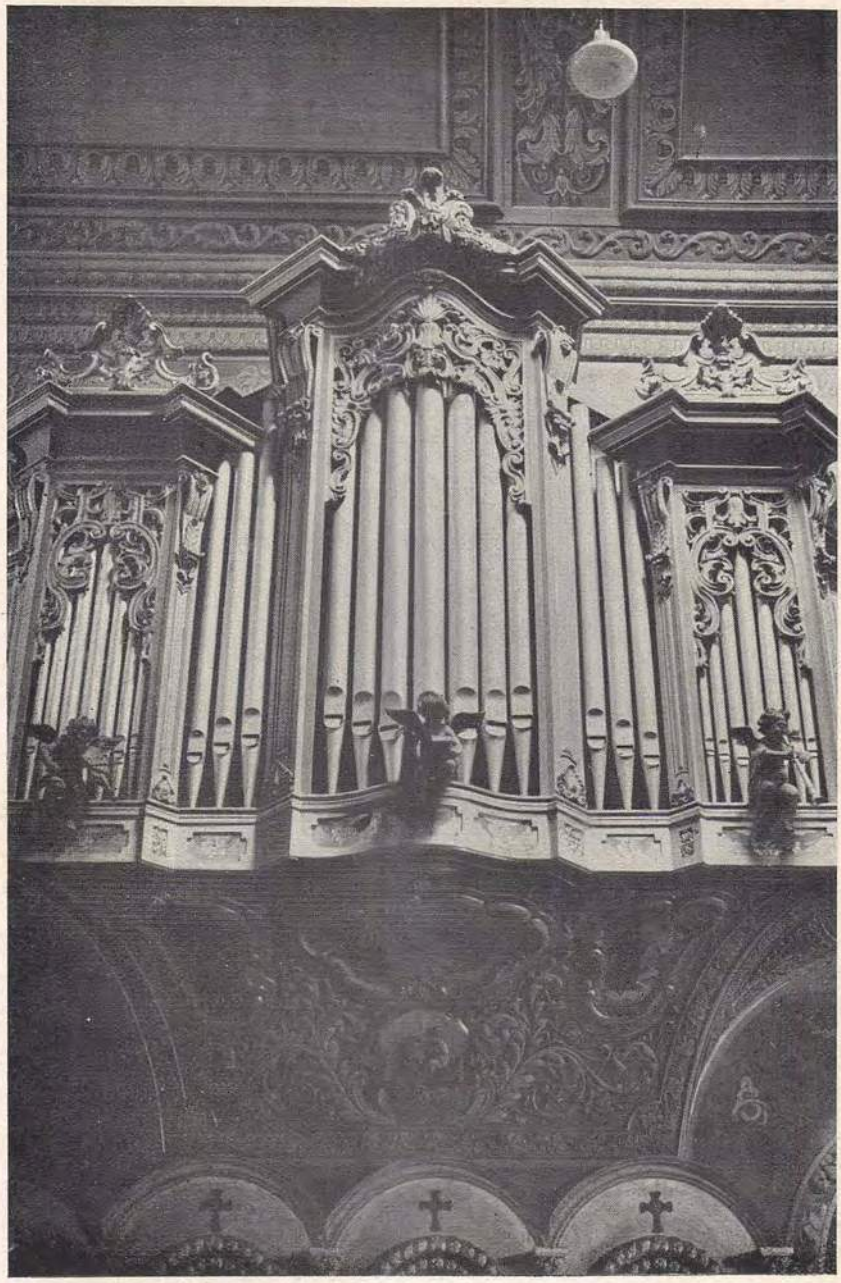
Photo Huberti



O altar de São Francisco (pag. 351) Photo Huberti

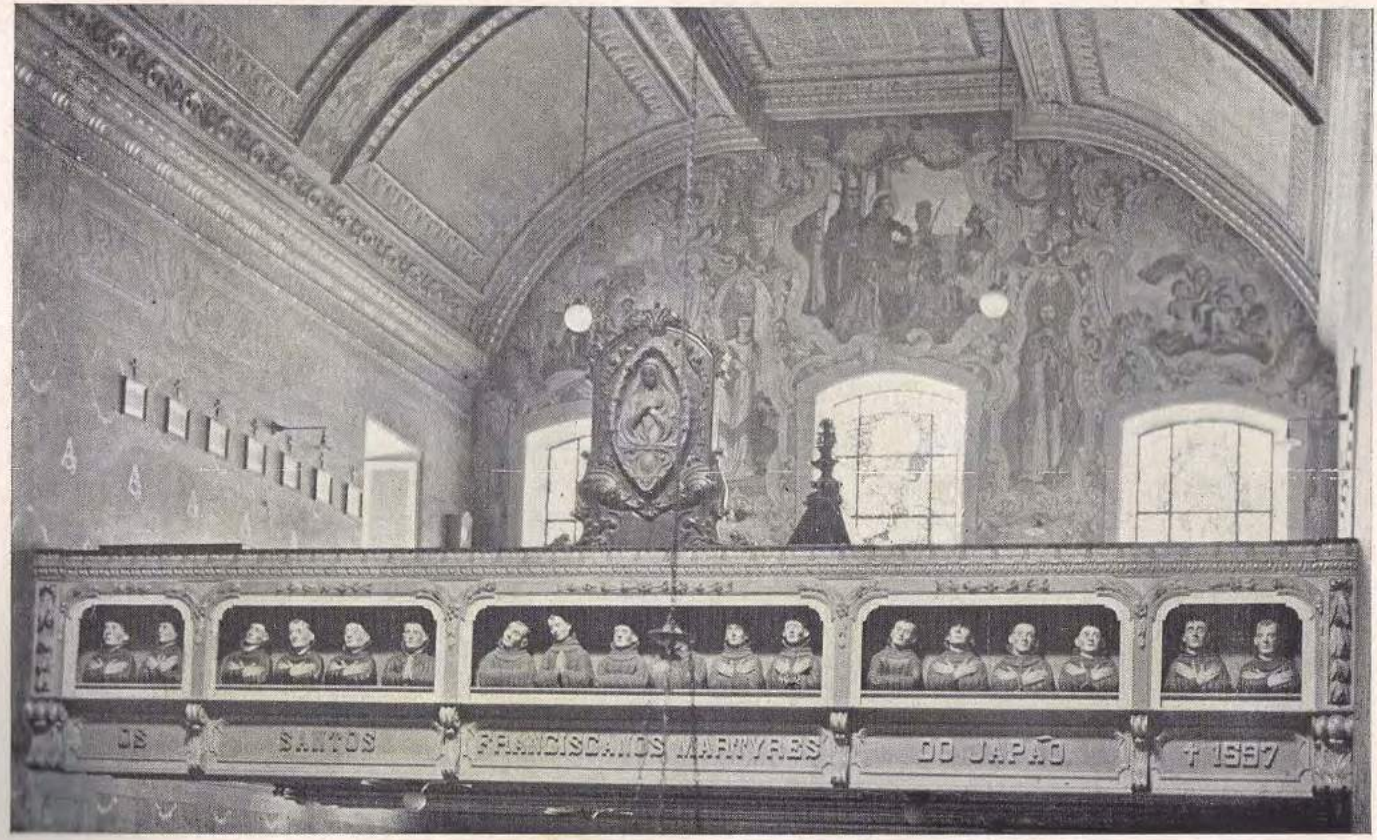


O pulpito da igreja (pag. 369) Photo Vieira



O orgão da igreja (pag. 371)

Photo Vieira



Os bustos dos SS Martyres do Japão (pag. 402)

Photo Huberti

O jumento adora o Santissimo

Santo Antonio arranjou o dote para a moça

Santo Antonio faz o demonio descobrir a verdade

Quadros da Capella-mór (pag. 370)

A pesca da caldeira
Quadro no tecto da capella-mór (pag. 370)

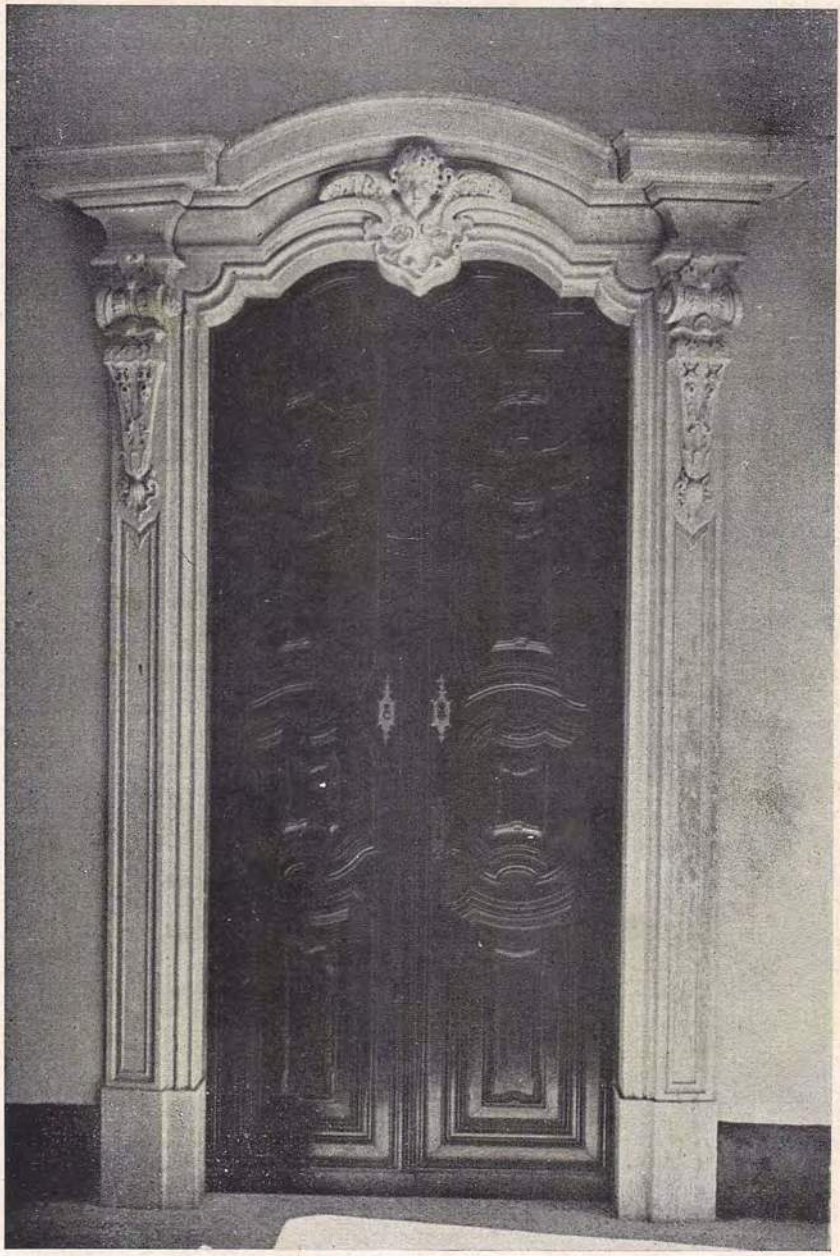
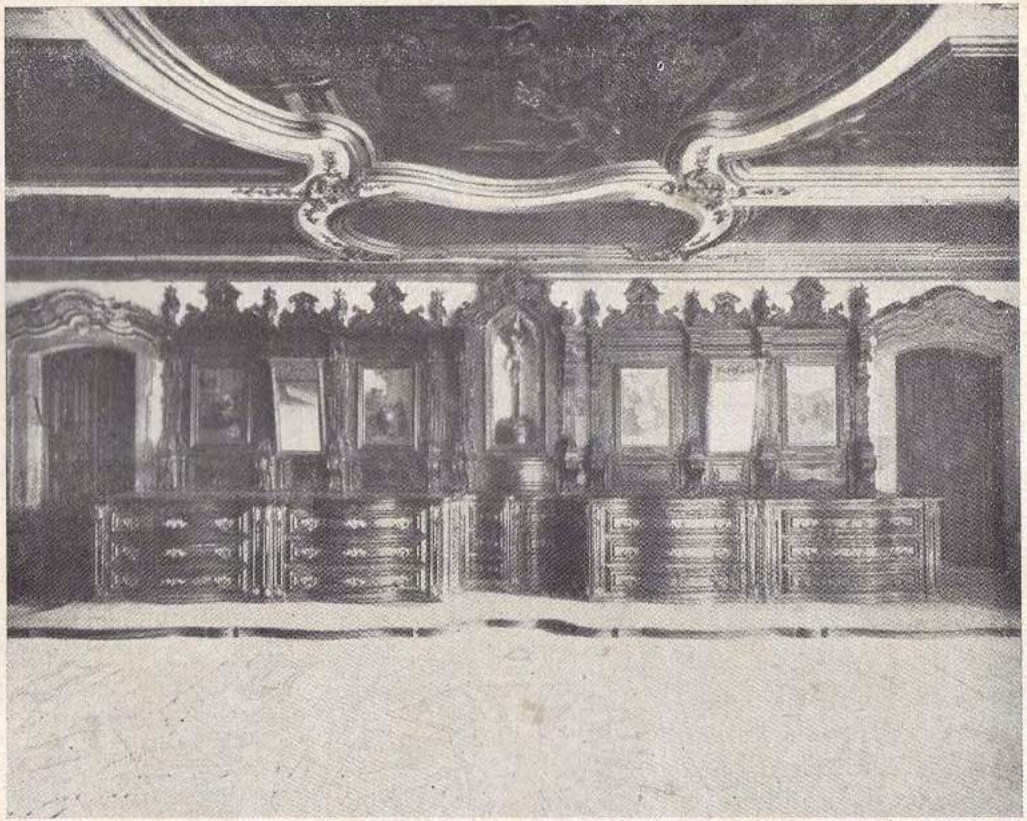


Photo Vieira

Uma das duas portas de ingresso na sacristia (pag. 374)

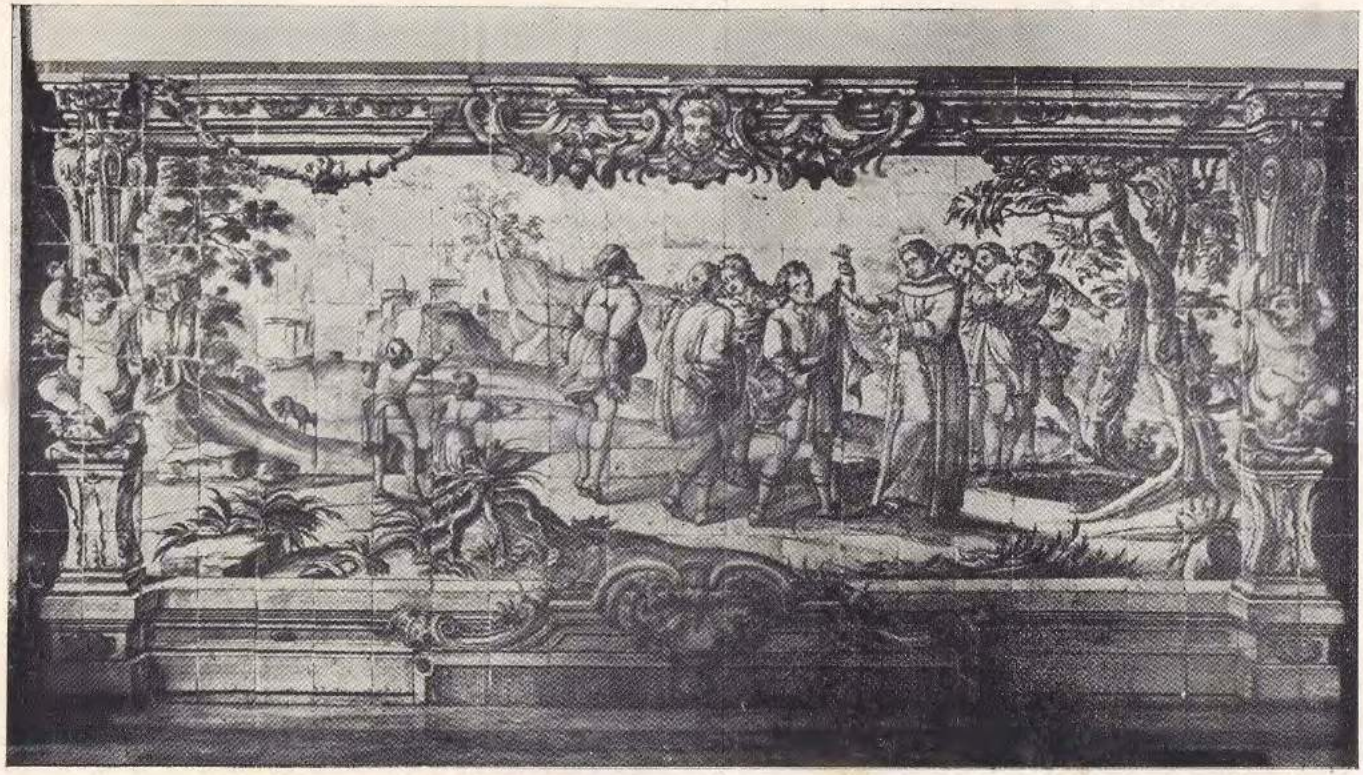


O arcaz da sacristia (pag. 375)

Photo Machado

Santo Antonio cura um cégo (Azulejos) (pag. 374)

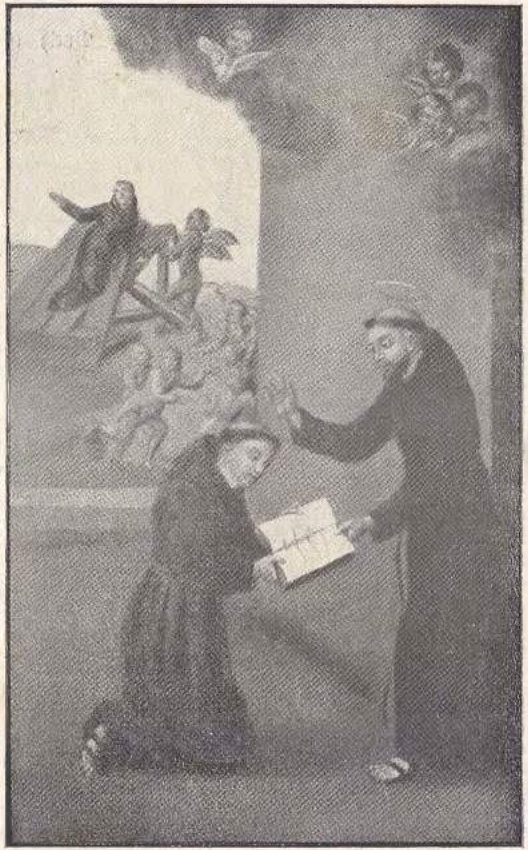
Photo Vieira



Santo Antonio e o falso cégo (pag. 375)
(Azulejos)

Photo Vieira

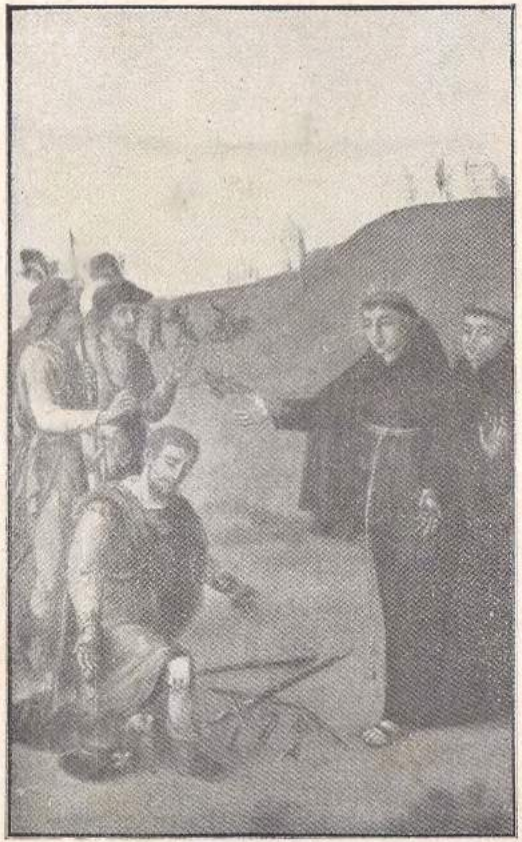
A morte de Santo Antonio



Santo Antonio recebe a nomeação
para lente de theologia

Quadros no arcaz da sacristia (pag. 376)

Um anjo servindo de correio a Santo Antonio



Santo Antonio converte Ezzelino

Quadros no arcaz da sacristia (pag. 376)

Santo Antonio tentado pelo inimigo

A SS. Virgem apparecendo a Sto. Antonio, ainda Conego Agostiniano

Quadro no tecto da sacristia (pag. 375)

A apparição da SS. Virgem
nas vesperas da Assumpção

A morte de Santo Antonio

Quadros no tecto da sacristia (pag. 375)

Photo Vieira

O monumental Lavabo da sacristia (pag. 377)

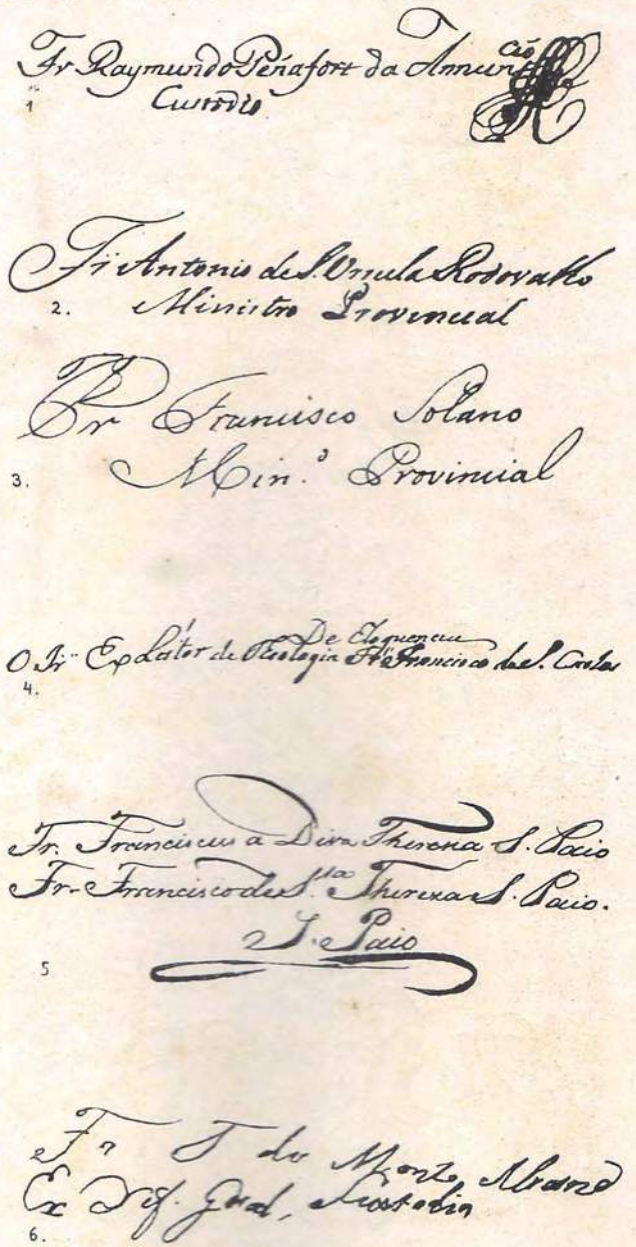


Photo Frei Cesario, O. F. M.

Os autographos de seis illustres Religiosos do Convento de Santo Antonio

1. V. pag. 155 — 2. V. pag. 225 — 3. V. pag. 416
4. V. pag. 422 — 5. V. pag. 243 — 6. V. pag. 271

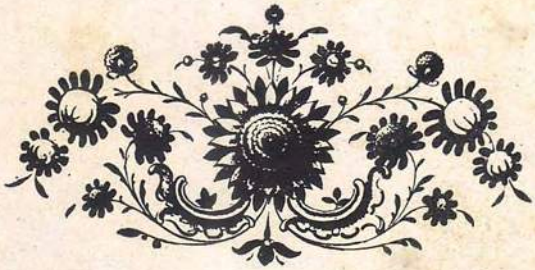


Photo Frei Cesario, O. F. M.

Vinhetas
desenhadas a bico de penna
no livro do Tombo. V. pag. 178

Concorda com o Original que fica no Archivo
Desterro 5
secr.

Photo Frei Cesario, O. F. M.

Vinhetas
desenhadas a bico de penna
no livro do Tombo. V. pag. 178

O Mausoléu — projecto de Gustavo A. Aigner (pag. 406)

Photo Vieira